

Paulo Roberto Gonçalves-Segundo

Artur Daniel Ramos Modolo

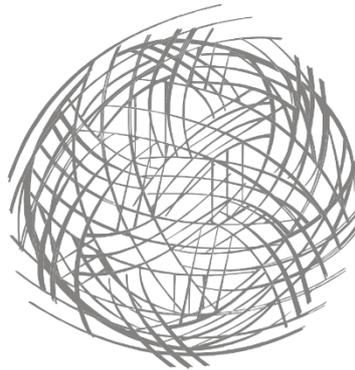
Douglas Rabelo de Sousa

Filipe Mantovani Ferreira

Giovanna Ike Coan

Letícia Fernandes de Britto Costa

(Orgs.)



VIII EPED

ENCONTRO DE PÓS-GRADUANDOS EM
ESTUDOS DISCURSIVOS DA USP

Texto, discurso e multimodalidade: perspectivas atuais

SÃO PAULO, 2017

Paulistana
~ Editora ~

Copyright © 2017 Dos organizadores

Revisão técnica

Paulo Roberto Gonçalves-Segundo
Artur Daniel Ramos Modolo
Douglas Rabelo de Sousa
Filipe Mantovani Ferreira
Giovanna Ike Coan
Letícia Fernandes de Britto Costa

Conselho Editorial

Adriano Dantas de Oliveira
Adriano Machado Ribeiro
Álvaro Antônio Caretta
Ana Lúcia Tinoco Cabral
Ana Rosa Ferreira Dias
Argus Romero Abreu de Moraes
Beatriz Daruj Gil
Carolina Tomasi
Cristiane Fuzer
Cristina Lopomo Defendi
Denise Durante
Elis de Almeida Cardoso
Elisabetta Santoro
Elizabeth Harkot-de-La-Taille
Emerson di Pietri
Fabio Fernando Lima

Flávia Sílvia Machado Ferraz
Geraldo Tadeu Souza
Guaraciaba Micheletti
Iran Ferreira de Melo
José Lourenço Pereira da Silva
Kelly Cristina de Oliveira
Larissa Minuesa Pontes Marega
Leonor Lopes Fávero
Lineide do Lago Salvador Mosca
Luciane Corrêa Ferreira
Luiz Rosalvo Costa
Manoel Luiz Gonçalves Corrêa
Márcia Regina C. Pereira Mariano
Maria Lúcia C. V. O. Andrade
Maria Otília Guimarães Ninin
Mariangela de Araujo

Marise Adriana Mamede Galvão
Moisés Olímpio Ferreira
Paula de Souza Gonçalves Morasco
Paulo Roberto Gonçalves Segundo
Priscilla Barbosa Ribeiro
Renata Barbosa Vicente
Renata Palumbo
Sandoval Nonato Gomes-Santos
Sandro Luis Silva
Simone Ribeiro de Ávila Veloso
Solange Ugo Luques
Solange Vereza
Tércio de Abreu Paporoto
Vânia Lúcia Menezes Torga
Viviane Maria Heberle
Zilda Gaspar Oliveira de Aquino

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Marco Antonio Zago
Vice-Reitor: Prof. Dr. Vahan Agopyan

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP

Diretora: Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda
Vice-Diretor: Prof. Dr. Paulo Martins

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

Chefe: Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida
Suplente: Prof. Dr. Mário César Lugarinho

Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa

Coordenadora: Prof. Dra. Ieda Maria Alves
Vice-coordenador: Prof. Dr. Paulo Roberto Gonçalves-Segundo

Projeto Gráfico, Revisão e Diagramação

Gabriel Isola-Lanzoni

GONÇALVES-SEGUNDO, P. R.; MODOLO, A. D. R.; SOUSA, D. R. de; FERREIRA, F. M.; COAN, G. I.; BRITTO-COSTA, L. F. (org.) **Texto, discurso e multimodalidade**: perspectivas atuais. São Paulo: Editora Paulistana, 2017. 382p. ISBN 978-85-99829-92-9.

Acessível em: <http://eped.fflch.usp.br/>

1. Linguagem 2. Estudos do Discurso. 3. Análise da Conversação. 4. Semiótica. 5. Retórica. 6. Filologia. 7. Literatura. 8. Gêneros Discursivos. 9. Multimodalidade. 10. Identidade. 11. Linguística Cognitiva.

Os artigos publicados nesta obra são de inteira responsabilidade de seus autores.

Sumário

Apresentação	4
<i>Giovanna Ike Coan</i> <i>Paulo Roberto Gonçalves-Segundo</i>	
Interações discursivas na Apresentação de Livro Didático de Língua Portuguesa: diálogo entre sujeitos e esferas	10
<i>Agildo Santos Silva de Oliveira</i>	
Resistir é vencer: a construção da identidade leste-timorense no discurso de resistência de Xanana Gusmão	24
<i>Alexandre Marques Silva</i>	
Elementos para um Estudo Dialógico Discursivo da Canção Popular Brasileira	41
<i>Álvaro Antônio Caretta</i>	
Uma análise das estratégias de (des) cortesia como mecanismos discursivos de persuasão em interações polêmicas: o debate político	53
<i>Ana Paula Albarelli</i>	
Mas e a voz do autor, onde está? – notas sobre o gênero discursivo platônico	67
<i>André Luiz Braga da Silva</i>	
Ciência das Ideologias, Metalinguística e Método Sociológico: Questões metodológicas no Círculo de Bakhtin	84
<i>Artur Daniel Ramos Modolo</i>	
Complementaridade congênita como negação da tradição pictórica: o futurismo na pintura de Boccioni	98
<i>Carolina Tomasi</i>	
Expatriação Literária, Doutrina, Religião e Intolerância	117
<i>Daniela Susana Segre Guertzenstein</i>	
Usos de “você” nas linguagens da imediatez e da distância comunicativas	132
<i>Denise Durante</i>	
A percepção de cortesia em um estudo sociopragmático	146
<i>Fábio Barbosa de Lima</i>	
Elementos para uma análise multimodal da interação: um exemplo de correlação linguístico-gestual no autismo	158
<i>Fernanda Miranda da Cruz</i>	
Ancoragem Nominal e Sistema de Atenção Humano: O processo de construção do referente em posts do Facebook	180
<i>Gabriel Isola-Lanzoni</i>	
Pessoas são coisas? Uma análise de metáforas em revistas adolescentes	198
<i>Helena Capriglione Zelic</i>	

Interação e linguagem em sala de aula – entre o didático e o institucional <i>Helóisa Gonçalves Jordão</i>	213
Exercícios especulativos audiovisuais na cinematografia política <i>Irene Machado</i>	229
A pseudocortesia na rede social <i>Facebook</i> <i>Katiuscia Cristina Santana</i>	246
O Discurso em textos infantis - da transitividade à Identidade <i>Letícia Fernandes de Britto Costa</i>	262
Problematizando a notícia em ato: a postagem da mídia ninja no <i>Facebook</i> <i>Marcos Rogério Martins Costa</i>	277
Estudo do vocabulário do samba de bumbo: características lexicais e discursivas <i>Mario Santin Fruguele</i>	293
A produção do discurso encomiástico no cenário cortesão português do século XVII <i>Monica Messias Silva</i>	309
Multissemiose e ensino de língua portuguesa <i>Sandoval Nonato Gomes-Santos</i>	319
As cadeias de gênero do Meme “Bela, Recatada e do Lar” <i>Sergio Mikio Kobayashi</i>	333
As vozes verbais nos livros escolares: uma análise contrastiva entre as pesquisas de Ensino Superior e a realidade do Ensino Básico <i>Thabata Dias Haynal</i>	352
Proximização e discurso de ódio: homofobia em Casos de Família <i>Winola Weiss</i>	370

Apresentação

Giovanna Ike COAN
Paulo Roberto GONÇALVES-SEGUNDO

O EPED-USP – Encontro de Pós-Graduandos em Estudos Discursivos da Universidade de São Paulo – é um evento acadêmico anual, organizado pelos pós-graduandos da área de Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH/USP). Com edições desde 2009, o encontro busca a integração entre os pós-graduandos dos diversos programas da Universidade de São Paulo, incentivando o debate franco e aberto acerca dos diferentes olhares epistemológicos, das distintas metodologias e dos variados objetos de análise que caracterizam a instituição no que concerne ao estudo da produção contextualizada de sentido.

Realizado nos dias 28 e 29 de abril de 2016, o **VIII EPED-USP** centrou-se no tema *A multimodalidade nos estudos discursivos*, tendo em vista, por um lado, a cada vez mais intensa correlação entre diferentes semioses – língua, música, gestualidade, imagens fixas e dinâmicas – na configuração textual, fato resultante das inovações tecnológicas, e, por outro, o desenvolvimento de quadros teóricos e metodológicos mais precisos e criteriosos para a investigação de cada modalidade e de sua interação.

O livro **Texto, discurso e multimodalidade: perspectivas atuais** reúne vinte e quatro artigos resultantes de comunicações apresentadas na oitava edição do EPED-USP. São trabalhos produzidos por estudantes de todos os níveis de pesquisa acadêmica (Iniciação Científica, Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado) e por professores convidados a participarem das mesas-redondas do evento. Conforme indica o título da obra, os artigos aqui publicados ilustram as perspectivas atuais nos estudos de discurso, texto e multimodalidade, que são adotadas para o exame de diferentes *corpora*. Os trabalhos se pautam em metodologias e posicionamentos teóricos fundamentados em Análise do Discurso de linha francesa, Análise Crítica do Discurso, Análise Dialógica do Discurso, Teoria da Argumentação, Semiótica, Pragmática, Análise da Conversação, Sociolinguística Interacional, Linguística Funcional, Linguística Cognitiva, Linguística Aplicada, Lexicologia, além de teorias ligadas à gestualidade e à visualidade.

De fato, os variados olhares epistemológicos, as distintas metodologias e os diversos objetos de análise integram as múltiplas perspectivas que formam o cenário brasileiro atual dos estudos discursivo-textuais, estudos estes alicerçados sobre a concepção de linguagem como prática social. Nesse sentido, os textos deste volume remetem a práticas sociais situadas cultural e historicamente, entre as quais, a prática escolar, a artística e a midiática (tradicional ou digital).

Questões envolvendo prática escolar e interação social recobrem uma parte dos trabalhos deste livro. As aulas de língua portuguesa servem de contexto para o artigo “Interação e linguagem em sala de aula – entre o didático e o institucional”, em que Heloísa Gonçalves Jordão, a partir de uma abordagem linguístico-

pragmática, investiga estratégias interacionais desenvolvidas em uma turma de alfabetização, tais como a distribuição tópica, o par pergunta e resposta e o uso de marcadores discursivos. O texto destaca como a convivência de elementos de natureza didática e institucional em uma complexa situação social – a sala de aula – desvelam aspectos discursivos específicos da instituição escolar. Também relacionado aos estudos em educação, o texto “Multissemiose e ensino de língua portuguesa”, de Sandoval Nonato Gomes-Santos, trata do estatuto em que é investida a multissemiose na prática de ensino de língua portuguesa. Para ancorar o debate, o autor aborda o percurso histórico de constituição do ensino da língua na escola brasileira e descreve o processo de produção e de avaliação do gênero textual “exposição oral” por alunos do 4º. ano do Ensino Fundamental – gênero este imerso em um campo em que se conjugam diferentes recursos semióticos, entre os quais os prosódicos (velocidade e ritmo da fala, pausa, entoação etc.) e os cinésicos (gestualidade, expressividade facial e corporal).

Interação e gestualidade são temas a que Fernanda Miranda Cruz se volta em “Elementos para uma análise multimodal da interação: um exemplo de correlação linguístico-gestual no autismo”. O artigo objetiva dar visibilidade aos procedimentos de uma investigação multimodal e corporificada da interação no autismo, analisando a forma pela qual a estruturação sintática, pragmática e semântica dos turnos de fala de uma criança autista se constrói através da articulação entre estruturas gestuais e linguísticas e da coordenação temporal e sequencial dessas ações multimodais com as ações de sua interlocutora.

No âmbito das práticas escolares, dois artigos utilizam como *corpora* livros didáticos de língua portuguesa. Em “Interações discursivas na Apresentação de Livro Didático de Língua Portuguesa: diálogo entre sujeitos e esferas”, Agildo Santos Silva de Oliveira faz um exame das interações discursivas entre o autor do livro didático e seus interlocutores, presentes no gênero “apresentação”. Com referencial teórico-metodológico pautado nos estudos do Círculo de Bakhtin, a pesquisa propõe contemplar a dimensão dialógica da constituição do gênero bem como da própria disciplina de língua portuguesa na contemporaneidade. Por sua vez, no texto “As vozes verbais nos livros escolares: uma análise contrastiva entre as pesquisas de Ensino Superior e a realidade do Ensino Básico”, Thabata Dias Haynal verifica as chamadas “vozes verbais” em materiais didáticos dos Ensinos Fundamental II e Médio. Ancorando-se nas considerações teóricas da Linguística Cognitivo-Funcional, a autora evidencia dificuldades que a abordagem da Gramática Tradicional traz para o ensino das vozes, e de que maneira isso reflete no modo como o conteúdo é exposto e cobrado no ambiente escolar, sem que haja conscientização sobre os efeitos de sentido dos usos gramaticais.

O olhar sobre expressões artísticas e produtos midiáticos alinhava outra parte dos artigos deste volume, dos quais dois se voltam para a canção. “Elementos para um Estudo Dialógico Discursivo da Canção Popular Brasileira”, de Álvaro Antônio Caretta, parte das teorias sobre o dialogismo da linguagem, propostas por Mikhail Bakhtin, para observar aspectos presentes em enunciados do cancionário popular brasileiro, particularmente os do começo do século XX, fase de consolidação do gênero. O autor destaca as relações

intra e interdialogicas das canções com outras canções e com outras esferas, o *continuum* entre o prosaico e o poético nas canções, e o plurilinguismo associado aos estilos musicais. O texto “Estudo do vocabulário do samba de bumbo: características lexicais e discursivas”, de Mario Santin Fruguele, apresenta uma análise lexical e discursiva do chamado samba rural paulista, ou samba de bumbo, modalidade surgida na região central do estado de São Paulo, em meados do século XIX, e que, em virtude de fatores diversos discutidos no capítulo, vem sofrendo apagamento ao longo de mais de meio século.

O universo da pintura está retratado em dois trabalhos. “A produção do discurso encomiástico no cenário cortesão português do século XVII”, de Monica Messias Silva, examina como o livro manuscrito por Felix da Costa Meesen, *Antiguidade da Arte da Pintura* (1696), opera procedimentos da retórica antiga para compor um discurso encomiástico que enaltece a pintura no cenário cortesão português do século XVII. Assim, Felix da Costa respalda-se em argumentos e exemplos da antiguidade greco-romana para demonstrar a virtude da pintura e justificar que esta seja elevada ao patamar das artes liberais. Já o artigo “Complementaridade congênita como negação da tradição pictórica: o futurismo na pintura de Boccioni”, de Carolina Tomasi, investiga, na perspectiva da Semiótica Tensiva, a dissonância entre o projeto discursivo e as práticas do pintor futurista Umberto Boccioni. Inserindo tais pinturas no panorama histórico e cultural do século XX e comparando o dinamismo na tradição pictórica e no futurismo, a autora busca compreender a razão da distância entre o projeto verbal dos manifestos futuristas e os enunciados das próprias telas.

O estudo discursivo do cinema vem representado, neste livro, pelo artigo de Irene Machado, “Exercícios especulativos audiovisuais na cinematografia política”. Tendo como *corpus* filmes sobre o período ditatorial brasileiro (1964-1985), a pesquisadora parte da hipótese de que esse tipo de cinema aprendeu a construir inferências a partir de traduções audiovisuais e jogos metalinguísticos, diante da impossibilidade de narrar os acontecimentos sob o ponto de vista da memória histórica vivida. Logo, ao indagar sobre os acontecimentos que a história oficial nega, tais filmes elaboram hipóteses que constroem inferências com valor de provas ou de, pelo menos, provimento de argumentos, o que revela como o discurso audiovisual pode ser uma sofisticada arma política.

A questão política também está presente no trabalho de Ana Paula Albarelli, “Uma análise das estratégias de (des)cortesia como mecanismos discursivos de persuasão em interações polêmicas: o debate político”, no qual analisa o discurso dos candidatos à presidência da República Aécio Neves e Dilma Rousseff, em disputa no segundo turno das eleições de 2014. Respalhando-se na teoria das faces de Goffman e em demais estudos de Pragmática Sociocultural e de Teoria da Argumentação, a autora verifica o valor argumentativo das estratégias de descortesia no debate político, além do tipo de *ethos* que se erige na interação.

Ainda no âmbito dos debates televisivos, um debate relacionado à temática empresarial serve de fonte para os textos orais estudados por Denise Durante em “Usos de ‘você’ nas linguagens da imediatez e da distância comunicativas”. A proposta do artigo é descrever e analisar o uso do pronome “você” como

estratégia discursiva para indeterminação do sujeito, à luz dos conceitos da linguagem da imediatez e da distância comunicativas, desenvolvidos por Koch e Öesterreicher. Nesse sentido, “você” poderia ser utilizado na interação face a face para a obtenção de efeitos expressivos, como a familiaridade e o envolvimento emocional dos interactantes.

Programas de televisão compõem o objeto de estudo de mais dois textos deste volume. Enfocando os *reality shows* “Big Brother Brasil” e “Gran Hermano Argentina”, Fábio Barbosa de Lima compara pedidos de desculpas em situações espontâneas no português do Brasil e no espanhol da Argentina, em “A percepção de cortesia em um estudo sociopragmático”. O autor ainda apresenta uma proposta de teste de hábitos sociais para obter dados sobre a percepção do termo “cortesia” por parte de falantes dos dois países. Já o artigo “Proximização e discurso de ódio: homofobia em Casos de Família”, de Winola Weiss, fundamenta-se na Análise Crítica do Discurso e na Linguística Cognitiva para discutir como as instâncias de proximização presentes na metáfora HOMOSSEXUALIDADE É DOENÇA CONTAGIOSA constroem a representação negativa de homens homossexuais no discurso homofóbico proferido por participantes de um episódio do programa “Casos de Família”.

Ao lado da mídia televisiva, mídias articuladas a novas tecnologias e ao mundo virtual têm obtido cada vez mais espaço nos estudos sobre as práticas discursivas. Neste livro, a rede social *Facebook* é matéria de trabalhos que seguem perspectivas teórico-metodológicas diversas. Entre eles, está o de Marcos Rogério Martins Costa, “Problematizando a notícia em ato: a postagem da mídia ninja no Facebook”, ancorado nos pressupostos da Semiótica francesa. O autor se volta à notícia em ato, isto é, à notícia produzida e veiculada o mais próximo possível do momento da enunciação (ego-hic-nunc), e investiga a construção do ator “manifestante” pelo jornalismo alternativo, observando a atuação do grupo “Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação”, conhecido como “Mídia Ninja”, em postagem na rede social. Katuscia Cristina Santana, por sua vez, explora excertos de conversa de um grupo de alunos de Letras da FFLCH/USP, alocado no *Facebook*, para a pesquisa “A pseudocortesia na rede social Facebook”, na qual se estudam as estratégias linguísticas que expressam a pseudocortesia, em especial, o uso da ironia na interação virtual, pelo aporte teórico da Análise da Conversação, da Pragmática e da Sociolinguística Interacional. Outra página do *Facebook* criada por alunos da FFLCH/USP é objeto do estudo de Gabriel Isola-Lanzoni, intitulado “Ancoragem Nominal e Sistema de Atenção Humano: O processo de construção do referente em posts do Facebook”. Recorrendo à Linguística Cognitiva e ao modelo da Ancoragem Nominal, para a análise do sintagma nominal, e à Psicologia Cognitiva, para questões de atenção e de busca visual, o artigo investiga a construção do referente e as relações entre aspectos linguístico-discursivos e atencionais nos *posts* da rede social.

Com foco sobre outro produto da cultura digital – o gênero “Meme” – e sob a perspectiva da Análise Crítica do Discurso, o texto de Sergio Mikio Kobayashi, “As cadeias de gênero do Meme ‘Bela, Recatada e do Lar’”, discute a constituição das cadeias de gênero em textos oriundos das redes sociais, sobretudo do

Twitter, que têm o Meme “Bela, Recatada e do Lar” como nó central. A pesquisa ressalta estratégias de engajamento intertextual na rede de práticas e a forma com que os grupos identitários da internet articulam e mobilizam seus discursos de modo a garantir o empoderamento de suas causas, como no combate à ideologia patriarcal que persiste na sociedade brasileira.

A relação entre discurso, ideologia, gênero e sexualidade serve de mote para o artigo “Pessoas são coisas? Uma análise de metáforas em revistas adolescentes”, de Helena Capriglione Zelic. Norteadas pelos pressupostos da Análise Crítica do Discurso e da Linguística Cognitiva, a autora reflete sobre o papel das metáforas como ferramenta discursiva e sobre a questão da objetificação e mercantilização das mulheres no cenário contemporâneo. Tomando como *corpus* edições de revistas brasileiras voltadas ao público feminino adolescente, o trabalho investiga a metáfora PESSOAS SÃO COISAS em textos cujas temáticas são a sexualidade e os relacionamentos afetivo-sexuais.

A mídia impressa também é abordada por Letícia Fernandes de Britto Costa em “O Discurso em textos infantis – da transitividade à Identidade”, no qual examina a construção da identidade infantil em uma revista brasileira da década de 1930 direcionada a crianças. A pesquisadora busca compreender os elementos de transitividade presentes no texto para, assim, evidenciar os valores argumentativos e as características de identidade pregadas pela revista. Fundamenta-se nos estudos discursivos e na Teoria da Argumentação, correlacionados à Linguística Sistêmico-Funcional, além de conceituações sobre ideologia e identidade.

A questão identitária é igualmente debatida no artigo de Alexandre Marques Silva, “Resistir é vencer: a construção da identidade leste-timorense no discurso de resistência de Xanana Gusmão”. Ancorado no enfoque sistêmico-funcional e em estudos sobre a identidade na pós-modernidade, o trabalho se volta ao discurso pronunciado por Xanana Gusmão em 13 de outubro de 1982, sete anos após a invasão indonésia ao Timor-Leste, e averigua os elementos constitutivos da Metafunção Ideacional e de que modo eles revelam a visão/construção de mundo do orador, além de atuarem na constituição da identidade tanto do povo leste-timorense quanto do inimigo invasor. Por sua vez, o tema da discriminação de identidades é explorado no texto de Daniela Guertzenstein, “Expatriação Literária, Doutrina, Religião e Intolerância”, que trata da diferenciação que cria o estranhamento, o medo, a intolerância, a criminalização e a desumanização do outro. Valendo-se de proposta interdisciplinar, que alia a Sociologia à Linguística, a autora expõe conceitos e padrões que revelam a intolerância à diversidade étnica, sexual, cultural, religiosa e à pluralidade de contextos na sociedade, com base em recortes de literaturas clássicas e de discursos religiosos.

Por fim, este volume traz dois artigos voltados à discussão teórica sobre os estudos discursivos, os quais têm em comum reflexões de base bakhtiniana. Em “Mas e a voz do autor, onde está? – notas sobre o gênero discursivo platônico”, André Luiz Braga da Silva evidencia características importantes do gênero discursivo “diálogo” do filósofo Platão, destacando a forma peculiar como a exposição de ideias, a “autoria” e a dramaticidade estão nele correlacionadas. O trabalho faz uma crítica ao pressuposto metodológico que marcou a interpretação do *corpus platonium* no Ocidente, a “Teoria do Porta-Voz”, e defende uma alternativa

que se harmonizaria mais com o próprio modo como o “filosofar”, enquanto atividade crítica, aparece nos diálogos. Avalia, ainda, a possibilidade de se afirmar, no “diálogo platônico”, a existência de uma autêntica “polifonia”, conforme definida por Mikhail Bakhtin. É a respeito do Círculo de Bakhtin que Artur Daniel Ramos Modolo tece considerações no texto “Ciência das Ideologias, Metalinguística e Método Sociológico: Questões metodológicas no Círculo de Bakhtin”. O pesquisador situa a perspectiva metodológica bakhtiniana em relação aos demais estudos do discurso e do texto, salientando, sobretudo, oposições e paralelos entre a interpretação bakhtiniana e as leituras que partem da perspectiva imanentista e subjetivista da linguagem. Além disso, examina o problema epistemológico destacado por Bakhtin acerca da ligação e das diferenças entre as ciências humanas, nas quais os estudos do discurso e da linguagem se circunscrevem, e as ciências da natureza e as exatas.

Feito esse panorama, convidamos os leitores a explorarem as múltiplas perspectivas dos estudos discursivos através dos vinte e quatro artigos reunidos neste livro. Desejamos a todos uma leitura profícua e agradável, com votos de que tais pesquisas não só ilustrem as reflexões atuais sobre discurso, texto e multimodalidade, mas também os instiguem a expandir os trabalhos na área.

Interações discursivas na Apresentação de Livro Didático de Língua Portuguesa: diálogo entre sujeitos e esferas

Agildo Santos Silva de OLIVEIRA¹

Resumo: Realizamos neste artigo uma análise das interações discursivas presentes no gênero Apresentação entre o autor do Livro Didático de Língua Portuguesa para o Ensino Médio “Português: Língua e Cultura” e seus interlocutores. Uma das primeiras e principais manifestações das interações discursivas, diálogo entre eu – outro, ou os autores e seus interlocutores, se dão na Apresentação, assim, buscamos em seus enunciados analisar tais interlocuções. Pesquisar as relações discursivas travadas entre o autor e seus interlocutores significa contemplar a dimensão dialógica da constituição do gênero, bem como da própria disciplina de língua portuguesa na contemporaneidade. O referencial teórico-metodológico é baseado nos estudos de Bakhtin e o Círculo: Bakhtin (2013, 2015 e 2016), Bakhtin/Volochínov (2010), Medviédev (2012), Voloshínov (2013a, 2013b, 2013c). Os resultados parciais permitem-nos compreender que as interações entre o autor e seus interlocutores são marcadas pelo diálogo, assim como pela concepção de linguagem como produto da atividade humana abordada pelo autor.

Palavras-chave: interação discursiva; apresentação; livro didático de língua portuguesa; ensino médio.

Introdução

O livro didático de língua portuguesa (LDP) é um objeto de estudo multifacetado, isso porque inúmeros são os fios dialógicos que o constituem. O gênero Apresentação, que costuma abrir essas obras didáticas, traz marcas constitutivas desse caráter múltiplo da obra, por essa razão, tivemos como objetivo investigar as interações discursivas presentes nele a partir de uma abordagem dialógica desse gênero, para isso, buscamos as várias manifestações dialógicas localizadas em seus enunciados.

O estudo foi realizado tendo a concepção de linguagem de Bakhtin e o Círculo como lupa teórico-metodológica. Foram discutidos os principais conceitos: interações discursivas, linguagem, língua, diálogo e gêneros do discurso em Bakhtin/Volochínov² (2010), Bakhtin (2011, 2013 e 2015), Voloshínov (2013) e Faraco (2009). A seguir descreveremos a organização e o conteúdo teórico do artigo.

Na primeira seção, traçamos um breve panorama dos materiais didáticos utilizados, ao longo do tempo, nas aulas de língua portuguesa, especialmente os livros de leituras, gramática e dicionários; também buscamos recuperar o contexto dialógico em que essas obras foram adotadas e seus principais interlocutores. Em seguida, destacamos o surgimento do próprio LDP, no modelo como conhecemos atualmente, bem como quais as razões desse novo modelo de livro; discutimos ainda a política do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e do Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM) e

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Inês Batista Campos. Bolsista CAPES. E-mail: agildo.oliveira@usp.br

² A grafia do segundo nome respeitará as edições consultadas, por isso, aparecerá como Volochínov ou como Voloshínov.

como eles alteraram a elaboração dos livros; focamos no LDP para o ensino médio (EM) e, por fim, apontamos o que o edital espera encontrar nas obras a serem analisadas pelo Estado.

Na segunda parte, debatemos a concepção de interações discursivas no plano teórico de Bakhtin e o Círculo. Numa abordagem sociológica, as interações são vistas como produto da ação de dois ou mais interlocutores, que estão localizados no interior de uma esfera ideológica. Nesse prisma, destaca-se outra concepção, o diálogo no sentido amplo, além do face a face; diálogo como posicionamento responsivo ativo.

No terceiro segmento, investigamos a concepção de gêneros do discurso no escopo de Bakhtin e o Círculo e de como esse conceito nos ajuda na compreensão das interações e sua forma mais importante, o diálogo. Focamos nossas atenções na Apresentação, um gênero intercalado que tece um discurso sobre a obra e que mantém uma relação de diálogo intensa com o principal interlocutor do livro, o estudante.

Na quarta parte, fazemos um exercício de análises das interações, tendo o diálogo como categoria analítica para se chegar às interações. Como *corpus*, elegemos a Apresentação do volume três da coletânea *Português: Língua e Cultura*, aprovada no PNLEM, triênio 2015 – 2017.

Por fim, tecemos nossas considerações finais, nas quais confirmamos ser o diálogo entre sujeitos e esferas o principal elemento constitutivo das interações discursivas na Apresentação e da obra didática como um todo.

1. Livro Didático de Língua Portuguesa para o Ensino Médio: reflexões na temporalidade

Entre meados dos Séculos XIX e XX, os materiais adotados para as aulas de Língua Portuguesa (LP) do ensino secundário, atual anos finais do Ensino Fundamental, eram compêndios literários, que ficaram conhecidos como antologias, seletas, florilégios, crestomatias e parnasos, esses livros eram compostos por trechos de textos literários³, escritos entre os Séculos XVI e XIX, de falecidos autores portugueses e brasileiros, que a crítica já havia declarado como cânone literário e espelho da língua “correta”. Vale frisar que a escola secundária brasileira, nesses tempos, era frequentada pela elite imperial e depois republicana, tanto os professores quanto os alunos comungavam dos mesmos valores. Ao lado de alguma das citadas obras adotavam-se ainda uma gramática, um livro de composição, que é uma gênese do atual livro de redação, e, algumas vezes, um dicionário de sinônimos. Assim, esses eram os principais materiais constitutivos das aulas de Português.

Já o LDP, no modelo como hoje conhecemos, é algo recente na história dos materiais didáticos brasileiros. Segundo Soares (2001), só a partir dos anos de 1960 com a fusão da antologia e da gramática em

³ Importante destacar que nesses livros não havia nenhuma proposta de exercícios. Ficava a cargo do professor o como trabalhar os excertos que compunham essas antologias escolares, nesse sentido, havia uma relativa autonomia do docente na preparação de suas aulas.

um só manual que podemos falar em um LDP. Nesse novo modelo de livro, a composição é construída a partir de unidades e capítulos didáticos, intercalando conteúdos e exercícios⁴. Esse é o momento em que, para a autora, o professor começa a perder sua autonomia, pois o livro começa a ser parâmetro do quê e do como ensinar. Mudança essa atrelada a outra, a modificação no perfil dos sujeitos da escola: se até então alunos e professores eram membros do “alto clero”, a partir desse momento, com o advento da popularização da escola, os novos sujeitos das instituições públicas de ensino passam a ser pessoas populares. Por essa razão, podemos considerar que as transformações no LDP acompanharam e ainda acompanham o movimento social e político de sua temporalidade, eis um caráter dialógico do LDP.

Outro marco na história dos livros didáticos, em geral, e do LDP, em específico, foi a criação do PNLD em 1985, cujo objetivo foi fornecer às escolas públicas do Ensino Fundamental, dos dois ciclos, livros didáticos aprovados pelo Ministério da Educação. Com esse programa as coleções didáticas analisadas começaram a ser mais fiscalizadas, passou-se a conhecer critérios de escolhas, dentre eles destacamos: respeito à pluralidade étnica, de gênero e de crença; atualização e coerência nas abordagens teórico-metodológicas e respeito à legislação do ensino básico. Desde então, tais fatores passaram a influenciar na elaboração dos livros enviados para análise no PNLD, ou seja, os princípios da esfera política alcançaram a composição das coleções.

Passaram-se quase vinte anos para o programa ser estendido ao EM. O PNLEM foi implantado em 2004, com as mesmas diretrizes do PNLD; no seu primeiro ano, atendeu apenas aos alunos do 1º ano desse nível de ensino das regiões Norte e Nordeste, abrangendo as disciplinas de português e matemática. A universalização do programa só ocorreu em 2006. Nesse sentido, podemos dizer que a história do LDP do EM no Brasil é muito recente, ainda assim, já temos condições de tecer algumas reflexões sobre ele.

A primeira peculiaridade do LDP do EM para as escolas públicas brasileiras é a de que ele já nasceu sob a tutela da avaliação do Estado. Tal livro, assim como as obras dos outros componentes curriculares, visa a atender as necessidades desse último ciclo da educação básica, para serem analisados e aprovados precisam antes obedecer aos critérios conteudísticos, estilísticos e composicionais exigidos pelos editais. No edital que tem por objetivo analisar os livros didáticos a serem adotadas no triênio 2015 – 2017⁵ exige-se que os livros: sejam organizados em coleção composta por três volumes; realize uma progressão pedagógica articulada com o componente curricular do EM; apresente um livro do aluno e outro do professor (manual do professor); sejam reutilizáveis, ou seja, que ao final da série cursada, o aluno devolva-o para ser utilizado por outro estudante no ano seguinte; contenha referências bibliográficas, de *sites*, de músicas, de vídeos etc., para que os alunos ampliem as discussões realizadas nos livros, bem como fixe a aprendizagem; obedeça o

⁴ Uma das características importante desse novo livro é a inserção de atividades, algo inexistente nas antologias escolares.

⁵ Cf. <http://www.fnede.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-editais/item/4032-pnld-2015>

número máximo de páginas, que varia de um componente curricular para outro - no caso do LDP são no máximo 400 páginas em cada volume – e atendam à legislação e aos princípios do EM.

Quanto ao LDP, três eixos são avaliados: leitura e escrita; oralidade e reflexões sobre língua e linguagem com foco nos conhecimentos linguísticos. A seguir, descreveremos os pontos que o edital espera encontrar nas coletâneas.

Nos âmbitos da leitura e da escrita, espera-se que o livro: contemple de forma significativa as variadas formas de expressões e os vários gêneros ligados às culturas juvenis; no trabalho com os textos literários, priorize a leitura das obras de variados gêneros da esfera literária (poesia lírica, conto, crônica, literatura gramática, romance, novela, literatura de cordel, etc.), que esses estejam, de preferência, dispostos na íntegra, sobretudo os poemas líricos; tais textos precisam ser de interesse da faixa etária dos seus leitores; explore articuladamente os gêneros de esferas públicas e aqueles mais utilizados no mundo do trabalho; insira temas, nos textos propostos para leitura e produção de textos, relacionados às preocupações éticas características da condição juvenil, intermediados por textos opinativos, argumentativos e expositivos; propicie a formação do leitor de literatura, sendo essa focalizada na dimensão intertextual, intersemiótica e interdisciplinar, de modo que os textos sejam compreendidos nas dimensões estética, histórica e cultural, o que permitirá o afastamento do ensino de literatura pelo viés de conceitos teóricos e categorizações dos autores; leve em consideração o impacto dos novos suportes e tecnologias de escrita na construção e reconstrução de sentido dos textos; e aborde efetivamente os modos característicos de ler e escrever dos textos multimodais e dos hipertextos, promovendo assim diferentes formas de letramento envolvidos na leitura e escrita (BRASIL, 2013).

Na perspectiva da oralidade, aponta-se que a coleção: favoreça a reflexão sobre as diferenças e semelhanças estabelecidas entre as modalidades do oral e do escrito, combatendo os preconceitos relativos às variedades orais; explore os diversos gêneros orais adequados às variadas situações comunicativas, em especial aqueles gêneros utilizados em situações públicas de opinião e os que permitam o desenvolvimento da autonomia dos estudos do aluno (entrevista, debates, seminário, jornal falado, entre outros); desenvolva a capacidade de escuta atenta e compreensiva dos estudantes; oriente a elaboração do plano textual dos gêneros orais (critérios de seleção e hierarquização de informações, padrão de organização em geral, recursos de coesão) (BRASIL, 2013).

Com relação à reflexão sobre língua e linguagem, indica-se que a coletânea: considere as relações existentes entre linguagem verbal e outras linguagens na construção de sentido de um texto; sistematize um corpo básico de conhecimentos relativos ao português brasileiro, bem como aos fenômenos linguísticos e às linguagens; tome a enunciação e o discurso como objeto de reflexão sistemática, não reduzindo, assim, o estudo da língua à gramática; considere a norma-padrão no contexto da variedade linguística, evitando a valorização depreciativa das outras variedades; e construa um repertório de conhecimentos relativos aos

fenômenos literários e à história da literatura de língua portuguesa, em especial a brasileira, para que assim favoreça o debate, a descoberta de sentidos e o confronto de pontos de vista, tendo as atividades orais e escritas como ponto de partida para o diálogo entre a subjetividade do leitor e os horizontes de sentido da obra (BRASIL, 2013).

Dessa maneira, esses pontos passam a ser partes constitutivas do projeto arquitetônico do LDP do EM para as escolas públicas brasileiras, ou do seu conteúdo temático, estilo e construção composicional. A contemplação de algumas dessas condições propostas está presente na Apresentação do livro que analisamos, enquanto discurso sobre a obra, os enunciados desses gêneros dialogam com a gênese desse LDP. Isto é, com os enunciados do edital, que por sua vez, está em conformidade com a legislação do EM e com atuais correntes teórico-pedagógicas de ensino-aprendizagem do Português como língua materna. Por fim, tal constatação nos permite compreender que o atual LDP para o EM é fruto de intensas interações discursivas, às quais nos deteremos a seguir.

2. Interações discursivas: bases para uma concepção de linguagem no projeto de Bakhtin e o Círculo

Nos últimos anos, no cenário científico brasileiro dos estudos da linguagem ganharam força as concepções teóricas tecidas pelo grupo de intelectuais russo, que ficou conhecido como Círculo de Bakhtin. Formado por um grupo heterogêneo de estudiosos, o Círculo tinha como objetivo principal, no início de sua formação nos anos vinte do século passado, discutir sobre filosofia; mais adiante, suas atenções se voltaram para as reflexões sobre a linguagem, numa perspectiva sociológica.

Os três representantes desse Círculo mais conhecidos no Brasil são Bakhtin, Voloshínov e Medviédev escreveram, no final dos anos vinte, obras defendendo essa abordagem sociológica. São seus títulos mais conhecidos dessa fase, respectivamente: *Problemas da obra de Dostoiévski*, *Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas Fundamentais do Método Sociológico nas Ciências da Linguagem*; e *O Método Formal nos Estudos Literários: Introdução Crítica a uma Poética Sociológica*.

Nessa abordagem, a linguagem “[...] não é um dom divino nem presente da natureza. É o produto da atividade humana coletiva e reflete em todos os seus elementos tanto a organização econômica como a sociopolítica da sociedade que a gerou” (VOLOSHÍNOV, 2013a, p. 141), ou seja, da relação entre sujeitos socialmente organizados, logo, da “vida social” ou inter-ação social e discursiva entre eles que a linguagem é construída. Nessa constituição, a linguagem não é gerada num solo neutro, mas num terreno fertilizado por valores, por ideologias que são refletidos e refratados na própria linguagem.

Nesse prisma, a língua também não é vista como um sistema de regras regulares, mas como materialização verbalizada da linguagem. Isso implica considerar igualmente seu caráter ideológico, uma vez que é na interação que ela acontece. Assim sendo,

[...] A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p. 127). [itálicos do autor]

Como a maioria das línguas é materializada por palavras, e essas estão presentes em todos os sistemas ideológicos, bem como carregam avaliações, então, a palavra é considerada o “signo ideológico por excelência”. Comporta duas faces, tanto porque emana de alguém e é dirigida ao outro, quanto pelo fato de ser produto da inter-ação de dois interlocutores. Sua natureza não é linguística, mas extralinguística, em outros termos, trata-se do “fenômeno social da interação verbal”. Nesse sentido, o foco dos estudos da linguagem não deve ser a história das “formas linguísticas abstratas (fonéticas, lexicais, morfológicas), mas a [...] história das formas da interação discursiva” (VOLOSHÍNOV, 2013a, p. 253). Dessas últimas formas, ganha relevo o diálogo, no sentido amplo, porque comporta toda comunicação verbal, de qualquer espécie, por exemplo,

O livro, isto é, o ato de fala impresso, constitui igualmente um elemento da interação verbal. Ele é objeto de discussões ativas sob forma de diálogo e, além disso, é feito para ser apreendido de maneira ativa, para ser estudado a fundo, comentado e criticado no quadro do discurso interior, sem contar as reações impressas, institucionalizadas, que se encontram nas diferentes esferas da comunicação verbal (críticas, resenhas, que exercem influência sobre os trabalhos posteriores, etc.) (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p. 127 - 128).

Percebamos que a concepção de diálogo ultrapassa o convencional face a face, ainda que seja a forma mais conhecida. O diálogo pode ser realizado pelos posicionamentos ativos dos interlocutores frente a uma obra, por exemplo, um autor escreve um livro didático para um aluno, que o estuda; antes disso, essa mesma obra é analisada a fundo por um grupo de avaliadores, que comenta, elogia, critica, reprova ou aprova; uma das suas reações também é impressa em forma de resenha que acompanha o guia das coleções aprovadas. Fica claro que o diálogo é sempre entre o *eu* e o *outro*. Dessa forma, nas interações discursivas entram em jogo confrontos entre diferentes sujeitos e como eles estão socialmente organizados, ou estão situados no interior de esferas ideológicas, podemos dizer que são diálogos também entre esferas.

Se em Bakhtin/Volochínov (2010) compreendemos que a linguagem é produto da atividade humana, em Bakhtin (2011) nos deparamos com a afirmação de que as atividades humanas estão ligadas aos usos da linguagem e que suas esferas elaboram seus “tipos relativamente estáveis de enunciados”, ou seus gêneros do discurso. Por essa razão, buscamos no gênero Apresentação analisar as interações, antes passemos a discutir as considerações sobre o conceito de gênero que assumimos aqui.

3. Dos gêneros do discurso como espaço do diálogo

Os gêneros do discurso tornaram-se um conceito tão ligado à figura do Bakhtin que até parece uma noção elaborada apenas pelo autor russo. Entretanto, não é difícil encontrarmos o conceito e a expressão

em textos tanto do Voloshínov (2013b, 2013c), a exemplos do artigo “A construção da Enunciação” e do relatório “Algumas ideias-guia para a obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*” quanto do Medviédev (2012), em *O método formal nos estudos literários*, o que indica ser objeto de reflexões teóricas comum entre seus pares contemporâneos. Além disso, Bakhtin e o Círculo também não inauguraram as reflexões sobre os gêneros, uma vez que Platão, em *A República*, e Aristóteles, em *Arte retórica* e *Arte poética*, já tinham iniciados os estudos (FARACO, 2009).

Contudo, é inegável o caráter inovador que o Círculo traz aos estudos dos gêneros do discurso. O conceito de gêneros como “tipo relativamente estável de enunciado”, nos leva a uma importante questão: o que é enunciado no conjunto da obra do Círculo? É um “elo na cadeia da comunicação discursiva”, “real unidade da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2016, p. 23 - 28). Disso tiramos duas conclusões: a primeira, os enunciados são sempre responsivos; a segunda, enquanto responsivos estão sempre em diálogos uns com os outros. Dessa maneira, a abordagem bakhtiniana sobre o tema avança sobre as demais abordagens até então existentes, nela o caráter dos gêneros é constitutivamente dialógico, surgem como respostas e provocam outras.

Para Bakhtin (2016), há um vínculo entre os usos da linguagem e a atividade humana. São nessas atividades, situadas social e historicamente no interior de uma esfera que os gêneros emergem, por isso, ele propõe a sua maneira de estudar e classificar os gêneros, à qual difere das classificações até então, sua proposta foi realizar uma leitura com base no critério das esferas ideológicas. O gênero passou a ser analisável pelas esferas, cada campo tem seu critério de seleção do gênero, ou seja, apresenta seu repertório e sua forma de classificação.

No dizer de Bakhtin:

[...] O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo de atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo de linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no conjunto do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação (BAKHTIN, 2011, p. 11 – 12).

Nesse conceituar, destacamos o princípio dialógico da tríade do gênero: o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional. O conteúdo temático abrange muito mais que o assunto, uma vez que se trata dos elementos globais do enunciado, nele também estão inseridos os elementos verbais e extraverbais como os horizontes social e ideológicos dos interlocutores, profundidade do tratamento do tema, ênfases valorativas e acabamento do objeto ou do referente do enunciado. Quanto ao estilo, esse compreende o como dizer do e no gênero, o que significa dizer que todo gênero tem um estilo social, traços regulares, que é o “relativamente estável”, bem como um estilo individual, em outros termos, o tom que o interlocutor dá

ao gênero, por isso, entra em jogo a seleção de recursos verbais e visuais. E a construção composicional representa a organização desses outros elementos, é uma espécie de sintaxe do gênero, elemento muito importante e destacado pelo autor como o “acima de tudo”. Assim sendo, a organização das inúmeras atividades humanas se dá pela linguagem e no diálogo.

Podemos considerar a Apresentação um gênero do discurso dialógico por natureza, isso porque pertence àqueles que Bakhtin (2013 e 2015) chamou de intercalados. Ou seja, um gênero que se constitui no diálogo com outro, sem perder sua autonomia, nem sua linguagem, ou mesmo suas características composicionais. Essa peculiaridade da Apresentação deve-se ao fato dela funcionar como um discurso sobre a obra, no nosso caso com o LDP, ou seja, é um discurso que tece as qualidades da coletânea que se apresenta.

Outra marca desse gênero refere-se à sua construção composicional e sua estilística que trazem marcas da carta pessoal como: o texto essencialmente verbal; o uso da narração e argumentação; o tom afetivo usado pelos autores ao dirigirem-se a seus interlocutores, verbos no presente; parágrafos curtos etc. Os traços da carta na Apresentação são vestígios de Carta de Apresentação que autores se utilizavam para divulgar suas obras didáticas no Brasil oitocentista; como aponta Corrêa (2006), nesse tempo, eles escreviam cartas dirigidas aos presidentes das províncias com o propósito de adoção de seus respectivos livros. Desse modo, já havia a necessidade de convencer o outro sobre a importância da obra, o autor assumia, portanto, o papel de divulgador.

Por fim, destacamos o papel constitutivo do diálogo na interação discursiva entre os interlocutores na Apresentação, nosso foco na seção a seguir.

4. Português Língua e Cultura: Apresentando-se em diálogos

Escolhemos como *corpus* de análise a Apresentação do volume três da terceira edição da coletânea didática *Português Língua e Cultura*, de autoria de Carlos Alberto Faraco, editada pela Base Editorial, localizada em Curitiba, no ano de 2013. O volume apresenta 320 páginas, respeitando o edital que permite até 400; o volume está organizado em treze capítulos constituídos de cinco eixos: Gênero Textual, História da Literatura, Enciclopédia da Linguagem e Almanaque Gramatical, Guia Normativo, além de um Apêndice, no qual se discutem pontuação, acentuação gráfica, crase e hífen. Essa obra é considerada pelo Guia do PNLEM 2015⁶ como um livro que está situado entre dois gêneros: o compêndio didático e o manual didático. Por essa razão, foge aos padrões dos demais livros que ou são manuais ou compêndios didáticos. Vale destacar ainda que toda a coleção é construída tendo o aluno como principal interlocutor da obra, tanto na

⁶ Cf. <<http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/guias-do-pnld/item/5940-guia-pnld-2015>> Acesso em: 14 nov. 2015 às 09h58.

exposição teórica quanto nos exercícios o autor dialoga diretamente com os estudantes, pois o livro é para eles.

A autoria da coleção, anteriormente citada, é do linguista Carlos Alberto Faraco que desenvolve seus estudos na perspectiva bakhtiniana de linguagem. Essa é a abordagem que o autor pretende explorar na coleção, assim lemos no manual do professor:

Nossa concepção [de linguagem] recusa esses olhares que alienam a linguagem de sua realidade social concreta. Nós a concebemos como um conjunto aberto e múltiplo de **práticas sociointeracionais, orais ou escritas, desenvolvidas por sujeitos historicamente situados.**

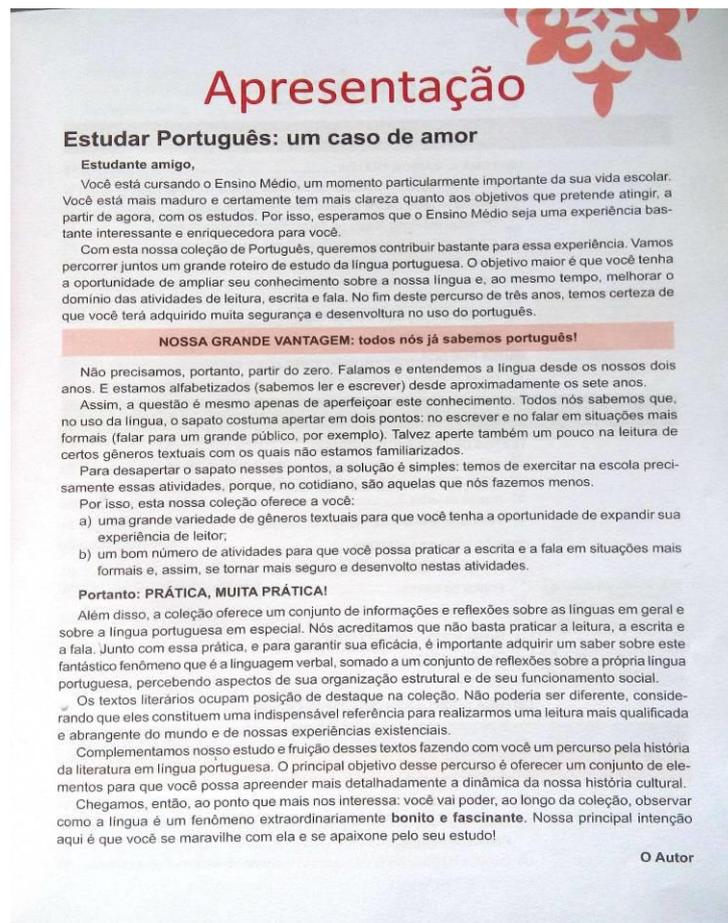
Pensar a linguagem desse modo é perceber que ela não existe em si, mas só existe efetivamente no contexto das relações sociais: ela é elemento constitutivo dessas múltiplas relações e nelas se constitui continuamente (FARACO, 2013b, p. 252). [negritos do autor]

Ou seja, é do lugar de linguista sociointeracionista, que vê a linguagem como atividade, ou “práticas sociointeracionais, orais ou escritas” que o autor aborda os estudos de Língua Portuguesa nessa coletânea e dialoga com avaliadores, professores e alunos. As valorações desse lugar teórico-ideológico são constitutivas de toda a interação no gênero analisado.

Como para Bakhtin/Volochínov (2010) o diálogo é uma das formas mais importantes das interações discursivas entre os sujeitos, então será ele, em suas diferentes manifestações, nossa categoria de análise no gênero em tela. Identificaremos o modo como o autor dialoga com seus interlocutores e assim apresenta sua obra, bem como convence o aluno a dialogar com ela.

A Apresentação de *Português Língua e Cultura* é um dos primeiros gêneros de abertura do livro. Está localizada na terceira página, a qual reproduzimos a seguir:

Figura 1. Apresentação



Fonte: Faraco (2013).

Nessa Apresentação, assinada pelo autor no final do texto como “O Autor”, os enunciados são construídos com um tom dialogal, como se fosse uma interação face a face. Essa característica já é reflexo do viés teórico assumido pelo autor, leiamos:

Apresentação

Estudar Português: um caso de amor

Estudante amigo,

Você está cursando o Ensino Médio, um momento particularmente importante da sua vida escolar. Você está mais maduro e certamente tem mais clareza quanto aos objetivos que pretende atingir, a partir de agora, com seus estudos. Por isso, esperamos que o Ensino Médio seja uma experiência bastante interessante e enriquecedora para você.

Com esta nossa coleção de Português, queremos contribuir bastante para essa experiência. Vamos percorrer juntos um grande estudo da língua portuguesa. O Objetivo maior é que você tenha a oportunidade de ampliar seu conhecimento sobre nossa língua e, ao mesmo tempo, melhorar o domínio das atividades de leitura, escrita e fala. No fim deste percurso de três anos, temos certeza de que você terá adquirido muita segurança e desenvoltura no uso do português (FARACO, 2013a, p. 03).

Desde as primeiras linhas, é possível enxergar como os sujeitos estão socialmente organizados, cada um inserido em esferas ideológicas distintas. Primeiro o autor, que pertence a uma filiação teórica, segundo

o estudante, pertencente ao Ensino Médio das escolas brasileiras. A estratégia do autor para se aproximar do aluno é se juntar a ele, isso ocorre quando o autor o chama de “Estudante amigo”. Como um amigo conhece o outro, o estudante passa ser caracterizado pelo Faraco, quando o situa no Ensino Médio, um segmento escolar importante, como um sujeito maduro, apto a tomar decisões mais coerentes frente a seus estudos.

Em seguida, a coleção é declarada como produto coletivo, “Com esta nossa coleção de Português”, isto é, o autor divide o espaço de produção com os editores. Tal característica nos permite considerar que a interlocução na esfera de produção não é só do sujeito consigo mesmo. Além disso, a obra passa a ser encarada como um espaço de diálogo entre o autor e o aluno, como uma ponte que une os interlocutores, pois diz: “Vamos percorrer juntos um grande roteiro de estudos da língua portuguesa”. Não podemos esquecer que esse diálogo do autor com a obra é típica da Apresentação por uma razão que discutimos na seção anterior: o gênero em tela é intercalado porque se constitui no diálogo com a obra.

Outro ponto destacado é quanto ao objetivo da obra, o autor destaca ser de relevância para eles, autor e editores, que os estudantes ampliem o conhecimento sobre o português, bem como melhore os domínios das atividades de leitura, escrita e fala. Nesse ponto, vale comentar: a leitura, a escrita e a fala são compreendidas enquanto atividades de linguagem, como interação discursiva entre interlocutores, e nisso podemos dizer que há um diálogo direto com a concepção teórica de linguagem de Bakhtin e o Círculo, a qual discutimos ao longo deste artigo. Há também um intenso diálogo com outro interlocutor que está no interior do discurso, o Estado, que fala a partir do edital do PNLEM; essas três competências foram apontadas por nós na primeira seção, quando destacamos os principais pontos do edital ao qual o livro atendeu. Assim, esse enunciado é uma resposta ao enunciado do edital.

Esse diálogo que o autor estabelece com o edital, também encontramos em:

NOSSA GRANDE VANTAGEM: todos nós já sabemos português!

Não precisamos, portanto partir do zero. Falamos e entendemos a língua desde os nossos dois anos. E estamos alfabetizados (sabemos ler e escrever) desde aproximadamente os sete anos.

Assim, a questão é mesmo apenas aperfeiçoar este conhecimento. Todos nós já sabemos que, no uso da língua, o sapato costuma apertar em dois pontos: no escrever e no falar em situações mais formais (falar para um grande público, por exemplo). Talvez aperte também um pouco na leitura de certos gêneros textuais com os quais não estamos familiarizados (FARACO, 2013a, p. 03).

Nesses trechos, a máxima de que os alunos não sabem português é rejeitada pelo autor, assegurando, com destaque visual, aos estudantes que todos já sabem a língua, “[...] **todos nós sabemos português**”, uma vez que “falamos e entendemos” o português. Aí a língua portuguesa não é só o português de prestígio, isso não significa que a obra não oportunize o acesso a ela, essa língua de prestígio é contemplada em: “no escrever e no falar em situações mais formais (falar e escrever para um grande público, por exemplo)”. Mais

uma vez, o autor vincula a língua às atividades social e historicamente situadas, como interação, bem como contempla o ponto do edital referente à leitura de diversos gêneros e às reflexões linguísticas.

Nos enunciados a seguir, vemos contemplada a interação discursiva como uma relação entre o *eu* e o *outro*, na qual a palavra, enunciado concreto, é produto da ação de dois interlocutores, só que pertencente ao ouvinte, vejamos como isso se dá:

Para despertar o sapato nesses pontos, a solução é bem simples: temos de exercitar na escola precisamente essas atividades, porque, no cotidiano, são aquelas que nós fazemos menos.

Por isso, esta nossa coleção oferece a você:

- a) uma grande variedade de gêneros textuais para que você tenha a oportunidade de expandir sua experiência como leitor;
- b) um bom número de atividades para que você possa praticar a escrita e a fala em situações mais formais e, assim, se tornar mais seguro e desenvolvido nestas atividades.

Portanto: PRÁTICA, MUITA PRÁTICA! (FARACO, 2013a, p. 03).

Segundo o autor, a construção composicional da coletânea está de acordo com as necessidades do estudante. É para possibilitá-lo a ler, escrever e falar com desenvoltura e nas diversas situações comunicativas, sobretudo as formais, que o enunciado-obra foi pensado, planejado, arquitetado. A obra tem, assim, um interlocutor definido com quem o autor vem dialogando desde o início, tal interlocutor é decisivo para o plano da obra, claro que não apenas esse interlocutor, há o interlocutor Estado que também influencia essa construção.

Por fim, a interlocução é encerrada com o autor confirmando a concepção de linguagem que constitui a obra:

Além disso, a coleção oferece um conjunto de informações e reflexões sobre as línguas em geral e sobre a língua portuguesa em especial. Nós acreditamos que não basta praticar a leitura, a escrita e a fala. Junto com essa prática, e para garantir sua eficácia, é importante adquirir um saber sobre este fascinante fenômeno que é a linguagem verbal, somado a um conjunto de reflexões sobre a própria língua portuguesa, percebendo aspectos de sua organização estrutural e de seu funcionamento social.

[...]

Chegamos, então, ao ponto que mais nos interessa: você vai poder, ao longo da coleção, observar como a língua é um fenômeno extraordinariamente bonito e fascinante. Nossa principal intenção aqui é que você se maravilhe com ela e se apaixone pelo seu estudo!

O Autor (FARACO, 2013a, p. 03).

Nesses excertos, contempla-se a concepção de linguagem verbal não como um dom divino ou natural, mas como um fenômeno social, que além de estrutura tem um “funcionamento social”. Enquanto fenômeno da vida social, a língua é passível de investigação, por isso, o autor chama o aluno para a pesquisa.

Nesse sentido, as valorações constitutivas da obra convergem com a concepção sociointeracionista de linguagem que o autor assume e dialoga desde o início. Há um interlocutor final definido com quem igualmente dialoga diretamente, o estudante do Ensino Médio, que está inserido numa esfera ideológica, a educação; além disso, os enunciados da Apresentação também respondem aos enunciados dos outros, o edital correspondente ao PNLEM da obra.

Considerações finais

O estudo das interações discursivas nos coloca diante do caráter constitutivamente dialógico da linguagem, bem como dos gêneros discursivos, sejam eles primários ou secundários, como é o caso da Apresentação. Tal investigação corrobora para mostrar a natureza multifacetada, os fios dialógicos, dos livros didáticos em geral e do LDP do EM particularmente.

Enquanto fenômeno social de relação entre o *eu* e o *outro*, a interação é construída no diálogo, esse se dá no interior de esferas ideológicas, com sujeitos socialmente organizados, assim sendo, são atividades coletivas em que valorações são ativadas.

Abordar as interações discursivas pelo ângulo do diálogo nos proporcionou compreender os movimentos existentes na constituição da relação *eu – outro*. Na perspectiva de Bakhtin e o Círculo, o enunciado tem autor, interlocutor, intencionalidade discursiva, identificá-los são decisivos para apreender o projeto arquitetônico de uma obra.

Na análise das interações, pelo diálogo, na Apresentação, localizamos diferentes diálogos e interlocutores: i) autor e concepção sociointeracionista de linguagem, esse diálogo antecede todos os outros e é constitutivo de todos os esses, é a linguagem como prática seu horizonte teórico-ideológico; ii) autor e aluno, esse é o interlocutor mais explícito e aquele que mais aparece nos enunciados, para quem a maioria dos enunciados é dirigido, inclusive o enunciado-obra, nesse diálogo, o autor se vale da sedução para ganhar confiança de seu interlocutor; iii) autor e obra, aqui o livro é caracterizado como roteiro, como um plano de estudos para os estudantes, o discurso que o autor constrói sobre a obra orienta aos alunos enxergá-la como objeto de diálogo; e iv) autor e edital (Estado), esse é um diálogo velado, só conseguimos recuperá-lo quando buscamos os enunciados do edital, em muitas passagens é possível identificar as orientações constantes no edital presentes na Apresentação, assim, a resposta se dá em forma de obediência.

Em síntese, podemos dizer que o diálogo tecido nas diferentes interações ao longo da Apresentação se dá entre diferentes sujeitos e esferas. São nessas relações dialógicas que o principal elemento das aulas de Português vem sendo construído.

Referências bibliográfica

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Os gêneros do discurso**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Teoria do romance I. A estilística**. Trad. P. Bezerra. São Paulo: ED34, 2015.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch; VOLOCHÍNOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem**. Trad. Michel Lahud; Yara Vieira. 14 ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Edital PNLd Ensino Médio**. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-editais/item/4032-pnld-2015>> Acesso em: 17 jul. 2016 às 15h25 min.

CORRÊA, Carlos Humberto Alves. **Circuito do livro escolar**: elementos para a compreensão de seu funcionamento no contexto educacional amazonense (1852 – 1910). 2006. 252f. Tese. (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 2006. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000392044>> Acesso em: 24 de maio de 2016 às 28h20min.

FARACO, Carlos Alberto. Apresentação. **Português**: língua e cultura, 3º ano: ensino médio. 3ed. Curitiba: Base Editorial, 2013a. p. 3.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009.

MEDVIÉDEV, Pavel Nikoláievitch. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Trad. Ekheterina Américo e Sheila Grillo. São Paulo: Contexto, 2012.

FARACO, Carlos Alberto. Manual do professor. **Português**: língua e cultura, 3º ano: ensino médio. 3ed. Curitiba: Base Editorial, 2013b. p. 248 – 320.

SOARES, Magda. O livro didático como fonte para a história da leitura e da formação do professor-leitor. In: MARINHO, Marildes (Org.). **Ler e navegar**: espaços e percursos da leitura. Campinas: Mercado de Letras/ALB, 2001, p. 31-76.

VOLOSHÍNOV, Nicolaevich Valentin. A construção da enunciação. In: **A construção da enunciação e outros ensaios**. Org. Trad. E notas João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013b, p. 157 – 188.

VOLOSHÍNOV, Nicolaevich Valentin. Algumas ideias-guia para a obra Marxismo e Filosofia da Linguagem. In: **A construção da enunciação e outros ensaios**. Org. Trad. E notas João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013c, p. 131 – 156.

VOLOSHÍNOV, Nicolaevich Valentin. Palavra na vida e a palavra na poesia. Introdução ao problema da poética sociológica. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Org. Trad. e notas João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013a, p. 71 – 100.

Resistir é vencer: a construção da identidade leste-timorense no discurso de resistência de Xanana Gusmão

Alexandre Marques SILVA¹

Resumo: Neste trabalho, objetiva-se discutir, por meio de uma análise de natureza quantitativo-qualitativa, os elementos constitutivos da Metafunção Ideacional e sua participação na constituição da identidade leste-timorense no discurso pronunciado por Xanana Gusmão em 13 de outubro de 1982. Observa-se que o orador vale-se substancialmente de Processos Materiais e Relacionais, os quais contribuem para a mobilização da audiência e influenciam diretamente seu sistema doxológico. Desse modo, o emprego recorrente desses procedimentos, que participam da edificação de um discurso dominado pela verbalização de experiências, fomenta a necessidade de combate a um inimigo comum da pátria invadida, justifica a importância da manutenção da resistência armada em solo leste-timorense e participa da construção da identidade dos participantes dos processos circunscritos à Metafunção Ideacional. Como aporte teórico-metodológico para o desenvolvimento da análise do corpus, recorreremos fundamentalmente aos trabalhos, Halliday e Matthiessen (2004), Cunha e Souza (2011), Fuzer e Cabral (2010), Bhabha (2007), Hall (2006), Gunn (2001), Chomsky (2002).

Palavras-chave: metafunção ideacional; identidade; discurso de resistência; análise do discurso; Timor-Leste.

Introdução

Uma das muitas formas possíveis de compreender uma sociedade é analisar os discursos produzidos por ela, uma vez que é por meio da linguagem que os indivíduos revelam seus valores e suas representações de mundo. Nesse sentido, a língua assume o caráter de instrumento social.

A língua promove a interação entre sujeitos sociais, a construção de um imaginário coletivo e, nesse sentido, a edificação de narrativas míticas, que explorem discursivamente a braveza, a tenacidade a coragem, entre outros atributos, dos povos resistentes às forças inimigas está no cerne da edificação de muitas sociedades ao redor do globo. Em Timor-Leste, todavia, esse processo ocorreu de forma bastante peculiar, já que o país sofreu dois processos consecutivos de colonização, primeiramente por Portugal e, depois, pela Indonésia, período em que se estabeleceu a resistência armada da qual Xanana Gusmão tornou-se líder.

Neste trabalho, realizamos uma análise funcional da linguagem, considerando-se as situações de uso efetivo da língua. Para tanto, recorreremos aos pressupostos da Linguística Sistêmico-Funcional, a fim de averiguarmos os participantes e os processos do sistema de transitividade subjacente à Metafunção Ideacional, identificados no discurso pronunciado por Xanana Gusmão em 13 de outubro de 1982, sete anos após a invasão indonésia.

Partindo-se do fato de que a Linguística Sistêmico-Funcional atua na interface língua/sociedade, problematizando as situações concretas de utilização da linguagem, recorreremos a ela como embasamento

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob orientação da Profa. Dra. Zilda Gaspar Oliveira de Aquino. E-mail: alexandremarques@usp.br

teórico-metodológico para a análise da construção identitária, a um só tempo, tanto do povo-leste timorense quanto do inimigo invasor. Desse modo, objetiva-se verificar os Processos Material, Mental e Relacional, relativos à metafunção ideacional e de que modo eles revelam a visão/construção de mundo do orador.

1. O movimento de resistência: uma sumária contextualização histórica

A priori, a proposta de ação da resistência leste-timorense era de confronto direto com o inimigo, todavia posteriormente houve uma reorganização preocupada em desenvolver uma tática de guerrilha, que possibilitou significativo aumento das vantagens estratégicas à resistência contra o invasor indonésio. A resistência popular foi extremamente efetiva entre 1976 e 1979. Nas palavras de Xanana Gusmão:

A guerra, nos três primeiros anos, era guerra de posição, em que a gente se encontrava cara a cara, frente a frente com o inimigo. Depois passamos à guerra de guerrilha e isto mudou tudo. Entocávamos, combatíamos quando quiséssemos de forma a ter muito mais mobilidade. Não eram dois mil homens de uma vez só que atacavam, mas em pequenos grupos que combatiam e retiravam, combatiam e retiravam. Os próprios soldados indonésios dizem que, quanto menor fosse o nosso número, mais difícil seria nos combater (SAKAMOTO, 2003, p. 44).

Durante a invasão indonésia foram realizados inúmeros assassinatos em massa, estima-se que aproximadamente 60.000 leste-timorenses tenham sido mortos apenas na primeira quinzena do mês de dezembro de 1975. A atitude devastadora e autoritária das tropas indonésias causou a revolta dos habitantes locais, que passaram a apoiar organizações clandestinas de resistência, entre as quais se destacou as Forças Armadas de Libertação Nacional de Timor-Leste (FALINTIL), que assumiram um caráter de resistência nacional sob o comando de Xanana Gusmão, o qual se tornaria o primeiro presidente após o estabelecimento da República. As FALINTIL, utilizando a língua portuguesa como forma de comunicação e resistência, atuaram dentro e fora de Timor-Leste. O movimento de resistência organizou-se em três dimensões, a saber:

a) dimensão militar: liderada pelo então guerrilheiro Xanana Gusmão, que se ocupava da condução das táticas de guerrilha;

b) dimensão dos Direitos Humanos: conduzida pelo Bispo Dom Carlos Ximenes Belo, com respaldo da Igreja Católica e apoio popular;

c) dimensão política e diplomática: encabeçada por José Ramos Horta em sua ação internacional a partir de Portugal e da Austrália.

Em comum a essas três dimensões, havia a língua portuguesa, utilizada como elemento de coesão do movimento de resistência, o qual uniu a nação na luta contra o invasor.

A partir da organização de uma força de resistência leste-timorense, a ocupação indonésia foi intermitentemente contestada durante os seus 24 anos de existência pelas diferentes frentes de ação que formavam a resistência timorense. Nos últimos anos da ocupação, a resistência timorense estava organizada em três frentes, sob direção do Conselho Nacional da Resistência Timorense (CNRT): a frente armada,

representada pelas FALINTIL; a frente clandestina, composta por integrantes da sociedade civil leste-timoreense no território; e a frente diplomática, formada por componentes das diásporas timorenses radicados na Austrália, em Portugal, em Moçambique e em Angola. Essas frentes possuíam relações orgânicas entre si: as FALINTIL, por exemplo, sobreviveram durante 24 anos com armas e outros tipos de bens retirados do próprio exército indonésio ou enviados pela frente clandestina.

Apesar das ações do movimento de resistência, estima-se que, em função das assimetrias em relação ao contingente e ao poderio bélico, um terço da população de Timor-Leste tenha sido dizimada durante o período de ocupação indonésia, o que levou Chomsky (2002) a caracterizar o Estado indonésio como praticante do maior genocídio ocorrido no mundo depois do Holocausto. Além da implantação de um estado de terror, a homogeneização linguística, conforme já destacamos, foi uma política fundamental no processo de incorporação de Timor-Leste à Indonésia. Sendo assim, o aprendizado da língua indonésia foi obrigatório e a utilização da língua portuguesa, absolutamente proibida. Em contrapartida, uma vez que os oficiais do Estado indonésio não compreendiam o português, a utilização dessa língua representava uma ameaça ao controle e à governabilidade do território, o que engendrava atos cada vez mais cruéis e violentos contra os revoltosos do sistema.

No final de 1978, o último reduto da resistência leste-timoreense no Monte Matebian foi eliminado na fase final de uma campanha de aniquilação sistemática. Considerado o lar sagrado para as almas dos antepassados timorenses, o Monte Matebian foi o local onde a vida de Xanana de Gusmão sofreu uma mudança significativa. A grave crise pela qual passou as FRETILIN converteu Xanana Gusmão em um notório comandante, responsável pela reorganização militar das forças de resistência remanescentes.

2. Identidade(s) leste-timoreense(s): um ponto de partida teórico

Diante de um panorama histórico, linguístico e social tão difuso, falar em identidade(s) em Timor-Leste significa adentrar um complexo espaço em que convergem e contrastam distintas formas de representação, de estar no mundo e de atuar nesse mesmo mundo. Sendo assim, partimos do entendimento de que identidade é um conceito que apresenta várias perspectivas e possibilidades. Assim, a dimensão sob a qual abordaremos esse tema se pautará na sua discussão e não em sua(s) definição(ões).

Considerando as limitações impostas à construção da identidade nas sociedades contemporâneas, Bhabha (1998) aponta para a dificuldade subjacente aos estudos sobre a identidade na pós-modernidade, cujas características são, sobretudo, a não fixidez, o constante movimento, certa fluidez de valores e instituições, antes considerados estáticos. Trata-se de uma proposição que tende a se tornar ainda mais complexa no contexto pós-colonial de comunidades em que, “apesar de histórias comuns de privação e discriminação, o intercâmbio de valores, significados e prioridades pode nem sempre ser colaborativo e

dialógico, podendo ser profundamente antagônico, conflituoso e até incomensurável” (BHABHA, 1998, p. 20).

Nesse sentido é importante voltarmos nossa atenção para a sociedade leste-timorense, na qual, grupos etnolinguísticos², insatisfeitos com os rumos políticos e administrativos do país, como a adoção da língua portuguesa como idioma oficial, por exemplo, reivindicam o direito legítimo de (re)significar sua existência frente às novas subjetividades individuais e coletivas evidenciadas nos espaços forjados no curso do duplo processo de descolonização e no período posterior a cada um deles. Observa-se, assim, a emergência de sujeitos resultantes do embate cultural entre polos opostos, em especial: tradição e contemporaneidade, passado e presente.

Na mesma direção de Bhabha, Hall (2006) aborda as transformações por que o conceito de identidade cultural passa em função das mudanças estruturais pelas quais as sociedades vêm passando, principalmente a partir do processo de globalização. Para esse autor, tem havido o afrouxamento dos laços imaginários que ligam o sujeito a determinado território e à cultura nacional ao longo da história. Apesar da força narrativa da nação, por meio do poder cultural, é cada vez mais difícil pensar a nação como um sistema de representação homogêneo, produtor de identidades unificadas. Dessa forma, o significado que atribuído a algo é determinado pelo uso que se faz dele, pelas representações que o construíram anteriormente e que o inseriram em um determinado contexto com uma determinada funcionalidade.

Ainda em coadunação com a perspectiva de Hall (2006) observa-se que é o trabalho da representação que permite nomear os objetos do mundo; por meio das palavras, da língua, eles se tornam aquilo que se fala sobre eles, convertem-se nos valores atribuídos a eles. Os significados construídos pela representação são historicamente situados, produzidos socialmente e, por isso, gozam de mutabilidade.

Para compreender melhor como ocorrem os processos de representação, ou seja, a relação entre, de um lado, a realidade e, de outro, a maneira pela qual esta se torna inteligível, Hall (2006) destaca a relação entre *significado* e *cultura*. Para esse autor, compartilhar uma cultura implica também compartilhar a mesma forma de construir inteligibilidades para o mundo, por meio da linguagem. Esse compartilhamento de significados não implica, todavia, que uma cultura seja dotada de significados homogêneos e únicos, ao contrário, as representações produzidas nas práticas culturais são diversas, regem comportamentos e influenciam as ações dos sujeitos. Nesse sentido, então, as culturas nacionais não podem ser pensadas como sistemas unificados, mas como sistemas constituídos por divisões fundamentadas em diferenças étnicas, sociais ou culturais.

No processo de constituição de identidades, entendemos que a língua é um dos principais, senão o mais importante, elemento para o forjamento de uma identidade comum, empreitada que, no caso de Timor-

² Apesar de, em Timor, ser apontada a existência de 31 línguas, dialetos e subdialetos, é difícil chegar a acordo quanto ao seu número e à sua classificação. De acordo com os dados oficiais, conforme já apresentamos neste trabalho, existem 15 línguas no país e, é importante ressaltar, que a unidade linguística não corresponde à unidade étnica.

Leste, vem sendo levada adiante (de forma bastante controversa, é preciso ressaltar) pela língua portuguesa. Segundo Spolsky (1998), países recém-independentes estão, quase sempre, inclinados a adotar a língua do colonizador, mesmo com toda a carga histórica implicada nessa tomada de posição. No momento em que um grupo busca marcar a diferença, fazer emergir uma nova identidade nacional, é, fundamentalmente, a língua do colonizador aquela que adquire *status* de língua nacional. E, não fugindo a essa perspectiva, em Timor-Leste a adoção da língua portuguesa deveu-se a critérios políticos: por um lado, foi a língua utilizada durante o processo de resistência contra o inimigo indonésio, conforme já destacamos, e, por outro, era língua utilizada nas missas da igreja católica, instituição que teve papel fundamental na proteção dos leste-timorenses durante os episódios de violência perpetrados pelo exército indonésio.

Em função dessas características, consideramos relevante voltarmos ao trabalho de Hall (op. cit.), no qual ele discute, ainda que em um contexto distinto do leste-timorense, mas perfeitamente adequado a ele, que a cultura nacional constitui-se por uma estrutura de poder cultural, pois: a) a maioria das nações sempre foi composta por diferentes culturas unificadas apenas a partir de um longo e violento processo de dominação; b) as nações são sempre compostas por diferentes classes sociais, diferentes etnias e gêneros; c) sendo anteriormente centros imperiais ou neoimperiais, as nações exerceram seu poder hegemônico, silenciando as demais culturas dos povos colonizados. A partir dessas três premissas fundamentais, depreende-se que a tarefa de forjar identidades nacionais é também legitimada por meio de uma força coercitiva. Observa-se, assim, que no processo de construção das representações identitárias estão implicadas, de forma intrínseca, relações de poder. São as representações levadas adiante por um grupo dominante (política e/ou social e/ou economicamente) que se naturalizam no interior das culturas e se constituem como “verdades”.

A partir dessas considerações, verifica-se que a identidade nacional depende desse sistema unificador das representações culturais e que a afirmação de uma identidade nacional vincula-se a uma necessidade de preservação e pertencimento. Por meio da representação de significados de uma nação, a identidade nacional sustenta o sentimento de comunidade, de uma memória coletiva.

Nesse sentido, então, a linguagem, fornecedora de elementos culturais e de representações, como afirma Hall (2006), constitui uma prática significativa, na qual o sentido é produzido e constantemente renovado. A representação é o sistema pelo qual o sentido de uma cultura é articulado e, nesse caso, ele é responsável pela concepção de uma identidade cultural e por uma ideia de pertencimento.

Para Gunn (2011, p. 24), por fim, o “problema da identidade” não é somente causado pelo fato de Timor-Leste ter se tornado independente recentemente ou pelo passado complicado, mas também pelas diferentes combinações presentes na sociedade seja em nível linguístico, seja em âmbito religioso. Desse ponto de vista, pode-se dizer que Timor-Leste é, por conseguinte, uma sociedade caracterizada por “múltiplas identidades”.

3. Processos convergentes: a Linguística Sistêmico-Funcional como suporte para o estudo da identidade

O ser humano, a partir de sua necessidade de nomear e referenciar verbalmente as coisas do mundo, desenvolveu formas cada vez mais complexas de subjetivá-lo. Em sua tentativa de verbalizar ações, sentimentos, lugares, estados de espírito, pessoas, acontecimentos, estabelece suas convicções e revela o lugar discursivo a partir do qual enuncia o seu discurso. A partir dessas considerações, iniciamos nesta seção a análise dos processos de relacionados à metafunção ideacional, no discurso proferido por Xanana Gusmão, de 13 de outubro de 1982.

Para Halliday e Matthiessen (2004), os recursos de que dispõe a Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF) possibilitam uma análise crítica de textos e privilegiam a observação dos fatores de funcionamento de diversos aspectos da prática discursiva, porque possui ferramentas para que, durante o processo analítico, sejam consideradas particularmente as escolhas léxico-gramaticais dos interlocutores. Alertam os autores, todavia, que essas escolhas, socialmente motivadas e estruturalmente organizadas no sistema linguístico, operam em todos os níveis do discurso: léxico-gramatical e semântico-discursivo e é a partir delas que se verificam os recursos linguísticos utilizados em uma manifestação discursiva.

A partir do posicionamento de Halliday e Matthiessen (2004), reconhece-se que, no âmbito da LSF, a linguagem assume-se como um sistema sociosemiótico e constitui uma trama de relações entre signos na qual significados são articulados e compartilhados em um determinado contexto de cultura (HALLIDAY e HASAN, 1989, p. 4). Nessa perspectiva, a LSF procura compreender a língua a partir de sua função na sociedade, a qual está intrinsecamente ligada à cultura do falante.

Considerando-se que neste trabalho objetiva-se estabelecer uma interface entre o estudo da identidade e os pressupostos teórico-metodológicos da LSF, não se pode deixar de observar que a utilização da linguagem realiza-se em dois contextos distintos, mas imbricados, a saber: Contexto de Cultura e Contexto de Situação.

Para Cunha e Souza (2011, p. 21), o Contexto de Cultura pode ser compreendido como “a soma de todos os significados possíveis de fazer sentido dentro de uma cultura particular”, enquanto o Contexto de Situação é mais específico, nele o significado se estabelece por intermédio da relação entre os componentes de um cenário e a linguagem utilizada pelos participantes do processo discursivo. Devido a essas especificidades, no Contexto de Situação, estão delimitados três elementos responsáveis pela distinção de diferentes gêneros: o campo, a relação e o modo, os quais estão alocados em um nível extralinguístico, isto é, são categorias abstratas, materializadas na /pela linguagem.

A variável campo relaciona-se ao que acontece, ao assunto tratado pelos enunciadores e à natureza da ação realizada. A relação refere-se à conexão estabelecida entre os participantes do processo discursivo, os papéis assumidos por eles, e desses com o que está sendo realizado. O modo, por sua vez, diz respeito à

maneira como ocorre a interação, ao canal utilizado para esse fim e ao texto compartilhado entre os enunciadores.

Neste artigo, apesar de reconhecermos que todas essas dimensões estão interligadas, por termos como intenção estudar a transitividade, trataremos exclusivamente da metafunção ideacional e de seus processos.

3.1 A Metafunção Ideacional

A metafunção ideacional está centrada na variável de campo. Nessa metafunção, a oração é concebida como uma forma de representação do mundo: é possível representar pessoas, objetos, lugares e todos os tipos de sujeitos socialmente engajados, bem como as relações que esses sujeitos estabelecem entre si, sejam elas físicas, psicológicas, abstratas, comunicativas, etc. Assim, ao discutirem os componentes fundamentais de significado, Halliday e Matthiessen (2004) afirmam que a metafunção ideacional ocupa-se da oração na sua função experiencial, como um meio de representar padrões de experiência, o que se coaduna à perspectiva defendida por Hall ao tratar das questões identitárias.

Uma das propriedades fundamentais da língua é habilitar os seres humanos a construir um quadro mental da realidade para dar sentido à sua experiência. Para Halliday e Matthiessen (2004), a oração é a unidade gramatical mais significativa, nesse processo, porque materializa um princípio geral de modelagem da experiência, isto é, o princípio de que a realidade é composta de processos ordenados no sistema semântico da língua e expressos por meio da gramática da oração, a qual, além de ser um modo de ação, é também um modo de reflexão. Dessa forma, a metafunção ideacional materializa-se por meio do sistema gramatical de transitividade, sobre o qual discorreremos a seguir.

3.1.1 O Sistema de Transitividade

Entendido como uma sucessão de relações semântico-pragmáticas estabelecidas entre termos gramaticais manifestados por uma diversidade sintagmática – verbal, nominal, adjetival, preposicional e adverbial –, o sistema de transitividade constitui-se pela relação entre: participantes, processos e circunstâncias. Esse sistema “constrói o mundo de experiências gerenciável pelos tipos de processos” (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 170).

Segundo Cunha e Souza (2011), a LSF concebe o sistema de transitividade como a categoria da léxico-gramática que permite a identificação das ações e atividades humanas expressas no discurso e da realidade tratada por/nesse discurso, essa identificação ocorre por meio dos participantes, processos e circunstâncias.

Um ponto central para o estudo do Sistema de Transitividade é a questão da escolha, a qual está diretamente relacionada ao caráter probabilístico do uso da língua, pois, ao construir um significado por meio

de um item lexical, o orador o faz por meio de uma escolha dentre outras prováveis disponibilizadas pelo sistema linguístico. Essas escolhas, entretanto, nem sempre ocorrem de forma consciente e estão, de certo modo, constrangidas por uma série de fatores contextuais, que aumentam ou diminuem a probabilidade de certos recursos serem utilizados de forma x ou y e interpretados de forma x ou k.

Para Halliday e Matthiessen (2004), o sistema de transitividade constrói o mundo da experiência em um conjunto manejável de tipos de processos que são reconhecidos na língua e pela estrutura sintático-semântica básica por meio da qual eles são expressos. Essa estrutura consiste em três componentes: o processo propriamente dito, os tipos de participante e as circunstâncias associadas ao processo na oração. A partir dessa perspectiva, os conceitos de processo, participante e circunstância devem ser compreendidos como categorias léxico-gramaticais que explicam, de maneira bem ampla, como os fenômenos do mundo real são representados sob a forma de estruturas linguísticas.

3.1.1.1 A Transitividade e seus Processos

Para o desenvolvimento deste trabalho, consideraremos, dentro da metafunção ideacional, apenas os Processos Material, Mental e Relacional, sobre os quais discorreremos sucintamente a seguir.

a) Processos Materiais

Esses processos representam as ações de um Ator (participante que realiza uma atividade) e, por isso, estão relacionados ao *fazer algo*. Tais processos são, de modo geral, responsáveis por mudanças no mundo exterior, as quais acontecem por meio de atividades concretas ou com caráter abstrato. Os processos materiais expressam a noção de que alguma entidade faz algo à outra e, por isso, há um participante obrigatório que realiza uma ação: o Ator, em direção a um outro participante: a Meta.

b) Processos Mentais

Os Processos Mentais, para Halliday e Matthiessen (2004), expressam as atividades relativas ao mundo interior, tais como *pensar, perceber, sentir, ver* etc. Neles há dois participantes: o Experienciador, um ser consciente, que experiencia o pensar, o perceber, o sentir, o ver, entre outros; e, o Fenômeno, aquilo que é pensado, percebido, sentido, percebido.

c) Processos Relacionais

Os Processos Relacionais estão associados às noções de *ser* e *estar*. Relacionam duas entidades, atribuindo uma à outra identificações, classificações do mundo, e, a partir dessa atribuição, identifica-se ou classifica-se uma dessas entidades. O significado central das orações desse tipo é aquele de que alguma coisa

é algo. Segundo Halliday e Matthiessen (2004), toda língua acomoda, na sua gramática, um número de modos distintos de ser, expressos com tipos diferentes de Processos Relacionais na oração.

4. Discurso de resistência: processos, participantes e circunstâncias

A fim de procedermos às análises dos processos que compõem a metafunção ideacional e sua participação na construção da identidade leste-timorense em torno dos quais se desenvolve o discurso de Xanana Gusmão, apresentamos a quantificação e a porcentagem de ocorrências desses processos. Ao longo do discurso foram identificados 61 processos entre os selecionados para análise, os quais estão discriminados e quantificados na Tabela 1.

Tabela 1 - Tipos de Processo e Número Ocorrências

Processos	Número de Ocorrências
Material	34
Mental	6
Relacional	21
TOTAL	61

Em função das limitações impostas a este trabalho, para a análise do *corpus* selecionamos apenas 20 processos das 61 ocorrências verificadas. Serão utilizadas apenas 7 amostras de cada um dos Processos Material e Relacional (que são os mais numerosos) e 3 do Processo Mental, apresentados a seguir:

Processos	Excertos
<p>Materiais</p>	<p>[1] Centenas de milhares de patriotas deram suas vidas para a nossa Pátria</p> <p>[2] Após o manto de sangue cobrir o solo sagrado da nossa querida Pátria, e sobre as cinzas dos seus mártires, o Povo Maubere, sua resistência armada e a liderança depois de um período difícil e doloroso, já voltaram a levantar a resistência armada.</p> <p>[3] Os indonésios assassinos, cometendo todo tipo de barbaridades em Timor-Leste, em formas mais abomináveis, não tiveram nenhuma restrição a sua fúria em exterminar o Povo Maubere.</p> <p>[4] Os indonésios assassinos exterminaram o Povo Maubere.</p> <p>[5] O agressor vândalo tenta em vão esconder do mundo milhares de casos de exílio, prisão, tortura, massacre, perseguição e ameaças constantes.</p> <p>[6] A consciência Maubere e seu ódio mortal do inimigo umentam.</p> <p>[7] Aqueles crianças deram suas vidas defendendo sua pátria.</p>
<p>Mentais</p>	<p>[8] Sabemos o quanto vocês se preocupam com a nossa pátria amada!</p> <p>[9] Vocês se preocupam com a nossa pátria amada!</p> <p>[10] Sabemos de seus esforços para solicitar, aos países amigos e aos governos, dos aliados naturais e às nações anticoloniais, aos amantes da paz e do progresso, o apoio necessário.</p>
<p>Relacionais</p>	<p>[11]</p>

	<p>Por sete anos, o Povo Maubere tem sido dizimado [12] Hoje, o fogo libertador de nossas armas foi reacendido em todo o território. [13] O Povo Maubere está política, moral e militarmente preparado. [14] Tudo isto constitui uma prova eloquente da crescente rejeição do novo ocupante da Pátria. [15] As ações políticas e militares da gloriosa Falintil contra os criminosos soldados de Jacarta tornam-nos cada vez mais impotentes. [16] A situação atual é de instabilidade para o inimigo e insegurança nas aldeias controladas pelo agressor. [17] Resistir é vencer!</p>
--	---

4.1 Análise dos Processos

Conforme se observa na Tabela 2, os Processos Materiais predominam no *corpus*. Uma primeira possibilidade de explicação para esse fenômeno é o fato de que os Processos Materiais estão intrinsecamente relacionados à expressão de experiências do mundo vivido, físico-social. No caso, Xanana Gusmão, do lugar de líder da guerrilha armada, enuncia, por meio de uma narrativa de caráter mítico, os avanços realizados pela resistência contra o inimigo indonésio. Nesse sentido, pode-se observar que os Processos Materiais basicamente contribuem, por um lado, para a construção de um ethos negativo, cruel e desumano dos indonésios e, por outro, ressalta a resiliência, a coragem e o ímpeto do povo leste-timorense frente a um opositor tão sanguinário, como se observa nos excertos **[01]** a **[07]**, sem exceção.

Participam também da edificação da imagem negativa do inimigo as circunstâncias expressas nos fragmentos **[2]**: “Após o manto de sangue cobrir o solo sagrado da nossa querida Pátria, e sobre as cinzas dos seus mártires”, e **[3]**: “cometendo todo tipo de barbaridades em Timor-Leste, em formas mais abomináveis”.

Como veremos melhor adiante, na análise dos Processos Relacionais, Xanana Gusmão busca construir um contexto em que, apesar de todas as adversidades, das mortes de inocentes (“crianças deram suas vidas pela pátria”), é preciso continuar resistindo, trata-se de um discurso de “elevação da autoestima” e de motivação dos que se opõem ao regime indonésio, o “Povo Maubere”. Busca-se, por meio de uma prática discursiva, (re)construir/(dis)simular a percepção da realidade, criar uma nova referência, que coloque as tropas de resistência em posição superior à do invasor estrangeiro, quer seja pelo espírito abnegado e inerentemente perseverante do povo leste-timorense, quer seja pelo fato de que os membros da guerrilha de resistência conhecem melhor o território que os indonésios, o que lhes assegura uma vantagem na execução de estratégias de combate. Além disso, é fundamental àqueles a quem o discurso se destina reconhecer a importância da resistência e o valor daqueles que, devotadamente, deram suas vida em defesa

da pátria, como destacam os excertos [01]: “Centenas de milhares de patriotas deram suas vidas para a nossa Pátria” e [07] “Aquelas crianças deram suas vidas defendendo sua pátria.”

Ainda com base nos Processos Materiais, o enunciador reforça a ideia de que os leste-timorenses apenas reagiram a uma ocupação indesejada de seu território. Ou seja, os invasores operaram uma transformação da realidade, que era de paz, liberdade e independência, e que foi convertida em guerra, opressão e subjugação. Nesse sentido, é, em termos argumentativos, interessante observar o núcleo verbal de [5]: “**tenta**, em vão, **esconder**”. Apoiado na locução “tenta esconder”, o orador explicita que as investidas do inimigo não se concretizam nem no plano material nem no plano da ideias, pois é vã a tentativa de ocultar do mundo as atrocidades contra os Direitos Humanos perpetradas pelos indonésios no território leste-timorense .

Passando-se aos Processos Relacionais, destacamos o fato de esses participarem da construção de estados de identidade e, em função disso, associados aos processos materiais, contribuem para a compósito argumentativo do discurso de Xanana Gusmão.

Os Processos Relacionais indicam o caráter descritivo do discurso e contribuem para o desenvolvimento da narrativa enunciada por Xanana Gusmão, já destacada na análise dos Processos Materiais. A respeito dessa inter-relação entre os processos, consideramos, com base nos estudos de Thompson (1998), que as escolhas linguísticas realizadas pelo orador sustentam umas às outras, ajudando a consolidar um determinado tom, que perpassa todo o discurso. Desse modo, o autor de um texto, inconscientemente, cria uma imagem — por exemplo, exércitos invadindo cidades ou inocentes perdendo a vida — e opta consistentemente por fraseados que mantenham o tom dessa imagem, tal como é possível observar nos excertos [3]: “Os indonésios assassinos, cometendo todo tipo de barbaridades em Timor-Leste, em formas mais abomináveis, não tiveram nenhuma restrição a sua fúria em exterminar o Povo Maubere” [11]: “Por sete anos, o Povo Maubere tem sido dizimado.”.

Por meio da análise dos excertos [3] e [11], observa-se um continuum semântico, que contribui para a construção do cenário em torno do qual o discurso de Xanana Gusmão se desenvolve. Isso permite que diferentes processos realizem funções semelhantes, o que se apoia na necessidade de se representar os participantes de forma similar em mais de um tipo de processo.

Conforme já havíamos destacado na análise dos Processos Materiais, Xanana Gusmão, objetiva, em seu discurso, forjar um contexto que soe favorável aos leste-timorenses em detrimento dos indonésios, sendo assim, os excertos supracitados revelam que o orador visa a ratificar o posicionamento de resistência e o preparo em todas as frentes do “Povo Maubere”, o que lhe permitiu enfrentar “os criminosos soldados de Jacarta”, desestabilizando-os, tornando-os impotentes e, assim, assegurando, por extensão, a vitória das forças de resistência. Nesse caso, não se pode precisar (ou não se deseja fazê-lo) se, de fato, a situação é

mesmo favorável aos leste-timorenses. O que importa é fazer crer que a realidade é tal qual à apresentada por Xanana Gusmão.

Vale destacar que, em todas as orações relacionais, os verbos foram flexionados no presente ou no pretérito perfeito do modo indicativo. Nesse sentido, é relevante considerar que essas escolhas gramático-lexicais contribuem para o direcionamento argumentativo do discurso, que assume a característica de verdade, de certeza de que os fatos relatados, desenvolvidos através do tempo, se já não aconteceram (pretérito perfeito ou a utilização do presente em referência a um passado histórico recente), estão em curso e dados como certos (presente). Trata-se, assim, de uma estratégia baseada em um jogo de representações, por meio do qual Xanana Gusmão objetiva a fazer-se crível e, com isso, além de justificar a continuidade das ofensivas de defesa contra o invasor indonésio, angariar apoio popular e institucional, sobretudo internacional, à luta do “Povo Maubere”.

A predominância dos Processos Relacionais, por fim, denota que a construção dos referentes do discurso (em relação aos participantes) cumpre o papel de torná-los singulares, garantindo-lhes especificidades, uma vez que não se estabelecem relações de igualdades entre os participantes dos processos, constituindo, portanto, um domínio particular de experiência. Desse modo, aos serem referidos como eventos particulares, tais processos participam da argumentação desenvolvida no discurso, destacando os feitos da resistência. Assim, diante do fato incontestado de que, [11]: “Por sete anos, o Povo Maubere tem sido dizimado”, não restam dúvidas de que, apesar de todos os entraves, [17]: “Resistir é vencer!”.

No que se refere aos Processos Mentais, são predominantemente cognitivos, estanciados pelo verbo “saber”, o que se observa em 3 das 6 ocorrências totais desse processo. Para Halliday e Matthiessen (2004), os Processos Mentais prestam-se à construção do mundo da consciência do falante, em um nível individual. Assim, ao longo do discurso, observa-se que os processos mentais são mais raros, entretanto, quando mobilizados, participam da expressão de experiências internas, no nível da consciência ou dos sentimentos, de um “nós”, que representa a totalidade dos leste-timorenses que se opõem ao regime ditatorial imposto pelo governo indonésio. Desse modo, os Processos Mentais colaboram para a construção do sentido do discurso e, em conformidade com o Contexto de Situação, evidenciam a certeza compartilhada pelo experienciador de que há uma mobilização coletiva em prol da luta leste-timorense, combinando-se às ações dos Processos Materiais e às descrições realizadas pelos processos relacionais para externalizar o ponto de vista do orador.

4.2 Análise dos Participantes

Nos Processos Materiais, observou-se que os participantes estão assim distribuídos: na maior parte das ocorrências selecionadas, o Ator está representado por um grupo nominal que se refere a um ser humano

diretamente. Em apenas duas ocorrências ele se instancia sob a forma de uma característica que remete diretamente ao ente humano. Nos casos em que o Ator relaciona-se ao povo leste-timorense e/ou aos guerrilheiros, ele é representado por uma expressão nominal remissiva que encapsula a totalidade da nação, quer seja por meio da indeterminação “Centenas de milhares patriotas”; “Aqueles crianças”, quer seja pela determinação: “o Povo Maubere”.

Em referências aos inimigos indonésios, os Atores são determinados, portanto, conhecidos. Estabelece-se discursiva e ideologicamente uma diferença entre o “Povo Maubere” e o “agressor vândalo”. Observa-se que a presença de atores identificados justifica-se, por um lado, pela necessidade de se marcar com clareza quem é o “nós” e quem são os “outros” tanto no âmbito do discurso quanto no da luta armada; por outro, para realizar o contraste, já que os identificativos permitem que se identifique um participante dentro de um grupo de pertencimento. Nesse sentido, merecem destaque os elementos qualificativos associados aos núcleos dos sintagmas nominais que compõem os processos em que o Ator é o inimigo, conforme se verifica nestes trechos em negrito: “Os indonésios **assassinos**” e “agressor **vândalo**”.

Passando-se aos Processos Mentais, observou-se a seguinte configuração: os experienciadores devem ser humanos e capazes de sentir, pensar ou perceber algo. Dessa forma, pode-se observar que nos excertos extraídos do corpus há apenas um experienciador implícito e os outros dois são instanciados por sintagmas nominais pronominais: “Nós” e “Vocês”.

Na situação em que o Experienciador está representado por “Nós”, tanto no caso em que está explícito, quanto no implícito, observa-se que se trata de um caso exclusivo, ou seja, o pronome (nós) representa exclusivamente o conjunto de vozes dos guerrilheiros, sintetizado na figura de Xanana Gusmão, não a de todos os leste-timorenses, o que é reforçado pelo emprego de “vocês”, na oração encaixada que constitui o fenômeno do qual o “Nós” é Experienciador.

Considerando-se Processos Materiais, o fato de haver uma preponderância de participantes como identificados aloca o discurso no âmbito do já conhecido, reforçado pelo emprego de elementos determinantes definidos na composição dos sintagmas nominais, destacados a seguir “o fogo libertador de nossas armas”; “**O** Povo Maubere”; “**As** ações políticas e militares da gloriosa Falintil contra os criminosos soldados de Jacarta”; “**A** situação atual”. A partir dessa identificação, verifica-se, por conseguinte, que o discurso de Xanana Gusmão manifesta a interação entre participantes da luta armada e desses com a sociedade leste-timorense.

Ao final do discurso, Xanana Gusmão assevera que Resistir é vencer. São dois sintagmas verbais que projetam ideias abstratas, em um processo de identificação em que a resistência é o dado conhecido, vivo e experienciado, enquanto a vitória constitui um projeto que será conquistado a partir da resistência, da adesão e da confiança dos que lutam em prol da autodeterminação do país.

Considerações Finais

A partir da análise de processos e participantes identificados no discurso de Xanana Gusmão, entendemos que a construção da identidade nacional em Timor-Leste deve ser entendida, à luz de seu histórico político, uma vez que o país tem uma longa história recente de colonialismo, como resultado de conflitos e violações dos Direitos Humanos, considerando-se, inclusive, o momento específico em que o discurso foi realizado, oito anos após a invasão indonésia e dezessete antes da independência.

Os recursos teórico-metodológicos da LSF permitem a sua interface com os estudos sobre identidade em função de essa ser considerada uma teoria que parte da sociedade para o estudo da linguagem, de modo a entender como se estabelece a comunicação entre os indivíduos e entre esses e a sociedade.

Os excertos analisados explicitam, do ponto de vista do orador, uma vigorosa empreitada na delimitação das identidades dos participantes: os leste-timorenses, como Povo Maubere (sempre com as iniciais em caixa alta), açoitado por um regime cruel, que dizima inocentes e cujo principal agente é o inimigo, referenciado como agressor vândalo, ocupante da pátria, indonésios assassinos. Nesse sentido, vale retomar a perspectiva de Hall (2006) a respeito da linguagem como fornecedora de elementos culturais e de representações e constitutiva de uma prática significativa, na qual o sentido é produzido e constantemente renovado. O sentido, nesse caso, é o elemento responsável pela concepção de uma identidade cultural e por uma ideia de pertencimento a uma classe que luta, na clandestinidade, para a manutenção do patrimônio cultural (já que uma das medidas do regime indonésio foi proibir a utilização do idioma português, o qual foi adotado como língua de resistência pelos integrantes da Falintil) e político (recuperação da independência).

As análises realizadas neste trabalho apontam para a importância de se considerar o modo como são instanciados, dentro da Metafunção Ideacional, os processos e os participantes, com destaque para os materiais e relacionais, no discurso revolucionário de Xanana Gusmão, tendo-se como escopo a orientação argumentativa subjacente a eles.

Nesse contexto, vale destacar que a construção de sentido e a eficiência dos argumentos envolvidos na edificação da identidade leste-timorense necessitam da existência, ainda que parcialmente, de valores, crenças e referências comuns entre os participantes do processo discursivo.

Por meio de um procedimento de inclusão/exclusão, o orador estabelece em seu discurso um evidente contraste entre um “nós” exclusivo, com o qual se encontra fortemente amalgamado, e um “vocês”, que se refere genericamente à audiência. A presença do inimigo é discursivamente marcada por sintagmas nominais acompanhados de elementos qualificativos (indonésios assassinos, agressor vândalo), que também fomentam a imagem negativa do invasor. Verifica-se, assim, que, por meio de uma análise centrada nos procedimentos teórico-metodológicos da LSF, pode-se reconhecer a linguagem como um fenômeno sociosemiótico capaz de (re)construir objetos de discurso e de participar da edificação de identidades.

Referências bibliográficas

- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- CHOMSKY, Noam. **East Timor and the Western Democracies**. Nottingham: Bertrand Russel Peace Foundation, 2002.
- CUNHA, Maria Angélica da; SOUZA, Maria Medianeira de. **Transitividade e seus contextos de uso**. Col. Leituras Introdutórias da Linguagem. Vol. 2. São Paulo: Cortez, 2011.
- FUZER, Cristiane e CABRAL, Sara Regina Scotta (org.). **Introdução à Gramática Sistemico-Funcional em língua Portuguesa**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Departamento de Letras Vernáculas, Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa, 2010.
- GUNN, Geoffrey. Língua e cultura na construção da identidade de Timor-Leste. **Revista de Letras e Culturas Lusófonas Camões**, Timor Lorosa'e, n.14, Junho-Setembro 2001, p.14-25.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- HALLIDAY, Michael; MATTHIESSEN, Christian. **Introduction to functional grammar**. London: Routledge, 2004.
- HALLIDAY, Michael; HASAN, Ruqaiya. **Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- SILVA, Kelly Cristinane. A bíblia como constituição ou a constituição como bíblia? Projetos para a construção do Estado-Nação em Timor-Leste. In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 13, n. 27, p. 213-235, Jan/Jun 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832007000100010&lng=en&nrm=iss>. Acesso em: 09 jul. 2015.
- SAKAMOTO, Leonardo Moretti. **Independência de Timor Leste: um estudo sobre as causas de sucesso da resistência timorense na luta contra a Indonésia**. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- SPOLSKY, Bernard. **Sociolinguistics**. Oxford: Oxford University Press, 1998.
- THOMPSON, Geoff. Resonance in text. In: SÁNCHEZ-MACARRO, Antonia; CARTER, Ronald (eds.) **Linguistic choice across genres: variation in spoken and written English**. John Benjamins, 1998.

Anexos

Anexo I – Discurso de 13 de outubro de 1982

13 de outubro de 1982.

Camaradas, membros do Governo Revolucionário da República Democrática de Timor-Leste, Patriotas de Timor-Leste!

Em nome dos membros do Conselho Nacional da Resistência Revolucionária, e de todo o pessoal militar e civil; em nome da gloriosa Falintil e da heróica - a mil vezes heróico - Povo Maubere, eu saúdo, com grande satisfação pessoal e de confiança, os membros da Delegação Externa do Governo Revolucionário de República Democrática de Timor-Leste que estão envolvidos, todos os filhos de Timor-Leste, que de longe continuaram a seguir com tristeza e orgulho os feitos heróicos de seus irmãos e irmãs.

Temos tomado, sem pompa e cerimônia, um outro grande passo para a vitória do Povo Maubere, uma certa e inevitável vitória enraizada na determinação inabalável do heróico e amado Povo Maubere. Esta vitória resulta sobre o dom sagrado daquelas crianças que deram suas vidas defendendo sua pátria e é cimentado por ofertas generosas de sangue fértil de seus heróis.

Durante sete longos anos, Timor Leste foi devastado pelo horror de uma guerra genocida, sustentada pela camarilha sanguinária de Suharto. Por sete anos, o Povo Maubere tem sido dizimado por seus executores indonésios, mas também provou ao mundo sua vontade indomável para derrotar o agressor bárbaro e afirmar seu forte e total repúdio à ocupação militar realizada pelo expansionismo colonial javanês.

Centenas de milhares de patriotas deram suas vidas para a nossa Pátria: a partir dos membros heróicos do sábio, intrépido e glorioso Comité Central da Fretilin, nomeadamente os nossos companheiros amados, Nicolau Lobato, Mau Lear e Bieky Sahe, aos guerrilheiros das Falintil valorosos; a partir das dezenas de milhares de quadros da Fretilin para as massas populares: idosos, crianças, mulheres, homens, jovens e adultos que não recusaram os sacrifícios que lhes são exigidos.

Hoje continuamos a testemunhar, nos campos de concentração e nas montanhas de Timor-Leste, magnífico exemplo de patriotismo e abnegação pelos filhos desta terra, plenamente consciente de que suas mortes consolidarão nossa macha para a vitória.

Após o manto de sangue que cobre o solo sagrado da nossa querida Pátria, e sobre as cinzas dos seus mártires, o Povo Maubere, sua resistência armada e a liderança, depois de um período difícil e doloroso de campanhas que destruíram nossas bases de apoio, já voltaram a levantar a resistência armada.

Um punhado dos melhores filhos de Timor-Leste manteve-se resolutamente na intenção de lutar até o último homem e superou um período de dois anos de longa e crítica desorganização. Vindo de todas as partes do território, que reuniu em março de 1981, para a primeira Conferência Nacional. A nação foi reorganizada, as forças de libertação reestruturadas e uma nova liderança nomeada.

Hoje, o fogo libertador de nossas armas foi reacendido em todo o território e a nossa presença política ampliou-se profundamente nos campos de concentração, garantindo a organização de sólida resistência popular. Em resumo, mudaram-se para um novo nível de controle político e militar do país.

O Povo Maubere está política, moral e militarmente preparado para resistir por tanto tempo quanto for preciso para expulsar o ocupante estrangeiro criminoso e bárbaro de sua terra natal.

Os indonésios assassinos, cometendo todo tipo de barbaridades em Timor-Leste, em formas mais abomináveis, não tiveram nenhuma restrição a sua fúria em exterminar o Povo Maubere. O agressor vândalo tenta em vão esconder do mundo milhares de casos de exílio, prisão, tortura, massacre, perseguição e ameaças constantes. No entanto, tudo isto constitui uma prova eloquente da crescente rejeição do novo ocupante da Pátria. A consciência Maubere e seu ódio mortal do inimigo aumentam e consolidam-se à medida que a repressão se intensifica.

As ações políticas e militares da gloriosa Falintil contra os criminosos soldados de Jacarta tornam-nos cada vez mais impotentes, tornaram-se uma enorme dor de cabeça para seus generais. A situação atual é de instabilidade para o inimigo e insegurança nas aldeias controladas pelo agressor. Esta situação significa que temos desenvolvido uma posição estratégica de contraofensiva.

Camaradas Membros do Governo Revolucionário da República Democrática do Timor-Leste, Patriotas de Timor-Leste!

Nós sabemos o quanto vocês se preocupam com a nossa pátria amada! Nós sabemos o quanto vocês se preocupam com o futuro do nosso amado povo! Seja em países amigos ou estrangeiros, na realização do trabalho da luta ou nas outras circunstâncias, sabemos que seus pensamentos estão com a gente, certo de que vocês têm confiança na força vital e inesgotável dos timorenses que encontraram uma nova maneira de lutar por nossa libertação.

Agradecemos seus esforços incansáveis na difícil tarefa de mudar a opinião pública mundial a favor da nossa luta. Sabemos de seus esforços para solicitar, a partir de países amigos e dos governos, dos aliados naturais e as nações anticoloniais, os amantes da paz e do progresso, o apoio necessário para exigir que o governo fantoche de Jacarta implemente as resoluções imediatas da ONU em Timor-Leste. Seguimos, apesar das circunstâncias difíceis da nossa licença de luta, os seus esforços para garantir e consolidar nossas vitórias no campo diplomático contra o agressor bárbaro.

Ombro a ombro. Unidos pela mesma fé na vitória e mesmo objectivo sagrado de libertar a nossa Pátria e pessoas queridas, vamos continuar a realizar as nossas tarefas nas diversas frentes da luta com o aumento do compromisso. Vamos remover todos os obstáculos, superar as cada vez maiores dificuldades e vamos sempre enfrentar novas exigências, porque a luta continua, mais difícil e sem trégua, nas aldeias e montanhas de Timor-Leste e em todas as frentes!

Pátria ou morte!

Resistir é vencer!

Presidente do Conselho [CRRN]

Kay Rala Xanana Gusmão

Comandante-em-chefe das Falintil

Sede CRRN em Timor Leste, 12 out 1982.

Elementos para um Estudo Dialógico Discursivo da Canção Popular Brasileira

Álvaro Antônio CARETTA¹

Resumo: *Essa proposta para um estudo dialógico-discursivo da canção popular brasileira parte do conceito de gênero discursivo. Tomando as teorias sobre o dialogismo da linguagem propostas por Mikhail Bakhtin, observamos alguns aspectos presentes nos enunciados do cancioneiro popular brasileiro, particularmente aqueles do começo do século XX, considerados fundadores do modelo de canção desenvolvido no decorrer desse século. Assim, estudaremos as relações intradialógicas e interdialógicas das canções com outras canções e com outras esferas, respectivamente; o continuum entre o prosaico e o poético nas canções e o dialogismo com o plurilinguismo associado aos estilos musicais. Por se tratar de um gênero sincrético que relaciona a linguagem verbal e a musical, a canção será compreendida tendo como princípio essa característica fundamental.*

Palavras-chave: *dialogismo; discurso; canção popular; gêneros; análise textual.*

Introdução

Os estudos musicais, históricos e linguísticos da canção proliferaram, e veem-se diversas publicações voltadas para esse tema, seja na recuperação documental, seja na observação do contexto sociopolítico, seja na análise dos enunciados. Em se tratando da análise da canção, os estudos linguísticos - apesar de suas limitações metodológicas - já possibilitam análises mais científicas e objetivas. A Semiótica da Canção avançou no estudo da compatibilidade entre a letra e a melodia. A Análise do Discurso, por compreender o enunciado como produto de uma conjuntura discursiva e a enunciação como o elo entre as condições de produção e o enunciado, ofereceu a possibilidade de estudar a canção na sua relação com o contexto social e histórico, por meio da observação do posicionamento discursivo do enunciador no interdiscurso.

Dentre as diversas teorias discursivas, as ideias de Mikhail Bakhtin ainda não haviam sido contempladas no estudo da canção. Apesar de somente a partir dos anos 80 as propostas do pensador russo para o estudo dialógico da linguagem ganharem força nos estudos literários e linguísticos no Brasil, as concepções apresentadas em suas obras, escritas no decorrer do século XX, transformaram as pesquisas literárias, linguísticas e discursivas. A noção de gênero discursivo, tão cara ao pensamento bakhtiniano, está dispersa em toda a obra do Círculo de Bakhtin, entretanto o esboço elaborado pelo pensador russo em "Os gêneros do discurso" (2003 [1951-53]) registrou as suas propostas e deixou abertas as portas para o desenvolvimento dos estudos discursivos, não só dos textos linguísticos, mas também de textos sincréticos como a canção popular brasileira.

Um estudo dialógico-discursivo da canção popular brasileira deve partir do conceito de gênero discursivo, pois o gênero determina o enunciado na sua constituição estilístico-composicional e medeia as

¹ Professor Adjunto do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), onde atua na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem. E-mail: alcaretta@yahoo.com.br

relações da enunciação com as condições de produção. O trabalho com as teorias discursivas dialógicas exigiu a proposição de novas formas de abordagem da canção que dessem conta da complexidade de seu sincretismo e, ao mesmo tempo, observassem as relações entre o enunciado e seu contexto discursivo.

Sendo assim, seguindo as propostas de Mikhail Bakhtin, serão observadas neste texto as relações interdiscursivas e dialógicas presentes nos enunciados, compreendidos como manifestações de um determinado gênero discursivo. Enfocaremos basicamente três elementos para apresentar nossa proposta para o estudo dialógico-discursivo da canção popular brasileira: as relações intra e interdialógicas, a relação entre o prosaico e o poético e o plurilinguismo como fonte do fazer cancional.

1. As relações dialógicas

As relações dialógicas na canção popular podem ocorrer entre enunciados de mesmo gênero dentro da própria esfera ou entre enunciados de gêneros e esferas distintas; assim observaremos como a canção popular dialoga não só com outras canções, mas também com enunciados de outras esferas coatuantes no processo da comunicação social. Às relações dialógicas entre as canções dentro da esfera musical, propomos chamar de intradialogismo, e às relações entre a canção e gêneros de outras esferas, interdialogismo.

Para estudarmos as relações intradialógicas e interdialógicas na canção popular, trabalharemos com os conceitos de intertextualidade e interdiscursividade. Frente à diversidade de sentidos que essas noções adquiriram nos estudos discursivos no decorrer do século XX, seguiremos o mesmo raciocínio de Fiorin:

Se em Bakhtin há uma distinção entre texto e enunciado e este pode ser aproximado ao que se entende por interdiscurso - já que se constitui nas relações dialógicas, enquanto aquele é a manifestação do enunciado - a realidade imediata dada ao leitor, pode-se fazer uma diferença entre interdiscursividade e intertextualidade. Aquela é qualquer relação dialógica entre enunciados; esta é um tipo particular de interdiscursividade, aquela em que se encontram num texto duas materialidades textuais distintas. Cabe entender que, por materialidade textual, pode-se entender um texto em sentido estrito ou um conjunto de fatos linguísticos, que configura um estilo, um jargão, uma variante linguística, etc. O caráter fundamentalmente dialógico de todo enunciado do discurso impossibilita dissociar do funcionamento discursivo a relação do discurso com seu outro (FIORIN, 2006, p.191).

Dessa forma, compreendemos que, na intertextualidade, um enunciado apresenta excertos de outros, citando-os, estilizando-os ou aludindo a eles. Na interdiscursividade, um enunciado relaciona-se com outro por meio de suas características discursivas - gênero, estilo, avaliação social, interação enunciativa etc.

As relações intradialógicas, que ocorrem entre canções no interior da esfera musical, podem ser realizadas por intertextualidade ou interdiscursividade. No primeiro caso, a citação de outras canções é um recurso usado desde o começo do século, como observaremos na polca “No bico da chaleira”, de Juca Storoni, composta para o carnaval de 1909:

Iaiá me deixa subir nesta ladeira
Eu sou do bloco que pega na chaleira

Quem vem de lá
 Bela iaiá
 Ó abre alas
 Que eu quero passar
 Sou Democrata
 Águia de Prata
 Vem cá, mulata
 Que me faz chorar

O processo de composição dessa canção permite-lhe dialogar com outras do repertório carnavalesco da primeira década do século XX. A intertextualidade ocorre na citação da marchinha “Ó abre-alas”, de Chiquinha Gonzaga - *Ó abre alas/ que eu quero passar* -, sucesso carnavalesco dez anos antes, e na passagem *Vem cá mulata*, título de um tango-chula do próprio compositor e no verso *Que me faz chorar*, resgatado de uma quadrinha anônima de grande popularidade nos carnavais da primeira década do século XX :

Há duas coisa
 Que me faz chorá
 É nó nas tripa
 E batalhão navá [...]

A interdiscursividade, processo dialógico em que um enunciado remete a outro, porém sem apresentar passagens textuais como na intertextualidade, pode ocorrer de diversas formas na canção popular brasileira. Por exemplo, por meio da avaliação axiológica dos temas abordados nas canções. Observamos esse processo com o tema do amor. Em “Esses moços”, samba-canção de Lupicínio Rodrigues, de 1948, o amor é tratado disforicamente e associado à infelicidade, por iludir e trazer apenas sofrimentos:

Esses moços, pobres moços
 Ah! Se soubessem o que eu sei
 Não amavam, não passavam
 Aquilo que eu já passei [...]

O amor é avaliado dessa forma em diversas canções, fato que promove a interdiscursividade entre elas. Como na canção “Nada além”, de Custódio Mesquita e Mário Lago, de 1936:

Nada além
 Nada além de uma ilusão
 Chega bem
 E é demais para o meu coração.
 Acreditando em tudo que o amor
 Mentindo sempre diz
 Eu vou vivendo assim feliz
 Na ilusão de ser feliz

Se o amor
 Só nos causa sofrimento e dor,
 É melhor, bem melhor
 A ilusão do amor
 Eu não quero e não peço

Para o meu coração,
Nada além
De uma linda ilusão...

A interdiscursividade não se estabelece apenas quando um discurso confirma outro. Quando isso ocorre, a relação é contratual; porém, quando duas canções apresentam avaliações antagônicas, dizemos que a relação é polêmica, como ocorre, por exemplo, entre “Esses moços” e “Carinhoso”, uma vez que esta canção apresenta a conjunção amorosa como sinônimo de felicidade:

[...]
Vem matar essa paixão
Que me devora o coração
E só assim então
Serei feliz, bem feliz.

A interação enunciativa, processo em que os enunciados exercem a função de réplicas do diálogo, também é um procedimento importante para a constituição intradialógica do cancionário popular brasileiro. Na primeira metade do século XX, as polêmicas musicais são exemplos desse processo que obrigatoriamente pressupõe a interdiscursividade e facultativamente explora a intertextualidade no dialogismo entre os sambas-resposta.

Na década de 30, uma das mais famosas querelas da música popular brasileira foi protagonizada pelos compositores Noel Rosa e Wilson Batista e iniciada por este, com a gravação, em 1933, do samba “Lenço no pescoço”, que fazia uma apologia à malandragem:

Meu chapéu do lado
Tamanco arrastando
Lenço no pescoço
Navalha no bolso
Eu passo gingando
Provoco e desafio
Eu tenho orgulho
Em ser tão vadio

Noel Rosa responde com “Rapaz folgado”, naquele ano, mas só gravado em 1938 por Araci de Almeida:

Deixa de arrastar o teu tamanco
Pois tamanco nunca foi sandália
E tira do pescoço o lenço branco
Compra sapato e gravata
Joga fora esta navalha que te atrapalha

Já as relações interdialogicas são as relações dialógicas que o discurso da canção estabelece com discursos de outras esferas discursivas, constituindo-se e constituindo-os ao mesmo tempo. No primeiro caso, o discurso da canção apropria-se de enunciados de outras esferas; no segundo, empresta-lhes.

As relações interdialogicas do discurso da canção com outras esferas, particularmente a do cotidiano, são bastante produtivas, pois é nela que, muitas vezes, os compositores buscam os elementos para a produção dos enunciados - temas, expressões, entonações etc. A constituição dialógica de “No bico da chaleira” representa esse processo. Na passagem *Eu sou do bloco que pega na chaleira*, a expressão *pega na chaleira* só pode ser compreendida no dialogismo com as esferas política e prosaica da época, deixando evidente a importância do tema para o sentido do enunciado.

Alencar (1979, p. 102) esclarece que a expressão "pega na chaleira" remete ao grupo político do Senador Pinheiro Machado, chefe do Partido Republicano Conservador. As expressões, "chaleira", "chaleirar" e "pegar no bico", usadas à época com o sentido de "puxa-saco" e "puxar o saco", foram cunhadas devido a anedotas sobre a adulação dos partidários para com o senador. Nas reuniões, eles disputavam tão afobadamente a preferência ao servir-lhe água para o chá que pegavam no bico quente da chaleira, queimando-se.

O discurso da canção popular na primeira metade do século XX constituía-se dialogicamente com outras esferas na sociedade, como o teatro de revista. Essa esfera discursiva, caracterizada pela intersecção entre a esfera musical e a teatral, era ao mesmo tempo constituída pelo discurso da canção popular e constitutiva dele. O sucesso de uma canção frequentemente originava a criação de uma revista musical, processo interdialogico que ocorreu, por exemplo, com a própria polca “No bico da chaleira”, que originou a peça “Pega na chaleira”, de Raul Pederneiras e João Cláudio, levada ao palco do Teatro Apolo em novembro de 1909.

O dialogismo do discurso da canção popular com o cinema, assim como ocorreu com o teatro de revista, também era constituinte e constituído. Muitas canções de sucesso eram levadas às telas de cinema para atrair o público, como no filme “Pega na chaleira”, de 1909, que aproveitou o sucesso da famosa polca.

2. O dialogismo entre o prosaico e o poético

Tezza (2006, p.202) defende que a relação do discurso literário com o plurilinguismo deve ser compreendida como um *continuum* da prosa absoluta até a poesia absoluta, sendo que todo enunciado encontra-se em algum ponto desse *continuum*. Na poesia predomina o poético, sempre; entretanto, pode haver uma gradação do poético para o prosaico.

O extremo poético caracteriza-se pela centralização linguística por meio de recursos como o verso, a métrica e a rima, e pelo isolamento semântico-ideológico, como voz única e soberana. Esses recursos característicos do estilo poético isolam a sua linguagem das outras, demarcando e delimitando seu território no plurilinguismo.

Para reelaborar o material linguístico do plurilinguismo com que está em constante dialogismo, o discurso poético precisa suprimir as marcas discursivas da vida ordinária. Um dos recursos mais importantes

para isso é o ritmo dos versos que caracteriza o estilo poético. O metro é uma força milenar da poesia, ponto de contato com o canto, que se afasta da linguagem comum e da fala cotidiana; “cantar é um ato que transforma o outro imediatamente em ouvinte passivo ou, no máximo, em eco da voz que canta, repetindo-lhe o refrão” (TEZZA, 2006, p.208).

Na perspectiva bakhtiniana, o discurso poético não se caracteriza apenas pela beleza das palavras, pela forma em versos, pela polissemia linguística, pela poeticidade do tema, mas principalmente pelo lugar que a linguagem do “outro” ocupa na linguagem do autor. No estilo poético, a palavra do poeta é soberana. Ela diferencia-se da voz do “outro” através de recursos estilísticos próprios, deixando claro que a voz que fala no poema é a voz do poeta, única, sem a interferência da voz do “outro”, do prosaico.

No caso do gênero canção popular, ainda que uma letra possa utilizar palavras, expressões e gêneros da língua ordinária, esses elementos são retrabalhados pelo letrista que lhes dará outra forma, outra entonação e outro ritmo poéticos.

A letra de canção mantém uma relação dialógica constitutiva com a poesia. A competência poética é um pré-requisito para um bom letrista, no entanto não é tudo, pois saber dar forma poética às palavras, frases, expressões, entonações e falares do cotidiano não basta, ele precisa adequar esse material à melodia, já que a fala poética da letra precisa ser cantada para tornar-se canção.

No plurilinguismo, a canção popular brasileira dialoga tanto com a linguagem poética quanto com a prosaica. Esse gênero discursivo exige que o estilo do enunciado seja criativo, original e poético, no entanto a letra não pode prescindir da língua falada, dos gêneros do cotidiano, pois correria o risco de perder a sua fonte de verossimilhança, o ato de fala original. Esse dialogismo da letra de canção com a língua falada e com a poesia pode oscilar do mais prosaico ao mais poético.

As construções linguísticas tomadas pelos letristas são carregadas de significados, entonações e valorações outras com que eles devem lidar, tendo em vista um enunciado poético-musical. No diálogo com a língua prosaica, a letra busca o seu material linguístico no plurilinguismo, nas expressões corriqueiras, nos gêneros do cotidiano, nas personagens populares, como na marchinha “Mamãe eu quero”, de Vicente Paiva e Jararaca, sucesso no carnaval de 1937.

Mamãe eu quero, mamãe eu quero
Mamãe eu quero mamar!
Dá a chupeta, ai, dá a chupeta
Dá a chupeta pro bebê não chorar!

Dorme filhinho do meu coração
Pega a mamadeira e vem entrar pro meu cordão
Eu tenho uma irmã que se chama Ana
De piscar o olho já ficou sem a pestana

Olho as pequenas, mas daquele jeito
Tenho muita pena não ser criança de peito

Eu tenho uma irmã que é fenomenal
Ela é da bossa e o marido é um boçal

Nessa bem-humorada marchinha, a letra tende ao prosaico. Expressões originárias das relações cotidianas entre a criança e a mãe constituem o refrão e a primeira parte: *Mamãe eu quero mamar, Dá a chupeta, Dorme filhinho*. Na segunda, o enunciador posiciona-se com expressões debochadas: *Tenho muita pena não ser criança de peito*, e marcadas por gírias: *Ela é da bossa e o marido é um boçal*. Os recursos poéticos, ainda que presentes, não são explorados potencialmente. As rimas são simples, e os recursos de estilo, escassos.

Há letras que equilibram o prosaico com o poético, como “Feitio de oração”, composta por Noel Rosa, em parceria com Vadico, gravada no ano de 1933:

Quem acha vive se perdendo
Por isso agora eu vou me defendendo
Da dor tão cruel desta saudade
Que, por infelicidade,
Meu pobre peito invade

Por isso agora
Lá na Penha vou mandar
Minha morena pra cantar
Com satisfação...
E com harmonia
Esta triste melodia
Que é meu samba
Em feitio de oração

Batuque é um privilégio
Ninguém aprende samba no colégio
Sambar é chorar de alegria
É sorrir de nostalgia
Dentro da melodia

O samba na realidade não vem do morro
Nem lá da cidade
E quem suportar uma paixão
Sentirá que o samba então
Nasce do coração.

O estilo da letra de Feitio de oração oscila para o poético em construções como *dor tão cruel desta saudade*, [...] *é chorar de alegria/ É sorrir de nostalgia/ Dentro da melodia*; e para o prosaico, ao recuperar expressões populares *Quem acha vive se perdendo* e *Ninguém aprende samba no colégio*. O uso de palavras não poéticas, segundo os padrões estéticos da poesia romântico-parnasiana que vigorava à época, como *morro*, *batuque*, *samba* e *minha morena* remete ao léxico das classes populares e não letradas.

O poético sempre foi característica das letras de canções. Na primeira metade do século XX, vários letristas imitavam o estilo dos poetas romântico-parnasianos, como o renomado Catulo da Paixão Cearense,

que compôs os versos para a o sucesso instrumental “Talento e formosura”, de Edmundo Otávio Ferreira, em 1905:

Tu podes bem guardar os dons da formosura
 Que o tempo, um dia, há de implacável trucidar
 Tu podes bem viver ufana de ventura
 Que a natureza, cegamente, quis te dar
 Prossegue embora em flóreas sendas sempre ovante
 De glórias cheia no teu sólio triunfante
 Que antes que a morte vibre em ti funéreo golpe seu
 A natureza irá roubando o que te deu [...]

A escolha lexical do letrista nessa canção tem em vista os padrões da poesia culta: as palavras são belas e raras, as metáforas, as inversões e as aliterações vinculam o enunciado a uma estética que valoriza a poesia burilada e sentimental. Esse enunciado distancia-se do plurilinguismo prosaico e investe no poético.

A canção é um gênero que dialoga tanto com o prosaico quanto com o poético. O estilo da letra de canção sempre é poético, o que interessa observar é o quão prosaica a canção pretende ser. Se a canção tende ao poético, o seu dialogismo com a poesia é maior; se ela tende ao prosaico, a fala do cotidiano predomina.

3. O plurilinguismo na canção

As relações entre os estilos musicais e o plurilinguismo são bastante evidentes na canção popular brasileira. Por exemplo, no lundu africano, advindo das comunidades negras do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX, observamos a presença de palavras de origem africana, como em “Yaô”, de Pixinguinha e Gastão Viana, de 1938:

Aqui có no terreiro
 Pelú adié
 Faz inveja pra gente
 Que não tem mulher

No jacutá de preto velho
 Há uma festa de yaô
 Ôi tem nêga de Ogum
 De Oxalá, de Iemanjá
 Mucama de Oxossi é caçador
 Ora viva Nanã
 Nanã buruku

Yô yôo
 Yô yôoo
 No terreiro de preto velho iaiá
 Vamos saravá (a quem meu pai?)
 Xangô!

O samba da década de 30 resgatou a gíria dos malandros nos morros cariocas, como em “Eu vou pra Vila”, de Noel Rosa, gravado em 1930:

Na Pavuna tem turuna
Na Gamboa gente boa
Eu vou pra Vila
Aonde o samba é da coroa.

A valsa-canção privilegia o léxico da estética romântico-parnasiana, como em “Rosa”, de Pixinguinha e Otávio de Souza, gravada em 1937:

Tu és, divina e graciosa
Estátua majestosa do amor
Por Deus esculturada
E formada com ardor
Da alma da mais linda flor
De mais ativo olor
Que na vida é preferida pelo beija-flor
Se Deus me fora tão clemente
Aqui nesse ambiente de luz
Formada numa tela deslumbrante e bela
Teu coração junto ao meu lanceado
Pregado e crucificado sobre a rósea cruz
Do arfante peito seu [...]

O baião, forró, xote ou xaxado exploram o plurilinguismo da Região Nordeste, como em “Asa branca”, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, gravada em 1947:

Quando oiei a terra ardendo
Qual a fogueira de São João
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação

Que braseiro, que fornaia
Nem um pé de prantação
Por farta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão

Inté mesmo a asa branca
Bateu asas do sertão
"Intonce" eu disse adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração

Hoje longe muitas légua
Numa triste solidão
Espero a chuva cair de novo
Pra mim vortar pro meu sertão

Quando o verde dos teus óio
Se espaiá na prantação
Eu te asseguro não chore não, viu
Que eu vortarei, viu

Meu coração

A música caipira resgata o plurilinguismo do interior paulista, como em “Cabocla Teresa”, de João Pacífico e Raul Torres, de 1940:

Lá no alto da montanha
Numa casa bem estranha
Toda feita de sapé
Parei uma noite o cavalo
Pra modi de dois estalos
Que ouvi lá dentro batê

Apeei com muito jeito
Ouvi um gemido perfeito
E uma voz cheia de dô:
"vancê, Tereza, descansa
Jurei de fazê vingança
Pra modi de nosso amô"

Pela réstia da janela
Por uma luzinha amarela
De um lampião apagando
Eu vi uma caboca no chão
E o cabra tinha na mão
Uma arma alumiando [...]

O discurso da canção trabalha com a representação das diversas linguagens sociais. Para que elas se transformem em arte lítero-musical, devem passar pelo discurso do compositor. É desse processo que emerge a imagem da linguagem do “outro”, resultado da fusão entre a linguagem real e a linguagem literária.

Todo discurso constitui-se pelo plurilinguismo, pois o seu potencial realiza-se na interação com outras linguagens; logo, ele não é elaborado a partir de uma língua neutra, como um sistema virtual. As palavras são tomadas sempre da boca de outros falantes a serviço de suas intenções discursivas e submetidas aos seus elementos estratificantes (esferas discursivas, gêneros, entonações expressivas, léxico, organização sintática etc.). Compete ao compositor tomar essas palavras "de segunda mão" e reelaborá-las segundo suas intenções:

A transmissão e o exame dos discursos de outrem, das palavras de outrem, é um dos temas mais divulgados e essenciais da linguagem humana. Em todos os domínios da vida e da criação ideológica, nossa fala contém em abundância palavras de outrem, transmitidas com todos os graus variáveis de precisão e imparcialidade. Quanto mais intensa, diferenciada e elevada for a vida social de uma coletividade falante, tanto mais a palavra do outro, o enunciado do outro, como objeto de uma comunicação interessada, de uma exegese, de uma discussão, de uma apreciação, de uma refutação, de um reforço, de um desenvolvimento posterior, etc., tem peso específico maior em todos os objetos do discurso (BAKHTIN, 2002 [1934-1935], p.138-9).

O estilo que configura a imagem de um discurso forma-se nesse processo dialógico. Um discurso harmoniza-se com outros, complementa-os, dissocia-se deles e rejeita-os. Essa tensão entre o discurso e a linguagem do “outro” manifesta-se no material, na forma e no conteúdo do enunciado, que se constitui na perspectiva da outra voz.

Essa relação é hierárquica e valorativa, visto que o discurso pode conceder-lhe mais ou menos espaço, maior ou menor valor. A materialidade verbal do “outro” não é assimilada incondicionalmente, pois ela é uma imagem que o falante tem dela, refratada pelo seu posicionamento axiológico. Assim, além de uma posição axiológica, o falante é responsável por uma voz social que se constitui no plurilinguismo dialogizado.

Considerações finais

O estudo do gênero canção popular brasileira que realizamos adotou como principal orientação teórica as propostas de Bakhtin para a Metalinguística, disciplina que apreende e examina o discurso nas relações dialógicas entre os enunciados. No ensaio "Os gêneros do discurso", o teórico russo aponta os elementos constituintes do gênero que devem ser observados no estudo do enunciado. Entretanto, esses elementos não podem ser compreendidos como aspectos formais, visto que o gênero, por ser um modo de conceber a realidade linguisticamente - no caso da canção, musicalmente também - está sujeito a determinações sociais e históricas. Como são "tipos relativamente estáveis de enunciado", os gêneros devem ser estudados por meio da análise dos enunciados, a unidade mínima da comunicação, compreendidos no seu dialogismo com outros enunciados na constituição do interdiscurso.

A canção popular das primeiras décadas do século XX, fase de consolidação do gênero, estabeleceu os modelos que os cancionistas iriam reproduzir, desenvolver e subverter no decorrer do "Século da Canção". As relações intradialógicas entre as canções e as interdialógicas com outras esferas, como a prosaica, o teatro de revista, o cinema e também a política constituíram dialogicamente a canção popular urbana ao definir e expandir a atuação do gênero no interdiscurso.

O refinamento do artesanato de relacionar a letra e a melodia para transformar um gênero oral em canção possibilitou aos compositores explorar a fonte inesgotável do plurilinguismo ao falarem de casos corriqueiros, fatos cotidianos e assuntos diversos, como futebol e política, além do amor.

As propostas que apresentamos pretendem contribuir para o desenvolvimento dos estudos discursivos, particularmente para uma análise discursiva e dialógica da canção popular brasileira. Além dessa pretensão, frente à importância da canção popular na formação do imaginário brasileiro, pretendemos também apontar caminhos para desbravar as relações dialógicas que esse gênero estabelece, reconhecer o seu valor na constituição dialógica de importantes esferas da sociedade, como a fonográfica e a política, e possibilitar o seu estudo respeitando as características fundamentais do gênero canção: o sincretismo entre a letra e a melodia e a sua constituição dialógica no interdiscurso.

Referências bibliográficas

ALENCAR, Edigar de. **O carnaval carioca através da música**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1979.

BAKHTIN, Mikhail. O discurso no romance. In: **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini [et al.]. São Paulo: UNESP, 2002a [1934-1935], p. 71-210.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, Beth (org). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

TEZZA, Cristóvão. Poesia. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006, p.195-218.

Uma análise das estratégias de (des) cortesia como mecanismos discursivos de persuasão em interações polêmicas: o debate político

Ana Paula ALBARELLI¹

Resumo: O presente estudo tem por objetivo investigar quais mecanismos discursivos empregam-se na gestão da imagem em interações cuja finalidade é promover o desacordo. Consideramos a (des)construção da imagem um dos principais meios pelos quais se busca a adesão do auditório. Assim, propusemo-nos a analisar o valor argumentativo das estratégias de descortesia e seus desdobramentos no debate político. Para isso, tomamos, como respaldo teórico, a teoria das faces de Goffman (1967), bem como teorias cujo foco incide na investigação da descortesia à luz da Pragmática Sociocultural, como Culpeper (2011) e Kaul de Malargeon (2005). Em razão de considerarmos o ataque como estratégia argumentativa, recorreremos às contribuições da Teoria da Argumentação de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), a fim de apreender, a partir das escolhas linguísticas, que concepções político-ideológicas permeiam o discurso dos candidatos e, por conseguinte, que tipo de ethos erige-se na interação.

Palavras-Chave: face; descortesia; interação; ethos; argumentação.

Introdução

A linguagem, fenômeno social e histórico, reflete diferentes formas de conceber a realidade mediante práticas comunicativas diversas. Dentre esses modos, afigura-se a interação verbal, por meio da qual os sujeitos constroem e reconstróem a sociedade, atuando em tipos específicos de trocas verbais, das quais emergem modos distintos de interagir, em decorrência disso, diversos recursos linguístico-discursivos. Trata-se, pois, de um fenômeno eminentemente social, por meio do qual os sujeitos agem sobre os outros à medida que interagem. Cada sociedade apresenta normas sociais que subjazem às interações verbais que, por conseguinte, repercutem nas escolhas discursivas dos interactantes. Essas escolhas revelam sua intencionalidade, bem como os modos de produção e recepção do discurso, decorrentes da imagem que se constrói acerca de seu público-alvo, bem como da imagem que se quer que esse mesmo público reconheça de modo positivo. Assim posto, a imagem é construída à medida que os sujeitos interagem, de modo semelhante à construção do texto falado, que se erige no exato momento em que é proferido.

Com o propósito de desvelar as representações ou os processos de figuração assumidos pelos participantes da atividade comunicativa, faz-se necessário, assim, investigar os possíveis efeitos de sentido emergentes do tipo de mecanismos linguístico-discursivos empregados pelos interlocutores em um texto falado: o debate político. Não obstante esse gênero aproxime-se mais da modalidade escrita da linguagem, pode-se afirmar que o debate é um texto oral, visto que há troca verbal de, pelo menos, dois falantes, os quais se alternam em turnos (PRETI, 2001). No caso do presente objeto de análise, o debate político, há que

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Antônio da Silva. E-mail: aalbarelli@yahoo.com.br

se ressaltar que a escolha dos tópicos é relativamente “livre”, uma vez que é feita pelos candidatos, fato que acentua o conflito na interação.

De acordo com Goffman (1967), há, em todas as trocas comunicativas, risco de perda de ambas as faces (imagem) – a do falante e a do ouvinte – e, por conseguinte, um acordo tácito entre os interlocutores em negociar, ou seja, em gerir as faces ao longo da interação, num contínuo e complexo processo de cooperação. Esse processo de negociação é denominado como cortesia verbal.

No entanto, segundo Goffman (1967), há tipos de interações específicas em que o propósito é justamente o oposto: o de entrar em conjunção com o conflito. Trata-se do procedimento de pontualização, por meio do qual se busca a valorização da própria face em detrimento da imagem do outro. Nesses tipos de interação prevalecem, sobremaneira, atos de ameaça às faces, ao passo que os atos de cortesia instauram-se no discurso de modo a proteger a face do falante, sem que se lhe atribuam intenções altruístas. Vale ressaltar ainda a cortesia recodificada em virtude de fatores extralinguísticos, tais como: as apreciações do ouvinte, bem como as especificidades de cada tipo de interação. Trata-se da falsa cortesia (*mock politeness*), estratégia por meio da qual os falantes buscam apresentar ao auditório uma imagem que instigue credibilidade para, em contrapartida, atacar a face alheia, de modo a abster-se das responsabilidades e possíveis sanções pelos atos (CULPEPER, 2011).

A cortesia configura-se, assim, como um tipo específico de fenômeno pragmático, de cunho argumentativo, reconfigurando-se em função do contexto e das contingências das práticas comunicativas das quais emergem. Em outras palavras, em interações polêmicas, prevalecem atos de descortesia e atos de falsa cortesia, devido ao contexto interacional. Assim, considera-se que a forma pela qual os participantes interagem depende da finalidade da interação, de sua natureza e, sobretudo, daqueles para os quais ela é destinada; fatores constitutivos do contexto extralinguístico.

No presente artigo, analisar-se-á, no debate político do segundo turno de 2014, exibido pelo SBT, o discurso dos candidatos Aécio Neves e da candidata e presidenta Dilma Rousseff e, em específico, os atos de (des) cortesia e de falsa cortesia estratégicos, concebidos, neste estudo, como recursos argumentativos, em função dos quais se visa, por meio do conflito, erigir o *ethos* daquele que promove a “integração” do país, uma espécie de “salvador” da nação, frente à ameaça personificada pelo *antiethos* que se atribui ao governo do PT e da presidenta, candidata à reeleição.

Em virtude de o ataque assumir o papel de estratégias argumentativas, haja vista o fato de que a ameaça à imagem cumpre, nesse tipo de interação, a finalidade persuasiva de denegrir a face do outro, cujo propósito é levar o auditório a crer num discurso e num *ethos* forjado mediante a polêmica, procede-se, ademais, à investigação dos mecanismos retórico-argumentativos de que se faz uso na interação em estudo.

Tomam-se, assim, como principal fundamento teórico a Teoria da Argumentação de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), assim como as contribuições da Pragmática Sociocultural, em que se inscreve a investigação acerca da (des)cortesia como estratégia.

1. Fundamentação teórica

1.1 As contribuições das teorias fundadoras

Em meados da segunda metade do século XX, Erving Goffman (1967), sociólogo e precursor dos estudos acerca da interação, instaura a concepção de face, segundo a qual em todo e qualquer tipo de interação os participantes da atividade comunicativa têm sua imagem à mercê de ameaças de natureza diversas. Desse modo, os interlocutores dispõem de recursos preventivos e protetores com vistas a estabelecer o equilíbrio na interação.

O emprego de recursos e mecanismos linguístico-discursivos diversos, nos processos de gestão das faces (*face work*) e de negociação na interação é denominado, nesses contextos, como cortesia. De acordo com Goffman (1967), cada interactante requer para si uma imagem pública (*face*), bem como o que denomina como “territórios do eu”. A face corresponde à imagem social, ao conjunto de valores que cada sujeito reclama para si e que deseja ser valorizado e aceito pelos outros (*face want*). Já o território pessoal diz respeito ao desejo dos sujeitos de não terem sua privacidade tolhida por atitudes invasivas, nem de que sua liberdade de ação seja cerceada por quaisquer atos. Posteriormente, essas noções são apropriadas e reconfiguradas como face positiva e negativa, respectivamente, por distintos teóricos, entre os quais estão Brown e Levinson (1987), cujo modelo de análise acerca das estratégias de cortesia serviu como base para inúmeras pesquisas orientadas para a investigação da face e da (des) cortesia na interação verbal. Ademais, com os estudos de Brown e Levinson (1987), os atos de ameaça passam a ser denominados como FTAs (*face threatening acts*).

1.2 A (des)cortesia à luz da Pragmática Sociocultural

Embora Goffman assinalasse, em seus estudos, a proeminência do emprego agressivo do trabalho de face em tipos específicos de interação, vale ressaltar que a descortesia tem sido concebida, por boa parte dos estudos acerca da cortesia, como um desvio. Por muito tempo, a descortesia fora tratada, de modo superficial, ora como a ausência da cortesia, ora como a violação das regras de cortesia.

Com os estudos de Eelen (2001) e Culpeper (2011), dentre outros, a descortesia é, enfim, considerada consoante suas próprias regras. Para esses estudiosos, a descortesia assume função estratégica, afigurando-se, em determinados contextos de interação, como recurso argumentativo em interações polêmicas. Vale

lembrar que, em algumas trocas verbais, o emprego da descortesia configura-se em estratégia de identificação dos sujeitos em determinados grupos sociais e, sobretudo, como recurso de aproximação entre os falantes. Nesses contextos, cabe observar que a descortesia reconfigura-se consoante regras de ordem contextual, neutralizando-se em função do tipo de interação, bem como da interpretação que se lhe atribuem os falantes.

Por essa razão, avaliar um fenômeno linguístico sem que se observe a influência do contexto e seus desdobramentos na interpretação e configuração de um ato como ameaçador ou não consiste em relegar a linguagem tão somente no âmbito frasal, cuja análise prescinde, com efeito, de fatores extralinguísticos, tais como a competência de interpretação do ouvinte, a relevância das relações interpessoais – entre falante e ouvinte, dentre outros. A linguagem é, pois, eminentemente social, visto que é por meio dela que se forjam discursos, imagens e propagam-se concepções político-ideológicas diversas, com vistas a alcançar determinados fins.

Assim, para Culpeper (2011), a (des)cortesia emerge da confluência de aspectos semânticos e discursivos. A concepção de que os atos de cortesia e descortesia inscrevem-se na interação sob a forma de estratégias, atuando, desse modo, como recursos argumentativos, permeia o trabalho de outros teóricos, para os quais um ato se configura como cortês ou descortês em função de fatores contextuais.

De acordo com Bolívar (2005), é possível reconstruir padrões de comportamento que reforçam e asseguram concepções e visões de mundo cujo propósito é o de se alcançar algo, a saber, a garantia de conduzir o auditório à adesão.

A descortesia merece uma atenção especial no macro diálogo político porque possui um valor ideológico e pode ser utilizada com diferentes funções estratégicas na interação política [...] (BOLÍVAR, 2005, p. 280, tradução livre)².

Cabe ainda ressaltar o papel da falsa cortesia (*mock politeness*), que consiste no emprego de atos aparentemente corteses que, devido à interpretação do ouvinte - a qual se atrela a um complexo processo interpessoal - reconfigura-se de modos distintos, atuando de modo a rechaçar a face do outro.

De acordo com Briz (2008), há atos de cortesia estratégicos, na medida em que visam a alcançar um determinado propósito, sem que se busque, por meio de seu emprego, proteger ou reparar algum dano à face alheia de modo efetivo. Trata-se de atos de cortesia sem valor altruísta. O uso desses atos afigura-se de modo estratégico devido à sua natureza: são mecanismos de atenuação com vistas a proteger a imagem do falante, abstendo-lhe de possíveis ameaças.

Não obstante, cumpre assinalar que a cortesia estratégica, sem valor altruísta, visa a assegurar a imagem do falante, por meio de atenuadores, dentre outros recursos mobilizados pelos interlocutores, ao passo que a falsa cortesia (*mock politeness*) assume conotações negativas, na medida em que se reconfigura

²No original: “La descortesia merece una atención especial en el macro diálogo político porque tiene un valor ideológico y puede usarse con diferentes funciones estratégicas en la interacción política [...]”.

como um ato ameaçador. Numa escala em que se possa mensurar o grau de agressão no discurso, a falsa cortesia estaria, portanto, mais próxima do polo descortesia.

Bravo (2005) e Brenes (2011) distinguem o que denominam como Pragmática Formal da Pragmática Sociocultural, a qual é designada como variacionista, no que se refere à investigação do fenômeno da cortesia e da descortesia:

O foco de análise passa do enunciado e das cadeias de atos interdependentes a descrição da realidade social do usuário, por meio da qual se dará conta de usar a linguagem em relação a um entorno, que inclui o linguístico e o extralinguístico (BRAVO, 2005, p.23, tradução livre)³

A característica essencial desses fenômenos é a variabilidade: dependendo de quais forem as normas de comportamento, bem como os fatores socioculturais e contextuais que regem uma situação comunicativa concreta, um mesmo elemento linguístico ou construção sintática poderá se situar em lugares diferentes desse “continuo”, isto é, será portador de um valor cortês, neutro ou descortês (BRENES, 2011, p. 60, tradução livre)⁴.

Cabe assinalar que, segundo Brenes (2011), o estudo de Brown e Levinson (1987) acerca da cortesia, denominado formal, de cunho universalista e etnocêntrico, caracteriza-se por investigar os fenômenos linguísticos no âmbito do enunciado, ao passo que os estudos socioculturais procedem à abordagem dos elementos linguísticos em consonância com aspectos relativos ao ‘entorno’, isto é, ao contexto social.

Destarte, para a autora, o fenômeno da (des) cortesia é calcado na variabilidade. Trata-se de tipos específicos de comportamentos regidos tanto pela escolha dos elementos linguísticos, tanto pelas contingências sociais e, deste modo, por elementos extralinguísticos que perfazem as trocas verbais.

Há que se ressaltar que a escolha dos tópicos, bem como dos elementos lexicais inscreve os falantes num tipo de atividade de coautoria, visto que a intencionalidade do falante encontra-se imbricada na imagem que se constrói do ouvinte e, por conseguinte, de si mesmo. Em outras palavras, nenhum ato de linguagem é neutro e, em decorrência disso, assumem facetas distintas: são variáveis e resultam do tipo de relação interpessoal estabelecida entre os interactantes.

1.3 A descortesia de fustigação

Em seus estudos acerca da descortesia verbal, Kaul de Malargeon (2005) apresenta duas formas de agir em ambientes de interação em que prevalece a polêmica, a partir das quais os sujeitos procedem ao ataque (FTA) à imagem alheia, na medida em que se aproximam de um grupo ao qual pertencem e com o qual comungam concepções ideológicas. Trata-se da noção de afiliação exacerbada.

³ No original: “El foco del análisis pasa del enunciado y a las cadenas de actos interdependientes a la descripción de la “realidad social del usuario”, de lo cual se dará cuenta al usar el lenguaje en relación a un ‘entorno’ que incluye lo lingüístico y extralingüístico”.

⁴ No original: “La característica esencial de estos fenómenos es la variabilidad: dependiendo de cuales sean las normas de comportamiento y los factores socioculturales y contextuales que rigen una situación comunicativa concreta, un mismo elemento lingüístico o construcción sintáctica podrá situarse en lugares diferentes de este gradatum, esto es, será portador de un valor cortés, neutro o descortés”.

O ataque à face alheia se dá, ademais, em decorrência da autonomia em relação às posições contrárias ao grupo com o qual os sujeitos da interação entram em disjunção. Nesse caso, observa-se, segundo a Kaul de Malargeon (2005), a autonomia exacerbada ou a refratariedade. Em outras palavras, de acordo com a autora, no momento em que um interlocutor vincula-se de modo exacerbado a um grupo específico, passa, por conseguinte, a ameaçar o outro, porque seu opositor apresenta-se de forma autônoma em relação ao grupo do qual faz parte.

No presente estudo, considera-se que o processo de conjunção ou de disjunção, no que se refere às ideias e concepções de mundo postuladas por um dado grupo - a que os sujeitos se opõem ou ao qual se afiliam - desvela esquemas de representações e procedimentos de figuração diversos – a saber, a gestão das faces dos interactantes – que, por sua vez, engendram determinadas práticas discursivas. Essas práticas discursivas acarretam na escolha de estratégias de ataque ou falsa cortesia distintas que emergem da afiliação exacerbada ou da autonomia exacerbada (refratariedade) dos interlocutores em relação a um grupo social.

Nesse sentido, cumpre observar quais tipos de mecanismos de natureza retórico-pragmática configuram-se em atos de autonomia ou de afiliação exacerbadas. Há, por exemplo, casos em que a autonomia em relação ao grupo ao qual um sujeito se opõe se dá por meio de estratégias de ataque *ad hominem* às faces negativas e positivas do interlocutor e, em contrapartida, ainda no mesmo turno, mediante o emprego de atos de valorização da própria imagem. As escolhas linguísticas, assim como o tópico do qual se trata, conferem ao discurso conotações distintas, condicionadas por fatores extralinguísticos. Por essa razão, procedemos à investigação dos tipos de mecanismos retórico-pragmáticos que permeiam o discurso dos interlocutores cujo intento é a construção de um *ethos* que instigue credibilidade em um ambiente de interação em que prevalece o emprego agressivo do trabalho de face (Goffman, 1967).

1.4 As contribuições de Perelman e Olbrechts- Tyteca

Os estudos acerca da imagem remontam à retórica aristotélica, segundo a qual as três provas do discurso de maior importância são: o *ethos*, o *logos* e o *pathos*. Reboul (2004) define o conceito de *ethos* da seguinte forma:

O *ethos* é o caráter que o orador deve assumir para inspirar confiança no auditório, pois sejam quais forem seus argumentos lógicos, eles nada obtêm sem essa confiança (REBOUL, 2004, p. 48).

Nesse sentido, cumpre ressaltar que, embora a construção e a articulação dos argumentos no discurso – o *logos* –, bem como a representação que se constrói acerca do auditório e de suas crenças e valores de mundo, de modo a suscitar-lhe as emoções, apelando-se ao *pathos*, prescindem da apresentação de uma

imagem assumida pelo orador, à qual se atribuem juízos de valor positivos, com a qual o público-alvo deve, com efeito, entrar em conjunção.

A Nova Retórica ou o Tratado de argumentação, apresentada na segunda metade do século XX, por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), remonta à retórica aristotélica, deslegitimada e reduzida à eloquência, bem como às figuras de estilo, em razão do advento do positivismo e da valorização do pensamento científico, fundado na lógica formal. Entretanto, o campo das ciências exatas, fundamentado por verdades absolutas, não pôde abarcar problemas relativos às ciências humanas. Em outras palavras, era preciso, segundo os autores, estabelecer um método capaz de analisar questões concernentes à esfera da opinião. Trata-se da instauração de um tratado que culminou no estudo da “lógica de valores”, haja vista que as práticas discursivas emergem de questões humanas e sociais, continuamente suscitadas, não havendo, pois, como estabelecer verdades indiscutíveis.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) resgatam diversos conceitos da retórica aristotélica, entre eles, o de auditório, bem como mecanismos por meio dos quais o orador busca a adesão às suas teses. No que tange às provas do discurso, postuladas por Aristóteles, observam-se três mecanismos de convencimento, resgatados no Tratado (2005), cujo uso produz efeitos de persuasão: o *ethos* - que diz respeito ao caráter do orador – construído mediante o discurso; o *logos*, que se configura no discurso propriamente dito, ou seja, na articulação e organização dos argumentos; e o *pathos*, que diz respeito às emoções suscitadas no auditório. Acerca do *ethos*, há que se acrescentar a existência de um *ethos* prévio ou pré-discursivo, que remete a conhecimentos prévios a respeito do orador.

Se o *ethos* está crucialmente ligado ao ato de enunciação, não se pode ignorar, entretanto, que o público constrói representações do *ethos* do enunciador antes mesmo que ele fale (MAINGUENEAU, 2008, p.71) [...] Parece, pois, necessário estabelecer uma primeira distinção entre *ethos* discursivo e *ethos* pré-discursivo (MAINGUENEAU, 2008, p.71).

Outro conceito apropriado por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) diz respeito às crenças ou ao senso-comum, denominada *doxa*, recurso argumentativo por meio do qual o orador busca convencer seu auditório a crer em algo para, por fim, conduzi-lo a fazer, momento em que o persuade. Em outras palavras, cumpre assinalar que os autores distinguem, portanto, convencer de persuadir. Quanto aos tipos de argumentos, elencam-se três grandes grupos: os argumentos quase-lógicos, os argumentos baseados na estrutura do real, e os argumentos que fundamentam a estrutura do real. Há, ainda, outros recursos discursivos, como as figuras, conceitos oriundos da retórica que, no *Tratado da Argumentação*, assumem força persuasiva. Trata-se de argumentos e não mais de figuras de ornamento ou instrumentos estilísticos, mas mecanismos argumentativos. Dentre os argumentos apresentados, considerar-se-ão, em suma, nesta análise, os argumentos quase-lógicos, na medida em que são empregados de forma significativa no discurso político, devido à força persuasiva que se erige em razão de sua semelhança com o raciocínio matemático e com a lógica formal.

Acerca da confiança, há que se ressaltar algumas considerações acerca do *ethos*, segundo Fiorin, o qual ressalta a existência de três tipos de *ethé*: a *phrónesis*, a *areté* e a *eunóia*, conceitos oriundos da retórica aristotélica, com os quais o orador intenta obter a confiança de seu auditório:

Podemos, então, ter três espécies de *ethé*: a) a *phrónesis*, que significa o bom senso, a prudência, a ponderação [...]; b) a *areté*, que significa a virtude [...], portanto, a coragem a justiça, a sinceridade[...]; c) a *eunóia*, que significa a benevolência e a solidariedade; [...] o orador dá uma imagem agradável de si, porque mostra simpatia pelo auditório (FIORIN, 2008, p. 140).

Ora, se o *ethos* consiste numa forma específica e singular de comportar-se, cuja finalidade é inspirar a confiança no auditório, com vistas à persuasão, pode-se afirmar que, para Aristóteles, esse caráter emerge do discurso. Em outras palavras, o *ethos* advém das práticas discursivas. O orador deve, pois, inspirar confiança, por meio de técnicas argumentativas (*techné*) com as quais o público se identifique e às quais confira credibilidade. E é, justamente, em função de sua adesão – mediante os conhecimentos que se tem a seu respeito - que o orador constrói seu próprio caráter – o qual, reiteramos, é forjado, sobretudo, mediante o discurso⁵.

A respeito do *ethos* pré-discursivo, Amossy (2008) faz as seguintes considerações:

A estereotipagem [...] é a operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado (AMOSSY, 2008, p.125).

Trata-se, pois, de representações – modelos ideológicos - compartilhadas pelo auditório, do qual se busca a adesão. Cabe, portanto, afirmar que, conquanto o *ethos* afigure-se como um tipo de prova que emerge das práticas discursivas, mediante a organização do discurso do orador, há que se ressaltar a relevância do *ethos* pré-discursivo.

2. Análise do corpus

No primeiro turno da candidata à presidência, Dilma Rousseff, o qual dá início ao debate, observam-se, de forma clara, atos de descortesia por autonomia exacerbada, na medida em que a locutora expõe recursos diversos para assegurar sua oposição ao grupo do qual seu oponente faz parte, ao passo que apresenta, em contrapartida, mecanismos de natureza retórica, cujo propósito é o de posicionar-se em favor do grupo ao qual se filia. Observe-se o exemplo:

Dilma Rousseff: [...] eu...sou...defensora de um modelo diferente para o Brasil do que governou antes...até...2012...um Brasil que emprega ao contrário de um Brasil que desemprega...um Brasil que cria oportunidades iguais para todos contra um Brasil da exclusão e um Brasil da desigualdade...um Brasil...que vai governar pra todos...contra um Brasil que não foi governado pra todos...eu faço parte de um projeto... que resgatou...36

⁵Barthes define o *ethos* da seguinte forma: “São os traços de caráter que o tribuno deve mostrar ao auditório (pouco importa sua sinceridade) para causar boa impressão[...] O orador enuncia uma informação e, ao mesmo tempo, afirma: sou isso e não aquilo. (BARTHES,1986, p. 203).

milhões de brasileiros da pobreza...tirou-os do mapa da fome e elevou 42 milhões às classes médias...

Vale ressaltar que a presidenta recorre à *arethé* e à *phronesis*, na busca de traçar o *ethos* da candidata cujo discurso inscreve-se na benevolência com o auditório, na medida em que funda seus argumentos visando à construção de uma imagem à qual se atribuam valores que remetam à justiça social, haja vista o fato de que a presidenta ressalta, sobremaneira, a maneira pela qual se faz justiça: por meio da investigação dos atos de corrupção de todos, conforme corrobora o trecho a seguir. Cabe observar que a candidata erige um discurso calcado na construção do *ethos* daquele que faz justiça, em virtude das investigações, o qual remete à ideia de força. Observam-se ataques à face positiva de Aécio Neves, bem como à do partido do qual o candidato faz parte. Trata-se do emprego da descortesia de fustigação (Kaul de Malargeon, 2005), a partir da qual a presidenta rechaça a imagem do grupo oponente e de seus membros, ao passo que faz uso do pronome inclusivo *nós*, o qual agrega um “Eu”, no caso, a presidenta, e um *nós*, que diz respeito ao seu governo. Trata-se, pois, da afiliação exacerbada ao grupo em detrimento do grupo oponente.

Dilma Rousseff: o meu compromisso é investigar e punir...aqueles governos que não investigam...não acham candidato assim como agora...quando a gente pergunta onde está...e qual foi a quantidade de recursos passados para...as três...rádios...e um jornal mineiro que...o senhor detém em Minas Gerais não há transparência...não há informação...esse candidato...é essa a diferença entre nós...eu investigo...eu investigo...e construo as provas para punir...

Ao contrapor-se às concepções político-ideológicas do grupo antagônico (descortesia de fustigação por autonomia exacerbada), observa-se que a candidata procede, ademais, ao emprego de argumentos quase-lógicos⁶, por meio da comparação e da apresentação de dados estatísticos. Recorre-se, sobremaneira, à figura de presença⁷, por meio da repetição, a fim de reforçar na memória do auditório a contraposição entre as posições do projeto político e econômico do qual a candidata faz parte, bem como as concepções ideológicas postuladas pelo projeto político de seu oponente, Aécio Neves, cujo grupo, o PSDB, é rechaçado de maneira indireta, uma vez que a candidata não menciona o partido adversário de forma clara, não obstante faça referência ao governo que antecedeu o PT na presidência:

Dilma Rousseff:[...] eu...sou...defensora de um modelo diferente para o Brasil do que governou antes...até...2012...um Brasil que emprega ao contrário de um Brasil que desemprega

[...] eu faço parte de um projeto... que resgatou...36 milhões de brasileiros da pobreza...tirou-os do mapa da fome e elevou 42 milhões às classes médias...”

⁶Conforme postulam Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), os argumentos quase-lógicos assemelham-se às deduções, à lógica. Busca-se, por meio dessa semelhança, obter-se força de persuasão e, por conseguinte, a adesão do auditório.

⁷Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) resgatam da retórica aristotélica, entre outros conceitos, as figuras. Trata-se, porém, de recursos argumentativos, não de “ornamentos”, conforme se postulou por muito tempo. As figuras de presença têm como propósito fixar, na memória do auditório, uma ideia que se pretende promover. Um tipo de figura de presença bastante comum consiste na repetição.

Observa-se, ademais, a tentativa clara de marcar aproximação e comprometimento da locutora em relação às proposições apresentadas ao auditório, visto que é justamente por meio do comprometimento da candidata, evidenciado pelo uso do pronome de primeira pessoa, que se reforça sua afiliação exacerbada ao grupo de que faz parte – sobretudo às suas concepções político- ideológicas: Eu sou defensora de um modelo diferente [...] e no excerto “Eu faço parte de um projeto [...]”.

Cabe ressaltar que o uso do pronome, neste estudo, configura-se em um tipo de estratégia que ora aproxima os candidatos de suas proposições, ora os distancia. Isso se deve a fatores de ordem interacional e, por conseguinte, argumentativos. Trata-se de mecanismos de gestão das faces frente aos atos de ameaça (FTAs), orientados às faces positiva e negativa de ambos. Não obstante em certos trechos os candidatos aproximem-se das teses apresentadas, em diversos trechos do debate, verificam-se afastamentos mediante o emprego do pronome nós, tanto de modo inclusivo como exclusivo.

Ocorre que o pronome nós assume papéis distintos, atuando no discurso de modo estratégico, com vistas à proteção da face. Os efeitos de sentidos decorrentes do emprego do pronome emergem consoante às regras da interação e, sobretudo, em virtude de fatores contextuais, a saber: as intenções dos falantes, seja a de salvaguardar a imagem pública ou para rechaçar o adversário – atrelando-lhe a imagem a um grupo desprovido de popularidade – ou mesmo como forma de aproximação do auditório, no que tange à (re)construção do *ethos* discursivo. Observe-se o excerto:

Aécio Neves: agradeço ao SBT...cumprimento... a candidata...e digo ao telespectador... que quero sim ser presidente da república e me preparei pra isso... porque o Brasil não pode viver mais quatro anos de tamanho desgoverno...eu quero sim...assumir a presidência da república...para combater a inflação e não para me conformar com ela...eu quero ser presidente da república para enfrentar a questão da crime-na-lidade e não transferir essa responsabilidade para estados e municípios...eu quero ser presidente da república não para di-vi-dir de forma PERversa ((ênfase)) e pouco generosa o Brasil entre nós e eles...eu quero ser o presidente da grande integração nacional presidente da generosidade para os brasileiros que mais precisam...da integração do Nordeste...

O primeiro turno de Aécio apresenta estrutura semelhante ao de Dilma, conquanto o candidato empregue estratégias de descortesia de fustigação de modo mais incisivo, visto que se refere de forma mais clara à imagem da presidenta e do seu governo. Vale ressaltar que, assim como Dilma, Aécio faz uso de figuras de presença, repetindo, sobremaneira, o verbo querer, numa tentativa de reforçar seu desejo de tornar-se presidente. Em consonância com suas propostas políticas, emergem as críticas ao governo da oposição, reforçadas pelo apelo ao mesmo argumento quase-lógico empregado pela candidata Dilma, a comparação, a partir da qual o candidato articula seus atos de descortesia:

Aécio Neves: eu quero sim...assumir a presidência da república...para combater a inflação e não para me conformar com ela...

Ademais, cumpre observar o uso do pronome nós, cujo uso visa a assegurar a construção do *ethos* de político “salvador” da nação, em detrimento do *antiethos* que se atribui ao governo de Dilma. Trata-se do

ethos de presidente da “integração do Brasil”, daquele que intenta promover a junção de um grupo construído por um “nós” e por um “eles”. Nesse caso, o emprego do pronome “eles” sugere um grupo que não se agrega ao “nós”, do qual o candidato faz parte e no qual pretende incluir o auditório. A análise do turno aponta que Aécio alude à ideia de polarização do país, em razão da qual o candidato busca a integração do Nordeste.

Ao ressaltar a necessidade de integração do Nordeste, Aécio infere que essa região não se incorpora ao pronome “nós” e, portanto, ao grupo do qual o candidato e seus eleitores fazem parte. Desse modo, de modo implícito, observa-se um ato de falsa cortesia: integrar uma região e um grupo que não se encontra, de fato, desvinculado do restante do país, salvo por razões de ordem ideológica que parecem permear o discurso do candidato. Nesse sentido, ao expor a necessidade de integração do Nordeste, Aécio ameaça a face dos nordestinos.

Trata-se de um recurso, por meio do qual o candidato visa convencer o auditório – mediante a autonomia exacerbada em relação ao governo vigente que, segundo o candidato, dividiu o país. Vale lembrar que a menção da integração do Nordeste remete às polêmicas que permearam as eleições presidenciais de 2014, segundo as quais os nordestinos perfaziam o grupo majoritário de eleitores da candidata à reeleição. Discursos agressivos de partidários de Aécio Neves contra os programas sociais apresentados pelo PT propagaram-se nas redes sociais, agregando adeptos.

Para vincular seu discurso às crenças e valores compartilhados por um determinado grupo, para o qual o Brasil encontra-se, de fato, polarizado, em função das medidas adotadas pelo governo de Dilma, Aécio Neves busca sua adesão mediante o uso do pronome “nós” exclusivo, na medida em que exclui aqueles que não compactuam com suas concepções ideológicas, no caso, o grupo representado pelo pronome “eles”.

No entanto, observa-se que essa exclusão é propositada, visto que as intenções do candidato consistem em fomentar um discurso calcado num país polarizado para, em contrapartida, promover o discurso da integração. Nesse sentido, o propósito de empregar-se o pronome é a criação de efeitos de sentidos decorrentes da conotação de ameaça que esse termo garante ao discurso de Aécio, atuando, pois, como estratégia de descortesia por fustigação (Kaul de Malargeon, 2005), haja vista que Aécio recorre à autonomia exacerbada em relação ao grupo oponente e ao *antiethos* que atribui à candidata Dilma Rousseff.

A escolha lexical atua de modo a fomentar um discurso de repulsa em relação ao governo vigente e suas práticas, as quais são, conforme o candidato, “perversas”. Os ataques à face positiva da oponente são reforçados pelas acusações – argumentos *ad hominem*– de promover a desintegração do país, bem como de articular formas de governar que se sobrepõem às instituições republicanas:

Aécio Neves: se a senhora acha que houve tantos crimes cometidos no governo do PSDB a senhora lista aqui vários deles vocês governaram o Brasil por 12 anos candidata...por que que a senhora não investigou...por que que a senhora não fez novas denúncias....porque não existiu o que investigar ou então a senhora prevaricou...se a senhora está dizendo aqui...agora no momento da reeleição que foram cometidos crimes que não foram

investigados...a sua responsabilidade era denunciá-los ...o Ministério Público que não pertence ao seu governo...ou a Polícia Federal...que não pertence ao seu governo...são instituições de estado...fizessem a investigação...e não coloque palavras na minha boca nem do meu partido...

Aécio Neves: O PT tem uma mania candidata...enfim...que simplesmente alguém é dono dos programas...ninguém é dono desse Brasil...

A análise do trecho aponta a tentativa de atribuir ao partido da oponente, o PT, a imagem de um partido totalitário, que se sobrepõe às instituições e, por conseguinte, à presidenta. Vale ressaltar que a maneira pela qual o discurso de Aécio Neves se articula sugere que suas intenções são a de aludir ao *ethos* prévio da candidata oponente e de seu partido, que, como apontam as acusações do candidato à presidência, apresentam posições político-ideológicas de cunho totalitário. Nesse sentido, observa-se a tentativa do candidato em atrelar a imagem da candidata a governos totalitários, calcados em formas de governar que se opõem, conforme as acusações do candidato, à democracia. Desse modo, há que se ressaltar que Aécio Neves calca seu discurso (*logos*), ou seja, articula sua argumentação na *doxa* que presume ser assumida por boa parte dos eleitores: a de que governos totalitários são “perversos” e promovem a ameaça às instituições, bem como ao estado de direito.

O fato de promover esse tipo de discurso, marcadamente axiológico e calcado no “medo” evidencia a intenção de fomentar a ideia de que o governo do PT é, além de perverso, perigoso, no que tange à liberdade e à garantia das instituições democráticas. Tomando como ponto de partida essa vertente no que concerne à escolha dos tópicos, cuja temática é a de atacar a face da oponente, procedendo à apresentação de dois Brasis, verifica-se que Aécio busca construir o *ethos* do presidente que promoverá a integração nacional, conforme aponta o trecho seguinte:

Aécio Neves: eu quero ser candidato a presidência da república porque os indicadores sociais...pioraram nesses últimos anos...a saúde piorou...a educação piorou...e a criminalidade aumentou[...]

eu quero ser candidato... eu sou candidato e quero ser presidente da república porque construí...[...] ao longo dos últimos anos um projeto pro Brasil...um projeto que não é de um partido político...**um projeto generoso**...um projeto de união de integração nacional...

Cabe assinalar, ainda, a reconfiguração de um ato de cortesia, o qual, devido ao contexto, assume conotações distintas. Ao caracterizar seu projeto como “um projeto generoso”, Aécio parece agir de forma cortês. No entanto, o contexto no qual se inscreve tal ato corrobora o fato de que tal ato atua como ameaça à face da candidata oponente. Destarte, verifica-se que os elementos linguísticos, nesse tipo específico de interação, devem ser analisados à luz de aspectos extralinguísticos, relativos à intencionalidade, à situação de produção e recepção do discurso, bem como à avaliação do ouvinte face aos atos de cortesia e de descortesia. Em suma, é na relação interpessoal e na construção do texto falado que complexos processos de figuração e representação emergem, os quais, por sua vez, asseguram a avaliação dos interactantes acerca dos atos como ameaçadores ou não.

Considerações finais

Este artigo teve como propósito investigar os mecanismos discursivos empregados pelos interactantes em um tipo de interação em que prevalecem relações de descortesia verbal. O *corpus* constitui-se de um debate, cujo formato revela um tipo específico de interação pautada no emprego agressivo do trabalho de face, por meio do qual os interlocutores fazem uso de recursos discursivos distintos com o objetivo de denegrir ou explorar a face do outro, a fim de obter a adesão do auditório. Trata-se da descortesia de fustigação.

A análise apontou que o debate mostrou-se deveras polêmico, devido ao fato de se tratarem de eleições cuja repercussão na sociedade culminou na mobilização da população, tanto por meio de manifestações nas ruas, como por meio de redes sociais. Assim, as concepções político-ideológicas divergentes colaboraram, sobremaneira, para a escolha desse debate como *corpus*, uma vez que a polêmica da polarização ideológica que se circunscreve na interação mostrou-se um aspecto pertinente a ser analisado.

O estudo aponta um *ethos* marcadamente axiológico, no que diz respeito ao discurso de Aécio Neves, cuja pretensão, conforme indicam as análises, é a de pautar suas escolhas discursivas na construção da imagem do candidato que se define como aquele que promoverá a integração de dois “Brasis”. Foram observadas, ainda, inúmeras ocorrências de apelo ao *pathos*, por parte de ambos os candidatos. Dilma Rousseff buscou, por meio de argumentos quase-lógicos, apresentar duas concepções ideológicas distintas, representadas por dois modelos político-econômicos antagônicos, ao passo que Aécio Neves apropriou-se de um discurso calcado no bem e no mal, na medida em que se refere ao governo de sua oponente como um governo “perverso”. Ademais, observou-se que ambos fizeram uso da descortesia de fustigação, bem como de recursos retóricos na busca da adesão do auditório. Como vimos, o *ethos* está intrinsecamente atrelado às representações construídas pelo auditório, o qual se apropria dos estereótipos num processo de identificação com o *ethos* que lhe é apresentado, mediante o discurso. A construção do *ethos* de um candidato à presidência, cujo papel é o de resgatar um país supostamente dividido, conforme mostram as análises, corrobora o fato de que Aécio apela, sobremaneira, para as emoções do auditório – o *pathos* – de modo a fomentar o medo, em virtude de ressaltar a possibilidade de que o governo vigente sobreponha-se às instituições de direito.

Em suma, propusemo-nos a analisar de que modo as estratégias de (des)cortesia afiguram - se como estratégias argumentativas, a fim de colaborar com os estudos acerca da polêmica e da descortesia verbal compreendidas, neste estudo, como recursos de natureza retórico-pragmática.

Referências bibliográficas

- AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2008.
- BARTHES, Roland. A retórica antiga. In: COHEN, J. et al. **Pesquisas de Retórica**. Trad. Leda Pinto Mafra Iruzun. Petrópolis: Vozes, 1975.
- BOLÍVAR, Adriana. **Descortesía y confrontación política**: um análisis crítico. In: BRAVO, Diana (ed.) **Estudios de la (des)cortesía em español**: categorías conceptuales y aplicaciones a corpora orales y escritos. Buenos Aires: Editorial Dunken; 2005. p.273-297.
- BRAVO, Diana. **Estudios de la descortesía em español**: Categorías conceptuales y aplicaciones a corpora orales y escritos. Buenos Aires, Editora Dunken, 2005.
- BRENES, Ester Peña. **Descortesía verbal y tertulia televisiva**. Berna: Peter Lang, 2011.
- BRIZ, Antonio. **Cortesía y conversación**: de lo escrito a lo oral. Valência, Estocolmo, Universidad de Valencia, Programa EDICE. Publicación eletrônica em: <http://www.edice.org>, 2005.
- BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen. **Politeness**: Some universals in language usage. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- CULPEPER, Jonathan. **Impoliteness Using language to cause offence**. Lancaster University. Cambridge University Press, 2011.
- EELLEN, Gino. **A Critique of Politeness Theories**. Manchester: St. Jerome Publishing, 2001.
- FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**. As categorías de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 2008.
- GOFFMAN, Erving. **Interaction ritual**: essays in face to face behavior. Chicago: Aldine Pub.Co., 1967.
- KAUL de MALARGEON, Silvia. Descortesía de fustigación por afiliación exacerbada o refractariedade: El discurso tanguero de la década del 20. In: BRAVO, Diana (Org.) **Estudios de la (des)cortesía en español**: categorías conceptuales y aplicaciones a corpora orales y escritos. Buenos Aires: Dunken, 2005, p. 299-318.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Ethos, cenografia e incorporação**. Trad. Sírio Possenti. In: AMOSSY, Ruth (Org.) **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2008.
- PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação**: A Nova Retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- PRETI, Dino (Org.). **Análise de textos orais**. 5. ed. São Paulo: Humanitas, 2001.
- REBOUL, Olivier. **Introdução à Retórica**. 2. ed. Martins Fontes, 2004.

Mas e a voz do autor, onde está? – notas sobre o gênero discursivo platônico

André Luiz Braga da SILVA¹

Resumo: Na história da filosofia ocidental, o caso de Platão é sui generis: diferentemente de outros filósofos, dele não possuímos um “tratado”. Dele temos basicamente obras do gênero discursivo “diálogo”, onde várias questões são propostas, algumas respostas são ventiladas, algumas refutadas, algumas ridicularizadas, e algumas são mantidas até o fim da “conversa”. Mas, em todas estas ocasiões, são questões e respostas propostas, ventiladas, refutadas, etc., por este ou aquele personagem. Além disso, à posteridade não parece ter sido legado um critério confiável a partir do qual não haveria dúvidas acerca de quais das respostas propostas por personagens platônicos representavam mesmo a posição, a “voz”, do autor dos diálogos. Qual teria sido então a pretensão de Platão ao optar por um tipo de discurso que opera como que mascarando para si mesmo uma ausência de “voz autoral”?

Palavras-chave: Platão; autoria; personagem; porta-voz; Bakhtin.

Introdução

Neste artigo pretendemos evidenciar algumas características importantes do gênero discursivo “diálogo” do filósofo Platão de Atenas, valorizando sobretudo a forma peculiar como a exposição de ideias, a “autoria” e a dramaticidade estão aí correlacionadas. Tomaremos por texto base o próprio *corpus platonicum*, conforme estabelecido por John Burnet (1900-1907), ora apontando aspectos gerais no conjunto dos diálogos, ora chamando atenção para dados específicos em alguns deles. Nosso caminho será, de início, mostrar como a relação entre a exposição de ideias e a “autoria” aparece nos escritos platônicos de modo sensivelmente diferente do modo como aparecia em autores que lhe foram contemporâneos. Em seguida, faremos apresentação crítica do pressuposto metodológico que marcou a interpretação do *corpus platonicum* no Ocidente, a “Teoria do Porta-Voz”, evidenciando seus pontos de fraqueza para a análise destas obras. Na sequência, defenderemos uma alternativa a este pressuposto, que se harmonizaria mais com o próprio modo como o “filosofar”, enquanto atividade crítica, aparece nos diálogos de Platão. E, por fim, a partir do estabelecimento destes pontos, avaliaremos a possibilidade de se afirmar, no “diálogo platônico”, a existência de uma autêntica “polifonia” conforme definida por Mikhail Bakhtin (2005 [1929]).

1. A “voz” do autor: exemplos de casos e o caso de Platão

A *História da Guerra do Peloponeso* de Tucídides (460 a.C. - 400 a.C.) inicia seu texto informando ao leitor expressamente quem as escreveu, por que e quando. A partir da primeira linha, a obra nomeia seu autor e sua nacionalidade (“Tucídides, ateniense, escreveu a guerra dos peloponésios e dos atenienses”,

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. Roberto Bolzani Filho. E-mail: andrebragart@yahoo.com.br

TUCÍDIDES, 1.1.1.²), o momento em que ele começou a documentar o acontecimento histórico (“[sc.³ Tucídides] começou a escrever tão logo se estabeleceu [o conflito]”, TUCÍDIDES, 1.1.1.), e, na sequência, o motivo da decisão de fazê-lo (“acreditando [Tucídides] que isso [sc. o conflito] seria enorme e mais marcante do que [todos] os antecedentes”, TUCÍDIDES, 1.1.1.). Em seguida, o autor justifica a autoridade do seu ponto de vista dos acontecimentos: sobre os fatos que se desenrolavam naquele momento, ele os “viu” acontecendo (TUCÍDIDES, 1.1.1.); sobre os acontecimentos anteriores ao conflito, ele levou sua pesquisa ao ponto mais avançado em que poderia encontrar evidências seguras (TUCÍDIDES, 1.1.2.). No que tange a este último ponto, é notável a importantíssima mudança que aí ocorre na enunciação do discurso: até então, o autor referia-se a si mesmo em 3ª pessoa; nesse momento, ele irá falar propriamente em 1ª pessoa: “[...] pesquisando até o ponto mais avançado das evidências seguras, resulta que **eu estou convencido** de que nunca houve algo maior [que este conflito], seja entre as guerras, seja entre as outras coisas” (TUCÍDIDES, 1.1.2. - grifos nossos). E, a partir de então, esse padrão será mantido⁴. Retendo estas interessantes características autorais para futura referência, passemos ao segundo caso.

Vejam agora a famosa peça *Nuvens*, de Aristófanes (452 a.C. - 398 a.C.?). Pensemos seu texto não como texto lido, mas “em movimento”, i.e., sendo encenado, no teatro. A certa altura da performance, a ação no palco está bastante intensa: o endividado personagem Estrepsíades suplica de todos os modos ao personagem Sócrates que o aceite em meio a seus discípulos, a fim de que, aprendendo todos os sortilégios da argumentação, ele escape aos seus credores. Após uma longa sequência de cômicos mal-entendidos, o desenrolar dos fatos atinge um pequeno clímax; vem então a aceitação da parte de Sócrates, e o velho endividado pode adentrar o “pensatório” como candidato a “pensador”. Súbito, a ação teatral é interrompida. Os personagens param de conversar entre si e a ‘ilusão’ do drama é quebrada: o ator que interpretava o corifeu toma a frente, e, dirigindo-se diretamente à plateia, deixa de lado seu personagem e fala agora como sendo o próprio autor da peça:

Espectadores, vou dizer-vos a verdade sem reбуços. Sim, em nome de Dionísio, o que me criou. Tomara eu possa vencer [o presente concurso de comédias] e ser considerado um bom poeta, assim como é verdade que vos julguei espectadores sagazes e esta a mais engenhosa de minhas comédias, e achei conveniente fazer-vos prová-la em primeiro lugar, esta peça que me deu o maior dos trabalhos. [...] se achais alguma graça em mim e nas minhas invenções, para o futuro haveis de parecer homens de bom senso (ARISTÓFANES, *Nuvens*, vv. 518-562).

Este trecho – no qual, por assim dizer, o dramaturgo expressamente “aparece” no meio do seu escrito – faz parte da seção da peça chamada “parábase”, na qual o autor rompe com a ilusão dramática até então em curso, i.e., rompe o simbólico “quarto muro” que separa a performance no palco da “espectação” da

² Todas as traduções para português da obra de Tucídides foram feitas pelo autor deste artigo, utilizando o texto grego estabelecido por Hude e publicado pela Harvard University Press. Cf. THUCYDIDES, 1956, p. 2, n. 1.

³ Sc.: abreviatura de *scilicet* (latim), que significa “a saber”.

⁴ TUCÍDIDES, 1.3.1., 1.3.2., 1.3.3., etc.

plateia⁵. Esse rompimento é um estratagema extremamente comum nos exemplos de comédia do V a.C. que chegaram a nós, e várias são as formas como ele é chamado nos estudos do drama grego: Oliver Taplin chama-o de “autorreferência teatral” ou “metateatro” (1986, p. 164; 168); Luísa de Holanda, de “explicitação do fato de estarmos no teatro” ou “quebra das expectativas teatrais” (2011, p. 55). Aos meus objetivos, o importante é que, assim como Tucídides fizera nas primeiras linhas de suas *Histórias*, através deste “rompimento” do “quarto muro”, Aristófanes assume a autoria do escrito (e o dispêndio de energia nisso envolvido), e – principalmente – assume abertamente algumas posições e opiniões como sendo dele, autor. Ao fazê-lo, o poeta desvincula absolutamente as opiniões assumidas durante este trecho da obra de seus personagens; eventualmente, estes poderiam concordar ou não com o autor sobre alguma dessas opiniões, mas isso não é o que interessa ali: a parábase é como um momento de honestidade, de confissão, de transparência, que transmite uma mensagem do seguinte tipo: “Bem, isto aqui é uma obra de arte, uma ilusão dramática; estas pessoas no palco são, na verdade, atores interpretando personagens que defendem pontos de vista que lhe são próprios; agora, o que eu mesmo, autor, penso, independentemente do que estes personagens pensam, é o seguinte: [...]”⁶. A quebra do “quarto muro” é uma marca aristofânica, como se pode ver em *Acarnenses*, *Rãs*, *Pluto*, *Vespas*, etc⁷.

Vejamos agora nosso alvo de verdade, o autor Platão de Atenas (429 a.C. - 347 a.C.). Vejamos se também ele, a exemplo desses dois escritores que lhe eram contemporâneos, deixa “aparecer” a si mesmo, como autor, em seus escritos, assumindo francamente alguma posição ou opinião em 1ª pessoa. Corramos o *corpus*. Leiamos o todo dos diálogos de inquestionada autoria, deixando em suspenso *Cartas* e demais obras cujas autorias são objetos de intermináveis querelas sobre espuriedade – no que se inclui a *Carta VII*⁸. Encontramos, então, algum discurso em 1ª pessoa desse autor em seus diálogos, quebrando a 'ilusão'

⁵ Cf. BLONDELL, 2003, p. 51.

⁶ Sobre isso observa Holanda (2011, p. 62): “[...] uma peculiaridade interna à estrutura cômica [sc. de Aristófanes, o único exemplo de comédia do séc. V a.C. que herdamos] [...] são seus diversos mecanismos de, interrompendo o curso do mito, mostrar que o autor está presente, e, junto com ele, o público, os atores, a cena”.

⁷ Cf. também TAPLIN, 1986; HOLANDA, 2011. Ainda que em graus distintos, estes dois estudiosos veem a ocorrência da “quebra do quarto muro”, i.e., “ausência ou presença do autor” no texto da obra, como uma possibilidade de diferenciação entre a comédia e a tragédia gregas antigas, no sentido de isso ocorrer com frequência nos exemplos que temos da primeira e ser praticamente inexistente nos que temos da última (cf. HOLANDA, 2011, p. 59; TAPLIN, 1986, p. 168; 172-174). A comentadora, ainda, aponta passagens na *Poética* aristotélica (p. ex., 1454b1 *et seq.*) que indicam que, do ponto de vista da tragédia, a “manutenção” do “quarto muro” era-lhe extremamente positiva, já que o bom dramaturgo trágico era o que melhor “escondia” a situação de ilusão teatral em curso e a manipulação do autor dos acontecimentos (HOLANDA, 2011, p. 60); ainda que sem apoio no texto aristotélico, a opinião do outro comentador é também esta (TAPLIN, 1986, p. 164; 172). Holanda prossegue afirmando (2011, p. 67-69) que, justamente porque operaria no sentido de “quebrar” essa ilusão, deixando às claras a encenação em curso, talvez a comédia, ao contrário da tragédia, pudesse escapar às ácidas críticas do livro X da *República* à pretensão de engano da poesia. Uma conclusão possível das ideias que eu defendo no presente artigo é de que, nesse sentido, então o próprio gênero discursivo “diálogo platônico” - o qual, como as tragédias, nunca quebra o “quarto muro” - não escaparia a estas críticas. Contudo, enveredar por este caminho de reflexão seria prosseguir nesse tema mais do que é possível realizar num curto artigo, de modo que eu deixo esse percurso argumentativo para uma outra ocasião.

⁸ A inesgotável questão sobre a autenticidade da *Carta VII* não é importante aos meus objetivos no presente estudo, de modo que me reservarei o direito de nela não adentrar. Sobre as consequências para minha hipótese de trabalho da aceitação ou não dessa autenticidade, vide nota 28. Para maiores esclarecimentos sobre a discussão em torno a este problema, remeto ao luminoso artigo de Terence Irwin e à bibliografia nele aludida: IRWIN, 2008; GUTHRIE, 1978; MORROW, 1962; EDELSTEIN, 1966; TARRANT, 1983; GULLEY, 1972.

dramática em curso? Nestas obras, “aparece” em algum momento o autor Platão para assumir abertamente alguma opinião política ou doutrina filosófica como sendo inquestionavelmente “dele” mesmo? Em momento algum. Num diálogo platônico, o “quarto muro” nunca é quebrado; as “cortinas” autorais, que denunciariam a existência de um teatro filosófico em curso, nunca aparecem; as “cordas” - que nos lembrariam que os personagens são “fantoques” manipulados por um autor - nunca são expostas⁹. Por vezes, é certo que encontramos vozes de narradores exteriores às ações dramáticas principais¹⁰ (p. ex.: no *Fédon*, *Teeteto*, *Parmênides*, *República*, *Protágoras*); contudo, tais narradores também são personagens que, fora da ação dramática principal e fazendo parte de uma outra ação dramática externa, nunca são identificados com o autor¹¹. Isso significa então que não existe alguma referência ao próprio Platão nos textos do seu *corpus*? Em absoluto: no todo dos diálogos tradicionalmente considerados autênticos, há pelo menos três referências desse tipo. Todavia, em nenhuma delas é realizada uma referência a ele como autor da obra, e em nenhuma delas há alguma atribuição a ele de alguma posição filosófica ou mesmo de qualquer feito significativo realizado. Nada nem parecido com isso. Na verdade, nos três casos, estas referências são irrelevantes para as ações e discussões em curso, visto que “Platão” é apenas referido como mais um personagem dentre aqueles integrantes do séquito do personagem Sócrates, sem demarcação de importância individual. Nas duas referências da *Apologia* (34a e 38b), a referência a “Platão” é completamente *en passant*: na primeira, ele é referido na identificação daqueles personagens que estão presentes no julgamento do Sócrates platônico, e, na segunda, na identificação daqueles que ajudariam Sócrates a pagar uma eventual fiança. A terceira referência, entretanto, me é um pouco mais interessante: na última conversa do personagem Sócrates – narrada num diálogo tradicionalmente considerado do período “médio” desse autor¹², o *Fédon* – “Platão” é referido como personagem... ausente. A talvez mais célebre colocação do narrador Fédon, sempre lembrada

⁹ Cf. BLONDELL, 2003, p. 51

¹⁰ Dados os naturais limites de um artigo, não entrarei na importante discussão da diferenciação, realizada nos estudos dos diálogos platônicos, dos casos em que o narrador efetivamente participou da conversa que narra (como p. ex. no *Fédon*, na *República*, e no *Protágoras*), daqueles em que ele não participou e ouviu o relato de outrem (como p. ex. no *Teeteto* e no *Parmênides*). Certamente importante para outros contextos de discussão, esta questão não será aqui tratada, tanto devido aos limites já mencionados, quanto devido ao fato de que o foco da reflexão deste trabalho será não a relação do personagem narrador com o debate narrado, mas sim a do autor da obra (Platão) com o(s) seu(s) personagem(ns), seja o narrador, seja os demais. Para uma interessante reflexão sobre essa questão, bem como sobre diferenciação entre os diálogos “narrados” e os diálogos “sem narradores” (ou “miméticos”), remeto ao excelente estudo de Andrea Capra (2003) e à bibliografia ali aludida.

¹¹ Para Blondell, o uso destas estruturas complexas de narrativa, bem como o aparecimento na ação dramática de “ventriloquias” (um personagem falando como se fosse outro personagem), só evidencia a diminuição de autoritarismo nos discursos apresentados nos diálogos platônicos (2003, p. 39-42). Para Holanda (2014, p. 115-116), tal uso pode ser entendido como uma maneira, ainda que bem mais tímida do que as parábases cômicas, de Platão quebrar a ilusão dramática, ou melhor, de sugerir essa quebra para seu leitor. Entretanto, estou de acordo com esta comentadora quando reconhece que “tais recursos não são suficientes” para representar, para o leitor, uma efetiva quebra dessa ilusão (*idem*, p. 116).

¹² A questão da ordem e agrupamento dos diálogos em “períodos” foi uma das grandes querelas nos estudos platônicos do século XX, tendo perdido um pouco do seu vigor nas publicações do século XXI. Ao afirmar que o *Fédon* é “tradicionalmente” considerado do período “médio”, quero dizer que é assim considerado por esta tradição que, influenciada pelos estudos de estilometria do século passado, valorizou este tipo de divisão do *corpus platonicum*. Para uma boa apresentação panorâmica desta tradição, cf. ROSS, 1953 (1951), p. 1-10.

nos estudos de filosofia antiga (“Platão, creio, estava doente”¹³, Platão, *Fédon*, 59b10), tem o efeito de fazer o leitor lembrar da figura do autor “Platão” numa cena capital do imaginário desses diálogos – a morte de seu maior personagem –, apenas para que reste demarcada a sua ausência ali. Pensemos dramaticamente as mencionadas cenas destes dois diálogos, as quais para o personagem Platão significam uma *presença* e uma *ausência*: na ação da *Apologia*, o personagem Sócrates não debate suas concepções filosóficas com seus companheiros; entretanto, na ação do *Fédon*, ele o faz, ferreamente. Ora, se o personagem Platão estivesse presente na conversa contada neste último diálogo, como esteve na cena contada na *Apologia*¹⁴, é de se esperar que ele aparecesse concordando (mesmo que por silêncio), ou discordando, das posições expostas por Sócrates em seus últimos momentos de vida? É de se esperar que sim. Então Platão, autor, para evitar apresentar em um drama seu alguma assunção ou negação de doutrina em 1ª pessoa (pela figura de seu “auto personagem”), opta por um álibi, por assim dizer, “médico”, “retirando” o personagem “Platão” justamente da cena na qual, mais que todas, ele seria esperado? Esta não é uma inferência necessária; mas, dada a notável ausência de atribuição de posição filosófica ao próprio autor no todo dos diálogos platônicos, tal explicação parece estar longe de ser implausível.

Há ainda outro motivo pelo qual eu considero esta referência a “Platão” no diálogo *Fédon* mais interessante do que as outras duas. Se pudermos abdicar de explicações históricas ou psicológicas para a ausência do personagem Platão nessa discussão, e ela puder ser interpretada acima de tudo como um recurso literário, então poderíamos também considerar esta referência como “imagem” dramática representativa (i.e., metafórica) da própria ausência de voz autoral de Platão em seus diálogos. Esta ausência de voz autoral direta, que no fundo é a ausência de assunção aberta, por parte dele, de alguma posição filosófica em seus escritos, é um aspecto de sua obra que tem sido chamado nos estudos acadêmicos de “*anonimato platônico*” (“*platonic anonymity*”¹⁵). Tal conceito significa que toda e qualquer posição ou ideia filosófica, política, estética, metafísica, etc., arejada na ação apresentada em um de seus diálogos, é literariamente sempre atribuída a algum personagem – desde as posições mais simplórias às mais complexas, das mais imorais às mais elevadas, das mais aceitáveis às mais “paradoxais”. Por um lado, abstendo-nos de ulteriores

¹³ E que serve de título ao primeiro trabalho acerca desse tema a que eu pude ter acesso (GAGNEBIN, 2000), o qual me foi extremamente importante para voltar minha atenção para esta questão. Contudo, em que pese esta importância, eu discordo das conclusões principais da autora, conforme nota 19. Outros trabalhos que inicialmente me trouxeram boas reflexões sobre este assunto foram os de Blondell (2003) e de Benoit (2004).

¹⁴ Aqui parece útil demarcar que, junto com Burnet (1979 (1924) e West (1988 (1979))), eu me filio à linha interpretativa que vê a *Apologia* de Platão como indiscutivelmente uma obra do gênero “diálogo”, e não do gênero dos famosos “discursos forenses” da Grécia Antiga. Isto é, embora possua inegáveis semelhanças com este último gênero, a *Apologia* é marcada por um ininterrupto traço de “dramaticidade” e “dialogicidade”, evidenciado em elementos do texto, tais como: a menção na abertura, a exemplo do início de algumas tragédias gregas, daquilo que acabara de acontecer “antes” da “peça” começar (17a5-b1); as nítidas demarcações de que há uma “ação dramática” em curso, quando várias vezes Sócrates é interrompido pela balbúrdia das pessoas presentes (20e3-5; 21a5; 27b4-5; 30c2); as referências a alguma(s) pessoa(s) como estando “*aqui presente*”, inclusive o próprio personagem “Platão” (21a7-8; 34a1); o “interrogatório” do personagem Meleto, que, contrariado, é instado a responder as perguntas de Sócrates (24c9-28a1); etc. Para as semelhanças da *Apologia* com os discursos dos oradores feitos para os tribunais, cf. BURNET, 1979 (1924), p. 146 *et seq.*

¹⁵ Cf. PRESS, 2000a; THESLEFF, 2000; BLONDELL, 2000.

elucubrações, podemos considerar que os textos dos diálogos, em sua crueza, sempre nos apresentam doutrinas ou opiniões existencialmente vinculadas a personagens¹⁶: doutrinas “de Sócrates”, “de Timeu”, “do Estrangeiro de Eleia”, “de Céfalo”, etc; nunca assumidamente “de Platão”. E, por outro lado, ao menos de uma certeza nós, intérpretes, não podemos ser privados: este “anonimato”, este seu modo de “evasão”, foi **uma decisão dele**¹⁷, Platão, autor.

Outro aspecto interessante é que, por essa sua conformação literária, os textos destes diálogos nunca apresentam uma posição filosófica como um conhecimento inquestionável, ou tampouco imutável, eterno, transcendente. Nesse sentido, estes textos também diferem dos discursos dos poetas da tradição e de alguns filósofos anteriores, os quais atribuíram uma autoridade divina e/ou transcendente ao conteúdo vinculado por seus discursos¹⁸. Via de regra, no “teatro” filosófico platônico, antes que divinas, todas as posições e opiniões expostas são sempre vinculadas ao “ponto de vista humano e existencial” dos personagens¹⁹. Assim, a autoridade divina das musas e deuses, própria à tradição da qual emerge Platão, cede, na obra dele, seu lugar de primazia para discursos imbuídos de “fraqueza humana” (cf. Platão, *Fédon* 107b1), o que garante ao conteúdo desses discursos a possibilidade de serem sempre discutidos e estarem sempre abertos a teste e refutação²⁰. Esta é uma característica importante do *corpus platonicum*, à qual eu voltarei um pouco mais à frente.

¹⁶ Ou seja, vinculadas às vidas desses personagens, assumidas nas vidas dramáticas deles.

¹⁷ Isto é, foi uma decisão dele tanto não assumir em seus diálogos posições em primeira pessoa (a exemplo dos citados escritos de autores que lhe eram contemporâneos, como Aristófanes e Tucídides), quanto não escrever tratados em que as assumiria. Sobre o gênero discursivo “diálogo platônico”, as palavras de Blondell parecem ser extremamente pertinentes: “Por que, então, Platão escolheu escrever filosofia nesta forma particular? Não há razão honesta a esta questão, não menos porque Platão nunca nos disse na sua própria voz a(s) razão(ões) para qualquer coisa que ele diz ou faz. Isso em si mesmo **sugere que a forma dialogal é intrínseca aos propósitos de Platão** de um modo que isso não foi para escritores posteriores, de Aristóteles a Hume, que compuseram diálogos e também tratados” (BLONDELL, 2003, p. 38 – grifos nossos).

¹⁸ A título de exemplo: HOMERO. *Iliada*, vv. 1-2; *Odisseia*, vv. 1-2; HESÍODO. *Teogonia*, vv. 1; 22-34; *Trabalhos e Dias*, vv. 1-2; HERÁCLITO, fragmentos DK B1, B2, B50, B102; PARMÊNIDES, fragmentos DK B1 a B19; EMPÉDOCLES, fragmento DK B112.

¹⁹ Cf. também NIGHTINGALE, 2004, p. 113.

²⁰ Cf. BLONDELL, 2003, p. 38-39. Ao concordar com Blondell (2003, p. 56-57) em relação a esta “humanização” que os argumentos e posições filosóficas sofrem no diálogo platônico, i.e., em relação à ininterrupta vinculação dos mesmos aos personagens, ao “aqui e agora” dos personagens, à contingência de suas vidas, eu estou a discordar da posição de J.-M. Gagnebin (2000, p. 94-95), alegadamente apoiada em M. Dixsaut (1994), segundo a qual a “elisão” de Platão autor em seus diálogos representa a reivindicação de “uma verdade e uma validade não subjetivas” para os argumentos apresentados, que possibilitaria que a “escrita filosófica” pudesse ser “a escrita de nenhum sujeito singular para ser a melhor linguagem – universal? - da verdade” (GAGNEBIN, 2000, p. 95). Conforme exponho neste artigo, entendo que a “elisão” do autor na argumentação platônica não “desumanize” ou “desindividualize” estes argumentos, i.e., não os desvincule de algum sujeito, porém exatamente o contrário: entendo que este estratagemas sempre vincule tais argumentos a pessoas, as pessoas dos personagens, sempre vinculando assim tais argumentos às vicissitudes das humanas existências deles. Para dar um exemplo: no *corpus platonicum*, a posição ética “*não se deve fugir da prisão, posto que isso seria injusto, e isso mesmo na hipótese de a condenação do tribunal ter sido injusta*” não é uma posição apresentada “sem sujeito”, “sem rosto”, “desindividualizada” e “não subjetiva”: ela é apresentada como pertencente a um personagem, e como lhe pertencendo em tão alto grau que este personagem escolhe morrer a agir em desacordo com essa posição (conforme apresentado no diálogo platônico *Crítion*). Uma posição interpretativa não exatamente igual, mas que encontra pontos de concórdia com esta minha, é a de Holanda, que vê o gesto platônico de “elisão de si mesmo enquanto autor” como um “modo de fazer ver *uma* verdade: precisamente a verdade de que não é possível falar transparentemente (toda) a verdade” (HOLANDA, 2014, p. 113 – grifos nossos). Isto é, para esta comentadora, o recurso literário do “anonimato platônico”, que aparece ao leitor como um “fingimento” de que não há um autor por trás do exposto no diálogo pelos personagens, pode ser um modo autêntico de expor esses conteúdos filosóficos, devido aos limites inerentes à exposição (sempre parcial e nunca holística) humana. Cf. HOLANDA, 2014, p. 112 *et seq.*

2. A conhecida vinculação entre autor e personagem: a “Teoria do Porta-Voz” (TPV)

[...] preciso reconhecer, para começar, que os personagens dos Diálogos não são o próprio Platão. Particularmente, seria necessário constatar, contra toda uma longa tradição predominante, que Sócrates não é Platão.
Hector Benoit²¹

O uso, para veiculação de filosofia, de diálogos e obras com conteúdo dramático ou literário em geral, certamente não é uma exclusividade do nosso filósofo, o fundador da Academia de Atenas. De Aristóteles a Santo Agostinho, de Montesquieu a Sartre, vários são os filósofos que 'apresentaram' ideias filosóficas em diálogos dramatizados, peças, romances, etc. Contudo, o caso de Platão é *sui generis*, pois, diferentemente dos outros aludidos, dele não possuímos algo de outra ordem. Isto é, dele não possuímos obra não dramática, que fosse expositiva ao modo de um “tratado”²², a partir do qual não teríamos dúvidas acerca de quais posições filosóficas contidas em seus diálogos foram ou seriam realmente defendidas pelo autor, e quais foram ou seriam por ele rechaçadas²³. O caso de Platão talvez seja um único na história da filosofia ocidental: das suas obras de inquestionável autoria, chegaram-nos apenas trabalhos de teor dramático, apenas debates encenados onde várias questões são propostas, algumas respostas são ventiladas, e, destas, algumas são refutadas, algumas ridicularizadas, e algumas são mantidas até o fim da conversa. Mas, em todas estas ocasiões, são questões e respostas propostas, ventiladas, refutadas, ridicularizadas, e mantidas, **por este ou aquele personagem**, por este ou aquele indivíduo dramático que toma essas suas decisões frequentemente como reação a algum questionamento e em meio a certo “calor” da discussão encenada. Através do uso desse recurso, o “anonimato platônico”, é como se o autor Platão se reservasse o direito, em seus escritos, ininterruptamente, de se evadir de reivindicação ou alegação de doutrina pessoal, o direito de evitamento de defesa em primeira pessoa de ideia própria diante de outras ideias. Encaremos então com franqueza nosso problema enquanto exegetas: não havendo um tratado de Platão sobre as questões apresentadas nos diálogos, o qual funcionaria como uma “parábase platônica”, nem havendo qualquer outro “critério ulterior” interno ou externo aos diálogos²⁴, podemos ter alguma certeza de que a resposta ventilada pelo personagem platônico X ou pelo personagem platônico Y é mesmo a posição do próprio autor, Platão? A resposta parece óbvia, mas é um tanto quanto incômoda para a dominante tradição interpretativa do *corpus platonicum*: “não”, “não podemos ter esta certeza”.

O incômodo que boa parte de nossa tradição experimenta ao ouvir este “não” decorre, em larga medida, do fato de que o eixo principal que sustentou a interpretação dos diálogos no Ocidente, marcado

²¹ BENOIT, 2004, p. 9.

²² Sobre a possibilidade de se tomar a *Carta VII* como uma obra nesses termos, vide nota 28.

²³ “Por que não sabemos onde ele está, qual é o seu pensamento, o que assevera, o que afirma, o que endossa?” (HOLANDA, 2014, p. 114).

²⁴ Cf. NAILS, 2000, p. 18-19.

sobretudo pelas leituras de Aristóteles e do Neoplatonismo²⁵, foi a transformação dessas obras dialogais em “tratados”. A partir desta transformação, intérpretes de renome²⁶ vêm, da Antiguidade até nossos dias, respondendo “sim, podemos ter certeza” à pergunta colocada acima. A enunciação desta transformação de “diálogo” em “tratado”, subjacente aos estudos destes intérpretes, pode ser resumida na seguinte fórmula: *“a posição (filosófica, política, estética, metafísica, etc.) defendida pelo personagem platônico X é a posição do autor, Platão”*. Trata-se da formulação da famosa “teoria”, “pressuposto de leitura” ou “assunção metodológica” do “porta-voz” (*“Mouthpiece Theory”*, PRESS, 2000a, p. 5). Os incontáveis partidários deste pressuposto de leitura visivelmente identificaram, nas cenas dos diálogos, os “porta-vozes” de Platão preponderantemente como os personagens condutores de cada debate (e, pela maior frequência, “Sócrates” acima de todos):

[...] Platão, quando tem uma convicção firme, expõe seus pontos de vista e refuta os pontos de vista falsos, porém, diante de questões obscuras ou dúbias, suspende o juízo. Suas opiniões pessoais ele apresenta por meio de quatro personagens: Sócrates, Timeu, o Estrangeiro Ateniese e o Estrangeiro de Eleia [...] mesmo quando Sócrates e Timeu estão falando é sempre Platão que expõe sua doutrina (DIÓGENES LAÉRCIO, III, 51-52).

Obviamente que essa tradição interpretativa não foi unívoca, tendo assumido várias nuances. Na nuance que esteve mais em voga nos últimos dois mil anos, o somatório das posições filosóficas expostas ou defendidas por estes personagens citados na passagem acima constitui um “sistema filosófico platônico”, constitui a “filosofia de Platão”, o “platonismo”. Em tal sistema, a lacuna deixada em aberto pelo personagem condutor da discussão num diálogo é preenchida, quando possível, com a posição defendida pelo condutor da discussão em outro diálogo; e, quando impossível, é preenchida com uma solução de algum outro autor ou uma solução *ad hoc*. O importante é, nesta tradição interpretativa, formar um todo doutrinário coerente para o mestre de Aristóteles. Aos casos em que as posições dos porta-vozes parecem ser contraditórias entre si, também muito esforço argumentativo foi e é dispendido. Assim, por vezes, consegue-se com brilho e genialidade conciliar o aparentemente inconciliável, e quando não se consegue, sói ser afirmado que Platão “mudou” ou “evoluiu” sua posição filosófica no decorrer de tempo entre a escrita das duas obras que apresentam as posições divergentes. São estas medidas exemplos de soluções exegéticas da tradição dominante para manutenção da “Teoria do Porta-Voz”. Ora, uma análise das obras platônicas que fosse “neutra” (i.e., não comprometida de antemão com esta manutenção) talvez nos obrigasse a reconhecer que todas estas soluções exegéticas não podem deixar de ser conjecturais: não há nenhuma evidência textual nos próprios diálogos platônicos da validade dessa teoria ou pressuposto de leitura do “porta-voz”²⁷. Não há nenhum elemento nos diálogos que chegaram até nós que sirva de base para inferir que o que os personagens

²⁵ Para evidências da influência que essas leituras tiveram sobre a posteridade, cf. GONZALEZ, 1995, p. 2-12; PRESS, 2000, p.1-8.

²⁶ A enorme lista de intérpretes contemporâneos que Gerald Press fornece como exemplo dessa posição exegética parece confirmar que esta de fato é a posição dominante nos principais estudos acadêmicos sobre Platão. Cf PRESS, 2000b, p. 27, nt. 2; nt. 3; p. 28, nt. 4; nt. 5.

²⁷ Cf. também Press (2000b, p. 28-29; 31-32).

X ou Y defenderam com veemência, ou expuseram com toda insegurança, fosse aquilo que o próprio autor, Platão, defenderia ou exporia como próprio. A precariedade de justificação desse pressuposto do “Porta-Voz” foi denunciada por muitos estudiosos, como, por exemplo, Press:

[...] como Frede, nós podemos estar “confiantes de que um argumento com que nós estamos lidando é argumento de Platão”, mas confiança não é prova, nem mesmo evidência, que isto do que alguém está confiante é verdadeiro. Isto é um passo preliminar logicamente essencial que eu devo afirmar que [no caso do uso da “Teoria do Porta-Voz” como pressuposto para leitura dos diálogos platônicos] é injustificado (PRESS, 2000b, p. 29).

E não só isso: a “neutralidade” nos obrigaria a reconhecer que a assunção do pressuposto do “porta-voz” é, na verdade, também uma questionável decisão exegética para com a obra platônica, dados os próprios moldes em que nós a recebemos: uma decisão interpretativa que, como eu já disse, converte esta obra de “diálogo” em “tratado”²⁸, e assim transforma o jogo polifônico, entre personagens, de perguntas, dúvidas e respostas, frequentemente provisórias e às vezes falaciosas, em discurso autoral direto, expositivo e dogmático, monofônico e em 1ª pessoa. Opera-se, nesse sentido, a transformação de um texto que contém silêncio, lacuna, insegurança e hiato, em um sistema filosófico completa, perfeita e hermeticamente fechado. Tais atitudes do exegeta, antigo e moderno, foram e são sempre “questionáveis”: a única medida que legitimaria tais atitudes como procedimentos acadêmicos válidos seria o uso de critérios confiáveis, internos ou externos aos textos dos diálogos, que informassem que esta ou aquela posição filosófica neles presente era de fato a de Platão. E, até onde vai o meu conhecimento das obras da Antiguidade que chegaram até nós, tais critérios não existem²⁹. Se algum dia porventura existiu obra que pudesse funcionar como critério de identificação de qual opinião era ou não pessoalmente “de Platão”, o fato é que uma tal obra não chegou (até

²⁸ Cf. BLONDELL, 2003, p. 39: “[...] os diálogos não são tratados contendo uma exposição sistemática das próprias visões de Platão. [...] Para simplificar consideravelmente, duas das mais conspícuas e indiscutíveis funções dessa forma [sc. a forma dialogal], como eu a vejo, são evitar dogmatismo platônico e 'criar' no leitor como que um participante na discussão. O evitamento do dogmatismo é um fato formal simples, um que concorda com a definição da forma dramática como a ausência de uma voz autoral ou narrativa. Desde que Platão nunca fala em sua própria voz, ele nunca adota uma postura pedagógica dogmática ou autoritária para com sua audiência ou público leitor [...]”; PRESS, 2000b, p. 29: “[...] um diálogo não é um tratado e as estratégias interpretativas apropriadas ao último não são necessariamente apropriadas ao primeiro. O autor de um tratado comunica ordinariamente ao leitor diretamente, explicitamente, e num modo que tem sido chamado monologicamente; i.e., uma voz única, como quer que seja, fala ao leitor ininterruptamente. Mesmo quando um autor considera objeções à posição sendo defendida, estas objeções são estabelecidas *pelo* autor e *dentro* da infraestrutura intelectual do autor. Comunicação pelo autor de um genuíno diálogo, contudo, é indireta no sentido que o que o autor quer dizer tem que ser procurado e encontrado; isso não está bem ali na superfície. Isso está implícito, sugerido, mais que estabelecido clara e abertamente. E isso é dialógico no sentido de que o leitor ouve, como quer que seja, uma multiplicidade de vozes, cada personagem falando desde sua própria infraestrutura intelectual”. Este último comentador também alude a outros comentadores como corroborando sua posição: Mulhern (1969), Levi (1976), Tejera (1984), Griswold (1989), Arieti (1991), Sayre (1995) e Rutherford (1995).

²⁹ Ao leitor arguidor que se posicionasse contra mim, dizendo que, na hipótese de assumirmos a sua autenticidade, a *Carta VII* pode ser considerada como esse critério externo aos diálogos, podendo então ser usada para validação da “Teoria do Porta-Voz”, creio que possa lhe ser dada a resposta de G. Press. Este comentador parece ter tido razão quando afirmou que esta obra, ao estabelecer que os assuntos mais sérios para Platão não se encontram em suas obras escritas (PLATÃO, *Carta VII*, 341b-c), operaria na verdade num sentido diametralmente oposto. Isto é, a aceitação da autenticidade deste texto, antes de validar, invalidaria de vez a “Teoria do Porta-Voz”, uma vez que ficaria estabelecido que nada do que tivesse sido dito por um personagem poderia ser considerado como correspondendo a uma das posições do próprio autor, Platão (as quais, presumivelmente, ser-lhe-iam “assuntos dos mais sérios”). Cf. PRESS, 2000b, p. 34. Por outro lado, uma eventual comprovação da inautenticidade desta obra em nada contribuiria ao reconhecimento de existência ou inexistência de legitimidade no uso da “Teoria do Porta-Voz”. E é justamente esta inocuidade geral da discussão da autoria desta Carta para meus objetivos o principal motivo porque considero tal discussão dispensável no presente estudo.

agora) até nós. Portanto, quando um intérprete chega a conclusões acerca de quais opiniões seriam “de Platão”, arguindo como se possuísse *mesmo* um tal critério, conscientemente ou não ele está descaracterizando a natureza “dialógica” dos diálogos. Tendo isso em mente, quão razoável, então, poderia nos parecer o convite de Debra Nails:

[...] se um mais que tudo claro e seguro sim [sc. como resposta à pergunta “em quais momentos dos textos dos diálogos o personagem Sócrates é mesmo o porta-voz de Platão?”] não é alcançável, deixando-nos lutando para encontrar critérios ulteriores para determinar exatamente quando Sócrates é porta-voz de Platão, por que não abandonar a questão e perguntar no lugar dela a nós mesmos se este ou aquele argumento [sc. apresentado num diálogo por algum personagem] é bom, se esta ou aquela posição filosófica particular [sc. apresentada num diálogo por algum personagem] é significativa e produtiva? (NAILS, 2000, p. 19).

3. O abandono da “Teoria do Porta-Voz” e suas consequências exegéticas

Há algo de valioso nas palavras acima da comentadora: o abandono da dita “Teoria do Porta-Voz” – a qual é um pressuposto de leitura historiográfico e biográfico (sobre Platão autor) dependente de critérios ainda inexistentes para ser validado³⁰ – **não implica** que o *corpus platonicum* se torne um ambiente menos fecundo para a reflexão filosófica. Reflitamos: restaria destruído nosso interesse filosófico por essas obras se a “Teoria do Porta-Voz” fosse abandonada? Parece-me que não. Na verdade, nosso interesse poderia mesmo crescer, uma vez que a fecundidade filosófica do todo dos diálogos pode ficar ainda mais em relevo. Pensemos inicialmente no uso que os diálogos poderiam ter à época do próprio Platão, para a sua atividade de ensino de filosofia na Academia de Atenas. O texto de um diálogo, ao atribuir um argumento ou posição filosófica a um personagem e não ao autor, retiraria também a “autoridade”, inerente à figura do sábio e respeitado “mestre Platão”, desta concepção ou argumento filosófico. E isso poderia permitir ao membro da Academia avaliar de modo mais rigoroso e criterioso a legitimidade desta concepção ou argumento *nele mesmo*, sem ser influenciado neste processo pelo “respeito” ou “amizade” pelo mestre³¹. E, ainda que em menor grau, algo análogo pode ainda valer mesmo para nós, leitores modernos: ao nos desvencilharmos da noção de que um certo argumento nos diálogos é do autor, Platão, nós deixamos de considerar tal argumento de antemão como mais forte ou melhor do que os outros argumentos da discussão encenada. Assim, ao invés de já nos dirigirmos ao texto procurando ver **como** este ou aquele argumento em específico supera os outros argumentos, nós poderíamos procurar ver, primeiramente e com mais neutralidade, **se de fato** este argumento supera os outros, ou **se não** supera. E disso, o próprio personagem Sócrates platônico parece estar totalmente concorde; com suas célebres palavras, “cuidai menos de Sócrates do que da verdade” (PLATÃO, *Fédon* 91b8), o personagem talvez pudesse ser interpretado como querendo dizer: *preocupai-vos menos se é*

³⁰ Cf. NAILS, 2000, p. 16-17.

³¹ Cf. BLONDELL, 2003, p. 39-40.

[o personagem] Sócrates quem enuncia tal argumento, e mais se o próprio argumento é por si mesmo válido.

Assim, este gênero discursivo dialógico, marcado pelo “anonimato platônico”, poderia ser, do ponto de vista didático de um Platão professor de filosofia, a forma de escrita que mais atendeu a uma das características atribuídas nos textos de seus diálogos ao “método dialético”³²: *toda posição ou argumento não deve ser aceito sem discussão, e sempre estará sujeito a exame de refutação, ao teste de sua “força”* (conforme p. ex. em *Fédon* 85b-d, 107a-b, e alhures). Se nossa leitura de uma obra platônica fosse iniciada sem que a posição “A é B”, nela apresentada, fosse de antemão considerada como propriamente “platônica”, então a “força” e “legitimidade” desta posição estará sempre passível de ser colocada à prova e revogada – seja ela emanada do personagem Górgias ou do personagem Sócrates, de Trasímaco ou de Glauco, de Diotima ou até, surpreendentemente, do próprio deus Apolo (conforme a forte afirmação de que até o dito do deus deveria ser submetido a exame de refutação: *Apologia* 21c1). Em tese, não tingido por uma absoluta autoridade – qualquer que seja: do autor Platão, de um sábio, de um deus, etc. - qualquer argumento ou posição num diálogo, antes que para ser assumido passiva e dogmaticamente pelo leitor, é um **convite**, uma **provocação**, ao **exercício crítico do pensamento**, ao exercício do filosofar, do discutir. Tal característica é o que Nails chamou de princípio do “término duplamente em aberto” (“*double open-endedness*”) do diálogo platônico, o qual significaria que “não apenas as conclusões do argumento filosófico mas [também] as assunções sobre as quais estes argumentos estão baseados [...] devem permanecer radicalmente abertas a desafio ulterior. Nenhuma doutrina e nenhum axioma em Platão está protegido de posterior revisão” (NAILS, 1995, p. 218-219). Considero este princípio identificado pela comentadora como estando presente na maior parte do *corpus*, e concordo com ela que a ausência de assunção platônica, em seus escritos, de posição ou argumento em 1ª pessoa, opera **dentro desse princípio**, contribuindo para o estímulo da filosofia como exercício crítico de pensamento: “por inflexivelmente recusar-se a tratar a discussão filosófica como fechada, ele [sc. Platão] evita elencar a si mesmo como autoridade sobre qualquer questão filosófica, deixando a autoridade brotar dos bons argumentos [por si mesmos]” (NAILS, 2000, p. 20). A “força” do argumento ou afirmativa presente num diálogo, portanto, deve advir do próprio argumento ou afirmativa, na discussão com os argumentos e afirmativas que se lhe podem ser opostos, e não do mero fato de que foi o personagem X ou Y quem o enunciou. Do contrário, o exegeta corre sério risco de cair numa *argumentação circular*: “Por que o personagem X é o porta-voz de Platão? Porque seus argumentos são os mais fortes, logo, os mais dignos do fundador da Academia. E por que tais argumentos são os mais fortes? Porque foram enunciados pelo personagem X, que é o porta-voz de Platão.”

Importa aqui deixar claro que não estou afirmando nem defendendo que Platão fosse necessariamente

³² Frise-se que eu emprego o termo “dialética” não no sentido hegeliano, mas sim no sentido geral que aparece nas obras platônicas, i.e., da arte de conversação ou diálogo (ou seja, de perguntas e respostas) empregada por um filósofo na sua busca de conhecimento. O modo como o jogo de perguntas e respostas se dá encontra variações de obra para obra. Cf. PLATÃO. *Fédro* 265a-266e; *Sofista* 253a-e; *República* 532e-534d.

carecente de opiniões ou posições filosóficas próprias, e nem que alguma afirmação de personagem platônico eventualmente não possa coincidir com as próprias posições do autor. Afinal, não temos elementos de prova nem para afirmar esta coincidência e nem também para negá-la³³. O que estou procurando apontar é que, pela forma específica em que ele escolheu escrever seus textos, uma forma dialogal e “não-dogmática”, Platão decidiu não expor posições assumidas *como autor*. *Como autor*, mais que transmissão de doutrinas, ele parecer ter escolhido o fomento da discussão, do debate, o fomento do filosofar³⁴.

4. Assumir o abandono da TPV implica reconhecer a “polifonia” bakhtiniana nos diálogos platônicos?

Antes de encerrar este trabalho, há uma última questão que eu gostaria de perseguir: a possibilidade de se interpretar os textos platônicos como contendo o famoso elemento de “polifonia” nos moldes em que foi delimitado por Mikhail Bakhtin em seu clássico estudo de 1929, “*Problemas na Poética de Dostoiévski*”³⁵. É fato que o próprio Bakhtin traçou uma relação clara entre o objeto principal de sua análise neste livro, o “romance polifônico”, e os diálogos de Platão³⁶; e é justamente esta relação que, à luz de minhas conclusões anteriores, eu gostaria de pensar. Este tipo de romance seria um novo gênero literário, que, tendo como criador e maior expoente Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski, teria como principal aspecto, como o próprio nome diz, a presença daquilo que Bakhtin chamou de uma autêntica “polifonia”. Segundo o teórico, este conceito significaria a existência, na obra literária, de uma multiplicidade de “vozes” ou pontos de vista de personagens (“heróis”), as quais seriam “independentes”, “plenivalentes”, “equipolentes”, não mescláveis entre si e não confundíveis com ou reduzíveis à “voz” ou ponto de vista do autor (BAKHTIN, 2005, p. 4-5). Para Bakhtin, neste tipo de obra, “a voz do herói sobre si mesmo e o mundo é tão plena como a palavra comum do autor”, e por isso a primeira não serve de intérprete da última (BAKHTIN, 2005, p. 5)³⁷. As “vozes” das principais personagens³⁸ num conto ou romance “polifônico”, assim, possuiriam “excepcional independência na estrutura da obra”: é “como se soasse[m] ao lado da palavra do autor, coadunando-se de

³³ Cf. GERSON, 2000.

³⁴ Cf. NAILS, 2000, p. 20: “[...] sem dúvida de que há filósofos que escrevem para revelar suas próprias mentes; mas outros escrevem para incendiar, e assim continuar o processo dialético. Sem dúvida há professores de filosofia que advogam suas próprias crenças, e outros que inventam argumentos favoráveis e contrários a uma variedade de posições incompatíveis, para convidar seus alunos à filosofia; alguns podem até recusar-se a confessar seus próprios pontos de vista, quando perguntados, mas isso não significa que eles não tenham pontos de vista”; *idem*, p. 25: “Ninguém precisa, e eu não faço, arguir que Platão não teve doutrinas; e seria absurdo arguir que os diálogos não têm conteúdo filosófico, que *apenas* o método platônico é importante. Todavia, eu mantenho que a função *primária* dos diálogos foi causar rebuliço dialético acadêmico [sc. dentro da Academia de Platão] por ilustrar discussões filosóficas exemplares e por exibir posições filosóficas complexas para crítica”.

³⁵ Saliento que para fins da minha análise não vou considerar os apontamentos posteriores de Bakhtin no sentido de realizar uma volta ao tema (1961-1963).

³⁶ Para Bakhtin, os diálogos platônicos fazem parte do conjunto “diálogo socrático”, que é um dos dois principais gêneros antigos que ele identifica na assim denominada “linha de evolução” da literatura europeia que culmina no “romance polifônico” de Dostoiévski. O outro principal gênero da Antiguidade nessa formação seria a “sátira menipeia”. Cf. BAKHTIN, 2005, p. 102-180.

³⁷ Cf. também BAKHTIN, 2005, p. 24-25.

³⁸ Isto é, aqueles que “desempenham papel essencial no romance” (BAKHTIN, 2005, p. 33).

modo especial com ela e com as vozes plenivalentes de outros heróis” (BAKHTIN, 2005, p. 5). Neste sentido, segundo Bakhtin, a autêntica “polifonia” que vigora nesse novo gênero de romance se oporia ao tom predominante no romance comum europeu, que seria “monológico” e “homofônico”, i.e., tendente à exposição de pontos de vistas de maneira dogmática e unívoca, sem conceder espaço a um real “dialogismo” e a genuínos embates de posições equipolentes (BAKHTIN, 2005, p. 5-6). O teórico russo mostra que resulta deste seu caráter próprio que a obra “polifônica” é “profundamente personalista” (BAKHTIN, 2005, p. 7-8)³⁹, no sentido de que todo pensamento, opinião ou posição nela apresentada é “do homem” (BAKHTIN, 2005, p. 11), i.e., de uma pessoa, a pessoa de um personagem: “cada opinião é como se viesse a se tornar um ser vivo” (GROSSMAN, 1924, p. 9-10, *apud* BAKHTIN, 2005, p. 15). E o autor da obra “polifônica” garantiria uma certa integridade à voz desse “ser vivo” enquanto *outra*, i.e., enquanto *voz outra que a voz dele, autor*; ou seja, o autor não “fundiria” sua voz com a do personagem (BAKHTIN, 2005, p. 11). Segundo Bakhtin, a obra “polifônica”, assim, atinge um grau altamente elevado de “dialogicidade”, que ultrapassa mesmo as conversas travadas entre seus personagens, e alcança a própria relação dela com seu leitor. Em vez de este “receber” passivamente o teor do texto, como ocorre quando do contato com o romance comum monológico, de acordo com a descrição bakhtiniana o “dialogismo” da obra “polifônica” “faz dele [sc. do leitor] um **participante**” da discussão em curso nela (BAKHTIN, 2005, p. 17 – grifos nossos), impingindo-lhe um papel necessariamente também ativo. Tais são as marcas principais da “polifonia”.

Como podemos ver, várias são as semelhanças entre essa caracterização que Bakhtin realiza do fenômeno da “polifonia” em literatura e a caracterização apresentada por mim do modo como a forma dialogal e o “anonimato” ocorrem na obra de Platão. Inicialmente podemos perceber que ambas são constituídas pela apresentação de uma multiplicidade de “vozes” ou pontos de vista de personagens, bem como pela ausência de razões internas às próprias obras para reduzir qualquer uma destas “vozes” plurais à suposta “voz” una (ou seja, o ponto de vista) do autor. A segunda semelhança é a oposição possível de ser desenhada entre esse *modus* polifônico e o *modus* da obra comum, “monológico” e “homofônico”, o qual expõe pontos de vistas de maneira dogmática e unívoca (em oposição ao romance polifônico de Dostoiévski teríamos o romance comum; em oposição ao diálogo platônico, a forma do “tratado”). O terceiro ponto de aproximação é o que Bakhtin chamou de caráter “profundamente personalista” do texto (2005, p. 7-8): assim como na obra “polifônica” “não há ideias, pensamentos ou teses que não sejam de ninguém” (BAKHTIN, 2005, p. 32), no diálogo platônico, conforme eu expus, igualmente não há. E o quarto ponto de interseção⁴⁰ é a “dialogicidade” (BAKHTIN, 2005, p. 17) inerente a estes dois tipos de obras, no que tange aos efeitos sobre o seu leitor: a própria conformação desses tipos de textos instiga quem os lê a tornar-se um verdadeiro partícipe do debate. Se ao leitor de um “tratado” pode não ser difícil desempenhar o papel de um

³⁹ Cf. também BAKHTIN, 2005, p. 32: “Para Dostoiévski, não há ideias, pensamentos ou teses que não sejam de ninguém”. Ver também *idem*, p. 111-112.

⁴⁰ Para mais semelhanças, cf. Bakhtin (2005, p. 107-112).

“doutrinado” (no sentido de convencimento passivo), o leitor da obra dialógica é constantemente provocado a duvidar, a contra-argumentar, e até mesmo a lançar perguntas que os personagens sequer lançaram.

Contudo, se semelhanças entre a obra “polifônica” e o diálogo platônico são identificáveis, certamente diferenças também são. Como aponte, Bakhtin insiste (2005, p. 4-5; 17) que é notável no primeiro tipo de obra uma “plenivalência”, “equicompetência” e “equipolência” entre as vozes dos personagens principais que atuam em determinada obra. Já no diálogo platônico, embora eu tenha mostrado que não há elementos para identificação entre a posição do autor e os argumentos que defendem os personagens condutores das discussões, não vejo como negar que haja uma “ênfase” maior do autor sobre estes argumentos, em detrimento da maioria dos argumentos que lhes são opostos por outros personagens. Bem como creio haver também uma maior “competência” destes condutores (Sócrates inegavelmente incluído) em seus desenvolvimentos argumentativos do que seus interlocutores apresentam nos seus. Isto evidentemente não significa que os condutores dos diálogos platônicos estejam sempre “certos”; mas significa que há uma tendência nesses textos de que eles desempenhem argumentações mais complexas, mais sofisticadas, e melhor desenvolvidas do que seus interlocutores. Entretanto, a “plenivalência” entre as vozes dos personagens principais dentro de uma mesma obra é certamente, para Bakhtin, uma marca essencial da autêntica “polifonia”⁴¹, e este é um dos motivos por que ele não titubeia em reclamar a invenção da mesma para Dostoiévski⁴²; a ausência deste traço, portanto, desautoriza-nos a classificar um diálogo platônico como realmente “polifônico” em sentido bakhtianiano⁴³.

Por fim, penso ser possível também identificar características apontadas por Bakhtin nas obras polifônicas de Dostoiévski mas que não podemos nem afirmar nem negar dos diálogos platônicos. Como já citado acima, o teórico russo afirma que as “vozes” dos personagens das obras dostoiévskianas são “independentes”, possuindo uma “excepcional independência na estrutura da obra, [...] como se soasse[m] ao lado da palavra do autor” (BAKHTIN, 2005, p. 5). No mesmo sentido, ele afirma que Dostoiévski não “funde” sua voz com a do personagem (*idem*, p. 11). Pois bem, de fato, além das obras de literatura, possuímos de Dostoiévski obras em que ele expõe ideias em nome próprio⁴⁴, de modo que creio ser plenamente possível falarmos, no caso deste autor, que a voz de determinado personagem seu está “ao lado” da voz do autor, ou que ela “coincide” ou “não coincide” com aquela, ou que está “fundida” ou não com aquela. Entretanto, quanto ao autor Platão, conforme mostrei acima, uma vez que não conhecemos obra sua que, expondo doutrinas ao modo de um tratado, nos possibilitasse a realização desta comparação (entre posição do autor e posição do personagem), creio ser impossível afirmar ou negar essa “coincidência” ou “fundição” de voz autoral e voz de personagens. Talvez, o máximo que seria possível fazer seria nos abster de

⁴¹ Cf. Bakhtin (2005, p. 4-5; 17).

⁴² Inclusive, este é um dos critérios que o teórico russo utiliza para desqualificar as obras de Shakespeare como realmente “polifônicas” (cf. Bakhtin, 2005, p. 34-35).

⁴³ A esta conclusão também chega o próprio Bakhtin (2005, p. 122; 180).

⁴⁴ O próprio Bakhtin (2005, p. 40) cita trechos de cartas do escritor russo ao irmão.

tais afirmações ou negações, e buscar outros motivos para estudar as obras de Platão. E com esta sugestão encerro este último ponto.

Considerações finais

A título de conclusão, retomarei meus já apresentados resultados sobre o gênero discursivo dialógico platônico:

- a) tratar a “Teoria do Porta-Voz” (“TPV”) não como uma questão em aberto, mas como uma verdade dada para interpretação da obra platônica, é absolutamente injustificado; “usos e costumes” da tradição não provam uma teoria ou pressuposto de leitura;
- b) pelas evidências atualmente conhecidas, a TPV não pode ser justificada ou provada – nem refutada, importa igualmente reconhecer;
- c) a questão da validade ou não da TPV é uma questão, no rigor dos termos, historiográfica e biográfica sobre o filósofo Platão de Atenas, mas não é *stricto sensu* uma questão “filosófica”;
- d) o poderio de reflexão filosófica dos diálogos platônicos não diminui com o abandono da TPV, mas, ao contrário, só aumenta, pois dá ocasião a um mais intenso exercício do pensar⁴⁵;
- e) esse aumento é consonante com o modo como a filosofia, enquanto prática dialética, é descrita e dramaticamente apresentada nesses diálogos⁴⁶; o abandono da TPV é, portanto, mais consonante com essa prática do que o é a própria assunção injustificada dessa teoria.
- f) apesar de alguns elementos de semelhança que poderiam apontar neste sentido, não é possível qualificar o “diálogo platônico” como gênero de obra “polifônica” no rigor do termo bakhtianiano.

O reconhecimento da legitimidade destes seis pontos acima, evidentemente, não obriga, mas antes convida a corrente dominante de leitura do *corpus platonicum* a se repensar. Isto é, convida-a a repensar seus próprios paradigmas, seus próprios pontos de apoio e seus próprios eixos condutores de interpretação. A partir dessa reflexão, uma mudança, então, certamente não passará a ser obrigatória; mas passará a ser *possível*. A mudança sobre *para onde olhar* ao olhar para uma obra platônica. Uma mudança, por assim dizer, tão radical quanto mudar nossa opinião sobre o *ponto em torno do qual todo o resto gira*.

⁴⁵ A aporia do exegeta, assim, pode ser tão produtiva para o seu pensar como, nos textos dos diálogos, as aporias são para o caminhar do pensamento do filósofo que está em cena: “[...] o filósofo humano [...] nunca alcançará completo conhecimento e, portanto, sempre experimentará *aporia*: apesar do fato de que ele irá descobrir algumas verdades, sempre existirá outras que ele não conhece. [...] na medida em que ele sabe que há coisas que ele não sabe, ele experimentará uma permanente sensação de *aporia*. Eu tomo isto ser uma condição positiva, ainda que nem sempre confortável (apesar de isso parecer talvez negativo quando comparado com um perfeito ideal): é uma auto-consciencialidade *fértil* da ignorância que é um fundamental aspecto da *theoria*. Na atividade de teorizar, *aporia* trabalha junto com *éros*, o qual compele a filosófica alma para procurar e buscar um caminho na direção da verdade (de novo e de novo)” (NIGHTINGALE, 2004, p. 106).

⁴⁶ “O fato que as pessoas apresentadas nos diálogos de Platão estão fazendo filosofia é central para o julgamento usual que estes são trabalhos de filosofia, como opostos a filosóficos trabalhos de literatura” (BLONDELL, 2003, p. 37).

Referências bibliográficas

- ARIETI, James. **Interpreting Plato: the dialogues as drama**. Lanham: Rowman & Littlefield, 1991.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas na Poética de Dostoiévski**. 3a. Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005 (1929).
- BENOIT, Alcides Hector Rodriguez. **Em busca da odisseia dialógica: a questão metodológica das temporalidades**. Tese (Livre-Docência em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- BLONDELL, Ruby. **The play of character in Plato's dialogues**. Cambridge: CUP, 2003 (2002).
- BURNET, John. **Plato's Euthyphro, Apology of Socrates and Crito**. Oxford: Clarendon Press, 1979 (1924).
- CAPRA, Andrea. Dialoghi narrati e dialoghi drammatici in Platone. In: TRABATTONI, Franco; BONAZZI, Mauro (eds.). **Platone e la tradizione platonica. Studi di Filosofia Antica**. Milano: Cisalpino, 2003.
- DIXSAUT, Monique. **Le naturel philosophe**. Paris: Vrin, 1994.
- EDELSTEIN, Ludwig. **Plato's Seventh Letter**. Leiden: Brill, 1966.
- GAGNEBIN, Jeanne.-Marie. Platão, acho, estava doente. **Kléos**. v. 4, n. 4, p. 89-95, 2000.
- GERSON, Lloyd. Plato Absconditus. In: PRESS, Gerald (ed.). **Who speaks for Plato?** New York: Rowman & Littlefield, 2000, p. 201-210.
- GONZALEZ, Francisco José (ed.) **The third way**. London: Rowman & Littlefield, 1995.
- GRISWOLD, Charles. **Platonic Writings, Platonic Readings**. New York: Routledge, 1989.
- GULLEY, Norman. The authenticity of the Platonic Epistles. In: VON FRITZ, Karl (ed.). **Pseudepigrapha I**. Geneva: Fondation Hardt, 1972.
- GUTHRIE, William Keith Chambers. **History of Greek Philosophy**. v. 5. Cambridge: CUP, 1978.
- HOLANDA, Luísa Severo Buarque de. O dramaturgo ausente: uma análise das noções de *necessidade* e *verossimilhança* na Poética. **O que nos faz pensar**, no. 30, 2011, p. 207-217.
- HOLANDA, Luísa Severo Buarque de. “Mas, cidadãos de Atenas, Platão aqui presente”. **O que nos faz pensar**, no. 34, 2014, p. 109-124.
- IRWIN, Terence Henry. Introdução à *Carta VII*, de Platão. In: PLATÃO. **Carta VII**. Trad. de José Trindade dos Santos e Juvino Maia Jr.. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO; São Paulo: Loyola, 2008., p. 7-43.
- LEVI, Albert William. Philosophy as Literature. **Philosophy and Rethoric**, no. 9, p. 1-20, 1976.
- MORROW, Glenn Raymond. **Plato's Epistles**. Indianapolis: Bobbs-Merrill, 1962.
- MULHERN, J. J. Treatises, Dialogues, and Interpretation. **Monist**, no. 53, p. 631-641, 1969.
- NAILS, Debra. **Agora, Academy and the Conduct of Philosophy**. Boston: Kluwer, 1995.
- NAILS, Debra. Mouthpiece Schmouthpiece. In: PRESS, Gerald (ed.). **Who speaks for Plato?** New York: Rowman & Littlefield, 2000, p. 15-26.
- NIGHTINGALE, Andrea Wilson. **Genres in Dialogue**. New York: Cambridge University Press, 2004.
- PRESS, Gerald. Introduction. In: PRESS, Gerald (ed.) **Who speaks for Plato?** New York: Rowman & Littlefield, 2000a, p. 1-8.
- PRESS, Gerald. The Logic of Attibutting Characters' Views to Plato. In: PRESS, Gerald (ed.) **Who speaks for Plato?** New York: Rowman & Littlefield, 2000, p. 27-38.
- ROSS, Sir David. **Plato's Theory of Ideas**. Oxford: Clarendon Press, 1953 (1951).

- RUTHERFORD, Richard. **The Art of Plato**. Lanham: Rowman & Littlefield, 1995.
- SAYRE, Kenneth M. **Plato's Literary Garden**. Cambridge: Harvard University Press, 1995.
- TAPLIN, Oliver. Fifth Century Tragedy and Comedy: a Synchrisis. **The Journal of Hellenic Studies**. Vol. 106, p. 163-174, 1986.
- TARRANT, Harold. Middle Platonism and Seventh Letter. **Phronesis**, no. 28, p. 75-103, 1983.
- TEJERA, Victor. **Plato's Dialogues One by One**. New York: Irvington, 1984.
- THESLEFF, Holger. The Philosopher Conducting Dialectic. In: PRESS, Gerald (ed.). **Who speaks for Plato?** New York: Rowman & Littlefield, 2000, p. 53-66.
- WEST, Thomas G. **Plato's Apology of Socrates**. Ithaca: Cornell University Press, 1988 (1979).

Fontes

- ARISTÓFANES. Nuvens. Tradução e notas de Gilda Maria Reale Starzynski. In: **Os Pensadores II**. São Paulo: Abril Cultural, 1972.
- BURNET, Ioannes. **Platonis opera**. Recognovit Brevique Adnotatione Critica Instruxit Ioannes Burnet. Oxford: Typographeo Clarendoniano, 1900-1907.
- DIÓGENES LAÉRCIO. **Vidas e Doutrinas dos filósofos ilustres**. Trad. Mário da Gama Cury. Brasília: UnB, 1987.
- HESÍODO. **Teogonia**. Trad. JAA Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- HESÍODO. **Trabalhos e Dias**. Trad. Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras, 1991.
- HOMERO. **Ilíada**. Trad. Haroldo de Campos. São Paulo: Arx, 2003.
- HOMERO. **Odisseia**. Trad. Donald Schuller. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. Trad. André Malta Campos. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- PLATÃO. **Carta VII**. Trad. de José Trindade dos Santos e Juvino Maia Jr.. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO; São Paulo: Loyola, 2008.
- PLATÃO. **Parmênides**. Trad. Maura Iglésias e Fernando Rodrigues. São Paulo: Loyola, 2013.
- PLATÃO. **República**. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- PLATO. **Phaedo**. Transl. David Gallop. Oxford: Clarendon Press, 2002 (1975).
- PLATÓN. **Parménides, Teeteto, Sofista, Político**. Trad. María Isabel Santa Cruz, Álvaro Vallejo Campos, Néstor Luís Cordero. Madrid: Gredos, 1988.
- PLATON. **Protagoras**. Trad. Frédérique Ildefonse. Paris: Flammarion, 1997.
- THUCYDIDES. **History of the Peloponnesian War. Books I and II**. Transl. by Charles Foster Smith. Cambridge: Harvard University Press, 1956.

Ciência das Ideologias, Metalinguística e Método Sociológico: Questões metodológicas no Círculo de Bakhtin

Artur Daniel Ramos MODOLO¹

Resumo: *O presente artigo, de caráter exploratório e panorâmico, tem como objetivo situar a perspectiva metodológica bakhtiniana em relação aos demais estudos do discurso e do texto. Destaca-se, sobretudo, as oposições e paralelos entre a interpretação bakhtiniana com as leituras que partem da perspectiva imanentista e subjetivista da linguagem. Desse principal objetivo é possível derivar parte dos temas abordados pelo artigo, entre eles, a ligação entre teoria e metodologia e as variações metodológicas decorrentes da pluralidade de elementos constitutivos da linguagem e do discurso. Ademais, examina-se o problema epistemológico destacado por Bakhtin a respeito da ligação e diferenças entre ciências humanas, nas quais os estudos do discurso e da linguagem se circunscrevem, e ciências da natureza e exatas. Embora outras teorias da linguagem e do discurso sejam citadas e mencionadas, o foco do presente artigo são as obras assinadas por membros do Círculo de Bakhtin. Como resultado é possível observar que Bakhtin, Medviédev e Volóchinov têm semelhanças como o enfoque que visa superar os limites da linguística (metalinguístico, ideológico e sociológico), assim como a perspectiva similar quanto à inviabilidade de limitar o discurso e a linguagem ao aspecto biológico.*

Palavras-chave: *metodologia; círculo de Bakhtin; ciência das ideologias; metalinguística; método sociológico.*

Introdução

Independentemente de quais sejam os objetivos de uma pesquisa, só o texto pode ser o ponto de partida.

(Mikhail Bakhtin)

Hors du texte, point de salut. tout le texte, rien que le texte et rien hors du texte².

(Algirdas Greimas)

A metodologia nas diversas perspectivas dos estudos do discurso e do texto – análise crítica, bakhtiniana, francesa, semiótica etc. – é uma área que impõe aos seus pesquisadores e acadêmicos desafios potencialmente inesgotáveis. Tal característica se deve a variáveis como o modo que a linguagem, pela qual os discursos se materializam, dinamiza-se e acompanha as mudanças sócio-históricas. Volóchinov³ (2010) reflete sobre tal relação de influência entre a infraestrutura – mais precisamente das condições materiais da vida social, trabalho, produção – e a superestrutura, que reflete na vida cultural, social e ritual as transformações ocorridas na base material. O primeiro tópico a ser explorado por este artigo é a relação entre teorias e metodologias empregadas para analisar os discursos e enunciados. O intuito inicial é engendrar

¹ Doutorando pelo Programa de Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob a orientação da Profa. Dra. Sheila Vieira de Camargo Grillo. E-mail: a.d.r.modolo@gmail.com

² Tradução livre: “Fora do texto, não há salvação. No conjunto do texto, apenas o texto e nada fora do texto”.

³ A autoria do livro é ainda hoje (2017) contestada e de origem incerta, motivo pelo qual se atribuiu ao livro o nome originalmente identificado como autor na capa.

reflexões sobre tal tópico, ressaltando de que modo parte das teorias da linguagem e do discurso são contempladas no plano metodológico.

Na sequência, será apresentada uma análise mais detida dos conceitos teóricos e da metodologia elaborados pelo Círculo de Bakhtin. Serão debatidos os diferentes momentos das obras bakhtinianas que tratam do tema e, em qual medida, os resultados das propostas metodológicas são semelhantes ou diferem, sublinhando quais dos pontos são similares e quais são específicos de cada uma das obras. Como objetivo dessa reflexão, ademais de expor as reflexões engendradas sobre metodologia no Círculo de Bakhtin, pretende-se realizar uma síntese na qual se considere as diferentes perspectivas metodológicas presentes nas obras do Círculo de Bakhtin (a ciência das ideologias, a metalinguística e o método sociológico).

1. Metodologia e estudos do discurso

Os estudos linguísticos e discursivos enfrentam dificuldades em encontrar um método capaz de sintetizar as minúcias da área da linguagem. Tal hipotético ideal, provavelmente, persistirá por muito tempo no horizonte dos pesquisadores da área, dado o mosaico de objetos dos estudos da linguagem. Entre as diversas propostas metodológicas e teóricas, os estruturalistas se aproximaram de elaborar um norte comum capaz de guiar os pesquisadores que buscaram o seu esteio ao desenvolver as propostas desenvolvidas de início por Saussure (2008). Contudo, mesmo dentro da perspectiva estruturalista, é preciso ressaltar a especificidade metodológica de cada recorte epistemológico da linguagem, na medida em que não se pode afirmar que opor fonemas distintos e reconhecer neles pares mínimos (fonologia) seja completamente similar a opor categorias semânticas fundamentais em um quadrado semiótico. A maneira pela qual um pesquisador em fonética irá buscar sons em frações de segundo no laboratório exige uma acuidade e procedimentos metodológicos distintos do tipo de oposição dos semas em campos semânticos. Embora seja possível estabelecer analogias entre elementos teóricos e princípios metodológicos que animam a perspectiva estruturalista como um todo (o imanentismo linguístico e as oposições em pares, por exemplo), há formas e métodos específicos de colher dados em fonética, fonologia, semântica, semiótica *etc.*

Os contrastes são ainda mais significativos quando se examinam teorias de origens diferentes na comparação como, por exemplo, a sintaxe gerativa e o estruturalismo, pois possuem pressupostos teórico-metodológicos distintos. De acordo com Chomsky (1986), a língua é um sistema de princípios mentais que antecede a instrução pedagógica em escolas, isto é, os seres humanos possuem dotes linguísticos inatos e áreas do cérebro especificamente dedicadas à linguagem. Nesse sentido, o imanentismo estruturalista se choca teoricamente com o conjunto de princípios linguísticos gerativistas. Os diversos recortes dos estudos da linguagem (aquisição, fonologia, sintaxe *etc.*), mesmo sendo guiadas pelo mesmo norte teórico, requerem, frequentemente, diferentes abordagens metodológicas. Para além da pluralidade de áreas de estudo da linguagem, é preciso destacar a grande riqueza e pluralidade teórica em relação aos diferentes tipos de

fenômenos da linguagem e do discurso.

As teorias da linguagem pensadas de uma forma abrangente, em outras palavras, desde as partes mínimas (sons fonéticos), passando pelo frasal, até chegar ao transfrástico possuem uma série de categorias de análise, teorias convergentes e conflitantes, métodos específicos. Sobretudo em relação aos estudos transfrásticos, nos quais se situam os estudos do discurso, o mapeamento teórico heterogêneo insere uma dimensão muito difícil de conciliar em uma única teoria. Tal questão será retomada no decorrer da próxima subseção, de antemão, entretanto, é possível reconhecer semelhanças e disparidades entre diferentes perspectivas da linguagem. Caso houvesse apenas fronteiras entre elas, as polêmicas seriam evidentemente menores, pois os limites das áreas de estudo da linguagem seriam mais claros. Na realidade, porém, as regiões limítrofes da linguagem são complexas, por essa razão há áreas como a *morfofossintaxe*, o estudo de elementos *fonético-fonológicos*, ou mesmo a *linguística textual* que propõe relações semânticas para além da oração. De forma ainda mais ampla, a relação e distinção entre linguística e discurso podem ser ainda mais complexas, pois, como o próprio Bakhtin esclarece, os enunciados são constituídos pela *materialidade linguística* e, por outro lado, possuem uma dimensão social mais ampla, a qual não pode ser abarcada por análises puramente linguísticas. Maingueneau (1997) reflete, no excerto a seguir, como a análise do discurso (AD), sua área de pesquisa, relacionou-se metodologicamente com a linguística, embora aponte, de forma análoga ao Bakhtin, a impossibilidade de reduzir o discurso à linguística.

Ao mesmo tempo que a AD possui apenas um estatuto "periférico" no campo linguístico, é direito seu exigir daqueles que a praticam um certo conhecimento do conjunto deste campo; consequência inevitável, desde então: nenhuma dimensão da linguagem é indiferente, a priori, aos fenômenos salientados como pertinentes para a AD. (...) Houve um tempo, quando a linguística era taxada de "ciência piloto", em que se pensava ser suficiente importar conceitos e métodos linguísticos, em geral muito simplificados, para satisfazer os usuários. Atualmente, a situação mudou: inicialmente, porque não é mais possível contentar-se com empréstimos aproximativos, sendo necessário aprofundar o conhecimento dos funcionamentos da linguagem; em segundo lugar, como já foi dito, porque o discurso possui sua própria ordem e é deste ponto de vista que é preciso avaliar o interesse dos aparelhos linguísticos de que se utiliza (MAINGUENEAU, 1997, p.18).

Maingueneau descreve, acima, o processo histórico que reconheceu a impossibilidade de analisar elementos discursivos exclusivamente por métodos linguísticos, algo que Bakhtin já havia afirmado, décadas atrás, ser impossível. O autor também reforça a hipótese sobre a impossibilidade de haver uma teoria/método única/o capaz de dar conta dos problemas da linguagem, pois os empréstimos feitos pela AD dos conceitos e métodos linguísticos a reduziu de forma insatisfatória. Examina-se com mais afinco, a partir de agora, as contribuições teórico-metodológicas do Círculo de Bakhtin para poder compreender em maiores detalhes as suas propostas metodológicas.

Primeiramente, é preciso esclarecer que a discussão acerca do "método bakhtiniano" tem fomentado uma série de debates que podem ser rapidamente agrupados e enumerados em dois principais blocos: i) *a polêmica em relação ao posicionamento ideológico e teórico das obras do Círculo de Bakhtin*: segundo parte

das leituras das obras bakhtinianas, seria possível classificá-las como marxistas (certamente o título da obra assinada por Volóchinov, *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, contribui para reforçar essa interpretação). Esse ponto de vista, entretanto, não é unívoco, pois polemiza com outras interpretações das obras do Círculo que se concentram na ideia de que, na realidade, os membros do Círculo se adequaram às exigências de reflexões do marxismo soviético feitas pelo regime da URSS, constituindo uma “aliança ambivalente” (TCHOUGOUNNIKOV, 2008). Nessa perspectiva, o uso dos conceitos marxistas serviu como uma forma de concessão ao marxismo oficial, a fim de evitar problemas com a censura e não foram suficientes para enquadrar a obra bakhtiniana exclusivamente na chave marxista (FRANCOIS, 2014). ; ii) a divisão entre a *metalinguística, translinguística, ciências das ideologias, método sociológico, dialógico, ou simplesmente método bakhtiniano*: entre aqueles que estão de acordo em aceitar a existência de um método original advindo das obras do Círculo, ainda ocorrem oscilações terminológicas e teórico-metodológicas quanto à maneira de nomear e, conseqüentemente, compreender tal método de análise.

Evidentemente, tais polêmicas foram construídas no decorrer de décadas de recepção das obras do Círculo de Bakhtin no Brasil e em países estrangeiros, por isso não se postula como objetivo findá-las no presente artigo. Entretanto, faz-se necessário que os pesquisadores da área retomem o debate acerca da metodologia bakhtiniana, tema escamoteado frequentemente em análises que afirmam serem bakhtinianas, mas sem explicitarem pormenorizadamente seus fundamentos e métodos. Ainda menos frequentes são obras dedicadas exclusivamente ao método nas obras do Círculo de Bakhtin. Para resolver tais querelas, necessita-se de obras de fôlego capazes de analisar minuciosamente os tópicos indicados durante esse artigo, entre outros possíveis.

2. Breve panorama sobre metodologia nas obras do Círculo de Bakhtin

As primeiras recepções na França e, a partir desta, no Brasil inseriram as obras bakhtinianas em diversas áreas de estudos da linguagem. Sem conceder uma completa autonomia ao Círculo de Bakhtin, as obras traduzidas “somavam força” a outras teorias do discurso e eram aproximadas a elas de modo a reforçar suas teses. Souza (2002) foi um dos precursores na análise de fôlego de uma pesquisa extensa tratando tanto da recepção da obra bakhtiniana no Brasil e no exterior, quanto das especificidades da teoria bakhtiniana e da *metalinguística*. É por essa razão que o autor examina, com certo espanto, as diversas flexões e apropriações feitas da metalinguística e as “contribuições” do Círculo de Bakhtin que foram empregadas nas mais diversas áreas do estudo da linguagem.

Até aqui a Metalinguística já foi transformada em Translinguística (na tradução de Kristeva e Todorov), foi aproximada tanto à metassemântica de Benveniste e à semiótica (Ivanov) quanto à pragmática (Todorov), como precursora de outras tendências de estudos da linguagem (SOUZA, 2002, p.56).

O problema indicado Souza (2002), entretanto, encontrava sua origem durante as décadas passadas no

século XX nas quais o ascendente prestígio intelectual de Bakhtin foi empregado de forma a aproximá-lo a outras áreas do estudo da linguagem/discurso. Sem a exegese minuciosa da obra e dos conceitos, perdeu-se o correto uso de alguns conceitos importantes como “gênero” e, talvez ainda mais frequente, o reconhecimento de um método autônomo. Entretanto, a tese de doutorado de Souza, embora tenha reconhecido a real envergadura e independência de Bakhtin, não foi suficiente para provocar uma completa mudança no curso dos estudos bakhtinianos no Brasil. É possível observar, na última década, os escritos do Círculo de Bakhtin serem conjugados com a retórica, a estilística e até mesmo com a semiótica parisiense de Algirdas Julius Greimas (de inspiração estruturalista/saussuriana).

Se, por um lado, é preciso reconhecer a autonomia das obras do Círculo de Bakhtin, a necessidade de perceber a outra face do problema não é menos importante. As obras bakhtinianas se notabilizaram especialmente por sua flexibilidade, motivo pelo qual além das aproximações acima mencionadas, as obras do Círculo foram, e ainda são, frequentemente citadas em diversas outras áreas que extrapolam os limites específicos dos estudos da linguagem/discurso, entre as quais estão a educação (na qual a comparação com Vygotsky é produtiva), a psicologia (*o Freudismo* fornece diversas embocaduras possíveis), a filosofia (tanto no debate ético, quanto no estético), entre outras áreas (artes plásticas, dramáticas, comunicação *etc.*).

Como síntese desse cenário, reconhece-se a autonomia do pensamento bakhtiniano, assim como a pluralidade de seu emprego em reflexões de intelectuais das mais diversas áreas do conhecimento. Embora não seja viável, tampouco desejável, elaborar uma cartilha ou manual do correto uso da “metodologia bakhtiniana”, é preciso reconhecer quais são as suas especificidades para, a partir disso, calcular o preço de associar em um mesmo parágrafo correntes de análise distintas. As reflexões selecionadas como epígrafes deste artigo podem revelar como dois pensamentos dispares podem ter pontos em comum, embora suas premissas não sejam similares. A semiótica greimasiana é recordada frequentemente pela célebre afirmação de Greimas sacralizando o imanentismo estruturalista: “Fora do texto, não há salvação. No conjunto do texto, apenas o texto e nada fora do texto” (GREIMAS, 1974, p.25)⁴. Não seria preciso ir muito longe para reconhecer as fronteiras com Bakhtin, embora ele mesmo afirme algo semelhante, “independentemente de quais sejam os objetivos de uma pesquisa, só o texto pode ser o ponto de partida” (BAKHTIN, 2010b, p.308). O foco no texto de Bakhtin, entretanto, é completamente distinto do de Greimas, como fica claro no seguinte parágrafo:

Todo o texto tem um sujeito, um autor (o falante, ou quem escreve). Os possíveis tipos, modalidades e formas de autoria. Em certos limites a análise linguística pode até abstrair inteiramente da autoria (Ibidem).

No trecho acima, Bakhtin destaca a importância da relação entre autoria e texto. A autoria é pensada, ao longo das obras bakhtinianas, não apenas no seu conteúdo imanente, ou como expressão de uma subjetividade, mas também na sua dimensão ética e estética, extrapolando os limites do texto estipulados

⁴Tradução livre de: “Hors du texte, point de salut. tout le texte, rien que le texte et rien hors du texte”

por Greimas. Ademais, outro ponto central das reflexões bakhtinianas, é a relação dialógica que tornam os textos e enunciados concretos em nexos de “inter-relações dinâmicas desses elementos, a luta entre eles, que determina a índole do texto. A divergência entre eles muita coisa pode sugerir” (Ibidem).

Não é cabível, todavia, legislar ou reivindicar a última palavra acerca da maneira pela qual os estudos do discurso devem proceder metodologicamente, pois se trata frequentemente de enfoques diferentes dos objetos de análise (o estilo, o tema, o autor etc.). Entretanto, como afirmado anteriormente, há importantes pontos em comum que podem resultar em benefícios sinérgicos em uma análise. As obras bakhtinianas e a retórica são, entre outros, um exemplo possível⁵. Obviamente não se trata de teorias essencialmente similares, mas é possível elaborar pesquisas que levem em conta as especificidades teórico-metodológicas, os seus custos e benefícios (PISTORI, 2013). O próprio Bakhtin recorre a conceitos presentes na retórica aristotélica como o “entimema”, um silogismo lógico, além de fazer menções constantes aos gêneros retóricos constantemente evocados nos estudos argumentativos.

De forma análoga, a perspectiva bakhtiniana reivindica a importância dos elementos linguísticos para materializar os enunciados. Não se trata, porém, do principal foco de análise, pois este é as relações dialógicas oriundas da interação verbal. Sendo assim, Bakhtin não pensa em restringir a análise de enunciados apenas aos aspectos imediata e exclusivamente linguísticos, mas observar, sobretudo, seu aspecto extralinguístico. Em síntese, “do ponto de vista dos objetivos extralinguísticos do enunciado todo, o linguístico é apenas um meio” (BAKHTIN, 2010b, p.313). A plenitude do enunciado, portanto, só pode ser reconhecida a partir de sua dimensão extralinguística. Ressalta-se a relação quase sinonímica entre “extralinguístico” e “dialógico” observada no seguinte trecho: “o enunciado em sua plenitude é enformado como tal pelos elementos extralinguísticos (dialógicos), está ligado a outros enunciados. Esses elementos extralinguísticos (dialógicos) penetram o enunciado também por dentro” (Ibidem).

A magnitude do “dialógico” nas obras bakhtinianas fez com que a categoria de análise imediatamente associada ao Círculo de Bakhtin fosse, no passado e, em parte, ainda no presente, o “dialogismo”. Por essa razão, ademais de haver uma associação imediata entre o Círculo de Bakhtin e o dialógico no interior do campo de estudos da linguagem, foi consagrado o uso do termo “método dialógico”, de forma mais acentuada durante o primeiro período de recepção da obra. Essa importante associação ainda reverbera atualmente na maneira pela qual o método depreendido das obras do Círculo é classificado⁶. Enfatiza-se, porém, que os próprios membros do Círculo não empregaram tal nomenclatura “método dialógico” durante as obras que tratavam do problema metodológico. Em Volóchinov (2010), é proposto um *método sociológico* e em Bakhtin uma *metalinguística*, ainda há a elaboração de uma *poética sociológica* ou *ciência das ideologias* na obra

⁵ COSTA (2009; 2014) elabora análises em que a teoria bakhtiniana é conjugada com a retórica. A revista Bakhtiniana publicou durante o primeiro semestre de 2014 uma edição em que o tema era os estudos da argumentação em conjunção com a teoria bakhtiniana, demonstrando mais uma vez a possibilidade de abertura da obra bakhtiniana com outras teorias e métodos.

⁶ Sampaio (2012) e De Paula (2013) são exemplos de autoras que empregaram, em seus respectivos artigos, o termo “método dialógico” em referência às propostas engendradas por Mikhail Bakhtin.

assinada por Medviédev.

Embora o termo “método dialógico” não tenha sido descrito como a metalinguística e o método sociológico, avalia-se que as diferenças de nomenclatura, apesar de poderem levar a uma confusão de qual seria o “verdadeiro” método bakhtiniano – principalmente nos leitores que estão iniciando os estudos da teoria bakhtiniana – possuem semelhanças importantes. Em comum, os quatro termos (dialógico, sociológico, metalinguística e ideologia) comungam do esteio extralinguístico que permeia a obra bakhtiniana como um todo. Machado (1995) foi outra autora brasileira que duas décadas atrás já havia salientado a importância das relações entre os enunciados concretizados em gêneros e da sua relação com a metalinguística bakhtiniana.

Tento em vista que dialogismo é, sobretudo, um fenômeno derivado de processos de relações entre gêneros discursivos, é imprescindível considerar os estudos de Bakhtin sobre a problemática dos gêneros através da metalinguística, chave indispensável para se entender não só dialogismo como ciência das relações, como também o terreno sólido a partir do qual Bakhtin elaborou sua teoria do romance (MACHADO, 1995, p.65).

Diante disso, pode-se chegar à seguinte pergunta: “é possível afirmar que exista um único e exclusivo método bakhtiniano?”. A princípio, é viável destacar a perspectiva extralinguística que está presente em todas as obras dos membros do Círculo de Bakhtin. Por outro lado, há possíveis diferenças de autoria (Bakhtin, Medviédev e Volóchinov) e até períodos diferentes em que as propostas metodológicas foram criadas. Na subseção seguinte é discutido de que maneiras os autores tratam da questão metodológica e quais orientações são possíveis de serem extraídas das obras bakhtinianas.

2. METODOLOGIA NAS OBRAS DO CÍRCULO DE BAKHTIN

O presente artigo postula três modos possíveis de extrair proposições metodológicas da teoria bakhtiniana, embora seja possível a existência de outras. Primeiramente, é possível observar as fronteiras com autores de outras orientações teórico-metodológicas (os formalistas, o objetivismo abstrato/estruturalismo, o subjetivismo idealista *etc.*), nelas são possíveis de serem observadas divergências dos bakhtinianos com outras correntes e, a partir disso, refletir quais aproximações com outras linhas teórico-metodológicas são possíveis de serem elaboradas, ou não, nas nossas próprias pesquisas. Deve-se ressaltar mais uma vez que Bakhtin, Medviédev e Volóchinov, para citar os mais conhecidos entre nós, foram grandes polemistas e questionadores de teorias que gozavam de prestígio durante a época em que escreviam suas obras, de modo que será impossível fazer um exame metuculoso e exaustivo de cada uma das polêmicas e suas motivações. Em linhas gerais, todavia, é possível apontar que as contradições entre os bakhtinianos e os alvos de suas críticas se deram por considerarem que a forma literária ou a linguagem como fenômenos estanques dos quais as outras linhas não seriam possível examiná-las por uma perspectiva mais abrangente,

capaz de contemplar outras dimensões extralinguísticas. Os formalistas estavam preocupados com a especificidade da forma literária, enquanto a metalinguística de Bakhtin (2008) e a ciência das ideologias de Medviédev (2012) ressaltaram que a forma do gênero romanesco preconcebia exatamente a característica heterogênea e plural da linguagem. O método sociológico de Volóchinov (2010), por sua vez, recusava-se a aceitar que a língua pudesse ser observada como um sistema estável; o sistema sincrônico, portanto, é fictício, pois a língua jamais se encontra nesse estágio. Tampouco é possível basear a linguagem como expressão do psicológico/individual, pressuposto dos defensores do “subjativismo idealista”, pois a linguagem tem como elemento basilar a interação verbal que extrapola os limites da pura expressão subjetiva.

Obviamente tal leitura sucinta das críticas bakhtinianas às demais escolas de estudo da linguagem é incapaz de abarcar a profundidade das críticas feitas pelos autores, como também das teorias criticadas, por outro lado, essa é uma das dimensões possíveis para, a partir de reflexões teórico-metodológicas, poder posicionar o Círculo de Bakhtin de forma mais coerente dentre as demais perspectivas possíveis. Um segundo movimento de análise da metodologia bakhtiniana seria o exame das análises feitas pelos autores em suas interpretações. Bakhtin, por exemplo, elaborou uma grande leitura analítica das obras de Rabelais e Dostoiévski, da qual é possível retirar alguns exemplos aplicados de como proceder uma análise a partir delas. O exame do contexto da cultura popular e seus resultados em François Rabelais (a praça pública, a história do riso, as festas populares) as relações dialógicas em Dostoiévski são (cuidado com a palavra “aplicação”) realizações do que Bakhtin concebia metodologicamente. O movimento inverso (da prática para a metodologia) é uma forma de extrair importantes diretrizes metodológicas de Bakhtin.

Por fim, provavelmente a maneira mais clara de extrair orientações metodológicas bakhtinianas seja a leitura atenta das obras do Círculo de Bakhtin que versam diretamente sobre o tema. Em *Metodologias das ciências humanas*, Bakhtin destaca algumas características das ciências humanas em relação às ciências naturais, focalizando especialmente sua atenção no campo da linguagem. A divisão entre ciências humanas e naturais não são um ponto pacífico na questão metodológica. Há os defensores de um horizonte similar, ou até o *mesmo* horizonte, entre as ciências humanas e as ciências da natureza. Os behavioristas, sobretudo, aproximam os dados biológicos e fisiológicos para deles extraírem conhecimentos acerca do comportamento humano. Mesmo na fundação da sociologia, constituída pelos esforços teórico-metodológicos de Durkheim (1999), é possível verificar a busca empreendida pelo pai da sociologia por “fatos sociais” de base empírica capazes de dar a chancela científica (tal como a física) aos estudos sociológicos. É um ponto de vista metodológico ainda forte na esfera acadêmico-científica, o surgimento de novas áreas como, por exemplo, o *neuromarketing*, o neobehaviorismo e até mesmo a neurolinguística, disciplinas que visam estreitar os laços entre as ciências naturais e humanas. Para não sair do escopo dos estudos do discurso, pode-se mencionar as proposições feitas por Van Dijk (2012) nas quais há uma tentativa de costurar relações entre linguagem, sociedade e cognição em uma abordagem “sociocognitiva” do discurso. Isso demonstra como esse ainda é

uma questão atual tanto no debate científico mais amplo e, em menor escala, nos estudos linguísticos e discursivos. Na formulação clássica de Hempel n' *A função das leis gerais em história*, verifica-se a aproximação do histórico/social com as ciências naturais, sendo assim, os eventos históricos teriam uma natureza causal. De forma similar às reações químicas como efeitos de combinações de partículas em determinadas circunstâncias de temperatura e pressão, há causas e efeitos que podem ser examinadas pelas ciências humanas.

Leis gerais têm funções completamente análogas na história e nas ciências naturais, elas formam um instrumento indispensável de pesquisa histórica, e que eles ainda constituem a base comum de vários procedimentos que são muitas vezes considerados característicos do social em contraposição às ciências naturais⁷ (HEMPEL, 1942, p.35).

Outros epistemólogos, por outro lado, possuem uma postura antinaturalista e tentam rejeitar as aproximações metodológicas e até mesmo as tentativas de explicar o comportamento humano, especialmente pelo viés biológico. Peter Winch, em *A ideia de uma ciência social e sua relação com a filosofia*, rejeita reiterada e veementemente durante toda a obra a ideia de ciências humanas como semelhantes e próximas às ciências naturais. “A noção de uma sociedade humana envolve um esquema de conceitos que é logicamente incompatível com as espécies de explanações oferecidas nas ciências naturais” (WINCH, 1970, p.74). Além de criticar as tentativas de acercar ciências humanas e naturais, Winch questiona igualmente a interpretação behaviorista, pois esta implica em uma causalidade entre impulsos e ações (causas e efeitos). O autor compara ironicamente o fim trágico da relação entre Romeu e Julieta com a de ratos de laboratório punidos com choques por seus impulsos sexuais, afirmando que a dimensão humana não pode ser reduzida simplesmente aos componentes fisiológicos/naturais. Sendo assim, nesse ponto de vista, Shakespeare foi capaz de melhor retratar o ser humano do que as analogias de impulsos sexuais em ratos e seres humanos. Nas obras do Círculo de Bakhtin há uma postura semelhante quanto ao questionamento do biológico como explicação de elementos discursivos/sociais. Tanto em *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas do método sociológico*, quanto n' *O freudismo*, há uma crítica às interpretações puramente biológicas. Na proposta de uma *ciência das ideologias* engendrada por Medviédev (2012), ainda que se possa afirmar que, de fato, haja uma base fisiológica para o funcionamento do corpo humano, a dimensão social da linguagem não pode ser reduzida à biologia ou aos seus aspectos naturais. Ressalta-se, mais uma vez, que nem sempre se trata apenas de associar o biológico ao social, mas também de observar como as ciências humanas podem ter procedimentos metodológicos similares aos das ciências naturais. As leis gerais de Hempel, por exemplo, não se motivam diretamente na busca de motivos biológicos nas ações humanas, mas na defesa de existência de leis gerais, aos moldes das ciências naturais (física, química), que poderiam ser aplicadas de forma similar às ciências humanas, pois os eventos examinados nas ciências humanas implicariam em causalidade, isto é,

⁷ Tradução livre de: “General laws have quite analogous functions in history and in the natural sciences, that they form an indispensable instrument of historical research, and that they even constitute the common basis of various procedures which are often considered characteristic of the social in contradistinction to the natural sciences”.

no estabelecimento de relações de causa e efeito.

Nas obras do Círculo de Bakhtin, muitos desses embates epistemológicos aparecem ora vinculados às polêmicas com propostas behavioristas, ora em defesas explícitas de rumos metodológicos capazes de analisar as relações dialógicas. Além das obras assinadas por Volóchinov, tanto *Marxismo e filosofia da linguagem*, quanto *O freudismo*, os textos assinados por Bakhtin revelam inclinações para tal debate. Desde o final dos anos 1930 e início dos anos 1940, havia uma clara preocupação com a referida temática – as relações das ciências humanas com as naturais – como o ensaio intitulado *Os fundamentos filosóficos das ciências humanas* revela. O tema é retomado décadas mais tarde e publicado em forma de artigo no ano de 1974, dessa vez com o título de *Para uma metodologia dos estudos literários*. Depois de uma tradução indireta do francês em que havia alguns cortes de nota, o texto foi traduzido diretamente do russo, dessa vez sendo fiel ao título original *Metodologia das ciências humanas*. Verifica-se, nas palavras de Bakhtin, a defesa da existência de fronteiras entre os dois domínios científicos.

O objeto das ciências humanas é o ser *expressivo e falante*. Esse ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado. A máscara, a ribalta, o palco, o espaço ideal, etc. como formas reais de expressão da representatividade do ser (e não da singularidade e da materialidade) e da relação desinteressada com ele. A exatidão, seu significado e seus limites. A exatidão pressupõe a coincidência da coisa consigo mesma. A exatidão é necessária para a assimilação prática. O ser que se auto-revela não pode ser forçado e tolhido. Ele é livre e por essa razão não apresenta nenhuma garantia (BAKHTIN, 2010a, p.395).

Salienta-se na afirmação de Bakhtin o problema da linguagem no seu sentido expressivo, próprio da comunicação dialógica, como elemento distintivo das ciências naturais na sua busca pelo “material” e pela diferente “exatidão” entre as duas ciências. Sublinham-se, ainda, mais dois elementos do excerto destacado acima por nós: o primeiro é a impossibilidade da “relação desinteressada” com o “ser expressivo e falante”, o segundo é a ausência de “garantias”. Em nossa interpretação, Bakhtin defende que as ciências humanas não podem ser *desinteressadas*, pois seu próprio objeto não é da mesma natureza que o das ciências naturais. O objeto das ciências humanas sempre requer a expressividade do ser, esse ser é irrepetível, isto é, está em constante transformação, nisso reside sua discrepância para as ciências naturais, pois o objeto das ciências naturais pressupõe uma exatidão em que uma causa sempre gerará o mesmo efeito. O ser expressivo, por outro lado, é dinâmico, não há a mesma coincidência com a massa do átomo de potássio (invariável). Essa diferença entre os objetos fez com que Bakhtin refletisse sobre as variações de precisão entre as duas ciências. Enquanto nas ciências naturais um determinado objeto (o átomo, uma onda, um elétron) deve ter características repetíveis para se configurar como tal, a exatidão das ciências humanas reside em justamente superar a alteridade inerente aos seus próprios objetos, sem que para isso se recorra a um processo de subjetivação deles⁸.

⁸ Em relação a tal tema, deve-se recordar também as críticas, feitas no decorrer das obras de Bakhtin, às leituras que recorrem à empatia para tecerem interpretações de obras literárias, autores e personagens. Como procedimento metodológico, não se deve

A precisão e a profundidade nas ciências humanas. O limite da precisão nas ciências naturais é a identidade ($a = a$). Nas ciências humanas, a precisão é a superação da alteridade do alheio sem sua transformação no puramente meu (BAKHTIN, 2010a, p.408-409).

Ainda sobre as diferenças paradigmáticas entre ciências humanas e naturais, pode-se pensar sobre a impossibilidade de um “relação desinteressada” com o objeto pelos seguintes aspectos: o *sígnico* e a *expressividade*. Schutz (1962) assinala, “o mundo da natureza, tal como explorado pelo cientista natural, não “significa” nada para as moléculas, os átomos e os elétrons” (p.58-59). Por outro lado, os elementos expressivos próprios para a constituição das relações dialógicas têm “uma estrutura específica de significado e relevância para os seres humanos que dentro dele vivem, agem e pensam” (Ibidem). Em outras palavras, os objetos das ciências naturais não realizam, tampouco podem realizar, um autoexame. Todos os componentes atômicos e subatômicos, os denominados números primos, assim como todas as substâncias inorgânicas não procedem nenhuma espécie de autoanálise científica e sequer possuem uma autoconsciência necessária para tal. Nas ciências humanas, entretanto, o objeto de análise frequentemente se confunde, ou diz respeito ao próprio cientista. As fronteiras entre o cientista das humanidades e os seus objetos se borram, as relações dialógicas examinadas pelo analista do discurso são, com frequência, de natureza similar aos seus próprios enunciados (ele mesmo polemiza, concorda, cita outros enunciados em sua vida cotidiana e profissional), o psicólogo e o sociólogo – do micro ao macro – tomam o comportamento humano e da sociedade como objetos, mas não estão completamente apartados do objeto na sua significação social e ideológica. Ademais, o objeto das ciências humanas é decisivamente *sígnico* e, por essa razão, não pode haver uma “relação desinteressada” – por mais que se busque a hipotética objetividade científica. Nesse aspecto reside mais uma camada de diferença entre ciências naturais e humanas: na primeira, não há uma significação social e ideológica dada de antemão aos números e às substâncias, por exemplo; na segunda, o cientista deve lidar com elementos *sígnicos* e constitutivos de sua própria vida e dos demais agentes da sociedade que, mesmo a partir do senso comum, podem refratar múltiplas impressões do objeto dependendo de seu ângulo discursivo.

As ciências exatas são uma forma monológica do saber: o intelecto contempla uma *coisa* e emite enunciado sobre ela. Aí só há um sujeito: o *cognoscente* (contemplador) e falante (enunciador). A ele só se contrapõe a *coisa muda*. Qualquer objeto do saber (incluindo o homem) pode ser percebido e conhecido como coisa. Mas o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado como coisa porque, como sujeito e permanecendo sujeito, não pode tornar-se mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser dialógico (BAKHTIN, 2010a, p.400).

Na sua chave de interpretação, Bakhtin sublinha tópicos epistemológicos importantes como a ausência de possibilidade de relações dialógicas entre um objeto das ciências naturais/exatas (uma *coisa muda*) e o sujeito/cientista que o contempla (*cognoscente e falante*). Aí reaparece o problema de expressividade, por

tentar coincidir com o personagem, por exemplo, algo que empiricamente é impossível, mas buscar um excedente de visão que torne possível uma melhor interpretação.

isso Bakhtin reitera a diferença entre a coisa muda e o sujeito falante. Desconsiderar completamente a expressividade do sujeito, como procedimento científico, seria o mesmo que desprezar sua dimensão social no sentido amplo (suas características linguísticas e discursivas, veículos da multiplicidade ideológica, histórica e social). Paradoxalmente, a tentativa de aproximação do ser social com o objeto *mudo* das ciências naturais/exatas tornaria o ser expressivo completamente oculto para a análise das ciências humanas em geral. “A interpretação das estruturas simbólicas tem de entranhar-se na infinitude dos sentidos simbólicos, razão por que não pode vir a ser científica na acepção de índole científica das ciências exatas” (BAKHTIN, 2010a, p.399).

Considerações finais

Ainda que se restrinja apenas ao aspecto linguístico-discursivo, é saliente a existência de propriedades difíceis de serem conciliadas entre as duas formas de ciências. Como Bakhtin afirmou, uma das características das ciências exatas/naturais é que os seus objetos devem sempre ter uma precisão na qual 1 é equivalente a 1. Entretanto, na perspectiva dos autores do Círculo, a linguagem das ciências humanas e do cotidiano não operam com os mesmos critérios da linguagem científica. Algumas reflexões engendradas por Winch são similares às bakhtinianas, no sentido de não buscar paralelos nas ciências naturais e exatas. A mudança do estado físico da água (líquido) para o gelo (sólido), por exemplo, pode ser determinada quando a água (H₂O) é submetida a uma temperatura inferior ou igual a zero em condições normais de temperatura e pressão. Porém, em outras ocasiões, é difícil estabelecer critérios científicos aos moldes das ciências naturais. “Os critérios pelos quais distinguirmos um monte de não-monte são vagos em comparação com aqueles pelos quais distinguimos a água do gelo; não há uma linha divisória rígida (WINCH, 1970, p.75).

A linguagem e suas peculiaridades linguísticas e discursivas são necessárias para as ciências humanas, esses são pontos compartilhados pelos autores membros do Círculo de Bakhtin. A interação entre elementos do mundo natural pode gerar reações físico-químicas, a interação verbal, por outro lado, gera relações dialógicas difíceis de serem calculadas de forma *exata*. Bakhtin reforça tal similitude na seguinte afirmação, “[as] ciências humanas – ciências do espírito – ciências filológicas (o discurso é a parte e ao mesmo tempo comum a todas elas)” (BAKHTIN, 2010a, p.400). Apesar de haver considerações metodológicas difusas no decorrer dos artigos e obras bakhtinianas, como foi demonstrado no decorrer desse artigo, há três formulações capazes de sintetizar melhor esse problema: i) a *metalinguística*, especialmente descrita e elucidada em *Problemas da poética de Dostoiévski*, quando Bakhtin demonstra as diferenças com a linguística e demarca as relações dialógicas como seu objeto de estudo; ii) o *método sociológico* na ciência da linguagem, no qual há, além de prévias explicações teóricas, descrições de etapas dos momentos de análise e iii) a *ciência das ideologias* defendida por Medviédev, que contrasta com a escola do formalismo russo, especialmente pelo argumento de que os estudos literários e do discurso estão contidos no que ele denomina como a ciência

das ideologias.

O presente artigo enfatiza, em primeiro lugar, a fragmentação dos estudos linguísticos e discursivos que decorrem, em parte, da multiplicidade de elementos constitutivos da linguagem. As minúcias do verbal solicitam diferentes instrumentos metodológicos para o exame das partes mínimas, do frasal e do transfástico. Em segundo lugar, salientou-se a necessidade de estudos capazes de revelar o modo pelo qual elementos teóricos da teoria bakhtiniana podem ser mediáveis de forma a contemplar os procedimentos metodológicos entabulados pelos membros do Círculo de Bakhtin. Apesar da popularidade do Círculo de Bakhtin, há diferentes recepções e leituras das obras. Por fim, foi averiguado a existência de princípios teórico-metodológicos em comum entre membros do Círculo (Bakhtin, Medviédev e Volóchinov). Destaca-se o enfoque extralinguístico, ideológico e dialógico que partilham de uma perspectiva similar sobre a necessidade de extrapolar o linguístico para compreender o discurso. Outro elemento em comum é o modo pelo qual os autores rejeitam a possibilidade das ciências humanas coincidirem em métodos com as ciências da natureza e exatas. Não obstante às supramencionadas semelhanças, realça-se que cada autor denominou uma metodologia específica: i) ciência das ideologias (Medviédev); ii) metalinguística (Bakhtin) e iii) método sociológico (Volóchinov). Em futuros estudos podem ser exploradas as possíveis discrepâncias metodológicas entre os membros do Círculo e, ao serem encontradas, examinar em que medida elas podem ser conciliáveis em um denominador comum. Como resultado parcial foi possível identificar que as propostas dos autores

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na idade média e no renascimento**: o contexto de François Rabelais. Trad. de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1987.
- BAKHTIN, Mikhail. Metodologia das ciências humanas. In: **Estética da criação verbal**, v. 4, 2010a, p. 393-410.
- BAKHTIN, Mikhail. O problema do texto. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2010b. p. 308-335.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- CHOMSKY, Noam. **O conhecimento da língua**: sua natureza, origem e uso. Trad. Anabela Gonçalves e Ana Teresa Alves. Lisboa: Editorial Caminho, 1986.
- DE PAULA, Luciane. Círculo de Bakhtin: uma Análise Dialógica de Discurso. **Revista Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte: v. 21 (1), p. 239-258, 2013.
- DIJK, Teun Van. **Discurso e Contexto**: uma abordagem sociocognitiva. Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.
- DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Trad. Paulo Neves; revisão da tradução Eduardo Brandão]. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GREIMAS, Algirdas. L'énonciation. Une posture épistémologique. Significação. **Revista Brasileira de Semiótica** v.1(1). Ribeirão Preto: CES, p. 9-25, 1974.

- FRANÇOIS, Frédéric. Bakhtin completamente nu. **Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso**, São Paulo, v.9 (especial), p. 47-172, 2014.
- HEMPEL, Carl. The function of general laws in history. **The journal of philosophy**. v. 29 (2), p. 35-48, 1942.
- MACHADO, Irene A. **O romance e a voz** - a prosaica dialógica de Mikhail Bakhtin. Rio de Janeiro, São Paulo: Imago - FAPESP, 1995.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Trad. Freda Indursky. Campinas: Pontes: Editora da UNICAMP, 1997.
- MEDVIÉDEV, Pavel. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Trad. Ekaterina Vólkova Américo, Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2012.
- PISTORI, Maria Helena Cruz. Mikhail Bakhtin e retórica: Um diálogo possível e produtivo. **Rétor** v.3 (1) p.60-85, 2013.
- SAMPAIO, Maria Cristina Hennes. Ética e Ciências Humanas: diálogos filosóficos entre M. Bakhtin e E. Lévinas. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**. v.13 (2), p. 185-206, 2012.
- SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2008.
- SCHUTZ, Alfred. Concept and theory formation in the social sciences. In: **The problem of social reality**. The Hague: Martinus Nijhoff, 1962, p.48-66.
- SOUZA, Geraldo Tadeu. **A construção da metalingüística (fragmentos de uma ciência da linguagem na obra de Bakhtin e seu círculo)**. 2002. Tese (Doutorado em Lingüística: Semiótica e Lingüística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- TCHOUGONNIKOV, Serguei. O círculo de Bakhtin e o marxismo soviético: uma "aliança ambivalente". **Revista Conexão Letras**, 3 (3), p. 1-15, 2008.
- VOLÓCHINOV, Valentin/BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.
- VOLÓCHINOV, Valentin/BAKHTIN, Mikhail. **O freudismo**: um esboço crítico. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- WINCH, Peter. **A idéia de uma ciência social e sua relação com a filosofia**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970.

Complementaridade congênita como negação da tradição pictórica: o futurismo na pintura de Boccioni

Carolina TOMASI¹

Resumo: *Examinando os manifestos e as obras futuristas, notamos dissonância entre o projeto discursivo e as práticas do pintor futurista Boccioni, cujas telas são aqui analisadas. Por que é que se nota essa distância entre projeto verbal constante dos manifestos e a manifestação dos enunciados das telas? A complementaridade congênita seria mesmo um experimentalismo no plano da expressão capaz de romper com as semioses pictóricas mais tradicionais até então? O dinamismo proposto nas telas se afasta tensivamente das marcas do dinamismo clássico? Como poderia a autonomia artística, livre de “sujeito” histórico, fundar uma estética como a do futurismo, por exemplo? É possível considerar as telas de Umberto Boccioni, sem pensar na história do século XX? Como os dispositivos formais da expressão aprimoram-se, se não por mãos de um enunciador colocado dentro de um panorama histórico e cultural? Todas essas questões norteiam este capítulo.*

Palavras-chave: *semiótica tensiva; pintura; artes plásticas; estética; futurismo.*

Introdução

A distinção entre linguagem poética e linguagem utilitária (ou da prosa) é o que move o pensamento dos formalistas. Desse limite, nasce um percurso teórico que discutirá as artes do século XX. Havia, no clima intelectual da época, um desejo de se fundar uma metodologia capaz de explicar ou descrever objetivamente a literatura e as artes plásticas da época dita “moderna”, surgida a partir dos futuristas. A. Potebnia, simbolista criticado pelos formalistas, desejoso de descrever a natureza da criação poética em termos linguísticos, concebia poesia e prosa como dois fenômenos linguísticos passíveis de descrição. Ele acaba articulando o pensamento de que na palavra poética haveria uma polissemia “interna”, para resumir brevemente, que a distingue da palavra comum de qualquer língua natural. Era como se ele desejasse abolir a forma da expressão de sua relação com a forma do conteúdo; esse procedimento abalaria a função semiótica que prevê, em sua fundação, a relação entre expressão e conteúdo. Os formalistas, embora tenham criticado Potebnia, acabam, de certa forma, reforçando o contraste entre linguagem artística e utilitária, pois postulam os seguintes princípios: (a) princípio poético autônomo: autonomia dos dispositivos formais do Plano da Expressão (doravante, PE; na poesia, autonomia do som, dos grafemas; na pintura, autonomia da cor, da autonomia da linha, por exemplo); (b) “sentido” particularizado da forma da expressão; (c) percepção artística: a arte teria um fim em si mesma, e o deleite deveria ser, portanto, prolongado, destruindo, assim, o automatismo da linguagem utilitária. A arte estaria em função de quebrar esse automatismo.

¹ Doutora em Linguística pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Realizou, em 2016, estágio de Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Linguística da mesma universidade, sob supervisão do Prof. Dr. Antonio Vicente Pietroforte. Atualmente, é integrante do grupo de pesquisa SeDi e tem seu projeto de pesquisa “Estatuto semiótico do objeto estético”, supervisionado pela Profa. Dra. Lucia Teixeira. E-mail:tomasicarol@usp.br

Não é porque se coloca uma bula medicinal ou uma receita de bolo em verso que nos deparamos com linguagem poética; tendo em vista esse raciocínio, os formalistas acabam simplificando demais, ou seja, serão os refreamentos do plano da expressão instrumentos por excelência do artístico? Como lidar, então, com o verso livre em uma poesia de Drummond, por exemplo? Ou, ainda, como lidar com a pintura impressionista de Monet? Ou com um quadro como o de Umberto Boccioni? Onde estaria o “estranhamento” e o “prolongamento” dos refreamentos do plano da expressão no quadro “Elasticidade”, de Umberto Boccioni? Em Drummond, estaria — sem pensar por enquanto no aspecto sonoro — na grafia (versos que se quebram no poema), originando tal quebra na mancha da página uma unidade “autônoma”, uma vez que se desloca da linearidade do sintagma corrente? Seria pelo sistema visual propriamente? E no quadro da “Elasticidade”? Quais seriam os arranjos visuais articuladores de uma “nova sintaxe espacial”? Em que sentido tanto o verso livre quanto as telas de “dinamismo” de Boccioni podem ser, digamos, formalmente definidos como poéticos, sem confundi-los com a linguagem de prosa? Haveria um traço tensivo do plano da expressão ou uma cifra² tensiva marcada?

Antes de nos embrenharmos na tarefa de busca desenfreada de resposta, enfatizamos que os formalistas incomodavam-se com a linguagem comum, a linguagem do dia-a-dia. Para o espírito crítico do formalismo, para a prosa ser considerada, talvez devesse deixar de ser prosa, arranjando-se nos refreamentos requintados do plano da expressão. Opondo-se à imanência e ao sistema autônomo artístico, o Círculo Bakhtiniano, em diálogo com os formalistas, ressalta uma crise no pensamento filosófico, incapaz de incluir o sujeito (concreto e histórico) nas propostas artísticas do século XX. A arte futurista de Boccioni, por exemplo, tinha em vista um objetivismo abstrato. No lugar de a literariedade (*literariness*) ser um elemento cultural e humano, propunha-se uma abstração, uma rede de entidades de interdependência interna, porque a poeticidade, como elemento invariante nas obras, não poderia ser, na esteira de Jakobson, reduzida a outros elementos (históricos, culturais). Na concepção dele, qualquer critério histórico não é pertinente por ser mutável e fugaz.

Se pensarmos que, antes de poetas modernos como Drummond, não havia espaço para um tipo de representação na mancha da página como a do verso livre, podemos inferir que qualquer tipo de escolha que refreia o plano da expressão artística é uma escolha localizada na história. Na medida em que o traço distintivo “coloquial” (poesias como as de Drummond, as telas futuristas de Boccioni) passa a ser uma das variáveis centrais da linguagem artística moderna, temos uma cisão em relação a um tempo anterior. E essa

² Não é exclusividade deste artigo o uso do termo “cifra” na semiótica tensiva do Brasil; os semioticistas utilizam largamente esse termo. Na maioria das vezes, como se trata de um uso já consagrado, o termo não vem explicado. Zilberberg (2011, p. 58) consolida os termos “mais” e “menos” (as cifras tensivas) e suas combinatórias como se fossem sílabas, valores, cifras, traços tensivos; trata-se de termos que se assemelham e que promovem ascendência ou descendência no eixo da intensidade. Desse modo, é a partir da obra de Zilberberg que Tatit, muito sabiamente, extrai e consolida o termo “cifra”. Todavia, para fazer jus ao rigor científico, torna-se necessário elucidar como utilizei o termo. Neste artigo, o termo “cifra tensiva” possui, então, o sentido de “marca tensiva”. Doravante, para não causar choque terminológico, alterarei o termo “cifra” para “marca”, “traço” ou “rastro” tensivo, todos eles com sentidos semelhantes, sem, porém, nenhum prejuízo metodológico.

ruptura não seria histórica? Ao se insurgirem contra o passado pictórico, postulador de relações entre uma instância da enunciação e a sociedade, os futuristas propõem afastar-se de qualquer tipo de relativismo panfletário, de considerável vivificação no plano do conteúdo, para aproximar-se das técnicas de refreamento do plano da expressão que buscam, na terminologia futurista, a *complementaridade congênita*³. A *complementaridade* é um artifício da expressão, que, na pauta dos futuristas, tem a função de romper com o passado formal “tradicional” (cf. BOCCIONI et al. apud BERNARDINI, 2013, p. 41).

Partindo desse ponto técnico da expressão, tecem os futuristas longos manifestos e discursos, nas artes plásticas, que convocam um ofício pictórico que considerasse o que nós semioticistas entendemos como marca tensiva e afetiva, denominado, no manifesto, de “sensação dinâmica”: “o gesto, para nós, não será mais um momento detido do dinamismo universal: será, decididamente, a sensação dinâmica eternizada como tal. Tudo se move, tudo corre, tudo se desenrola rápido. Uma figura não é mais estável diante de nós mas aparece e some incessantemente” (BOCCIONI et al. apud BERNARDINI, 2013, p. 42). Sendo assim, os projetos pictóricos são pensados tendo em vista um projeto de produção de efeito de movimento, aceleração, dinamismo mutável. Assim, esses projetos pictóricos, articulados por meio de manifestos, são, antes de tudo, históricos, uma vez que fundam relações entre plano da expressão e plano do conteúdo dentro de um panorama sócio-histórico.

Considerando esse projeto, então, quais seriam os principais artifícios da expressão que engendram tais efeitos de sentido? Examinando os manifestos, notamos dissonância entre o projeto discursivo e as práticas do pintor futurista Boccioni, cujas telas são aqui analisadas. Por que é que se nota essa distância entre projeto verbal constante dos manifestos e a manifestação dos enunciados das telas? Seria mesmo a *complementaridade congênita* um experimentalismo no plano da expressão capaz de romper com as semioses pictóricas mais tradicionais até então? O dinamismo proposto nas telas se afasta tensivamente das marcas ou dos traços do dinamismo clássico? Como poderia a autonomia artística, livre de “sujeito” histórico, fundar uma estética como a do futurismo, por exemplo? É possível conclamar as telas de Umberto Boccioni, sem pensar na história do século XX? Como os dispositivos formais da expressão aprimoram-se, se não por mãos de um enunciador colocado dentro de um panorama histórico e cultural? Todas essas questões fundamentam este capítulo.

³ O termo *complementaridade congênita* é entendido aqui como uma marca tensiva de *subordinação* do plano da expressão, cujos formantes plásticos, considerados entidades autônomas que se entretecem por dependência interna entre eles, afastam-se dos formantes plásticos do classicismo, cujas dependências se fazem por uma marca tensiva de *coordenação*. *Congênito*, por sua vez, reforça o intento futurista de se arraigar a uma explicação estrutural e imanente, e não histórica e exterior ao texto pictórico.

1. Negação histórica do passado pictórico: a complementaridade congênita no plano da expressão

Os princípios pictóricos do futurismo italiano levaram os pintores a uma tentativa — a nosso ver mais discursiva do que factiva — de anular as oposições, próprias da pintura tradicional, entre uma figura discursiva dentro da tela e o espaço em que ela se insere. Com base nisso, os futuristas pretendem fundar uma nova técnica aplicada ao plano da expressão. O que seria isso então?

Trata-se de um artifício de perspectiva, que resulta em um efeito de sentido de dinamismo no movimento (doravante, *dinamismo dinâmico*) e não mais de *dinamismo estático*; este último tem lastro na proposta da perspectiva renascentista e é portador de um traço tensivo menos acelerada do que a do dinamismo dinâmico, conforme veremos adiante. Assim, o dinamismo dinâmico seria a característica principal da pintura futurista, que conta com a abolição da perspectiva tradicional, alicerçada na multiplicação de pontos de vista que são capazes de erigir, na tela pictórica, um efeito de dinamismo que interage com o espaço. Por isso, o nome de *dinamismo dinâmico*, ou seja, um dinamismo que coloca as figuras em movimento no espaço da tela. Daí a consequência que se deduz dessa estratégia: ao representarem o espaço, pintam o tempo, o que os afasta da visão tradicional, em que o espaço representa tão somente um ambiente, um lugar, um cenário onde ocorrem os fatos. Podemos deduzir, assim, um primeiro movimento tensivo em relação ao classicismo, nosso contraponto aqui (ver Quadro 1):

Quadro 1 - Classicismo e futurismo

<i>Classicismo</i>	<i>Futurismo</i>
O espaço mimeticamente construído é visto de forma passiva: <i>pintura do espaço</i> .	O espaço é visto de forma ativa, proporcionando elementos caracterizadores da passagem dinâmica do tempo (mais ou menos acelerada): <i>pintura do tempo</i> .
Efeito de dinamismo estático	Efeito de dinamismo dinâmico

O futurismo pictórico encampa um papel temático central (como quase todas as vanguardas do início do século XX): o de recusa e de negação do passado. Como consequência, o olhar futurista volta-se para o espaço da velocidade das máquinas, do carro, em que tudo se move, tudo corre, tudo se mexe rapidamente. No projeto futurista, nasce o desejo de pintar o objeto em movimento (dinamismo dinâmico) e não mais o objeto como simples “gesto” dentro do cenário (dinamismo estático). Trata-se de simular, na manifestação do enunciado pictórico, o movimento em si, isto é, o dinamismo do objeto em movimento, interagindo no espaço/tempo. Criam-se, pois, composições em que se tornam figurativizados o dinamismo, a velocidade, os sons, os odores, os rumores, na tentativa de se assemelharem a fotogramas tirados em alta velocidade, sequencializados e estampados na tela. A velocidade simulada deveria ser tão intensificada que uma figura na tela não poderia ser *estável* diante do enunciatário e sim *dinâmica*, aparecendo e desaparecendo incessantemente. Mais adiante veremos, na seção de análise, que Boccioni efetua apenas parcialmente esse

efeito de “demasiadamente demais”, de excesso de velocidade nas telas; talvez, tenha chegado perto do que ele mesmo preconizou nos manifestos.

Os futuristas postularam ainda, nos escritos, a persistência da imagem, o que os semioticistas da linha zilberberguiana chamariam de marca intensificadora da imagem na retina. Nesse sentido, por meio da persistência da imagem na retina, as figuras discursivas simuladas em movimento multiplicam-se, deformam-se, justapõem-se, vibrando no espaço que percorrem. O dinamismo dinâmico, como estamos vendo, erige-se regido pela acentuação e persistência, suas premissas fundadoras. Todas essas premissas vão nos encaminhando para uma negação histórica do passado pictórico, ou seja, Umberto Boccioni afirma-se como um pintor que rompe com alguns paradigmas da história da pintura. Seu propósito como futurista, por exemplo, é instaurar uma técnica que o afaste discretamente do passado barroco e do passado impressionista de Monet, mas que o afaste acentuadamente de um passado renascentista.

Seguindo esse raciocínio, quais seriam os principais artifícios do plano da expressão capazes de produzir o efeito de dinamismo dinâmico nas telas futuristas? Tendo em vista o contraponto com o dinamismo estático, propomos, na seção seguinte, uma reflexão sobre um modelo pictórico comparativo. Para isso, utilizaremos duas telas, uma de Raffaello Sanzio e outra de Umberto Boccioni.

2. O modelo pictórico da *complementaridade congênita* como proposta de ruptura

Antes de iniciarmos a discussão do modelo tensivo que tem como pêndulo a oscilação paradoxal entre o dinamismo estático e o dinamismo dinâmico, levando em consideração a função da complementaridade congênita, propomos breve reflexão que resgata, em certa medida, as origens do problema.

Os objetos pictóricos de rápido reconhecimento inteligível já não serviam tanto como parâmetro estético desde os seiscentos. Francesco Mazzola, em 1523, faz uma experiência de se colocar diante de um espelho na tentativa de produzir um autorretrato. Esse procedimento marcou uma mudança de paradigma no estudo da perspectiva nas artes (cf. HOCKE, 2005, p. 15; TOMASI, 2014, p. 155). O pintor Mazzola tem como base um espelho convexo e engendra na tela uma imagem distorcida; tal façanha pontua a tela // *Parmigiano* como um enunciado pictórico de vanguarda na época, em que o renascimento ainda vigorava (ver Figura 1).

Figura 1. Il Parmigiano (Francesco Mazzola, 1523)



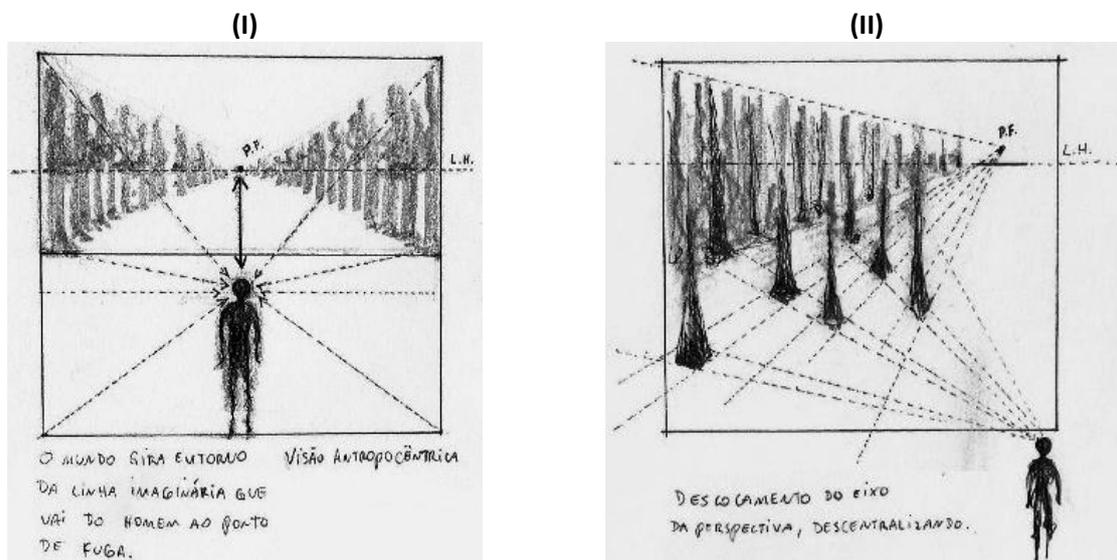
O primeiro plano da tela acima revela-nos uma mudança de perspectiva: uma mão gigantesca e anatomicamente deformada; uma tela que rompia com o passado, portanto. No período pictórico seiscentista, nota-se um movimento tensivo que pontua duas figuras principais: a do quadrado renascentista e a da elipse barroca. O conhecido barroco surge em meio a um contínuo renascentista exatamente no momento em que a teoria da perspectiva de Brunelleschi e Alberti, ilustrada na pintura por Dürer, está se transformando (cf. SANT'ANNA, 2000). A mudança da imagem do quadrado renascentista, deslocado em seu centro, é constituída por um vetor que vai da simetria em direção à deformação aguda do chamado barroco. Nesse sentido, a instância da enunciação, atingida por esse deslocamento, opta por valores de dinamização e, como consequência, tria valores, que, no visual, dão um efeito de sentido de “deformidade dinâmica” (cf. TOMASI, 2014, p. 156 ss).

Na pintura dos seiscentos, a perspectiva e o ponto de fuga frontal (ou mesmo o do plano de fundo) deslocam-se para o que chamamos de *lateralidade da tela*; inicia-se, assim, um movimento: o quadrado vai ganhando a força e a acentuação elíptica. A linha reta atinge a curva, e o ângulo delimitado atinge certo afrouxamento, alterando-se, notoriamente, a perspectiva. Considerando o ponto de fuga — as linhas que convergem para o horizonte —, há uma transmutação do espaço pictural, e os objetos ganham um efeito de tridimensionalidade. Assim, a perspectiva encaminha-se para uma abertura, que gera um efeito de sentido de inacabamento. Para Sant'anna (2000, p. 43), a partir dessa virada na perspectiva, “surge um aspecto curioso que pode ser tido como um limite na passagem do renascimento para o barroco, tomando-se a imagem do espelho como limiar e metáfora epistemológica”. Como podemos notar, o cenário renascentista de simulação simétrica da realidade é bem diverso do cenário do chamado barroco, porque o que se espelha nas telas “barrocas” já não são mais nem a simetria nem a verossimilhança. Verifica-se, portanto, nessa primeira reflexão introdutória, a semelhança tensiva entre o dinamismo barroco e o dinamismo dinâmico da proposta futurista. Embora haja certa aproximação do futurismo com o barroco, verificamos, pelas análises empreendidas, que há uma diferença na aceleração do movimento entre ambas as estéticas, ou seja, o futurismo apresenta maior vivificação e aceleração do movimento nos enunciados das telas, requisitando ainda maior participação do enunciatário no reconhecimento inteligível.

Focillon (2001, p. 27), em *A vida das formas*, menciona que o classicismo teria passado “por estádios diversos” e que deixa de ser clássico quando se torna barroco. Nessa transição, para o barroco, o olhar do enunciator aproxima-se de um olhar vertiginoso, e o enunciado apresenta-se como um espelho convexo a deformar o objeto. O espéculo barroco simula discursivamente subjetividade, abertura e inacabamento. Ao mesmo tempo em que ocorrem transformações, algumas formas permanecem, ou seja, alguns valores virtualizados atualizam-se via potencialização de certa memória formal. Daí Focillon (2001, p. 28) afirmar que o “estádio barroco permite igualmente reencontrar a permanência das mesmas características nos meios e épocas mais diversos”. Naturalmente, depreendemos aqui que os procedimentos de ruptura das formas no

futurismo (e nas vanguardas de modo geral) perfazem um percurso de vivificação da cisão, assim como é o barroco em relação ao clássico, como se nota em *A vida das formas*. A permanência das formas não é exatamente uma repetição delas, mas uma re-formatação (cf. WÖLFFLIN, 2006). As formas do século XVI, por exemplo, orientam-se pelos *tratados da agudeza* (cf. TOMASI, 2014, p. 81-90), que se apoiavam na memória formal da *Retórica*, de Aristóteles, constituindo-se, pois, em renovação de novas perspectivas de observação do objeto, ao mesmo tempo em que retinham a memória de algumas formas anteriores. Já no século XX, com o futurismo, há outra re-formatação e assim sucessivamente; a cada vanguarda, há retenção de parte da memória formal, bem como seu avanço por ruptura. Afastados do ponto de fuga clássico, portanto, o futurismo aproxima-se, como temos visto, da virada da perspectiva, que acaba por convidar o enunciatário a perseguir vários pontos de fuga (ver Figura 2).

Figura 2. A virada da perspectiva: renascimento (I) para o barroco (II)



Fonte: Desenho de Saulo Schwartzmann (cf. TOMASI, 2014, p. 156-157).

Nota: No futurismo, as linhas tracejadas, representadas nos esquemas acima, ganham dinamismo dinâmico, pois o enunciatário simulado estaria em constante movimentação e em constante mutação de pontos de vista, alterando também o que chamamos, no esquema, de L.H. (linha do horizonte) e P.F. (ponto de fuga). Essas três grandezas — ponto de vista, ponto de fuga e linha do horizonte — têm andamento acelerado em relação ao barroco e aceleradíssimo em relação ao renascimento. Mesmo que se verifique o deslocamento do enunciatário no barroco, criando uma figura deslocada no espaço, é no futurismo que se engendra uma figura de dinamismo deslocada *temporal* e *espacialmente*, o que temos chamado de *dinâmico*.

Em seguida, colocamos lado a lado duas telas, uma clássica e uma futurista (ver Quadro 2):

Quadro 2 - Comparação entre dinamismo estático (classicismo) e dinamismo dinâmico (futurismo)

Dinamismo Estático
[clássico]



Affresco Scuola di Atene, di Raffaello Sanzio
(1509-1511; 500x770cm)
Musei Vaticani, Città del Vaticano

Dinamismo Dinâmico
[futurista]: a composição da complementaridade congênita



La città che sale, di Umberto Boccioni
(1910-1911; 199,3x301cm)
Museum of Modern Art, New York

Triagem das linhas: nota-se claramente na tela a manutenção dos contornos.	Mistura e simulacro de linhas se cruzam e se encavalam, produzindo um efeito de dinamismo em mutação (por isso, dinâmico): tudo se move, tudo se desenrola em uma aceleração, em que as figuras do enunciado não se estabilizam diante do enunciatário. Temos um simulacro: é como se elas aparecessem e sumissem na tela incessantemente, como em <i>frames</i> fotográficos.
Triagem e manutenção de cores encontram-se dentro dos limites lineares. Linhas e cores assumem um contrato enunciativo com a mimese. Cores e linhas estão sob o princípio coordenativo. No enunciado, as figuras discursivas configuram-se segundo o contorno da semiótica do mundo natural.	Mistura e justaposição de cores se sobrepõem e avançam em relação ao espaço da outra, sobressaindo a acentuação do efeito de dinamismo dinâmico. Cores e linhas estão sob o princípio subordinativo. As figuras discursivas, pelo movimento, multiplicam-se, deformam-se, perfazendo um simulacro de vibração, como se as cores fossem ondas em movimento.
Nitidez dos contornos produz um efeito de dinamismo estático, em que o enunciatário não se sente convocado a preencher nenhum contorno, visto que eles foram triados, mantidos.	Fluidificação dos contornos lineares produz um efeito de dinamismo, em que o enunciatário é convocado a preencher os contornos desmanchados.
No nível discursivo, as figuras, embora façam parte da tela, pertencem a um conjunto “coordenativo”, tendo cada uma sua função ímpar dentro do coletivo.	No nível discursivo, as figuras pertencem a um contínuo, dispondo-se na chamada <i>complementaridade congênita: subordinam-se em uma dependência interna</i> .
Enunciatário permanece fora do quadro; não há vivificação do espectador; ao contrário, ele tem papel passivo.	Enunciatário é introduzido no quadro; intensifica-se o papel do espectador, que agora é central.

Até aqui, elencamos os elementos do plano da expressão que erigem, na tela futurista, por meio da função de *complementaridade congênita*, efeito de dinamismo dinâmico. Não se pode, todavia, isolar o futurismo pictórico, sem pensar no seu contraponto tensivo, a pintura clássica, como vimos. Com base nessa hipótese, propomos um pêndulo tensivo entre dois fúntivos, *dinamismo estático* e *dinamismo dinâmico*. Reforço que não propus dois eixos separados. Quando se fala em eixo (ver Quadro 3), pressupomos entender

articulação e correlação deles em uma função só, a da complementaridade congênita. Minha separação é funcionalmente didática. A seta que coloco é vetorizada em abertura (cf. final deste artigo em que proponho uma função tensiva em círculo; ver ainda Figura 3).

Quadro 3 - Função tensiva de complementaridade congênita

Funtivos em jogo: Dinamismo estático e Dinamismo dinâmico	
Dinamismo Estático	Dinamismo Dinâmico
Efeito de sentido de nitidez ←-----→	Efeito de sentido de fluidez
1. manutenção dos contornos	1. desmanche dos contornos
2. redução da tonicidade sensível	2. aumento da tonicidade sensível
3. rapidez do reconhecimento inteligível	3. lentidão do reconhecimento inteligível
4. demanda atonizada de catálise*	4. demanda acentuada de catálise*
5. princípio de coordenação entre os formantes plásticos	5. princípio de subordinação entre os formantes plásticos
	<i>(complementaridade congênita)</i>
* As catálises recaem sobre as operações, em certa medida, inéditas. Ou seja, quanto maior for o refreamento do plano da expressão mais acentuada será a catálise (cf. HJELMSLEV, 1975).	

Como estamos discutindo, a pintura futurista complexifica a perspectiva, diferentemente da pintura classicista, cujo fechamento e cuja precisão simétrica não possibilitam ao enunciador nem ao enunciatário que se aproximem do enunciado. Antes que ver os fatos de longe, como no classicismo, no futurismo, os fatos, além de conterem o valor visível da velocidade e do dinamismo dinâmico, são vistos de perto, pois enunciador e enunciatário participam da composição do sentido, dos preenchimentos dos contornos visivelmente esmaecidos. Mesmo se não tivéssemos pretensão analítica, é visível, como pudemos notar a diferença entre os dois enunciados acima confrontados (o renascentista e o futurista). A seguir, vejamos como é que Boccioni se configura um caso de ruptura com arte da tradição.

3. A Complementaridade congênita e as telas futuristas de Boccioni: um caso de ruptura com a arte do passado

Umberto Boccioni (1882-1916), pintor, escultor e teórico do futurismo, juntamente com Severini, e sob a influência de Balla, funda o conceito de complementaridade congênita, tentando imprimir, no plano da expressão das telas, o dinamismo dinâmico, como temos discutido até aqui. Além de advogar completa ruptura com a arte do passado – que, para ele, era acentuadamente “estática” – ocupa-se de objetos caros ao futurismo: (a) a produção de obras de expressão afetiva e passional; (b) a representação do tempo, do espaço e do movimento nas telas. Para testar parcialmente o modelo pictórico proposto, estabelecemos alguns recortes analíticos: (a) seleção de amostras futuristas de algumas telas de Boccioni; deixaremos para

teste futuro as telas de Severini e Balla, outros futuristas aqui não elencados; (b) tal recorte apoia-se na gradação do eixo “dinamismo estático-dinamismo dinâmico”. A seguir, vejamos, no quadro 4, a análise da seleção de 16 amostras (ver Anexo) para a verificação do modelo de complementaridade congênita do plano da expressão:

Quadro 4 - Análise da seleção de 16 telas

I – Recrudescimento do dinamismo dinâmico: o aumento do dinamismo dinâmico se daria, em linhas gerais, na seguinte direção: 10-6-3-2-9-7-5 (?) ou 7-9-5 (?) -1-4-8. Colocamos o sinal de interrogação ao lado de algumas telas, pois seria necessária uma análise bem mais delongada do que a que propomos neste estudo. Nota-se que a direção proposta é a do dinamismo estático (mais nítido) para o dinâmico (mais fluido). A tela 8, por exemplo, seria o cume da fluidez e do dinamismo dinâmico na obra de Boccioni (ver telas no Anexo).

II- Recrudescimento do dinamismo estático: o aumento do dinamismo estático se daria, em linhas gerais, na seguinte direção: 14-12 ou 12-14 (?) -13-11. Colocamos, como em I, o sinal de interrogação ao lado de duas telas, pois seria necessária uma análise bem mais delongada do que a que propomos neste estudo. Como se sabe, a direção proposta em II é contrária à do item I: vai do dinamismo dinâmico (mais fluido) para o estático (mais nítido). A tela 11, por exemplo, seria uma das telas representativas do retorno à nitidez em Boccioni, aproximando-se do passado estético que ele tanto recusou nos manifestos.

III- Atenuação do dinamismo dinâmico: recrudescimento do dinamismo estático: o aumento do dinamismo estático se daria, em linhas gerais, na seguinte direção: de 16 para 15. Como se sabe, a direção proposta em III é contrária à do item I e mais próxima do item II: vai do dinamismo dinâmico (mais fluido) para o estático (mais nítido). A tela 15, por exemplo, seria o cume da representação da nitidez em Boccioni. Outra vez, em 15 e 16, temos amostras de uma produção pictórica que vai totalmente no sentido contrário ao preconizado pelos manifestos escritos, que Boccioni produziu juntamente com outros pintores futuristas (BOCCIONI et al. apud BERNARDINI, 2013, p. 41-44). Eles queriam atingir um enunciado pictórico que contemplasse a complementaridade congênita entre os formantes do plano da expressão (como exemplo, ver tela 8).

IV – Restabelecimento do dinamismo estático, eixo da nitidez: não há amostras futuristas que demonstrem este campo tensivo.

Por razões analíticas, dividimos as amostras em três estágios (I-II-III). Elas perfazem um desenvolvimento tensivo (ver Quadro 4). A quarta etapa (IV) seria a de restabelecimento do dinamismo estático; e, aqui, novamente, nos encaminharíamos para uma estética anterior ao futurismo. Por isso, não encontramos amostras das telas de Boccioni no estágio IV. Os enunciados de 1 a 16 perfazem, portanto, um contínuo que se ajusta, predominantemente, em duas direções tensivas, uma do dinamismo dinâmico e uma do dinamismo estático. Tomando as telas de 1 a 11, notamos, por exemplo, predominância do eixo “fluidez-dinamismo dinâmico”, ou seja, há um movimento vívido de intensificação do *dinamismo dinâmico* que só aumenta. Já a partir da tela 12, há predominância do eixo “nitidez-dinamismo estático”. No dinâmico, o reconhecimento do plano do conteúdo, obscurecido pelos refreamentos do plano da expressão, comporta certa margem de incerteza. Segundo Zilberberg (2011), o *sobrevir*, constante nesse tipo de enunciado pictórico, deve-se a algumas práticas artísticas mais apuradas. E esse era exatamente o projeto do futurismo: afastar-se das técnicas mais comuns, que acabam por erigir enunciados que a semiótica tensiva chama da ordem do *pervir*. Já nas telas 11 a 14, que são da ordem do recrudescimento do *dinamismo estático*, a direção

é de aumento do encaminhamento para o dinamismo estático, parecendo um retorno ao impressionismo de Monet. E, nas telas 15 e 16, o que se observa é uma predominância no campo da atenuação acelerada do *dinamismo dinâmico*. Aqui, temos um aumento acelerado de retorno ao dinamismo estático, que, de modo geral, se acentuadamente aumentado, atingiria a nitidez do classicismo, outro extremo do eixo da função de complementaridade congênita.

Será possível detectar uma única tomada de posição ou reconhecer um único movimento em algumas das telas da seleção? Acreditamos não ser pertinente assumir uma posição antitética. Ao erigir-se contrariamente ao passado, o futurismo, mais do que pensar em oposições estanques, mostra o processo, dentro do eixo de continuidade, entre dinamismo estático (nitidez) e dinamismo dinâmico (fluidez). Assim, para a análise, mais relevante do que estabilizar um dos extremos é ressaltar o movimento entre eles. Esse movimento é visível nas amostras do pintor futurista Umberto Boccioni.

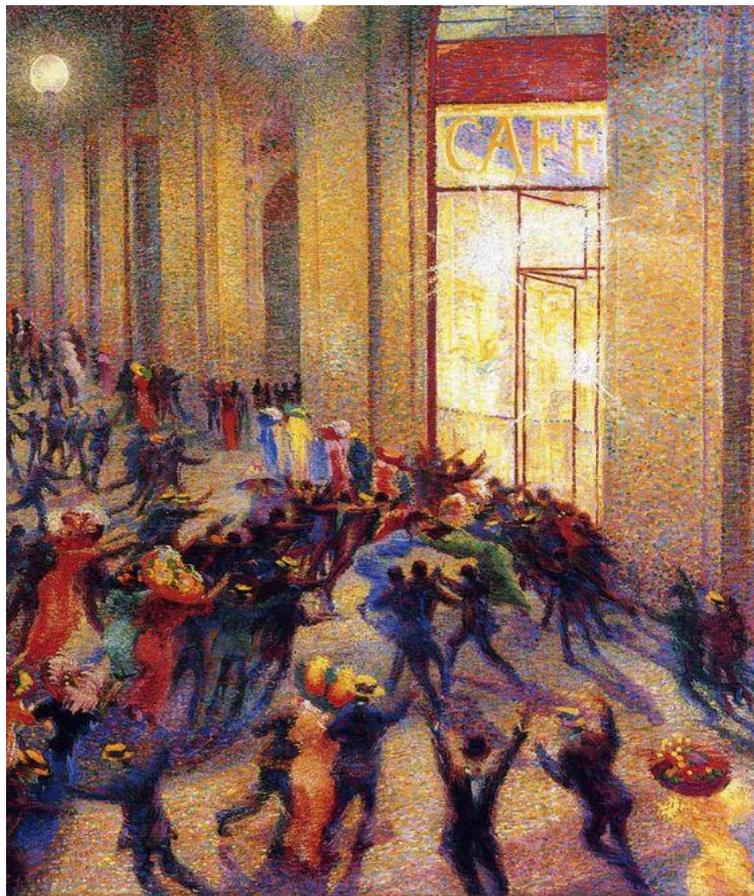
Optamos por demonstrar, por razões analíticas, a direção que vai do eixo “nitidez-dinamismo estático” para o eixo “fluidez-dinamismo dinâmico”. Para isso, selecionamos, entre as 16 telas (ver Anexo), uma amostra de três telas representativas de cada estágio para fazer parte do esquema tensivo proposto (ver Figura 3):



A



B



C

Figura 3. Tensividade na complementaridade congênita do plano da expressão pictórico



A tela A, por exemplo, pertence ao campo da predominância do eixo “fluidez/dinamismo dinâmico”. Ela apresenta um traço de *mais menos*, em relação à minimização da nitidez, partindo em aceleração, cada vez mais, para uma marca de “só menos contorno” e, aqui sim, estamos no campo da fluidez acentuada, projeto dos pintores futuristas. Já em B, temos uma marca de *menos mais*, com atenuação do excesso de contorno. A tela B é um caso em que Boccioni se afasta do projeto futurista e se aproxima do impressionismo de Monet: atenua-se o excesso de contorno e afasta-se do eixo de *só menos contorno*, da fluidez futurista. Na tela C, temos um caso da marca de *menos menos*, com restabelecimento da nitidez e com encaminhamento para uma marca de *mais mais*, com recrudescimento da nitidez de contornos.

Outro analista poderia inverter essa ordem, optando pelo sentido inverso, o do acabamento, da nitidez e não a do inacabamento, a da fluidez, como foi o caso deste estudo. Como exemplo, Schwartzmann (2014), ao analisar o plástico e o figurativo, mostra-nos duas possibilidades de direções analíticas. Em outro exemplo, TOMASI (2014, p. 459 ss), em tese de doutorado, ao substituir as categorias *clássico* e *barroco* do gráfico de Zilberberg e ao propor as categorias *nitidez/fluidez*, propicia uma análise menos valorativa, menos avaliativa, menos semantizada e mais voltada para o plano da expressão, pois, numa mesma estética, seja ela clássica, barroca, impressionista, neoimpressionista, cubista, futurista, podem existir objetos da ordem da fluidez, da ordem da nitidez ou, ainda, a mistura delas.

Nossa opção analítica afirmou-se pela consonância em relação aos procedimentos pictóricos traçados pelo próprio Umberto Boccioni, tanto nos manifestos, quanto nas técnicas de sua produção pictórica. Tanto os manifestos quanto as técnicas encaminham-se para o inacabado, para a fluidez das linhas, das cores e para a afirmação da *complementaridade congênita*, que dinamiza tanto o espaço quanto o tempo pictural, marcando, portanto, o tempo pictórico em que Boccioni quer afirmar-se. Trata-se, como vimos, de um movimento pendular dos formantes plásticos, que circulam entre dinamismo estático e dinâmico.

Considerações finais

Algumas questões nortearam este capítulo: (a) Quais seriam os principais artifícios do plano da expressão que engendram os efeitos de sentido de dinamismo dinâmico nas telas futuristas?; (b) Comparando com os manifestos, notamos dissonância entre o projeto discursivo e as práticas do pintor futurista Boccioni, cujas telas foram aqui analisadas. Por que é que se verifica essa distância entre projeto verbal constante dos manifestos e a manifestação dos enunciados das telas? (c) Seria, pois, a *complementaridade congênita* um experimentalismo do plano da expressão capaz de romper com as semioses pictóricas do passado e da tradição? (d) O dinamismo proposto nas telas se afasta tensivamente das marcas (e traços) do dinamismo clássico?

Em (a), notamos que os principais artifícios da expressão fundam-se nas premissas da complementaridade congênita, que rege um procedimento subordinativo entre os formantes plásticos. Os pintores futuristas almejavam um enunciado plástico, cujos elementos estariam em subordinação complementar, ou seja, cada entidade nutre, assim, com outra entidade certa dependência interna. Em (b), de fato, notamos uma dissonância, pois as telas 12 e 14, por exemplo, mais parecem um quadro impressionista de Monet do que uma tela futurista de Boccioni. Ou seja, **não rompem tanto assim com o passado como preconizam os manifestos**, pois, levada a complementaridade congênita às últimas consequências, os enunciados pictóricos revelariam saturação na vivificação da intensidade. Em (c), a complementaridade congênita seria apenas em parte um experimentalismo no plano da expressão capaz de romper com as semioses pictóricas mais tradicionais até então, pois, desde o barroco, com a virada na perspectiva, notamos que os arranjos da expressão organizam-se por romper com o passado clássico. Em (d), acreditamos ter encontrado, pelo menos parcialmente, um caminho, visto que o dinamismo proposto nas telas futuristas afasta-se demasiadamente das marcas tensivas do dinamismo clássico, uma vez que elas projetam, na manifestação do enunciado pictórico, um movimento acentuadamente dinâmico. Esse dinamismo dinâmico abala não apenas o espaço, mas principalmente o tempo pictórico.

Como pudemos notar, então, este estudo buscou perfazer um percurso que priorizou a gradação entre dinamismo estático e dinamismo dinâmico, pensado dentro da função complexa de *complementaridade congênita*, e não postulado apenas como simples oposição entre esses dois fúntivos; pelas análises,

deprendemos confiar ainda menos na suficiência de uma categoria estanque. Não podemos afirmar de uma simples tela isolada, como vimos nas amostras do futurismo de Boccioni, que ela é puramente estática ou puramente dinâmica. Além disso, o conjunto das telas está em função de um efeito estético generalizante e não particularizante.

De um lado, se tomarmos qualquer tela da rede de amostras (de 1 a 16), por exemplo, o que se observa é apenas mero efeito de sentido discursivo: ou de efeito estético estático ou de efeito estético dinâmico. De outro lado, cada um desses efeitos constrói-se segundo uma invariante formal nos objetos estéticos, os refreamentos do plano da expressão, que são regidos por dois *princípios*: (a) o *subordinativo*, regido pela complementaridade congênita do plano da expressão (esmaecimento das linhas e amálgama de cores) e (b) o *coordenativo*, regido pela manutenção das linhas e pela delimitação das cores. O primeiro participa do eixo da fluidez e o segundo, do eixo da nitidez; ambos os eixos pensados, tensivamente, em gradação complementar e não binarista.

Se mais ousados os refreamentos da expressão, como é o caso das telas de Boccioni, denominadas de “*dinamismo X* ou *dinamismo Y*”, temos um efeito estético de fluidez ou de dinamismo dinâmico. Se menos ousados tais refreamentos do plano da expressão, como é o caso da tela 15, há um direcionamento para um efeito estético de predominância do eixo da nitidez ou do dinamismo estático. Juntamente com os refreamentos acentuados da expressão (ver, por exemplo, a tela 1), temos, no plano do conteúdo, a suspensão provisória da regência do semântico (supondo, evidentemente, que não tivéssemos em mãos a legenda verbal “elasticidade” ancorando o enunciado visual).

Mais do que uma conclusão final, ressaltamos que a experiência estética proposta pelos futuristas suspende temporariamente uma rápida decodificação do plano do conteúdo, delongando sobremaneira seu reconhecimento inteligível. Esse é o trunfo da função da complementaridade congênita do plano da expressão. Não é por acaso que as telas, cujos formantes da expressão se organizam conforme as marcas tensivas presentes na função da complementaridade congênita, tornaram-se representativas das técnicas da pintura futurista. E por isso marcam o tempo histórico em que o movimento do futurismo se propagou, não conseguindo, assim, afastar-se da história como eles tanto desejavam. Ao contrário, a complementaridade congênita é, antes de tudo, uma semiose – relação entre expressão e conteúdo pictóricos – sobretudo histórica.

Nas telas mais fluidas e, portanto, da ordem do dinamismo dinâmico, notamos ainda a soberania da espera, a soberania do intervalo psíquico na cognição do enunciatário, um efeito afetivo que tanto almejava Boccioni em seus manifestos e em sua produção pictórica, marcas próprias de um tempo discursivo, o do começo do século XX.

Referências bibliográficas

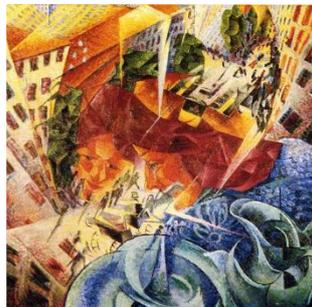
- BERNARDINI, Aurora Fornoni (org.). **O futurismo italiano**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- FOCILLON, Henri. **A vida das formas**. Tradução de Ruy de Oliveira. Lisboa: Edições 70, 2001.
- HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. Tradução de J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- HOCKE, Gustav. **Maneirismo: o mundo como labirinto**. Tradução de Clemente Raphael Mahl. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Barroco: do quadrado à elipse**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SCHWARTZMANN, Saulo Nogueira. **Semiótica da composição pictural: o jogo tensivo entre o figurativo e o plástico na Série das Ligas de Wesley Duke Lee**. 2014. 149 f. Dissertação (Mestrado em Letras no Programa: Linguística, área de concentração Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- TOMASI, Carolina. **Semiótica da agudeza: da negação da euforia barroca ao objeto poético fluido do final do século XX**. 2014. 518 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- WÖLFFLIN, Henri. **Conceitos fundamentais da história da arte**. Trad. João Azenha Jr. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- ZILBERBERG, Claude. Del tempo en pintura. **Formas de la lentitud I. Topicos del Seminario**, 26, Julio-Diciembre 2011, p. 135-158.
- ZILBERBERG, Claude. **Elementos de semiótica tensiva**. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit, Waldir Beividas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

Anexos

Anexo I - Recrudescimento do dinamismo dinâmico



(1)



(2)



(3)



(4)



(5)



(6)



(7)



(8)



(9)



(10)

Anexo II - Recrudescimento do dinamismo estático



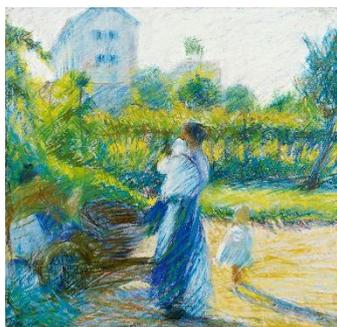
(11)



(12)



(13)



(14)

Anexo III - Atenuação do dinamismo dinâmico: recrudescimento do dinamismo estático



(15)



(16)

Legendas (todas as telas constam como domínio público):

I – Recrudescimento do dinamismo dinâmico

1. *Elasticidade*, 1912, óleo, 100x100cm, Museo del Novecento, Milano.
2. *Visões simultâneas*, 1912, óleo, 60,5x60,5cm, Vonder Heydt Museum.
3. *Sob a varanda em Nápoles*, 1914, óleo e colagem, 83x83cm, Museo del Novecento, Milano.
4. *Dinamismo no futebol*, 1913, óleo, 193,2x201cm, MoMA.
5. *Dinamismo no corpo humano*, 1913, óleo, 100x100cm, Galleria d'Arte Moderna di Milano.
6. *O bebedor*, 1914, óleo, 87x87cm, Museo del Novecento, Milano.

7. *Estado de alma I*, 1911, óleo, 71,2x94,2cm, MoMA.
 8. *Dinamismo no ciclista*, 1913, óleo, 70x95cm, Guggenheim Collection.
 9. *Matéria*, 1912, óleo, 226x350cm, Collezione Peggy Guggenheim, Venezia.
 10. *A rua entra em casa*, 1911, óleo, 100x100,6cm, Sprengel Museum Hannover.
-

II- Recrudescimento do dinamismo estático

11. *Campo com árvores*, 1908, óleo, 93x140cm, Museo Civico di Belle Arti di Lugano.
 12. *Paisagem do pôr-do-sol*, 1906, óleo, 100x120cm, MoMA.
 13. *Camponês no trabalho*, 1908, óleo, 48x52cm, Galleria d'Arte Moderna di Roma.
 14. *Mulher no jardim*, 1910, óleo, 94x130cm, Museo del Novecento, Milano.
-

III- Atenuação do dinamismo dinâmico: recrudescimento do dinamismo estático

15. *Rebelião na galeria*, 1910, óleo, 74x64cm, Pinacoteca di Brera.
16. *A manhã*, 1909, óleo, 60x55cm, Collezione Mazzolla di Milano.

Expatriação Literária, Doutrina, Religião e Intolerância

Daniela Susana Segre GUERTZENSTEIN¹

Resumo: *Este artigo apresenta discursos que revelam padrões de diferença, de contraposição ao outro, de estranhamento do alheio como ameaça potencial, que aterroriza, criminalizando-o e desumanizando-o. A abordagem escolhida expõe posturas discriminatórias na literatura religiosa e clássica para refletir sobre o fenômeno de transnacionalização de valores, conceitos, estereótipos e níveis de intolerância. Pode-se concluir que a difusão de discursos fundamentados no medo e na discriminação, que unem uns contra os outros, impõem o confronto e a intolerância como padrões de uma ordem social.*

Palavras-chave: *literatura; religião; discriminação; identidade; intolerância.*

Introdução

Este artigo expõe parte dos resultados de uma pesquisa interdisciplinar de sociolinguística e comunicação social sobre expatriação cultural e transnacionalização de comunidades religiosas para a edição do trabalho final de pós-doutoramento em sociologia.

O tema principal apresentado nessa oportunidade trata sobre a discriminação de identidades. A diferenciação que cria o estranhamento, o medo, a intolerância, a criminalização e a desumanização do outro. O objetivo deste artigo é expor conceitos e padrões que revelam intolerância à diversidade em recortes de literaturas clássicas e em discursos religiosos.

Para tanto, são apresentados textos de literaturas religiosas e clássicas que apresentam níveis de intolerância e incapacidade de aceitação à diversidade étnica, sexista, cultural, religiosa e à pluralidade de contextos na sociedade. Os textos expostos neste artigo expõem a intolerância étnica, cultural e religiosa.

A abordagem escolhida tem como objetivo demonstrar que manifestações carregadas de estereótipos, de posturas discriminatórias, partidárias, nacionalistas e patrióticas fundamentadas no medo do apóstata, pavor ao estranho, terror ao externo, ao alheio e ao estrangeiro como fonte de todo mal perpetuam a intolerância e o confronto como normalidade de uma ordem social.

1. Consciência de classe e doutrinas religiosas

Para Mikhail Bakhtin (2003), o pensamento individual não cria a ideologia, a ideologia cria o pensamento individual. Para ele, a psicologia deve considerar os fundamentos sociológicos e não fisiológicos e biológicos (TODOROV, 1990). Essa perspectiva faz com que o psiquismo e a ideologia estejam em interação dialética contínua, na qual um signo ideológico é um reflexo psíquico, o qual necessariamente tem suporte

¹ Pós-doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob supervisão da Profa. Dra. Eva Alterman Blay. E-mail: guertzenstein@uol.com.br

ideológico. Nesse contexto, a atividade cognitiva individual é próxima à reação fisiológica do animal, e a atividade mental coletiva é uma forma superior que implica na consciência de classe.

Os discípulos de uma doutrina religiosa compartilham da crença que sua literatura seja resultado de um pensamento superior, fundamentado em preceitos sobrenaturais. A doutrinação outorga o cumprimento de práticas e consagra seus rituais na sociedade. Cada doutrina é identificada por crenças e valores que determinam seus padrões de moralidade. Assim, entende-se que o bem e o mal, o certo e o errado são reflexões que atendem os interesses de missões religiosas. A consciência individual é induzida pela doutrina, que concede validade ideológica e legitimidade simbólica para seus discursos morais.

A doutrina é um conjunto de princípios. Uma mesma literatura pode ser apropriada por doutrinas diferentes. A hermenêutica de diferentes instituições religiosas é o exercício exegético de forjar hipóteses e métodos de análise, sobre um recorte literário estipulado, com o interesse de legitimar as próprias crenças.

As pessoas são identificadas e classificadas de acordo com atributos pré-estabelecidos. Identificar-se com uma pessoa revela empatia, identificar-se com uma causa demonstra simpatia e afinidade com a sua doutrina. Desconstruir preconceitos permite perceber a abnegação de vilões heróis obstinados em atacar, por legítima defesa, no confronto em campo de batalha, como padrão de uma ordem social.

A desconstrução de verdades simbólicas e ideologias de discursos morais, que determinam o bem e o mal e o pertencimento em suas organizações sociais, despertam dilemas. O diálogo é a oportunidade para que se desenvolva um discurso ético, que se procure a melhor das alternativas entre as partes envolvidas, entre muitas opções insatisfatórias.

A literatura é um bem transnacional, apátrida e global. Uma abstração cultural pode ser armazenada e transportada, adaptada, traduzida e apropriada pelas mais diversas populações em diferentes regiões.

2. Sociolinguística, literatura e doutrinas religiosas

As unidades linguísticas são características literárias. Mudanças nos idiomas revelam a migração de conteúdos literários e os fluxos de crenças e conceitos entre diferentes culturas. A migração de idiomas e de culturas impacta a maneira de pensar e de se expressar de seus locutores. Perceber as mudanças nos idiomas no decorrer da história contribui para pesquisar a interposição de conceitos e valores de literaturas de diferentes culturas no estabelecimento de normas e padrões culturais em diferentes instituições na sociedade.

O objetivo de legitimar a superioridade de uma cultura, literatura, idioma e de sua cosmovisão sobre a outra é no mínimo uma proposta tendenciosa, narcisista e paranoica. A proposta deste artigo visa somente analisar a qualidade da intolerância no discurso literário verbal e a abordagem selecionada apresenta níveis de rejeição, contraposição e exclusão do outro, do externo como estranho e como ameaça.

O antropólogo Fredrik Barth preocupou-se em realizar pesquisas empíricas, para fundamentar suas reflexões teóricas, que explicam a diversidade cultural das sociedades complexas, formadas por grupos e unidades menores. Para Barth, os grupos étnicos são identificados pela natureza das fronteiras que os dividem (BARTH, 2000). A cultura é então formada por variações, aquisições e continuidades que classificam os diferentes espaços culturais na sociedade.

O *ethos* é uma palavra grega que significa um modo de ser, o caráter e os traços de uma personalidade. Na sociologia *ethos* é a síntese dos costumes que identificam uma coletividade, e a ética é um conjunto de hábitos, os quais visam o bem-estar de sua comunidade. *Pathos*, na filosofia, representa a reação a um acontecimento, por exemplo, como indica o prefixo de patogênese e nos sufixos de empatia, simpatia e apatia que qualificam reflexos comportamentais. O *logos* é a retórica, a visão lógica da linguística que visa à análise crítica de discursos, de representações sociais e manifestações culturais.

Pierre Bourdieu repudia as pretensões absolutistas de padrões rígidos da objetividade clássica. Assim, Bourdieu derruba dogmas metodológicos de análises e interpretações e desenvolve uma consciência potencialmente libertadora, sem incorrer no risco de tomar a via do relativismo (BOURDIEU, 1992).

Max Weber se preocupava com a dimensão ética das religiões e classificou cinco religiões mundiais: as religiões atéias – Indianismo e o Budismo – e as religiões monoteístas – Judaísmo, Cristianismo e Islã –, que determinam a visão que uma pessoa tem do universo e as normas que regulam suas vidas. Antonio Flávio Pierucci (1945-2012) esclarece duas classificações funcionais para as religiões, expondo o crescimento diferencial das formas religiosas: 1) aquelas que preservam um patrimônio étnico-cultural, favorecendo a identificação de um grupo social; 2) as de caráter universal, abertas para a conversão de todas as pessoas (PIERUCCI, 2013).

3. Identidades simbólicas

No livro *O Efeito Facebook: Os bastidores da história que conecta o mundo*, David Kirkpatrick conta como um usuário do Facebook criou uma comunidade contra a FARC fazendo com que 10 milhões de pessoas se manifestassem em centenas de cidades na Colômbia e mais dois milhões ao redor do mundo (KIRKPATRICK, 2011, p. 9-15).

A criação de redes transnacionais e o estabelecimento de comunidades globais por uma causa, por exemplo, a natureza, determina a pertença de seus adeptos através de práticas e posicionamentos políticos. Nesse discurso, a alimentação vegetariana é correta, contudo não implica que a pessoa seja necessariamente saudável. A crença de defender alguma política, independente de essa ser denominada ambientalista, naturalista, orgânica, universal, etc. é percebida pelos seus adeptos como um comportamento correto, certo, e, porque não, também, ético, que une seus fiéis, diferenciando-os dos que não compartilham dos mesmos ideais. Os níveis de intolerância se manifestam na medida em que os comportamentos alheios são percebidos

como infrações, na banalização de seus autores como contraventores e na justificativa de medidas abusivas como penalizações a esses antes mesmo de analisar a influência de suas crenças e práticas nas dinâmicas sociais.

Com o processo de globalização, a identidade nacional que incorpora identidades culturais perante uma legislação nacional coletiva com um currículo escolar nacional obrigatório, segundo Stuart Hall, estão se tornando cada vez mais deslocadas. Essa realidade é uma preocupação para Hall, posto que, para ele, a identidade nacional, mesmo que precariamente, unifica um *povo*, e seus cidadãos são identificados pela comunidade em que vivem e que dão consistência a sua identidade (HALL, 2003).

Contudo, os migrantes encontram-se permanentemente em terreno de instabilidades divididos entre a terra de pertencimento e a *terra prometida*. As tradições, a inclusão e a participação à cultura em que se inserem desenvolvem-se na medida em que suas vidas, a terra de origem e a localização do destino se modificam em decorrência da migração.

4. Legitimidade e alienação

A legitimidade política ética apresenta-se em narrativas épicas e epopeias utilizadas para a defesa de doutrinas religiosas transnacionais e estabelecimento de suas organizações sociais. Segundo Bernardo Sorj, o termo diáspora é usado para desenvolver mecanismos de organização que permitem solidariedade em condições adversas, a mobilidade social, a integração no sistema de poder servindo como fator de importância crescente na política internacional. As diásporas são então fenômenos sociais em plena expansão.

Atualmente, praticamente toda emigração tende a se auto-apresentar como diáspora, o que leva as ciências sociais a denominar as antigas "comunidades de emigrantes" de etnias "desterritorializadas" (SORJ, 2004 p. 54). [...] o *status* da identidade étnica, o poder do nacionalismo cultural e a maneira como histórias sociais e o sofrimento genocida podem funcionar para oferecer legitimidade política ética (SORJ, 2004 p. 56).

A convicção de consciência tranquila, hipoteticamente ética, associada à crença em uma redenção facilita que lideranças carismáticas, de quaisquer localizações geográficas, desenvolvam técnicas, que, além da imposição dessas aos membros de suas organizações sociais, recrutam adeptos. A expansão das práticas e políticas, ditadas pela manipulação de conceitos míticos e atemporais, nutre a alienação da realidade como regra determinante para a organização, através de uma realidade metafísica, da atividade humana na relação cósmica com o universo.

Os novos fundamentalistas islâmicos não estão interessados em transformar uma sociedade corrupta em uma sociedade justa e não se preocupam em proporcionar emprego, educação e benefícios sociais para seus adeptos e criar harmonia entre os vários grupos étnicos que habitam muitos países muçulmanos. Os grupos do Jihad não têm algum manifesto econômico, não tem um plano para um governo melhor, para a formação de instituições políticas e para gerar participação democrática em seus estados islâmicos, eles

dependem de um único líder carismático, um *amir*, e não de uma organização democrática para governar (RASHID, 2003, p. 32-33).

A alucinação das crenças em universos abstratos determina o significado das palavras e a realidade concreta das ações por elas desencadeadas, por exemplo, a palavra trabalho, que significa atividade produtiva no mercado, serve para a atividade realizada nos rituais de consagração religiosa. Portanto, merece atenção que o fato de se alhear, se alienar da realidade social, pode não ser percebido como uma patologia interativa na medida em que a subjetividade legitima-se em universo simbólico, como diferenças culturais, em um contexto de liberdade de expressão que preza o reconhecimento do direito de diversidade cultural.

As concepções religiosas, étnicas e outras para o estabelecimento de uma identidade matriz que identifica o pertencimento a um hipotético povo judeu, que legitima a constituição nacional israelense contemporânea, segundo Sand, é uma construção simbólica moderna sionista que satisfaz interesses políticos.

No período pós-industrial hoje característico dos países ricos do ocidente, os homens, em razão do enorme movimento dos bens materiais e culturais, estão continuamente em busca de contextos concretos e perceptíveis de pertencimento e união. E, se o estatuto do Estado todo-poderoso do século XX declinou e se enfraqueceu relativamente, a busca por subidentidades, quer que sejam neorreligiosas, regionais, étnicas, comunitária ou mesmo ligadas a seitas, se tornou característica marcante da mudança do tecido morfológico do novo mundo, metamorfose da qual ainda é difícil dizer o sentido (SAND, 2011, p. 549-550).

5. Simbologia das identidades na literatura religiosa

A seguir são apresentados textos de diferentes universos literários religiosos. Seus lemas resultam manifestações de coesão momentânea, fluida e descartável, entre seus adeptos, por um objetivo fugaz e necessidade temporária. A adoção de causas e comportamentos, o intercâmbio de bens e a migração de seus usuários identificam o estabelecimento de redes transnacionais e suas comunidades globais.

O primeiro exemplo de cada universo religioso expõe textos que apresentam um objetivo, uma crença e missão compartilhada, que legitimam a construção de sua identidade. O segundo exemplo apresenta textos que classificam a identidade em questão expondo a diferença, a discriminação que classifica, identifica e discrimina o outro. O terceiro exemplo são textos que expressam à intolerância ao outro, a percepção do estranho como o mal que aterroriza e que justifica a sua discriminação e exclusão como legítima defesa.

5.1 Judaísmo

Desde a destruição do Templo de Jerusalém, logo após a virada da era comum, não existe uma instituição judaica superior, não há unanimidade entre judeus na atualidade. Os judeus não são necessariamente sionistas. Os judeus ultra-ortodoxos são anti-sionistas. O judaísmo fundamenta-se na Tradição Escrita (Bíblia Hebraica) e na Tradição Oral (Literatura Rabínica). As leis das tradições judaicas são

denominadas *halahá*, que significa, em português, caminho. O compartilhamento dos textos bíblicos hebraicos, da literatura hebraica antiga, de tratados rabínicos babilônicos em aramaico, da literatura e liturgia em hebraico medieval identifica e une instituições, fiéis e discípulos constituindo redes transnacionais de intercâmbio entre diferentes lugares do mundo.

No livro de Deuteronômio 6: 4, está escrito *Shemá Israel Adonai Elohenu: Adonai Ehad*. Este é o lema mais conhecido do judaísmo. A vogal 'a' sofre variações de pronúncia dependendo da tradição judaica fonética. Quando está escrito o tetragrama do nome divino hebraico ele não é lido; em vez dele, os judeus dizem a palavra "Adonai" (Meu Senhor).

A reza *Havdalá* que representa o final do sétimo dia judaico, recitada em voz alta sábado no início da noite, diferencia, divide e classifica e separa os judeus dos outros povos (não judeus): *lehavdil ben kodesh lehol, ben or lehoshech, ben Israel laamim, ben yom hashevii lesheshet yamei hamaase* - que significa "diferencia o sacro do profano, a luz da escuridão, Israel dos outros povos (povos = gente = gentios), o sétimo dia dos dias de trabalho". Outra reza recitada no sétimo dia judaico é *vekadshenu bemitsvotcha*, que significa "nos separa para propostas santas (consagra) com seus preceitos (mandamentos)". A consagração através dos mandamentos judaicos é entendida como a prática das leis rabínicas que identificam os seus fiéis, unindo-os entre eles, separando-os da sociedade.

O texto do Salmo 137 sobre Jerusalém é muito conhecido entre judeus. Versos desse salmo tornaram-se lemas usados em diversas ocasiões para unir judeus por algum ideal não necessariamente judaico². O final desse salmo que expõe o confronto com o outro ao extremo, a vingança ao oponente como reconforto. Contudo, os últimos versos são pouco conhecidos entre os próprios judeus, e a maioria dos judeus religiosos que lembram a melodia do final desse salmo, sempre em liturgias recitadas em hebraico, parecem não perceber o significado real das palavras.

Nos rios da Babilônia lá nos sentamos e também choramos lembrando-nos de Sion: Nos salgueiros dentro dela (da Babilônia) penduramos nossas harpas: Porque lá nos pediam nossos captivos zombando-nos cantem para nós músicas de Sion: Como cantaremos as músicas de *Adonai* em terra estranha: Se eu me esquecer de ti Jerusalém que a minha direita (lado direito) seja esquecida: que grude minha língua no meu palato se eu não lembrar de ti se não elevar Jerusalém sobre toda minha alegria: Lembra *Adonai* para os edomitas o dia (que eles entraram) em Jerusalém dizendo arrasem-na, arrasem-na até suas raízes: Babilônia a desolada louvados aqueles que pagarem para ti o mesmo que nos fizeste a nós: Louvados os que segurarem teus infantes e os espatifarem nas rochas³

² No movimento dos trabalhadores as relações étnicas tinham peso fundamental, razão pela qual, para garantir um compromisso com a greve, Feigenbaum usou um argumento de extraordinária importância religiosa para os judeus. Ele perguntou à assembléia: "Vocês se comprometerão com o velho mandamento judaico?" Uma centena de mãos se ergueram e todos gritaram: "Se eu esquecer de vós, ó Jerusalém, que eu perca minha mão direita". Era um juramento de que não furariam a greve. Cerca de 15 mil trabalhadores do vestuário, a maioria moças, entraram em greve, provocando o fechamento de mais de 500 fábricas. Jovens operárias italianas aderiram, houve prisões, tentativas de contratar novas trabalhadoras, o que tornou o clima muito tenso. A direção da greve ficou com a Associação dos Trabalhadores Hebreus e com o Sindicato Internacional de Trabalhadores na Confecção de Roupas de Senhoras (International Ladies' Garment Workers' Union - ILGWU). (BLAY, 2001)

³ Salmo 137 - Bíblia Hebraica. Fonte: Bíblia Hebraica versão cânone rabínico. Tradução (transcrição realizada para esse artigo) do texto em hebraico para o português. As palavras entre parênteses são explicativas e não constam no texto hebraico.

5.2 Cristianismo

O Cristianismo fundamenta-se no Evangelho. O Sumo Pontífice, o Papa, no Estado do Vaticano na Itália, é o líder oficial da Igreja Católica Apostólica Romana. A institucionalização da doutrina católica apostólica romana e o estabelecimento de sua rede transnacional com paróquias ao redor do mundo identificam a sua comunidade global.

O processo de cisão entre a igreja cristã ortodoxa e a igreja católica apostólica romana, a partir do século IV, foi a primeira divisão institucional cristã. O latim era o idioma franco no império romano, enquanto que o grego predominava no império bizantino, acentuando as diferenças hermenêuticas entre os discursos de suas instituições. Os textos bíblicos hebraicos traduzidos para o grego, a Septuaginta⁴, são classificados pelos cristãos como Antigo Testamento. O Evangelho é o Novo Testamento, que foi canonizado em grego, com textos de quatro apóstolos, fundamentam a doutrina cristã.

O Evangelho não é um gênero único na literatura universal como acreditam seus fiéis. O Evangelho, assim como o Corão, é um convite à adesão a doutrina que se declara como verdadeira salvadora da humanidade.

Posteriormente surgiram outros desdobramentos e dissidências cristãs, a separação definitiva da Igreja Anglicana da Santa Sé em 1534, o protestantismo do teólogo Martinho Lutero (1483-1546) na Alemanha no século XVI e o desenvolvimento de movimentos protestantes norte-americanos. Já no século XX surgiram os movimentos evangélicos brasileiros e o crescimento de instituições cristãs coreanas e em outros países asiáticos.

Apesar do resgate dos textos bíblicos hebraicos da tradição judaica pelos movimentos protestantes e evangélicos, a doutrina cristã, divulgada sob o lema amor ao próximo, tem os textos abaixo que apresentam claramente a identidade cristã, a diferença entre o cristão e o outro e a intolerância a quem não compartilha da crença e missão cristã. O texto Atos 1: 8, do Evangelho, narra a revelação e testemunho da fé cristã através do Espírito Santo.

Contudo, recebereis poder quando o Espírito Santo descer sobre vós, e sereis minhas testemunhas, tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samária, e até os confins da terra!⁵

Outro texto do Evangelho, Mateus 28: 19-20, narra a missão cristã de, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, converter, batizar todos os povos da terra, para que obedeçam tudo que lhes foi ordenado. E, assim, Ele estará permanentemente com seus fiéis até o final dos tempos.

(19) Portanto, ide e fazei com que todos os povos da terra se tornem discípulos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo;/ (20) ensinando-os a obedecer a tudo

⁴ Septuaginta: A primeira tradução da Bíblia Hebraica ao grego, que acreditam que foi traduzida de modo igual por setenta anciões, ocorreu, supostamente, no século II antes da era comum na Alexandria. Contudo são encontradas várias versões de Septuaginta.

⁵ Atos 1: 8 - Evangelho. Fonte: Versão Bíblia King James Atualizada.

quanto vos tenho ordenado. E assim, Eu estarei permanentemente convosco, até o fim dos tempos.⁶

O versículo de Mateus 5: 39, do Evangelho, que instrui que, depois de se levar um tabefe do lado direito, deve-se oferecer o outro lado da face, é uma parábola de um discurso para com quem se ama. A reação de olho por olho e dente por dente de outros de outros discursos religiosos é imperativa e equivalente no discurso cristão dos textos evangélicos. No Evangelho em Lucas 19: 27 está escrito como interagir com o infiel, com o descrente e com o outro percebido como ameaça.

E quanto àqueles, que se levantaram contra mim, como inimigos, rejeitando meu reinado sobre eles, trazei-os imediatamente aqui e executai-os diante de mim! Jesus é conduzido em triunfo.⁷

5.3 Islã

A *xaria* une discípulos e fiéis através da imposição de decretos sobre as obrigações dos muçulmanos e das muçulmanas e como as mulheres, escravos, não muçulmanos e outros devem ser tratados. As lideranças clericais legislam no islamismo xiita, por exemplo, no Irã. Os alauitas sírios são uma dissidência xiita. Já os países muçulmanos sunitas são governados por oligarquias. Os muçulmanos sufistas são considerados hereges por outros muçulmanos. O sufismo não interpreta literalmente os textos do Corão. Os beduínos são nômades árabes que vivem nos desertos e muitos deles foram islamizados. Os drusos são árabes que não professam o Corão e não falam sobre a doutrina drusa, eles têm lideranças religiosas próprias e não aceitam conversões.

O Corão foi canonizado em árabe e é compartilhado por todos os muçulmanos ao redor do mundo. Os muçulmanos chamam de *shahade* o testemunho da crença em um Deus Único, Alá, que identifica seus crentes e discípulos como muçulmanos. Esse fundamento de fé é o testemunho da famosa sentença *Allahu Akbar*, que significa em português: Alá (Deus) é o Maior, como está escrito no Corão, na Sura 33: 40, que Maomé é o seu profeta.

Ma kana muhammadun abaahadin min rijalikum walakin rasuula Allahiwakhatama anabiyiena wakana Allahubikuli shay-in Aalema: Tradução: Muhammad não é pai de qualquer de seus homens (,) mas (ele é) mensageiro (de) Alá (e é quem) assina/lacra/encerra/valida (dos) profetas e Alá é de todas coisas (e) tudo sabe.⁸

Os muçulmanos se diferenciam dos infiéis, através de atividades que unem somente os crentes muçulmanos, que os fazem sair de suas casas para se ocuparem para a glória de Alá. Na Sura 4: 95, no Corão, é prometida a recompensa aos seus fiéis.

⁶ Mateus 28: 19-20 - Evangelho. Fonte: Versão Bíblia King James Atualizada.

⁷ Lucas 19: 27 - Evangelho. Fonte: Versão Bíblia King James Atualizada.

⁸ Sura 33: 40 - Corão. O conteúdo entre parênteses foi adicionado na tradução (transcrição realizada para esse artigo) do texto árabe para o português para facilitar o entendimento.

La yastawe alqaAAiduuna minaalmu/mineena ghayru olee addarari walmujahiduunafii sabeeli Allahi bi-amwalihim waanfusahim faddalaAllahu almujahideena bi-amwalihimwaafusahim AAala alqa AAideena darajatan wakullanwaAAada Allahu alhusna wafaddala Allahualmujahideena AAala alqaAAidena ajran AAathema. Tradução: Os fiéis/crentes, que, sem razão fundamentada, permanecem em suas casas, jamais se equiparam àqueles que sacrificam os seus bens e suas vidas do que aos que permanecem (em suas casas), Embora Alá prometa a todos (os fiéis/crentes) o bem, sempre confere aos combatentes uma recompensa superior à dos que permanecem (em suas casas).⁹

Na Sura 4: 91, no Corão, é decretado aos muçulmanos capturar e matar todos aqueles que não os aceitam onde quer que eles se encontrem.

Satajidoona akhareena yureeduuna anya/manuukum waya/manoo qawmahum kulla ma rudduo ilaalfitnati orkisoo feeha fa-in lam yaAAataziloohum wayulqooilaykumu assalama wayakuffoo aydiyahum fakhuthoohumwaqtuloohum haythu thaqiftumoohum waolaiikumjaAAalna lakum AAalayhim sultan mubeena. Tradução: Encontrareis outros que tentarão ganhar a vossa confiança, bem como a de seu povo. Toda a vez que forem chamados à intriga, nela sucumbirão. Se não ficarem neutros, em relação a vós, nem vos propuserem a paz, nem tampouco contiverem as suas mãos, capturai-os e matai-os, onde quer que os acheis, porque sobre isto vos concedemos autoridade absoluta.¹⁰

6. Literatura clássica

A literatura clássica engloba textos eclesiais e não eclesiais. A Bíblia e o Corão têm seus textos canonizados pela hermenêutica das tradições e crenças da doutrina de suas autoridades religiosas. A literatura é patrimônio cultural da humanidade. Os textos bíblicos, corânicos e de quaisquer doutrinas são manifestações literárias que refletem as crenças e valores de seus autores. Textos diversos podem ser apropriados por lideranças carismáticas para suprir intuítos partidários e religiosos.

Foram escolhidos cantos do livro Inferno da Divina Comédia de Dante Alighieri (1265-1321) e uma narrativa do livro Auto da Barca do Inferno de Gil Vicente (1465-153?), para expor crenças e valores culturais de suas épocas e regiões e expor a percepção do outro desses autores em suas obras.

Dante Alighieri, na "Divina Comédia", coloca todos que morreram não batizados, os filósofos gregos e os patriarcas israelitas no limbo junto com os cristãos que, como minhocas, na descrição dantesca, não fizeram nada de relevante em suas vidas. Houve exceções: os patriarcas e Raquel foram beatificados e, por isso, não se encontram no limbo, mas, para os outros, não há esperança de lá sair.

O limbo é uma região descrita como um espaço suspenso, destinado ao esquecimento, onde se encontram aqueles que não pecaram e que não têm salvação, porque não conheceram Jesus Cristo, como está escrito nos versos 34 até 45 do canto IV do livro Inferno da Divina Comédia.

ch'ei non peccaro; e s'elli hanno mercedi, non basta, perché non ebber battesimo, ch'è porta de la fede che tu credi; / e s'e' furon dinanzi al cristianesimo, non adorar debitamente a Dio: e di questi cotai son io medesimo. / Per tai difetti, non per altro rio, semo perduti, e sol di

⁹ Sura 4: 95 - Corão. Tradução ao português, fonte: <https://quram.com/4/95-105> portuguese.

¹⁰ Sura 4: 91 - Corão. Tradução ao português, fonte: <https://quram.com/4/91> portuguese.

tanto offesi che sanza speme vivemo in disio. / Gran duol mi prese al cor quando lo 'ntesi, però che gente di molto valore conobbi che 'n quel limbo eran sospesi.¹¹

O limbo de Dante Alighieri não é temporário, não existem penitências infernais e purgações nem o prêmio da perfeição paradisíaca da imensa luz divina. O texto diz que muitas pessoas de valor se encontram suspensas no limbo não por outros defeitos, mas porque não foram batizadas.

A descrição do limbo onde se encontram os filósofos gregos e os heróis pagãos dá uma sensação herege cristã, de quão interessante pode ser a ilusão de após a vida encontrar-se entre esses no limbo, do que em outros espaços da hierarquia celestial de uma fé na qual não se acredita.

A Divina Comédia é uma obra abominada pelos muçulmanos. A punição a aqueles que semearam discórdia é descrita no Livro do Inferno. O canto XXVIII do Livro do Inferno de Dante descreve a punição de Maomé, que, se acreditava na idade média, teria criado uma cisão no cristianismo: Maomé é cortado do queixo ao ânus, fenda aberta por ele com as mãos fazendo sair todos os seus órgãos internos, em uma cena descrita de maneira vulgar. O califa Ali, que continuou a obra de Maomé, tem um corte no rosto, do queixo a testa, como continuação do corte de Maomé.

O dramaturgo português Gil Vicente, no livro *Auto da Barca do Inferno*, cita que o judeu quer levar consigo seu bode para o inferno. Assim, Gil Vicente não permite que o judeu entre na barca para o inferno com prostitutas e ladrões cristãos. O judeu é chamado de pessoa muito ruim pelo Diabo e é mandado ir à toa puxando o seu bode: "DIABO: Vamos, vamos! Demos à vela! Vós, Judeu, ireis à toa, que sois muito ruim pessoa. Levai o cabrão na trela!"¹²

A obra "Comédia" de Dante Alighieri, do século XIII, constituída pelos livros *Inferno*, *Purgatório* e *Paraíso*, que ficou conhecida como a *Divina Comédia*, foi fundamental para o desenvolvimento do idioma italiano moderno e apresenta o modo cristão medieval de ver o mundo.

Gil Vicente, um dos grandes autores da literatura portuguesa do século XV, também se inspirou nos valores cristãos de sua cultura para escrever a sua trilogia "*Auto da Barca do Inferno*", "*Auto da Barca do Purgatório*" e "*Auto da Barca da Glória*".

7. Autonomia, tolerância e ética

O discurso legislativo civil é herdeiro do iluminismo francês, movimento esse de secularização que permitiu o sufrágio universal. O sufrágio feminino é posterior. Esse discurso desenvolveu-se

¹¹ Tradução (transcrição sem mudanças para adaptar o texto original para ao português). Que não pecaram; se eles têm misericórdia, não basta, porque não foram batizados, que tem a fé que tu acreditas; / e se foram perante o cristianismo, não adoraram devidamente a Deus: e entre esses sou eu mesmo. / Por tantos defeitos, não por outra maldade, estamos perdidos, e só de tantas ofensas que sem esperança vivemos em desidério (desejo). / Grande dor me pegou no coração quando entendi, portanto que gente de muito valor conheci que naquele limbo estavam suspensos. Fonte: ALIGHIERI, Dante. *Inferno* - Canto IV; versos 34 - 45.

¹² <http://www.uesb.br/editais/2016/01/Auto-da-Barca-do-Inferno.pdf>

concomitantemente à inclusão da mulher no mercado de trabalho industrial em postos equivalentes aos masculinos.

A sobreposição do governo civil nacional, com uma legislação que visa garantir a ordem civil acima de estereótipos étnicos, raciais, culturais e religiosos, determina o poder da intervenção estatal. A legislação civil brasileira na Lei nº 9.307, de 23 de setembro de 1996, permite a contratação voluntária de serviços de mediação e arbitragem pelas partes envolvidas, sendo essas maiores de idade, para decidir sobre assuntos civis, fora do âmbito criminal, nos quais elas podem dirimir.

A rapidez de organizações privadas menores contra a lentidão do gigantismo estatal e a procura por serviços carismáticos são fenômenos que justificam o crescimento da oferta de câmaras de mediação e arbitragem. Assim, a legislação civil, através de árbitros e mediadores privados, que se fundamentam no direito canônico e em outros preceitos contrários aos direitos universais, determina que os seus contratantes devam cumprir o que lhes foi decretado ou compactuado.

A tolerância que reconhece a autonomia dos cidadãos de optar por instituições privadas para solucionar seus conflitos permite que indivíduos sejam atraídos pelos discursos de lideranças carismáticas, acreditando que a arbitragem e a mediação dessas sirvam para o estabelecimento da justiça de um discurso sobrenatural, o melhor, o mais correto e a mais ética solução. O paradoxo de respeito à liberdade de crenças e à autonomia individual da legislação civil concede a todos os cidadãos (pessoas de todos os sexos maiores de idade lúcidas) o direito de nomear, voluntariamente, árbitros, que podem ser seus líderes carismáticos, para administrar conflitos, coroando-os com o poder civil de decretar sentenças arbitrais fundamentadas em suas doutrinas.

Assim, a arbitragem concede aos árbitros o poder legal de impor valores morais, preconceitos e discriminações partidárias e religiosas do universo simbólico da literatura de suas doutrinas nos discursos de suas sentenças arbitrais, justificando como ação legítima a destituição de bens e a imposição do acato em abdicar de direitos que seus contratantes anteriormente tinham garantidos pela legislação civil. Por exemplo, a arbitragem rabínica, islâmica e de outras religiões são prejudiciais para o sexo feminino para solucionar a divisão de heranças.

Montesquieu (1689 - 1755), no livro "Do Espírito das Leis", deduz que: quando o estado e as suas leis civis se encontram em estado de impotência, as leis das religiões corrigem os inconvenientes da constituição política. Essa análise explica a ascensão de fundamentos de literaturas de doutrinas, preconceitos e princípios de instituições religiosas e a estipulação de suas quando vigora a impotência da organização social secularizada (MONTESQUIEU, 2010).

A tolerância é um exercício contínuo que exige atenção. O diálogo acata a divergência, a interação com o diferente através da alteridade, da compaixão e do respeito e não é um discurso de elites articuladas que argumentam seus próprios interesses como coletivos. O respeito à diversidade física, mental, religiosa,

cultural e social desperta um alarme de controle contra o estabelecimento de discursos e lemas de quem não está conosco está contra nós. Justamente essas expressões tornam banais situações de confronto, que colocam uns contra outros, como inimigos em campo de batalha.

O nível de intolerância a adversidade, ódio e violência de discursos carismáticos não dependem somente da quantidade de versículos que incentivam o medo, despertam o terror e desumanizam os infiéis de uma literatura religiosa. Os discursos de ódio, de desumanização do estranho, do bem contra o mal variam de acordo com os interesses, necessidades e objetivos das missões de lideranças institucionais.

Foi constatado, em outra pesquisa da autora desse artigo, que nas sinagogas (templos judaicos) a grande maioria, inclusive, entre aqueles que entendem o idioma litúrgico, cantam e rezam sem entender o significado completo de todos os versículos. A liturgia judaica é assim um discurso de fé, descontextualizado, que supre necessidades emocionais, com textos acreditados como morais, que servem como chave de sucesso sobrenatural.

A leitura atenciosa dessa literatura religiosa permite perceber como dogmas, preceitos e preconceitos simbólicos se perpetuam no imaginário religioso e incorporam o inconsciente compartilhado de seus fiéis potencialmente intolerante e antiético.

O Evangelho é encontrado nas gavetas de quartos de hotéis nos mais diversos países. Lemas como amor ao próximo são associados ao cristianismo. É difícil saber quem de fato lê a Bíblia. Amar o próximo identifica amar aquele que não é distante, ensina amar o semelhante e não o outro, contrariando o princípio ético de alteridade no respeito às diferenças e ao outro. Desumanizar o oponente, demonizar o outro revela o nível máximo de intolerância religiosa e política.

A palavra islamizar tem sua raiz etimológica em *salam*, paz, significando pacificar. A bandeira do Corão, Deus é Grande e Maomé o seu Profeta, é utilizada para matar infiéis em nome da paz, assim como nas cruzadas os hereges eram exterminados em nome de Jesus e do Espírito Santo.

A secularização de discursos religiosos ocorreu na medida em que identidades nacionais se sobrepuseram as religiosas. Os discursos religiosos que pregam o extermínio físico do inimigo, quando entendidos no contexto secular, são justificados como padrões religiosos de diferentes épocas e seus rituais transformam-se em liturgias e alegorias que simbolizam tradições.

Segundo Pierre Lèvy, a pós-modernidade é determinada pela cultura universal e a globalização é a convergência de tradições, que ele chama de linhagens. Desse modo, não existe a "filosofia oriental" ou a "ciência ocidental" (LÈVY, 2003, p. 131). Por conseguinte, sabedoria é sabedoria em qualquer lugar. Neste contexto, a caridade também não deve ser vista somente como cristã, ou a compaixão como budista, e sim como qualidades humanas universais.

O paradigma da globalização percebe todos os ambientes como províncias de um mercado global, que identifica pessoas como usuários e permite o desenvolvimento de ambientes cosmopolitas. A pluralidade de

contextos culturais inerente à evolução do mercado mundial, das tecnologias e dos meios de comunicação torna importante a medição de padrões de tolerância/intolerância em diferentes literaturas e discursos políticos.

A análise da tolerância/intolerância nas mensagens, sem desmerecer outros elementos de seus discursos literários, é importante para garantir o respeito à diversidade. O respeito à divergência e a multiplicidade de contextos culturais acata a diversidade humana e a propicia a inclusão através da tolerância na sociedade. O discurso crítico que analisa a tolerância/intolerância serve como alerta à ascensão midiática de mensagens intolerantes, para que se evite banalizar o confronto e a discriminação que tornam diferentes níveis de exclusão práticas comuns.

Considerações Finais

Usar as definições de patologias mentais, para classificar discursos, pode gerar reações adversas de instituições, as quais procuram realizar terapias especializadas para pessoas que sofrem síndromes psicóticas e lutam contra estigmas e preconceitos que prejudicam a sua inclusão social.

A terminologia usada na saúde mental, para diagnosticar quadros cognitivos individuais, é de grande utilidade na análise de discursos. A paranoia é uma psicose identificada pelo desenvolvimento de desconfiança, de uma suspeição altamente exagerada e injustificada, a qual chega a se tornar um delírio crônico, lúcido e sistemático dotado por uma lógica interna própria e não associado a alucinações. O principal sintoma da paranoia é um desenvolvimento delirante interpretativo e sistematizado.

Em sua forma aguda, a paranoia pode surgir em indivíduos predispostos que tenham experimentado grandes mudanças vivencias como imigrantes, refugiados, recrutas, recém-saídos de casa, pessoas que sofreram grandes perdas perceptivas (especialmente auditivas), etc. Uma patologia especial é a paranoia compartilhada, ou "*folie à deux*", em que o paranoide induz outra pessoa que lhe seja próxima a participar de seu delírio. Quase sempre se trata de um casal.

A simbologia da perda é usada em discursos de lideranças carismáticas com o objetivo de unir pessoas que sofreram prejuízos e atraem indivíduos que se identificam com esse sintoma. Perceber a expressão desses elementos literários é de extrema importância para reconhecer discursos e literaturas com elementos paranoides que fundamentam a emergência de seitas e radicalização de organizações religiosas.

Assim, percebe-se que membros de coletividades que compartilham um alto grau de desconfiança, suspeição e hipersensibilidade a quem não pertence à mesma coletividade tornam-se cada vez mais radicais em seus princípios doutrinários e se afastam progressivamente mais e mais de administrar e interagir com a diversidade e a multiplicidade de contextos culturais na sociedade.

Se o tratamento da paranoia costuma ser muito difícil, porque os paranoides não se julgam doentes, esta tarefa é muito mais árdua com uma coletividade. Quando se consegue realizar terapia com paranoides,

esses não falam com espontaneidade e desconfiam todo o tempo do tipo de sondagem usado. Da mesma forma que, no âmbito individual, no âmbito público, a terapia e o diálogo não alteram fundamentalmente o sistema delirante paranoide, acredita-se, contudo, que possam ajudar a melhorar a interação social.

O confronto como norma e a regra da reciprocidade de relacionamento e de punições encontra-se em sistemas legais antigos e parece fundamentar o pensamento humano. A lei talião, do latim *lex talionis* (*lex*: lei e *talio*: tal, idêntico), dita a pena de talião, chamada retaliação, que consiste na reciprocidade do crime e da pena.

O lema "olho por olho, dente por dente" remete o sistema de justiça mais antigo do mundo que se tem conhecimento, o Código Hamurabi, datado entre 1792-1750 antes da era comum, na região mesopotâmica da Babilônia. A lei talião, em uma perspectiva menos literal, é o estabelecimento de penalidades que visam à retribuição proporcional da indenização pelo prejuízo causado.

O raciocínio da lei talião fundamenta os sistemas penais. Esse modo de pensar é manipulado nos mais diversos em discursos. Pessoas crentes e adeptos de um universo ilusório e de diferentes ideologias acatam missões para excluir e banir o que é percebido como ameaça de nível equivalente, se satisfazendo, inclusive, com a remuneração simbólica e ilustrativa do "Deus lhe pague".

A avaliação de diferentes discursos e culturas através de conceitos da saúde mental merece atenção. A alteridade através da compaixão é limitada na medida em que não é possível se sentir no lugar do outro. Classificar um discurso cultural como psicótico é fundamentar um preconceito, corre-se o perigo de designar a uma vala comum todos que compartilham de seus valores. A síndrome psicótica refere-se a um amplo comprometimento na percepção da realidade externa, não aplicada a diversidade de métodos perceptivos, universos simbólicos e distorções menores decorrentes do juízo relativo. Um quadro psicótico implica nas inferências incorretas acerca da realidade externa perante evidências contrárias.

A realidade é percebida de maneiras diferentes: a cosmovisão científica percebe a expansão do universo através de um ruído de fundo uniforme. O universo científico é delimitado por essa medição. Paradigmas religiosos percebem o meio ambiente através de experiências sensoriais e crenças que emergem na simbologia de seus discursos. O consenso é a realidade social do discurso de uma crença compartilhada, a qual pode ser fundamentada em percepções sensoriais e métodos científicos de processos cognitivos na construção de um imaginário comum.

A realidade das catástrofes naturais é reconhecida por unanimidade e interpretada de maneira distinta sob a perspectiva do universo simbólico de cada paradigma cultural. A pluralidade cosmopolita de contextos culturais dos processos de globalização facilita o desenvolvimento de pesquisas comparativas interculturais políglotas. A investigação de discursos culturais contribui com a descoberta de novos conhecimentos. O discurso do exercício da alteridade por compaixão torna-se possível se houver respeito à diversidade de

interesses e cognitiva, pois as mesmas atividades e escolhas podem ter conotações diferentes nos universos simbólicos das mais variadas religiões, religiosidades e doutrinas.

As redes virtuais de comunicação impulsionam a “desterritorialização” cultural contribuem na expatriação e na transnacionalização das literaturas de diferentes instituições formando comunidades globais. E justamente a dificuldade da fiscalização do tráfico de informações e a legalidade relativa às atividades organizadas em espaços virtuais preocupam instituições responsáveis pela integridade e segurança pública. Nesse contexto globalizante é primordial analisar os níveis de tolerância / intolerância dos discursos das mais diversas comunidades transnacionais religiosas, políticas, acadêmicas e partidárias em suas redes institucionais e em seus ambientes digitais e os impactos na sociedade.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Trad. John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.
- BLAY, Eva Alterman. **8 de março: As mulheres faziam parte das classes perigosas**. Florianópolis: Revista Estudos Feministas v. 9, n. 2, s.p., 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- KIRKPATRICK, David. **O Efeito Facebook: Os Bastidores da História da Empresa que Conecta o Mundo**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.
- LÈVY, Pierre. **A Conexão Planetária: o Mercado, o Ciberespaço, a Consciência**. 3ª edição. São Paulo: Editora 34, 2003.
- MONTESQUIEU, Charles-Louis de Secondat. **Do Espírito Das Leis**. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martin Claret, 2010.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. **O Desencantamento do Mundo**. 3ª Edição. São Paulo: Editora 34, 2013.
- RASHID, Ahmed. **Jihad: a ascensão do islamismo militante na Ásia Central**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- SAND, Shlomo. **A Invenção do Povo Judeu**. São Paulo: Benvirá, 2011.
- SORJ, Bernard. Diáspora, judaísmo e teoria social. In: GRIN, Mônica.; VIEIRA, Nelson Harry (Orgs.). **Experiência cultural judaica no Brasil**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004, p. 53-80.
- TODOROV, Tzvetan. **Michail Bachtin: il principio dialogico**. Trad. it. Ana Maria Marietti. Torino: Einaudi, 1990.
- Outras fontes**
- ALIGHIERI, Dante. **Divina Comédia**: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/ladivinacommedia.pdf>
- Bíblia Hebraica**: <http://kodesh.snunit.k12.il/i/t/t0.htm>
- Corão**: <https://quran.com/>
- Evangelho - Versão Bíblia King James**: <http://bibliaportugues.com/>
- VICENTE, Gil. **Auto da Barca do Inferno**. Obra anotada e atualizada para a grafia do português corrente pela equipa da Luso-Livros: <http://www.uesb.br/editais/2016/01/Auto-da-Barca-do-Inferno.pdf>

Usos de “você” nas linguagens da imediatez e da distância comunicativas

Denise DURANTE¹

Resumo: *Objetiva-se nesta pesquisa descrever e analisar o emprego do pronome “você” em interações orais como estratégia discursiva para indeterminação do sujeito. O “corpus” estudado é composto por textos falados veiculados no programa televisivo “JC Debate”. Busca-se analisar o uso de “você”, no português brasileiro, à luz dos conceitos da linguagem da imediatez e da distância comunicativas, desenvolvidos pelos teóricos alemães Koch e Öesterreicher (1985; 1990). Adota-se o método indutivo, bem como as pesquisas bibliográfica e documental. Considera-se a hipótese de que o pronome “você” pode ser utilizado pelos falantes na interação face a face para a obtenção de efeitos expressivos, entre os quais se incluem a familiaridade e o envolvimento interacional e emocional dos interactantes.*

Palavras-chave: *oralidade; escrita; pronomes; imediatez comunicativa; distância comunicativa.*

Introdução

Como se sabe, por muito tempo, nos estudos da linguagem, a escrita prevaleceu como objeto de reflexão, em detrimento da fala. A valorização da escrita foi um dos temas de que se ocupou Saussure. O sexto capítulo do *Curso de Linguística Geral* (1969), intitulado “Representação da língua pela escrita”, contém o subitem “Prestígio da escrita: causas de seu predomínio sobre a forma falada”. Nele, lê-se:

Língua e escrita são dois sistemas distintos de signos; a única razão de ser do segundo é representar o primeiro; o objeto linguístico não se define pela combinação da palavra escrita e da palavra falada; esta última, por si só, constitui tal objeto. Mas a palavra escrita se mistura tão intimamente com a palavra falada da qual é a imagem, que acaba por usurpar-lhe o papel principal; terminamos por dar maior importância à representação do signo vocal do que ao próprio signo. É como se acreditássemos que, para conhecer uma pessoa, melhor fosse contemplar-lhe a fotografia do que o rosto (SAUSSURE, 1969, p. 34).

Saussure aponta como um dos motivos da prevalência da escrita sobre a fala o fato de as impressões visuais serem “mais nítidas e mais duradouras” do que as impressões acústicas para os indivíduos: “a imagem gráfica acaba por impor-se à custa do som” (1969, p. 35). Ademais, o prestígio da linguagem literária contribuiu, no entender do fundador da Linguística moderna, para uma equivocada importância atribuída à escrita.

A valorização da escrita sobre a fala prossegue atualmente como tema nos estudos da linguagem. Ao abordar o chamado “escritismo”, Sieberg afirma que a “cultura da escrita” conduziu à desvalorização da fala como objeto de pesquisa:

Registou-se, portanto, um enorme progresso cultural despoletado pela escrita o qual se ilustra do seguinte modo: a) criação de uma cultura escrita, b) possibilidade da sua conservação e tradição e c) desenvolvimento de funções e categorias gramaticais próprias

¹ Pós-Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob a supervisão da Profa. Dra. Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade. E-mail: denisedurante@uol.com.br

da escrita e respectiva descrição em gramáticas e dicionários de grande prestígio e valor cultural. A cultura da escrita, porém, acarretou consigo a *desvalorização* e *marginalização da fala*, o que levou a filologia e seus protagonistas a um posicionamento que se caracteriza pelo termo “Escriticismo” (= “*Scriptizismus*”) (SIEBERG, 2011, p. 52).

Sieberg observa que o “escritismo” ou “escriticismo” desconsidera a existência de estruturas e normas específicas da língua oral, distintas da escrita. Por consequência, não se tomam em consideração, nessa concepção, as relações de interdependência e mútuas influências entre fala e escrita.

A primazia do estudo da escrita foi também tema de reflexão para os alemães Koch e Öesterreicher:

Não é somente entre leigos com algum tipo de formação que persiste insistentemente a noção de que a linguagem oral deveria ser considerada um modo deficiente da linguagem “autêntica”, ou seja, da linguagem escrita. Desse modo, por muito tempo a linguagem escrita foi considerada como objeto exclusivo de estudo das pesquisas linguísticas. Isso ocorria tanto por motivos relacionados às teorias linguísticas (fixação da norma segundo um ideal linguístico literário, indiferente e independentemente da evolução histórica da respectiva língua) quanto por motivos metodológicos (volubilidade das expressões orais) (KOCH; ÖESTERREICHER, 2013 [1985], p. 164).

O prestígio da escrita sobre a fala, enfocado já na obra fundadora da Linguística moderna, conduziu a dificuldades para conceituação e caracterização dos textos falados e escritos, o que se converteu em questão relevante para a pesquisa linguística nas últimas décadas. Salientou-se, por exemplo, a ideia de que os pares “oralidade/letramento” e “fala/escrita” se mostram polissêmicos e não parecem suficientemente precisos para indicar a complexidade dos fenômenos que designam (cf. MARCUSCHI, 2004, p. 34). O problema da imprecisão terminológica relacionada à fala e à escrita é apontado por Urbano:

O que se tem denominado de maneira mais ou menos generalizada, mas nem sempre pacífica, “língua falada” e “língua escrita”, já há algum tempo merece ser repensado, sobretudo depois que ganhou corpo a contestação, que vem se generalizando, sobre a distinção puramente dicotômica das duas modalidades em benefício do que se tem chamado “contínuo” de usos, de gêneros, de tipos textuais, de efetivação de propriedades ou características, envolvendo uma ou outra modalidade (URBANO, 2006, p. 20).

Diante da necessidade de se compreender melhor as relações entre fala e escrita, os supracitados Peter Koch e Wulf Öesterreicher desenvolveram um modelo teórico, a chamada teoria da “imediatez e distância comunicativas”, por meio do qual tentaram equacionar as imprecisões conceituais e terminológicas, relacionadas ao estudo das duas modalidades de uso da língua. Essa teoria foi retomada nas pesquisas de autores brasileiros, entre os quais se podem destacar os trabalhos de Marcuschi (2004), Koch (2011) e Urbano (2006; 2011; 2013).

Apesar de sua relevância, ainda são poucas as pesquisas, no Brasil, que se ocupam com o modelo da “imediatez e distância comunicativas”. O modelo foi iniciado em 1985, com o artigo “Sprache der Nähe – Sprache der Distanz: Mundlichkeit und Schriftlichkeit im Spannungsfeld von Sprachtheorie und Sprachgeschichte”, publicado originalmente em 1974, traduzido para o português e publicado em 2013, por Urbano e Caldas, com o título “Linguagem da imediatez – linguagem da distância: oralidade e escrituralidade entre a teoria da linguagem e a história da língua”. O modelo teórico foi ampliado pelos autores no livro

Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanisch, publicado em 1990 e traduzido para a língua espanhola, com o título *Lengua hablada en la Romania: español, francés, italiano*, em 2007. A teoria é também retomada por Öesterreicher no artigo “Pragmatica del discurso oral” (1997). Haja vista a importância dessa teoria, em particular no contexto de pesquisa europeu, propomos a retomada de alguns de seus conceitos e pressupostos. Esse modelo propõe a hipótese da existência de um *continuum*, que não é linear, mas, sim, gradual e escalar entre a fala e a escrita, no âmbito da chamada “concepção” dos textos.

Com o objetivo geral de contribuir para a compreensão sobre os mecanismos de construção do texto falado, busca-se, neste artigo, aplicar alguns dos fundamentos do citado modelo teórico à análise de textos orais produzidos em língua portuguesa. Sendo assim, intenciona-se compreender alguns dos usos de *você* no discurso de falantes cultos (cf. PRETI, 1997, p. 31), tomando-se em consideração as características da linguagem da “imediatez e da distância comunicativas”, descritas por Koch e Öesterreicher. No que concerne à metodologia, a pesquisa se fundamenta no método indutivo com a coleta de dados empíricos, os quais são descritos e analisados à luz da pesquisa bibliográfica e sob o enfoque sincrônico. O *corpus* analisado neste trabalho corresponde a textos orais veiculados no programa *JC Debate*, da TV Cultura, de São Paulo. Esses textos foram transcritos conforme as regras para transcrição de textos falados convencionadas pelo Projeto NURC-SP² (Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta).

Consideramos que o entendimento sobre os conceitos do que se designam “fala” e “escrita” é importante na medida em que pode contribuir, por exemplo, com questões relacionadas ao ensino de línguas materna e estrangeira. Esse aspecto nos recorda as palavras de Parisi e Castelfranchi ao abordarem a pedagogia da leitura e da escrita, na Itália, ainda na década de 1970:

Considerando lo scrivere come una semplice trascrizione del parlare, l’insegnante si meraviglia che gli studenti “non sappiano scrivere”. Essi non sanno scrivere perché si limitano a trascrivere sulla carta la loro lingua parlata, oppure perché cercano goffamente di imitare modelli di lingua scritta che nessuno gli ha analizzato e spiegato. In realtà, nessuno gli ha insegnato a scrivere; non certo l’insegnante che, ignorando le profonde differenze tra il parlare e lo scrivere e, in particolare, le caratteristiche specifiche dello scrivere, non ha mai potuto rivolgere la sua attenzione e la sua azione pedagogica su queste caratteristiche specifiche³ (PARISI; CASTELFRANCHI, 1977, p. 171).

As palavras de Parisi e Castelfranchi podem remeter-nos às condições atuais do ensino de línguas, em nosso país, e à necessidade de ampliarmos os conhecimentos sobre as características específicas da escrita e da fala, complementando-se o quadro de estudos desenvolvidos pela Análise da Conversação. No contexto brasileiro de ensino formal, o domínio dos recursos específicos da escrita pode contribuir para que se evite

² A tabela com as normas para transcrição do Projeto NURC-SP encontra-se na seção “Anexos” deste artigo.

³ Tradução nossa do trecho citado: “Considerando o escrever como uma simples transcrição do falar, o professor se assusta com o fato de que os estudantes ‘não saibam escrever’. Eles não sabem escrever porque se limitam a transcrever no papel a sua língua falada, ou porque procuram de modo desajeitado imitar modelos de língua escrita que ninguém analisou ou explicou-lhes. Na realidade, ninguém os ensinou a escrever; com certeza não o professor que, ignorando as profundas diferenças entre o falar e o escrever e, em particular, as características específicas do escrever, nunca pôde voltar sua atenção e sua ação pedagógica para essas características específicas.”

que os discentes reproduzam eventualmente, de maneira não intencional, usos da linguagem falada na escrita e se distanciem, assim, do emprego e da compreensão dos modelos da escrita formal e padrão, o que, como sabemos, permite o acesso à informação e às esferas de poder.

1. O modelo teórico da linguagem da imediatez e da distância comunicativas

Os limites entre a oralidade e a escrita foram abordados pelos estudiosos alemães Koch e Öesterreicher (2007 [1990], p. 20), como dissemos inicialmente. Os autores reiteram que, mesmo na ciência linguística, as combinações “falado”/“oral” e “escrito”/“escritural” são empregadas, primeiramente, para se fazer referência à realização das expressões linguísticas na forma de sons ou na forma de signos gráficos, ou seja, no que diz respeito ao meio ou suporte para a veiculação das mensagens. Conforme salientam os estudiosos, essa diferenciação é evidente, porém não é suficiente para explicar a complexidade da problemática oralidade/“escrituralidade”⁴ (2007 [1990], p. 20). Koch e Öesterreicher observam que todos podemos perceber a existência de textos tais como orações fúnebres, explicações durante uma visita turística guiada ou um discurso de abertura, cuja “configuração linguística” não corresponde exatamente ao que entendemos por oralidade. Existem igualmente expressões linguísticas como notas ou apontamentos de aulas, textos de balões de histórias em quadrinhos ou cartas pessoais cuja configuração também não corresponde exatamente ao que se entende por “escrituralidade”.

No capítulo “Oralidad y escrituralidad a la luz de la teoría del lenguaje”, do livro *Lengua hablada en la Romania: español, francés, italiano* (2007 [1990]), Koch e Öesterreicher apresentam os fundamentos de sua interpretação sobre os limites entre a oralidade e a chamada “escrituralidade”. Os autores consideram que o romanista alemão Ludwig Söll (1985, p. 17-25), na obra *Gesprochenes und geschriebenes Französisch*, publicada originalmente em 1974, na Alemanha, havia solucionado as contradições existentes entre os termos “fala” e “escrita”. Söll distinguiu o *meio* de realização, que pode ser fônico ou gráfico, e a *concepção* das mensagens, que pode ser falada ou escrita.⁵

A ideia de que, entre o falado e o escrito, existe uma dicotomia estrita no âmbito do meio (que separa os códigos fônico e gráfico) e de que há um contínuo no âmbito da concepção discursiva, é um aspecto basilar em que se ancora a teoria dos autores. Considerando esse esquema, Koch e Öesterreicher explicam não ser possível a “plena equivalência” das possibilidades proporcionadas pela combinação entre o meio (sonoro ou gráfico) e a concepção (falada ou escrita) das mensagens. Os autores apontam as “relações de preferência”

⁴ O termo “escrituralidade” corresponde à tradução do vocábulo alemão “Schriftlichkeit” proveniente de “Schrift”, que significa “escrita”. Adotamos, neste artigo, o termo “escrituralidade” tendo em vista que a palavra foi utilizada por Urbano e Caldas na tradução para o português do artigo “Sprache der Nähe – Sprache der Distanz: Mundlichkeit und Schriftlichkeit im Spannungsfeld von Sprachtheorie und Sprachgeschichte”, de Koch e Öesterreicher (1985).

⁵ A distinção entre meio e concepção textual é considerada por Marcuschi, na obra *Da fala para a escrita: atividades de retextualização* (2004). Conforme esclarece o autor em nota de rodapé, na página 37 desse livro: “Para algumas das observações a seguir e mesmo para a montagem deste gráfico, baseei-me em Koch & Öesterreicher (1990)”.

que se verificam, respectivamente, entre falado e sonoro, de um lado, como ocorre, por exemplo, em uma conversa íntima, assim como entre escrito e gráfico, como se dá em um artigo de jornal. Mas, existem também as combinações entre escrito e sonoro, como em um discurso de abertura, e entre falado e gráfico, como em uma carta pessoal. Essas últimas duas combinações talvez sejam aquelas menos evidentes quando, geralmente, se diferenciam textos falados e escritos, sobretudo no âmbito do senso comum. Um discurso de abertura, ainda que veiculado pelo meio sonoro, apresenta características da concepção textual escrita, assim como uma carta privada, transmitida pelo meio gráfico, pode apresentar aspectos da concepção dos textos falados. Sendo assim, a consideração exclusiva do meio para a caracterização dos textos como falados ou escritos se mostra limitada e imprecisa, segundo a perspectiva dos autores.

Os teóricos enfocam os aspectos universais da oralidade e da “escrituralidade” considerados exclusivamente no plano da concepção das mensagens. São elencados por Koch e Öesterreicher os seguintes parâmetros de (A) a (J), ou condições extralinguísticas universais, para a caracterização das realizações linguísticas no contínuo concepcional falado/escrito:

- a) Grau de PRIVACIDADE ou o caráter mais ou menos público da comunicação;
- b) Grau de FAMILIARIDADE ou intimidade entre os interlocutores;
- c) Grau de ENVOLVIMENTO EMOCIONAL em relação ao interlocutor ou ao objeto da comunicação;
- d) Grau de ENTRELAÇAMENTO OU “ANCORAGEM” dos atos comunicativos em relação à situação ou à ação;
- e) CAMPO REFERENCIAL, relacionado à distância dos objetos e pessoas referidas com relação ao *origo*⁶ (*ego-hic-nunc*) do falante;
- f) IMEDIATEZ OU DISTÂNCIA FÍSICA DOS INTERLOCUTORES, nos aspectos espacial e temporal;
- g) Grau de COOPERAÇÃO, considerado de acordo com as possibilidades de intervenção dos interlocutores na produção do discurso;
- h) Grau de DIALOGICIDADE, em que se destacam a possibilidade e a frequência para se assumir o papel de emissor;
- i) Grau de ESPONTANEIDADE da comunicação;
- j) Grau de FIXAÇÃO TEMÁTICA.

Nove desses dez parâmetros são de natureza gradual e escalar, com exceção do parâmetro *f*, que se refere à imediatez ou à distância física. Os autores afirmam que todas as formas de comunicação se caracterizam por um conjunto de valores paramétricos dessas condições comunicativas concretas, que podem ser descritas com a ajuda dos parâmetros citados. Observa-se que o parâmetro *a*, por exemplo, envolve uma escala entre a máxima privacidade e o aspecto totalmente público da comunicação. Conforme Öesterreicher explica no texto *Pragmatica del discurso oral* (1997), ao retomar esses mesmos parâmetros, o grau de privacidade de um discurso é definido pelo número de interlocutores (como em um diálogo entre duas pessoas *versus* uma comunicação nas mídias de massa), bem como pela existência ou não de um público e suas dimensões (como no caso de uma mesa-redonda *versus* um discurso na televisão). A mesma variação

⁶ O termo latino *origo* (origem) é utilizado por Koch e Öesterreicher na versão em espanhol da obra *Lengua hablada en la Romania: español, francés, italiano* (2007). O termo se refere às dêixis pessoal, espacial e temporal. Conforme explica Suadoni (2016, p. 27), o termo *origo* foi introduzido na linguística por Bühler (1934) e, segundo comenta a autora, se pode resumir com a fórmula *ego, hic, nunc*.

se atribui ao parâmetro *b*, havendo, portanto, uma gradação que vai desde a familiaridade máxima entre os interlocutores até seu desconhecimento total.

Por meio da consideração dos valores paramétricos, podem-se identificar dois polos nas extremidades do contínuo falado/escrito. No polo da máxima imediatez comunicativa (falado), combinam-se os seguintes valores paramétricos: privacidade, familiaridade, forte envolvimento emocional, ancoragem à situação e à ação comunicativas, referência com relação ao *origo* do falante, imediatez física, máxima cooperação na produção, alto grau de dialogicidade, liberdade temática e espontaneidade máxima. No polo da máxima distância comunicativa (escrito), tem-se: o caráter público da comunicação, o desconhecimento entre os interlocutores, falta de envolvimento emocional, destacamento em relação à situação e à ação comunicativas, impossibilidade de dêixis referida ao *origo* do falante, distância física, ausência de cooperação na produção, monologicidade, fixação temática e máxima reflexividade (KOCH; ÖESTERREICHER, 2007 [1990], p. 29).

Sobre as estratégias de verbalização empregadas no plano da concepção das mensagens da imediatez e da distância comunicativas, Koch e Öesterreicher explicam que o grau de planejamento dos discursos é alto na distância comunicativa e escasso na linguagem da imediatez. Como consequência desse aspecto, a linguagem da imediatez comunicativa se caracteriza pelo caráter efêmero e pela construção processual. Essa linguagem é marcada por uma “verbalização parca”, nos termos dos autores, e uma “configuração do discurso frequentemente extensiva, linear e agregativa” (2007 [1990], p. 30), com a ocorrência de enunciados incompletos e uso frequente da parataxe, por exemplo. Trata-se de uma linguagem com menor densidade informativa em comparação com a linguagem da distância. Esta se caracteriza, segundo os autores, pela alta densidade e rápida progressão informativa.

2. Possível aplicação do modelo teórico de Koch e Öesterreicher a um debate televisivo

Buscamos aplicar os citados parâmetros comunicativos do discurso, elencados por Koch e Öesterreicher (2007 [1990]), para caracterizar uma interação oral apresentada no programa televisivo *JC Debate*, veiculado pela TV Cultura, de São Paulo, em 2 de fevereiro de 2016. O episódio do programa teve duração total de 28 minutos e 32 segundos e contou com três participantes: a apresentadora Andresa Boni (designada, nas transcrições, como locutora 1 ou L1), os debatedores David Kállas (indicado como locutor 2 ou L2) e Vinícius Machado (identificado como o terceiro locutor ou L3).

O episódio selecionado para análise teve como tema as “startups”. Conforme se explica no programa, as chamadas “startups” são empresas cujo diferencial está, principalmente, na inovação tecnológica. O debatedor David Kállas é professor de Estratégia no programa de pós-graduação do Instituto de Ensino e Pesquisa (INSPER). O debatedor Vinicius Machado é curador da área de Startup & Makers, da Campus Party

Brasil, e coordenador do Comitê de Comunidades da Associação Brasileira de *Startups*, como informa o *site* do programa⁷. Os dois participantes do programa possuem nível superior de instrução, de modo que se incluem no perfil do “falante culto”, conforme postulado por Preti (1997, p. 31), ao caracterizar os informantes do Projeto NURC-SP. Os falantes cultos são indivíduos que foram expostos, no âmbito da instrução formal, à norma padrão culta, ou seja, à norma de prestígio social.

Considerando-se o esquema proposto por Koch e Öesterreicher, podemos dizer que o debate que ora analisamos corresponde a uma comunicação totalmente pública (parâmetro *a*, da teoria de Koch e Öesterreicher), transmitida a ampla audiência televisiva. Há pouca familiaridade ou intimidade entre os interlocutores (parâmetro *b*). Por consequência da pouca intimidade, observa-se pouco envolvimento emocional entre os interlocutores (parâmetro *c*). Como se trata de uma interação face a face, há ampla ancoragem do discurso à situação (parâmetro *d*) com o emprego de dêiticos, o que também permite a frequente referência ao *origo* (*ego-hic-nunc*) do falante (parâmetro *e*). Há imediatez física e temporal entre os falantes (parâmetro *f*), pois eles interagem no mesmo espaço físico durante o mesmo período de tempo. Trata-se de um debate com dois especialistas, de modo que se busca uma divisão equilibrada das falas de cada participante. Sendo assim, o grau de cooperação (parâmetro *g*) na produção do discurso é relativamente baixo. Segue-se, na maior parte do debate, a regra de que “fala um de cada vez”, com turnos de fala⁸ distribuídos e controlados pela apresentadora, de maneira que são poucas as intervenções (como heterocorreções, por exemplo) de um debatedor sobre o discurso do outro. O debate analisado é marcado pela dialogicidade (parâmetro *h*), no sentido de que se alternam frequentemente os papéis de enunciador e enunciatário. O grau de espontaneidade (parâmetro *i*) na produção textual dos falantes é relativamente baixo. Ocorre, nesse debate, alto grau de fixação temática, pois o único assunto tratado corresponde ao tema do programa, as “startups”.

Os valores paramétricos correspondentes para a interação ora analisada podem ser, portanto: a) caráter público; b) desconhecimento entre os interlocutores; c) envolvimento emocional relativamente baixo; d) ampla ancoragem à situação; e) ampla referência ao *origo* do falante; f) proximidade física; g) grau de cooperação baixo; h) alto grau de dialogicidade; i) espontaneidade relativamente baixa; j) alto grau de fixação temática.

Aceitando-se os parâmetros acima, pode-se concluir que se trata de uma interação cujos textos produzidos pelos enunciadores são híbridos, ou seja, mesclam características da imediatez e da distância comunicativas. Observa-se, porém, que predominam os parâmetros da distância comunicativa, ainda que a interação se dê pelo meio fônico.

⁷ Destacamos, neste artigo, alguns dos turnos de fala desses locutores para exemplificação e análise, pois a reprodução da transcrição completa das falas não caberia nas dimensões deste trabalho. O episódio de que tratamos está disponível no endereço eletrônico: < http://tvcultura.com.br/videos/51561_jc-debate-startups-02-02-2016.html >.

⁸ Utilizamos o termo “turno” com o sentido que atribui Marcuschi, no contexto da Análise da Conversação: “[...] o turno pode ser tido como aquilo que um falante faz ou diz enquanto tem a palavra, incluindo aí a possibilidade de silêncio” (1986, p. 18).

Como veremos no item a seguir, ainda que os enunciados produzidos pelos falantes se aproximem dos parâmetros da distância comunicativa, os debatedores se utilizam de estratégias de verbalização que podem caracterizar a imediatez comunicativa ou o discurso de concepção oral. Entendemos que este pode ser o caso do emprego do pronome *você*, que tende a assumir, em concomitância, variadas funções gramaticais e interacionais no diálogo face a face, como o que ora tomamos como *corpus* para análise.

3. Estratégias de verbalização: reflexões sobre os usos de *você*

Ao se ouvir e transcrever os textos produzidos no programa *JC Debate*, verifica-se o emprego recorrente do pronome *você* pelos participantes. Consideremos o trecho a seguir, em que a apresentadora Andresa Boni (L1) indaga os debatedores sobre como saber se uma ideia pode ser boa ou não para a criação de uma empresa *startup*:

- L1 parte de uma boa ideia... como saber se é uma boa ideia de fato?
- L2 **você**
- L1 não é quem que vai comprar a minha ideia né?
- L2 eh... **você** tem que testar a ideia... a primeira coisa é que existem modelos que te ajudam né... como se fosse um check list dos elementos ahn... pra **você** testar se essa ideia é boa então acho que parte daí **você** identificar quem são seus clientes quem é o público que **você** tá buscando e que problema dele **você** tá querendo resolver que benefício **você** tá oferecendo pra ele uma vez que **você** identifica isso **você** tem que saber o que que **cê** precisa fazer dentro de casa pra poder oferecer isso quanto que isso vai te custar e principalmente também como que **você** vai pagar esses custos ou seja qual é o seu modelo de receita né e... aí **você** pode ter muita inovação vou te dar um exemplo eh... antigamente todo mundo **você** provavelmente tinha uma conta em locadora de vídeo... que **cê** vai e paga pelo pelo vídeo que **você** vai alugar devolve atrasa paga multa né? hoje os modelos de aluguel... a grande inovação é que **cê** paga um valor fixo por mês e **você** tem acesso então muitas vezes às vezes a inovação não tá necessariamente no produto ou no serviço mas tá na forma de **você** cobrar mas o conjunto disso tudo é uma coisa que a gente chama de modelo de negócio
- L3 exatamente isso... então a a diferença que existe pra **você** de fato tirar a sua ideia do papel é ver se há uma necessidade de mercado e isso não diferencia de nenhum outro tipo de negócio

Nos turnos de fala de L2 acima transcritos, há 15 ocorrências de *você*, o que contribui com a progressão coesiva e referencial do texto. Além de *você*, ocorre por 3 vezes o uso da forma *cê*. No turno de fala de L3, o enunciador complementa as ideias expressas por L2 e mantém o uso do pronome *você*.

Observe-se que L2 utiliza em seu discurso *você*, em vez do pronome *se*, para indeterminação do sujeito. Em diversos enunciados, poderia ter sido selecionado, pelo falante, o pronome *se*, como a seguir: “pra *se* testar se essa ideia é boa” (em vez de “pra *você* testar se essa ideia é boa”); “quem é o público que *se* tá buscando” ou “quem é o público que *se* busca” (em vez de “quem é o público que *você* tá buscando”); “uma vez que *se* identifica isso” (em vez de “uma vez que *você* identifica isso”). Vejamos ainda o trecho a seguir:

“a grande inovação é que *cê* paga um valor fixo por mês e *você* tem acesso então muitas vezes”. O falante poderia dizer: “a grande inovação é que *se* paga um valor fixo por mês e *se* tem acesso então muitas vezes”, com as formas *cê* e *você* substituídas por *se*.

Seria possível igualmente a exclusão de *você*, sem modificação do conteúdo semântico do enunciado. O trecho “então a a diferença que existe pra *você* de fato tirar a sua ideia do papel é ver se há uma necessidade de mercado” poderia ser formulado como: “então... a a diferença que existe pra... de fato tirar a sua ideia do papel é ver se há uma necessidade de mercado”, sem o uso de *você*. Observemos também os trechos a seguir: “a inovação não tá necessariamente no produto ou no serviço mas tá na forma de *você* cobrar”, que poderia ser construída como: “a inovação não tá necessariamente no produto ou no serviço mas tá na forma de cobrar”, novamente sem o emprego do pronome *você*. Nesses dois trechos, pode-se evidenciar a relevância do emprego de *você* como recurso linguístico no processo de interação interpessoal. Considerando-se as condições de produção discursiva no âmbito da imediatez comunicativa, na qual o grau de ancoragem à situação é maior do que na distância comunicativa, conforme o modelo de Koch e Österreicher, a inclusão de *você* nas passagens acima destacadas pode favorecer a expressão da familiaridade ou intimidade entre os interactantes. Como sabemos, *você* é uma forma característica do registro familiar, informal e coloquial no português em sua variedade brasileira.

O emprego recorrente de *você*, como pronome indefinido com o sentido de *alguém*, por L2 e L3, é um recurso que contribui para a manutenção da coesão referencial por repetição do mesmo item lexical. Estratégia discursiva semelhante é utilizada nos trechos a seguir:

- L2 uma vez eu vi uma... tem uma pesquisa que o SEBRAE sempre faz de razões de mortalidade e me chama muito atenção porque pega... tem uma lista das razões mais votadas a pri/principal causa que as empresas quebram... faltou dinheiro faltou dinheiro não é uma razão o dinheiro é o resultado ah... faltou cliente n... né? então no fundo às vezes a gente não sabe aonde que aonde que tão os problemas né? e se **você** olhar um pouquinho e tentar entender por que que faltou dinheiro por que que faltou cliente ahh... normalmente **você** chega nas mesmas razões que é justamente a falta de planejamento financeiro ahh... e é justamente a falta de **você** conseguir criar o que a gente chama de uma proposta de valor pro seu cliente pra que ele queira comprar de **você** e não da concorrência né? e atrair clientes...
- L3 **você** não pode se esquecer que por mais inovador que o seu negócio seja **você** tá criando um negócio por trás
- L1 sim
- L3 então existe já anos de conhecimento de gestão e administração que **você** vai ter que seguir e acompanhar que nem as leis as taxas né? tem todo esse balanço que **você** precisa fazer independente de quão inovador de quão tecnológico o seu negócio é

Podem-se destacar alguns outros aspectos relacionados ao uso do pronome *você* nos turnos de fala acima e que, talvez, se relacionem com as condições de produção textual da chamada linguagem da imediatez comunicativa, em que há proximidade física entre os interactantes. Primeiramente, *você* pode indicar a inclusão ou a evocação dos interlocutores, presentes na interação face a face, no discurso produzido

pelo falante. Em enunciados com conteúdo explicativo e com exemplificações, o locutor pode repetidamente utilizar *você* como estratégia discursiva para se aproximar do interlocutor, com a meta de ampliar o grau de familiaridade e de envolvimento emocional e interacional entre eles. O interlocutor é evocado recorrentemente no discurso, o que não seria possível com o emprego do pronome indefinido *se*, por exemplo. É o que pode ocorrer no turno de fala de L2: “e se *você* olhar um pouquinho e tentar entender por que que faltou dinheiro por que que faltou cliente ahh... normalmente *você* chega nas mesmas razões que é justamente a falta de planejamento financeiro ahh... e é justamente a falta de *você* conseguir criar o que a gente chama de uma proposta de valor pro seu cliente pra que ele queira comprar de *você* e não da concorrência né?”. Trata-se de uma passagem com conteúdo explicativo e de exemplificação, em que o pronome *você* pode, além de outras funções, fazer referência aos interlocutores que participam da interação, incluindo-os no discurso. Essa referência pode ampliar o grau de familiaridade entre os coenunciadores. Nesse sentido, cabe lembrar as palavras de Urbano ao refletir sobre o emprego de “*você*” para indeterminação do sujeito⁹:

Há quem analise esse uso como um recurso afetivo para suavizar o aspecto impessoal de certas elocuições. É o caso de frases como: ‘Aí *você* espera que seu time arrase, e aí *você* cai do cavalo’, em que o falante, referindo-se a si mesmo e ao seu próprio time, utiliza, porém, o “*você*”, insinuando certo grau de ambiguidade (URBANO, 2011, p. 130).

Provavelmente, na linguagem da máxima distância comunicativa, de concepção escrita (como em um artigo acadêmico ou em peças processuais, por exemplo), em que prevalecesse intencionalmente a pouca familiaridade e o pouco envolvimento emocional e interacional dos coenunciadores, o uso recorrente de *você* cederia lugar ao emprego do pronome *se* para indeterminação do sujeito. Considere-se o seguinte trecho da fala de L3: “então existe já anos de conhecimento de gestão e administração que *você* vai ter que seguir e acompanhar que nem as leis as taxas né? tem todo esse balanço que *você* precisa fazer independente de quão inovador de quão tecnológico o seu negócio é”. Na linguagem de concepção escrita, no âmbito da máxima distância comunicativa, poderíamos ter: “então existem já anos de conhecimento de gestão e administração, que se devem seguir e acompanhar, como as leis e as taxas. Há todo um balanço que se precisa fazer (ou que deve ser feito), independentemente de quão inovador, de quão tecnológico o negócio seja”.

Deve-se notar que o pronome *você*, empregado nos turnos de fala acima transcritos, não funciona exclusivamente como pronome de tratamento e/ou pronome pessoal (em lugar do *tu*) para referência aos interlocutores. Concomitantemente, *você*, como dissemos, pode ser usado com o sentido do pronome indefinido *alguém*. Essa função de *você* é registrada pelo *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001), com o seguinte exemplo: “se *você* não paga a conta, eles cortam o fornecimento” (HOUAISS, 2001,

⁹ Cabe mencionar que o tema da indeterminação do sujeito com “*você*” é também abordado nos trabalhos de Urbano (2000, p. 205) e Corradello (1997).

p. 2877). É o que ocorre, por exemplo, na passagem acima transcrita: “e se *você* olhar um pouquinho e tentar entender por que que faltou dinheiro por que que faltou cliente ahh...”. A oração subordinada condicional poderia ter sido construída como: “e se *alguém* olhar um pouquinho e tentar entender por que que faltou dinheiro por que que faltou cliente ahh...”. Seria possível colocarmos a hipótese de que esse pronome exerce, ao mesmo tempo, diversas funções gramaticais nos enunciados transcritos: pronome de tratamento informal, pronome pessoal (em lugar do pronome pessoal *tu*) e pronome indefinido. Talvez, essa possível “condensação” de funções gramaticais e significados justifique o uso recorrente dessa forma pelos locutores na interação face a face. O pronome *você* pode ser entendido como um termo polivalente, adaptado aos objetivos da interação oral imediata.

Outro aspecto a se considerar sobre os usos de *você*, no texto transcrito do debate, é o grau de planejamento escasso que caracteriza os enunciados de concepção oral. Na linguagem da imediatez comunicativa, segundo Koch e Österreicher e conforme também descreve a Análise da Conversação (cf. KERBRAT-ORECCHIONI, 2006; MARCUSCHI, 2004), o planejamento se dá quase em concomitância com a execução oral do discurso. Sendo assim, a repetição de itens lexicais converte-se em um aspecto característico da interação oral, o que a diferencia dos discursos da distância comunicativa ou de concepção escrita, nos quais o tempo de planejamento permite ao enunciadador adotar variadas estratégias para coesão textual, por exemplo, por meio da substituição, do emprego de hipônimos e hiperônimos, entre outros tantos recursos.

Considerações finais

Refletimos neste artigo sobre alguns dos aspectos do modelo teórico da “imediatez e da distância comunicativas”, desenvolvido por Koch e Österreicher (2007 [1990]). Objetivamos aplicar os parâmetros comunicativos extralinguísticos levantados pelos autores a um *corpus* formado por uma interação face a face, o que nos conduziu a uma reflexão sobre algumas das funções do pronome *você*.

A aplicação desse modelo teórico a dados empíricos, como o discurso produzido em um debate televisivo, pode nos fazer compreender com mais precisão a teoria dos autores. Diante das dimensões deste artigo, não nos seria possível discutir todos os aspectos que podem ser levantados pela análise de diversos *corpora* à luz da teoria adotada. Limitamo-nos a realizar uma breve descrição e interpretação de alguns de seus elementos.

Consideramos que o modelo da linguagem da imediatez e distância comunicativas pode propiciar o aprofundamento das reflexões sobre as características dos discursos de concepção oral e concepção escrita, demonstrando a relevância das questões relacionadas às especificidades que caracterizam a fala e a escrita, visto que, como dissemos inicialmente, por muito tempo, na pesquisa linguística as relações entre as duas modalidades de uso da língua não foram devidamente realizadas, dando-se primazia ao estudo da escrita.

Referências bibliográficas

- BÜHLER, Karl. **Sprachtheorie**. Die Darstellungsfunktion der Sprache. Jena: Gustav Fischer, 1934.
- CORRADELLO, Elaine de Fátima Alcarrá. **Quem é você? Análise de um pronome pessoal**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1997. Disponível em: < <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000119714>>. Acesso em: 23 abr. 2016.
- HOUAISS, Antônio. **Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2001. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/>>. Acesso em: 22 jul. 2016.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Análise da conversação: princípios e métodos**. Tradução de Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2011.
- KOCH, Peter; ÖESTERREICHER, Wulf. **Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanisch**. Romanistische Arbeitshefte, 31. Tübingen: Niemeyer, 1990.
- KOCH, Peter; ÖESTERREICHER, Wulf. **Lengua hablada en la Romania: español, francés, italiano**. Trad. Araceli López-Serena. Madri: Editorial Gredos, 2007 [1990].
- KOCH, Peter; ÖESTERREICHER, Wulf. Linguagem da imediatez – linguagem da distância: oralidade e escrituralidade entre a teoria da linguagem e a história da língua. Tradução: Hudinilson Urbano e Raoni Caldas. **Revista Linha D'Água**, n. 26, v.1, p. 153-174, 2013 [1985].
- KOCH, Peter; ÖESTERREICHER, Wulf. Sprache der Nähe – Sprache der Distanz: Mundlichkeit und Schriftlichkeit im Spannungsfeld von Sprachtheorie und Sprachgeschichte. **Romanistisches Jahrbuch**: 36, 1985, p. 15-43.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Análise da conversação**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1986.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2004.
- ÖESTERREICHER, Wulf. Pragmatica del discurso oral. In: BERG, Walter Bruno; SCHÄFFAEUR, Markus K. (eds.) **Oralidad y Argentinidad**. Estudios sobre la función del lenguaje hablado en la literatura argentina. ScriptOralia 98. Tübingen: Gunter Narr Verlag Tübingen, 1997.
- PARISI, Domenico; CASTELFRANCHI, Cristiano. Scritto e Parlato. In: **Studi di Grammatica Italiana 6**. Firenze: Accademia della Crusca, 1977, p. 169-190.
- PRETI, Dino. **O discurso oral culto**. Série Projetos Paralelos NURC/SP. V. 2. São Paulo: Humanitas, 1997.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1969.
- SIEBERG, Bernd. O modelo da 'fala de proximidade e de distância' e sua aplicação à língua portuguesa. In: FRANCO, Mario; SIEBERG, Bernd (coords.). **Proximidade e Distância: Estudos sobre a Língua e a Cultura**. Coleção Estudos de Comunicação e Cultura. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011, p. 33-50.
- SÖLL, Ludwig. **Gesprochenes und geschriebenes Französisch**. Berlim: Schmidt, 1985 [1974].
- SUADONI, Anna. **Verbos de movimiento, deixis y proyección metafórica. El caso de andare y venire en contraste con ir y venir**. Tese (Doutorado em Linguística). Granada: Universidad de Granada, 2016. Disponível em <http://hdl.handle.net/10481/39788>. Acesso em: 1 ago. 2016.
- URBANO, Hudinilson. **A frase na boca do povo**. São Paulo: Contexto, 2011.
- URBANO, Hudinilson. **Oralidade na literatura**. O caso Rubem Fonseca. São Paulo: Cortez, 2000.
- URBANO, Hudinilson. A perspectiva do sonoro na oralidade e escrituralidade. In: PRETI, Dino; LEITE, Marli Quadros (orgs.) **Comunicação na fala e na escrita**. Série Projetos Paralelos. V. 12. São Paulo: Humanitas, 2013, p. 173-208.

URBANO, Hudinilson. Usos da linguagem verbal. In: PRETI, Dino (org.) **Oralidade em diferentes discursos**. Série Projetos Paralelos. V. 8. São Paulo: Humanitas, 2006, p. 19-55.

Fonte consultada

STARTUPS. **JC Debate**. São Paulo, TV Cultura, 2 de fevereiro de 2016. Programa de TV. Disponível em: <http://tvcultura.com.br/videos/51561_jc-debate-startups-02-02-2016.html> Acesso em: 03 mar. 2016.

Anexos

Anexo I – Normas para transcrição de entrevistas gravadas (NURC-SP)

Normas para transcrição de entrevistas gravadas

Normas para transcrição de entrevistas gravadas

Ocorrências	Sinais	Exemplificação
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	Do níves de rensa () nível de renda nominal
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	E comé/e reinicia
Entonação enfática	Maiúscula	Porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para :::: ou mais	Ao emprestarmos éh::: ... dinheiro
Silabação	-	Por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	E o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	São três motivos... ou três razões ... que fazem com que se retenha moeda ... existe uma ... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição: desvio temático	-- --	... a demanda de moeda -- vamos dar casa essa notação -- demanda de moeda por motivo ...
Superposição, simultaneidade de vozes	Ligando as linhas	a. na casa de sua irmã b. [sexta-feira? a. fazem LÁ b. [cozinham lá
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais de textos, durante a gravação	“entre aspas”	Pedro Lima ... ah escreve na ocasião.. “ O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRRÉIra entre nós”...
<ol style="list-style-type: none"> 1. Iniciais maiúsculas : só para nomes próprios ou para siglas (USP etc) 2. Fáticos: ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá (não por <i>está</i>: tá? Você <i>está</i> brava?) 3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados. 4. Números por extenso. 5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa) 6. Não se anota o <i>cadenciamento da frase</i>. 7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh:::... (alongamento e pausa) 8. Não se utilizam sinais de pausa, típicas da língua escrita, como ponto e vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa. 		

Exemplos retirados dos inquéritos NURC/SP no. 338 EF e 331 D2.

PRETI D. (org) **O discurso oral culto** 2ª. ed. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999 – (Projetos Paralelos. V.2) 224p.

A percepção de cortesia em um estudo sociopragmático

Fábio Barbosa de LIMA¹²

Resumo: Partindo do estudo realizado no mestrado, no qual analisamos pedidos de desculpas em situações espontâneas no português do Brasil e no espanhol da Argentina, apresentamos considerações teórico-metodológicas sobre o tema e uma proposta de teste de hábitos sociais para obter dados sobre a percepção do termo “cortesia” por parte de falantes dos dois países. Testes de hábitos sociais são entrevistas com perguntas relacionadas ao comportamento social em estudo. A importância metodológica de tal enfoque está no fato de que as respostas obtidas nos serão úteis para estabelecer premissas sobre o contexto sociocultural, apoiando, assim, nossa análise. Como os programas televisivos *Big Brother Brasil* e *Gran Hermano Argentina* formam os corpora de nossa pesquisa, pautada pelos estudos da (des)cortesia, o objetivo é aplicar os testes para jovens telespectadores dessas atrações, residentes em centros urbanos desses dois países, no caso, São Paulo e Buenos Aires, com proporção igualitária de gênero.

Palavras-chave: pragmática; (des)cortesia; testes de hábitos sociais; reality show; pedidos de desculpas.

Introdução

Este trabalho tem como ponto de partida os resultados de nosso estudo de mestrado (LIMA, 2012), realizado na Universidade de São Paulo, sob a orientação da Profa. Dra. María Zulma Moriondo Kulikowski, em que realizamos a descrição, a análise e a comparação da formulação discursiva dos pedidos de desculpa entre o português do Brasil e o espanhol da Argentina, doravante PB e EA, com os trabalhos de imagem que correspondem a valores sociais, culturais e de contexto entre as duas variedades linguísticas em situações de fala espontânea entre jovens em *reality shows*, o *Big Brother Brasil* e o *Gran Hermano Argentina*, doravante BBB e GHA.

A escolha do tema se deu por considerar a importância das pesquisas sobre a (des)cortesia entre o PB e o EA. Cremos que a análise de tal fenômeno linguístico-discursivo é melhor conduzido a partir de uma perspectiva intercultural, com a abordagem da Pragmática Sociocultural. Apresentamos, a seguir, mais detalhadamente, os resultados da nossa pesquisa de mestrado.

1. Ponto de partida

Tomamos como ponto de partida do presente artigo e, conseqüentemente, de nosso estudo de doutorado, os resultados da pesquisa realizada no mestrado, na qual conduzimos a análise de nossos corpora

¹ Doutorando pelo Programa de Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob a orientação da Profa. Dra. Profa. Dra. María Zulma Moriondo Kulikowski. E-mail: fblima.fatec@gmail.com

² O presente texto tem por base o estudo comparativo que realizamos no mestrado sobre pedidos de desculpas em um contexto de mídia no português do Brasil e no espanhol da Argentina, trazendo uma proposta de aplicação de testes de hábitos sociais para verificar a percepção do termo “cortesia”, foco inicial de nosso estudo de doutorado.

dentro de uma perspectiva intercultural. No que diz respeito à importância dos estudos de (des)cortesia dentro desse prisma, Kulikowski afirma que:

(...). O sociocultural se emoldura a partir da perspectiva da linguagem com a sociedade, considerando que o mesmo não pode separar-se do entorno social em que se produz, das experiências prévias e compartilhadas, de uma dinâmica que permite contar com os recursos interpretativos capazes de outorgar significado e valor social. A compreensão e conhecimentos prévios sobre as realidades socioculturais que os falantes compartilham são indispensáveis para inferir e interpretar as manifestações do que se reconsidera cortesia em determinados meios e culturas (KULIKOWSKI, 2010, p.160, tradução nossa).³

Na pesquisa do mestrado apresentamos três perguntas que respondemos, a contento, ao final do trabalho: 1. é possível encontrar com mais frequência pedidos de desculpas no *corpus* brasileiro que no *corpus* argentino no que se refere à necessidade de trabalho de imagem dos participantes?; 2. há diferenças entre a formulação discursiva dos pedidos de desculpas nos *corpora*, especialmente, com mais frequência de atos preparatórios no *corpus* brasileiro que no *corpus* argentino? 3. há diferenças nos trabalhos de imagem que correspondem a valores sociais e culturais diferentes entre os programas televisivos?

Para responder às questões foi fundamental considerar as revisões do modelo de Brown & Levinson (1987 [1978]) sobre a dicotomia imagem positiva x imagem negativa. Kerbrat-Orecchioni (1996 [2004]) e Bravo (1999, 2005) reconhecem a importância dos estudos de Brown & Levinson, entretanto, os questionam, por serem fundados em culturas anglófonas; temos, assim, a questão da universalidade da cortesia que, mesmo se apresentando como um fenômeno universal – pois em todas as sociedades humanas temos a presença de comportamentos de manutenção do mínimo de harmonia entre os participantes de uma interação, a cortesia também é um fenômeno não-universal, considerando as variações socioculturais a que estão submetidas às relações humanas.

Kerbrat-Orecchioni (1996 [2004]) apresenta, então, os *FFAs* que objetivam uma cortesia positiva e Bravo (1999, 2005) apresenta a necessidade de preservar a imagem social de autonomia, sua liberdade individual e, além disso, a necessidade de preservar sua imagem social de afiliação, sua inserção em um grupo.

Como resultado mais significativo de nosso estudo inicial está a diferença no trabalho de imagem que correspondem a valores sociais e culturais diferentes entre os contextos brasileiro e argentino. Dois temas são importantes nesse ponto: a preocupação (ou não) com a manutenção da interação e o direito a expressar opinião.

Considerando que o pedido de desculpas tem um caráter corretivo, seu objetivo primeiro deveria ser a manutenção de uma interação violada, porém, não podemos nos esquecer de que toda interação é um

³ No original: “Lo sociocultural se enmarca desde la perspectiva del lenguaje con la sociedad, considerando que el mismo no puede separarse del entorno social en el que se produce, de las experiencias previas y compartidas, de una dinámica que permite contar con los recursos interpretativos capaces de otorgar significado y valor social. La comprensión y conocimientos previos sobre las realidades socioculturales que comparten los hablantes son indispensables para inferir e interpretar las manifestaciones de lo que reconsidera cortésia en determinados medios y culturas”.

jogo que, no caso dos *realities*, BBB y GH, é feito principalmente com o público, definidor de se êxito ou fracasso na jornada empreendida.

Nas interações em PB, notamos certa preocupação com o restabelecimento da interação através de reiterados pedidos e justificativas, além do agradecimento quando as desculpas são aceitas. Há, ainda, a ideia de sinceridade, de promessa de não violar a interação outra vez e, também, o pedido de desculpas públicas, feito na presença dos demais confinados.

Nas interações em EA, por sua vez, não há efetivamente uma preocupação pela volta da interação, tanto que a aceitação do pedido de desculpas foi observada de forma explícita somente uma vez. Outra constatação importante é a opção dada ao ofendido pelo restabelecimento da interação por parte do ofensor e apelo ao sentido estrito da convivência na casa.

Nesse jogo consciente com o público, o brasileiro busca o consenso, a postura de afiliação, mas tal prática não lhe assegura sua permanência na *reality*, pois pode ser considerado falso ou sem expressão, não alcançando nem seu sentido de afiliação nem o de autonomia, de destaque no grupo. O argentino, ao optar sustentar sua opinião, sua postura de autonomia, acaba por encontrar afiliação junto ao público, que valoriza positivamente este proceder. Tal análise confirma os estudos de Bravo (1999), no que se refere a não dicotomia entre autonomia e afiliação.

É importante destacar os *corpora*, formados por interações de *reality shows*. Como a ideia central era verificar como e por que os pedidos de desculpas são utilizados para a gestão de imagem em um contexto entre jovens na TV, escolhemos o Big Brother Brasil (BBB) e o Gran Hermano Argentina (GH). Selecionamos oito interações de cada programa, em um total de dezesseis diálogos. A coleta se deu através do site de hospedagem e downloads de vídeos digitais *youtube.com*, o que possibilitou a seleção de fragmentos de vídeos, direcionando a busca. O critério de seleção foi unicamente a presença de pedidos de desculpas. Não tínhamos por objetivo estabelecer um eixo temático comum, ainda que temas relacionados à imagem e ao preconceito se repetiram nas interações em PB. A transcrição dos *corpora* foi realizada a partir do modelo das Normas de Transcrição do Projeto NURC – Norma Urbana Culta (Preti, 2003), com o objetivo de contemplar aspectos relacionados à fala espontânea.

Considerando a nossa intenção de analisar situações de fala espontânea, os dois programas televisivos, o brasileiro e o argentino, oferecem a possibilidade de um importante material, pois, supõe-se que os participantes estão sujeitos a interagir sem um roteiro de falas a ser seguido. Profissionais da área de TV afirmam, desde as primeiras edições, que, se não há um *script*, existe, pelo menos, um roteiro de fatos possíveis, assim como roteiros de cenas pré-determinadas, além de possibilidade de intervenção da produção na edição do programa, isto é, no que se transmite todas as noites, mas não nas falas dos participantes.

Notamos, ao longo desses *corpora*, que, para o brasileiro, mais importante que obter as desculpas, é não ser vinculado a atitudes e opiniões polêmicas, fazendo, assim, um forte trabalho de imagem junto ao público. O argentino, por outro lado, busca a volta da interação, preocupado com sua imagem junto ao seu interlocutor direto. Sendo assim, brasileiros e argentinos buscam identificação com valores da identidade sociocultural de seus povos.

Para avançarmos nessa interpretação nos estudos de doutorado, aplicaremos os testes de hábitos sociais (Hernández Flores, 2003), que constituem um marco metodológico para estudos no âmbito da (des)cortesia, que apresentamos a seguir.

2. Testes de hábitos sociais

Sobre o desenvolvimento de metodologias para a análise de *corpora* orais e escritos, a Sociolinguística já apontava para caminhos que são trilhados pelos estudiosos da (des)cortesia. Como destaca Silva-Corvalán (2001, p. 62, negrito nosso, tradução nossa):

Além dos diferentes tipos de conversação gravada e de leitura, em diversos estudos foram utilizadas as seguintes técnicas: respostas breves e anônimas; entrevista telefônica; entrevista “na porta”; recontagem de uma história apresentada em desenhos ou em filme; provas formais de repetição de resposta a questionários, e de completar e transformar; diários baseados na auto-observação de condutas linguísticas; perguntas diretas sobre a aceitabilidade de certas estruturas; e **perguntas indiretas e diretas de valoração de usos linguísticos**⁴.

A realização de perguntas indiretas e diretas de valoração de usos linguísticos direciona para a aplicação de **testes de hábitos sociais**, eixo central de nossa pesquisa de doutorado. Hernández Flores (2003, p. 187, tradução nossa), assim define testes de hábitos sociais:

Os testes ou pesquisas de hábitos sociais são formulários, normalmente escritos, que contêm perguntas relativas a assuntos sobre comportamento social que interessam ao pesquisador. As perguntas costumam ser de dois tipos. Um é pedir opiniões sobre comportamento cortês (por exemplo, o que é a cortesia para o senhor). O outro tipo é pedir aos informantes que escrevam o que teriam dito em determinadas situações (onde se espera a realização de alguns atos como o pedido, o agradecimento, etc.) a interlocutores concretos⁵.

Sobre sua aplicação, a autora propõe que os testes sejam “distribuídos entre falantes nativos, dos quais se recolhem alguns dados sociológicos como a idade, o gênero, o lugar de origem e residência ou a

⁴ No original: “Además de los diferentes tipos de conversación grabada y de lectura, en diversos estudios se han utilizado las siguientes técnicas: respuestas breves y anónimas; entrevista telefónica; entrevista en “la puerta”; recuento de una historia presentada en dibujos o en película; pruebas formales de repetición de respuesta a cuestionarios, y de completación y transformación; diarios basados en la autoobservación de conductas lingüísticas; preguntas directas sobre la aceptabilidad de ciertas estructuras; y preguntas indirectas y directas de valoración de usos lingüísticos”.

⁵ No original: “Los tests o encuestas de hábitos sociales son formularios, normalmente escritos, que contienen preguntas relativas a asuntos sobre comportamiento social que interesan al investigador. Las preguntas suelen ser de dos tipos. Uno es pedir opiniones sobre comportamiento cortés (por ejemplo, *qué es la cortésia para usted*). El otro tipo es pedir a los informantes que escriban lo que habrían dicho en determinadas situaciones (donde se espera la realización de algunos actos como la petición, el agradecimiento, etc.) a interlocutores concretos”.

profissão. As respostas obtidas são classificadas de acordo com os critérios da pesquisa e os objetivos que se pretendem”⁶ (HERNÁNDEZ FLORES, 2003, p. 187, tradução nossa). Tal perspectiva evidencia as contribuições da Sociolinguística para os estudos pragmáticos. Murillo (2006) aponta que os estudos sociolinguísticos servem como norte no que diz respeito aos aspectos centrais que devem ser considerados para ter uma amostra confiável e significativa, sendo que “esta deve ter definidas as variáveis sociais relevantes para a posterior análise e interpretação dos dados: classificações etárias, nível de instrução, representatividade de gênero e representatividade geográfica, no mínimo”⁷ (MURILLO, 2006, p. 67, tradução nossa).

O objetivo dos testes de hábitos sociais é, em lugar de recorrer a explicações supostamente universais, destacar a importância de explicar a cortesia segundo as características do contexto cultural, para assim confirmar e apoiar as interpretações feitas a partir da análise dos dados obtidos. Para este fim, Hernández Flores (2003), ainda, apresenta quatro propostas, a saber: 1. por meio de estudos sociológicos, antropológicos ou históricos da comunidade em questão; 2. por meio da coleta de impressões e comentários de informantes nativos sobre o material de estudo; assim pode-se conhecer como é avaliado e interpretado pelos membros da comunidade um comportamento comunicativo; 3. por meio de informação metapragmática, extraída do próprio *corpus* conversacional, a partir de comentários e opiniões que aparecem em conversações espontâneas, nos quais os falantes avaliam comportamentos sociais e comunicativos dos membros de sua comunidade; 4. Por meio de formulários, normalmente escritos, com perguntas de dois tipos: a. pedir opinião sobre comportamento cortês; b. pedir para que os participantes escrevam o que diriam em determinadas situações, como a realização de atos de fala como pedidos e agradecimentos⁸.

Bernal (2006, p. 623, tradução nossa), considera que em uma pesquisa sociopragmática o uso de testes de hábitos sociais constitui importante ferramenta, pois “(...) nos ajuda a aproximarmos das percepções que os falantes têm sobre o que é ser descortês”⁹.

Sendo que nosso estudo apresenta um viés comparativo entre PB e EA, cremos que os testes são um valioso instrumento de coleta de dados sobre a percepção da (des)cortesia para posterior análise. Sobre tal perspectiva, Boretti (2003, p. 198) afirma que sua aplicação “é um bom meio para conhecer com mais

⁶ No original: “distribuidos entre hablantes nativos, de los cuales se recogen algunos datos sociológicos como la edad, el género, el lugar de origen y residencia o la profesión. Las respuestas obtenidas son clasificadas de acuerdo con los criterios de la investigación y los objetivos que se pretenden”.

⁷ No original: “esta debe tener definidas las variables sociales relevantes para el posterior análisis e interpretación de los datos: rangos etarios, nivel de instrucción, representatividad de género y representatividad geográfica, como mínimo”.

⁸ A esse respeito, podemos tomar como modelo o teste elaborado e aplicado *on-line* pelo Grupo de Pesquisa – Pragmática (inter)linguística, cross-cultural e intercultural (acima mencionado), que foi disponibilizado aos participantes por meio de: <<https://docs.google.com/forms/d/1VtN92FsCNqy018WExWoX-r2KW1Inb588Yeklm2XIOHU/viewform>>

⁹ No original: “(...) nos ayuda a acercarnos a las percepciones que los hablantes tienen sobre qué es ser descortés”.

precisão os contextos culturais não só em estudos “dentro da cultura”, mas também nos interculturais”¹⁰.

Visão compartilhada por Contreras Fernández (2006, p. 642, negrito nosso, tradução nossa):

o teste de hábitos sociais tem sido considerado um método muito valioso para a obtenção de dados. É conveniente a sua aplicação não só em pesquisas intraculturais, mas também nas interculturais, sobretudo quando se trata de indagar sobre os mecanismos sociolinguísticos e pragmatolinguísticos que os falantes empregam em determinados contextos situacionais e culturais¹¹.

Dessa forma, temos na aplicação dos testes de hábitos sociais um aparato bastante adequado para a coleta de dados e posterior análise sobre as manifestações de (des)cortesia em um contexto midiático, possibilitando o prosseguimento de nossos estudos.

3. Os testes de hábitos sociais na análise da (des)cortesia em *reality shows*

Para Castro (2006), os *reality shows*, objeto de nosso estudo, “devem ser estudados, dissecados e compreendidos, principalmente no caso brasileiro, dentro do contexto das empresas que os publicizam, já que não vão ao ar ‘apenas para agradar o público’, mas principalmente pelo baixo custo e alta rentabilidade” (p. 24, aspas da autora).

Sobre o êxito dessa variedade de programas, a autora ainda aponta que:

Gostaríamos de dizer que não existe apenas uma razão para o êxito dos *reality shows*, nem uma fórmula mágica para que eles conquistem as audiências, basta observar como alguns produtos culturais dão certo e outros não. Há sim um conjunto de razões que vai ter mais (ou menos) peso em cada sociedade, seja ela latino-americana ou europeia, e que vai sofrer variações de acordo com seus valores, padrão de vida e modos de perceber e colocar-se frente ao mundo (CASTRO, 2006, p.62).

Para Martín-Barbero & Rey (1999, p. 30, tradução nossa), faz-se mister lembrar que:

Na América Latina, é nas imagens da televisão que a representação da modernidade se faz cotidianamente acessível às massas. São elas que mediam o acesso à cultura moderna em toda a variedade de seus estilos de vida, de suas linguagens e seus ritmos, de suas precárias e flexíveis formas de identidade, das descontinuidades de sua memória e da lenta erosão que a globalização produz sobre os referentes culturais¹².

É fundamental ter em conta o papel da televisão na América Latina e a audiência dessa modalidade de programação, sobretudo no Brasil. Castro (2006) elenca alguns caminhos para compreender o sucesso dessa variedade de programas: 1. Pelo confinamento em uma casa e em grupo, que recorda a ideia de família; 2.

¹⁰ No original: “(...) es un buen medio para conocer con más precisión los contextos culturales no solo en estudios “dentro de la cultura”, sino también en los interculturales”.

¹¹ No original: “(...) el test de hábitos sociales ha sido considerado un método muy valioso para la obtención de datos. **Es conveniente su aplicación no sólo en investigaciones intraculturales, sino también en las interculturales**, sobre todo cuando se trata de indagar sobre los mecanismos sociolingüísticos y pragmatolinguísticos que los hablantes emplean en determinados contextos situacionales y culturales”.

¹² No original: “En América Latina es en las imágenes de la televisión donde la representación de la modernidad se hace cotidianamente accesible a las mayorías. Son ellas que median el acceso a la cultura moderna en toda la variedad de sus estilos de vida, de sus lenguajes y sus ritmos, de sus precarias y flexibles formas de identidad, de las descontinuidades de su memoria y de la lenta erosión que la globalización produce sobre los referentes culturales”.

Por agrupar desconhecidos e anônimos, assim como a audiência do programa; 3. A ideia de reconhecimento imediato dos participantes é transferida para a audiência; 4. Os concursantes, em geral, representam a juventude; 5. A semelhança de hábitos como vestir e falar com diversos grupos sociais; 6. As possibilidades de interação não só com a TV aberta, mas com a TV paga, telefonia e internet¹³; 7. Esse tipo de programação traz à tona questões como amor, ciúme, amizade, inveja, solidariedade etc., mostrando aspectos das relações sociais; 8. Pode-se afirmar que os participantes representam a si mesmos.

Temos algumas considerações em relação a alguns tópicos apresentados por Castro (2006). Sobre a ideia inicial do anonimato em que era pautada a realização desses *realities*, com a transformação de cidadãos comuns em celebridades, podemos afirmar que, atualmente, “há variações no formato, haja vista o GH Famosos, da Argentina, que contou com participantes já conhecidos do público ou, como no BBB, com a presença de participantes que sejam relativamente conhecidos, recrutados devido ao grande número de seguidores em redes sociais” (LIMA, 2012, p. 45).

Já sobre as possibilidades de interatividade assinaladas por Castro (2006), é importante ressaltar as considerações de Martín-Barbero & Rey (1999, p. 52, tradução nossa):

Desde alguns anos se tem produzido una importante ampliación da paisagem televisiva. Às formas de televisão aberta conhecidas durante décadas se uniram a tevê a cabo, internet, televisões comunitárias, canais locais, televisão por satélite. Esta renovação da paisagem televisiva não se restringe somente às modificações tecnológicas, mas também pressiona os ordenamentos jurídicos, as relações do público com os produtos televisivos, as variações de gostos e as transformações dos gêneros¹⁴.

Qual seria, então, a perspectiva para a interpretação das manifestações de (des)cortesia nessa modalidade de programação televisiva? Blas Arroyo (2010) ao analisar o *reality show* musical Operación Triunfo, exibido na Espanha, levanta pontos importantes sobre a telerrealidade e sua relação interativa com o público telespectador. A esse respeito, assevera:

(...) O conteúdo da descortesia se encontra intimamente associado a fatores psicossociais que explicam a atitude dos espectadores, como um certo prazer voyeurístico ao observar os males e conflitos que assolam aos demais, ou os sentimentos de segurança e superioridade que o inspira a ser meras testemunhas de umas relações desarmônicas das que, afortunadamente, eles se veem livres na vida real. Após a revisão detalhada dos episódios de eliminações e dos comentários subsequentes em diversos meios (imprensa, televisão, chats na internet...), não resta dúvida de que estes fatores explicam também o comportamento de parte significativa da audiência (...) ¹⁵ (BLAS ARROYO, 2010, p. 202, tradução nossa).

¹³ No caso brasileiro o *pay-per-view*: pague para ver – sistema de aquisição de programação televisiva específica, ofertada por operadoras de TV a cabo ou por satélite. Já no caso argentino há a exibição em tempo real pelo site da emissora Telefe.

¹⁴ No original: “Desde hace unos años se ha venido produciendo una importante ampliación del paisaje televisivo. A las formas de televisión abierta conocidas durante décadas se han unido la televisión por cable, internet, televisiones comunitarias, canales locales, televisión por satélite. Esta renovación del paisaje televisivo no se restringe solamente a las modificaciones tecnológicas sino que presiona los ordenamientos jurídicos, las relaciones de las audiencias con los productos televisivos, las variaciones de gustos y las transformaciones de los géneros”.

¹⁵ No original: “(...) El contenido de la descortesia se halla íntimamente asociado a factores psico-sociales que explican la actitud de los espectadores, como un cierto placer *voyeurístico* al observar los males y conflictos que atenazan a los demás, o los sentimientos de seguridad y superioridad que inspira el ser meros testigos de unas relaciones inarmónicas de las que, afortunadamente, ellos se

Hernández Flores (2006, p. 659, tradução nossa), ao estudar a aplicação de testes de hábitos sociais na análise de debates televisivos, em que reflete sobre as manifestações de (des)cortesia e outras atividades de imagem na mídia, aponta que:

(...) por causa de sua natureza midiática, as pessoas que veem e escutam o programa são também receptoras e, além disso, destinatárias do discurso. Isto é, que os participantes em um debate, ao mesmo tempo que dirigem seus enunciados a outros participantes, também o fazem para o público que sabem que lhes está seguindo através das telas. A efeitos de imagem social, isto supõe que a imagem do próprio espectador também se vê indiretamente afetada pelos comportamentos comunicativos dos participantes no debate¹⁶.

Murillo (2006) afirma que os testes constituem um bom instrumento para se aproximar ao fenômeno da cortesia. Entretanto, para aplicação em mais comunidades socioculturais – do mundo hispânico, no caso de seu estudo – com fins comparativos, deverão ser feitas adequações metodológicas não só de cunho estruturais, mas também no que diz respeito à aplicação dos testes.

Ao longo de nosso estudo de doutorado, os resultados dos testes serão sistematizados e analisados para que possamos alcançar uma comparação adequada com os estudos já realizados e com os aportes teóricos pertinentes. Propomos, então, um teste inicial baseado na percepção do termo cortesia entre falantes de PB e EA, que detalhamos a seguir.

4. Proposta de teste de hábito social – percepção de cortesia

Em nosso de mestrado além de analisarmos pedidos de desculpas em situações espontâneas no português do Brasil e no espanhol da Argentina, apresentamos brevemente considerações sobre a percepção do termo “cortesia” por parte de falantes dos dois países. Para tal, recorreremos aos significados presentes em dois dicionários de cada idioma; do português, os dicionários Aurélio (FERREIRA, 2006) e Houaiss (HOUAISS & VILLAR, 2009), já do espanhol tomamos o Diccionario de la Real Academia Española (DRAE, 1992) e o dicionário da lexicógrafa espanhola María Moliner (MOLINER, 1998).

As definições de cortesia nos dicionários de língua portuguesa estão orientadas para valores como amabilidade e delicadeza, enquanto que nos dicionários de língua espanhola, temos a ideia de “atención”, “consideración” e “respeto”. Tais significados coincidem com os resultados de nosso trabalho, no que diz

ven libres en la vida real. Tras la revisión detenida de las galas y de los comentarios subsiguientes en diversos medios (prensa, televisión, chats en internet...), no cabe duda de que estos factores explican también el comportamiento de parte significativa de la audiencia (...).”

¹⁶ No original: “(...) a causa de su naturaleza mediática, las personas que ven y escuchan el programa son también receptoras y, además, destinatarias del discurso. Es decir, que los participantes en un debate, al tiempo que dirigen sus enunciados a otros participantes, también lo hacen hacia al público que saben que les está siguiendo a través de las pantallas. A efectos de imagen social, esto supone que la imagen del propio espectador también se ve indirectamente afectada por los comportamientos comunicativos de los participantes en el debate”.

respeito aos sentidos de autonomia e afiliação postulados por Bravo (1999); representando a valorização do sentido de afiliação, no caso do Brasil e da valorização do sentido de autonomia, do lado argentino.

Creemos ser importante começarmos nossas análises por um teste de hábito social com o qual possamos verificar se esses significados do termo “cortesia” fazem parte da percepção pelos falantes de ambos os países. A importância desse teste preliminar consiste no fato de que as respostas obtidas nos serão úteis para estabelecer premissas sobre o contexto sociocultural, apoiando, desta forma, as futuras análises realizadas, considerando as questões que nos propomos a responder no estudo de doutorado, a saber: 1. qual é a percepção da cortesia que os brasileiros têm dos pedidos de desculpas das interações brasileiras e argentinas?; 2. qual é a percepção da cortesia que os argentinos têm dos pedidos de desculpas das interações argentinas e brasileiras?; 3. tais percepções correspondem a valores sociais e culturais das culturas implicadas, sobretudo da cultura “do outro”?

O teste será aplicado pela internet através do Google Docs¹⁷, que permite além da coleta de dados, sua sistematização. O teste será introduzido por questões para obter os dados relacionados aos falantes, como gênero, idade, profissão etc. e, então, será dividido em duas questões, uma aberta e outra fechada.

A questão aberta visa introduzir o tema percepção de cortesia a partir de experiências vivenciadas pelos informantes. A questão proposta é “Qual o significado da palavra cortesia para você? Relate um exemplo de cortesia de seu cotidiano” / “¿Cuál es el significado de la palabra cortésia para vos? Relata un ejemplo de cortésia de tu cotidiano.”

Já a questão fechada consiste em numerar em ordem de importância as palavras que constam nos significados do vocábulo “cortesia” dicionários de português e de espanhol já mencionados. A palavra que o informante considerar como a que melhor reflete o significado de cortesia deverá ser numerada com o número 1, e assim sucessivamente. Lembramos que as palavras estão dispostas em ordem alfabética com o intuito de não interferir na escolha dos participantes do teste.

Quadro 1 - Teste de hábitos sociais – português

Enumere, em ordem de importância, sendo 1 para “mais importante” e 10 para menos importante, quais os significados da palavra cortesia para você:

- () afeto
- () amabilidade
- () atenção
- () brinde
- () civilidade
- () consideração
- () delicadeza
- () polidez
- () presente
- () respeito

¹⁷ Google Docs é um é um pacote de aplicativos do Google, composto de um processador de texto, um editor de apresentações, um editor de planilhas e um editor de formulários, que permite aos usuários criar e editar documentos *online* ao mesmo tempo colaborando em tempo real com outros usuários.

Quadro 2 - Teste de hábitos sociais – espanhol

Enumera, en orden de importancia, siendo 1 para “más importante” y 10 para “menos importante”, los significados de la palabra cortesía para vos:

- () afecto
- () amabilidad
- () atención
- () civilidad
- () consideración
- () delicadeza
- () polidez
- () premio
- () regalo
- () respeto

É importante ressaltar que para não ocorrer indução dos participantes na questão aberta a partir das palavras apresentadas na questão fechada, optamos por essa ordem; primeiro a questão aberta, com a descrição dos informantes sobre sua percepção de cortesia e, posteriormente, cumprida essa etapa, será possível o acesso à questão fechada para a enumeração dos vocábulos que representam a percepção do termo cortesia por parte dos falantes.

Considerações finais

Por fim, que caminhos seguir nos estudos de (des)cortesia entre o português do Brasil e o espanhol da Argentina? Considerando os aspectos aqui expostos, podemos afirmar que tais programas televisivos que constituem nossos *corpora*, permeados pelo contexto de telerrealidade midiática, constituem um produtivo material para os estudos interculturais da (des)cortesia, pois, como bem aponta Blas Arroyo (2010, p. 204, tradução nossa) os diferentes tipos de interlocutores – participantes e audiência do Brasil e Argentina – “podem interpretar a descortesia de forma também diferente, e suas reações – mais ou menos visíveis – podem encontrar-se condicionadas por fatores interpessoais, culturais e institucionais de natureza muito diversa”¹⁸. Ainda, destacamos que esse primeiro teste de hábitos sociais proposto pode auxiliar no direcionamento da elaboração dos testes seguintes que serão realizados a partir dos vídeos dos realities, que estarão presentes em nossa tese de doutorado. Por fim, reforçamos que os testes de hábitos sociais se apresentam como uma ferramenta adequada para a coleta de dados para procedermos à análise desse fenômeno visto de uma perspectiva intercultural.

¹⁸ No original: “pueden interpretar la descortesía de forma también diferente, y sus reacciones – más o menos visibles – pueden hallarse condicionadas por factores interpersonales, culturales e institucionales de muy diversa naturaliza”.

Referências bibliográficas

- BERNAL, María. El test de hábitos sociales aplicados al estudio de la descortesía. In: ABELDA, Marta; BRIZ, Antonio; CONTRERAS, Josefa; HERNÁNDEZ FLORES, Nieves; HIDALGO, Antonio (eds.). **Actas del III Coloquio Internacional del Programa EDICE – Cortesía y conversación: del lo escrito a lo oral**. Valencia: Universitat de Valencia, 2006, p. 623-641.
- BLAS ARROYO, José Luis. La descortesía en contextos de telerrealidad mediática. Análisis de un corpus español. In: ORLETTI, Franca, MARIOTTINI, Laura (eds.). **(Des)cortesía en español – espacios teóricos y metodológicos para su estudio**. Roma-Estocolmo: Università degli Studi Roma Tre – EDICE, 2010, p. 183-208.
- BORETTI, Susana. Tests de hábitos sociales y la investigación de la cortesía. In: BRAVO, Diana (ed.). **Actas del Primer Coloquio del Programa EDICE**. Estocolmo: Stockholms universitet, 2003, p. 198-202.
- BRAVO, Diana. ¿Imagen “positiva” vs. Imagen “negativa”? Pragmática socio-cultural y componentes de *face*. **Oralia**. Análisis del discurso oral, 2, p. 32-46, 1999.
- BRAVO, Diana (ed.). **Estudios de la (des) cortesía en español**. Categorías conceptuales y aplicaciones a *corpora* orales y escritos. Buenos Aires: Dunken, 2005.
- BROWN, P. & LEVINSON, S. **Politeness: Some universals in language usage**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- CASTRO, Cosette. **Por que os reality shows conquistam audiências?** São Paulo: Paulus, 2006.
- CONTRERAS FERNÁNDEZ, Josefa. Test de hábitos sociales en un análisis contrastivo sobre el uso y la interpretación de la cortesía lingüística. In: ABELDA, Marta; BRIZ, Antonio; CONTRERAS, Josefa; HERNÁNDEZ FLORES, Nieves; HIDALGO, Antonio (eds.). **Actas del III Coloquio Internacional del Programa EDICE – Cortesía y conversación: del lo escrito a lo oral**. Valencia: Universitat de Valencia: 2006, p. 642-656.
- DICCIONARIO DE LA REAL ACADEMIA ESPAÑOLA**. A – G. 21^{era} edición. Madrid: Espasa-Calpe, 1992.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio**. 6^a edição revista e atualizada. Curitiba: Positivo, 2006.
- HERNÁNDEZ FLORES, Nieves. Los tests de hábitos sociales y su uso en el estudio de la cortesía: una introducción. In: BRAVO, Diana (ed.). **Actas del Primer Coloquio del Programa EDICE**. Estocolmo: Stockholms universitet, 2003, p.186-197.
- HERNÁNDEZ FLORES, Nieves. Los tests de hábitos sociales en el análisis de debates televisivos. In: ABELDA, Marta; BRIZ, Antonio; CONTRERAS, Josefa; HERNÁNDEZ FLORES, Nieves; HIDALGO, Antonio (eds.). **Actas del III Coloquio Internacional del Programa EDICE – Cortesía y conversación: del lo escrito a lo oral**. Valencia: Universitat de Valencia, 2006, p. 657-668.
- HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 3^a edição revista e aumentada. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. ¿Es universal la cortesía? In: BRAVO, Diana & BRIZ, Antonio. **Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español**. Barcelona: Ariel, 2004, p. 34-42.
- KULIKOWSKI, María Zulma Moriondo. Los estudios de la cortesía – subsidios para su utilización en el aula de E/LE. In: ROCA, María del Pilar (org.). **Letr@ Viv@ – formación de profesores de español Lengua Extranjera (E/LE)**. João Pessoa: Ideia – Universidade Federal da Paraíba, 2010, p. 156-166.
- LIMA, Fábio Barbosa de. **Parecer bom x parecer justo – o pedido de desculpas na gestão da imagem nas interações midiáticas**. Dissertação (Mestrado em Língua Espanhola) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-25102012-123425/pt-br.php>

MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, Germán. **Los ejercicios del ver** – Hegemonía audiovisual y ficción televisiva. Barcelona: Gedisa, 1999.

MOLINER, María. **Diccionario de uso del español**. Tomo 1. 2^{nda} edición. Madrid: Editorial Gredos, 1998.

MURILLO, Jorge. Sobre la metodología de investigación en estudios sobre el discurso de la cortesía: a propósito del empleo de cuestionarios de hábitos sociales. In: ABELDA, Marta; BRIZ, Antonio, CONTRERAS, Josefa; HERNÁNDEZ FLORES, Nieves; HIDALGO, Antonio (eds.). **Actas del III Coloquio Internacional del Programa EDICE** – Cortesía y conversación: de lo escrito a lo oral. Valencia: Universitat de Valencia, 2006, p. 53-70.

PRETI, Dino (org.). **Análise de textos orais**: Projetos Paralelos – NURC/SP 1. São Paulo: Humanitas, 2003.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. **Sociolingüística y pragmática del español**. Washington D.C.: Georgetown University Press, 2001.

Elementos para uma análise multimodal da interação: um exemplo de correlação linguístico-gestual no autismo

Fernanda Miranda da CRUZ¹

Resumo: Este artigo objetiva dar visibilidade aos procedimentos de uma investigação multimodal e corporificada da interação no autismo. Nos dedicaremos à análise de um excerto do corpus audiovisual CELA (Corpus para Estudos da Linguagem no Autismo). Analisaremos a forma pela qual a estruturação sintática, pragmática e semântica dos turnos de fala de uma criança autista constrói-se através da articulação entre estruturas gestuais e linguísticas e da coordenação temporal e sequencial dessas ações multimodais com as ações de sua interlocutora. A análise sugere que uma perspectiva multimodal e corporificada aplicada ao estudo dessas interações possa trazer mais inteligibilidade e interpretabilidade à forma pela qual elas se organizam, com destaque importante para o papel que os gestos e os movimentos corporais desempenham aí. Do ponto de vista conceitual, apontamos os desdobramentos dessa abordagem para algumas noções chave do campo dos estudos linguístico-interacionais, como é o caso das noções de gramática e de sociabilidade humana.

Palavras-chave: multimodalidade; interação corporificada; gestos; autismo; referência.

Introdução

As pesquisas interacionais de perspectiva multimodal (Goodwin 1986, 2010; Erickson e Schultz, 1982, Erickson, 2010; Streeck, 2010; Mondada, 2008a, 2014, 2016; Heath, 1986) têm tentado dar conta da integração de distintos recursos mobilizados pelos sujeitos na construção conjunta de suas ações na interação. Esses recursos podem ter uma materialidade sonora ou visual, uma dimensão semiótica linguística ou corporal e compreendem, dessa forma, várias modalidades: prosódia, fonética, sintaxe, léxico, gestos, olhares, mímicas faciais, movimentos de cabeça, posturas do corpo, movimentos das mãos, objetos e artefatos do mundo material, etc.

Gostaríamos de contribuir para a discussão em torno da multimodalidade das ações humanas, mediadas ou não pela fala, a partir de uma investigação da interação social envolvendo sujeitos com autismo. Com o objetivo de dar visibilidade aos procedimentos de uma pesquisa de perspectiva multimodal da interação, nos dedicaremos à análise de um único excerto referente a um momento de interação entre uma criança diagnosticada com autismo e sua irmã, cujos pseudônimos são, respectivamente, Luiza e Clara.

Estruturamos o artigo em cinco partes. A primeira é dedicada a localizar o presente estudo no quadro de uma perspectiva sociointeracional e multimodal do autismo. A segunda reúne alguns aspectos fundamentais de uma perspectiva multimodal da interação social. A terceira é dedicada a apresentar os aspectos práticos e metodológicos de composição do corpus audiovisual CELA (Corpus para Estudo da

¹ Professora Adjunta da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, na Universidade Federal de São Paulo, onde atua como docente na graduação em Letras e no Programa de Mestrado em Letras, junto à linha de pesquisa "Linguagem e Cognição". Líder do Grupo de Pesquisa LICor (Linguagem, Corpo e Interação) e Coordenadora do NUCCA- Núcleo de Cultura, Corpo e Arte. E-mail: fernanda.miranda.cruz@gmail.com

Linguagem no Autismo) e seu tratamento, com o subsídio do software ELAN, para a exploração, notação e investigação multimodal. A quarta é dedicada à análise ilustrativa propriamente dita do excerto. Elegemos explorar, dentre os vários fenômenos que poderiam ser destacados no exemplo selecionado, a forma pela qual a estruturação sintática, pragmática e semântica dos turnos de fala de Luiza é feita através da articulação entre estruturas gestuais e linguísticas e da coordenação temporal e sequencial dessas ações multimodais com as ações de sua interlocutora Clara. A quinta e última parte sistematiza os aspectos em torno da análise multimodal das interações apresentadas ao longo do artigo e as potenciais contribuições de uma perspectiva multimodal aplicada aos estudos sobre o tema.

1. A investigação da interação no autismo a partir de uma perspectiva sociointeracional

O autismo, definido como transtorno do espectro autista (TEA), é descrito clinicamente como uma condição congênita que afeta o desenvolvimento neurocognitivo e que compromete, em formas e graus distintos, o engajamento do sujeito na construção conjunta da atenção, das ações e na participação em interações sociais (Lai, Lombardo e Baron-Cohen, 2014). O comprometimento do engajamento social afeta as formas pelas quais os sujeitos com autismo e seus interlocutores, familiares, próximos ou profissionais, mobilizam seus recursos na construção intersubjetiva das ações ou nas tentativas de construção conjunta das mesmas. Nesse sentido, podemos supor que, nas interações envolvendo sujeitos com autismo, encontramos formas diversas de interação, incluindo tanto padrões interativos mais conhecidos e praticados socioculturalmente, como outras formas que emergem das circunstâncias situadas e locais decorrentes do autismo, incluindo aqui as competências, as limitações e as (im)possibilidades de todos os participantes envolvidos. Ochs e Solomon (2010) têm proposto pensarmos e investigarmos o autismo em termos de uma *coordenação de sociabilidades*, incluindo, dentro de uma gama de sociabilidades possíveis, a *sociabilidade autista*. A sociabilidade autista estaria inscrita numa “zona” de sociabilidade compartilhada. Esse tipo de análise resulta em um conjunto (um algoritmo) das condições que parecem favorecer e promover a sociabilidade autista. A noção de algoritmo não significa porém que a sociabilidade de pessoas com autismo se definiria como um modelo, nem como uma distinção dicotômica entre “sociabilidade autista” *versus* “sociabilidade normal ou neurotípica”. Mas sim que ela estaria sujeita a certas condições sociointeracionais e, nesse sentido, que “cresce e diminui de acordo com as condições sociais e interacionais.” (OCHS e SOLOMON, 2010, p. 86)

Estudos sobre o autismo nessa direção, ou seja, atentos à toda interação e não apenas às produções, competências e comportamentos dos sujeitos com autismo, são crescentes, sobretudo aqueles realizados a partir dos fundamentos da linguística sociointeracional, como, por exemplo, as pesquisas de Maynard (2005); Ochs, Solomon e Sterponi (2005); Ochs e Solomon (2010); Sterponi, Kirby e Shankey (2014); Korhikangas &

Rae (2014). É nesse conjunto de estudos que inscrevemos nossa investigação sobre a interação no autismo, conduzida no escopo do projeto Gestos Mínimos (Cruz & Cots 2014-atual), dedicado aos estudos dos gestos e do corpo nas interações a partir da constituição e exploração do *corpus* audiovisual CELA (Corpus para Estudo da Linguagem no Autismo).

Uma perspectiva sociointeracional do autismo nos convida a pensar em uma certa plasticidade das formas de interação humana. Investigar essa plasticidade requer atentar para os recursos sociointeracionais multimodais mobilizados pelos participantes, de forma contingente e situada.

2. Multimodalidade e recursos multimodais mobilizados durante a interação

Os estudos sobre multimodalidade na interação, a partir de uma perspectiva corporificada (*embodied interaction*, Streeck, Goodwin, LeBaron, 2011), têm sua origem na tradição dos estudos de gestos (Kendon 1983, 2004; McNeill 1992, 2000) e nos estudos sociointeracionais da Análise da Conversa Etnometodológica (Garfinkel, 1984; Sacks, 1972, 1992). Considera-se que construímos os espaços interacionais multimodalmente, ou seja, que uma ação (verbal ou não) é construída graças a uma ecologia (Goodwin, 2010) de sistemas semióticos, estruturalmente distintos entre si, mas intrinsecamente relacionados. Uma perspectiva multimodal oferece então a possibilidade de fazermos uma descrição desses vários tipos de recursos mobilizados na interação dentro de um enquadre analítico (o sociointeracional) que reconhece a diversidade desses recursos semióticos usados pelos participantes na interação, ao mesmo tempo em que leva em consideração como tais recursos interagem uns com os outros para construirmos localmente as interações.

Algumas características descrevem, de forma bem sucinta, o enfoque de uma análise multimodal. Primeiro, a multimodalidade é condição primária e constitutiva (Mondada, 2016) das interações humanas e a fala é uma dentre as várias modalidades existentes. Segundo, não há uma hierarquia de importância entre as modalidades verbais e não-verbais. Terceiro, embora os vários possíveis sistemas semióticos envolvidos sejam independentes, com sistemática específica, eles podem correlacionar-se na realização de uma ação. Quarto, quando diversos sistemas semióticos são coordenados mutualmente em um contexto específico e local de uma ação, essa coordenação cria uma unidade, que é distinta de cada uma das partes ou dos sistemas semióticos que a constituíram e, ao mesmo tempo, reconhecível pelos participantes (Goodwin, 2010). Uma perspectiva multimodal é pertinente quando não se pode compreender ou explicar uma ação ou fenômeno com apenas uma modalidade isoladamente (fala ou gesto, por exemplo). Partindo de um ponto de vista êmico, antes de ser uma opção para o pesquisador, a pertinência da multimodalidade é atribuída pelos membros da interação no curso de suas ações. E, finalmente, quinto, o enfoque analítico recai, então, sobre as ações que são realizadas graças à articulação mútua de mais de um sistema semiótico.

Os procedimentos para a condução de uma pesquisa multimodal estão intimamente relacionados às possibilidades de capturarmos a complexa coordenação temporal e espacial entre os recursos de diferentes modalidades. É importante aqui precisarmos o que chamaremos, em nosso estudo, de ações corporificadas de distintas modalidades. Consideramos a fala uma atividade corporificada. Assim, faremos uma distinção entre modalidade vocal-oral², que inclui língua falada/fala e aspectos prosódico-entonacionais e a modalidade visuo-espacial, que inclui gestos tais como: direcionamentos de olhar, postura corporal; movimentos corporais (Enfield, 2005). Atentaremos então em nossa análise para os gestos como ações corporificadas relacionadas ao fluxo da fala, à construção da interação, aos propósitos comunicativos dos participantes e cuja pertinência para a construção das ações é atribuída pelos participantes no decorrer da interação.

3. Aspectos práticos e metodológicos de uma análise multimodal: geração, transcrição e representação dos dados

Uma análise multimodal requer, antes de tudo, a possibilidade de termos registros em vídeo das interações. O trabalho prático com vídeo é um tema relativamente recente nos estudos interacionais e mobiliza questões técnicas, práticas, éticas, metodológicas, analíticas, teóricas e epistemológicas. Knoblauch et al. (2012), ao sistematizarem algumas dessas questões, propõem que esse trabalho seja em si um tópico de reflexão teórico-analítica. Também Mondada (2008b, 2012), ao discutir as implicações da abordagem praxeológica das práticas de vídeo, mostra como o vídeo se torna um lugar de preservação de elementos e detalhes importantes da organização da interação ao mesmo tempo em que configura os fenômenos de análise. Para Mondada (2003, 2008b) as práticas de registro e de transcrição de dados gerados a partir de vídeo seguem um princípio de disponibilidade: se os detalhes multimodais são pertinentes antes de tudo para os participantes (perspectiva êmica), então, para análise, é importante que tais detalhes sejam disponibilizados através das formas de realização dos registros (escolhas de dispositivos, ângulos, por exemplo) e através das formas pelas quais o material é transcrito, representado e apresentado. Embora não desenvolvamos, neste artigo, o tópico sobre o trabalho com vídeo, é importante apontarmos que nosso estudo comunga de vários desses aspectos mencionados acima e presentes na literatura sobre o tema, com implicações diretas para a forma como produzimos e exploramos os dados de interações no autismo a partir do *corpus* CELA.

Para a composição do *corpus*, adotamos o método de instalação de uma câmera fixa em locais de rotinas do sujeito com autismo junto a familiares. O *corpus* CELA tem aproximadamente 6h de gravações audiovisuais selecionadas sob os seguintes critérios: qualidade da imagem e do som; aprovação dos

² Para uma discussão sobre línguas de sinais em termos de modalidade visuo-espacial, componentes fonológicos e gestualidade, ver McCleary e Viotti (2011).

participantes para sua exploração e exibição³ e viabilidade para a realização de transcrições multimodais. O ângulo da câmera procurou privilegiar posições que contemplassem focos mais abertos, capazes de registrar a interação como um todo e não exclusivamente o sujeito com autismo. Os registros de situações naturalísticas relativos às interações das quais participa Luiza foram realizados entre 05/2014 e 10/2015, período em que ela tinha de 10 anos e 10 meses a 12 anos e 03 meses.

A preparação do CELA para a exploração, notação e investigação multimodal tem sido feita com o subsídio dos softwares ELAN (Wittenburg *et al*, 2006, versão 4.9.4) e Praat (Boersma e Weenink, 1992, versão 6.0.25). Para este estudo, adotamos a proposta de convenção de transcrição multimodal de Mondada (2012, 2016), apresentada na íntegra e de forma ilustrada no Anexo II deste artigo. A transcrição procurou dar conta da integração articulada de várias modalidades, dentro de uma dinâmica sequencial e temporal complexa que compõe as ações construídas intersubjetivamente pelas participantes.

Para ilustrar os procedimentos de transcrição, representação e análise dos dados, recorreremos a capturas de tela do ELAN. Utilizamos ainda o recurso de exportação da notação do ELAN para o Praat, com o objetivo de analisar mais detalhadamente alguns padrões de curvas entonacionais das produções verbais de Luiza co-correntes à produção dos gestos. Em termos de apresentação do dado neste artigo, optamos por trazer imagens extraídas diretamente do vídeo e editadas posteriormente. Adotamos a técnica de anonimalização com apagamento do rosto. Esse procedimento, no entanto, inviabiliza a visualização dos direcionamentos do olhar via imagem extraída do vídeo. Essas informações estão todavia contidas na transcrição multimodal em formato textual e, quando necessário, o direcionamento do olhar será indicado nas imagens por setas ou no texto de análise. Reservamos o termo imagem como referência a conteúdos do registro audiovisual extraídos convertidos diretamente do vídeo em formato imagem (jpg). Nesse sentido, a imagem é um dado para análise. E utilizamos o termo figura como elemento gráfico-textual, referentes tabelas e figuras construídas para ilustrar algo, como capturas de tela do ELAN ou Praat. Na transcrição, para facilitar a leitura, optamos por fragmentar um segmento de vídeo de 52 segundos, correspondente à situação que queremos analisar, em quatro (4) excertos. O excerto na íntegra (linhas 01 a 62) encontra-se também no Anexo I. Na transcrição textual, os aspectos linguístico-verbais estão representados em **negrito** e os aspectos gestuais em *italico*. Os gestos e ações de Luiza são marcados com o símbolo (+) e os gestos de Clara com o símbolo (*). Ao fazermos a leitura do excerto, seguir o alinhamento visual desses símbolos auxilia na identificação das co-ocorrências de ações no curso da interação.

4. Uma análise da coordenação de recursos gestuais e linguísticos no autismo

Elegemos explorar como a estruturação sintática, semântica e pragmática dos turnos de fala de Luiza (LUI) é feita através da coordenação temporal de estruturas gestuais e linguísticas, coordenadas às ações de

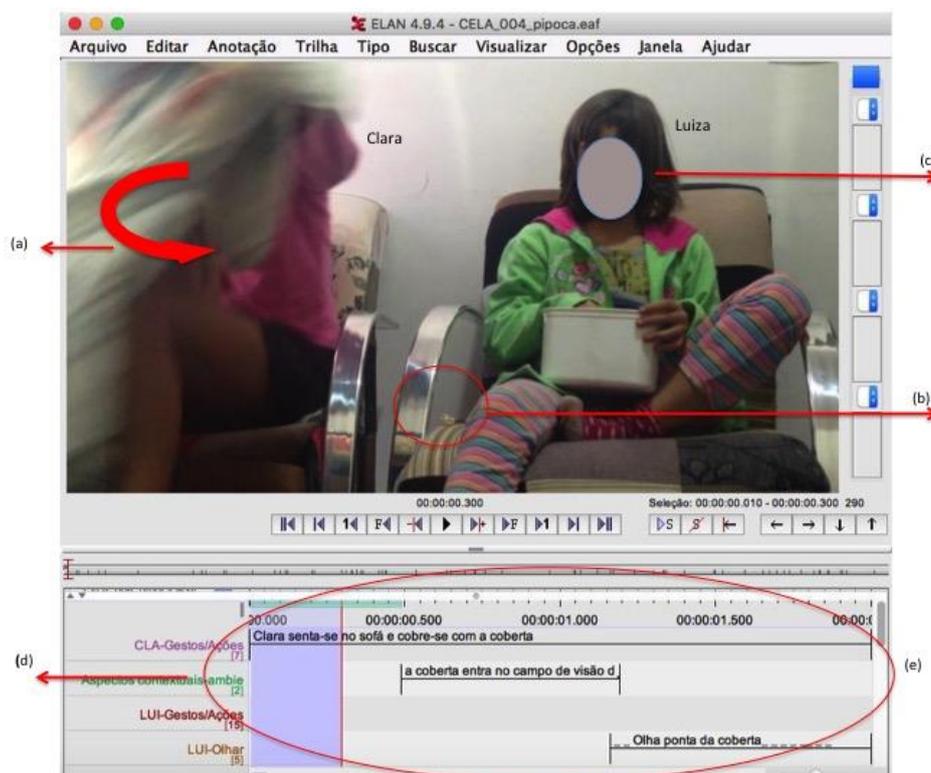
³ Processos juntos ao Comitê de Ética em Pesquisas da Universidade Federal de São Paulo, CEP 0052/2015 e CEP 1172/2016.

sua interlocutora Clara (CLA). Analisaremos uma situação em que Luiza e sua irmã Clara estão se preparando para assistir a um filme na televisão. Luiza está sentada no sofá, comendo pipoca. A televisão está ligada. Clara faz um movimento para ajustar uma coberta e cobrir-se (Figura 1-a). Nesse momento, o movimento de Clara derruba, sem que ela perceba, uma pipoca que estava no canto do sofá em que Luiza está sentada, sinalizada por um círculo (linha 01, Figura 1-b). Luiza segue com o olhar a trajetória do movimento da coberta (linhas 02-03, Figura 1-c).

Excerto 1 (linhas 01-07):

01	cla	((senta-se no sofá e +cobre-se com a coberta+))
02	lui	+---- segue com o olhar a
03		trajetória da coberta----->+
04		<(7.0)((Luiza e Clara comem pipoca e assistem à
05		televisão))>
06	CLA	*tô com frio Luiza*
07		*ajeita o cobertor*

Figura 1. O movimento de Clara e a trajetória de olhar de Luiza



Legenda: (a) Ação de Clara de cobrir-se com a coberta. (b) Primeira localização espacial do referente pipoca. (c) Exemplo de técnica de anonimização de dados audiovisuais. (d) Recurso ELAN de alinhamento temporal de notação de gestos e vídeo. (e) Notação do momento de direcionamento do olhar de Luiza e do movimento da coberta.

O ângulo do registro do vídeo nos dá acesso à informação de que havia uma pipoca no canto do sofá (figura 1- b), ou seja, temos acesso visual ao referente da fala de Luiza e podemos seguir a relação de consequência que ela estabelece entre o movimento da coberta feito por Clara e a queda da pipoca. Clara

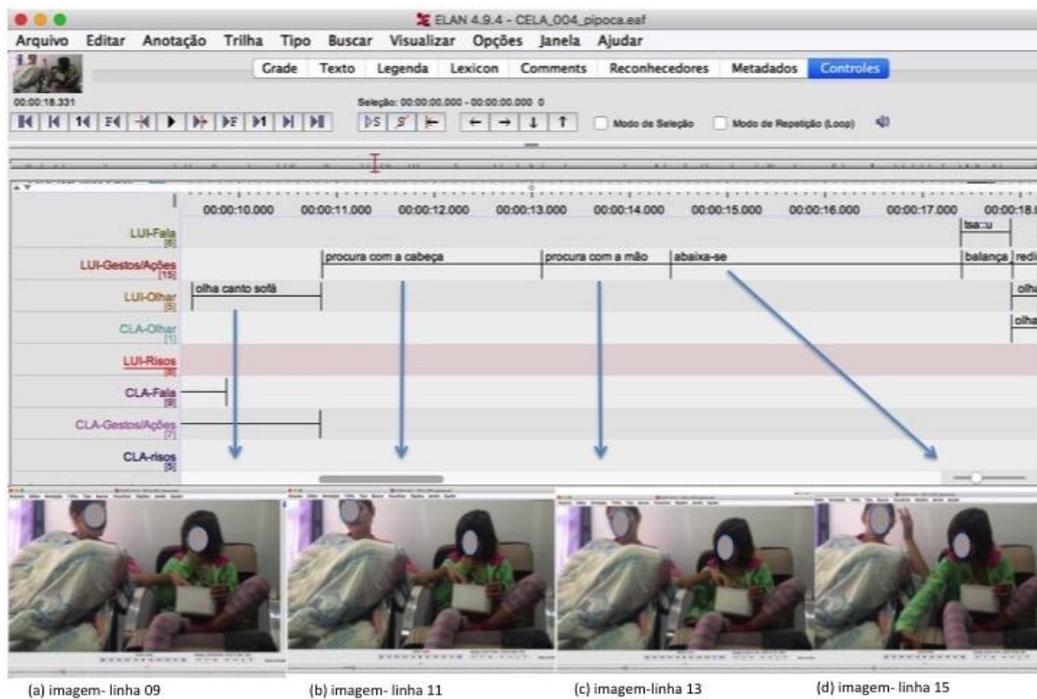
não tem acesso a essa informação, ou seja, não percebe visualmente a queda da pipoca. No caso de Luiza, a partir do vídeo, não podemos afirmar que Luiza tenha visto o momento em que a pipoca cair, mas podemos seguir o momento em que ela acompanha com o olhar o movimento da coberta. Analisamos assim que Luiza realiza uma inferência de que movimento da coberta realizado por Clara derrubou a pipoca. Nosso enfoque descritivo-analítico recai sobre esse problema. Luiza percebe a ausência da pipoca (Excerto 2, linhas 08-15,) e conta à Clara o que aconteceu (linhas 16-17). Clara, por sua vez, não se orienta para o fato de que foi seu movimento que derrubara a pipoca, mas propõe, em tom de brincadeira, que quem deixou cair a pipoca fora Luiza.

Excerto 2 (linhas 08-22):

08		+(1.3)	
09	lui	+ ---olha canto direito do sofá----->	
10		+(1.9)	
11		+--- procura algo alternando a cabeça-->	
12		+(1.3)	
13		+---toca o canto do sofá----->	
14		+(3.0)	
15		+---abaixa-se em direção ao chão--->	
16	LUI	+ tsa::u\ + +(.)	
17		+balança a mão -> +	
18			+---olha para Clara
19	sorrindo	--->linha 22	
20		+ pa ↑m\ +	
21		+bate a mão +	
22		(1.0)	

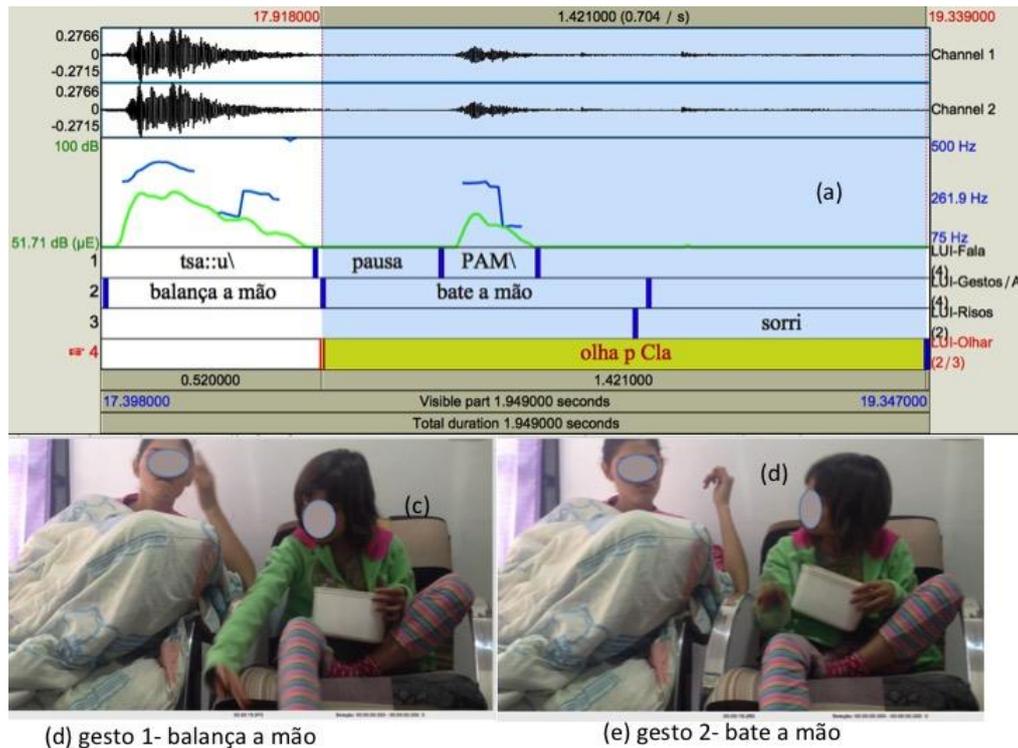
As ações corporais que Luiza realiza antes de seu enunciado verbal integram a ação de introduzir corporificadamente o referente (Hindmarsh e Heath, 2000 e Mondada, 2013, 2014) e, na sequência, desenvolver o tópico sobre quem derrubara a pipoca. Recorremos aqui a uma captura de tela do software ELAN (figura 2). Nela, ilustramos o curso, em duração, dos movimentos realizados por Luiza nos momentos em que ela percebe a ausência da pipoca (correspondente às linhas 09, 11, 13 da transcrição e Figura 2-a) e abaixa todo o corpo em direção ao chão, onde está a pipoca caída (correspondentes à linha 15 da transcrição e Figura 2-d). Essas ações são analisadas como componentes da ação de introduzir esse referente.

Figura 2. Sequências de gestos de Luiza (linhas 08-15)



Na imagem (d) Luiza abaixa-se na direção em que a pipoca caíra. Neste momento, o corpo inteiro de Luiza parece funcionar com um indexador direcionado para o referente (Mondada, 2014, p. 135) deslocando-se de sua posição inicial (Figura 2 a, b, c) para o chão. Clara acompanha com o olhar o movimento corporal de Luiza (linha 16), o que indica que ela se alinha corporalmente à ação de Luiza de estabelecer o referente pipoca. Estabelecido o referente, Luiza então enuncia verbalmente [tsa::u], olha para Clara (linha 18) e continua seu turno [pa ↑m/], fazendo dois tipos de gestos com as mãos. Esses gestos se repetirão ao longo da interação, o gesto (1): gesto de balançar a mão no ar, e o gesto (2): gesto de bater a mão no ar. Ambos os gestos são sincronizados à fala. Recorremos, na figura (3), à captura de tela do vídeo no momento da produção desses gestos correlacionada à produção do enunciado. Na figura (3), o enunciado verbal também está acompanhado de uma análise entonacional, realizada via Praat.

Figura 3. Correlação entre gestos e o enunciado verbal [tʃa:u\ pam\] (linhas 16-21)



Mondada (2014), ao analisar a atividade referencial na interação, mostra como os falantes reconhecem de forma distintiva duas ações constituintes de uma atividade referencial, a ação de introduzir e a ação de predicar um referente. Para introduzir o referente pipoca, Luiza mobiliza um recurso dêitico-corporal. Como aponta Mondada (2014), a atividade dêitica repousa não somente sobre a fala e os gestos do locutor, mas sobretudo sobre uma coordenação fina entre os movimentos dos corpos de todos os participantes, o mundo material (ambiente físico) e a organização emergente do formato do turno (incluído sua organização sintática). Para predicar, Luiza estrutura seu enunciado sintático-gestualmente. Na figura (3), a correlação entre gesto e fala evidencia como os enunciados linguísticos produzidos por Luiza contêm ordenamento gestual e sintático estruturado interacionalmente por pausas; fenômenos segmentais reconhecíveis como alongamentos e uma entonação descendente ao final de cada unidade linguístico-gestual que compõe seus turnos de fala.

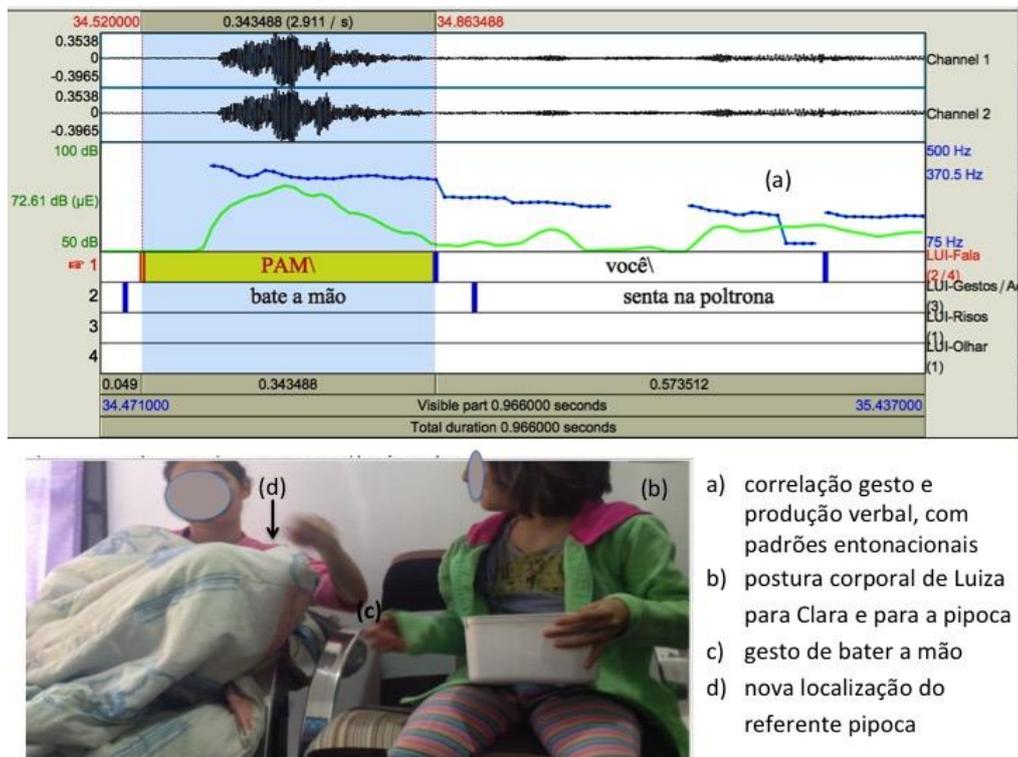
Uma das características apontadas nos estudos dos gestos relacionados à fala-em-interação (Kendon, 2004), por exemplo, é a função de precisar semântica e referencialmente um componente linguístico-verbal. Semânticamente, ao coordenar temporalmente uma frase gestual e uma expressão falada, o falante realiza uma coordenação de dois diferentes modos de expressão, a gestual e a linguística, sendo que cada um deles carrega uma função semântica, mas que em coordenação produzem uma coerência semântica entre eles. Para além disso, a coordenação entre gestos, enunciados verbais e entonação indicam, pragmaticamente, possíveis locais de completude de turno ou de pontos de transição de turno que podem ser ocupados pelo coparticipante. Vejamos como isto acontece no excerto 3:

Excerto 3 (linhas 23-46):

23 (1.0)
 24 CLA * <((rindo))**você derrubou no +chão**> // *
 25 *----->olha para o chão-----> *
 26 lui +---olha p o chão-->
 27 (.)
 28 lui **hihihihihihihihi**
 29 (0.8)
 30 LUI <((rindo)).**h+hhhh**>
 31 +olha p o chão
 32 CLA **não fui eu *+hein//**
 33 cla *+olha p Lui
 34 lui +olha p o chão
 35 LUI **+hihihihihihihi+**
 36 +..olha p lui-->+ olha p o chão
 37 (.)
 38 CLA **nã::o fui eu hein//**
 39 <(4.6)((*abaixa-se, pega a pipoca no chão e leva à*
 40 *boca*))>
 41 CLA * **dá aqui \ NÃ:O*** ***eu jogo fora** *
 42 cla * *-pega a pipoca--* * **coloca no sofá**
 43 LUI **+PA↑M\ você\=**
 44 +bate a mão
 45 CLA **=comer não pode/ eu segurei\ eu jogo aqui**
 46 (0.5)

Após a finalização do turno de Luiza e uma pausa, Clara faz um pedido de confirmação sobre o aconteceu: [linha 24: *você derrubou no +chão//*]. O turno de fala de Clara confirma que ambas estão orientadas para o mesmo referente pipoca e que o trabalho interacional estará a partir daí em estabelecer e alinhar o que se predica sobre a pipoca caída. Nesse excerto 3, vemos como Luiza, à medida que recebe o pedido de confirmação da parte de Clara sobre quem teria derrubado a pipoca, inicia uma sequência interessante de ações. Seu riso, presente em vários outros momentos da interação, aqui antecede seu movimento de olhar para o chão (linhas 31, 34, 36), local em que está a pipoca caída, e pegá-la (linhas 39 e 40). A ação de comer a pipoca é interrompida por Clara que a pega da mão de Luiza e a coloca sobre o sofá em que está sentada (linhas 41, 42 e 43, figura 4). Essa nova localização espacial do referente pipoca (figura 4-d) é importante para a análise. A partir do momento em que o referente tem outra localização espacial, Luiza reorienta seu corpo para esse novo local nos momentos em que faz referência à pipoca (figuras 4d e 5). Em nenhum momento Luiza ou Clara expressam verbalmente o referente pipoca, mas o estabelecem corporalmente. E é corporalmente direcionada para Clara e para a nova localização da pipoca, que Luiza realiza algumas modificações em seu turno de fala e incrementa-o, acrescentando o sujeito/agente (no caso, *você* referindo-se à Clara) à estrutura produzida anteriormente a partir de ações de reparo, resultando em [PA↑M/ *você* (linha 43)] acompanhado da mesma estrutura gestual de bater (gesto 2). Vejamos novamente a correlação entre gestos (o gesto de bater e a postura corporal) e enunciado verbal a partir da figura 4.

Figura 4. Correlação entre gestos e o enunciado [pam\ você] (linha 43)



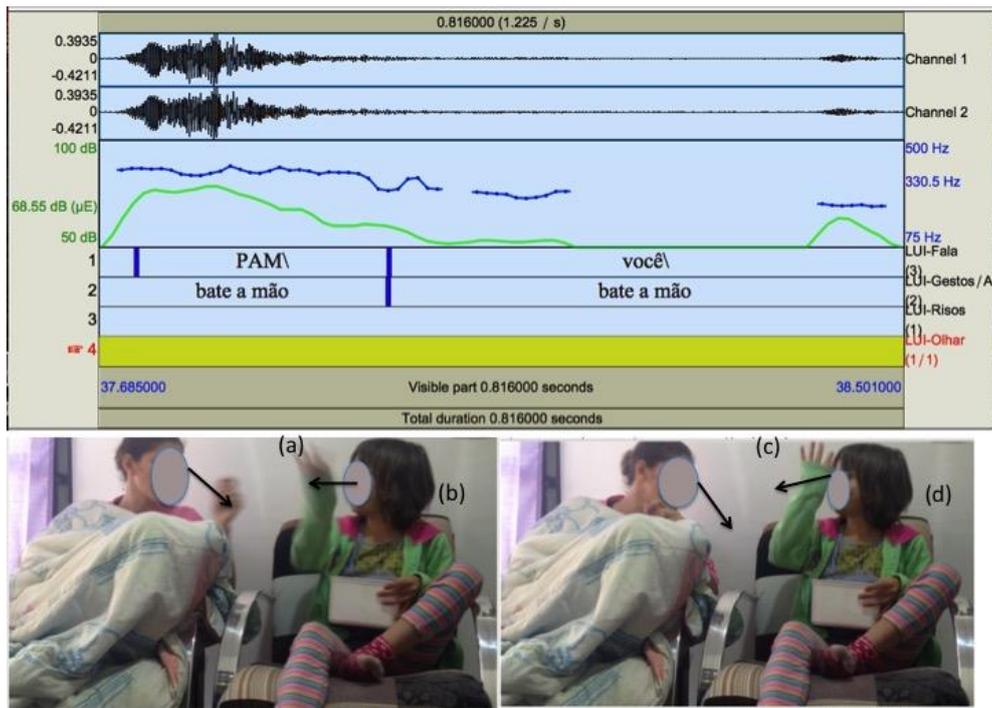
Schegloff, Jefferson, Sacks (1977) chamam a atenção para as estratégias de reparo nos momentos em que os participantes param, suspendem ou interrompem o curso da interação para dar conta de algum mal entendido. Dessa definição geral, existem muitos tipos ou trajetórias de reparo descritos na literatura (ver Garcez, 2005). No excerto, na ação de reparo, Luiza não repete a primeira parte do turno anterior [tsa:u] seguida do gesto de balançar a mão (gesto 1). Isso nos indica que há unidades discretas nesta estrutura sintático-gestual produzida por Luiza e que ela opera com esses ajustes sintáticos na construção de seu turno, como veremos na sequência desta interação.

Excerto 4 (linhas 46-53):

46	LUI	+PAM\ vo+CÊ\=
47		+bate a mão
48		+bate a mão
49	CLA	=comer pipoca do chão// ôooo
50	lui	hahahahahahahahaha .hhh
51	CLA	*num PODE\
52		*olha p LUI
53		< ((CLA e LUI mantém o olhar mútuo)) (1.4)>

No excerto 4, Luiza enuncia novamente [PAM/+ vo+CÊ (linha 46)], mas dessa vez articula duas vezes o movimento de bater (Figuras 5c e 5d), sincronizado com dois componentes lexicais do enunciado, PAM e você. Nesse momento, o olhar de Clara está orientado para baixo e o olhar de Luiza está orientado para Clara (Figuras 5a e 5b).

Figura 5. Correlação entre gestos e o enunciado verbal [pam\ você\] (linhas 46-48)



(a) e (c): Gestos de bater. (b) e (d): Direcionamento do olhar de Luiza voltado para Clara

Clara se orienta desta vez para o fato de que se não se pode comer a pipoca do chão. Na finalização de seu turno de advertência [num POde/" (linha 51)], Luiza e Clara estão com o olhar alinhados durante uma pausa de (1.4) segundos. Luiza então inicia o próximo turno, como veremos no Excerto 5:

Excerto 5 (linhas 54-62):

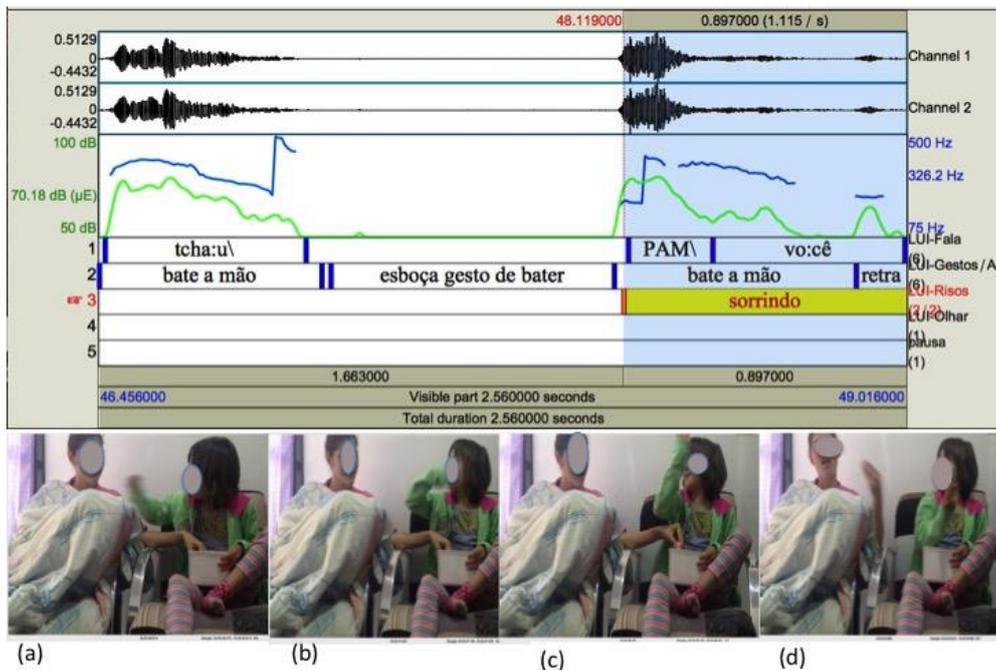
```

54   LUI   hihihhi +.hhhh (0.8)
55         +.....--- balança mão -->
56       tcha::u:+
57         ----->+
58         +(0.7) +PA ↑M\ você\ hihhi .hhh+
59         + ...esboça bater a mão
60       + --bate a mão---,,,,,>+
61   CLA   pega um pedacinho de papel para limpar o seu
62         nariz/

```

No excerto 5, Luiza introduz, por risos, um turno de fala que contém, desta vez, todas as estruturas gestuais e linguísticas introduzidas anteriormente ao longo da dinâmica de construção dos turnos: [hihihhi +.hhhh (0.8) tcha::u: (0.7) PA ↑M\ você\ hihhi .hhh], como pode ser observado na figura 6.

Figura 6. Correlação entre gestos e o enunciado verbal [tcha::u: (0.7) PA ↑M\ você\]



Olhar mútuo entre Lui e Cla em (a) (b) (c). Em (d) Lui olha para Cla. Cla volta-se para televisão.

Nesta sequência, a produção verbal [tcha::u] confirma, retrospectivamente, que [tsa::u], produzido na linha 16, é uma variação articulatória de [tchau]. O gesto de balançar a mão (gesto 1) co-ocorre com esta produção verbal, conferindo um sentido a essa unidade linguístico-gestual, que se refere à queda da pipoca. A produção verbal [PAM\ você], também acompanhada do gesto de bater com a mão no ar, corresponde ao movimento que Clara faz com coberta e que derruba a pipoca. Coordenados sincronicamente às produções verbais [tchau (ou tsau), [pam] e [você], Luiza realiza sistematicamente dois tipos de gestos, o gesto de balançar a mão (gesto 1) e o gesto de bater a mão (gesto 2). Ao mesmo tempo, ela realiza ações referenciais corporificadas. Soma-se a isso que os padrões sintático-entonacionais e gestuais descritos se mantém ao longo da interação.

Sequencialmente, vemos como uma coordenação complexa estabelece-se entre as várias modalidades que Luiza aciona (sintático, prosódica, entonacional, gestual e material) e entre suas ações e as ações de sua interlocutora na construção de atividades conjuntas como o estabelecimento do referente e o desenvolvimento do tópico. Os momentos de olhar mútuo e de risos evidenciam momento de alinhamento entre as duas participantes. As ações de alinhamento com o outro são indícios importantíssimos dos momentos de atenção mútua e potencial construção conjunta de ações, de engajamento social dos sujeitos com autismo. O direcionamento do olhar, por exemplo, tem sido considerado, desde as primeiras descrições do autismo (Kanner, 1943; Asperger, 1944), como um traço autista em termos de movimentos de desvios, aversões, padrões atípicos ou mesmo ausentes. Korkiakangas (2014) tem identificado e descrito, a partir de suas investigações baseadas em dados naturalísticos, as funções que o direcionamento do olhar desempenha

nas interações e as contingências interacionais sob as quais sua ocorrência espontânea pode emergir. O mesmo raciocínio se aplica às ocorrências de riso nessas interações, cujo padrão também teria características atípicas ou pouco apreensíveis a partir de padrões sociointeracionais mais conhecidos. Auburn e Pollock (2013), em suas investigações sobre o riso na interação envolvendo crianças com autismo, mostram como uma análise interacional deixa ver algumas funções interacionais do riso, diferentemente de perspectivas que consideram que tal fenômeno representaria uma simples manifestação externa de um estado interno. A análise empreendida no excerto acima parece fornecer pistas importantes no que diz respeito ao riso e aos direcionamentos de olhar, corroborando com esses estudos prévios. Em suma, uma análise sociointeracional e multimodal aplicada a contextos de patologias mostra como um fenômeno típico, a princípio considerado como sintomático de uma patologia, pode ser descrito por meio de coleções de ocorrências em contextos naturalísticos de forma a dar visibilidade a uma variedade de significados e funções que eles podem desempenhar para os sujeitos e para as ações intersubjetivas que constroem. Esse tipo de análise encontra seu alicerce então nas tentativas de identificar contextos sociointeracionais mais ou menos favoráveis à interação e à sociabilidade autista (Ochs & Solomon, 2010).

Ao longo da interação, vimos como Luiza articula recursos multimodais na construção dos seus turnos de fala. Vimos como uma coordenação temporal entre os recursos multimodais confere significado semântico, pragmático, referencial e interacional (Stivers & Sidnell, 2005) às produções autistas. Dentre os recursos sociointeracionais de vários tipos, gostaríamos de destacar o recurso gramatical. A noção de recurso gramatical é importante para as análises das interações no autismo e, neste caso pode ilustrar bem como Luiza realiza operações de transformação gramatical importantes para produzir a informação sobre quem derrubara a pipoca, ainda que tenha recursos verbais limitados se comparados às crianças da mesma idade sem autismo ou outra condição semelhante. Segundo Mondada (2012):

O termo recurso permite tratar conjuntamente e de uma só vez formas mais convencionais (mas ainda assim constantemente bricoladas em tempo real), como a gramática, e formas menos estandardizadas e mais situadas, como as posturas do corpo, tais como são utilizadas pelos participantes para garantir a *accountability* (a inteligibilidade publicamente estabelecida e reconhecida) de suas ações. Os recursos adquirem sentido e valor de maneira reflexiva (no sentido de Heritage, 1984) com relação a seu uso situado. Sua inteligibilidade é assegurada por sua indexicalidade - seu ajuste e adequação ao contexto - e por sua sistematicidade - seu posicionamento e funcionamento metódico no seio da sequencialidade da interação (MONDADA, 2012, p. 130. Tradução nossa).

Assim, a própria noção de recurso gramatical pode ser revisada a partir uma análise multimodal, que consiste em se perguntar de forma mais radical, como tem apontado Mondada (2012), sobre os recursos mobilizados pelos participantes de maneira flexível, contingente, ocasionada, no curso da interação. No caso das interações no autismo (e mesmo de outros contextos patológicos, como afasia, ver, por exemplo, os trabalhos de Coudry, 1996; Goodwin, 2004 e Morato *et al.*, 2010) sem um olhar mais atento para a íntima correlação estrutural entre sistemas semióticos distintos (fala e gesto, por exemplo) e sua indexicalidade e

sistematicidade envolvendo toda uma ecologia do espaço, dos objetos, dos gestos e das falas, muito provavelmente não seria possível atribuir significado a certas ações ou produções verbais. Este tipo de análise tem implicações importantes sobre a noção de competência linguística. O exemplo em questão é ilustrativo de como essas produções verbais podem não se expressar em termos morfológicos, sintáticos e lexicais facilmente reconhecíveis se levarmos em consideração apenas a modalidade da fala. Mas, justamente por virem coordenadas a outros recursos multimodais, tais produções ganham sentido em uma ecologia interacional (Goodwin, 2010).

De uma forma geral, podemos dizer que uma perspectiva emergente e situada da linguagem-em-uso e, conseqüentemente, da gramática-em-interação, deixa ver como uma dimensão intersubjetiva se constrói graças à atenção dada a um conjunto de recursos multimodais, envolvendo direcionamentos do olhar, gestos, corpo, relações com objetos do ambiente e aspectos sintático-entonacionais. O espectro do autismo afeta, sobremaneira, a dimensão intersubjetiva. O quanto de plasticidade pode haver nas formas de interagir pode ser capturado (inteligível) se nos atentarmos para essa ecologia complexa que compõe as ações humanas. Uma importante contribuição de uma perspectiva multimodal da interação têm sido então revelar a articulação de recursos multimodais estruturantes dessas interações.

Considerações finais

Através do tratamento multimodal dos dados audiovisuais envolvendo transcrição e apresentação do material, procuramos dar visibilidade aos procedimentos de uma investigação multimodal aplicada a contextos de interações envolvendo sujeitos com autismo. O exemplo analisado permitiu descrever como os participantes mobilizam e coordenam um conjunto variado de recursos multimodais para organizarem suas ações, com destaque para a articulação entre gestos, posturas corporais e aspectos linguístico-gramaticais. A análise em questão também permitiu explorar uma dimensão corporificada das atividades de introduzir e estabelecer referentes na interação. Do ponto de vista conceitual, procuramos apontar, ainda que brevemente, algumas implicações para as noções de gramática-em-interação e de competência linguística. Esse tipo de análise não apenas contribui para um entendimento da interação nos quadros de autismo, como oferece também a possibilidade de entendimento de uma noção chave no campo dos estudos sociointeracionais, a noção de sociabilidade humana, como apontam Ochs & Solomon (2010):

A sociabilidade autista traz uma clareza surpreendente para o conhecimento das propriedades fundamentais daquilo que seria a sociabilidade humana e as ecologias socioculturais que, comprovadamente, promovem ou impedem o seu desenvolvimento ao longo do ciclo de vida. O autismo ocupa um lugar, sem dúvida, único em uma investigação antropológica da sociabilidade humana, na medida em que deficiências autistas tornam visíveis componentes fundamentais da cognição social humana e do cérebro social. Entender o autismo é compreender o que significa estabelecer as relações com pessoas e o mundo material e o papel do contexto cultural e situacional para construir atenção

conjunta, sintonia/sincronia, intersubjetividade e coordenação social das ações e dos sentimentos (OCHS e SOLOMON, 2010, p. 70. Tradução nossa).

Revestir o olhar analítico sobre a interação social de uma perspectiva multimodal nos permite refletir, descrever e analisar, de forma geral, as várias e potenciais formas pelas quais nós exploramos o mundo físico-material e ocupamos e construímos os espaços interacionais intersubjetivamente.

Referências bibliográficas

- AUBURN, Timothy; POLLOCK, Christianne. Laughter and competence: children with severe autism using laughter to joke and tease. In (GLENN, Phillip & HOLT, Elizabeth), **Studies of Laughter in Interaction**, London: Bloomsbury, 2013, p. 135- 160.
- ASPERGER, Hans. 'Autistic Psychopathy' in childhood. In: FRITH, Uta (Org). **Autism and Asperger Syndrome**. Cambridge: Cambridge University Press; p. 37-62, 1944 [1992].
- BOERSMA, Paul & WEENINK, David. Praat: doing phonetics by computer, Versão 6.0.28, de 2017 [1992]. Disponível em << <http://www.praat.org/>>>, acessado em fevereiro de 2017.
- COUDRY, M. I. H. **Diário de narciso: discurso e afasia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ENFIELD, Nick. The body as a cognitive artifact in kinship representations: Hand gesture diagrams by speakers of Lao. **Current Anthropology**, v. 46 (1), p. 1-26, 2005.
- ERICKSON, Frederick, SCHULTZ, Jeffrey. The counselor as gatekeeper. Social interaction in interviews. In: HAMMEL, Eugene (Org.) **Language, Thought and Culture: Advances in the Study of Cognition**. New York: Academic Press, 1982, p. 237-260.
- ERICKSON, Frederick. The neglected listener: issues of theory and practice in transcription from video in interaction analysis. In STREECK, Jürgen (Org). **New Adventures in Language and Interaction**. Amsterdam: John Benjamins, 2010, p. 243-256.
- GARFINKEL, Harold. **Studies in Ethnomethodology**. Cambridge: Polity Press, 1984.
- GARCEZ, Pedro Moraes, LODER, Letícia Ludwig. Reparo iniciado e levado a cabo pelo outro na conversa cotidiana em português do Brasil. **D.E.L.T.A**, v. 21 (2), p. 279-312, 2005.
- GOODWIN, Charles. A competent speaker who can't speak: the social life of aphasia. **Journal of Linguistic Anthropology**, v.14 (2), p. 151-170, 2004.
- GOODWIN, Charles. Action and embodiment within situated human interaction. **Journal of Pragmatics**, v.32 (10,) p. 1489-1522, 2010.
- GOODWIN, Charles. Gestures as a resource for the organization of mutual orientation. **Semiotica**, v. 62 (1), p.29-49, 1986.
- HEATH, Christian. **Body movement and medical interaction**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- HERITAGE, John. **Garfinkel and Ethnomethodology**. New York: Polity Press, 1984.
- HINDMARSH, Jon; HEATH Christian. Embodied reference: a study of dêixis in workplace interaction. **Journal of Pragmatics**, v. 32, p. 1855-1878, 2000.
- KANNER, Leo. Autistic Disturbances of Affective Contact. **Nervous Child**, n. 2, p. 217-250, 1943.
- KENDON, Adam. Gesture and speech: How they interact. In Weimann, John; HARRISON, Randall (Orgs.). **Nonverbal interaction**. Beverly Hills: Sage, 1983, p. 13-45.
- KENDON. Adam (2004): **Gesture: visible actions as utterance**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

- KNOBLAUCH, Hubert; SCHNETTLER, Bernt; RAAB, Jürgen; SOEFFNER, Hans-Georg (Orgs.) **Video analysis methodology and methods: qualitative audiovisual data analysis in sociology**, Berlin: Peter Lang, 2012.
- KORKIAKANGAS, Terhi; RAE, John. The interactional use of eye-gaze in children with autism spectrum disorders. **Interaction Studies**, v. 15(2), p.233-259, 2014.
- LAI, Meng Chuan; LOMBARDO, Michael; BARON-COHEN, Simon. Autism. **The Lancet**, 383, p. 896-910. 2014.
- MAYNARD, Douglas. Social Actions, Gestalt Coherence, and Designations of Disability: Lessons from and about Autism. **Social Problems**, v. 52, p. 499-524, 2005.
- MCCLEARLY, Leland; VIOTTI, Evani. Língua e gesto em línguas sinalizadas. **Veredas on line**, v.15 (1), 289-304, 2011.
- McNEILL, David. **Hand and mind: what gestures reveal about thought**. Chicago: University of Chicago Press, 1992.
- McNEILL, David. **Language and gesture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- MONDADA, Lorenza. Challenges of multimodality: language and the body in social interaction, **Journal of Sociolinguistics**, v. 20 (30), p. 336–366, 2016.
- MONDADA, Lorenza. Challenges of multimodality: Language and the body in social interaction. **Journal of Sociolinguistics**, v. 20, p. 336-366, 2016.
- MONDADA, Lorenza. Interactional space and the study of embodied talk-in-interaction. In AUER, Peter; HILPERT, Martin.; Stukenbrock, Anja; Szmrecsanyi, Benedikt (Orgs.) **Space in language and linguistics: geographical, interactional and cognitive perspectives**. Berlin, Boston: De Gruyter, p. 247-275, 2013.
- MONDADA, Lorenza. L'analyse de "collections" de phénomènes multimodaux en linguistique interactionnelle: à propos de l'organisation systématique des ressources gestuelles en début de tour, **Cahiers de praxématique**, v. 50, p. 21–66, 2008a.
- MONDADA, Lorenza. Documenter l'articulation des ressources multimodales dans le temps: la transcription d'enregistrements vidéos d'interactions. In: BILGER, Mireille (Org.) **Données orales: les enjeux de la transcription**. Perpignan: Presses Universitaires de Perpignan, 2008b, p. 127-156.
- MONDADA, Lorenza. Observer les activités de la classe dans leur diversité: choix méthodologiques et enjeux théoriques. In: PERERA, Joan; NUSSBAUM, Luci; MILIAN, Marta (Orgs.) **L'educacio linguistica en situacions multiculturals i multilingues**. Barcelona: Institut de Ciència e de la educació de la Universitat de Barcelona, 49-70. 2003.
- MONDADA, Lorenza. Organisation multimodale de la parole-en-interaction: pratiques incarnées d'introduction des référents, **Langue française**, v. 175 (3), p. 129-147, 2012.
- MONDADA, Lorenza. Pointing, talk, and the bodies: reference and joint attention as embodied interactional achievements. In SEYFEDDINIPUR, Mandana & GULLBERG, Marianne (Orgs.). **From gesture in conversation to visible action as utterance: Essays in honor of Adam Kendon**, Londres: John Benjamins Publishing Company, 2014, p. 95-124.
- MORATO, Edwiges. Maria.; RAJER, Franco; TUBERO, Ana. Lucia ; TAGLIAFERRE, Rita, VISCARDI, Janaisa LIMA. **A semiologia das afasias-perspectivas linguísticas**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- OCHS, Elinor; SOLOMON, Olga. Autistic Sociality. **ETHOS**, v. 38(1), p. 69-92, 2010.
- OCHS, Elinor, SOLOMON, Olga; STERPONI, Laura. Limitations and transformations of habitus in child-directed communication. **Discourse Studies**, v. 7(4-5), p. 547-583, 2005.
- SACKS, Harvey. **Lectures on conversation**. Oxford: Blackwell, 1992, v. 1 e 2.
- SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel; JEFFERSON, Gail. A simplest systematics for the organization of turn taking for conversation. **Language**, v. 50 (4), p. 696-735, 1974.

SACKS, Harvey. An initial investigation of the usability of conversational materials for doing sociology. In SUDNOW, David (Org.). **Studies in Social Interaction**, New York: Free Press, 1972, pp. 31-74.

SACKS, Harvey. **Lectures on Conversation**. Cambridge: Blackwell, 1992.

SCHEGLOFF, Emmanuel; JEFFERSON, Gail; SACKS, Harvey. The preference for self-correction in the organization of repair in conversation. **Language**, v. 53, p. 361-82, 1977.

STERPONI, Laura. KIRBY, Kenton de; SHANKEY, Jennifer. Rethinking language in autism. **Autism**, v. 19(5), p.517-526, 2014.

STIVERS, Tania; SIDNELL, Jack. Multi-Modal Interaction. **Semiotica**, 156 (1), p. 1-20.2005.

STREECK, Jürgen. Ecologies of gesture: action and interaction. In STREECK, Jürgen (Org). **New Adventures in Language and Interaction**. Amsterdam: John Benjamins, 2010, p. 221 -240.

STREECK, Jürgen., GOODWIN, Charles; LeBARON, Curtis. **Embodied Interaction: language and body in the material world**. New York: Cambridge University Press, 2011.

WITTENBURG, Peter; BRUGMAN, Hennie; RUSSEL, Albert; KLASSMANN, Alex; & SLOETJES, Han. ELAN: a professional framework for multimodality research. In **Proceedings of the 5th International Conference on Language Resources and Evaluation (LREC 2006)**, pp. 1556-1559, 2006.

Anexos

Anexo I – Excerto na íntegra (CELA004_2015.pipoca.mov)

01 cla ((senta-se no sofá e +cobre-se com a coberta+))
 02 lui +---- segue com o olhar a
 03 trajetória da coberta----->+
 04 <(7.0)((Luiza e Clara comem pipoca e assistem à
 05 televisão))>
 06 CLA ***tô com frio Luiza***
 07 ***ajeita o cobertor***
 08 +(1.3)
 09 lui + ---olha canto direito do sofá----->
 10 +(1.9)
 11 +--- procura algo alternando a cabeça-->
 12 +(1.3)
 13 +---toca o canto do sofá----->
 14 +(3.0)
 15 +---abaixa-se em direção ao chão--->
 16 LUI + tsa::u\ + +(.)
 17 +balança a mão -> +
 18 +---olha para Clara
 19 sorrindo --->linha 22
 20 + pa ↑m\ +
 21 +bate a mão +
 22 (1.0)
 23 CLA * <((rindo))você derrubou no +chão> // *
 24 *----->olha para o chão-----> *
 25 lui +---olha p o chão-->
 26 (.)
 27 lui hihihihihihihih
 28 (0.8)
 29 LUI <((rindo)).h+hhhh>
 30 +olha p o chão
 31 CLA **não fui eu *+hein//**
 32 cla *+olha p Lui
 33 lui +olha p o chão
 34 LUI **+hihahahahahah+**
 35 +..olha p lui--->+ olha p o chão
 36 (.)
 37 CLA **nã::o fui eu hein//**
 38 <(4.6)((abaixa-se, pega a pipoca no chão e leva à
 39 boca))>
 40 CLA *** dá aqui \ NÃ:O* *eu jogo fora\ ***
 41 cla *** -pega a pipoca--* *coloca no sofá***
 42 LUI **+PA↑M\ você\=**
 43 +bate a mão
 44 CLA **=comer não pode/ eu segurei\ eu jogo aqui**
 45 (0.5)
 46 LUI **+PAM\ vo+CÊ\=**
 47 +bate a mão
 48 +bate a mão
 49 CLA **=comer pipoca do chão// ôooo**
 50 lui hihihihihihahahahaha .hhh
 51 CLA ***num PODE/**
 52 ***olha p LUI**
 53 < ((CLA e LUI mantém o olhar mútuo)) (1.4)>
 54 LUI hihihihihih +.hhhh (0.8)
 55 +.....--- balança mão -->
 56 tcha::u:+
 57 ----->+
 58 **+(0.7) +PA ↑M\ você\ hihi .hhh+**
 59 + ...esboça bater a mão
 60 + --bate a mão--.,.,.,.,>+
 61 CLA **pega um pedacinho de papel para limpar o seu
nariz/**

Anexo II- Convenção ilustrada de transcrição multimodal baseada em Mondada (2012)

Informações gerais:

- A convenção original pode ser acessada, nas versões em inglês e em francês, no link: https://franz.unibas.ch/fileadmin/franz/user_upload/redaktion/Mondada_conv_multimodality.pdf
- Nessa convenção, Mondada (2012) transcreve a trajetória dos gestos inspirada na notação proposta por Goodwin (1981) e Kendon (2004). Para facilitar a compreensão da apresentação da convenção, utilizamos exemplos extraídos do próprio dado-exemplo analisado neste artigo ou ainda um exemplo criado com as palavras gráficas “texto texto texto”.
- Cada participante é indicado por três letras iniciais que indicam seu nome (CLA, para Clara e LUI, para Luiza). As letras iniciais em maiúsculo indicam a fala (CLA, LUI). As letras iniciais em minúsculo indicam gestos (cla, lui).
- Em caso de referência ao participante no interior do turno de fala por outro participante, opta-se pelo uso de pseudônimo correspondente às iniciais indicadas. No texto de análise do dado, opta-se pelo uso de pseudônimo.
- Cada linha da transcrição é numerada e *não* corresponde necessariamente aos turnos de fala.
- Para destacar, do ponto de vista gráfico-visual, as falas dos gestos, aquelas são apresentadas em **negrito** e a descrição destes últimos em *itálico*.

Aspectos linguístico-verbais

Xxx	Segmento ininteligível
&	Continuação do turno de fala pelo mesmo locutor após uma quebra da linha da transcrição
. (0.4)	(micro pausas, inferiores a 0,3 segundos, não medidas) pausas medidas com ajuda do software ELAN versão 4.9.4
=	fala colada
:	alongamento silábico
.h	marca a inspiração do locutor
/	entonação ascendente
\	entonação descendente
//	entonação de pergunta (ascendente)
<u>Sublinhado</u>	ênfase particular (intensidade, acento)
maiÚSCULA	volume forte de voz
° °	volume baixo, murmúrio de voz
↑	Subida na curva entonacional, em sílabas nucleares (posicionada antes da sílaba)
↓	Descida na curva entonacional, em sílabas nucleares.
→	Neutralidade na curva entonacional, em sílabas nucleares.

Aspectos gestuais-corporificados:

Informações gerais

Os aspectos gestuais-corporificados correspondem à descrição e marcação de ações como gestos, direcionamento do olhar, gestos com a mão, postura, corporal, movimentos de cabeça.

Se o gesto for realizado pelo participante locutor e vier na linha seguinte do turno de fala, não é necessário indicar quem os gestos realiza com as iniciais minúsculas para os gestos.

Se o gesto for realizado pelo co-participante que não é o locutor naquele momento, é necessário indicar quem realiza o gesto com as iniciais minúsculas para os gestos.

Cada participante recebe um símbolo gráfico fixo e aleatório indicador de seus gestos: + gestos de Luiza; * gestos de Clara.

+----+	Indicação do início do fim da ação/gesto Delimitação da ação/gesto descrita relacionada à fala transcrita na linha superior. Cada gesto é descrito de forma breve entre os dois marcadores de delimitação, na linha seguinte a da transcrição da fala correspondente e de forma espacialmente alinhada	Exemplo: CLA *tô com frio Luiza* *--ajeita a coberta--*
+, *	A fala transcrita comporta os símbolos gráficos indicadores de gestos (+, *, por exemplo) posicionados no momento em que são realizados com relação à fala.	

Trajatória dos gestos (os símbolos utilizados aqui são inspirados na notação proposta por Goodwin, 1981, seguida por Mondada).

---->121	Continuação do gesto até a linha 21 do excerto	16 LUI so::u (0. 3)+ 17 +---olha 18 p Clara sorrindo ---> 21 19 LUI pa ↑m/ + 20 +dá um tapa no ar+ 21 (1.0)
----->+	Se um gesto continua nas linhas seguintes, sua descrição é seguida de uma flecha que remete ao símbolo que delimita o seu fim.	LUI +texto texto cla +gesto---> CLA texto+ texto texto texto --->+
----->>	Continuação do gesto até o fim do excerto	
>>	O gesto descrito começa antes do início do excerto.	
	Se um gesto começa no meio de uma pausa, segmenta-se a pausa	LUI texto texto (0.3)+(0.5) +---gesto-->

Trajatória temporal dos gestos : Para uma notação da trajetória temporal dos gestos, Mondada (2012) adota as convenções propostas por Goodwin para direcionamento do olhar e de Kendon para gestos.

....	emergência do gesto (preparação)
////	fim do gesto (retração)
-----	manutenção do gesto (núcleo/ápice)

Exemplo:

LUI texto texto texto +texto texto texto + texto texto + texto texto+

Cla +.....*aponta---+,,,,,,+,

Quando é necessária a descrição de vários tipos de gestos por um mesmo participante, duplicamos os símbolos que indicam sua delimitação e descrevemos os gestos (no exemplo olhar e apontar) correspondentes em linhas diferentes.

LUI texto texto ** texto ** texto* texto texto *
 olha CLA---
 *.....*aponta--->

Ancoragem Nominal e Sistema de Atenção Humano: O processo de construção do referente em *posts* do *Facebook*

Gabriel ISOLA-LANZONI¹

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar a construção do referente valendo-se do modelo de análise da Ancoragem Nominal em uma modalidade de posts da página Spotted FFLCH – o retorno, da rede social Facebook, buscando relações entre aspectos linguístico-discursivos e atencionais. Para tanto, foram considerados os estudos na área da Linguística Cognitiva (LC) para a análise do sintagma nominal, assim como os estudos em Psicologia Cognitiva voltados à atenção e à busca visual. A partir das análises, foi possível verificar que atividades atencionais e questões sócio interacionais relativas ao gênero discursivo e modos de percepção de eventos influem no modo como o sintagma nominal é construído para satisfazer os objetivos do produtor da mensagem dos posts.

Palavras-chave: linguística cognitiva; psicologia cognitiva; ancoragem nominal; gênero discursivo; atenção.

Introdução

O presente artigo visa a apresentar os resultados encontrados na pesquisa em que se buscou encontrar uma relação entre aspectos cognitivos e discursivo-textuais na composição do sintagma nominal em *posts* da página Spotted FFLCH – o retorno, da rede social Facebook. A página Spotted FFLCH – o retorno funciona como um organizador de encontros afetivos, geralmente, entre pessoas que “trocaram olhares”, mas não se conhecem. A página, desse modo, configura-se como o primeiro contato entre elas, funcionando, basicamente, com o envio de mensagens anônimas a um banco de dados, gerenciado por moderadores, também anônimos, que realizam a postagem. Para a realização da pesquisa, foram coletados 111 *posts*, datados entre os meses de fevereiro e maio de 2016. A seleção dos *posts* foi feita pelo critério de finalidade da postagem, a saber, quando o produtor da mensagem estava procurando outra pessoa específica. Dado o não conhecimento, por parte dos autores das mensagens, de dados específicos sobre a pessoa procurada, os autores fazem uso de uma intensa descrição do que têm conhecimento, para que, de algum modo, ou os leitores da página apontem quem é a pessoa-alvo ou ela mesma se identifique. Como tais descrições são construídas linguisticamente por sintagmas nominais extensos, essa modalidade de *post* apresenta-se como um contexto favorável à análise do referente, sob a ótica da Linguística Cognitiva (LC), através do modelo de análise da Ancoragem Nominal (LANGACKER, 2008), integrado aos estudos de busca visual (TREISMAN, 1986; DUNCAN & HUMPHREYS, 1992) da Psicologia Cognitiva.

O artigo estrutura-se da seguinte maneira: a seção 2 apresenta os pressupostos teóricos norteadores da pesquisa. A seção seguinte traz os procedimentos metodológicos, em que são explanadas as estruturas

¹ Graduando da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, tendo desenvolvido pesquisa de Iniciação Científica sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Roberto Gonçalves Segundo. Bolsista do Programa Unificado de Bolsas (PUB) da Universidade de São Paulo. E-mail: gabriel.lanzoni@usp.br

analíticas desenvolvidas para esta pesquisa. A eles segue-se a seção com as análises e os resultados da pesquisa. Por fim, encerra-se o presente texto com considerações finais acerca da análise empreendida.

1. Pressupostos teóricos

Os dados analisados apresentam uma estrutura prototípica em relação a uma estipulação de gênero discursivo², compreendendo, composicionalmente (BAKHTIN, 2003), duas estruturas: uma descrição e uma interpelação. A interpelação é prototipicamente realizada por uma pergunta ou uma asserção, mas também ocorrem comandos e ofertas, assim como a união de duas ou mais manifestações. A descrição é linguisticamente construída por um sintagma nominal, para o qual a análise foi feita a partir da hipótese de Ancoragem Nominal (LANGACKER, 2008), entendida como um processo semântico-conceptual, um aspecto da organização conceptual na qual uma expressão é qualificada como um referente, linguisticamente realizado por um sintagma nominal. O processo de qualificação da expressão ocorre na relação estabelecida entre a definição do referente e a conceptualização da situação enunciativa, denominada por Langacker (2008) como *ground*, definido como o “evento de fala, seus participantes (falante e ouvinte), sua interação e as circunstâncias imediatas (notavelmente, o tempo e o espaço da fala³” (p.259). Assim, a Ancoragem Nominal tem como finalidade definir um referente e relacioná-lo com a situação real de uso da língua por um falante, processo que serve para guiar a atenção do ouvinte para a identificação desse objeto-do-discurso.

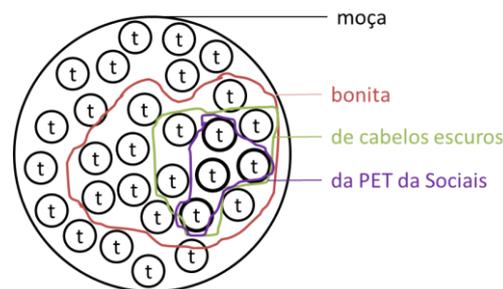
O processo da Ancoragem Nominal pode ser visto como composto por quatro etapas: tipificação, especificação de tipo, instanciação e ancoragem propriamente dita. A *Tipificação* consiste na seleção de um tipo, prototipicamente, um item lexical que, apesar de já oferecer uma descrição mínima do objeto, não fornece muitas pistas para a conceptualização de uma instância específica, configurando-se, desse modo, como um conjunto amplo de candidatos a instâncias (reais ou virtuais). O tipo ocupa, prototipicamente, a posição nuclear do sintagma nominal. A seguir, tem-se a *Especificação de tipo*, onde ocorre a estratégia descritiva, que tem como finalidade reduzir o *pool* de candidatos elegíveis à instanciação. É importante ressaltar que o processo de instanciação de Langacker (2008) é pensado a partir de conjuntos, em que um item lexical apresenta-se como um tipo (conjunto amplo que abarca todas as instâncias possíveis daquele nome) que deve ser especificado para que o objeto-do-discurso pretendido seja compartilhado com o ouvinte; para isso, a estratégia descritiva ao ser realizada cria subconjuntos dentro do conjunto maior, de modo a delimitar a possibilidade de instâncias a serem foco de atenção, dadas as características que foram construídas objetivamente (LANGACKER, 2008, p. 260), e excluir outras, por não apresentarem tais

² A descrição do gênero discursivo será mais detalhadamente apresentada na seção 4 a seguir.

³ No original: “the speech event, its participants (speaker and hearer), their interaction, and the immediate circumstances (notably, the time and place of speaking)”.

características. A *Tipificação* e o processo de delimitação de subconjuntos podem ser representados pelo exemplo a seguir:

Figura 1. Esquema de delimitação de *pool* de candidatos elegíveis do sintagma nominal “Moça bonita de cabelos escuros da PET da Sociais”



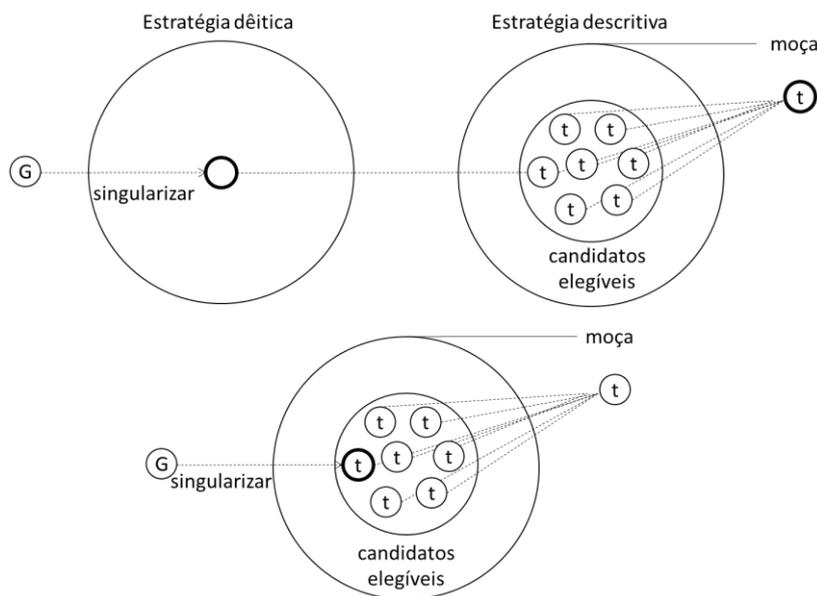
O sintagma nominal apresentado na figura 1 é estruturado por um núcleo (*moça*) e três modificadores (*bonita*, *de cabelos escuros* e *da PET da Sociais*). O núcleo *moça* corresponde ao tipo, por abarcar diversos candidatos possíveis. Os modificadores representam a estratégia descritiva, uma vez que a cada um é criado um novo subconjunto. Os subconjuntos costumam ser criados baseados em oposições, uma vez que descrever o tipo *moça* como *bonita* cria um subconjunto de *moças bonitas* oposto a um subconjunto de *moças não-bonitas*. O mesmo ocorre ao adicionar a descrição *de cabelos escuros* que, diferentemente de *bonita*, não cria um subconjunto a partir do conjunto maior *moça*, mas, sim, dentro do conjunto *moça bonita*, criando dois subconjuntos: *moças bonitas de cabelos escuros* e *moças bonitas de cabelos não escuros*. O mesmo ocorre ao serem adicionadas novas descrições.

Na figura 1, é possível verificar que o uso de uma descrição (ou conjunto de descrições) reduz gradualmente o conjunto de instâncias possíveis, mas não define apenas uma possível, uma vez que podem haver diversas instâncias que apresentam as características construídas. A definição da instância desejada é realizada pelas duas etapas seguintes da Ancoragem Nominal.

A etapa seguinte é a *Instanciação*, processo em que a estratégia quantificadora ocorre. Este processo é similar ao seguinte, a *Ancoragem Propriamente Dita*, realizada pela estratégia dêitica, uma vez que é somente com esses processos (podendo ser isolados ou em conjunção) que a instância pretendida, que está dentro do conjunto delimitado pela estratégia descritiva, é particularizada. O processo de particularização é realizado por elementos chamados de ancoradores, por finalizarem o processo de ancoragem. Langacker (2008) apresenta tais elementos ancoradores como tendo natureza gramatical, identificados, no inglês, pelos artigos (*the* e *a*), demonstrativos (*this*, *that*, *these* e *those*) e certos quantificadores (*all*, *most*, *some*, *no*, *every*, *each* e *any*). Esses elementos variam em suas propriedades gramaticais específicas, mas apresentam traços em comum, o que os fazem ser considerados todos como elementos ancoradores. Tais traços são apresentados como: (i) sua função de particularizar um referente nominal, (ii) a natureza mínima epistêmica da relação do referente com o *ground* e (iii) o *ground* não ser explicitado por esses elementos.

Os elementos ancoradores, desse modo, realizam o processo de estabelecimento da relação da organização conceptual (delimitação das instâncias possíveis) com o *ground*, uma vez que cada ancorador evidenciará um tipo de relação do *ground* com as instâncias possíveis. Essas relações manifestam-se, por exemplo, em relação ao espaço, no caso dos demonstrativos, com participantes e indivíduos, no caso dos possessivos, ou em relação ao conhecimento partilhado, em relação aos artigos. Essa relação pode ser vista no esquema a seguir, em que o círculo com G representa o elemento ancorador, que tem a função de particularizar uma das instâncias presentes no subconjunto de candidatos elegíveis a instanciação. O resultado é uma das instâncias possível entrar no foco de atenção (representado pelo círculo em negrito), configurando-se como um objeto-do-discurso⁴.

Figura 2. Esquema de particularização através da estratégia dêitica.



A articulação das estratégias encerra o processo de Ancoragem Nominal, de modo que o falante – ou produtor de um texto escrito – faz uso das estratégias para direcionar a atenção de seu ouvinte – ou leitores – para um determinado objeto-do-discurso (KOCK, 2015), construindo-o em relação ao *ground*, ou seja, revelando a relação que supõe que seu interlocutor tenha com a entidade alvo do tópico.

A Ancoragem Nominal (LANGACKER, 2008) insere-se no paradigma da Linguística Cognitiva que, diferentemente da Linguística Gerativa – pioneira nos estudos de visão cognitiva da língua –, não concebe a língua como um módulo separado das demais capacidades cognitivas humanas. Dada a não modularização, tanto da linguagem quanto das capacidades cognitivas que, desse modo, configuram-se fluidamente, com processos ocorrendo paralelamente, a divisão dos conhecimentos linguísticos em diferentes disciplinas mostra-se apenas institucional, uma vez que um fenômeno linguístico dificilmente poderia ser explicado por

⁴ Langacker (2008) elabora uma descrição do inglês e aponta quais seriam os elementos ancoradores da língua. O mesmo pretende-se ser feito em etapa futura desta pesquisa. Aqui, por ora, consideramos os elementos descritos por Langacker (2008) como os componentes de tais estratégias.

apenas um nível. Com essa constatação, a cisão clássica entre semântica e pragmática, baseada na ideia de que a semântica, segundo os filósofos da linguagem (FREGE, 2013 [1892]; RUSSEL, 1905), seria o estudo da significação potencial, descontextualizada e caracterizada a partir de traços característicos amodais, e a pragmática, o estudo do significado em atos de fala contextualizados, mostra-se não mais clara, uma vez que, nesse novo paradigma,

o significado deixa de ser um reflexo direto do mundo, e passa a ser visto como uma construção cognitiva através da qual o mundo é apreendido e experienciado. Sob essa perspectiva, as palavras não contêm significado [em oposição aos traços da semântica formal], mas orientam a construção do sentido (FERRARI, 2011, p. 14),

sendo tal construção realizada discursiva e cognitivamente durante uma dada produção linguística. Assim, as palavras são vistas como pontos de acesso a um conhecimento prévio, que abarca não apenas os conhecimentos linguísticos, como o campo semântico a qual a palavra pertence, mas também conhecimentos de outras ordens, como sensoriais e motores, atrelados à significação de tal palavra. Desse modo, o dicionário mental, associado aos estudos da semântica lexical, deixa de ser produtivo para esse novo paradigma, e passa-se a considerar que o conhecimento seja estruturado em rede, de forma enciclopédica e multimodal.

A multimodalidade do conhecimento gera a proposta multidisciplinar, apresentada por Ferrari (2014), uma vez que

ao adotar uma perspectiva não modular, que presume princípios cognitivos gerais (e não apenas princípios especificamente linguísticos) atuantes na organização da linguagem, a Linguística Cognitiva assume o compromisso de compatibilizar suas hipóteses com os resultados de pesquisas sobre a mente e o cérebro realizadas por outras disciplinas, principalmente na área das Ciências Cognitivas (Filosofia, Psicologia, Inteligência Artificial e Neurociências) (p.26).

Desse modo, os estudos de busca visual (TREISMAN, 1986; DUNCAN & HUMPHREYS, 1989) na área da Psicologia Cognitiva mostram-se propícios para uma aproximação teórico-analítica com o objeto de estudo, uma vez que os posts analisados apresentam uma atividade atencional – exercida pelo produtor do texto – similar à exercida nos estudos de busca visual, visto que para a descrição da pessoa procurada pela mensagem do post, o autor faz um levantamento de uma série de características de modo a chegar a um perfil mais próximo possível da pessoa-alvo, para que essa possa ser identificada entre diversas outras pessoas – usualmente, as pessoas-alvo descritas nos posts estão em localizações com diversas outras pessoas ao redor. Tal identificação da pessoa-alvo é similar ao realizado nos experimentos de busca visual, em que

participantes são requisitados a detectar estímulos particulares apresentados entre não-alvos irrelevantes. Os resultados dependem de uma combinação de alvos e não-alvos. [...] Obviamente, eles [não-alvos] são rejeitados, sem acesso a esses estágios de limitação de taxa de processamento responsável por nossa habilidade limitada de prestar atenção em diversos estímulos ao mesmo. A experiência é que a atenção é dirigida diretamente para o

alvo, implicando uma rejeição prévia eficiente de não-alvos (Duncan, 1980b, 1985; Hoffman, 1978; Shiffrin & Scheiner, 1977) (DUNCAN & HUMPHREYS, 1989, p.433).⁵

O fator que subjaz aos estudos de busca visual e, também, à elaboração dos *posts* em questão é a atividade atencional exercida pelos indivíduos engajados nesses processos. Oakley (2009), buscando estabelecer uma relação entre linguística e atenção, elabora a estrutura do que chama de Grande Sistema de Atenção (*The Greater Attention System*), para verificar de que modo, e em que processos, há uma influência entre ambas. O Grande Sistema de Atenção é estruturado por três subsistemas distintos, mas interdependentes: *sistema de sinal*, *sistema de seleção* e *sistema interpessoal*.

O *sistema de sinal* é o sistema comum a outros organismos não-humanos, uma vez que todos são dotados de capacidades de perceber alterações no ambiente imediato, por exemplo, barulhos, temperatura, etc. Ele está baseado nas limitações do corpo. Os dois elementos que compõem esse sistema são *alerta* e *orientação*.

O *sistema de seleção* já não é mais um sistema comum a outros organismos não-humanos, uma vez que humanos são distintos no grau de consciência sobre o passado, presente, futuro e cenas imaginadas e planejadas em relação a outros organismos. O Sistema de Seleção compreende a ideia de distribuição de atenção em diferentes tarefas ao mesmo tempo. Divide-se nos subsistemas: *detecção*, *sustentação* e *controle*.

O *sistema interpessoal* é o que caracteriza as interações humanas, uma vez que nele estão os subsistemas que demonstram o processo de troca de conhecimento entre dois interlocutores, pois “muito do que fazemos e como fazemos envolve outros corpos e outras mentes. A fenomenologia da atenção e suas relações com o significado não pode ser completamente explicada sem entender a ontogênese do sistema de atenção interpessoal, que consiste em *compartilhamento*, *harmonização* e *direção*”⁶ (OAKLEY, 2009, p. 33) (grifo meu).

O Grande Sistema de Atenção articula-se como o *sistema de sinal* representando a predisposição de um ser a perceber sinais no ambiente, a partir das limitações do seu corpo. Tais sinais só são conscientemente focados através do *sistema de seleção*, em que o ser tem um maior controle sobre as atividades e a atenção requerida para algo, o que o faz reagir, se necessário, a um sinal percebido anteriormente, ou dividir sua atenção em diversas atividades. Por fim, o *sistema interpessoal* caracteriza as interações entre os seres, os

⁵ No original: “subjects are asked to detect particular target stimuli presented among irrelevant nontargets. Results depend on the combination of targets and nontargets used. With some combinations, the number of nontargets in a display has little if any effect. Obviously, they are rejected without access to those rate-limiting stages of processing responsible for our limited ability to pay attention to several stimuli at once. The experience is that attention is drawn directly to the target, implying an efficient prior rejection of nontargets (Duncan, 1980b, 1985; Hoffman, 1978; Shiffrin & Schneider, 1977)” (DUNCAN & HUMPHREYS, 1989, p.433).

⁶ No original: “Most of what we do and how we do it involves other bodies and other minds. A phenomenology of attention and its relation to meaning cannot be fully explained without understanding the ontogenesis of the interpersonal attention system, which consists of sharing, harmonizing, and directing.” (OAKLEY, 2009, p. 33).

processos de harmonização de conhecimento, e as estratégias utilizadas pelos mesmos para direcionar a atenção do interlocutor para algo que considera relevante para aquele momento interacional.

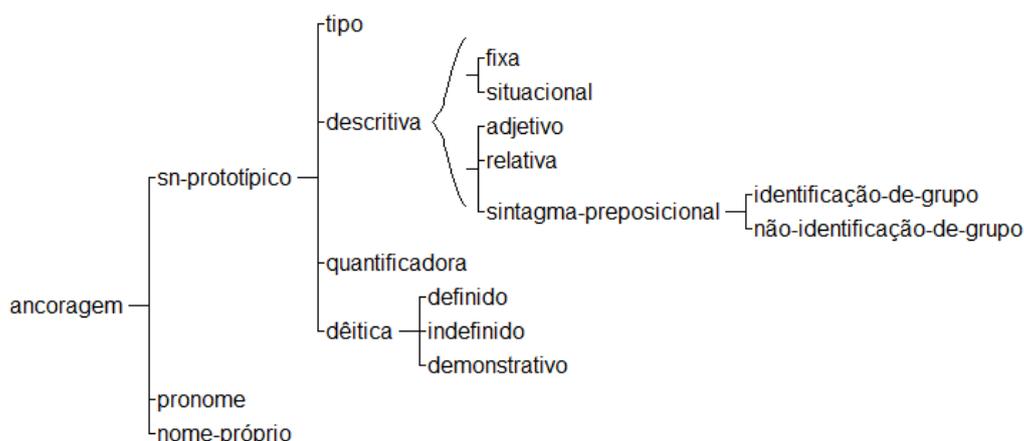
No que concerne ao Grande Sistema de Atenção, interessa a essa pesquisa o processo de percepção, por parte do produtor do *post*, de determinadas características da pessoa descrita a depender da construção do lugar de referência estabelecido para descrever a pessoa, assim como a estratégia utilizada pelo produtor em direcionar a atenção do leitor do *post* para descrições da pessoa-alvo, com o objetivo de harmonizar seu conhecimento com o do leitor, para que este possa ajudá-lo no processo de busca por determinada pessoa. Desse modo, há uma articulação entre os Sistemas de Atenção, em relação a percepção, sustentação, por parte do produtor, e harmonização do conhecimento com o leitor, ligado a características relevantes levantadas pelos estudos de busca visual, assim como a articulação das estratégias da Ancoragem Nominal para com esse processo atencional de modo a convergirem e gerar o efeito almejado pelo produtor.

Analisar os efeitos dessa associação mostra-se relevante no sentido de estabelecer relações, dentre outras, entre o direcionamento da atenção e a composição do sintagma nominal, buscando manifestações linguísticas de processos cognitivos ligados a atividades sociointeracionais.

3. Procedimentos metodológicos

As análises quantitativas e qualitativas foram realizadas com o auxílio do programa UAM *Corpus Tool*, de Michael O'Donnell (2008), no qual foram criados dois sistemas, apresentados nas imagens a seguir. No primeiro deles, foram categorizados os elementos que participam das estratégias da Ancoragem Nominal (LANGACKER, 2008) e suas respectivas manifestações linguísticas.

Figura 3. Esquema de categorização das estratégias da Ancoragem Nominal e realizações linguísticas⁷

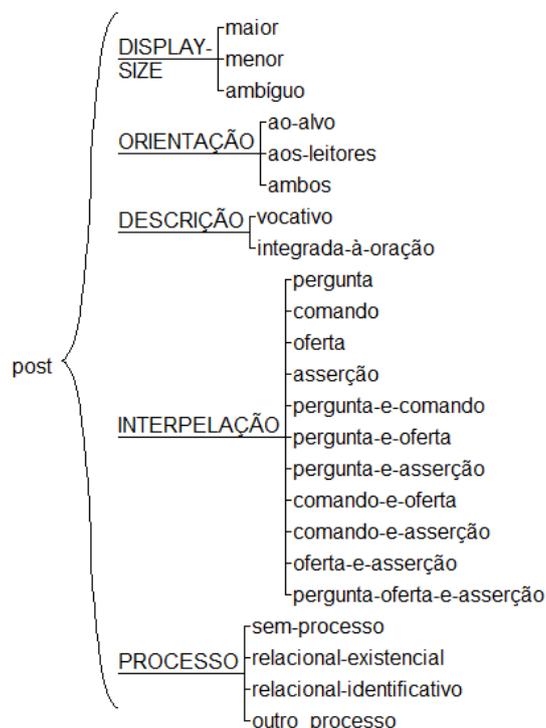


O sistema 2 apresenta as categorias discursivas (classificação da descrição, tipo de interpelação e processo) e cognitivas (*display-size* e orientação), estas últimas depreendidas dos estudos de busca visual na

⁷ As figuras 3 e 4 foram elaboradas pelo autor do artigo, através do programa UAM *Corpus Tool*, de Michael O'Donnell (2008).

área da Psicologia Cognitiva (STERNBERG & STERNBERG, 2012; OAKLEY, 2009), relevantes para o processo de harmonização da atenção entre a voz autoral e os leitores.

Figura 4. Esquema de descrição discursiva e atencional



Os esquemas estruturam-se da esquerda para a direita e são construídos a partir de chaves (|) e colchetes ({}), em que os primeiros representam relações de oposição (*ou*) – por exemplo, um elemento pode ser categorizado como tipo *ou* como descritiva *ou* como quantificadora *ou* como dêitica, dentro da opção sn-prototípico – e os segundos, de soma (*e*) – por exemplo, um elemento que foi categorizado como sn-prototípico: descritiva deve ser classificado como fixa *ou* situacional (devido à chave que une essas categorias) *e* (devido ao colchete que os une) como adjetivo *ou* relativa *ou* sintagma preposicional.

O esquema em 1 categoriza os elementos em relação aos elementos da Ancoragem Nominal (tipo, descritiva, quantificadora⁸ e dêitica) e as possíveis manifestações linguísticas (adjetivo, (oração) relativa e sintagma preposicional, e (artigos) definido, indefinido e demonstrativo) da estratégia descritiva e dêitica, que se mostraram relevantes para a pesquisa. As descrições e os sintagmas preposicionais também foram categorizados em relação a fixidez-situacionalidade e a identificação ou não de grupo. Tais categorizações decorrem de hipóteses levantadas durante o processo de análise do *corpus*, buscando encontrar uma tendência de correspondência entre a natureza da descrição (fixa-situacional) e as manifestações linguística da mesma, assim como uma tendência da finalidade do uso de sintagmas preposicionais.

⁸ No sistema, não foram inseridas opções relativas à estratégia quantificadora, uma vez que não houve ocorrências de elementos que caracterizam essa estratégia, fato que está ligado às coerções do gênero discursivo.

O esquema em 2 categoriza o *post* de modo geral, diferentemente do esquema em 1, que categoriza elementos ou expressões específicas do *post*. Neste esquema, o *post* é categorizado em relação à sua estrutura (descrição – localização textual da descrição –, tipo de interpelação e, num diálogo com a Linguística Sistêmico-Funcional, o processo representado pelo verbo, quando a descrição apresentava-se como sujeito de uma oração, e não como vocativo), assim como em relação a aspectos atencionais (*display-size* e orientação do *post*), buscando verificar, por parte dos aspectos estruturais do *post*, uma estrutura prototípica, e, por parte dos aspectos atencionais, verificar a hipótese de relação de tendências entre o *display-size* e a orientação do *post* com as manifestações linguísticas das estratégias da Ancoragem Nominal.

4. Resultados e Análises

Os estudos de busca visual utilizam como critério nas análises dos experimentos a composição da cena em que o estímulo alvo se encontra, uma vez que os aspectos qualitativos da cena influenciam no esforço e, portanto, no tempo gasto para a realização da atividade., . Os fatores comumente considerados são:

- I. Tamanho da cena (*Display-size*): “número de itens em uma dada ordem visual”⁹ (STERNBERG & STERNBERG, 2012, p. 143).
- II. Características do estímulo (característica distintiva – *distinct feature* –, característica similar – *similar feature* – e característica única – *featural singletons*).

A partir de tais fatores, foram elaborados dois parâmetros – na sequência – que estivessem mais diretamente relacionados à composição dos *posts*. O parâmetro **(a) natureza da característica** foi elaborado a partir da hipótese de que lugares de referência amplos favoreceriam o uso de descrições com tendência mais fixa, enquanto lugares de referência menores favoreceriam descrições com tendência mais situacionais. As tendências das descrições foram definidas como se segue:

(a) Natureza da característica (*fixa-situacional*).

1. Características *fixas*: características que tendem a permanecer por um espaço maior de tempo.
2. Características *situacionais*: características que tendem a ficar retidas no conhecimento por um espaço temporal mais restrito.

A hipótese acima não se manteve após a análise do *corpus*, uma vez que não apresentou uma relação significativa, estatisticamente, entre determinados lugares de referência e a natureza da característica descrita. Entretanto, ainda foi possível verificar outras relações com demais aspectos considerados, como será mostrado adiante.

⁹ No original: “*Display size* is the number of items in a given visual array” (STERNBERG & STERNBERG, 2012, p. 143) (itálico do autor).

Outro parâmetro elaborado também a partir da análise preliminar dos *posts* foi **(b) orientação do post**, uma vez que foi percebida uma alteração de estrutura do *post* quando o produtor se dirigia à comunidade leitora da página ou diretamente à pessoa-alvo.

Há, na orientação do *post*, uma tensão entre o *post* ser direcionado ao alvo e aos leitores concomitantemente, uma vez que, a princípio, todos os *posts* da página são direcionados aos leitores de modo geral, caracterizando os *posts* orientados ao alvo como uma *simulação de um diálogo direto com o procurado*, marcado, prototipicamente, por um vocativo e uma interpelação. Apesar de todos os textos do *corpus* serem, em princípio, orientados aos leitores, há alguns que deixam explícita essa orientação – visto que outros buscam neutralizar esse fator –, tais *posts* estruturam-se, geralmente, por um verbo com seu objeto, seguida de uma interpelação. A descrição da pessoa-alvo, nesses *posts*, é construída como objeto de um verbo. Realizando um diálogo com o paradigma hallidayano (1994), os verbos presentes nos *posts* caracterizaram-se por instanciarem, com seus participantes, processos relacionais identificativos ou processos existenciais¹⁰.

Foram, portanto, definidos os dois parâmetros de análise:

- (b) Natureza da característica (*fixa-situacional*).
- (c) Orientação do *post* (*ao alvo-aos leitores*).

Além desses dois parâmetros, foram analisadas a composição interna do sintagma nominal, a saber, a utilização e a distribuição das estratégias descritiva, dêitica e quantificadora – da Ancoragem Nominal (LANGACKER, 2008) –, bem como a estrutura do gênero, uma vez que, na análise preliminar, foi possível observar determinado padrão de construção dos *posts*. Os exemplos de (1) a (4) *consistem em instâncias* representativas das estruturas observadas no *corpus*.

- (1) ¹¹**"Mina que pediu isqueiro emprestado no ponto do bus da historia umas 23h.** Oi, pode pedir sempre que precisar (e se não precisar tb)."¹²
- (2) **"Quem é a menina de vestido jeans que estava sentada na quinta fileira na aula de africanas no segundo horário?**Moça vc é muito linda.Vc beija moças?"¹³
- (3) **"Rapaz calouro da sociais que foi dar um recado (sobre a chapa primavera) junto com um outro moço que é da letras.** Vc beija moços? Te achei a coisa mais linda."¹⁴

¹⁰ Processos relacionais são processos de ser, ter e pertencer. "Esses processos possuem uma função classificatória, relacionando duas entidades no discurso. Segundo Halliday (1994: 119), todas as línguas acomodam formas sistemáticas de realização dos processos relacionais" (LIMA-LOPES & VENTURA, 2008, p. 7). Processos relacionais identificativos são processos em que A é a identidade de X. Processos relacionais existenciais são processos em que se estabelece a existência de uma entidade.

¹¹ Os trechos em negrito correspondem aos sintagmas nominais (SN).

¹² Post de número 10.169, disponível em: <https://www.facebook.com/spottedoretorno/posts/1297232263625313>

¹³ Post de número 10.538, disponível em: <https://www.facebook.com/spottedoretorno/posts/1320513084630564>

¹⁴ Post de número 81, disponível em: <https://www.facebook.com/spottedoretorno/posts/1337645116250694>

- (4) “Tem **uma moça que eu vejo frequentemente no prédio da Sociais**. Ela tem cabelos pretos, não é muito alta e geralmente está com uma blusa listrada branco e azul (exceto hoje (07/03), que ela estava com uma blusa vermelha), e geralmente a vejo sozinha. Acho ela linda!”¹⁵

Uma breve explicação de cada um dos tipos seria: em (1), tem-se o *post* iniciado por um sintagma nominal, funcionando como um vocativo, seguido de uma interpelação do produtor, construída, prototipicamente, por uma pergunta, por uma asserção, ou mesmo uma união de asserção-pergunta (como é o caso representado em (2), em que o produtor expressa uma afirmação – “Moça vc é muito linda” – e segue com uma pergunta – “Vc beija moças?”). A depender da teoria seguida, o sintagma nominal em (1) – e também em (3) – poderia ser discutido se esse se configuraria como um vocativo ou como um tópico; optamos por chamar de vocativo, por considerar a função básica de atrair a atenção de uma determinada pessoa, fazendo com que a mesma receba o estímulo e sustente a atenção no produtor. Assim, torna-se possível que ouvinte interprete a mensagem desejada por aquele, aqui configurada pela interpelação. O fato de vocativos iniciais assumirem função de tópico interpessoal, como explica Halliday (1994) auxiliou na categorização de tais estruturas como vocativos. Em relação à interpelação, em (1), tem-se uma asserção, uma vez que o produtor apenas afirma algo, que a pessoa-alvo pode pedir [o isqueiro] sempre que precisar.

Em (2), o sintagma nominal aparece como o objeto do verbo *ser*, um verbo de um processo relacional, nesse caso, identificativo, segundo a gramática de Halliday (1994), que compõe uma pergunta. Essa estrutura de *post* foi, de modo geral, recorrente no *corpus*. A pergunta inicial foi seguida de uma interpelação dupla, de asserção-pergunta. Os casos de *posts* iniciados por perguntas, tendo o verbo *ser* como um processo relacional identificativo ocorreram apenas em *posts* orientados aos leitores.

Em (3), o sintagma nominal aparece funcionando sintaticamente como um vocativo, assim como em (1), com uma interpelação de pergunta, seguida por uma asserção. Este é o caso prototípico, correspondendo a mais de 50% dos casos, como apontado na tabela 1 a seguir.

O *post* em (4) é o menos representativo do *corpus*, sendo construído por um processo relacional existencial (aqui construído pelo verbo *ter*). No *corpus*, o *post* apresentado em (4) ocorreu apenas oito vezes, representado, assim, 7,27% do total. O sintagma nominal aparece como objeto de processo relacional existencial instaurando um novo objeto-do-discurso (KOCH, 2015), de modo que a maior parte das características descritas esteja em outra oração. Finaliza-se, também, com uma interpelação, no caso em questão, uma asserção.

O valor dos casos mistos na tabela 1 a seguir corresponde à soma dos casos de cada uma das possibilidades de interpelação, explicitadas, mais detalhadamente na tabela 2 adiante. Os casos mistos apresentados na coluna “Casos Mistos” correspondem à quantidade de instâncias em que ocorreu um determinado tipo de interpelação em conjunção a outros tipos. Asserção apresenta 37 ocorrências de casos

¹⁵ Post de número 10.518, disponível em: <https://www.facebook.com/spottedoreturno/posts/1320465694635303>

mistos, podendo ser: asserção e pergunta, asserção e oferta, asserção e comando. Essas mesmas instâncias aparecem na soma dos casos mistos, por exemplo, de pergunta. Isso faz com que a soma total de casos e isolados e casos mistos não resultem nos 111 *posts* que compõem o corpus. Devido a isso, é apresentado na última linha da tabela, que casos isolados correspondem a 65 ocorrências, enquanto os casos mistos correspondem a 46 ocorrências. Assim, a soma de 98 ocorrências de casos mistos não exclui as repetições de casos, por apresentarem mais de um tipo de interpelação.

Tabela 1. Porcentagem da distribuição de interpelações¹⁶

Interpelação	Casos isolados	%	Casos Mistos	%	Total: isolado + misto	%
Asserção	26	23,64%	37 ¹	33,64%	63	57,27%
Pergunta	25	22,73%	34	30,91%	59	53,63%
Oferta	7	6,31%	19	17,27%	26	23,64%
Comando	7	6,31%	8	7,27%	15	13,64%
Total	65	58,56%	46	41,44%	Total final	111 – 100%

Baseando-se nessa primeira descrição dos tipos recorrentes de *posts* do *corpus*, foi possível elaborar uma estrutura do gênero. Bakhtin (2003, p. 262) entende gênero como “tipos relativamente estáveis de enunciado”, de uma esfera da atividade humana, considerando três pontos: (i) a forma composicional, (ii) a temática e (iii) o estilo. Esses três pontos podem ser entendidos assim:

- (i) Forma composicional: é a parte da estrutura do gênero, a parte mais ‘visível’; no caso em questão, entrariam na forma composicional a descrição da pessoa-alvo, para identificação, e a interpelação da pessoa-alvo quanto à possibilidade de realização de uma ação desejada pelo produtor.
- (ii) Temática: são os princípios de seleção do assunto, formas definidas de ver e conceituar a realidade; no *corpus*, manifestou-se como a busca pela pessoa-alvo para apresentação de um desejo e sua possível realização.
- (iii) Estilo: refere-se às formas de realização (seja lexical, gramatical, etc.) da forma composicional e da temática; realizou-se, no *corpus*, como a descrição sendo construída, prototipicamente, por um vocativo, estruturado por um sintagma nominal, e a interpelação sendo, prototipicamente construída por uma asserção e uma pergunta, admitindo, também, a construção por meio de um comando ou uma oferta.

Exemplos de comando e oferta podem ser vistos nos *posts* (5) e (6) a seguir:

- (5) "Aee moça que encontrei no onibus, de vestido listrado, que fomos conversando sobre IBGE ate o metro...
Curte o post ai pra eu te add ;)"¹⁷

¹⁶ O valor de cada porcentagem presente na tabela apresenta a representatividade da interpelação em relação ao total de *posts* (111).

¹⁷ Post de número 51, disponível em: <https://www.facebook.com/spottedoretorno/posts/1337632009585338>

(6) "André Ortega: **tem uma marxista-leninista na fflch querendo te conhecer!**"¹⁸

Em (5), temos o produtor do *post* enunciando um comando para a pessoa-alvo, para que ela 'curta' o *post* para que eles de adicionem como amigos na rede social. Em (6), temos o produtor do *post* realizando uma descrição de si mesmo como forma de mostrar o que a pessoa-alvo pode ter, configurando tal descrição como uma oferta, que cabe à pessoa-alvo aceitar ou não.

A tabela a seguir apresenta a distribuição das interpelações (isoladas e combinadas) a partir do parâmetro (b) orientação do *post*. A soma dos *posts* orientados ao alvo e aos leitores não corresponde ao total de *posts* que compõem o *corpus*, uma vez que foi observado, também, *posts* que apresentavam dupla orientação, que se iniciavam orientados ao alvo, e finalizavam orientados aos leitores, como é o caso de (7):

(7) "**Menino da medicina que tava no ponto das letras umas 13 dessa segunda. Alguém conhece?** Sempre frequenta o território das humanas? Fiquei xonada"¹⁹

O trecho em negrito e itálico apresenta um vocativo, onde encontra-se o sintagma nominal. Por ser um vocativo, presume-se que a orientação inicial seria para a pessoa-alvo, uma vez que todos os *posts* orientados ao alvo se iniciaram com um vocativo. A pergunta em negrito em seguida orienta-se aos leitores da página, uma vez que pergunta se alguém conhece o garoto instanciado pelo vocativo. Esses casos de dupla orientação não foram considerados nos cruzamentos, uma vez que interessa para esta pesquisa as distinções entre *posts* orientados ao alvo e aos leitores, portanto, analisar *posts* com dupla orientação não revelaria as distinções requeridas.

Tabela 2. Porcentagem da distribuição de interpelações em relação ao parâmetro (b) orientação do *post*²⁰

Orientação do <i>post</i> Interpelações	ao alvo		aos leitores	
		N=82		N=14
Asserção	18	21,95%	4	28,57%
Pergunta	17	20,73%	2	14,29%
Oferta	6	7,32%	1	7,14%
Comando	4	4,88%	4	28,57%
Pergunta e comando	0	0,00%	0	0,00%
Pergunta e oferta	5	6,10%	0	0,00%
Pergunta e asserção	18	21,95%	1	7,14%
Comando e oferta	3	3,66%	0	0,00%
Comando e asserção	3	3,66%	1	7,14%
Oferta e asserção	3	3,66%	0	0,00%
Pergunta, oferta e asserção	5	6,10%	1	7,14%

¹⁸ *Post* de número 591, disponível em: <https://www.facebook.com/spottedoretorno/posts/1350899924925213>

¹⁹ *Post* de número 10.546, disponível em: <https://www.facebook.com/spottedoretorno/posts/1320527251295814>

²⁰ O total de ocorrências de interpelações nesta tabela foi calculado de modo local, portanto, as porcentagens de cada possibilidade de interpelação é resultado de uma análise foi gerada considerando a distribuição nos *posts* que apresentam a mesma orientação.

A partir da tabela 2, pode-se observar uma maior variedade de interpelações – e mesmo combinações de interpelações – quando o *post* é orientado à pessoa-alvo. Isso é evidenciado pela interpelação de oferta, que ocorre apenas em *posts* orientado à pessoa-alvo, com exceção de apenas um *post*, que subverte a composição padrão do gênero. Tal *post* encontra-se em (8). A peculiaridade do *post* manifesta-se também no elemento dêitico utilizado, uma vez que foi o único caso no *corpus* todo em que foi utilizado um demonstrativo (*aquela*), tendo aparecido apenas artigos como dêiticos. O trecho em negrito corresponde ao que se considerou como sendo a oferta.

- (8) "Cantada de feirante: quem é aquele menino loiro, alto, com cara de italiano que é militante do PSTU e deve estudar Ciências Sociais? Queria saber quem é, para dar aquela monitorada. E se puderem, já informem logo se o cara curte 'manga com melões' ou 'banana com ovos' (ou até 'melão com banana', afinal as possibilidades são múltiplas)!! A FFLCH tá cheia de frutas, mas vá que **este aí curte uma que tenho na banca?** Agradeço!"

A princípio, consideramos que a orientação do *post* ao alvo possibilitaria maiores possibilidades de interpelações, entretanto, a quantidade de *posts* orientados aos leitores impede generalizações, uma vez que é muito baixa (14 *posts* dentre 111), enquanto *posts* orientados ao alvo são 82 casos, e, sendo eles iniciados por vocativos, confirma a estrutura prototípica apresentada no exemplo (3).

Estabelecida a estrutura do gênero e a análise das interpelações, passou-se ao estudo pormenorizado da construção do sintagma nominal, considerando as estratégias da Ancoragem Nominal (LANGACKER, 2008) e o cruzamento com os parâmetros (a) e (b).

As estratégias foram, ao todo, utilizadas 208 vezes, distribuindo-se em 184 ocorrências da estratégia descritiva (85,46%), 24 ocorrências da estratégia dêitica (11,54%) e 0 ocorrências da estratégia quantificadora (0,00%). Essa distribuição era esperada, uma vez que, devido à necessidade de estabelecer um referente sem que se conheça características únicas (*featural singletons*) que instanciem diretamente o referente, os produtores dos *posts* necessitam elaborar uma descrição exaustiva, a fim de proporcionar os leitores da página (dada a tensão existente na orientação do *post*) elementos que possam ser reconhecidos. Em outras palavras, a seleção de uma dada característica em detrimento de outra simultaneamente seleciona e exclui leitores capazes de depreender o referente, de modo que uma descrição utilizada permanece em uma mescla de ser reconhecida por poucos leitores e reconhecida pela pessoa-alvo.

Tal reconhecimento está relacionado ao que Oakley (2009) chama de compartilhamento e harmonização de conhecimento, presente no Sistema Interpessoal da Atenção Humana proposta pelo autor. O compartilhamento é a “condição ontogeneticamente básica de acessibilidade perceptual constante de outro como um componente permanente do campo de atenção” (OAKLEY, 2009, p. 34). O compartilhamento da atenção refere-se à compreensão compartilhada entre produtor e leitor, entretanto, é apenas com a harmonização do conhecimento – a partir do acesso que o leitor tem ao que o produtor foi capaz de descrever da pessoa-alvo – que os conhecimentos dos sujeitos da concepção (LANGACKER, 2008) são, de fato, harmonizados, definidos como sendo os mesmos, de modo que possibilita que o leitor seja capaz de

recuperar a pessoa procurada dentre seu conhecimento de pessoas com aquela descrição. Esse processo de harmonização iniciado pelo produtor é a sua estratégia de direcionamento de atenção (OAKLEY, 2009). O direcionamento, no caso desta pesquisa, é realizado através da construção de descrições que ativem os nós na rede de conhecimento do leitor, de modo que a descrição direcione o caminho mental que o leitor deve realizar para conseguir recuperar na memória a pessoa-alvo instanciada na descrição do *post*. Isso justifica a porcentagem de 85,46% da estratégia descritiva, uma vez que o processo atencional requerido nesse tipo de *post* é alto, similarmente ao requerido nos estudos de busca visual.

Um exemplo da intensa descrição da pessoa-alvo pode ser visto em (9), em que o *post* é composto por apenas duas linhas, e o sintagma nominal, que apresenta a descrição, compreende o núcleo (*boy*) e sete modificadores (cada um separado por uma barra vertical: |), restando apenas uma interpelação com seis palavras ao todo.

(9) "Quenhé o **boy | lindo | da Letras | que tava Sábado no Minhoqueens? | Do segundo ano eu ACHO²¹, | alto, | cabelo meio cacheado, | maravilhoso!** | Quero contatos, face, Twitter, Instagram, CPF!!!!"²²

Em (9), também é possível observar o uso do elemento dêitico, um artigo definido masculino singular (*o*). Os usos de dêiticos correspondem a 11,54% do total de estratégias utilizadas em todo o *corpus*. Em todos os casos, tais recursos iniciam os sintagma nominais que funcionam sintaticamente como complemento de um verbo, em geral, o *ser*. Dentre os dêiticos amostrados no *corpus*, houve uma alternância de artigos definidos e indefinidos, mas que se apresentam de acordo com um padrão: processo relacional identificativo (geralmente construído pelo verbo *ser*) requer o artigo definido, enquanto processo relacional existencial (geralmente construído pelo verbo *ter*, com sentido de *haver*) requer o artigo indefinido. Essa distribuição corresponde a 100% dos usos de indefinidos estando em processo relacional existencial, e o processo relacional identificativo admitindo artigo definido em 87,50% dos casos e demonstrativo (caso (8)) em 12,50% dos casos.

O uso de dêiticos está diretamente relacionado ao estabelecimento de referência, uma vez que, sendo a referência uma atividade discursiva (KOCH, 2015, p. 47), o "sujeito, na interação, opera sobre o material linguístico que tem à sua disposição, operando escolhas significativas para representar estados de coisas, com vistas à concretização do seu projeto de dizer". Desse modo, dada a finalidade do dizer do produtor, ele utilizará recursos linguísticos que o apoiem em seu processo. Assim, ao utilizar um verbo que apresente um processo relacional identificativo (verbo *ser*, prototipicamente), o produtor fará uso de um artigo definido, uma vez que o emprego "de uma expressão nominal introduzida por um artigo definido ou por pronome demonstrativo (descrição definida) implica uma pressuposição de conhecimento partilhado e obriga o interlocutor a uma busca no contexto, cognitivo ou situacional" (KOCH, 2015, p. 194). Assim, o produtor, ao

²¹ A expressão "eu ACHO" é uma estrutura parentética e, portanto, não se integra na estrutura do sintagma nominal.

²² Post de número 9.803, disponível em: <https://www.facebook.com/spottedoreturno/posts/1287008411314365>

utilizar o artigo definido em (9), pressupõe que seu leitor tenha esse conhecimento – de quem seria a pessoa-alvo – e utiliza o artigo definido para harmonizar o seu conhecimento com o do leitor, assim como direcionar o caminho que o leitor deve realizar para recuperar a pessoa-alvo. Não foi o objetivo desse trabalho, mas seria interessante verificar se há uma maior efetivação de sucesso em encontrar a pessoa-alvo quando se utiliza da estratégia dêitica em detrimento da não utilização.

Em contrapartida, o uso de artigo indefinido não pressupõe, a princípio, o conhecimento compartilhado do produtor e do leitor; nesse caso, o artigo indefinido funciona como um introdutor de um objeto-do-discurso novo, não antes mencionado, como vemos em (10). O uso dos artigos indefinidos restringiu-se, no *corpus*, a casos com o verbo *ter*, um processo relacional existencial. Por ser um processo existencial, a primeira função da descrição é definir uma referência, ou seja, uma existência; como não havia sido definida anteriormente (seja discursiva e cognitivamente), o uso do indefinido parece suprir as necessidades, visto que se fosse utilizado o artigo definido, haveria distúrbios entre o estabelecimento de uma nova referência, existência, com um elemento linguístico que já pressupõe a sua existência.

(10) "Tem **uma** moça que eu vejo frequentemente no prédio da Sociais. Ela tem cabelos pretos, não é muito alta e geralmente está com uma blusa listrada branco e azul (exceto hoje (07/03), que ela estava com uma blusa vermelha), e geralmente a vejo sozinha. Acho ela linda!"

Em (10), também é possível verificar uma das manifestações linguísticas da estratégia descritiva, a oração encaixada relativa funcionando como modificador do núcleo *moça*. As descrições encontradas no *corpus* manifestaram-se em três possibilidades: adjetivo, oração relativa e sintagma preposicional. A distribuição percentual das manifestações linguísticas das descrições aponta a oração relativa como a mais utilizada, correspondendo a 76 ocorrências (41,30%) das 184 totais, seguida do sintagma preposicional que teve 74 ocorrências (40,22%) e, por último, os adjetivos com 34 ocorrências (18,48%), apresentados em (11), (12) e (13), respectivamente.

(11) "moço de camisa jeans e cabelo cacheado **que pegou o circular 1 hoje, 03/03, por volta das 17h e desceu na fflch;** você tinha uma tatuagem no braço e eu passei o rolê todo tentando ler. o que tava escrito, afinal?"²³

(12) "Moça **aquariana** da história que me beijou ontem (11/02) na caixa de som enquanto tocava baile de favela. Quero te dar muitos outros beijos, cê é maravilhosa."²⁴

(13) "moço **da cênicas** que tá fazendo lit infantil na letras: vc bja moços, moço?"²⁵

Foi hipotetizado que haveria uma relação entre a manifestação linguística das descrições e a natureza das mesmas, buscando encontrar um padrão de correspondências entre fixidez e situacionalidade e determinadas construções linguísticas. Cruzando esses dados, foi relevante a alternância ocorrida com os adjetivos e com as orações relativas, em que houve uma tendência de características fixas serem construídas linguisticamente por meio de adjetivos, enquanto características situacionais tenderam a ser construídas por

²³ Post de número 10.379, disponível em: <https://www.facebook.com/spottedoretorno/posts/1299375070077699>

²⁴ Post de número 9.779, disponível em: <https://www.facebook.com/spottedoretorno/posts/1286364318045441>

²⁵ Post de número 10.388, disponível em: <https://www.facebook.com/spottedoretorno/posts/1299376260077580>

orações relativas, como evidenciado pela tabela 3, uma vez que, em relação a características fixas, orações relativas apresentaram 28 ocorrências (23,14%) de um total de 121 ocorrências totais, enquanto adjetivos apresentaram 24 ocorrências (28,10%) e sintagmas preposicionais apresentaram 59 ocorrências (48,76%). Em relação a características situacionais, as orações relativas deixam de ser a manifestação menos frequente e passam a configurar-se como a mais frequente, correspondendo a 48 das ocorrências (76,19%) de um total de 63, enquanto sintagmas preposicionais apresentaram 15 ocorrências (23,81%) e adjetivos não apresentaram nenhuma ocorrência.

Tabela 3. Distribuição percentual das manifestações linguísticas das descrições e relação com parâmetro (a)

Manifestações linguísticas da descrição	N=121		N=63	
	N	%	N	%
Adjetivo	34	28,10%	0	0,00%
Oração relativa	28	23,14%	48	76,19%
Sintagma preposicional	59	48,76%	15	23,81%

Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi apresentar a articulação do modelo de análise da Ancoragem Nominal (LANGACKER, 2008) em uma modalidade de *posts* da página *Spotted FFLCH – o retorno*, da rede social *Facebook*, buscando estabelecer relações com a estrutura do gênero, assim como com as atividades atencionais exercidas, tanto por parte do produtor do texto quanto pelo leitor, a partir dos estudos de atenção ligados à busca visual, da Psicologia Cognitiva. A similaridade da atividade atencional exercida nesses estudos mostra-se relevante como objeto de análise, uma vez que se observam vantagens teórico-analíticas na consideração integrada de aspectos cognitivos e discursivo-textuais para análise de usos reais da língua.

Este trabalho não esgotou todas as possibilidades de gêneros da página *Spotted FFLCH – o retorno*, entretanto, aponta a importância social da mesma, uma vez que se configura como um espaço de construção de relações, de extrema atividade entre a comunidade estudante da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Outros *Spotted*s também são encontrados em outras unidades da Universidade de São Paulo, assim como em outras universidades, por exemplo, UNIFESP, UNESP, entre outras. Analisar essas atividades sociais e seus impactos na comunidade mostra-se relevante tanto no aspecto sociológico quanto no linguístico, uma vez que pode mostrar-se um local favorável de emergência das práticas linguísticas de determinada comunidade. Assim, analisar os efeitos da associação linguística e psicológica é relevante, no sentido de estabelecer relações entre o direcionamento de atenção e a composição do sintagma nominal, buscando manifestações linguísticas de processos cognitivos ligados a atividades sociointeracionais.

Por fim, espera-se ter contribuído com esta pesquisa para uma visão cognitiva da construção do sintagma nominal, suas relações com outras capacidades cognitivas, assim como com sua função social e sociointeracional.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261-306.
- DUNCAN, John. HUMPHREYS, Glyn W. Visual Search and Stimulus Similarity. **Psychological Review**. v. 96, n. 3, Washington, 1989, p. 433-458.
- EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. **Cognitive Linguistics: an introduction**. Edinburg: Edinburg University Press, 2006.
- FERRARI, Lilian. **Introdução à Linguística Cognitiva**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- FREGE, Gottlob. **On Sense and Reference**. Tradução de: Max Black. Contribuidores: Yann, Jusjih, John Vandenberg, PoliticalBot, WAdeVries, ResidentScholar, Oreo Priest, Ingram, Billingham, JeepdaySock, Rhalah and Anonymous: 12. 2013 [1892]. Disponível em: <http://en.wikisource.org/wiki/On%20Sense%20and%20Reference?oldid=4276834>
- GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert (org.). **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. New York: Oxford University Press, 2007, p. 170-187.
- HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. **An Introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold, 1994.
- KOCH, Ingedore. **As tramas do texto**. São Paulo: Contexto, 2015.
- LANGACKER, Ronald W. **Cognitive Grammar: a basic introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- LIMA-LOPES, Rodrigo Esteves; VENTURA, Carolina Siqueira Muniz. A transitividade em português. **DIRECT PAPER 55**. Brasil, Reino Unido: LAEL, AELSU, 2008.
- OAKLEY, Todd. **From Attention to Meaning: Explorations in Semiotics, Linguistics and Rhetoric**. Volume 8. Bern: Peter Lang, 2009.
- O'DONNELL, Michael. Demonstration of the UAM CorpusTool for text and image annotation. **Proceedings of the ACL-08: HLT Demo Session (Companion Volume)**. Columbus, Ohio: Association for Computational Linguistics, 2008, p. 13–16. Disponível em: <http://www.wagsoft.com/CorpusTool/>
- RUSSELL, Bertrand. On Denoting. **Mind**, New Series, Vol. 14, No. 56. (Oct., 1905), pp. 479-493. Disponível em: <http://links.jstor.org/sici?sici=00264423%28190510%292%3A14%3A56%3C479%3AOD%3E2.0.CO%3B2-P>
- STERNBERG, Robert; STERNBERG, Karin. **Cognitive Psychology**. 6ª ed. Belmont: Wadsworth Cengage Learning, 2012.
- TREISMAN, Anne Marie. Features and objects in visual processing. **Scientific American**, 255 (5). Estados Unidos da América, Nova Iorque: Scientific American Press, 1986, p. 114-125.

Pessoas são coisas? Uma análise de metáforas em revistas adolescentes

Helena Capriglione ZELIC¹

Resumo: *Este artigo se propõe a refletir sobre o papel das metáforas como ferramenta discursiva, bem como sobre a questão da objetificação e mercantilização das mulheres na sociedade brasileira contemporânea, a partir da metáfora situada PESSOAS SÃO COISAS, com ocorrências em edições impressas das revistas Capricho e Atrevida. Esta análise compõe a pesquisa de iniciação científica “Discurso, mídia e gênero: um estudo sobre os relacionamentos nas revistas Capricho e Atrevida e seu impacto sobre a juventude feminina”, realizada entre 2015 e 2016 com apoio do CNPq.*

Palavras-chave: *análise crítica do discurso; linguística cognitiva; gênero; mídia feminina; metáfora.*

Introdução

Este artigo pretende apresentar alguns aspectos dos estudos das metáforas, com base nos acúmulos da Linguística Cognitiva e da Análise Crítica do Discurso. O aprofundamento na questão da função discursiva das metáforas abre espaço para uma reflexão sobre as possibilidades de compreensão, manutenção e alteração da linguagem e da sociedade a partir delas e vice-versa.

A análise subsequente refere-se às metáforas presentes em edições de 2014 e 2015 das revistas impressas Capricho (#1200, #1204 e #1208) e Atrevida (#239, #242, #246), voltadas para o público feminino adolescente. O recorte é representacional, reunindo materiais em texto e imagem centrados nas temáticas da sexualidade e dos relacionamentos afetivo-sexuais. Estes materiais pertencem aos gêneros carta de aconselhamento, horóscopo, reportagem e entrevista.

A metáfora PESSOAS SÃO COISAS, escolhida para esta análise, nos permite debater assuntos urgentes e emergentes na sociedade contemporânea, como a normatividade sistêmica, a mercantilização e a objetificação dos corpos das mulheres; a forma como são organizadas socialmente as sexualidades e os relacionamentos entre homens e mulheres de diversas idades, inclusive durante a adolescência; e as ferramentas utilizadas para estruturar ou reestruturar os discursos das mídias femininas sobre comportamento e relacionamentos afetivo-sexuais.

Faz parte dos objetivos desta pesquisa analisar o papel das revistas Capricho e Atrevida no contexto contemporâneo, e, para isso, faz-se necessária a referência às contribuições sobre discurso, ideologia, gênero e sexualidade, formuladas no decorrer da história e ainda atuais ou paralelas à atualidade. O estudo das metáforas será aqui o elemento central para uma análise integrada, multidisciplinar, unificando a compreensão do discurso à das práticas sociais.

¹ Graduanda em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, tendo desenvolvido pesquisa de Iniciação Científica sob orientação do Prof. Dr. Paulo Roberto Gonçalves-Segundo. Bolsa PIBIC/CNPq. E-mail: helena.zelic@gmail.com

1. Referências teóricas

A Análise Crítica do Discurso é uma linha científica e metodológica de reflexão sobre a linguagem em uso, a partir da compreensão da linguagem como prática social, intrinsecamente relacionada ao funcionamento da sociedade. Esta compreensão se alinha ao funcionalismo, perspectiva linguística que, resumidamente, observa a linguagem como “uma realidade fundamentalmente social” (GOUVEIA, 2009, p.17), instanciada a partir da unidade fundamental que é o texto. Norman Fairclough, um dos expoentes da ACD, afirmou em sua Teoria Social do Discurso (2001) a percepção da linguagem como parte irredutível da vida social dialeticamente interconectada a outros elementos sociais. Isso significa que texto, discurso e sociedade passam a ser estudados como elementos formadores entre si, em um sistema tridimensional de imbricação baseado em estruturas sociais – na ACD, não é necessário ou mesmo coerente separar as análises linguísticas e sociais, já que ambas, integradas, são a própria ACD em seu desenvolvimento completo (RAMALHO & REZENDE, 2006).

O discurso é compreendido como um elemento de influência e força bidirecional: é constituído socialmente, nas práticas cotidianas individuais, coletivas e institucionais, nas casas, escolas, meios de comunicação, ambientes de trabalho, espaços culturais, de entretenimento ou de resistência, etc. Ao mesmo tempo, é também constitutivo de identidades sociais, relações sociais, sistemas de conhecimento e crença, com objetivos de produzir, reproduzir, contestar ou transformar as ideologias hegemônicas. Teun Van Dijk, em *Semântica del discurso e ideología* (2008), sintetiza o marco teórico da ideologia na formação discursiva:

As ideologias são marcos básicos de cognição social, são compartilhadas por membros de grupos sociais, estão constituídas por seleções de valores socioculturais relevantes, e se organizam mediante esquemas ideológicos que representam a auto definição de um grupo. Além de sua função social de sustentar os interesses dos grupos, as ideologias têm a função cognitiva de organizar as representações (atitudes, conhecimentos) sociais do grupo, e assim gerenciar indiretamente as práticas sociais grupais e, portanto, também o texto e a fala de seus membros (VAN DIJK, 2008, p. 208, tradução livre).²

Por abarcar todas estas questões, a ACD é dialética, relacional e transdisciplinar: dialética, porque posiciona o discurso como uma prática heterogênea, posicionada em determinada conjuntura, em constante relação com outros discursos; relacional, porque presume a interação na comunicação, a presença de um “outro” que receba, atribua significados e reaja a determinados discursos; transdisciplinar, porque agrega à análise, de forma transversal, além da linguística e das ciências sociais, referências teóricas de inúmeras outras ciências e campos de pesquisa relativos aos discursos tanto em forma como em conteúdo. Cabem, então, ao analista crítico, o tato na investigação da construção discursiva escolhida para pesquisa e a escolha de áreas e referências agregadoras e instigantes.

² No original: “Las ideologías son marcos básicos de cognición social, son compartidas por miembros de grupos sociales, están constituidas por selecciones de valores socioculturales relevantes, y se organizan mediante esquemas ideológicos que representan la autodefinition de un grupo. Además de su función social de sostener los intereses de los grupos, las ideologías tienen la función cognitiva de organizar las representaciones (actitudes, conocimientos) sociales del grupo, y así monitorizar indirectamente las prácticas sociales grupales, y por lo tanto también el texto y el habla de sus miembros.”

Nesta pesquisa, a análise de metáforas como elemento para a análise crítica do discurso das revistas adolescentes foi uma escolha que agregou uma perspectiva cognitivista ao funcionalismo da ACD. A Linguística Cognitiva, enquanto abordagem voltada à percepção da linguagem relacionada à experiência humana, pode nos indicar novos resultados ao se responsabilizar pela contextualização social, histórica e cultural destas experiências humanas no mundo (SILVA, 1997). O estudo de recursos e de estruturas da linguagem gerados e sustentados cognitivamente nos permite depreender alguns indícios da organização das pessoas em comunidades, coletivos ou sociedades a partir do reconhecimento de suas experiências, usos linguísticos, conhecimentos, associações e categorizações.

Este é o caso das metáforas. Na perspectiva linguística cognitivista e discursiva, Croft & Cruse (2004, p. 193) resumiram o conceito de metáfora como “a interação entre dois domínios construídos a partir de duas regiões de significado, e o conteúdo do domínio-fonte consiste em um ingrediente do alvo, construído por meio de processos de correspondência e mesclagem”. O modelo de análise metafórica aqui utilizado é baseado na Teoria da Metáfora Conceptual, iniciada por Lakoff & Johnson (1980) e desenvolvida posteriormente por autores como Kövecses (2002) e, no Brasil, por Vereza (2007, 2010) e Gonçalves-Segundo (2014). A partir da fórmula “DOMÍNIO-FONTE É DOMÍNIO-ALVO”, são encontradas as transferências entre os domínios, processo que consiste na projeção de um domínio-fonte (neste caso, “coisas”) sobre um domínio-alvo (neste caso, “pessoas”) e na projeção de correspondências entre eles (exemplo: “se mulheres são objetos, os homens são possuidores”). Estas analogias seguem uma lógica de associação validada pontualmente, amplamente ou completamente em um contexto sociocultural determinado. Assim, configura-se a categorização das metáforas em três instâncias de penetração sociocultural: situada, conceptual e distribuída.

A metáfora situada seria aquela cuja ocorrência é pontual, e sua compreensão exige uma contextualização específica e restrita. As metáforas distribuídas e conceptuais tiveram maior relevância nesta pesquisa, por apontarem indícios cognitivos sobre associações e usos linguísticos referendados por um contexto histórico, social e cultural mais abrangente. Sobre as metáforas conceptuais, ou seja, aquelas que estão enraizadas na linguagem de uma sociedade (muitas vezes tão naturalizadas que, à primeira vista, sequer são encaradas como metáforas), Gonçalves-Segundo & Zelic (2016, p. 75) afirmam que:

Tais tipos de metáfora atravessam discursos e, na verdade, encontram-se disseminadas por diversos grupos culturais, sendo parte do Common Ground (VAN DIJK, 2014) de uma sociedade. Elas, inclusive, têm impacto na própria estruturação gramatical das línguas.

Já as metáforas distribuídas - indicam as ocorrências que são recorrentes - fazem parte da linguagem cotidiana de determinados grupos sociais, mas não foram completamente naturalizadas. São elas as metáforas que mais refletem ideologias. Muitas vezes, inclusive, é tênue a linha entre a internalização cognitiva parcial ou completa de uma metáfora por um grupo social, necessitando uma análise atenta para definir os limites, na prática, na categorização entre metáfora conceptual e metáfora distribuída.

O uso regular das metáforas nas revistas adolescentes nos indica quais as associações entre domínios fonte e alvo referendadas pelas revistas e quais discursos são, pelas metáforas, reiterados, amenizados ou contrariados. A metáfora pode ser, portanto, um instrumento para compreensão do papel da cultura e da comunicação na produção de sentidos. Desse modo, o discurso tem um papel organizador e estruturador da experiência sociocognitiva.

Além disso, as significações dos domínios dependem do grupo social e do modelo cultural envolvidos no dado contexto. As metáforas são indicativos da assimilação dos domínios fonte e alvo nas vidas cotidianas das leitoras adolescentes. PESSOAS SÃO COISAS, por exemplo, diz respeito à forma como as garotas adolescentes recebem e compreendem as ideias de coisa, de pessoa, de relacionamento, de corpo e a correspondência entre todos estes elementos.

Os domínios são introduzidos pelos meios de comunicação e por outros atores sociais/instituições diversos (a família, a escola, a igreja, a política, o modelo econômico etc.), responsáveis pela formação, transformação e/ou adequação destas pessoas a padrões normativos de vida e pela compreensão do mundo. Analisar a associação e interação dos domínios distintos pode resultar na investigação, tanto da experiência e uso de cada domínio, quanto das motivações para as conexões entre fonte e alvo. “A metáfora passa a adquirir um estatuto cognitivo antes não reconhecido”, afirma Kittay (1987 apud VEREZA, 2007, p. 489). Assim, em vez de apenas ornamentais, os processos de metaforização puderam ser compreendidos como processos cognitivos que compõem a estruturação da linguagem e do discurso.

O uso das metáforas pode nos dizer muito, portanto, sobre os discursos das revistas femininas para adolescentes, que ainda são muito pouco estudadas nas investigações sobre gênero, mídia, comunicação ou discurso. As pesquisas sobre revistas femininas para mulheres adultas são mais frequentes e possuem grande importância para a comparação e a conformação de paralelos, aproximações e distanciamentos entre estas e as voltadas para adolescentes. Há décadas, as revistas femininas, com suas diferenças entre si (de acordo com propostas editoriais, público-alvo etc.), são marcadas pela limitação dos assuntos que cabem às mulheres, assumindo-os (ao mesmo tempo em que os impõem) como aqueles referentes ao espaço doméstico e privado. A cartilha da SOF Sempre Viva Organização Feminista (2013, p.06) sintetiza bem as questões imbricadas na ofensiva do patriarcado sobre a vida das mulheres:

O fato de que vivemos em uma sociedade patriarcal faz com que as ideias e práticas dominantes sejam definidas pelos homens que detêm o poder. Isso significa inclusive que os discursos sobre o que é ser mulher são construídos a partir da ideologia patriarcal (SOF, 2013, p. 06).

As mudanças significativas na organização da sociedade geraram mudanças também dos discursos das revistas – não foram, porém, responsáveis por alterar as raízes e as estruturas, tanto da sociedade quanto das publicações. No que diz respeito aos relacionamentos, as revistas adolescentes possuem alguma abertura para tratar de assuntos antes “proibidos” mas, ainda assim, são muito marcadas pelo androcentrismo e pela heteronormatividade.

São as ambiguidades da imprensa feminina: ela foi um instrumento de democratização da moda, trouxe informações sobre sexo, contribuiu para a revolução sexual e todavia sugere a colocação de próteses como uma grande conquista de beleza e de identidade. A mulher pratica um autoconsumo, consumindo-se. [...] O discurso da imprensa feminina é fundamentalmente de sugestões normativas, de receituário para todo tipo de ação humana (BUITONI, 2014, p. 41-42).

A objetificação das relações afetivo-sexuais, bem como dos corpos e das vidas das garotas – presente na metáfora PESSOAS SÃO COISAS – é parte deste sistema, pois limita as experiências das jovens de acordo com o ponto de vista masculino. Este ponto de vista geralmente está relacionado ao controle e ao poder, uma vez que o sistema vigente, capitalista e patriarcal, é um sistema que rege a desigualdade. A análise de dados abaixo discute, a partir das contribuições teóricas, o discurso das revistas sobre o lugar dos homens e das mulheres no exercício do afeto e da sexualidade.

2. Análise de dados

No corpus, foram apuradas dezenas de ocorrências metafóricas, categorizadas em oito metáforas de domínios-fonte distintos, sendo constantes os domínios-alvo “AMOR”, “RELACIONAMENTOS” e “SEXO”. Para a análise, observou-se a recorrência nos textos e a relevância de cada metáfora no contexto da construção discursiva e, por conseguinte, da manutenção ou refutação de ideologias dominantes. Para isso, foi preciso considerar o público-alvo, as propostas editoriais e o papel ativo destas mídias no lazer e na formação das garotas adolescentes, que conformam o público. Também representou parte importante da análise a compreensão sobre seu uso na sociedade contemporânea: se naturalizado na linguagem (metáfora conceptual), se utilizado de maneira pontual (metáfora situada) ou ainda se representa uma associação ligada a grupos ideológicos específicos (metáfora distribuída). Em PESSOAS SÃO COISAS, as ocorrências se ramificam em subcategorias metafóricas: MULHERES SÃO COISAS, HOMENS SÃO COISAS, MULHERES SÃO COMIDA, HOMENS SÃO COMIDA. A diferenciação entre mulheres e homens para a metáfora deriva da marcação de distinções sociais entre os processos de objetificação para cada um dos gêneros. Tratam-se de caracterizações distintas que advém de um mesmo fato: seja na sociedade, seja especificamente na linguagem, as mulheres não são tratadas como mulheres e, portanto, como seres humanos, mas sim como coisas, que podem se expressar no *corpus* como objetos ou mesmo comidas. As associações são, portanto, uma evidência de que as metáforas são referendadas e disseminadas a partir do paralelo que produzem, como uma tradução, da realidade social, histórica e cultural. Dentro da metáfora PESSOAS SÃO COISAS, portanto, se verifica PESSOAS SÃO COMIDA, categoria que se divide entre HOMENS SÃO COMIDA e MULHERES SÃO COMIDA. Para PESSOAS SÃO COMIDA, há as seguintes ocorrências:

A. “Por mais delicioso que seja visualizar essa cena (tem algo melhor que Marlon + batata frita?), as chances de o cara ser mais alguém, “talvez um salva-vidas”, como ele mesmo disse na entrevista, eram grandes.” [Capricho, 11/04, p.21]

B. “Já com as peguetes, a história muda. A primeira dúvida é descobrir se a menina é gostosa ou não. (“Gostosura” tem muito de gosto pessoal, tá?)” [Capricho, 07/14, p.100]

C. “Projeto verão: lembre-se, todos os dias, de que ele tem uma noiva. Esquecer alguém é tipo reeducação alimentar. É difícil se acostumar com a dieta nova, mas logo você não vai sentir mais falta das gordices.” [Capricho, 11/14, p.82]

A ocorrência A está inserida em uma matéria sobre o modelo brasileiro internacional Marlon Teixeira, em formato de texto com entrevista e uma grande parte do espaço da revista destinada às suas fotografias, em ensaio realizado em uma cama, com o modelo sem camisa. O texto sugere, diversas vezes, uma atenção especial para a beleza de Marlon Teixeira e suas outras características positivas, colocando-o como um exemplo de homem a ser desejado para relacionamentos. A partir desta linha, posiciona o modelo junto ao universo da comida e o caracteriza como “delicioso”. O uso deste termo e outros semanticamente semelhantes é recorrente na sociedade brasileira atual, mas atinge potencialidades distintas quando direcionado para homens ou para mulheres. Através do recurso metafórico, ocorre um processo de objetificação sobre Marlon Teixeira. Esta objetificação, porém, é distinta daquela que recai sobre mulheres, pois não se trata de uma opressão sistemática, baseada na divisão desigual entre espaços público e privado ou em relações de poder. Pelo contrário: a abertura na possibilidade de objetificação de homens por mulheres tem uma expressão pontual e é recente, resultante dos avanços de uma liberação sexual iniciada na segunda metade do século XX.

Também as ocorrências da objetificação dos homens não representam o final da busca pela superação da desigualdade de gênero, mas sim um desvio que, mascarado, ainda coopera na sustentação da ideologia hegemônica: embora com maior abertura sexual, o assunto central das meninas adolescentes segue em torno de suas relações e projeções de relações com os homens. A criação de pontes entre as leitoras e os ídolos, como é o caso da reportagem em questão, se configura como mais uma das estratégias discursivas das revistas, da cultura hegemônica e da indústria do entretenimento como um todo. Por meio do estreitamento das relações assimétricas de intimidade não recíproca à distância (THOMPSON, 2011), as revistas reforçam a ideologia dominante a respeito da sexualidade, os ídolos têm suas imagens alavancadas, bem como as empresas e marcas por trás deles.

A ocorrência B, que caracteriza mulheres como possivelmente gostosas, está presente em um texto que parte de depoimentos de jovens garotos sobre a performance masculina durante o sexo de acordo com uma retrógrada classificação de mulheres. O trecho em questão tem como pressuposto uma dicotomia recorrente: namorada e “peguete” (aquela com a qual não se tem um relacionamento sério, mas sim casual), também reproduzida na sociedade por “mulher para casar” x “mulher para pegar” (“pegar” também é parte da metáfora PESSOAS SÃO COISAS) ou por “santas” x “putas”. Esta dicotomia é nociva para a vida das mulheres porque as divide e categoriza de acordo com padrões morais e moralizantes, insuficientes para retratar seus

comportamentos e suas sexualidades, que são mais plurais e lotados de possibilidades. Novamente, a cartilha da SOF (2013, p. 08) é uma referência na compreensão da presença ideológica do patriarcado sobre a sexualidade:

A banalização traz consigo uma padronização no exercício da sexualidade, impondo um padrão aceitável de como cada um e cada uma deve vivenciar a sua, e uma constante vigilância e controle sobre ela, demonstrando que, assim como objetos ou mercadorias, no plano do sexo também as mulheres devem ser vistas como disponíveis e pertencentes aos homens. Dentro desse modelo, a cultura dominante estimula as mulheres a alternarem seu comportamento sexual de acordo com as novas exigências masculinas.

Ao falar que "a primeira dúvida é descobrir se a menina é gostosa ou não", a revista *Capricho* direciona suas leitoras à ideia de que a aceitação de seus corpos pelos parceiros sexuais deve ser a prioridade na relação. Se entram na categoria "peguetes", suas existências se resumem a seus corpos, que devem estar de acordo com o gosto masculino. Segundo o texto, esse gosto "é muito pessoal". Tal afirmação é contraditória com a própria premissa do texto, pois este, caso incentivasse realmente a descoberta pessoal dos gostos, não se delimitaria na dicotomia normativa dos modelos de comportamento já descritos. Neste sentido, o discurso proposto mascara a normatividade, a manutenção constante de padrões e a parte construída socialmente dos gostos, da atração e da sexualidade. O termo "peguete" também se destaca pelo uso do sufixo -ete, que tem origem na língua francesa e, neste caso, possui a função de ridicularizar e diminuir (ALVES, 2010). As ocorrências metafóricas A e B se diferenciam, portanto, pela estrutura das relações ali presentes e pela forma como os corpos e as sexualidades masculinos e femininos são representados.

A ocorrência C, em um texto de resposta a uma carta de uma leitora que pedia conselhos por estar apaixonada pelo professor, afirma que "esquecer alguém é tipo reeducação alimentar". Isso significa que, ao deixar de se relacionar ou de ter sentimentos por alguém, a pessoa pararia de "se alimentar" da outra e a pessoa entraria em uma "nova dieta", cortando alimentos que gosta, os quais são depois indicados como "gordices". O termo "gordice" é recente e relaciona o ato de comer comidas calóricas com o de ser gordo e/ou engordar. O uso deste termo pejorativo resulta do preconceito com pessoas cujos corpos estão fora dos padrões de beleza, que exigem a magreza como sinônimo de beleza. O esquema abaixo demonstra este desdobramento:

Quadro 1 – Desdobramento metafórico: PESSOAS SÃO COMIDA

DOMÍNIO-FONTE: COMIDA	DOMÍNIO-ALVO: PESSOAS
Gordice	Homem a ser esquecido
Dieta / reeducação alimentar	Esquecimento
Pessoa que ingere alimento	Garota
Controle calórico	Preservação do bem-estar psíquico
Corpo padrão	Mente sã

O esquema é mais um dos indicadores de que, na sociedade atual, o ideal inatingível da padronização dos corpos está diretamente ligado ao bem-estar psíquico das pessoas envolvidas. Sabemos que as

metáforas, tendo um estatuto cognitivo, são resultantes também do contexto social e cultural, que permite tais comparações. Uma metáfora pode, então, indicar informações relevantes a respeito da sociedade e, por estes motivos, a comparação entre relacionamentos e dieta explicita o discurso que a revista mantém ao atingir seu público: apenas faz sentido utilizar metáforas baseadas no universo da dieta e da reeducação alimentar quando se assume que o público leitor que está inserido na dinâmica destas práticas. As garotas adolescentes leitoras da *Capricho* estão, portanto, localizadas dentro deste contexto, e a relação entre corpo e sexualidade é muito próxima, na medida em que um é usado para referenciar o outro.

O excesso de informação sobre emagrecimento e de um padrão de beleza que exalta a magreza é comum em praticamente toda a mídia tradicional voltada para mulheres, seja com a representação na mídia apenas de mulheres magras; seja com propostas de dieta que não são necessárias, equilibradas ou garantidoras de uma alimentação saudável – a motivação das dietas tem origem, dentre outras questões, na formulação patriarcal de sexualidade, à medida que incentiva, muitas vezes, a mudança do corpo para usufruto masculino.

O corpo é visto como a corte de julgamento final sobre o que somos ou o que podemos nos tornar. (...) Por que outra razão estamos tão preocupados em saber se o comportamento generificado corresponde aos atributos físicos? Apenas porque tudo o mais é tão incerto que precisamos do julgamento que, aparentemente, nossos corpos pronunciam (LOURO, 1999, p. 13).

As revistas voltadas para mulheres adultas costumam trazer chamadas genéricas como “perca peso e fique linda para o marido”, o que não aparece de forma explícita nas revistas adolescentes, mas permeia a construção discursiva como um todo, em textos sobre comportamento, beleza e relacionamentos. As questões que decorrem do discurso da beleza são hoje interligadas: a falta de representatividade, a queda na autoestima das adolescentes, a insegurança de não ter um relacionamento, a insegurança e falta de autonomia em relacionamentos, a proximidade com práticas não saudáveis de modificação corporal, a indústria da beleza que patrocina muitas páginas das mídias femininas.

Ainda em *PESSOAS SÃO COISAS* constam duas metáforas que pertencem à subcategoria *MULHERES SÃO OBJETOS* – a metáfora *HOMENS SÃO OBJETOS* não possui ocorrência no corpus. São elas:

A. “O garoto de sagitário: este mês o sagitariano é da galera! Ele estará muito grudado nos amigos e também a fim de pegar geral.” [*Capricho*, 07/14, p.111]

B. “NÃO SOU TROFÉU! – ‘Nunca viram na minha virgindade uma vantagem ou um prêmio. Foram garotos bem legais!’” [*Atrevida*, 11/14, p.46]

A objetificação é mais uma das formas de demonstração de poder masculino, porque entende a mulher como um corpo sem agência, que não é sujeito de suas próprias ações, passivamente disponível para o usufruto dos homens. É da objetificação que decorre o amplo uso do termo “pegar”, presente na metáfora A, com o suposto significado de “beijar” ou “se relacionar casualmente”. É interessante que, para o ato de

pegar, há apenas um agente: "alguém pega algo"; no caso, o objeto a ser pego é uma garota, já que não foram observadas no corpus quaisquer referências a relacionamentos não-heterossexuais. Cabe aqui pontuar que a invisibilização de orientações sexuais não normativas – a lesbianidade, a bissexualidade – são parte de uma construção discursiva: não dizer já nos diz muito.

A ocorrência B, inserida em uma matéria sobre a sexualidade das meninas adeptas da campanha “Eu escolhi esperar”, que incentiva pessoas a não fazerem sexo antes do casamento, inicia-se com a construção “NÃO SOU TROFÉU!”. A afirmação negativa, direta, em caixa alta, exclamativa, posicionada no início do texto, indica que esta negação é uma resposta a discursos que comparam mulheres com um prêmio a ser conquistado. Também remete a outra metáfora presente no corpus: a de que RELACIONAMENTOS SÃO JOGOS e, portanto, preveem competição, ataques, vitórias e derrotas. No caso, a ideia de transar com uma garota virgem seria uma conquista e, novamente, retira da garota a agência do ato sexual. É positivo que a revista busque negar diretamente esta comparação, porém duvidoso que a afirmação apenas seja negada quando relacionada diretamente a uma campanha de cunho religioso restritivo, que não tem como princípio a liberdade e a autonomia das pessoas no exercício de suas sexualidades.

Considerações finais

A análise aqui apresentada teve por intenção demonstrar as possibilidades do estudo da metáfora como elemento cognitivo-discursivo. De fato, as metáforas não são o único elemento relevante para análise, e tampouco sua relevância está presente em todo e qualquer texto. Mas é exatamente disso que se trata a Análise Crítica do Discurso, pois é preciso observar o texto como primeira instância para compreender seus mecanismos discursivos. No caso das revistas adolescentes, as metáforas não apenas estão presentes quantitativamente, como recurso de aproximação entre a mídia e o público, mas são, além disso, um interessante ponto de referência para a discussão de determinadas associações entre domínios de conhecimento.

O caso de PESSOAS SÃO COISAS demonstrou a necessidade de analisar as metaforizações de forma integrada à leitura sociocultural, em uma metodologia que une estudos cognitivos, linguísticos e sociais. A associação entre tais domínios não é, por si só, responsável pelos processos de objetificação e mercantilização das mulheres na sociedade como um todo; na realidade, ambas as movimentações se retroalimentam, à medida que a sociedade e a linguagem são elementos mutáveis, móveis e associados, e que ambos se desenvolvem a partir do poder e do exercício material de ideologias.

As revistas adolescentes se colocam como veículo de opinião, informação e mesmo formação de garotas jovens em desenvolvimento. Apesar de suas reformulações, demandadas pelas mudanças sociais que extrapolam seu alcance, estas revistas ainda são limitadas no que diz respeito à sexualidade, ao corpo e ao comportamento das jovens garotas em relação ao amor e à afetividade. Reproduzir associações metafóricas

que aplaudem a manutenção de desigualdades sociais (como os padrões de beleza e de comportamento) é apenas mais uma das ferramentas para sua construção discursiva que, mesmo com contradições, se alinha às ideologias hegemônicas.

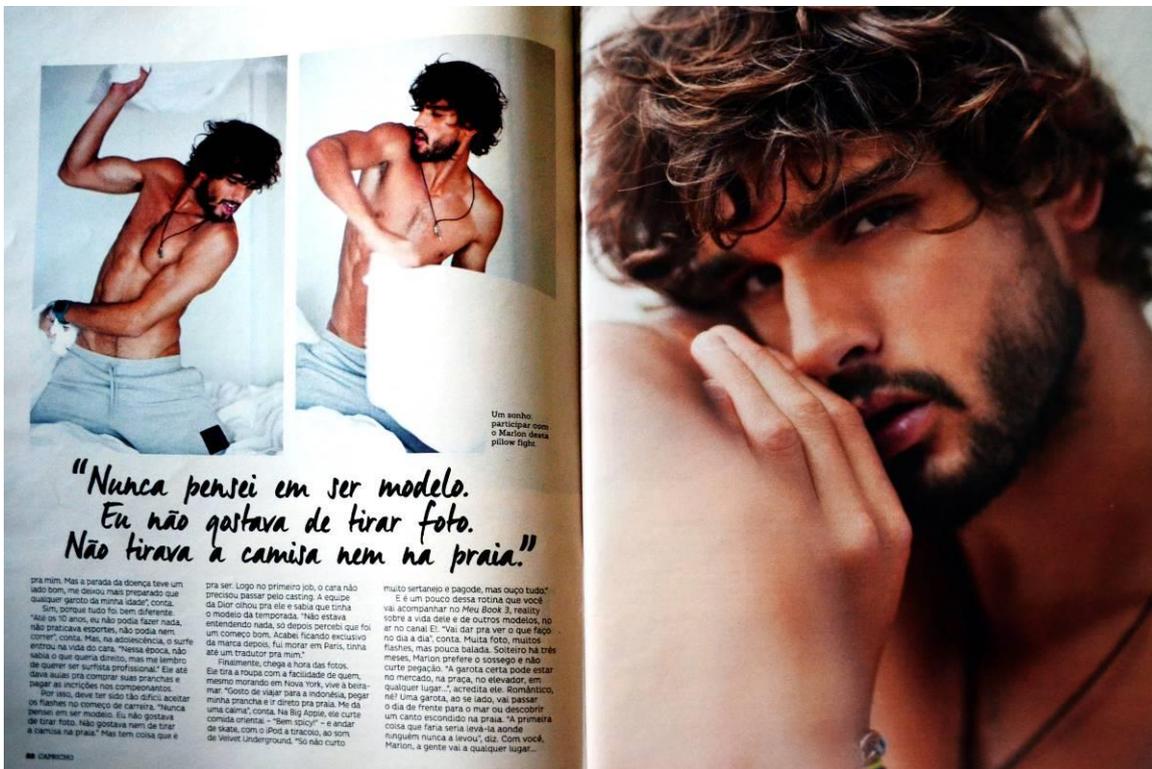
Por fim, esta análise propõe uma discussão, que não se iniciou nem se encerra aqui, sobre o papel dos veículos de comunicação tradicionais na formulação de discursos de objetificação e, por sua vez, no papel desses discursos como ferramenta limitadora e normativa na experiência coletiva e individual das sexualidades inseridas na sociedade brasileira contemporânea.

Referências bibliográficas

- ALVES, Ieda Maria. O sufixo -ete no português brasileiro contemporâneo. **Acta Semiótica et Lingvistica** v.15, Ano 34, n. 1, 2010, p. 201-215
- BUITONI, Dulcilia. Revistas femininas: ainda somos as mesmas como nossas mães. **Communicare**, v. 14, 2014, p. 36-45
- CROFT, William; CRUSE, Allan. **Cognitive Linguistics**. New York: Cambridge University Press, 2004.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. UnB, 2001.
- GONÇALVES SEGUNDO, Paulo Roberto. Convergências entre a Análise Crítica do Discurso e a Linguística Cognitiva: Integração Conceptual, Metáfora e Dinâmica de Forças. **Veredas on-line**, v. 18, n. 2. Juiz de Fora: 2014, p. 32-50.
- GONÇALVES SEGUNDO, Paulo Roberto; ZELIC, Helena. Relacionar-se é investir: ideologia, cognição e metáfora no discurso sobre relacionamento em revistas femininas para o público adolescente. In: NASCIMENTO, Lucas; MEDEIROS, Breno (Org.). **Análise do Discurso e Análise Crítica do Discurso: heranças, métodos, objetos**. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, p.64-91, 2016.
- GOUVEIA, Carlos AM. Texto e gramática: uma introdução à linguística sistêmico-funcional. **Revista Matraga**, v. 16, n. 24, p. 13-47, 2009.
- KÖVECSES, Zoltan. **Metaphor: A Practical Introduction**. Oxford University Press, 2002.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors We Live By**. 1980.
- LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane. **Análise de discurso crítica**. Editora Contexto, 2006.
- SILVA, Augusto Soares. A linguística cognitiva - Uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. **Revista portuguesa de humanidades**, v.1, n° 1-2, 1997, p. 59-101
- SOF. **Prostituição: uma abordagem feminista**. 2013. Disponível em: <http://www.sof.org.br/2014/02/19/prostituicao-uma-abordagem-feminista>. Acesso em 25/01/2017.
- THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Editora Vozes Limitada, 2011.
- VAN DIJK, Teun A. **Semántica del discurso y ideologia**. Artigo Traduzido. 2008.
- VEREZA, Solange. Metáfora e argumentação: uma abordagem cognitivo-discursiva. **Linguagem em (Dis)curso**, v.7. Tubarão, 2007, p. 487-506.
- VEREZA, Solange. O lócus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e cognição**, n° 41, 2010, p. 199-212

Anexos

Anexo I – Nas ondas de Marlon



Fonte: Capricho 11/2014, Especial Garotos

Anexo II – O que eles pensam na hora do sexo?

GAROTOS CONTAM



O que eles pensam na hora do sexo?

Jess e Nick amor geek Rimou!

Como assim? Eles pensam? Sim, e num montão de coisas! Os garotos contaram pra gente o que passa pela cabeça deles na hora da transa

1 SE ELA É VIRGEM	ELE DIZ...	MAS QUER DIZER...
<p>Tensão. Os garotos revelaram que sentem um frio na barriga se a menina não tem experiência. Os caras sabem que a gente tem uma expectativa gigante com a primeira vez, assim como eles também. Unanimidade: todos os entrevistados preferem que a menina conte que nunca transou, assim podem ser mais cuidadosos.</p>	Vamos ver um filme lá em casa?!	Hum... Pode desconfiar que tem coisa aí...
<p>Já com as pegueteas, a história muda. A primeira dúvida é descobrir se a menina é gostosa ou não. ("Gostosura" tem muito de gosto pessoal, tá?) A fofura fica de lado mesmo e o foco é mandar bem. Existe uma reputação a zelar. Eles querem aproveitar, mas também que a garota curta a transa.</p>	Ah, tou de boa hoje...	Ih... não vai rolar nada.
<p>Ah, romance no ar. O momento em que eles transam pela primeira vez com a amada é cheio de romantismo e muita - mas muita - ansiedade. Se você ainda não transou com seu namorado, saiba que ele fantasia muuuuito esse momento. Também rola a preocupação de criar o clima perfeito no dia em que, OMG-OMG-OMG, vai rolar.</p>	A gente precisa se ver de novo.	Poxa, gostei muito de você.
<p>E aí, o que achou?</p>	E aí, o que achou?	Espero que tenha me curtido.

É VERDADE QUE...
os garotos gostam de saber que a menina também está gostando.

Quem deu as informações: Jaqueline Blender, sexóloga.

É MENTIRA QUE...
os meninos não tenham tantas encanações quanto a gente.

NA CABEÇA DELES



O DETETIVE
"Crio uma imagem de como é a menina na minha cabeça, o corpo dela, e fico curioso para saber se é tudo como eu imaginei ou não."
Guilherme Brasil, 16 anos



O EMPOLGADO
"O frio na barriga existe, mas deixa o clima mais gostoso quando estou transando pela primeira vez com a garota. É uma hora em que estamos nos descobrindo."
Lucas Lima, 20 anos



O PREOCUPADO
"Se ela for virgem, rola tomar mais cuidado, não quero que ela sofra. Com sentimento é sempre mais legal."
Gabriel Continelli, 17 anos

Fotos: Divulgação e arquivo pessoal

Fonte: Coluna "Garotos contam", Capricho, 07/2014

Anexo III – Apaixonada pelo professor

MARI RESPONDE

Mariana Araújo é repórter de comportamento

ACCIDENTALLY IN LOVE
L., você deve ter ouvido que paixão pelo professor é um clássico da adolescência. Mas não quero ir por aí. Se tinha uma coisa que eu de-tes-ta-va era escutar que algo era “coisa da idade”, como se meus sentimentos fossem um acidente do qual eu não pudesse desviar na estrada. As pessoas que nos encantam estão pelo mundo e a gente esbarra com elas de vez em quando. Não importa como, né? Agora, será que ele quer ficar com você? Vamos analisar as possibilidades aqui. Spoiler alert: essa história não termina bem. :|

SE ELE NÃO PERCEBE
Você me diz que seu professor te olha de um jeito diferente, L., sempre puxa assunto e pede sua opinião. Tenho que te perguntar: você já reparou se esse não é o jeito dele? Se com esse olhar apaixonado você não está vendo coisa onde não tem? Até porque, se ele realmente não fizer a menor ideia do seu interesse, então ele está focado demais no que tem à frente dele. No futuro. Porque noivos não são só duas pessoas se curtindo, já existem planos de dividir uma vida. E aí desculpe a sinceridade-que-dói, mas não tem espaço para você nos sonhos dele.

ELE SABE, MAS...
Se ele souber da sua crush, L., duas coisas podem estar acontecendo. A primeira: ele alimenta os seus sentimentos porque curte a atenção que você dá. E, enquanto isso, você vive a ilusão de que ele sente o mesmo... Já a segunda alternativa é pior. Ele dá mole para você com aliança no dedo e tudo. Cuidado! “Se envolver com um cara comprometido é correr o risco de ficar em segundo plano”, lembra a psicóloga Andreia Calçada. Mas vou mais longe: um cara que quer te pegar just for fun, sem o menor respeito por você ou pela noiva, não presta!

A ESCOLHA DELE
Mas também tem a chance de ele estar realmente apaixonado por você, L., e sem a menor ideia do que fazer com isso. Parece lindo, né? Mas não é. Porque quem quer mesmo vai atrás. Instintivamente, seu professor fez a escolha dele. Talvez seja até uma escolha ética, porque professores não podem se envolver com alunos. Então, mesmo que role uma paixonite por você, só o fato de não ter feito nada a esse respeito já é o seu “não”. O duro é ser capaz de ouvi-lo no meio desse silêncio. #realidades. Mas vou te ajudar a sair dessa no boxe ao lado.

#FORÇA, GATA!
✖ Não caia nessa: às vezes, a gente acha que enchendo a bola do cara ele vai retribuir o carinho. Mas a verdade é que ele pode te dar umas geladas. E você vai se sentir pior. Tente ficar na sua para não se machucar.

✖ Projeto verão: lembre-se, todos os dias, de que ele tem uma noiva. Esquecer alguém é tipo reeducação alimentar. É difícil se acostumar com a dieta nova, mas logo você não vai sentir mais falta das gordices.

✖ Se abra: dê uma chance para a sorte, converse e tente conhecer outros caras. É importante se sentir capaz de conquistar alguém. E mais importante ainda: ajuda a encontrar um boy que possa te fazer feliz de verdade. :)

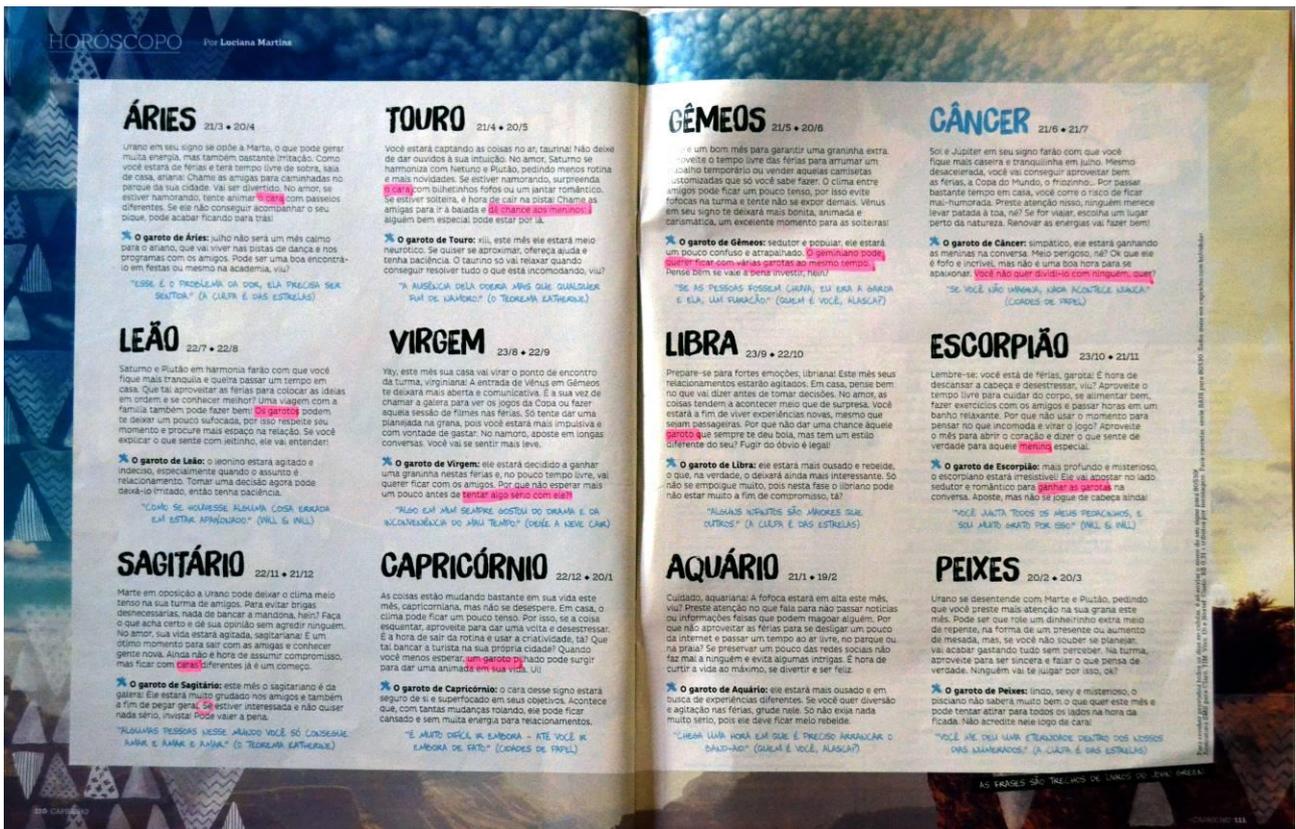
QUER CONTAR UMA BOA HISTÓRIA PRA GENTE? Mandar a sua para a CH em abril/terapia

CRAPRICHOS

CRAPRICHOS

Fonte: Coluna “Mari responde”, Capricho, 11/2014

Anexo IV – Horóscopo



Fonte: Seção de horóscopo da Capricho, 07/2014

Anexo V – Virgem por opção

COMPORTAMENTO

VIRGEM POR OPÇÃO

No tempo das avós, casar virgem era regra. Hoje, esperar pelo casamento é uma opção de cada vez mais meninas. Se você faz parte dessa turma ou não, resolver ter sua primeira relação deve ser uma decisão consciente. Afinal, sexo é coisa séria!

por LOUISE VERNIER e RITA TREVISAN | foto ANDRESSA BEZERRA | ilustração DI WITTEKSTOCK

DAÍ VOCE RECEBE UMA MENSAGEM DA BEST NO WHATSAPP, escrita em letras maiúsculas: ROLOU! É, na sequência, lá praticamente um livro, contando tudo sobre a noite incrível (ou nem tanto assim) que ela teve com o gato. Você dá um grlinho histérico, mentalmente, claro, pra comemorar a conquista da amiga. Mas, em seguida, se toca: isso faz de você a única virgem da turma! É, sentimos informar que se você está nessa situação e não vê a hora de mudar, realmente tem um problema daqueles! Calma: não estamos nos referindo à sua virgindade, não. Mas, sim, à sua vontade de transar de uma vez por todas. Afinal, ser virgem não é, nem de longe, um problema. E o que não falta é gente por aí pra provar isso. Um belo (e bota belo nisso!) exemplo é o jogador da seleção brasileira de futebol, David Luiz. O gato, que por sinal bate um bolão, aderiu ao movimento "Eu escolhi esperar", que já conta com mais de 2 milhões de fãs no Facebook e defende o sexo só depois do casamento. "A campanha vai muito além da virgindade. Trabalhamos com a preservação sexual e a integridade emocional, com a intenção de motivar as pessoas a buscarem relacionamentos saudáveis e duradouros", explica Nelson Junior, idealizador e coordenador do movimento. E não pense que o jogador é a única celebridade pró- virgindade. Muito antes dele se manifestar sobre o tema, os Jonas Brothers já tinham propagado o uso do anel da pureza. Na época, até a Milly Cyrus usou, lembra? Além dessas celebridades, algumas garotas que vivem bem longe dos holofotes, mas que, assim como você, são únicas e especiais, também decidiram esperar e não se arrependem disso. Conheça um pouquinho da história delas!



FORA DA CAIXA

A maioria das amigas da Tainara Arantes, de 20 anos, já não é mais virgem. Só que, mesmo assim, ela nunca cogitou transar e continua se guardando para o namorado, com quem já está há cinco anos. "Se eu esperar até agora, posso esperar até o casamento", afirma, toda decidida. Segundo ela, a opção nunca foi motivo de piada entre os amigos, muito pelo contrário. "Eles ficam surpresos, fazem elogios e dizem que é um prazer conhecer alguém como eu, que não se deixa levar pelo que os outros falam", conta. Por outro lado, ela se diverte com as amigas que ficam envergonhadas em conversar sobre o assunto com ela.

"NÃO É PORQUE NÃO TRANSO QUE NÃO TENHO CURIOSIDADE SOBRE O ASSUNTO. POR ISSO, SEMPRE QUE O TEMA DA CONVERSA É ESSE, QUERO PARTICIPAR. MAS ELAS FICAM CONSTRANGIDAS EM DIVIDIR A INTIMIDADE DELAS COMIGO. NÃO É ENGRAÇADO?"

Ainda assim, ela garante que conta com o apoio das amigas, que respeitam seu ponto de vista. "Da mesma forma que aceito a decisão delas de praticar em sexo antes do casamento, elas também devem aceitar a minha escolha". E deixa um alerta: "Se uma garota está em dúvida se perde ou não a virgindade, minha dica é esperar: ninguém nunca perde por aguardar o momento e a pessoa certa", aconselha. Falou e disse: gata!

NÃO SOU TROFÉU!

A Luísa Figueiredo, de 19 anos, nunca hesitou em impor limites aos garotos com quem ficava e garante que isso nunca foi um problema.

"PRA SER SINCERA, NUNCA FUI DE FICAR COM MUITOS CARAS, MAS TODOS COM QUEM EU ME RELACIONEI SEMPRE RESPEITARAM A MINHA DECISÃO. NUNCA VIRAM NA MINHA VIRGINDADE UMA VANTAGEM OU UM PRÊMIO. FORAM GAROTOS BEM LEGAIS!"

E eles não foram os únicos. O namorado atual da Lu, as amigas e a mãe dela sempre deram a maior força para a escolha da gata. "Nunca sofri preconceito nem pressão pra iniciar a minha vida sexual. Escolhi me guardar pra pessoa com quem eu pretendo passar o resto da vida e quem gosta de mim de verdade respeita isso", diz.

VIVENDO INTENSAMENTE

Quando o assunto é relacionamento amoroso, Junia de Oliveira, de 18 anos, não se envergonha de dizer que não tem a mínima pressa para que as coisas aconteçam. Pelo contrário, prefere esperar pelo momento certo. A gata beijou pela primeira vez aos 15 anos e foi tão especial que ela namora até hoje o mesmo garoto. O toffissimo, além de ser apaixonado pela Ju, apoia super a decisão dela de esperar pelo casamento pra transar.

"ANTES DE TUDO NÓS SOMOS AMIGOS, COMPARTILHAMOS OS MESMOS VALORES RELIGIOSOS E, JUNTOS, DECIDIMOS ESPERAR PELA HORA CERTA, QUE, CONFORME ACREDITAMOS, É DEPOIS DO CASAMENTO"

Apesar de ter diversas amigas na igreja que compartilham dos mesmos princípios, a Ju também tem uma porção de outras amigas que não seguem a mesma religião que ela e que não são mais virgens. "Lidamos normalmente com as nossas diferenças. Elas apoiam essa e todas as minhas outras escolhas", garante a gata. "Acredito que essa decisão não me impede de aproveitar as coisas boas da vida. Apenas curto os momentos com o meu namorado de uma forma diferente, mas sou plenamente feliz", afirma. Arrasou, Ju!

TÁ NA HORA?

Listamos quatro coisas que são imprescindíveis levar em consideração antes de transar:

AUTOCONFIANÇA

De acordo com a psicóloga Arlete Gavranic, coordenadora do curso de graduação do Instituto Brasileiro Interdisciplinar de Sexologia e Medicina Psicosomática (ISEMPI), é fundamental que você se sinta segura neste momento de prazer ao lado da pessoa que escolheu. Caso contrário, a chance de acordar arrependida e frustrada no dia seguinte é grande. Você precisa estar preparada não só pra viver o momento, mas também para encarar as consequências que podem existir.

SEGURANÇA

Quando tomar sua decisão, certifique-se de que está fazendo isso por vontade própria e não por pressão do grupo, apenas pra ser aceita. É a maior furada ir pela cabeça dos outros e, nestes casos, pode rolar o arrependimento. "Pense que cada ação sua terá consequências, tanto positivas quanto negativas. Você deve pesar tudo antes de fazer sua escolha", aconselha Oswaldo. Conversar com o boy antes, expor seus medos e vontades para decidirem juntos qual é o momento certo.

SENTIMENTO

Certeza de que o sexo não é uma moeda de troca: transar só pra segurar o gato ou porque pensa que assim ele vai gostar mais de você é a maior roubada. "As chances de a garota sofrer e se decepcionar, nesse caso, são bem maiores", alerta a psicóloga. "Algumas meninas consideram que, se transarem, darão um passo adiante na relação e conquistarão o namorado. E isso é uma ilusão", completa Oswaldo Rodrigues Jr., psicólogo do Instituto Paulista de Sexualidade.

AMOR-PRÓPRIO

É fundamental que você goste do seu corpo e, acima de tudo, o respeito em qualquer situação. O uso de preservativo na hora do sexo, por exemplo, não é algo que pode ser negociado. Além de evitar a gravidez indesejada, ele também previne doenças sexualmente transmissíveis. Então, não dá nem pra pensar em iniciar sua vida sexual sem ele, tá? Antes de ter a sua primeira transa é uma boa marcar uma consulta com um médico ginecologista para tirar todas as suas dúvidas.

NAS BANCAS!






escala

Fonte: Seção de comportamento, Atrevida, 11/2014

Interação e linguagem em sala de aula – entre o didático e o institucional

Heloísa Gonçalves JORDÃO¹

Resumo: Propomos o estudo das estratégias interacionais desenvolvidas em turma de alfabetização de modo a salientar como a convivência de aspectos de natureza didática e institucional em uma complexa situação social, como a da sala de aula, desvelam aspectos discursivos específicos da instituição escolar. A descrição e a análise estão fundamentadas em uma abordagem linguístico-pragmática por nos ocuparmos com o funcionamento da língua em contextos concretos de uso (JUBRAN, 2006). Para compreendermos a natureza das interações face a face, convocamos a contribuição teórica de Goffman (2002) e para compreendermos como o discurso de sala de aula revela características próprias, muitas vezes distintas da relação entre ensino e aprendizagem, abordaremos as reflexões desenvolvidas por Ehlich (1986; 1993). A opção pela etapa da alfabetização está ancorada na percepção de que ela representa período privilegiado para observarmos os primeiros contatos dos alunos com os rituais e as práticas da instituição escolar (GOMES-SANTOS; JORDÃO, 2014). Os dados analisados constituem-se por transcrições de uma aula de Língua Portuguesa em turma de 2º ano de uma escola pública municipal.

Palavras-chave: ensino; interação; marcadores discursivos; organização tópica; pergunta e resposta.

Introdução

O interesse em investigar as interações desenvolvidas em sala de aula é justificado pelo fato de que este espaço reúne uma série de intenções particulares, coletivas e institucionais de maneira única, formando assim encontros sociais altamente complexos. Mesmo reconhecendo que existam outros importantes momentos de interação no ambiente escolar, interessa-nos, de maneira particular, a análise das interações que constituem os encontros organizados para o ensino e a aprendizagem, que se dá, por excelência, nas atividades desenvolvidas em sala de aula. Sobre o discurso típico de sala de aula, Silva (2002, p. 179) ressalta que:

Diferindo de outros discursos realizados pela escola, por exemplo, a conversa entre alunos nos intervalos ou entre professores na sala de professores, a importância do discurso de sala de aula se deve ao fato de que, por meio dele, realiza-se um dos objetivos precípuos da instituição escola: o processo ensino/aprendizagem.

Este estudo tem como propósito descrever e analisar algumas particularidades típicas das trocas comunicativas realizadas em sala de aula, adotando um enfoque linguístico-pragmático por nos ocuparmos com o funcionamento da língua em contextos concretos e específicos de uso (JUBRAN, 2006; EHLICH, 1993). Dentre as diferentes etapas que em conjunto compõem o sistema de ensino brasileiro, teremos como foco de atenção a etapa denominada *Ciclo de Alfabetização*. A eleição desta etapa específica para a realização da análise não é fortuita: é nela que a criança inaugura sua compreensão sobre a instituição escolar e seu papel como aluno. Conforme descrevem Gomes-Santos e Jordão (2014, p. 35), “a sala de aula de alfabetização, [é

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. Sandoval Nonato Gomes Santos. E-mail: heloisa.jordao@usp.br

o] lócus em que se opera comumente o ingresso institucional da criança não apenas no mundo da escrita, como também nos rituais e nas práticas do mundo da escola”.

Sendo assim, para o desenvolvimento deste estudo, precisamos nos debruçar em dois aspectos que irão nortear a compreensão desse tipo particular de interação: i) o caráter didático, ou seja, que marcas demonstram que a interação tem como objetivo os processos de ensino e aprendizagem tal qual a escola como instituição é reconhecida socialmente e ii) o caráter institucional, a saber, como o professor, responsável pela organização desse encontro, regula a participação dos alunos adequando-os às regras estabelecidas.

Com o intuito de compreender os aspectos linguísticos típicos das trocas comunicativas que ocorrem no espaço da sala de aula, concebemos, conforme definição de Ehlich (1986, p. 147):

As atividades escolares são, em grande parte, linguísticas – tanto que pode-se caracterizar a escola como uma instituição linguística. Isso torna os processos comunicativos na escola – os discursos escolares – candidatos a escrutínio, tanto prático quanto teórico (da parte de professores e cientistas, respectivamente).

A análise dos mecanismos linguísticos utilizados no contexto da sala de aula é feita à luz dos estudos da Análise da Conversação, abrangendo três pontos basilares dos estudos da língua falada: a distribuição tópica (BARROS, 1997), o par pergunta e resposta (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2006) e o uso de marcadores discursivos (URBANO, 2003, 2006).

Entretanto, a análise dos elementos linguísticos não pode ocorrer de maneira dissociada dos outros fatores que compõem a comunicação humana. Para tentarmos dar conta da integralidade com que a interação é desenvolvida em sala de aula, convocamos a contribuição teórica de Goffman (2002). A partir da noção de situação social como uma unidade complexa de análise, refletiremos como se manifestam os papéis de ouvinte e falante, ou melhor, na concepção do autor, como os interlocutores se organizam socialmente de modo a se adequarem a uma determinada situação de comunicação.

Partindo desse pressuposto teórico, nosso intuito é buscar identificar como uma professora alfabetizadora organiza a interação em sala de aula para ensinar tanto o sistema de escrita alfabética como seus esforços para que as crianças, ingressantes na instituição escolar, aprendam que tipo de participação devem assumir neste encontro social específico.

Para tal, apresentaremos dados gerados em uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal localizada na região metropolitana de São Paulo. As aulas foram objeto de acompanhamento e registro em áudio e vídeo e em caderno de campo, ao longo do primeiro semestre escolar do ano de 2011.

1. A interação e as estruturas de participação:

Ressaltando a importância que a situação social exerce nas interações humanas, Goffman (2002) aponta a existência de regras sociais que estabelecem como os indivíduos devem se colocar em virtude de estarem em um determinado agrupamento. Estas regras de convivência, quando seguidas, organizam socialmente o comportamento daqueles presentes à situação. O autor ressalta que evidências de valor social e de avaliações mútuas são comunicadas por elementos muito discretos, como um desvio de olhar ou mudanças na entonação da voz, que podem causar efeitos diversos na situação comunicativa. Sendo assim, os fatores rituais envolvidos em contatos imediatos surgem nas interações faladas em uma forma extrema visto que a “fala é socialmente organizada, não apenas em termos de quem fala para quem e em que língua, mas também como um pequeno sistema de ações face a face que são mutuamente ratificadas e ritualmente governadas, em suma, um encontro social” (GOFFMAN, 2002, p. 19). Dessa maneira, os participantes de um encontro social precisam assumir, mais do que os papéis de falante ou de ouvinte, mas como propõe Goffman, um determinado *status de participação* ou *estrutura de participação*. O emprego desses termos reside na tentativa de compreender toda a atividade comunicativa que está sendo desenvolvida em uma determinada situação social.

A questão importante nisso tudo, claro, está em que uma elocução não divide o mundo além-falante em duas partes exatas, interlocutores e não-interlocutores, mas, ao contrário, abre uma vasta gama de possibilidades estruturalmente diferenciadas, estabelecendo uma estrutura de participação segundo a qual o falante orientará sua fala (GOFFMAN, 2002, p. 125).

Examinando os tipos de participação nas diferentes situações sociais nas quais as interações se realizam, Goffman classifica a *aula expositiva* como um dos casos mais difíceis de serem analisados, por ser uma combinação social na qual, embora se observe a fala realizada de maneira organizacionalmente central, ainda assim não se trata nem de um evento de palco, com sua plateia, nem de uma conversa, com seus participantes. O autor denomina esse tipo de encontro como *Eventos de tribuna de tipo vinculatório* (GOFFMAN, 2002, p. 128) e salienta que haverá uma estrutura de participação específica a cada tipo, diferindo da organização prototípica de uma conversa.

Apesar do trabalho de Goffman não apresentar uma sistemática relacionada ao estudo das interações em sala de aula, a pesquisa desenvolvida por Silva (2002) traz importantes contribuições. O autor ressalta que os alunos poderiam ser classificados, em determinadas organizações interacionais envolvendo professor/alunos, como uma espécie de ‘plateia’, dado que há um falante principal, no caso o professor, que se dirige a um grupo de ouvintes que, por sua vez, tem o papel de apreciar as observações feitas e não responder de maneira direta ou desordenada. Dessa forma, os alunos são sempre *ouvintes ratificados*, ou seja, são legitimamente reconhecidos como parte da interação em curso, podendo haver ou não uma convocação direta da participação do aluno por parte do professor. Na primeira hipótese, o aluno se encaixaria no papel de um *ouvinte endereçado*. Já quando não há um chamamento direto feito pelo

professor, o aluno ainda tem seu status participativo, mas atua como um *ouvinte não endereçado* (SILVA, 2002, p. 190).

Conforme os resultados apresentados por Barros (1997) e Silva (2002), a participação dos alunos deverá variar de acordo com a organização definida pelo professor ou até mesmo por condições materiais e/ou administrativas que a escola, como instituição, delimita. Dessa forma, dependendo do modo como o professor organiza a interação, o aluno pode, ou melhor, é convocado a assumir uma participação mais ou menos ativa na situação social de sala de aula.

1.1 A interação em sala de aula

Traçada a perspectiva de análise a partir da situação social na qual a comunicação é desenvolvida, nos debruçaremos sobre a análise dos processos comunicativos em sala de aula de maneira mais específica. O caráter institucional dos eventos escolares leva o linguista alemão Konrad Ehlich (1986) a realizar uma distinção entre o discurso que efetivamente é dirigido para o *ensinar e o aprender* e o discurso de *sala de aula*. Para o autor, o primeiro pode ocorrer em qualquer espaço, desde que haja uma “distribuição desigual de conhecimento”, ou seja, um participante detém um determinado conhecimento coletivo construído pela sociedade e outro que tem o desejo de assimilar esse conhecimento, sendo imprescindível que os membros dos dois grupos tenham consciência dessas diferenças e voluntariamente busquem a superação dessa distribuição desigual entre os participantes.

O discurso típico de sala de aula também é parte da distribuição desigual de conhecimento entre membros de dois grupos, os professores e os alunos, e tem como prerrogativa que, naquele espaço, ocorrerão situações de ensino e aprendizagem. No entanto, o ensino por meio da escolarização prevê uma organização para a transmissão de um conglomerado de conhecimentos acumulados pela sociedade. Nesse contexto, o aluno, oriundo das mais diversas realidades socioculturais, não reconhece naturalmente seu *déficit* de conhecimento, aquilo que seria interessante compensar em uma situação de ensino, pois se depara com a totalidade do conhecimento de sua sociedade, personificada, para eles, pelo professor. Assim, perde-se a *natureza voluntária* do discurso de ensino e aprendizagem.

Apesar das diferenças entre os dois discursos, a relação entre aquele que ensina e aquele que aprende é comum ao modo institucional e ao que ocorre fora das paredes da sala de aula, Ehlich (1986, p. 150) define:

o aprendiz tem acesso direto a seu próprio processo de aprendizagem – dado que este é um processo mental, interno. Inicialmente, entretanto, aquele que ensina não tem conhecimento imediato do processo de aprendizagem. Esse conhecimento, entretanto, é essencial para que ele possa organizar da melhor maneira possível o processo de ensino.

Embora tanto o instrutor informal quanto o professor não detenham o processo de aprendizagem dos alunos, a diferença da relação entre estes e seus aprendizes também reside em uma questão da organização institucional. Em uma situação não institucionalizada, o discurso de ensino e aprendizagem geralmente é

direcionado, e conseqüentemente organizado, a um aprendiz. No caso da sala de aula, o discurso exibe, em geral, uma multidireção numérica: o professor é confrontado com um grupo de alunos, o que dificulta a possibilidade de conhecer os percursos individuais de aprendizagem. Essa desvantagem do professor em relação ao contexto descrito é compensada, teoricamente, por um treinamento pedagógico.

Sendo assim, para Ehlich, o discurso de sala de aula é caracterizado por traços mutuamente contraditórios o que acarreta conseqüências diretas nas atividades escolares. Essas conseqüências exigem que soluções práticas sejam tomadas pelos professores e, em certa medida, por parte dos alunos. Essas soluções são desenvolvidas, especialmente, pelo uso de múltiplos esquemas de ação linguística, ou por meio da transformação de tais esquemas em *padrões escolares específicos*.

Para exemplificar uma das particularidades da comunicação desenvolvida em sala de aula, Ehlich aponta que *o turno* é um instrumento que expressa diretamente a distribuição de poder dentro da instituição escolar. Comparando a distribuição de turnos em interações de sala de aula com a estrutura de outros contextos conversacionais, o autor lança uma série de questões complexas sobre a influência dessa estrutura comunicativa nas crianças em idade escolar:

A distribuição de turno na escola tem, portanto, estruturas características. A sua comparação com a distribuição de turno em outros contextos conversacionais demonstra que, na escola, as regras válidas são completamente outras. A partir dessa consideração, é importante que se pergunte como as crianças adaptam a sua técnica comunicativa a essas modificações, qual o preço em termos de sua capacidade comunicativa elas pagam, quais benefícios têm, com quais conseqüências precisam arcar quando a aquisição da forma específica de tomada de turno na escola não ocorre dentro do limite de tempo esperado. Nesse último caso, pode, por exemplo, ocorrer uma forma de discriminação comunicativa e a criança ser qualificada como 'um estorvo' (EHLICH, 1993, p. 81) [grifo nosso].

Em suma, o discurso escolar é um discurso típico da instituição, que estabelece condições específicas para a comunicação. Por conta disso, os alunos ingressantes no sistema escolar terão que aprender, não somente os conteúdos previstos nos currículos e planos de ensino, como também essa forma peculiar de se comunicar, para que possa adequar sua participação no grupo de sala de aula e prosseguir seus estudos. A seguir, analisamos dados gerados em uma turma de alfabetização, com o intuito de explicitar alguns dos mecanismos linguísticos desenvolvidos pela professora, a reação dos alunos às estruturas de participação requeridas e de que modo são construídos alguns desses padrões escolares específicos.

2. Metodologia

A fim de realizar uma descrição contextualizada da interação em sala de aula, iniciaremos a análise a partir da transcrição de elementos verbais e não verbais que constituem o início de apenas uma das atividades acompanhadas e registradas em áudio e vídeo, provenientes da geração de dados realizada em campo ao longo do ano letivo de 2011.

Após destacarmos alguns dos aspectos que se apresentam de forma mais característica nesse tipo de interação, apresentaremos a frequência com que esses mecanismos de ação linguística ocorrem em 26 atividades acompanhadas e transcritas que constituem o total de dados gerados em Jordão (2014). Por conta do grande volume de material, contaremos com o auxílio do software Antconc® que disponibiliza ferramentas de análise de *corpus* que permitem fazer comparações entre objetos textuais em grande escala. Dessa forma, acreditamos que, dada a breve extensão deste estudo, ao relacionarmos a análise qualitativa de uma atividade com a análise de *corpus* em sua totalidade teremos uma noção um pouco mais objetiva de como determinados mecanismos linguísticos são utilizados de maneira mais ou menos recorrente em salas de aula de alfabetização.

As transcrições serão apresentadas de acordo com as normas propostas em Pretti (2003). No que concerne à identificação dos participantes utilizaremos “P” indicando que a intervenção foi realizada pela Professora, “A” indicando a intervenção de um aluno acrescentando números conforme a participação (p.e. “A1”, “A2”) e “As” quando vários alunos participam ao mesmo tempo.

3. Análise dos dados

A atividade sobre a qual nos debruçamos de maneira mais descritiva foi nomeada pela docente como *Releitura Focalizada* e ocorreu no dia 18 de maio de 2011. O objetivo da professora era ensinar o valor fonético do dígrafo /NH/ por meio da leitura de duas parlendas. Em relação ao espaço, contávamos com 37 alunos de sete anos de idade, sentados em fileiras de duplas. Cada um havia recebido uma cópia contendo a letra dos dois textos que seriam abordados. A professora permanecia ora à frente do grupo, ora circulando entre as carteiras com seu caderno de planejamento em mãos. No trecho a seguir a professora havia acabado de realizar a leitura da primeira parlenda e dá início à leitura coletiva da segunda parlenda:

Quadro 1 – Transcrição da atividade

Tempo	Linha	Fala	Transcrição – Atividade 1: Releitura focalizada
08'30''	58	P	agora vamos pra outra... agora a outra acho que todo mundo conhece né?
	59		
	60	As	éh::: ((falam juntos))
	61	P	então vamos lá... um homem
	62	P/As	[bateu em minha porta e eu a::bri... senhoras e senhores põe a mão no chão... senhoras e senhores pulem de um pé só... senhoras e senhores dá uma rodadinha e vai pro o::lho da ru::a... ((cantam juntos)) ((alguns alunos dançam sentados em suas cadeiras)) ((a professora lê em seu caderno pessoal))
	63	P/As	
	64	P/As	
	65	P/As	
	66	P	essa todo mundo conheci::a? ((professora volta a olhar para o grupo de alunos))
	67	As	si:::m
	68	P	essa tem ri::ma?

	69	A	nã:::o
	70	P	não... essa não tem rima.. e essa parlenda... ela serve pra quê?
	71		do homem bateu em minha porta?
	72	As	()
	73	A	[pula co::rda...
	74	P	((a professora sorri e aponta para o aluno))
	75	P	é uma p/ é uma parlenda que serve pra gente brincar de PULA::R? ((faz o gesto de rodar a corda com as mãos))
	76	As	co::rda... ((falam juntos))
	77	P	co::rda... quem já pulou corda com essa música?
	78	As	e::u... ((falam juntos e levantam as mãos))
	79	P	senhoras e senhores... vocês conseguem por a mão no chão?
	80	A	eu consigo ((alguns alunos colocam as mãos no chão))
	81	As	() ((falam juntos e levantam as mãos))
	82	P	pulando corda? ((a professora sorri))
	83	As	eu consigo ((falam juntos)) ((gritos))
	84	P	senhoras e senhores... vocês pulam de um pé só na corda?
	85	As	(...) ((alguns alunos levantam dos lugares e começam a pular e a rodar))
	86	As	eu consigo ((falam juntos e levantam as mãos))
	87	P	a:::hh ((sorri)) senhoras e senhores.. vocês dão uma rodadin::ha...
	88	As	SIM ((falam juntos)) ((gritos))
	89	P	[MAS OH... alguém falou que era pra levantar? ((professora estala os dedos))
	90	As	((alunos em silêncio))
	91	A1	professo::ra... ((aluna levanta a mão))
	92	P	fala.. ((professora fixa o olhar na aluna))
	93	A1	e::u... tem música que não é pra rodar e eu fico pulando e meu
	94		corpo que fica rodando...
	95	P	tá... então agora... a atividade que nós vamos fazer... é uma
	96		releitu::ra... ((a professora redige o nome da atividade na lousa))
	97	A2	[depois que colar
	98	A3	[professora pode virar a folhar?
9' 53''	99	P	com focalização...

Em aproximadamente 1 minuto e 30 segundos de aula, a professora apresenta um dos textos que servirá de suporte material para a atividade, por meio de uma declamação coletiva e de alguns questionamentos lançados ao grupo de alunos.

Basicamente, o trecho da aula apresentado na transcrição nos traz uma situação corriqueira em turmas de alfabetização: todos declamam a parlenda, a professora dirige algumas perguntas sobre o conteúdo da parlenda com o intuito de animar os alunos para a realização da tarefa, até que anuncia a atividade a ser feita. A partir deste breve recorte, vamos buscar mostrar alguns recursos utilizados pela professora constituindo estratégias para enquadrar o grupo de alunos na situação institucional de sala de aula. Dividiremos a análise em dois pontos, a saber i) os turnos e a 'pergunta didática' e ii) os marcadores discursivos.

3.1 Os turnos e a ‘pergunta didática’

Conforme salientado por Ehlich (1993), a distribuição do turno na sala de aula organiza a participação dos alunos no processo interativo, afastando o discurso desenvolvido em sala de aula dos diferentes tipos de comunicação informal. Como diversos estudos já afirmaram, na relação professor/alunos, observamos uma distribuição desigual dos turnos devido à relação assimétrica entre os participantes da situação na sala de aula. Geralmente, por parte dos alunos, há um grande esforço em tomar o turno, enquanto ao professor basta simplesmente começar a falar (BARROS, 1997). Podemos observar que, no caso analisado, a partir da linha 66 a professora utiliza como estratégia a realização de algumas perguntas aos alunos, na tentativa de encaminhar o tópico da interação para aspecto mais teórico da aula.

Fávero, Andrade e Aquino (2006, p. 136) apresentam a relação entre o par pergunta e resposta, em um movimento de circularidade no qual as perguntas antecipam e restringem semanticamente as respostas: “costuma-se considerar que uma P é um pedido de informação não conhecida e que aquilo que é vinculado a uma P, ou seja, a R é o enunciado que proporciona tal informação”. Assim, nessa relação de circularidade, a professora encaminha a interação. No entanto, diferentemente do que as autoras apontam, as perguntas formuladas pela docente não têm função de solicitar uma informação que lhe falta. Na situação de sala de aula, o que falta ao professor é o conhecimento sobre os processos de aprendizagem dos alunos, por isso, as perguntas realizadas pelo professor são, na realidade, ações diretivas que buscam estimular operações mentais nos alunos e fornecer pistas do andamento do processo de aprendizagem (EHLICH, 1986, p. 157).

Contudo, conforme mencionamos anteriormente, no caso da sala de aula, o professor precisa elaborar um discurso que alcance todo o grupo de alunos. Dessa forma, observamos um contínuo esforço da professora em obter a resposta do coletivo e não apenas de um ou outro aluno. Podemos analisar, como exemplo, o que ocorre a partir da linha 70, quando a professora formula uma pergunta para abordar o conteúdo *função social do texto*. Apesar de um grande número de contribuições por parte dos alunos, a professora identifica a resposta correta e sanciona a participação com sorrisos e por apontar o aluno autor da resposta esperada (linha 74). Em seguida, na linha 75, observamos que a professora, apesar de sancionar a resposta do aluno como correta, não se contenta com o fato de apenas um aluno ter conseguido responder. Para garantir que todo o grupo enuncie a resposta correta, a professora reformula a pergunta feita inicialmente, acrescentando parte da informação requerida como resposta e utilizando um gesto (rodar a corda com as mãos) de modo que todo o grupo forneça a resposta por ela almejada:

Linha 70: “e essa parlenda... ela serve pra quê? do homem bateu em minha porta?”

Linha 75: “é uma p/ é uma parlenda que serve pra gente brincar de PULA::R? ((faz o gesto de rodar a corda com as mãos.

No trecho em questão, as perguntas continuam sendo feitas sempre requisitando a participação de todo o grupo na enunciação da resposta. Assim, observamos que as perguntas dirigidas aos alunos nesta

turma de alfabetização apresentam uma forma tipicamente escolar, bastante distinta da estrutura de pergunta utilizada em situações informais/conversacionais. No que tange ao tipo de participação decorrente dessa forma linguística, observamos que o grupo de alunos precisa ocupar um papel de certa forma híbrido, pois a performance ideal foge da ideia de *plateia* calada, mas também não admite participações não planejadas ou até mesmo individualizadas. Quanto a essa característica, realizando uma reflexão acerca da estrutura de participação proposta por Goffman, poderíamos designar os alunos como um *grupo de ouvintes endereçados*, em que cada um deve apresentar a professora a resposta esperada da forma mais adequada, ou seja, enunciando-a em conjunto com seu grupo de colegas.

3.2 Os marcadores discursivos

Urbano (2003, p. 114) define os marcadores como “recursos que sinalizam orientação ou alinhamento recíproco dos interlocutores ou destes em relação ao discurso”. Sendo assim, estes recursos são especialmente importantes de serem analisados para compreendermos como a professora utiliza seu discurso para alinhar a participação dos alunos ao seu objetivo didático. Logo no início da transcrição, com o intuito de alertar o grupo de alunos que a segunda leitura/declamação seria iniciada, a professora utiliza as formas *agora* (linha 58) e *então vamos lá* (linha 61). Em relação ao uso do termo *agora*, já na linha 58, observamos duas ocorrências que indicam uma significativa flutuação no que concerne ao seu estatuto gramatical. A primeira, logo no início de sua fala, a professora utiliza o *agora* como uma menção de tempo estabelecendo, inclusive, um contraste entre presente e passado, ou seja, a atividade realizada antes e a que será realizada naquele momento. Sendo assim, a forma *agora* preserva seu traço semântico de indicador de tempo, atuando como um advérbio.

Já na segunda ocorrência, a função do termo *agora* não traz informações sobre o tempo. Seu entendimento se dá em relação a dados essencialmente pragmáticos que traduzem o envolvimento do locutor com as estruturas ideacionais e interpessoais de seu discurso. Neste caso, a professora se refere à atuação dos alunos na primeira declamação realizada no momento imediatamente anterior, que aparentemente não foi realizada a contento e tinha expectativas positivas quanto à realização da segunda parlenda, a qual, em sua formulação verbal, acabou por nomeá-la de *outra*. Dessa forma, poderíamos traçar uma possível interpretação:

Linha 58: “*agora vamos pra outra... agora a outra acho que todo mundo conhece né?*”

(*²) “*neste momento vamos pra outra... diferentemente da primeira, acho que todo mundo conhece né?*”

² Conforme as normas do projeto Gramática do Português Culto Falado no Brasil, utilizaremos a marcação (*) para indicar possibilidades interpretativas de nossa autoria, não sendo ocorrências reais nos dados analisados.

Observamos que a ocorrência do marcador discursivo *agora* atua como marca de contraposição entre o tópico anterior e o atual. Essa ocorrência coaduna-se com a definição de Risso (2006, p. 435), analisando o *agora* enquanto marcador discursivo em que assinala “sua propriedade prospectiva, *agora* faz avançar o discurso para uma informação que tem força de ressalva, contraposição, reordenação de enfoque, ou desacordo, relativamente a uma informação já dada, dentro do mesmo tópico ou do tópico anterior”. A propriedade prospectiva do marcador *agora* atua em conformidade com a intencionalidade didática da professora, no sentido de avançar a aula, dar andamento ao conteúdo previsto. Somado o ímpeto prospectivo do marcador *agora*, na linha 61 o termo *então vamos lá* atua de forma a engajar os alunos na declamação.

Nas ocorrências da forma *então*, linhas 61 e 91, o marcador antecede imediatamente as tarefas propostas pela professora: na primeira, precede o início da declamação da parlenda e, na segunda, o anúncio da efetiva atividade. As ocorrências observadas aqui estão ajustadas com a análise de Risso que assinala um efeito de previsibilidade ao uso do marcador *então*: sua utilização guarda condição de item remissivo retroativo, retroagindo não necessariamente a momentos anteriores daquele mesmo texto, mas a momentos anteriores de cumplicidade entre os interlocutores, apoiada nos acontecimentos, na convivência, enfim, nas instâncias discursivas que sustentam essas relações. Em nosso caso, aparentemente, a forma *então* é recorrente na abertura de tópico que introduz uma tarefa a ser feita, não em contraposição, mas com um sentido de decorrência da preparação ou explicação anterior para que com a enunciação do marcador seja iniciada a tarefa de fato. O *corpus* total da pesquisa de campo aponta que o marcador *então* se apresenta 497 vezes sendo a nona palavra mais pronunciada pela professora. Já a forma *então vamos lá*, ocorre 17 vezes no *corpus* e todas elas antecedem a formulação de uma tarefa ou o nome da atividade propriamente dita³.

Ainda no que diz respeito aos marcadores discursivos, observamos as formas: *a:::h* (linha 87), *Mas oh* (linha 89), *tá* (linha 95). A forma *a:::h* é a única ocorrência não lexicalizada do trecho transcrito e é acompanhada de um sorriso da professora. Esse marcador foi utilizado após uma resposta coletiva dos alunos. Como a troca sinalizava um clima bastante informal, é provável que as perguntas elaboradas pela professora não foram previamente planejadas. O uso do marcador *a:::h*, somado ao alongamento da vogal, aponta uma função de preenchimento de pausa ocasionado por um momento de formulação textual (URBANO, 2003, p. 107), pois logo após seu pronunciamento, a professora lança a pergunta subsequente.

Chamaremos a atenção ao marcador *Mas oh* realizado na linha 89. Seu uso está intimamente relacionado à participação dos alunos na tarefa de declamação proposta pela professora. Ao retomarmos os aspectos não verbais da transcrição, podemos observar que, desde as linhas 62 a 65 alguns, alunos realizam movimentos corporais que assemelham-se a pequenas danças, mesmo que sentados em suas cadeiras,

³ Anexo I.

relacionadas à parlenda abordada na sala. Nesse ponto, a professora não está com a atenção visual voltada aos alunos, pois acompanhava a letra da parlenda em seu caderno de planejamento. No entanto, ao realizar as perguntas sobre a parlenda, a professora coloca em questão a capacidade dos alunos em conseguir ou não realizar as performances físicas descritas na letra: colocar a mão no chão, rodar, saltar. Assim, ao longo das trocas, observamos que os alunos vão alterando suas formas de participação, passando de mãos levantadas e respostas coletivas para gritos e deslocamentos parciais que evoluem até a quase completa modificação espacial da interação quando alguns alunos levantam de suas cadeiras e começam a realizar pequenas coreografias.

No momento em que a professora verifica essa alteração proxêmica do espaço, ela verbaliza o marcador *Mas oh*, aumentando o tom de voz e estalando os dedos. O resultado é a retomada imediata da configuração inicial da aula: alunos sentados em silêncio. Temos claro que neste caso a função desse *marcador combinado* (URBANO, 2003, p. 100) foi reestabelecer a ordem na interação. Ao analisarmos em separado a função do *Mas* como marcador discursivo, observamos que remete à carga semântica de quando utilizado como *mas* conjunção, que exprime oposição ou restrição, bem como quando utilizado como *mas* substantivo, que indica objeção, dificuldade, problema. Na análise de Urbano, o *mas* marcador parece indicar uma proposta de reordenação, uma espécie de freio no curso que a interação está sendo desenvolvida.

Já a forma *oh* é resultado de redução fonética de *olha*, também bastante recorrente em sala de aula. Risso (2006, p. 473) assinala que essa referência à ação visual surge como uma outra espécie de envolvimento sensorial-cognitivo, chamando a atenção do ouvinte para a declaração subsequente, no caso, a repreensão sobre o comportamento (linha 89) “alguém falou que era pra levantar?”

Assim, a forma *Mas oh* poderia estar agrupada no grupo descrito por Barros (1997, p. 17) como *attention getters*, que quebram a continuidade do discurso. A autora ainda aponta que, dado o papel institucional da professora, como responsável pela condução da aula, a utilização destas formas linguísticas (*perai, ei, oh, oi*) está intimamente relacionada ao fato de a professora não precisar demonstrar qualquer tipo de conexão para interromper o aluno. A análise geral do *corpus* apresenta uso recorrente das duas formas: um total de 253 ocorrências da forma *olha* e 318 utilizações de sua redução fonética *oh*, sempre com a função de chamar atenção dos alunos tanto para o objeto a ser estudado, apreciado, quanto para regular comportamentos.

Por fim, o marcador *tá?* analisado por Urbano (2006, p. 514) como uma redução fonética não somente da forma *está*, mas oriunda da forma *está claro?*. A análise de Urbano prevê o uso do *tá* com natureza interrogativa, o que indica a função de checagem da atenção bem como de entendimento do interlocutor acerca do tópico que está sendo desenvolvido. Em nosso exemplo, a forma *tá* (linha 95) não apresenta natureza interrogativa. Ela surge após a participação não solicitada de uma aluna, que relata à professora uma experiência pessoal. É importante observar que a professora consentiu a participação da aluna pelo fato dela ter solicitado o turno conforme as regras da sala de aula delimitam: levantou a mão e chamou a

professora em um tom de voz adequado. Apesar desse consentimento, a professora dispensa uma rápida atenção à fala da aluna e imediatamente depois utiliza o marcador *tá* com a função de encerrar definitivamente o tópico voltado para as habilidades físicas de dançar e rodar e encaminha o discurso para a realização efetiva da atividade.

Linha 95: tá... então agora... a atividade que nós vamos fazer...

Ao recorrermos ao *corpus* disponível, observamos 1008 ocorrências da forma *tá*, no entanto, a maior parte delas não apresenta entonação interrogativa. Outra busca realizada no software pela combinação *tá então*⁴ confirma essa macro análise, pois das 23 ocorrências apresentadas, apenas três delas possuem entonação interrogativa, as demais preservaram o sentido analisado na descrição anterior.

Considerações finais

O caráter naturalmente lúdico do texto abordado pela professora apresenta uma escolha positiva ao refletirmos acerca dos objetivos didáticos da interação em sala de aula. Com o intuito de engajar o maior número de alunos na atividade proposta, a eleição de um texto conhecido, que os alunos utilizam em momentos de brincadeiras com seus colegas, realmente chama a atenção do grupo numeroso e as participações são bastante intensas. Na perspectiva de Ehlich, apresentar um texto do universo cultural da criança poderia ajudar a *compensar a perda da natureza voluntária*, típica do discurso de sala de aula, e estimulá-los a compensar seu *déficit* de conhecimento.

Para encaminhar a atividade ao seu objetivo didático, a professora realiza *perguntas diretivas*, que exigem a participação do grupo, convocando aquela aparente *plateia* a ser um grande grupo de *ouvintes endereçados*. Diferindo do uso informal do par pergunta resposta, a pergunta realizada em sala de aula é um poderoso instrumento de trabalho do professor, atuando tanto na interface didática, por obter respostas que permitem à professora tatear o processo de aprendizagem dos alunos, quanto na interface comportamental, por dirigir a atenção dos alunos ao tópico posto em destaque e assim dirimir eventuais distrações. Apesar das perguntas terem sido amplamente utilizadas, por conta dos usos sociais do texto abordado, alguns alunos começaram a modificar sua forma de participação na interação em sala de aula, antes sentados e eventualmente de mãos levantadas, para começarem a executar os movimentos corporais propostos no próprio texto. A modificação na estrutura típica de sala de aula leva a professora a utilizar alguns *marcadores discursivos* que atuam como reordenadores tanto da interação verbal quanto da organização espacial.

Ao observarmos como a professora combina diferentes recursos linguísticos para enquadrar os alunos no encontro social da sala de aula, propicia-nos reflexões importantes acerca das circunstâncias linguísticas

⁴ Anexo II.

em que se ensina e se aprende. Os traços particulares que a interação ganha em sala de aula remetem à problematização proposta por Ehlich ao questionar sobre a influência dessa estrutura comunicativa em crianças: como e quando elas conseguem adaptar suas habilidades discursivas já conquistadas nos círculos sociais que frequenta às modificações que a linguagem ganha no contexto da sala de aula.

Assim, por mais que a professora tente aproximar o universo cultural dos alunos ao processo de escolarização, os fatores implicados na situação social de sala de aula, ou seja, a necessidade de manter a organização dos comportamentos, abordar uma vasta gama de conteúdos dentro de um período de tempo específico, dentre outros fatores institucionais típicos da organização escolar impedem que a docente valorize as expressões individuais de cada aluno, seja por meio da dança, ou de verbalizações de experiências pessoais.

Referências bibliográficas

ANTHONY, Laurence. **AntConc**. [Computer Software]. Tokyo, Japan: Waseda University. 2015. Available from <http://www.laurenceanthony.net/>

BARROS, Kazuê S.M. de. Estrutura da participação e marcadores discursivos na interação em sala de aula. In: KOCH, I. V. & BARROS, K.S.M. de (Orgs.). **Tópicos em Linguística de Texto e Análise da Conversação**. Natal: Edufrn, p.11-23. 1997.

EHLICH, Konrad. Discurso escolar: diálogo? In: **Caderno de Estudos Linguísticos**, Número 11, p.145-172. 1986. (Tradução: Lúcia K. X. Bastos).

EHLICH, Konrad. Análise da Atividade Verbal. **Trab. Ling. Apl.** Campinas, v. 21, p.79-93, Jan./Jun. 1993. (Tradução: Carmen Zink Bolognini, UNICAMP).

FÁVERO, Leonor Lopes, ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O., AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira. O par dialógico pergunta-resposta. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi, KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (Orgs.). **Gramática do português falado no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006. Volume I. Construção do texto falado. p. 133-166.

GOFFMAN, Erving. A situação negligenciada. [The Neglected Situation]. In: RIBEIRO, Branca Telles, GARCEZ, Pedro. M. (Orgs.). **Sociolinguística Interacional**. Porto Alegre: Edições Loyola, 2002. p. 13-20.

GOFFMAN, Erving. Footing. In: RIBEIRO, Branca Telles, GARCEZ, Pedro. M. (orgs.). **Sociolinguística Interacional**. Porto Alegre: Edições Loyola, 2002. p. 107-148.

GOMES-SANTOS, Sandoval Nonato; JORDÃO, Heloisa Gonçalves. Interação e trabalho docente em aula de alfabetização. **Trab. Linguist. Apl.**, Campinas, v. 53, n. 1, p. 33-54, Junho 2014 .

JORDÃO, Heloisa Gonçalves. **O trabalho de alfabetização: aspectos didáticos e interacionais**. Dissertação (mestrado – Programa de Pós-graduação em Educação. Área de concentração: Linguagem e Educação) Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014. 128p.

JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi. Introdução. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi, KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (Orgs.). **Gramática do português falado no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006. Volume I. Construção do texto falado. p. 27-36.

PRETTI, Dino. **Análise de textos orais**. 6ª ed. São Paulo: Humanitas. 2003

RISSO, Mercedes Sanfelice. Marcadores discursivos basicamente sequenciadores. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi, KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (Orgs). **Gramática do português falado no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006. Volume I. Construção do texto falado. p. 427-496.

SILVA, Luiz Antônio da. Estruturas de participação e interação na sala de aula. In: PRETI, Dino (Org.). **Interação na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas, p.179-203. 2002.

URBANO, Hudinilson. Marcadores Conversacionais. In: PRETI, Dino (Org.) **Análise de textos orais**. 3. ed. São Paulo: Humanitas, 2003.

URBANO, Hudinilson. Marcadores discursivos basicamente interacionais. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi, KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (orgs). **Gramática do português falado no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006. Volume I. Construção do texto falado. p. 497-528

ANEXOS

ANEXO I – Então vamos lá

1	que tiver e... rra::do... ((falam juntos))...	então vamos lá... então esse João ta certo		
	0206_42min.txt	1	1	
2	achar o m no alfabeto pra ver ...	então vamos lá... a - b - c - d - e -		0206_42min.txt
	1	2		
3	que mistério sa? ((risadas)) u::i... xi::...	então vamos lá... o primeiro no::me que		
	0306_90min.txt	2	1	
4	fica/ mais boni::to... o professo::ra...	então vamos lá::... () a casinha da vovó::... cai		
	0306_90min.txt	2	2	
5	a::da/... outro... tchau... -- man::te::nha...	então vamos lá... um... ca - mi - nhão... ((falam		
	0306_90min.txt	2	3	
6	vai ficar mole::za... () é verdade profa...	então vamos lá... o texto fora de ordem...		
	0405.txt	3	1	
7	encontrar a ordem e numerar corre::to...	então vamos lá... como que eu começo a		
	0405.txt	3	2	
8	o Vitor que não acabo/ de copia/...	então vamos lá... "...avisou..." a... a... escreva		
	0906_80min.txt	6	1	
9	eu coloquei? isso... avisou a bichara::... da...	então vamos lá... com que é o bi?		
	0906_80min.txt	6	2	
10	que é o lho::? l - h - o...	então vamos lá... como que é o co?	0906_80min.txt	6
	3			
11) é cavalo? senta lá... lo... lo... lo...	então vamos lá... como que eu faço o	0906_80min.txt	
	6	4		
12	..com certeza... {não tem pó... ((cantam juntos))	então vamos lá... a... ta faltando o que?		
	1005.txt	7	1	
13	até aqui em mi::m... a água... - -	então vamos lá óh.. cinco minutinhos pra fazer		
	1105_75min.txt	8	1	
14	buraco é no mun::do... ta bom	então... vamos lá Bruno... lá em cima... o		
	1105_75min.txt	8	2	
15	de informá::tica? Fernanda ((falam juntos)) eh::	então vamos lá... todo mundo abrindo o		
livro	1105_75min.txt	8	3	
16	óh... então vamos lá... a professora... postura da histó	1306_65min.txt	9	1
17	todo mundo conhece né? éh::... ((falam juntos))	então vamos lá... um homem bateu em		
minha	1805.txt	11	1	

ANEXO II – tá então

1	baixo é a mi... núscula... ((falam juntos))	ta... então eu vou por aqui pra ninguém	
	0206_42min.txt	1 1	
2	estiver incorreto nós vamos pintar de azul...	ta? então óh... amare::lo... o correto... e	
	0206_42min.txt	1 2	
3	falam juntos)) ta certo? ta::... ((falam juntos))	ta... então pinta ali de amarelo... o profa ()...	
	0206_42min.txt	1 3	
4	? sim... ((falam juntos)) não... ((falam juntos))	ta... então vamos... se esta rua... se esta	
	0306_90min.txt	2 1	
5	é? aqui ta/ escrito se esta rua?	ta/? então procura onde ta/ escrito e põe	
	0706_44min.txt	4 1	
6	desse amigo... tudo bem? tudo ((falam juntos))	ta... então a atividade três/ é assim...	
	escre:: 0706_44min.txt	4 2	
7	/? ele vai escreve/... Pedro... Pedro... ah então ta... então... não... então copia primeiro depois		
	0706_44min.txt	4 3	
8	ta/ em cima da sua mesa? então	ta... então vira ela pra baixo... a::cabei...	
	0806_40min.txt	5 1	
9	... (cê/ escreveu para o Ti?) é? então	ta... então ()... pronto... terminei... be:: aqui	
	0906_80min.txt	6 1	
10	... porque você ainda num/... cê/ já termino/?	ta... então se vai pega aí... melho::r...	
	0906_80min.txt	6 2	
11	?e esse aqui é seu? mas cê/	ta/ então cê vai escreve/ pra quem? ((música))	0906_80min.txt
	6	3	
12	:: que que cê vai escrever pra Evelyn?	ta... então põe... porque... vai... por:: pensa n	
	0906_80min.txt	6 4	
13	o seu... ta? eu vo/ te ajudar	ta? então copia rapidinho... mas capricha nessa le	
	0906_80min.txt	6 5	
14	/... e onde ta o outro bilhete? ah	ta... então... num/ cabe aqui... você vira a	
	0906_80min.txt	6 6	
15	... fes::ta... fes::ta... cê/ escreveu? fes:: ta... então escreve... num/ é só pa/ copia/...		
	0906_80min.txt	6 7	
16	do e... a festa... ta... ta... ta... ta... então vamo/ lá como que eu faço	0906_80min.txt	6
	8		
17	tem outra... boa... então eu achei...coloco	ta... então olha lá...o café... ta demorando... ((
	1005.txt	7 1	
18	sta junina... - - mas ela ta/ normal agora()...	ta então eu vo/ manda pra minha escola ()	
	1306_65min.txt	9 1	
19	lição de casa? é... e depois (minúsculo)...	ta... então cola...cola primeiro aí você pode...	
	1605_49min.txt	10 1	
20	.. alguns podem conhecer... a outra é menos	ta? então eu vou entregar o papelzinho... aí	
	1805.txt	11 1	
21	pulando e meu corpo que fica rodando...	ta... então agora... a atividade que nós vamos	
	1805.txt	11 2	
22	parar pra discutir o som... ta bom?	ta... então vamos começar da pequenininha... chove	
	1805.txt	11 3	
23	h... ele ta mudando o som... ta?	ta... então o h é poderoso né? é... 1805.txt	
	11	4	

Exercícios especulativos audiovisuais na cinematografia política

Irene MACHADO¹

Resumo: O principal objetivo do trabalho é apresentar estratégias metodológicas de um processo analítico acerca da cinematografia que reúne filmes sobre o período ditatorial brasileiro (1964-1985) que, diante da impossibilidade de narrar os acontecimentos do ponto de vista da memória vivida, aprendeu a construir inferências e hipóteses a partir de traduções audiovisuais e jogos metalinguísticos. Ao indagar sobre os acontecimentos que a história oficial nega, os filmes elaboram hipóteses que constroem inferências com valor, senão de provas, pelo menos de provimento de argumentos. Recorrem, assim, aos produtos e processos da cultura audiovisual que lhe dá corpo e, graças à montagem intelectual associativa de sua linguagem, chega à articulação de contrapontos e comparações de episódios, documentos e de recursos audiovisuais que deixam emergir o não-dito. Criam-se, por conseguinte, formas deliberadas de exercícios dialógico-especulativos que mobilizam uma vasta produção cinematográfica. Com isso o discurso audiovisual se revela uma sofisticada arma política cujo exercício depende apenas de uma habilidade inteligente de ver e produzir filmes a partir de uma cinematografia que não hesita em especular, comparar e inferir sobre possibilidades discursivas provenientes de campos sógnicos distintos.

Palavras-chave: cinema; ditadura; cinebiografia; militante; tradução audiovisual; inferências.

Introdução

O principal objetivo deste capítulo é apresentar resultados parciais de pesquisa de um estudo de análise fílmica dedicado ao exame dos pontos de vista argumentativos a respeito de problemas e relações em diferentes esferas da vida sócio-cultural e histórica. No caso específico da pesquisa em pauta tratou-se de examinar filmes que reconstituem a biografia de militantes ou de desaparecidos, em sua grande maioria jovens com nomes trocados e identidades clandestinas, durante o regime da ditadura militar brasileira (1964-1985). O objetivo principal é acompanhar a construção de um campo investigativo no processo analítico da linguagem icônico-audiovisual do cinema. A pesquisa foi orientada para investigar de que maneira a linguagem audiovisual do cinema produz discursos sobre os eventos políticos proibidos de serem discutidos e noticiados e sobre os quais nenhuma, ou quase nenhuma, informação está disponível.

Parte-se da hipótese segundo a qual diante da impossibilidade de narrar os acontecimentos do ponto de vista da memória histórica vivida, esse tipo de cinema aprendeu a construir inferências a partir de traduções audiovisuais e jogos metalinguísticos, construindo alguns exemplares do que chamamos aqui exercícios especulativos audiovisuais. Ao explorar o discurso audiovisual do cinema, os exercícios produziram cenas, tomadas, planos de documentários e ficção que se tornaram repertório icônico-discursivo da composição, da análise fílmica e, sobretudo, dos materiais de arquivo que circulam na montagem do discurso fílmico.

¹ Professora Livre-Docente pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, onde atua no Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais. Pesquisadora CNPq. E-mail: irenemac@uol.com.br

Com isso, ao indagar sobre os acontecimentos que a história oficial nega, os filmes elaboram hipóteses que constroem inferências com valor, senão de provas, pelo menos de provimento de argumentos. Recorrem, assim, aos produtos e processos da cultura audiovisual que lhe dá corpo e, graças à montagem intelectual associativa de sua linguagem, chega à articulação de contrapontos e comparações de episódios, documentos e de recursos audiovisuais que fazem emergir a face invisível do não-dito. Criam-se, por conseguinte, formas deliberadas de exercícios dialógico-especulativos que mobilizam uma vasta produção cinematográfica. No limite, o discurso audiovisual se revela uma sofisticada arma política cujo exercício depende apenas de uma habilidade inteligente de ver e produzir filmes a partir de uma cinematografia que não hesita em especular, comparar e inferir sobre possibilidades discursivas provenientes de campos sógnicos distintos.

Como hipótese de fundo formula-se a noção de cinebiografia como cinepensamento em que a cinebiografia militante faz perguntas, elabora hipóteses em busca de entendimento e de esclarecimento sobre tudo aquilo que fora e continua sendo veementemente negado pelo discurso oficial. Por conseguinte, especula-se sobre aquilo que não é dito pelo discurso oficial, quer dizer: o livre uso das liberdades democráticas; as perseguições políticas; o desaparecimento de pessoas; a prática da tortura; o extermínio de corpos. Com isso, o cinepensamento faz do uso da metalinguagem uma possibilidade intelectual de elaborar inferências.

O *corpus* da pesquisa² foi constituído a partir dos filmes produzidos no período e que foram agrupados em torno dos gêneros a saber: biografias ficcionalizadas, documentários entendidos como retrato falado e documentário de busca, este último segundo a concepção de Jean-Claude Bernardet (2005). Os filmes analisados como biografias ficcionalizadas foram: *Paula: história de uma subversiva* (Francisco Ramalho Jr., 1979); *Prá frente Brasil* (Roberto Farias, 1982); *Nunca fomos tão felizes* (Murilo Salles, 1984); *Lamarca, o capitão da guerrilha* (Sérgio Rezende, 1994); *Zuzu Angel* (Sérgio Rezende, 2006); *Batismo de sangue* (Helvécio Ratton, 2007). Dois documentários entendidos como retrato falado foram comparados: *Marighella: retrato falado do guerrilheiro* (Sílvio Tandler, 2001) e *Marighella* (Isa Grispum Ferraz, 2010). Como documentários de busca foram analisados: *Manhã cinzenta* (Olney São Paulo, 1969); *Memória para uso diário* (Beth Formaggini, 2007); *Cidadão Boilesen* (Chaim Litewski, 2009); *Diário de uma busca* (Flávia Castro, Brasil, 2010); *Em busca de Iara* (Mariana Pamplona e Flávio Federico, 2013). A metodologia de análise se orientou pela exploração dos conceitos de: metalinguagem; linguagem icônica; corte sincrônico; montagem vertical; discurso-em-ato de interação; espacialização das formas discursivas.

Visto pelo viés dos gêneros aqui evocados, o fazer cinematográfico se mostrou um ato de militância dialógica cuja solidariedade leva adiante a experimentação dos diferentes ângulos de visão em diferentes

² Como resultado de pesquisa foram publicados dois artigos: *Olhares excedentes: dilemas da hipótese cinebiográfica sobre militantes políticos* (Machado, 2015); *Relações dialógicas no filme Manhã cinzenta (1969) de Olney São Paulo* (Machado, 2016).

tomadas, tornando-se, por conseguinte, o ambiente de proposição de hipóteses, discursos, ideias – práticas que evidentemente não são bem vindas ao discurso oficial autoritário.

1. Cinebiografia como manifestação de cinepensamento

Um dos traços distintivos da cinebiografia militante se define pela capacidade de submeter as narrativas às análises buscando o foco naquilo que os relatos calam. No caso específico de nosso estudo, o que se cala é o desígnio do militante político como guerrilheiro, ou seja, aquele militante que orientou sua luta para o confronto direto com o poder através da luta armada. Para o discurso oficial, esses grupos eram os inimigos terroristas que ameaçavam a ordem pública e destruíam as instituições nacionais. Pouco se sabia pela imprensa das atividades cotidianas desses grupos no país.

Mais do que enaltecer as ações – que nos filmes, ficcionais ou não – são traduções especulativas derivadas do que restou em termos de documentação e arquivo, audiovisual ou não, o que interessa na cinebiografia militante é o fato de a luta ser realizada em nome de ideais e não simplesmente de ideias. São os ideais que movem as pessoas na construção de possibilidade de relações humanas no mundo.

O pouco que se produziu, ou o que restou, em termos de imprensa e meio audiovisual, particularmente imagens de fotografias, filmes e documentos, se tornou um fardo material de arquivo, fundamental para o processo construtivo desses filmes e dos ideais de seus personagens. Daí seu valor estar não exatamente naquilo que mostram com recursos audiovisuais, mas pelo que elaboram em termos de possibilidades relacionais ao entrarem em processo de montagem: é nesse momento que emergem hipóteses e inferências. Graças à montagem intelectual associativa, desencadeiam-se articulações, contraposições, comparações de episódios, documentos ou de quaisquer outros recursos de imagens e sons para produzir enunciados. Com isso, a cinebiografia adquire condições de perscrutar o não-dito.

Projetados no campo visual dos diferentes processos e materiais audiovisuais e contrapostos ao discurso oficial, os argumentos dominantes esmorecem e são esquadrinhados em fragmentos audiovisuais que, submetidos a montagens de análises comparativas, desenham outros movimentos e diagramas de pensamento, oferecendo os personagens-militantes como uma forma espacial que não passa de uma tradução de um ideário imaginado. Na ausência das ações e das paixões que constituem os conteúdos humanos de toda biografia, trabalha-se com a especulação das ideias e dos ideais políticos da militância da época. Cria-se, por conseguinte, uma forma deliberada de diagrama lógico de exercício especulativo cinematográfico, não limitada sequer a um único filme, mas recorrente a todo um campo de manifestações e sistemas comunicacionais.

«Forma espacial do personagem» é uma formulação investigativa elaborada por Mikhail Bakhtin em suas análises do processo estético criativo de personagens no romance (Bakhtin, 1988). Guiado pelo modelo artístico de mundo criado por Fiódor Dostoiévski em seus romances, Bakhtin se concentra no surpreendente

processo estético do escritor no uso da imagem da linguagem na construção discursiva de seus personagens: a bivocalidade, a polifonia e a dialogia. Trata-se de procedimentos em que o ato criador é traduzido em linguagem por meio dos pontos de vista discursivos enunciados pelos personagens em confronto com o autor. Manifestam-se sempre como acontecimento, como ato, ação e reação de linguagem, jamais como um produto pronto e acabado. Sem convergir para uma proposição de fechamento, a personagem resulta ser a imagem desse jogo de pontos de vista discursivo, isto é, imagem da linguagem.

No longo ensaio dedicado ao estudo da relação entre autor e personagem (Bakhtin, 2003), Bakhtin traduz o movimento dialógico na concepção de forma espacial da personagem e do acontecimento estético que ela cria. É aí que os planos composicionais exploram o jogo tenso em que os pontos de vista delimitam o espaço de focalização em sua ambivalência, isto é, no confronto do posicionamento entre autor e personagem de modo a resgatar o verdadeiro papel de ambos em que nenhum dos dois desempenha um papel passivo em relação ao outro.

Contudo é no ensaio sobre as formas de tempo e cronotopo (Bakhtin, 1988) que as formulações se articulam e se iluminam e nos permitem examinar as ligações dialógicas entre romance polifônico, forma espacial da personagem e o tempo-espaço. Aquilo que estava potencialmente engendrado no romance de Dostoiévski acaba tomando corpo teórico de uma fina elaboração conceitual. Assim entendemos a forma espacial da personagem cronotopicamente configurada não apenas pela dinâmica da relação entre autor e personagem como também pela articulação entre tempo e espaço em que a ênfase no segundo não significa eliminação do primeiro. Ao formular as bases de sua poética histórica, Bakhtin introduz o conceito de cronotopo para designar o modo pelo qual o tempo pode ser focalizado como uma dimensão do espaço. Sob a dominância do espaço, o tempo e tudo que a ele se vincula, incluindo os seres e as personagens, podem ser dimensionados em sua magnitude temporal, isto é, em seus fluxos e devires onde toda forma é arquitetonicamente inacabada.

Nas análises das formas espaciais das personagens foram examinados dois conjuntos de procedimentos: de um lado, os processos de montagem audiovisual que constrói discursos de cinepensamento pela operação de cortes sincrônicos; de outro, as construções cronotópicas que projetam as personagens e as cinebiografia por meio de espacialidades em confronto e discursos evasivos.

2. Planos discursivos na montagem audiovisual dos cortes sincrônicos

Se por discurso são designados os processos de interação cuja ação se realiza graças à força construtiva de um código gerador de linguagem, não há como negar à produção enunciativa que resulta da articulação entre os códigos fotográficos e sonoros do signo audiovisual a capacidade de construir discurso. Um discurso distinto daquele gerado pela codificação verbal da palavra, mas igualmente produtivo enquanto signo icônico. E é enquanto tal que o discurso audiovisual do cinema se desenvolve como cinepensamento, capaz

de articular ideias e conceitos a ponto de se torna um “código perigoso, dotado de alto teor subversivo” e capaz, portanto, de incitar a população contra a ordem institucional (José, 1999, p. 98-118; Santos, 2011).

O filme *Prá frente Brasil* (Roberto Farias, 1982) constitui um exemplar que não pode ser ignorado quando se trata de buscar composições filmicas emblemáticas da articulação de planos discursivos temáticos e de montagem.

Figura 1. *Prá frente Brasil* (Roberto Farias, Brasil, 1982)



Fonte: <http://memorianataliadovalle.blogspot.com.br/2010/02/prá-frente-brasil-sinopse-em-1970-o.html>. Acesso: 30 nov. 2016.

A montagem da capa do DVD – mídia inexistente quando da produção do filme – é um ponto de partida para situar o plano temático que retrata um país de ponta-cabeça e com associações suspeitas como a que fortaleceu os vínculos entre a política de linha dura e o futebol em nome de um nacionalismo ufanista. A trama do filme se desdobra entre os planos gloriosos de uma multidão em êxtase com os gols da seleção na copa do mundo de 1970 e o sequestro, tortura e morte de um cidadão que embarcou na hora errada em um táxi com um suspeito. A montagem das tomadas alterna planos da euforia do estádio com os planos de tortura, busca desesperada da família, ação e planos de grupos armados. Da alternância das tomadas, da música e dos ruídos constrói-se o quadro de dois mundos radicalmente distantes que não coincidiam nem formavam uma única composição para a grande maioria da população na época, que ignorava totalmente as ocorrências das perseguições políticas. Os episódios envolvendo a família do industrial para quem a vítima, personagem de Reginaldo Farias, e seu irmão, personagem de Antonio Fagundes, trabalhavam, não é nada menos do que uma construção alegórica do industrial Henning Albert Boilesen – a quem foi dedicado o documentário *Cidadão Boilesen* (2010) de Chaim Litevski, anos mais tarde.

No filme de Roberto Farias, estamos no plano ficcional, e, na tela, a estridência da música que se tornou o hino do país em ritmo de desenvolvimento e progresso não abafa os ruídos de tiroteios, de comandos de voz, de gritos. Como o som é invasivo, é impossível não ouvir e não ver a projeção icônica que reverbera na tela em imagem visual e sonora.

Tal alternância de planos de montagem organizando aquilo que, na esfera temática, se encontra disperso tornou-se um procedimento discursivo recorrente, como se pode conferir em outra produção: *O ano em que meus pais saíram de férias* (Cao Hamburger, 2006). Ainda que se trate de uma outra realização fílmica, o fato é que o filme de 2006 não deixa de citar no plano discursivo a montagem de 1982, visto que especula sobre o mesmo contexto histórico. Aproximar os dois filmes é uma forma de apreender o corte sincrônico que há entre eles. Embora do ponto de vista da realização estética e até mesmo ideológica atuem em campos opostos, o fato é que, no imaginário do cinema nacional, o clima de euforia provocado pelas cenas dos jogos na copa constrói um repertório de formas fílmicas que fazem parte da cinematografia brasileira.

Com a consolidação do discurso icônico, o caráter crítico é potencializado e cumpre seu desígnio de ampliar as possibilidades enunciativas em torno das hipóteses sobre a vida que foi possível viver naqueles tempos sombrios.

Também é possível examinar a transposição entre cenas e a continuidade de diálogos em filmes distintos, como o que Sérgio Rezende realizou entre *Lamarca* e *Zuzu Angel* (Sérgio Rezende, 2006). Na cena em que Zuzu descobre a morte do filho, o militante Stuart Angel, ela caminha por uma ladeira, chega a uma sapataria e desabafa: “Meu filho morreu para salvar o seu filho” (Rezende, 2006, 49’:57”). O sapateiro olha assustado. Ela sai. Quem assistiu ao *Lamarca* sabe que esse sapateiro é o pai do guerrilheiro, cuja história fora narrada em episódio de *Lamarca* realizado doze anos antes. Contudo, não se trata de uma mera citação, mas num procedimento em que as produções dos meios de comunicação são transformadas em documentos e recodificadas em outras realizações audiovisuais, marcando os processos de construção semiótica de textos culturais não apenas literários.

Criou-se uma prática cinematográfica em que os próprios filmes se tornam arquivos históricos da cinebiografia militante. Ao recorrer a eles, os cineastas operam cortes sincrônicos, articulando num mesmo espaço fílmico, filmes de épocas distintas. Cenas de *Lamarca*, de *Batismo de sangue* ou de *Prá frente Brasil*, por exemplo, mesmo sob o rótulo de filmes ficcionais, construíram experimentos cênicos sobre as ações da guerrilha urbana, os interrogatórios e as sessões de tortura e todo o confronto armado que ultrapassaram os limites dramáticos e se tornaram não apenas repertório de formas fílmicas como também experimentos analíticos de reflexão. Tornaram-se, assim, referenciais de alimentação às reflexões posteriores tais como *Marighella: retrato falado do guerrilheiro* (Sílvio Tandler, 2001); *Diário de uma busca* (Flávia Castro, 2010); *Marighella* (Isa Grispum Ferraz, 2010); ou, no mais recente, *Em busca de Iara* (Mariana Pamplona e Flávio Frederico, 2013).

O corte sincrônico articula um discurso audiovisual capaz de elaborar hipóteses sem recorrer à retórica das sentenças verbais de afirmação ou de negação rigorosamente concluídas em elos de causalidade. Ao explorar possibilidades e hipóteses, acolhe as ambivalências afeitas às topologias dos processos lógicos associativos e relacionais que convidam a pensar, a buscar novos ângulos das formas visualmente construídas. Com isso se insinua uma sofisticada arma política cujo exercício depende apenas da habilidade inteligente de ver e produzir filmes por meio da leitura associativa que não hesita ao ter de comparar e inferir sobre os feixes que se dimensionam em campos visuais sógnicos divergentes.

O que ganha peso argumentativo em filmes como esses é a intervenção numa esfera crítica de indagação cujo potencial dialógico emerge do tratamento a partir do qual o discurso audiovisual foi construído. Fotografias, filmes, programas de televisão ou gravações radiofônicas conjugados ao que se explorou e se conservou em meio impresso, caso das reportagens jornalísticas e dos textos literários – todos elaboram hipóteses por meio de ângulos de visão de modo a alcançar campos visuais de difícil apreensão. Graças a tais recorrências dialógicas, o discurso de evasivas do regime militar é confrontado e, ainda que não se postule nenhuma sentença final, as muitas hipóteses mantêm viva a dinâmica de auto-alimentação não apenas do cinema, mas também do pensamento que ele ajuda a construir como discurso da história que é.

O exercício metalinguístico observado em filmes dessa natureza semiótica luta pelo entendimento e por isso se propõe como busca. Quando um filme dialoga com o outro e alcança um ângulo distinto de visão, surgem com toda força os pontos de vista de formulações hipotéticas que se sabem construídas com “olhares excedentes” de ângulos enviesados. Tal formulação conceitual corresponde a uma expressão que bem poderia ser creditada tão somente ao teórico do dialogismo Mikhail Bakhtin. Afinal, devemos a ele a noção de discurso como projeção em campos visuais em que enunciados constroem exotopias³ em relação aos outros com os quais interagem. Todavia, ao recorrer a tal expressão para formular seu entendimento, o antropólogo João Paulo M. Castro se refere ao único recurso de que dispõe sua irmã, a cineasta Flávia Castro, para recompor a história do pai, o militante Celso Castro, que se entregou à luta armada e cuja morte misteriosa interrompeu a vida de muitos, sobretudo dos filhos. O filme *Diário de uma busca* fundamenta uma das questões de fundo dessa análise: na ausência dos fatos, toda especulação adquire o peso de hipótese e se torna alternativa à reflexão sobre o não-dito e o inacabamento numa perspectiva histórico-cultural. Pelo viés hipotético, abre-se caminho para a exotopia e para novos olhares extrapostos que mantêm vivo o sistema de pensamento como arma política.

Entende-se, por conseguinte, que a cinebiografia militante desenvolve premissas sobre os eventos históricos de modo a garantir a continuidade e a busca que resiste a minimizar a complexidade e os dilemas da tragédia das vidas que procura inventariar.

³ Exotopia é conceito que M. Bakhtin elabora para designar excedentes de visão num campo visual, dado que nele incidem muitos pontos de vista não coincidentes. O raio de incidência de um não coincide com um outro, pois há sempre algo que lhe escapa (ver Bakhtin, 1988).

3. Cronotopo e discursos evasivos em espaços geopolíticos de contestação

A verdadeira democracia se constrói com o esforço de cada um para a segurança de todos. Estamos forjando o nosso destino com ordem e progresso. Brasileiros, nunca fomos tão felizes! (*Nunca fomos tão felizes*, Murilo Salles, 1984, 1:18': 10"-1: 18':20")

Baseado num raciocínio que busca compreender como o tempo manifesta-se plasticamente ao ser traduzido pelo espaço, Mikhail Bakhtin formulou uma nova sensibilidade do espaço-tempo por meio da noção de cronotopo (Bakhtin, 1988, p. 211-362). Nela procurou orientar suas análises sobre o processo relacional em que os espaços vivenciam o tempo ao se transformarem em lugar por onde escoam ações que o acolhem e o transformam. Nesse sentido, não somente lugares físicos mas espaços de memória e também os sistemas culturais tornam-se configurações topológicas a partir das quais a noção de cronotopo pode ser dimensionada. Bakhtin atribuiu ao gênero o papel construtivo do cronotopo da obra literária. Nos filmes do período da ditadura, além dos gêneros cinematográficos como documentário e narrativa ficcional, não se pode ignorar o papel dos meios de comunicação como o jornal impresso, o rádio e a televisão na construção do cronotopo fílmico do cinema político sobre a ditadura. A potência semiótica do discurso enunciado pelos meios – basicamente transmissão de notícias sobre os protestos e repressão – crescem sobretudo pelo contraponto criado em relação ao contexto empírico da censura implantada no país. Nesse sentido, a noção de cronotopo torna-se instrumento teórico de análise da variada topografia que capturou os episódios de nossa história recente.

Podemos começar nossa análise por um cronotopo que marcou o cenário da época: o cronotopo das multidões reunidas em protestos de rua que, no cinema, se encarregou não apenas de consagrar o campo de batalha como expressão cronotópica de todo um estado inusitado de relações sócio-políticas e de novas ideias, como também trouxe à tona um campo de forças de relações dialógicas baseadas em confrontos com os sujeitos discursivos dos novos papéis sociais. Contudo, não são exatamente os pronunciamentos que despertam o foco de nossa análise, mas sim a multidão fotografada pelos mais diferentes ângulos e que acaba se tornando articulação fundamental das tensas relações advindas do jogo do dito, do não-dito e das evasivas que se chocam com o debate das questões urgentes.

Não são necessários grandes esforços para situar a multidão como um cronotopo emblemático na representação do tempo-espaço nos filmes estudados. Cenas de protestos e passeatas em que o espaço público da cidade era tomado por um grande número de pessoas tornaram-se elementos do repertório visual da base dramático-discursiva de muitos filmes. Há, contudo, algumas tomadas de cinejornais que traduzem uma outra dimensão do cronotopo da multidão e radiografa os caminhos tortuosos de sua bivocalidade discursiva. Filmes como *Manhã cinzenta*, *Pra frente Brasil* e *O ano em que meus pais saíram de férias* são exemplares desse processo.

Do ponto de vista da trama narrativa, as ameaças dramáticas das perseguições políticas, dos desaparecimentos e da tortura mostram o arrefecimento dos protestos e manifestações de rua. Com a

chegada da copa do mundo de 1970, os cine/telejornais começam a explorar a força patriótica das multidões nos estádios. Planos abertos e movimentos estonteantes de torcidas mostram o povo em festa. Como diz o refrão da canção *Pra frente Brasil*: “noventa milhões em ação / unidos pela mesma emoção / todos num só coração”. Comparativamente, a passeata dos cem mil ocorrida na Cinelândia não era nada perto das multidões dos estádios que multiplicavam pessoas diante das telas de televisão e dos aparelhos de rádio por todo o país. E esse era o antídoto fundamental do discurso oficial: a multidão não era só a que estava no estádio replicada na tela, mas a que repercutia nos lares, nas ruas, nas cidades.

A partir daí, o cronotopo da multidão revela sua face bifronte e seu discurso dialeticamente bivocalizado. Em primeiro lugar, cria um espaço geopolítico tanto de celebração quanto de confronto – depende do ângulo da tomada pelo qual se focalizam as relações dialógicas em pauta. No cinema, tal enunciado torna-se o próprio *leitmotiv* da narrativa que alterna, por meio da montagem, o drama da perseguição política com as cenas grandiloquentes do povo em êxtase.

Apesar da citação temática ao contexto da copa de 1970, o filme *O ano em que meus pais saíram de férias* avança na direção dos espaços cotidianos públicos e privados dos bairros da cidade grande. Assim são as cenas do menino isolado do convívio da família tornado, de repente, um estrangeiro no bairro do Bom Retiro em São Paulo, tradicionalmente um bairro habitado pelos judeus. O discurso audiovisual revela aqui uma outra semiose de sua condição icônica: a dimensão alegórica com a qual o menino Mauro, o protagonista do filme, se depara com as situações que vive em sua solidão. Aos poucos as “férias” de seus pais começam a ser traduzidas no espaço de sua nova convivência. Aquilo que seus olhos alcançam, sempre de um ângulo enviesado, evidentemente não se traduz em sua mente nos termos dos acontecimentos históricos do momento.

Figura 2. O ano em que meus pais saíram de férias (Cao Hamburger, Brasil, 2006)



Fonte: <http://openfilmes.blogspot.com.br/2009/03/o-ano-em-que-meus-pais-sairam-de-ferias.html>. Acesso: 30 nov. 2016.

Em cenas como essas, configura-se a bivocalidade discursiva que sugere duas enunciações sobrepostas e em contraste: algo escapa daquilo que ele vê. Assim foi no episódio do *talit*: sem saber que se tratava de uma peça sagrada usada em orações judaicas, tomou-a como um xale com o qual pudesse brincar.

Com base nesses dois eventos, a saber: (1) o estranhamento cultural próprio da condição estrangeira; (2) a ambivalência da situação política que não cabe nos limites da vida infantil, mas com a qual as crianças convivem, temos um elaborado processo de construção alegórica a se desenrolar no espaço fílmico. Alegoria aqui é um procedimento construtivo que joga com ideias e com planos discursivos de modo a provocar aquilo que não pode ser explicitado diretamente. Trata-se, portanto, de um processo indicial para a descoberta em que o sentido nem sempre está onde o episódio se manifesta. A alegoria se constrói, portanto, no âmbito dinâmico das transferências e assume uma função pedagógica no cinema político: condiciona o uso das imagens audiovisuais a constantes deslocamentos semânticos.

Os filmes *Pra frente Brasil* e *O ano em que meus pais saíram de férias* recuperam a dialogia desse cronotopo da multidão e o desnudam em sua duplicidade enunciativa, deixando-se atravessar por uma outra máxima corrente na época: a de que o povo estava completamente alijado da vida política do país e não tinha noção do que ocorria pelos “porões da ditadura” – outro cronotopo que os filmes tentam traduzir.

Da ignorância sobre os acontecimentos políticos emerge um outro tipo mais sutil de cronotopo: aquele que alcançar mentes e memórias esvaziadas e alienadas da vida social. O cronotopo da alienação dos espaços vazios se sustenta basicamente de relações dialógicas firmadas pelo discurso irônico e polêmico pleno de não-ditos e de evasivas tais como foram construídas no filme *Nunca fomos tão felizes* (1984) de Murilo Salles.

Trata-se de um filme que surge de uma inspiração literária: o conto *Alguma coisa urgentemente*, de João Gilberto Noll. Dele herda o minimalismo composicional do enredo que diluiu o diálogo em dúvidas, suspeitas, não-ditos e evasivas transformando o filme num profundo e tenso discurso interior.

Os primeiros anos de vida suscitaram em mim o gosto da aventura. O meu pai dizia não saber bem o porquê da existência e vivia mudando de trabalho, de mulher e de cidade. A característica mais marcante do meu pai era a sua rotatividade. Dizia-se filósofo sem livros, com uma única fortuna: o pensamento. Eu, no começo, achava meu pai tão-só um homem amargurado por ter sido abandonado por minha mãe quando eu era de colo. Morávamos então no alto da Rua Ramiro Barcelos, em Porto Alegre, meu pai me levava a passear todas manhãs na Praça Júlio de Castilhos e me ensinava os nomes das árvores, eu não gostava de ficar só nos nomes, gostava de saber as características de cada vegetal, a região de origem. Ele me dizia que o mundo não era só aquelas plantas, era também as pessoas que passavam e as que ficavam e que cada um tem o seu drama (João Gilberto Noll, *Alguma coisa urgentemente*, 1997).

Conto e filme mantem em suspense a motivação fundamental do enredo que narra como um jovem, depois de passar oito anos estudando num colégio interno religioso, vai viver com seu pai no Rio de Janeiro. No conto, o jovem sabe que seu pai, que já estivera preso, negocia armas; no filme, o jovem de nada sabe. Tampouco passa pela cabeça do rapaz que o trabalho clandestino do pai é o grande responsável pelo abismo que os separa cada vez mais. Quando, no final, o pai aparece para morrer, tanto no conto quanto no filme, o

filho acompanha sua agonia não sem a angústia de saber que precisa fazer alguma coisa urgentemente. E este é título do conto.

Aí eu parei de falar e o Alfredinho me olhava como se eu estivesse falando coisas que assustassem ele, ficou me olhando com uma cara de babaca, meio assim desconfiado, e nem sei bem o que passou pela cabeça dele quando meu pai lá no quarto me chamou, era a primeira vez que meu pai me chamava pelo nome, eu mesmo levei um susto de ouvir meu pai me chamar pelo meu nome, e me levantei meio apavorado porque não queria que ninguém soubesse do meu pai, do meu segredo, da minha vida, eu queria que o Alfredinho fosse embora e que não voltasse nunca mais, então eu me levantei e disse que tinha que fazer uns negócios, e ele foi caminhando de costas em direção à porta, como se estivesse com medo de mim, e eu dizendo que amanhã eu vou aparecer no colégio, pode dizer pra diretora que amanhã eu conversei com ela, e o meu pai me chamou de novo com sua voz de agonizante, o meu pai me chamava pela primeira vez pelo meu nome, e eu disse tchau até amanhã, e o Alfredinho disse tchau até amanhã, e eu continuava com o pano de prato na mão e fechei a porta bem ligeiro porque não aguentava mais o Alfredinho ali na minha frente não dizendo nem uma palavra, e fui correndo pro quarto e vi que o meu pai estava com os olhos duros olhando pra mim, e eu fiquei parado na porta do quarto pensando que eu precisava fazer alguma coisa urgentemente (João Gilberto Noll, *Alguma coisa urgentemente*, 1997).

O sentimento de urgência perpassa a trama e sustenta o conto, mas não o filme. Como tal urgência foi traduzida audiovisualmente? Vejamos no contexto da produção fílica como um todo.

A produção audiovisual, concentrada no discurso interior, explora a evasão, o não-dito, o silêncio a denunciar ausências que preenchem o espaço do apartamento em Copacabana para onde o jovem fora levado para morar com seu pai. Tudo enunciado por uma câmera silenciosa que acompanha cada linha do espaço, cada gesto, cada movimento no ar.

Figura 3. Nunca fomos tão felizes (Murilo Salles, Brasil, 1984)



Fonte: Nunca fomos tão feliz. 16':58''.

No apartamento com amplas janelas que acompanham a orla marítima da Avenida Atlântica, as paredes são brancas e desnudas; os cômodos grandes e vazios; quase não há móveis. No imenso vazio do

espaço interior, dependendo do ângulo e da luz, o apartamento se torna uma cápsula circunscrita pelo horizonte de mar e céu. Sem ter o que fazer, o tédio espacializa a solidão e a angústia do rapaz que extravasa a sua cápsula e alcança a rua. A vastidão do mar e do horizonte reproduzem o mesmo vazio do apartamento: na imensa orla marítima não há barcos, nem banhistas e muito menos turistas. Ninguém anda pelas ruas de Copacabana. Ruído, só do movimento das ondas do mar. O vazio e o silêncio transfiguram a cidade maravilhosa e todas suas referências se diluem.

O jovem toma como missão descobrir quem é o seu pai, a qual atividade se dedica para ganhar o sustento, porque ele aparece e some o tempo todo e, principalmente, o que os impede de viverem juntos. Busca formular alguma ideia através dos índices que encontra meio ao acaso. Ao vasculhar os móveis, encontra a foto de uma mulher; ao abrir uma das gavetas do armário, encontra caixas de fósforos de uma casa noturna. Numa manhã, acorda e encontra o pai deitado na cama, ao lado de um revólver, sobre um jornal que anuncia a morte de um terrorista e de uma dançarina numa coluna sobre tráfico de drogas. No chão, o rádio de pilha transmite o noticiário policial do dia. Fotografia, casa noturna, mulher, notícia do jornal, revólver: eis os termos de uma equação que ele não consegue articular numa sequência e cria um abismo cada vez maior entre o ele e o mundo a sua volta. Temos aqui os elementos fundamentais do cronotopo da alienação que faz do espaço vazio físico do apartamento uma extensão da mente alienada do jovem. No entender de Umberto Pereira da Silva,

Ora, numa atmosfera carregada, num clima de medo constante, num ambiente de forte controle e de delações, as informações, as movimentações das pessoas, eram travadas ou comunicadas de forma cifrada. O rapaz que havia passado oito anos num internato não tinha a menor ideia do país em que vivia. Mas nisso também – e aqui o valor de *Nunca Fomos Tão Felizes* –, a expressão profunda de que quem estava fora dos acontecimentos não tinha ideia do que se passava. O povo, enfim, tinha uma pálida imagem do que era de fato a ditadura (SILVA, 2014, s.p.).

Mas o jovem navega alheio a esse universo, sem munção para enfrentá-lo. No encontro com o pai que acontece numa sessão de cinema, em que se projeta *Os Inconfidentes*, 1972, de Joaquim Pedro de Andrade, o jovem faz perguntas diretas ao pai mas nada consegue de concreto. Ali na sala escura, o pai lhe diz da morte de um grande amigo. Interrogado se o amigo era o mesmo da notícia no jornal, o pai o repreende por querer saber coisas sobre sua vida que ele não pode falar. Aconselha-o a não fazê-lo e esperar o momento certo. Na tela, o personagem do filme fala sobre o ideal de liberdade que ele imagina para o país e o modo como poderia chegar a ela.

No apartamento, com uma televisão e uma guitarra, o rapaz tenta, então, articular os termos de sua equação numa sequência juntando as caixas de fósforos da casa noturna, a notícia de jornal sobre a morte do terrorista, a arma de seu pai e a fotografia da mulher, a dona do apartamento. Vai à casa noturna; encontra a mulher, dona do apartamento, mas não consegue nada além das mesmas frases evasivas. Chega até a perguntar ao pai se ele era terrorista, mas a pergunta fica sem resposta. No entender de Humberto Silva,

Nesse ponto, aliás, é uma metáfora acabada do que foram os anos de ditadura no Brasil. Visto hoje, como entender que um jovem estudante praticamente não suspeitasse da vida clandestina do pai? Pois bem, de um lado, uma sutileza cuja passagem do tempo gera estranheza, mas que, em retrospectiva, diz muito sobre os “anos de chumbo” em nossa história. O filme é de 1984, vale lembrar, e Murilo Salles está ciente de que não cabe tratar de tema tão espinhoso de modo aberto. Sua opção estilística pela contenção, pelas entrelinhas, pela ambiguidade, tem a ver com o contexto em que vivia. Hoje, essas mesmas opções teriam outro significado. No confronto de conjunturas, a curiosa maneira de notar que *Nunca Fomos Tão Felizes* é um filme antitadado: clichês e *slogans* de época, tão exaustivamente usados para se reportar à ditadura, não são exibidos e tampouco teriam significado nesse trabalho. (SILVA, 2014, s.p.)

A partir desse jogo minimalista pontuado de evasivas, não é de se estranhar que os próprios personagens não sejam explicados e muito menos acabados. Nesse sentido, o filme segue à risca a natureza audiovisual de seus planos independentes e fragmentários. Em nenhum momento se pode tomar um plano ou uma sequência e tomá-la como explicativa do conjunto. É possível tomá-la apenas como fragmento que é. Por exemplo, uma pista mais ou menos evidente sobre a atividade clandestina do pai⁴ surge quando ele se dirige a um restaurante com uma mala de dinheiro para uma transação de armas. Contudo, o episódio permanece como pista uma vez que a finalidade do uso das armas não é esclarecida. Nem mesmo o cerco do apartamento por helicópteros e a fuga para São Cristóvão lançam uma luz sobre as dúvidas.

A impossibilidade de sanar suas dúvidas aumenta a intensidade da solidão e da angústia que ganham espacialidade pelo menos em duas sequências muito precisas; ambas acontecem na praia. Na cena diurna, o rapaz olha angustiado crianças brincando na areia e no mar; na cena noturna, ele se emociona com o casal se abraçando num poste. Ambas as cenas são acompanhadas por um solo de clarinete que se desenvolve num *crescendo*, abrindo um espaço maior para seu desamparo. A mesma música é repetida quase no final do filme, quando ele se encontra desolado no apartamento ante mais um desencontro com seu pai. São cenas marcantes da tradução audiovisual da confusão que domina seu discurso interior dominado por evasivas.

Assim como a música preenche e comenta o vazio diegético, os programas de televisão preenchem o vazio do apartamento. O jovem acompanha a programação até o final, como no dia de seu aniversário, quando o pai traz um bolo e ambos comemoram. Enquanto o menino dorme, o pai recolhe os pratos e copos ao som da vinheta que encerra a programação.

Fique agora na tranquilidade de seu lar. Nós estamos aqui atentos aos acontecimentos da aldeia global preparando as emoções que são a vida do povo e a alma da cidade. Até amanhã, na certeza de um novo tempo, tempo de comunicação fazendo o homem livre (*Nunca fomos tão felizes*, 39':35"-39:58").

⁴ A partir do método comparativo que nos orienta, vale registrar que o personagem do pai, representado pelo ator Claudio Marzo, também aparece em *Pra frente Brasil* como o subversivo ligado à esquerda armada, encarregado de conseguir arque, e oferece carona no táxi em que Jofre (Reginaldo Farias) é sequestrado, confundido com terrorista e torturado até a morte (REIS JÚNIOR; LAMAS, 2014, p. 2).

Abre-se um outro plano discursivo que será decisivo para os confrontos hipotéticos que as cenas sustentam. Se “a comunicação faz o homem livre” sob o domínio da censura de que liberdade a emissora está falando? Afinal, é no âmbito dessa suposta liberdade que se manifesta o slogan de que “nunca fomos tão felizes”. Algo bem diferente do discurso de *Os Inconfidentes* citado. Considerando a trama do filme, nem a felicidade nem a liberdade podem ser cogitadas, afinal, o que menos existe entre pai e filho é comunicação.

Na sequência final, quando o filho desolado pelo novo sumiço do pai, depois de ficar dias esperando com as malas prontas para, finalmente, partirem em viagem, o jovem cai numa profunda angústia e, num momento de raiva, quebra o vidro da janela. Dorme ali mesmo, em meio aos cacos, ao lado da televisão que permanecera ligada. Na vinheta de abertura dos trabalhos do dia, a emissora coloca no ar a locução acompanhada por uma marcha.

A verdadeira democracia se constrói com o esforço de cada um para a segurança de todos. Estamos forjando o nosso destino com ordem e progresso. Brasileiros, nunca fomos tão felizes! (*Nunca fomos tão felizes*, Murilo Salles, 1984, 1:18':10"-1:18':20")

No término da locução, o jovem se levanta e desliga o aparelho, anda pelo apartamento e descobre o pai ferido deitado na cama, agonizando. Enunciado no contexto daquele cenário de angústia, desolamento e morte anunciada, depois de tanto esperar, como justificar a coerência da frase da vinheta: “Brasileiros, nunca fomos tão felizes!”? O discurso audiovisual não confirma o enunciado verbal, ainda que ambos se encarreguem de enunciar a bivocalidade dissonante da trama que vai pela tela.

O último gesto do rapaz – agora sim, realizado em regime de urgência – foi ajeitar o corpo inerte do pai sentado contra a parede e sacar uma foto de seu pai com sua câmera polaroid.

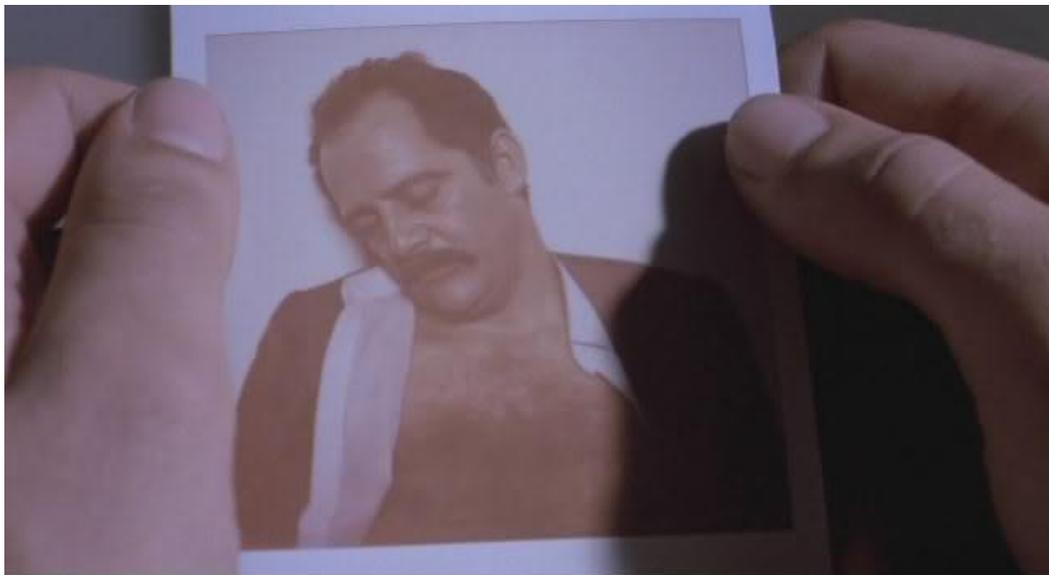
Figura 4. Nunca fomos tão felizes (Murilo Salles, Brasil, 1984)



Fonte: *Nunca fomos tão felizes*. 1:25':37"

Essa foi a única forma não perder para sempre a imagem desse homem que estava prestes a lhe escapar para sempre, encerrando definitivamente a possibilidade de vir a conhecê-lo e construir sua biografia.

Figura 5. Nunca fomos tão felizes (Murilo Salles, Brasil, 1984)



Fonte: Nunca fomos tão felizes. 1:25':46''

Chegamos, assim, ao ponto central de nossa indagação que investiga o papel das relações dialógico-discursivas no âmbito do signo cinematográfico-audiovisual num cronotopo marcado pelo vazio. O vazio espacial – do apartamento, da cidade e da vida do jovem que está fora de lugar e, portanto, no vazio de suas referências espaciais – nos coloca diante do esvaziamento discursivo, particularmente do discurso da luta mobilizadora de consciências, do mesmo discurso que ouvimos nas cenas de protestos. Especializado no cenário audiovisual que constitui a matéria fílmica, o esvaziamento discursivo ressoa nas evasivas do discurso do pai, no não-dito que cerca as indagações do jovem, na bivalência entre o que é veiculado pelos meios de comunicação, no caso a televisão, e a trama vivencial que vai pela tela do filme ao qual assistimos. Considerando que a locução televisiva é cena no filme e, portanto, mensagem em função metalinguística, impossível ignorar as forças em luta, sobretudo o contra-discurso cinético-audiovisual que nega a afirmação televisiva segundo a qual o tempo de comunicação coincide com o exercício de liberdade. A legitimidade do discurso não se sustenta quando pronunciado num espaço sob o domínio das forças de poder e controle que impedem a fluência e reprime severamente a livre-manifestação.

Graças a tais enunciados que, desprovidos da condição analítica de suas relações dialógicas, por mais dissonantes que elas possam parecer, o cronotopo da alienação fortificou a crença no domínio do discurso oficial enunciado na palavra autoritária do poder constituído. Com isso, até mesmo o discurso que ignora a combinatória do discurso audiovisual torna-se alienado.

Considerações finais

“É estranho viver sabendo que não vai envelhecer” (*Lamarca – o capitão da guerrilha*, Sérgio Rezende, Brasil, 1994, 1:17:13”).

Uma das principais características da cinematografia política se define pela habilidade de operar seu discurso cinético-audiovisual no contraponto do discurso oficial, confrontá-los e propor contra-discursos que levem a articulações discursivas reveladoras, ainda que duras e irreversíveis. Em vez de afirmar, aprendeu a indagar, a operar hipóteses, inferências sem hesitar em vasculhar meandros da memória cultural e colocá-la a seu serviço. O cinema político aprendeu a elaborar hipóteses das quais resultam argumentos com valor, senão de prova, pelo menos de provimento de inferências. Sabemos o quanto a capacidade de produção de inferências qualifica a consciência de linguagem bem como o padrão semiótico de sua elaboração. No caso da cinematografia política tomada como objeto de estudo nesse trabalho, observou-se que, no interior de um discurso histórico oficialmente articulado, se constituem outros ramos discursivos em cujo espaço se desenvolveram forças de alinhamentos contraditórios. As relações dialógicas configuradas não puderam prescindir nem do espaço por onde escoam as ações que as constituem, nem do tempo a que tais ações se vinculam.

O espaço das relações dialógicas prima, assim, pelo confronto, pela presença de ampliações e ressonâncias de um discurso dentro de outro e de sistemas semióticos em desdobramentos. Aquilo que um não pode dizer, outro o fará nos limites de sua configuração. Para isso, conta com a ação transformadora da memória a operar em diferentes níveis de significação. Consequentemente, surge a necessidade de acionar novas formas de percepção e de cognição também para a construção da leitura que certamente não coincidem com aquelas que orientam a leitura do discurso que emerge à luz de sentenças.

Do ponto de vista das relações dialógicas, a memória aqui retratada obedece aos princípios da abordagem em que sua função elementar como lugar de armazenamento é preterida em nome da ação transformadora capaz de processar informações e conferir-lhes uma nova forma enunciativa. Mesmo em tempos de censura, a força comunicativa dos meios, como o rádio e o jornal, foram preservadas para serem explorados em sua nova função dialógica. Nesse sentido, a memória dialógica se revela muito mais como força discursiva de confronto em tempo presente do que como dispositivo de lembranças e fatos passados.

Quando entra em campo a memória dialógica uma outra qualidade de entonação discursiva é considerada: a força especulativa das possibilidades discursivas que, ampliadas, produzem o pensamento audiovisual operando um deslocamento da logosfera para adentrar no complexo de articulações da semiosfera com sua semiose potencializada pelos signos da cultura. Chega-se, assim a um viés discurso histórico, apreendido no vigor de sua enunciação.

Enquanto para a personagem Clara – personagem da militante Iara Iavelberg no filme *Lamarca, o capitão da guerrilha* – a curta vida do guerrilheiro condena à certeza de que não vai envelhecer, para o

cinema político não envelhecer significa conservar o vigor enunciativo de modo a se renovar como memória da cultura e de sua história.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. Author and Hero in Aesthetic Activity. Trad. Vadim Liapunov. In: **Art and Answerability. Early Philosophical Essays by M. M. Bakhtin**. (Ed. Michael Holquist and Vadim Liapunov). Austin: University of Texas Press, 1990. [Autor e personagem na atividade estética. In: **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003].

BAKHTIN, Mikhail. Formas de tempo e de cronotopo no romance. Ensaio de poética histórica. In: **Questões de literatura e de estética. A teoria do romance**. Trad. Aurora F. Bernardini e outros. São Paulo: UNESP, 1988.

BERNARDET, Jean-Claude. Documentários de busca: 33 e Passaporte Húngaro. In: MOURÃO, Maria Dora; LABAKI, Amir (orgs.). **O cinema do real**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

JOSÉ, Angela. **Olney São Paulo: a peleja do cinema sertanejo**. Rio de Janeiro: Quartet, 1999.

MACHADO, Irene. Olhares excedentes: dilemas da hipótese cinebiográfica sobre militantes políticos. In: GUTFREIND, Cristiane (org.) **Narrar o biográfico: a comunicação e a diversidade da escrita**. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 213-265.

MACHADO, Irene. Relações dialógicas no filme *Manhã cinzenta* (1969) de Olney São Paulo. In: ARAUJO, Denize Correa; MORETTIN, Eduardo; REIA-BAPTISTA, Vitor. **Ditaduras Revisitadas: Cartografias, Memórias e Representações Audiovisuais**. Faro: CIAC/Universidade do Algarve, 2016, p. 667-87.

NOLL, João Gilberto. **Alguma coisa urgentemente**. PDF. 1997. Disponível em: http://www.releituras.com/joaognoll_alguma.asp. Acesso: 29 jan. 2017.

REIS JUNIOR, Antonio; LAMAS, Caio Túlio Padula. História, cinema e censura: silenciamentos e resistência em pra frente Brasil de Roberto Farias. **Lumina**, v. 8, n. 2, 2014, p. 1-24.

SANTOS, Maria David. Olney São Paulo: esplendor e maldição em *Manhã cinzenta*. **Cine Cachoeira. Revista de cinema da UFRB**, v. 1, n. 2, 2011. Disponível em: <http://www.cinecachoeira.com.br/2011/06/olney-sao-paulo/>. Acesso: 02 fev. 2016.

SILVA, Humberto Pereira da. Obscuridades, incertezas e ambiguidades em Nunca fomos tão felizes. **Cinequanon.art.br**, jul. 2014. Disponível em: http://www.cinequanon.art.br/grandeangular_detalle.php?id=250. Acesso: 03 fev. 2016.

A pseudocortesia na rede social Facebook

Katiuscia Cristina SANTANA¹

Resumo: O presente trabalho propõe um estudo das estratégias linguísticas que expressam a pseudocortesia na rede social Facebook, em especial o uso da ironia na interação virtual. Entendemos por pseudocortesia a aparente cortesia inserida em um contexto interacional descortês. A noção de cortesia se desenvolveu com base no conceito de face introduzido por Goffman (1967) e aprofundado mais tarde por Brown e Levinson (1987). Levando em consideração as pesquisas já desenvolvidas a respeito da teoria da preservação das faces e a respeito da cortesia, a pesquisa busca embasamento teórico na Análise da Conversação, na Pragmática e na Sociolinguística Interacional para a análise do corpus escolhido para o estudo. Para tanto, serão analisados excertos de conversa de um grupo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo na rede social Facebook.

Palavras-chave: análise conversacional; pseudocortesia; ironia; rede social; interação.

Introdução

A relação interpessoal implica uma “imagem de si” que cada um dos interlocutores projeta e ressignifica durante o processo interacional. De acordo com Galembeck (2008), “a construção ou a desconstrução da imagem de si ou do outro constitui um fator determinante na interação verbal” (GALEMBECK, 2008, p. 325).

O sociólogo Erving Goffman foi um dos principais estudiosos das interações face a face. Ele consolidou a noção de face, ou seja, a representação da imagem pública de um indivíduo. O objetivo do falante é preservar a sua própria face e preservar a face do outro interlocutor.

Mais tarde, Brown e Levinson (1987) desenvolvem estudos sobre a cortesia no ato interacional com base no conceito de “face” de Goffman (1967). Eles aprofundam o conceito de face e relacionam a linguagem ao comportamento social. O modelo de Brown e Levinson, embora complementar à teoria de Goffman, foi criticado por vários estudiosos da interação, tal como Kerbrat-Orecchioni (2006). Ela critica, sobretudo, a concepção negativa de ameaça das faces a todo instante na interação. Para a linguista francesa, alguns atos como o elogio e o agradecimento não têm somente um caráter ameaçador das faces, tal como é concebido nos estudos de Brown e Levinson, mas também valorizador das faces. Há, desta maneira, atos ameaçadores da face e atos valorizadores da face.

No âmbito desta pesquisa, objetivamos discutir, sobretudo, o uso da ironia em casos de pseudocortesia por meio de um *corpus* retirado da rede social Facebook. Entendemos por pseudocortesia a aparente cortesia inserida em um contexto interacional descortês. O *corpus* escolhido para a análise é um excerto de uma conversa retirada de um grupo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, a FFLCH/USP. Para fins de análise, manteremos apenas a primeira letra dos

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Antônio da Silva. E-mail: kathycris@gmail.com

pre nomes dos participantes, assim como ocultaremos os sobrenomes e as fotografias de perfil. Trata-se de um grupo criado com o intuito de reunir alunos do curso de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, ou seja, um grupo em que muitos participantes não se conhecem pessoalmente, uma vez que a cada ano ingressam mais de 800 alunos no curso de Letras, nos períodos matutino e noturno.

1. Fundamentação teórica

Durante a nossa vida em sociedade, a língua tem um papel muito importante de interação social. Os participantes de uma interação, seja escrita ou oral, preocupam-se em se fazer compreender e em manter o equilíbrio durante o processo interacional. A interação viabiliza o trabalho cooperativo e efetiva as relações sociais. Conforme Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 08):

Para que haja troca comunicativa, não basta que dois falantes (ou mais) falem alternadamente; é ainda preciso que eles se falem, ou seja, que estejam, ambos, “engajados” na troca e que dêem sinais desse engajamento mútuo, recorrendo a diversos procedimentos de validação interlocutória.

Na conversação, por exemplo, o falante precisa garantir a atenção do ouvinte e este estabelece relações que favorecem o andamento da conversa. A conversação é, assim, uma prática social na qual os indivíduos se relacionam uns com os outros, procurando atingir seus objetivos conversando.

O sociólogo Erving Goffman dedicou-se ao estudo das interações sociais do tipo face a face para compreender os fenômenos que ocorrem no cotidiano. Para ele, construímos a nossa identidade e performamos nossas ações por meio da interação. Em *A representação do Eu na vida cotidiana*, ele constrói o conceito de representações e papéis sociais com base no comportamento dos indivíduos quando em contato uns com os outros.

Ele designou de *modus vivendi* conversacional o ato de os interlocutores procurarem interagir, evitando conflitos, choques decorrentes de possíveis perdas ou sustentação da face, entendida como a imagem pública pelo sociólogo. Para Goffman (1967), a fala é socialmente organizada como um pequeno sistema de ações face a face que são mutuamente e ritualmente governadas, ou seja, um encontro social e a manutenção da face é uma forma de manter uma boa relação com o seu interlocutor.

Na conversação, o locutor fica vulnerável em relação ao interlocutor, uma vez que este pode interrompê-lo a qualquer momento. Com base no conceito de “face” de Goffman (1967), Brown e Levinson (1987) desenvolvem estudos sobre a cortesia no ato interacional. Eles destacam que todo ser possui duas faces, a saber:

1) A face negativa, que corresponde à descrição de Goffman como os “territórios do eu”, ou seja, o território corporal, espacial ou temporal. A face negativa envolve a contestação aos territórios do “eu”, ou seja, a liberdade de ação e a liberdade de sofrer imposição. É o desejo de não ser impedido em suas ações e implica a não imposição do outro.

2) A face positiva, que corresponde às imagens valorizadoras que os interlocutores constroem e tentam impor na interação. É o desejo de aprovação social e de autoestima.

A noção de face positiva e negativa apresenta o mérito de destacar as ligações estabelecidas entre os indivíduos e permitem a elaboração do conceito de “FTA” ou “AAF” (*Face Threatening Acts* ou Atos Ameaçadores da Face) em uma interação. Os participantes são levados a desenvolver atos verbais e não verbais durante o ato interacional e, conseqüentemente, estão sujeitos às ações ameaçadoras das faces, como por exemplo:

1) Atos que ameaçam a face positiva do falante: a auto-humilhação, a auto-confissão, a desculpa, a autocrítica e outros comportamentos “autodegradantes”;

2) Atos que ameaçam a face negativa do ouvinte: pedidos, ordens, elogios, conselhos, proibições, ofensas proxêmicas, contatos corporais inadequados, agressões visuais, perguntas “indiscretas”;

3) Atos que ameaçam a face positiva do ouvinte: a reprovação, os insultos, as acusações, as críticas, a refutação, a injúria, a chacota e o sarcasmo; e

4) Atos que ameaçam a face negativa do falante: os agradecimentos, a aceitação de ofertas, as promessas.

De acordo com essa proposta, a imagem social é vulnerável e pode sofrer constantes ameaças, que podem ser amenizadas por estratégias linguísticas ou por atitudes. Os participantes do ato interacional devem buscar um equilíbrio e procurar proteger a face, para evitar uma relação conflituosa. Por exemplo, sugerir que o interlocutor está errado pode ocasionar um desconforto, revelar um segredo pode acarretar brigas, entre outros comportamentos interacionais.

Kerbrat-Orecchioni (2006) sustenta que a interação não é permeada somente de atos ameaçadores da face. Ela também considera que há atos “valorizantes” da face e propõe o conceito de “FFA” (*Face Flattering Acts*) ou “Anti-FTA”. De acordo com Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 81-2),

(...) a esse modelo reprovou-se, sobretudo, uma concepção excessivamente pessimista, e até mesmo “paranóide”, de interação – representando os indivíduos em sociedade como seres vivos sob ameaça permanente de FTAs de todo gênero, e passando seu tempo a montar guarda em torno de seu território e de sua face. [...] é indispensável introduzir no modelo teórico um termo suplementar para designar esses atos que são, em alguma medida, o lado positivo dos FTAs: chamamos esses “Anti-FTAs” de “FFAs”.

Desta forma, para a autora há duas grandes famílias de atos de fala: os atos de fala negativos, que produzem efeitos negativos para as faces e os atos de fala positivos, que são os FFAs. Este conceito cunhado por Kerbrat-Orecchioni soma-se aos outros estudos empreendidos sobre a interação, constituindo-se em mais um referencial que explica a dinâmica das interações.

Embora Goffman e Brown e Levinson tenham estudado as interações do tipo face a face *in praesentia*, salientamos que as estratégias conversacionais que geram perda ou sustentação da face podem aparecer também em uma interação virtual, já que o locutor também fica vulnerável a julgamentos de valor. Com o

advento de novas tecnologias, abriu-se espaço para outros meios de interação, como as redes sociais. Entendemos o conceito de redes sociais tal como define Martino (2014, p. 55):

Redes sociais podem ser entendidas como um tipo de relação entre seres humanos pela flexibilidade de sua estrutura e pela dinâmica entre seus participantes. Apesar de relativamente antiga nas ciências humanas, a ideia de rede ganhou mais força quando a tecnologia auxiliou a construção de redes sociais conectadas pela internet, definida pela interação via mídias digitais. [...] A noção de “redes sociais” é um conceito desenvolvido pelas Ciências Sociais, para explicar alguns tipos de relação entre pessoas.

A internet, dessa forma, ganha espaço para trocas linguísticas. Castells (2003), por exemplo, defende o avanço da internet como forma de comunicação e como a grande responsável pela transformação da sociabilidade no mundo contemporâneo, com a substituição de comunidades espaciais por redes como formas de sociabilidade.

Assim como em uma interação face a face, é possível encontrar no mundo virtual conflitos entre os interactantes. Uma maneira utilizada para manter a face do interlocutor e minimizar a ação dos atos ameaçadores da face (AAF) é o emprego da cortesia. Entendemos por cortesia a adequação social a um contexto determinado que preserva o caráter harmonioso de uma relação interpessoal.

A cortesia se manifesta por atos linguísticos e não linguísticos, seguramente com a prevalência dos primeiros, já que as relações humanas, em sua maioria, se realizam linguisticamente ou ao menos vêm acompanhadas de atos linguísticos. Portanto, a cortesia é uma atividade linguisticamente pertinente. A sua manifestação tanto ocorre por formulações cultural e socialmente definidas e consagradas, quanto por meio de recursos singulares e originais criados no aqui e agora dos atos enunciativos (HILGERT, 2008, p. 134).

Embora os estudos sobre cortesia estejam presentes em várias pesquisas acadêmicas, percebe-se uma lacuna no que diz respeito à descortesia, sobretudo a pseudocortesia. Além disso, deve-se considerar que vivemos em uma época em que a interação se dá cada vez mais em ambiente virtual, por meio de e-mails, mensagens de texto e de redes sociais. Diante do exposto, são necessárias novas reflexões a respeito do uso e do contexto das estratégias linguísticas responsáveis por uma falsa cortesia, que podem ocorrer em interações face a face ou não.

2. O uso da ironia na interação

A ironia é um fenômeno linguístico complexo, uma vez que depende da situação comunicativa para a sua interpretação e compreensão. Sobre a concepção de ironia, o dicionário *Houaiss* destaca que se trata de uma “figura por meio da qual se passa uma mensagem diferente, muitas vezes contrária, à mensagem literal, geralmente com objetivo de criticar ou promover humor [A ironia ressalta do contexto.]”. Percebe-se, pois, a importância do contexto para a análise dos dados da pesquisa.

Kerbrat-Orecchioni (1986) destaca que a ironia faz parte de um procedimento retórico baseado na antífrase e salienta seu efeito ilocutório. De acordo com as máximas conversacionais de Grice (1982), o

enunciador que faz uso de ironia infringe a máxima de qualidade, que consiste em não dizer algo que acredita ser falso.

Braz (2014) defende a ambivalência da ironia, pois, segundo a interpretação da pesquisadora, a ironia permite mitigar o ataque à imagem positiva do interlocutor, uma vez que a apreciação negativa se dá de forma indireta. Assim como os demais teóricos, ela também dá destaque ao contexto:

A ironia é então entendida como um fenômeno semântico-pragmático fortemente dependente de fatores contextuais, sendo assinalada pela inadequação entre o sentido literal da frase e o seu contexto de produção. Possui uma dimensão avaliativa intrínseca a que não é estranho o seu emprego com fins argumentativos e persuasivos (BRAZ, 2014, p. 175).

Leech (1997) também reforça a concepção de ironia como uma forma de pseudocortesia, uma vez que permite ao locutor ser indelicado aparentando delicadeza. Alvarado & Padilla (2007) sustentam que é necessário considerar vários aspectos para se compreender a ironia, como a situação comunicativa e o uso das máximas conversacionais. Para os pesquisadores, há marcas e indicadores que ajudam a interpretar se um enunciado é irônico ou não, são eles: indicadores linguísticos (ordem das palavras, uso de superlativos, diminutivos, etc.); indicadores cinésicos (gestos, piscadelas, caretas, etc.); indicadores paralinguísticos (sorrisos, risos, etc.); e indicadores acústico-melódicos (entonação, pausas, alongamentos vocálicos, etc.).

Para a análise do *corpus*, consideraremos a situação comunicativa e os indicadores assinalados por Alvarado & Padilla (2007).

3. Análise do *corpus*

O *corpus* dessa pesquisa foi retirado da rede social *Facebook* no ano de 2014. No *corpus* em questão, uma aluna faz uma publicação no grupo de Letras da FFLCH/USP na rede social *Facebook* em defesa da continuidade da greve, um tema polêmico na faculdade. A interação com outros alunos se dá por meio de várias respostas referentes à publicação da aluna J.

Figura 1. Interação entre J e o grupo de Letras da USP no Facebook

J ▸ Letras - FFLCH - USP
1 h · 🌐

Informações direto da Diretoria - para confirmar, escreva para fflch [arroba] usp [ponto] br: se NÓS, ESTUDANTES, entrarmos outubro em greve, o semestre 20142 (o presente) será obrigatoriamente cancelado e a Direção da Unidade vai ter que se virar nos 30 pra resolver a situação (como? Não sei. Problema deles).

Se NÓS, ESTUDANTES, sairmos de greve antes de outubro, a burocracia pode dar um mês de aulinhas de mentirinha, com conteúdo de mentirinha e o método de avaliação que bem entender, com o prazo que bem entender (provavelmente uma correria louca do cu, afinal, os professores querem mesmo é sair de férias). Neste caso, a Diretoria fica suave no rolê e não tem que se responsabilizar por nada.

Opção 1: possível dignidade e conteúdo de verdade para os alunos.
#Comovaiser? #MaseoCicloBásico? Não sei, problema da Diretoria, mas o direito fica garantido para os estudantes e ninguém vai sair reprovando os alunos em atitude de gracinha da docência fascista.

Opção 2: burocracia rindo da nossa cara e indo passar férias nas Bahamas + dois semestres de fachada para os alunos (20141 e 20142) = ano letivo perdido em conteúdo, decência e dignidade, ou seja, professores de boa e você, que passou na FUVEST, no ranqueamento etc. e luta para se manter em SP, com um ano da sua vida perdido nas costas - no sentido da sua formação em Letras.

Escolham. Segunda-feira tem Assembleia da Letras. Compareçam e façam valer a voz de vocês.

J'aime · Commenter · Partager

👍 11 personnes aiment ça.

C opção 2 pq eu me formo com ela
1 h · Modifié · J'aime · 👍 5

J Parabéns pela sua consideração à coletividade, **C** é por causa de gente como você que essa porra está sucateada do jeito que está. Vai lá, pega seu papetzinho ~diploma~ e cai no mundão com ele, depois vem contar aqui pra gente o que foi que deu. Boa sorte.
1 h · J'aime · 👍 3

J faz uma publicação se apoiando, provavelmente, em um documento oficial da faculdade. Percebe-se, assim, desde o início, a sua preocupação em preservar a sua imagem no que diz respeito à informação dada aos demais alunos e, assim, manter uma imagem engajada nas causas estudantis. Isso fica exposto, sobretudo, quando ela salienta que os dados são “direto da Diretoria”. Para não deixar margem de dúvidas, ela passa a fonte da informação, ou seja, o e-mail oficial da faculdade. Apesar das informações serem da Diretoria, a estudante repassa os dados com suas próprias palavras, dando destaque, em letras maiúsculas, aos estudantes, grupo do qual também faz parte: “se, NÓS, ESTUDANTES, entrarmos outubro em greve (...)”. Na publicação, nota-se que J mantém seu discurso em um registro coloquial, ironizando a burocracia com o uso de diminutivos, tais como “aulinhas de mentirinha”, “conteúdo de mentirinha”, “atitude de gracinha”; de palavras de baixo calão, tal como “uma correria louca do cu”; e de expressões populares, como “ficar

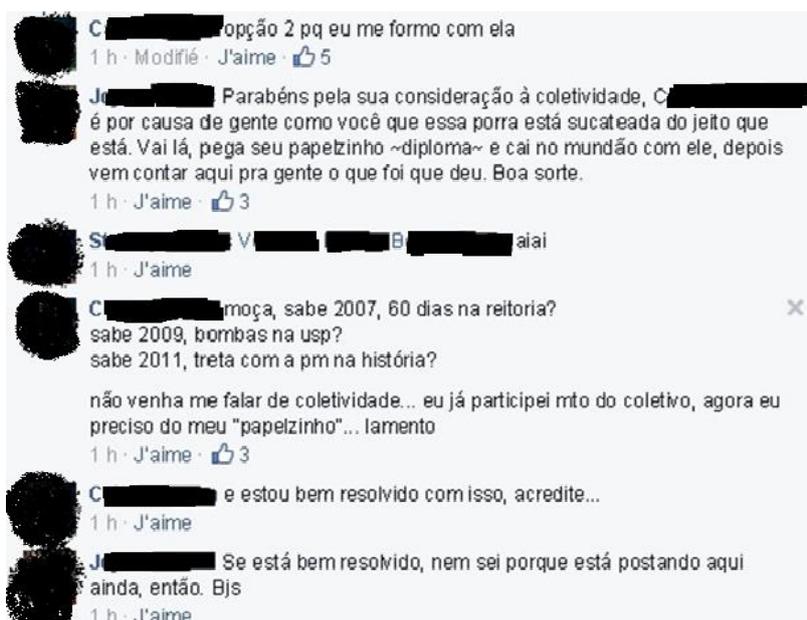
suave no rolê”. Em seguida, J oferece duas opções de escolha aos alunos. A primeira opção seria a continuidade da greve para uma “possível dignidade e conteúdo de verdade” e a segunda opção seria o fim da greve, com “dois semestres de fachada para os alunos”, “ano letivo perdido em conteúdo, decência e dignidade”. Percebe-se que J espera que os alunos escolham a primeira opção por meio de seu discurso, inclusive garante que com a primeira opção os alunos não serão prejudicados: “(...) mas o direito fica garantido para os estudantes e ninguém vai sair reprovando os alunos em atitude de gracinha da docência fascista”.

Geralmente, a convergência de interesses faz que com que uma interação seja bem-sucedida, no entanto, percebe-se uma divergência de objetivos por parte dos interactantes durante o evento comunicativo em questão. Dessa forma, a interação entre os participantes do grupo *on-line* se torna conflituosa e abre espaço para a descortesia.

J espera convencer os demais participantes do grupo a se engajarem ao movimento de greve e, como não obtém a reação esperada, reage com descortesia, muitas vezes, com uma pseudocortesia expressa pela ironia. Isso fica evidente quando ela responde à intervenção² do aluno C, que prefere a segunda opção porque necessita de seu diploma. A pseudocortesia se expressa, sobretudo, quando J faz um falso elogio a C: “Parabéns pela sua consideração à coletividade, C.” Embora J faça um elogio a C com o uso de “parabéns”, percebe-se pelo contexto que ela o ironiza, pois logo em seguida ela o critica, colocando-o como um dos responsáveis pela atual situação da faculdade: “é por causa de gente como você que essa porra está sucateada do jeito que está.” A ironia continua com o uso do diminutivo “papelzinho” em vez do uso da palavra “diploma”, ao qual ela mesma faz referência “~diploma~”, e desejando-o “Boa sorte”. Pelo contexto, observa-se que se trata de uma falsa cortesia, pois não é boa sorte que ela deseja de fato para C. A ofensa se torna um ato ameaçador à imagem de C, o que o faz reagir com descortesia, pois ele percebe o tom irônico de J. Ela não modaliza o seu discurso para defender a sua opinião, recurso considerado como estratégia linguística cortês nas interações cotidianas e que atenuaria a imposição de seu ponto de vista.

² Neste trabalho, optamos por utilizar os termos “turno” e “intervenção” como sinônimos.

Figura 2. Interação entre os alunos da Letras/USP e J no Facebook



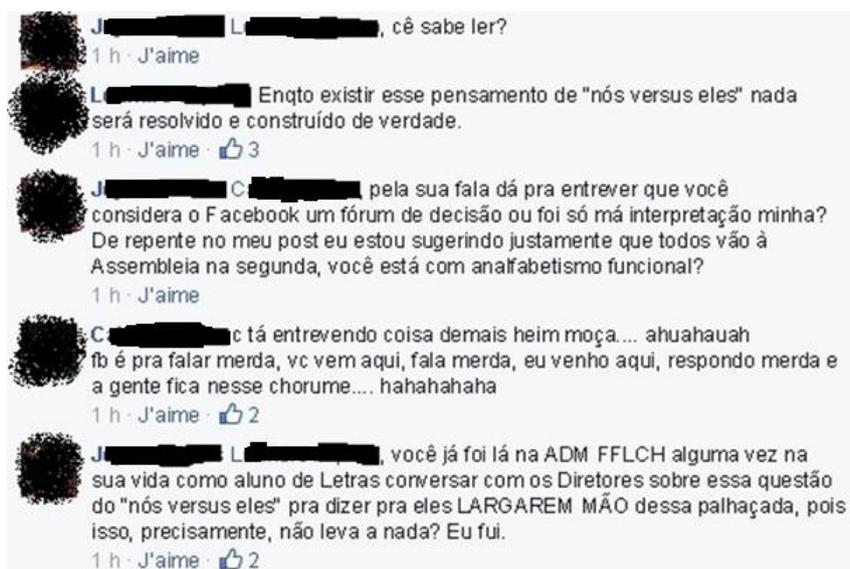
A interação continua entre os dois e mais integrantes do grupo entram para participar da discussão. S aparece no diálogo entre C e J, mas não se dirige diretamente a eles. Ela marca e chama duas amigas pelo nome. Na rede social em questão, o fato de marcar o nome das pessoas faz com que elas consigam acompanhar o andamento da conversa e interagir também. S esboça a sua reação com uma interjeição apenas “aiai”, prevendo, provavelmente, um possível conflito de ideias entre os participantes. C retoma o seu turno e se dirige diretamente a J pelo vocativo “moça”. Aparentemente, ele se mostra descontente com a resposta de J e também responde com ironia. Nota-se que a interpretação de um enunciado irônico também depende do interlocutor, o que desencadeia também um trabalho cooperativo conversacional. Ele se defende da acusação de J sobre o fato de não pensar na coletividade e demonstra, por meio de seu turno, todo o seu histórico de participações dos movimentos de greve na instituição. Assim, ele também tenta salvar a sua imagem, mostrando-se ativo nos atos estudantis da faculdade. Ele rejeita a opinião de J e faz outra intervenção, mostrando-se autoconfiante em relação à sua participação no movimento estudantil: “e estou bem resolvido com isso, acredite”. J aparenta não gostar da intervenção de C e diz não saber porque ele ainda insiste em publicar uma resposta. Em seguida, ela encerra o seu turno com uma fórmula de despedida que seria gentil se não fosse considerada o contexto da discussão dos dois: “Bjs”, abreviação de “beijos”. Dessa forma, percebe-se que ela pretende encerrar a participação de C na conversa de forma abrupta e autoritária. A discussão, no entanto, continua.

Figura 3. Interação entre os alunos da Letras/USP e J no Facebook



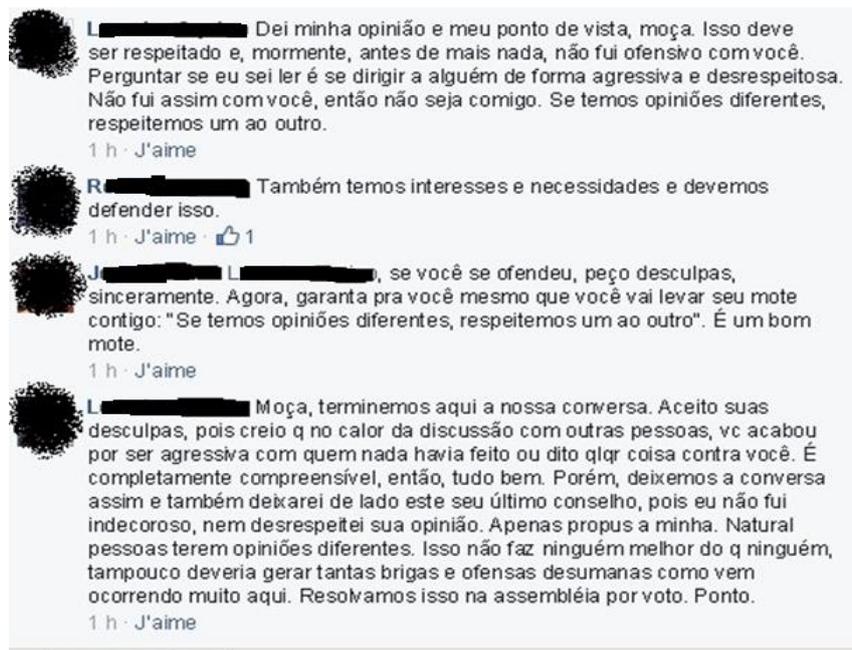
A discussão entre os dois se torna cada vez mais conflituosa. C não aceita o fato de J querer controlar quem participa da interação e a acusa de ser integrante do CA, Centro Acadêmico do curso de Letras, conhecida pelos alunos por ter uma postura intolerante em relação às ideias opostas à gestão. J responde se dirigindo a C com uma forma de tratamento, “brother”. Ela o acusa de “ridículo” e pede para deixá-la em paz. Ela salienta que não faz parte do CA e se mostra como a única responsável pelo que é dito nas publicações. Em outro contexto, a forma de tratamento “brother” indicaria proximidade e intimidade com o interlocutor, mas, na interação em análise, ela adquire uma conotação negativa, irônica. C rejeita a proximidade do tratamento, pois prefere manter distância em relação à J. Fica claro em seu turno que ele quer encerrar o conflito entre eles “chega de discussão”, mas mesmo que ele queira o fim da interação, ele provoca J, criticando-a de forma indireta, acusando-a de não respeitar a sua opinião: “ (...) me representarei pelo meu voto e pela minha fala tendo a plena certeza que serei respeitado em minha opinião...”. O uso das reticências ao final da frase também dá espaço para a interpretação de que se trata de uma forma indireta e também representa uma deixa para que a interação continue, ou seja, ele intensifica o conflito ao deixar em aberto a discussão. A partir desse momento, entra outro aluno na interação, L, e, embora ele não faça uma defesa direta a C, também é partidário da ideia de se terminar a greve o mais rápido possível: “Sair de greve urgentemente (...)”. L, inclusive, retoma a fala de J em seu discurso em prol da greve, pois é contra a ideia de que esse é um problema apenas da Diretoria “(...) pois essa de “problema deles” é, ao final, um problema nosso também”. J inicia, assim, um outro turno, agora dirigido a L. Ela ignora momentaneamente o turno de C.

Figura 4. Interação entre os alunos da Letras/USP e J no Facebook



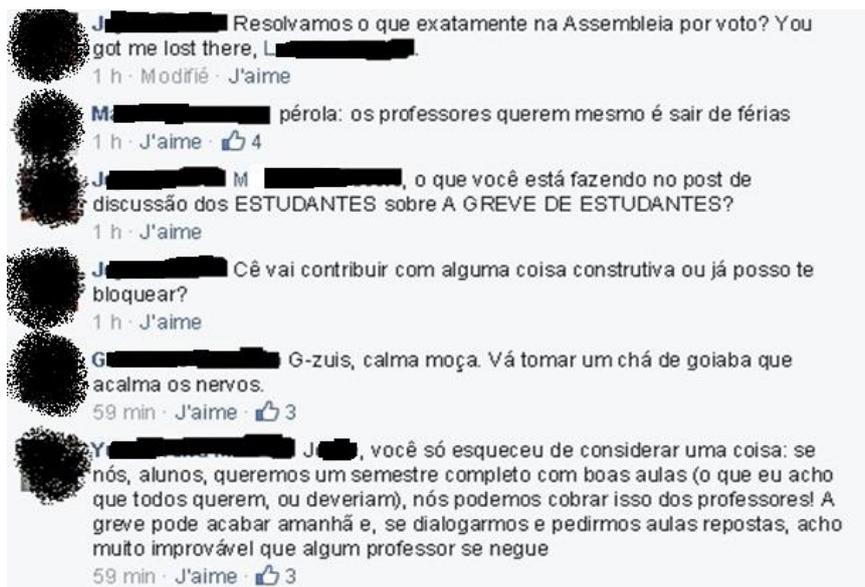
Para se dirigir ao outro aluno, J marca o nome de L, usando o recurso da rede social para que ele veja de fato a sua resposta. J mantém a sua descortesia com esse participante, fato que até então se restringia a C. Ela interage com L fazendo uma pergunta direta e agressiva “cê sabe ler?”, ameaçando a imagem pública de L. Diferentemente de C, o turno de J com L se caracteriza majoritariamente pela descortesia, ao passo que a interação entre C e J combina a descortesia com a pseudocortesia. A descortesia de J, no entanto, é ignorada em um primeiro momento por L. Ele continua a defesa de seu ponto de vista e retoma mais uma vez as palavras de J, que se baseia sobretudo na relação “nós versus eles”, ou seja, os estudantes contra a Diretoria da faculdade. J retoma o seu turno, mas se dirige a C, participante com quem ela havia interagido anteriormente, perguntando-lhe se está sendo mal interpretada, agora, no entanto, ela finaliza o seu turno com uma pergunta direta, tal como havia feito com L. A pergunta também é ofensiva, a descortesia é evidente: “(...) você está com analfabetismo funcional?”. C responde com humor, mas não deixa de marcar seu discurso com ironia a J, a quem se dirige novamente com o termo “moça.” Termina assim a discussão entre os dois. J não retoma mais a discussão com C, mas se dirige novamente a L, perguntando se ele já tentou diálogo com a Diretoria. Mesmo que ele ainda não responda, J afirma que já fez isso e, dessa forma, retoma sua imagem de engajada no movimento estudantil que já havia demonstrado em seu discurso. Essa estratégia de se mostrar ativa no movimento estudantil seria uma maneira de ressaltar as suas qualidades em oposição aos demais, que seriam alunos passivos e, dessa forma, seria um modo de recuperar a sua imagem de aluna engajada diante dos demais participantes, uma vez que ela havia se mostrado descortês na interação. Os conflitos, no entanto, não cessam.

Figura 5. Interação entre os alunos da Letras/USP e J no Facebook



L retoma o seu turno com o termo antes utilizado por C, “moça” e demonstra impaciência em relação à descortesia de J. Ele a acusa diretamente de ser ofensiva e desrespeitosa e afirma que deve ser respeitado mesmo que tenha ponto de vista diferente do dela. R, outro aluno, entra na discussão e não toma partido da discussão dos dois, apenas destaca que os estudantes devem defender os seus interesses e necessidades. J, por sua vez, dirige-se a L marcando-o em seu turno e, embora ela peça desculpas pela descortesia, ela o provoca ironizando o que ele havia falado: “ (...) garanta pra você mesmo que você vai levar o seu mote contigo: ‘Se temos opiniões diferentes, respeitemos um ao outro’. É um bom mote”. Ele retoma o turno, acusando-a mais uma vez de ser desrespeitosa e encerra a conversa “ Moça, terminemos aqui a nossa conversa. Aceito suas desculpas, pois creio q no calor da discussão com outras pessoas, vc acabou por ser agressiva (...) Resolvamos isso na assembleia por voto. Ponto”. J responde novamente com ironia, mas L ignora e abandona a discussão.

Figura 6. Interação entre os alunos da Letras/USP e J no Facebook



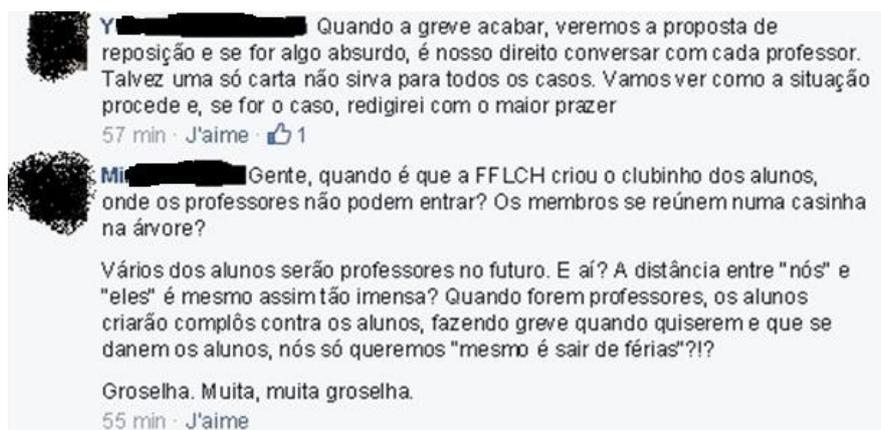
É interessante observar a entrada de um professor da universidade na discussão. O professor, identificado por M no *corpus*, satiriza o discurso de J em relação ao que ela havia afirmado sobre os professores da instituição e recebe a resposta imediata da aluna. A hierarquia professor-aluno é ignorada na rede social e J não se sente intimidada em ameaçar a imagem do professor. Com o uso de maiúsculas, ela pede explicação ao professor pelo fato de ele participar da discussão, em uma publicação que, segundo ela, é dirigida aos estudantes. Na linguagem virtual, o recurso das maiúsculas indica, geralmente, uma entonação de voz maior, um grito. J continua o seu turno ameaçando de bloqueá-lo na discussão, ou seja, embora ela não se sinta intimidada em ameaçar a face do professor, ela se sente incomodada com a participação dele na interação. J quer manter o seu poder de representante dos interesses estudantis e faz questão de marcar isso em seu discurso com a ameaça de interromper a participação do professor. A atitude, no entanto, não é bem vista pelos demais participantes. Começam, assim, várias intervenções de diferentes alunos preocupados em defender a face do professor. G, por exemplo, expressa-se com humor, pedindo calma e sugerindo que J tome “um chá de goiaba para acalmar os nervos”. Com o tom de brincadeira, ele tenta apaziguar o conflito na interação. Y, outra aluna, dirige-se diretamente a J e reclama do fato de ela não respeitar a presença do professor na discussão, uma vez que ele também é responsável pelo andamento das aulas. Outra participante, F, dirige-se também a J, acusando-a de ser desrespeitosa com quem não compartilha a ideia de continuar a greve, seja aluno, seja professor. Observa-se que a imposição autoritária do ponto de vista de J não a leva a persuadir os alunos e seu discurso em favor da greve tem um efeito contrário ao esperado. Isso se deve, sobretudo, aos atos descorteses e pseudocorteses expressos nas falas de J. Os integrantes do grupo, que até então não estavam participando da interação, assumem uma posição preponderante em relação à figura de J.

Figura 7. Interação entre os alunos da Letras/USP e J no Facebook



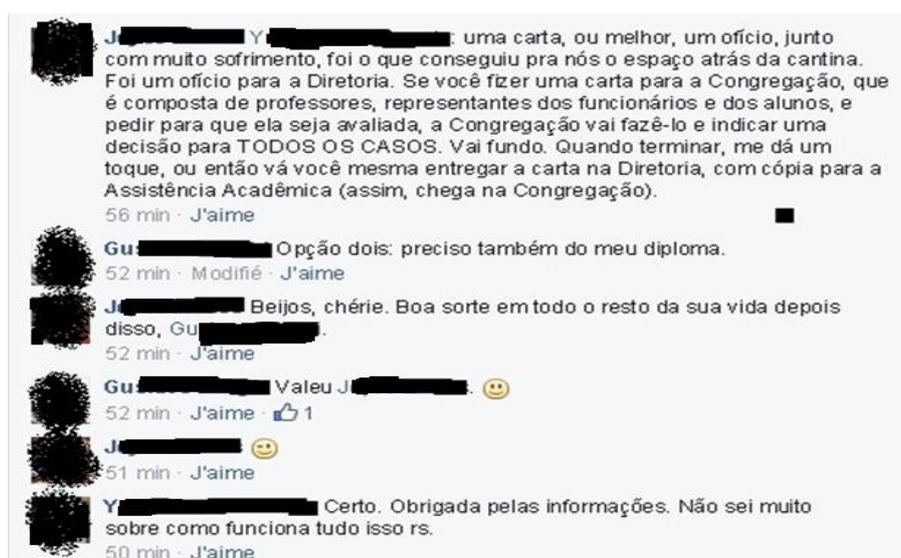
J retoma o turno e se dirige a Y e F, agora de uma maneira menos agressiva. Ela pede, inclusive, para F reler a publicação para ver se não foi má interpretação do que ela havia afirmado. J adota, assim, outra estratégia na interação, diferente das acusações agressivas de “analfabetismo funcional” que havia feito com os outros participantes. Possivelmente, essa mudança de comportamento se deve ao número maior de participantes que estão contra o comportamento hostil que ela apresentou com os integrantes do grupo. F retoma o turno, demonstrando que leu bem a publicação e que não interpretou de maneira errônea. J responde aceitando, aparentemente, a intervenção de F e não se mostra disposta a discutir: “Então de boas. Bjs.” Ela encerra o turno da mesma maneira que fez com os outros participantes, com “beijos” expressos pela abreviação “Bjs”, forma que foi inserida de maneira irônica nas demais intervenções. Mesmo que ela não tenha sido descortês tal como o foi com os demais participantes, percebe-se que J ainda tenta manter o mesmo comportamento que havia apresentado antes, com uma falsa cortesia, uma vez que ela aparenta não ter intimidade o bastante para encerrar a conversa com “beijos” junto às participantes da discussão. Y também se mostra engajada no movimento estudantil, mas demonstra uma postura diferente de J, preocupada com os dois lados, a questão burocrática e a questão estudantil. Outra aluna, Mi, também defende a figura do professor e reprova a atitude de J em querer excluí-lo.

Figura 8. Interação entre os alunos da Letras/USP e J no Facebook



J, mais uma vez, tenta manter sua imagem engajada no movimento, querendo se mostrar experiente no assunto para Y nas próximas interações. A seguir, outro aluno, Gu, também entra na discussão apontando que prefere a opção dois, pois precisa também de seu diploma. J retoma a ironia e manda “beijos” e “boa sorte”, expressões que ela já havia utilizado com C e L, com quem foi descortês. Além disso, ela intensifica a ironia com um tratamento carinhoso, “chérie”. Gu entende a ironia, mas opta por não responder de maneira descortês e sim com uma falsa cortesia, agradecendo-a e, logo em seguida, usa um *emoticon* sorrindo. O uso do *emoticon* na linguagem virtual substitui, muitas vezes, os gestos ou as expressões faciais que faríamos em uma interação face a face. Mesmo sendo alvo de ironia, Gu tira proveito da situação, fingindo não compreender o tom sarcástico, anulando assim o efeito satírico e ameaçador da ironia em sua imagem pública. J e também responde com o uso de um *emoticon* piscando, pois, ambos entendem a ironia de um e de outro. A tensão no evento comunicativo é anulada entre os dois e a conversação entre eles se encerra.

Figura 9. Interação entre os alunos da Letras/USP e J no Facebook



A interação continua com Y, que também responde com uma falsa cortesia, agradecendo J pelas informações, mas termina o seu turno com “rs”, abreviação de “risos”. Assim, o indicador paralinguístico

típico da interação face a face é expresso também na conversação virtual e exerce a mesma função de uma interação de rotina, ou seja, depende do contexto para interpretarmos como deboche ou como um riso resultante de uma interação engraçada. No *corpus* em questão, percebe-se o uso de “risos” como deboche, pois J não é levada a sério no grupo devido às suas reações descorteses com os estudantes. Os alunos participantes do grupo conseguem inverter a posição de poder que até então era exercida por J, utilizando-se dos mesmos recursos linguísticos empregados pela aluna para impor o seu ponto de vista. Dessa forma, a descortesia e a pseudocortesia na interação são responsáveis pela construção negativa da imagem de J e leva o discurso da aluna ao fracasso, pois ela não consegue convencer os demais estudantes a aceitarem o seu ponto de vista.

Considerações finais

A interação virtual é cada vez mais recorrente no mundo atual e também se caracteriza por várias marcas de oralidade presentes na interação face a face. Assim como uma interação *in praesentia*, a conversa *on-line* não escapa dos rituais de interação entre falante e ouvinte. Mesmo que a interação virtual não apresente todos os recursos de uma interação face a face, é possível observar os vários recursos linguísticos utilizados em uma conversação virtual. Dessa forma, a situação comunicativa se torna fundamental para o bom andamento de uma interação, mesmo que o evento comunicativo resulte em conflitos que desencadeiam a descortesia. A ironia, por exemplo, gera reações diferentes dependendo do seu interlocutor e caracteriza-se também pelo trabalho cooperativo, pois a sua interpretação depende dos índices contextuais mobilizados durante o evento comunicativo.

A cortesia se torna, assim, uma prática importante para preservar a imagem dos interactantes, uma vez que evita conflitos na interação em sociedade. A partir das reflexões deste estudo, salientamos que a pseudocortesia é frequente em interações, tanto presenciais quanto virtuais, e deve ser analisada considerando -se vários fatores de ordem sociopragmática.

Referências bibliográficas

- ALVARADO, Belén; PADILLA, Xose A. La ironia o como enmascarar um acto supuestamente amenazante. In: **Actas del Congreso de EDICE en Valencia**, 2007.
- BRAZ, Ana Cristina Pereira. A ironia no debate parlamentar português: veículo de (des) cortesia verbal. In: SEARA, Isabel Roboredo (Org.) **Cortesia: olhares e (re) invenções**. Lisboa: Chiado, p.173-190, 20
- BROWN, Penélope; LEVINSON, Stephen C. **Politeness: some universals in language use**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

- GALEMBECK, Paulo de Tarso. Polidez e preservação da face na fala de universitários. In: PRETI, Dino (Org.) **Cortesia verbal**. São Paulo: Humanitas, p.323-353, 2008.
- GOFFMAN, Erving. **Interaction ritual: essays in face-to-face behavior**. New Brunswick, N.J: Aldine Transaction, 1967.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2005. [1959]
- GRICE, Herbert P. Lógica e Conversação. In: DASCAL, Marcelo (Org.). **Fundamentos metodológicos da Linguística**. Campinas: Particula, vol IV, p.81-103, 1982.
- HILGERT, José Gaston. A cortesia no monitoramento de problemas de compreensão da fala. PRETI, Dino. (Org.) **Cortesia verbal**. São Paulo: Humanitas, p.125-155, 2008.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **L'implicite**. Paris: Armand Colin, 1986.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Análise da conversação: princípios e métodos**. São Paulo: Parábola, 2006.
- LEECH, Geoffrey N. **Principios de pragmática**. Logroño: Universidad de La Rioja, 1997.
- MARTINO, Luis Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes, redes**. Petrópolis: Vozes, 2014.

O Discurso em textos infantis - da transitividade à Identidade

Letícia Fernandes de BRITTO COSTA¹

Resumo: O presente trabalho tem por proposta investigar a construção da identidade infantil em uma revista datada da década de 1930 e voltada a crianças. O corpus consiste da seção *Página dos Pais*, encontrada na Revista "O Bem-Te-Vi", periódico publicado em São Paulo desde 1922, e que, à época, circulou por todo o Brasil e em outros países lusófonos. Após a análise dos elementos de transitividade, os resultados foram utilizados para a observação dos valores argumentativos, bem como das características de identidade presentes no texto. Como embasamento teórico, selecionaram-se os conceitos de identidade de Jungwirth (2007) e de Moita Lopes (2002), e a noção de ideologia proposta por van Dijk (2000); em relação aos estudos de transitividade, o trabalho se apoiou em Lavid, Arús e Zamorano-Mansilla (2010) bem como em Lima-Lopes e Ventura (2008); além dos preceitos da Teoria da Argumentação, de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996 [1958]). Os resultados obtidos apontam para questões da construção da identidade social da criança, a partir de valores argumentativos e da representação em nível ideacional dos Participantes envolvidos no discurso.

Palavras-chave: identidade no discurso; argumentação; discurso infantil; linguística sistêmico-funcional.

Introdução

Ao contrário do que se observa atualmente, durante a primeira metade do século XX, poucos textos veiculados na mídia brasileira, e até mesmo mundial, eram direcionados especificamente para crianças. A revista "O Bem-Te-Vi" se caracteriza como um dos poucos periódicos publicados a este público àquela época. De origem metodista e, portanto, trazendo ora ou outra conteúdos relacionados à doutrina cristã, "O Bem-Te-Vi", que também circulou em outros países de língua portuguesa, se volta às crianças brasileiras com diversos textos de caráter educativo. Uma seção, porém, destaca-se por justamente presumir também adultos como leitores da revista: *A Página dos Pais*.

Tais textos, dirigidos aos pais, como já sugerido no título, ofereciam instruções a respeito da condução da educação de crianças, sobretudo, no que diz respeito a situações de contextos familiares mais abastados. Por conta desse conteúdo, é possível observar questões relacionadas à construção de identidade da criança nesse período, a partir do ideal de comportamento infantil evidenciado na seção.

Neste sentido, busca-se compreender as formas de representação e de construção da identidade da criança a partir da análise de características de transitividade presentes no texto, para, assim, evidenciar questões argumentativas voltadas à construção de valores e, com isso, investigar como tais modos de formulação linguística atuam no processo de representação da identidade das crianças de acordo com o que pregava a revista analisada.

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob orientação da Profa. Dra. Zilda Gaspar Oliveira de Aquino. E-mail: leticia.fernandes.costa@usp.br

Visando, assim, correlacionar estudos discursivos aos da Linguística Sistêmico-Funcional, optou-se por, após a discussão teórica voltada à construção de identidade no discurso, analisar quantitativamente as ocorrências dos tipos de Participantes com que crianças e adultos são representados nos textos – no nível ideacional - para, com isso, fundamentar a análise qualitativa com luz à Teoria da Argumentação, sobretudo, no que diz respeito aos valores argumentativos, evidenciando-se assim, questões propriamente ligadas à noção de ideologia e de construção de identidade.

A primeira parte deste artigo volta-se, desse modo, à discussão de conceitos relacionados à questão de identidade, propostos por Jungwirth (2007) e Moita Lopes (2002), além de abranger também os conceitos de Van Dijk (2006) no que tange à ideologia. Em seguida, na segunda parte, passamos aos estudos do Sistema de Transitividade, contextualizando-os também dentro da Linguística Sistêmico-Funcional, contando, para isso, com os conceitos de Lima-Lopes e Ventura (2009) e Halliday (1990) e as propostas de Lavid, Arús e Zamorano-Mansilla (2010); após a discussão teórica, apresentamos os resultados quantitativos em termos de papéis atribuídos aos Participantes dos Processos analisados na função ideacional da linguagem.

Em seguida, a terceira parte trata de questões relacionadas à Argumentação, mais especificamente, dos valores argumentativos. Após uma discussão teórica, baseada na Teoria da Argumentação (PERELMAN; OBRECHTS-TYTECA: 1996 [1958]) e nos conceitos de Klein (1980), essa parte contará com uma análise dos valores argumentativos encontrados nos textos, que também servirão de base para uma discussão em termos de identidade da criança, buscando relacionar os dados quantitativos na seção anterior à análise qualitativa da seleção de valores argumentativos, para com isso, compreender os processos de construção identitária no plano ideacional e argumentativo dos textos analisados. O artigo se encerra com as considerações finais, em que são sintetizados os resultados obtidos em todos os níveis de análise e apresenta uma reflexão sobre a correlação da Linguística Sistêmico Funcional a questões de estudos discursivos, no caso, a Argumentação e a construção de identidade.

1. Questões de Identidade

Os estudos discursivos voltam-se atualmente para sua natureza social, na qual "os participantes discursivos constroem significado ao se envolverem e ao envolverem outros no discurso em circunstâncias culturais, históricas e institucionais particulares." (MOITA LOPES, 2002:30). É justamente nessa perspectiva discursiva que se busca, no presente trabalho, localizar os estudos de construção de identidade.

Moita Lopes (2002) pauta-se numa noção social de identidade no discurso, isto é, o autor não concebe outro tipo de identidade que não seja social. Sua perspectiva está intrinsecamente ligada à questão da alteridade. "Isto quer dizer que alteridade e contexto são categorias básicas para compreender como o significado é elaborado na sociedade." (MOITA LOPES, 2002:30). Observa-se, desse modo, que o autor defende a identidade como algo emergente da interação, do discurso.

Essa noção interacionista aponta para outra questão muito importante no ponto de vista do autor: para Moita Lopes, a identidade é um processo², daí a ideia de se falar em construção de identidade, uma vez que os participantes³ constroem e negociam seus papéis ao longo do discurso. Ele afirma:

[...] a construção da identidade social é vista como estando sempre em processo, pois é dependente da realização discursiva em circunstâncias particulares: os significados que os participantes dão a si mesmo e aos outros engajados no discurso (MOITA LOPES, 2002: 32).

Partindo da concepção de identidade enquanto processo social, o autor propõe três traços característicos: a fragmentação, ou seja, a heterogeneidade e pluralidade das identidades sociais dos indivíduos; a contradição, relacionada às diferenças identitárias de acordo com os diferentes contextos discursivos (por exemplo, um chefe de uma empresa pode ser reconhecido por seu caráter intransigente e, ao mesmo tempo, ser considerado um carinhoso pai de família), e por fim, a processualidade, isto é, o fato de as identidades não apenas se caracterizarem como um processo, mas também de estarem em constante reconstrução.

Além disso, o autor chama a atenção para a influência que as relações de poder numa determinada sociedade exercem na construção da identidade social, uma vez que as características contextuais e interacionais permeiam as práticas sociais. Ele afirma: "o poder atravessa a sociedade em diferentes direções dependendo das relações sociais nas quais as pessoas se envolvem por meio de diferentes práticas discursivas" (MOITA LOPES, 2002:36).

Numa perspectiva muito próxima ao sociointeracionismo proposto por Moita Lopes nos estudos de identidade, Jungwirth (2007) faz, de certo modo, uma análise no sentido contrário ao do outro autor. Enquanto o primeiro, estudioso do discurso, busca observar questões sociais pela compreensão da construção de identidade no discurso, a socióloga alemã se preocupa em estudar como as características sociais ocorrem no discurso. Ainda que seguindo sentidos opostos, ambos os estudos comungam de uma mesma perspectiva sócio-discursiva da identidade.

Em sua obra baseada na Teoria Queer, a autora apresenta diversas definições propostas para a identidade desde a década de 1990, período em que tais estudos passaram a receber maior destaque nas humanidades. As pesquisas mais recentes, no entanto, tendem a conceber identidade como o *efeito da normalização*. Ela afirma: "A discussão sobre se estudar identidade como efeito da normalização significa, então: entender a exigência pela qual se impõe aos indivíduos 'delinearem' a si mesmos, enquanto normas

² Neste artigo, o termo processo é utilizado em duas abordagens um tanto distintas entre si. A primeira diz respeito ao caráter interacional da língua e aos modos de construção identitária inacabada e contínua; a segunda – que por motivo de diferenciação será grafada com letra maiúscula – é equivalente a verbo, na proposta teórica da Linguística Sistemico-Funcional.

³ Assim como o termo "processo", a expressão "participante" também será apresentada com dupla grafia. Sendo assim, "participante" com letra minúscula, indica para nós os enunciadore e enunciatários envolvidos na interação linguística; e "Participante", com inicial maiúscula, os argumentos dos verbos – aqui chamados de "Processos".

são interiorizadas, como forma de submissão” (JUNGWIRTH, 2007: 34-35) ⁴. Sua perspectiva se pauta, portanto, numa noção sociológica de normas e valores aos quais os indivíduos são submetidos.

Porém, a autora também compreende, além de questões propriamente sociais, outros valores identitários relacionados intrinsecamente aos participantes discursivos. Para ela, a identidade ainda se baseia na tensão entre o eu e o outro, a partir da qual os participantes representam seus papéis sociais. A questão de alteridade desempenha aqui um papel fundamental, uma vez que é por meio do contato com seu semelhante que o indivíduo adquire a necessidade de se identificar ou de se diferenciar, porém, tal construção parte de uma concepção prévia da imagem do outro.

Essa tensão contribui para o que Keupp (1999) compara a um *patchwork* (algo semelhante a uma colcha de retalhos). De acordo com essa metáfora, a identidade é construída coletiva e individualmente, com base nas normas e valores impostos socialmente, ao mesmo tempo em que contém traços dessa recíproca tensão entre o eu e o outro. Mas mais do que isso: essa colcha de retalhos possui o efeito de normalização a partir dos valores e normas selecionados para sua composição.

A concepção de normalização sugerida por Jungwirth (2007) se aproxima da noção de ideologia defendida por van Dijk (2006). O autor apresenta uma proposta neutra para o estudo da ideologia, localizando-a como um sistema de crenças. Isto é, para ele não se trata do caráter opressivo que esses sistemas podem ou não apresentar, mas sim de se compreender tais questões enquanto base de práticas sociais. Em suas palavras: "Ideologias são crenças fundamentais de um grupo e seus membros"⁵(VAN DIJK, 2006:6).

Sua proposta se aproxima das concepções de Jungwirth e Moita Lopes à medida que compreende ideologia também como um fator de coesão identitária, uma vez que se caracteriza como a fundação de representações sociais. Ele também compreende, nesse sentido, o discurso como um modo de influenciar e mudar ideologias, uma vez que é a partir dele que os indivíduos entram em contato com tais sistemas de crenças. Desse modo, a ideologia, em sua concepção, orienta valores e manipula modelos comportamentais e até mesmo interpretações de discursos.

2. Metafunção Ideacional: Transitividade

Halliday (1970) propõe na Linguística Sistêmico-Funcional a existência de três funções - ou metafunções - desempenhadas pela linguagem. São elas: a ideacional, relacionada à representação e organização de conteúdo, a interpessoal, que diz respeito às relações sociais entre os participantes de um

⁴ Tradução nossa. No original: "Die Rede von Identität als Effekt von Normalisierung zu untersuchen, bedeutet demnach: die Anforderung, durch die es den Einzelnen aufliegt ist, sich selbst zu 'entwerfen', indem Normen verinnerlicht werden, als Form der Unterwerfung zu begreifen."

⁵ Tradução nossa. No original: "Ideologies are the fundamental beliefs of a group and its members."

texto e, por fim, a textual, responsável pela organização das demais funções de modo linear e coerente, criando assim a articulação textual.

A metafunção ideacional, à qual se detém o presente trabalho, é realizada, segundo Lima-Lopes e Ventura (2008), pelo Sistema de Transitividade, que, na Gramática Sistêmico-Funcional, descreve a escolha de Processos (grupos verbais), seus Participantes (seus argumentos, geralmente representados por grupos nominais) e as circunstâncias (grupos adverbiais e preposicionais que adicionam informações ao Processo).

Numa proposta mais recente de classificação dos tipos de Processos, Lavid, Arús e Zamorano-Marilla (2010)⁶ propõem a existência de quatro categorias, a saber: Processos Materiais, que dizem respeito a ações realizadas de modo concreto; os Processos Mentais, relacionados a sentimentos, pensamentos e desejos; os Processos Relacionais, que estabelecem relações abstratas entre dois elementos e, por fim; os Processos Verbais, relativos à expressão verbal, ao dizer.

Em relação aos tipos de Participantes desses Processos, os autores defendem a ideia de que estes se dividem não apenas em termos de maior ou menor agência, mas também em relação a sua causação ergativa ou transitiva. Eles afirmam:

As escolhas dentro dos sistemas de AGÊNCIA e CAUSAÇÃO são gerais para os processos, isto é, atravessam todos os tipos de Processo, em contraste com escolhas dentro do sistema de TIPOS DE PROCESSOS, as quais determinam o conjunto específico de participantes disponível para cada tipo de Processo.⁷ (LAVID; ARUS; ZAMORANO-MARILLA, 2010: 88)

Desse modo, os autores propõem que a oração deva ser analisada de acordo com os tipos de Processo em detrimento das causações e agências que demandam de seus Participantes. Com isso, Processos diferentes estarão necessariamente relacionados a Participantes também diferentes, criando-se assim, subdivisões de grupos de Participantes em relação aos tipos de Processos aos quais correspondem. No quadro 1, segue a relação dos tipos de Participantes em detrimento aos tipos de Processos, usados como categorias de análise neste trabalho:

Quadro 1 - Relação de Processos e Participantes

Processo	Participantes	
Material	Ator	agente das ações concretas - Processo transitivo
	Meta	o alvo das ações concretas - Processo transitivo
	Afetado	aquele que é transformado pela ação - Processo ergativo
	Instigador	aquele que instiga a ação ou o acontecimento - Processo ergativo

⁶ Importante observar que essa proposta é feita para o estudo da língua espanhola, porém, também se reflete para língua portuguesa, devido à proximidade em nível gramatical entre os dois idiomas.

⁷ Tradução nossa. No original: "Choices both within AGENCY and CAUSATION are process-general, that is, they cut across all process types, in contrast with choices within the system of PROCESS TYPE, which determine the specific set of participants available for each kind of process."

	Cliente	destino do serviço
	Recebedor	destino da meta
Mental	Experienciador	aquele que sente, pensa ou deseja
	Fenômeno	Alvo/estímulo do sentimento, pensamento ou desejo do Experienciador
	Indutor	aquele que induz um sentimento, um pensamento ou um desejo no Experienciador de Processos Mentais ergativos.
Relacional	Portador	"elemento classificado"(LIMA-LOPES; VENTURA, 2008:8)
	Atributo	"elemento classificador" (LIMA-LOPES; VENTURA, 2008:8)
	Valor	conceito que é identificado, mais abstrato
	Ocorrência ⁸	realização do que é identificado, mais concreto
	Existente	Participantes de verbos como haver, existir e ter
	Possuidor	aquele que possui
	Possuído	aquilo que é possuído
Verbal	Dizente	quem diz
	Verbiagem	o que é dito
	Receptor	quem "ouve" o dizente /destino da mensagem
	Alvo	aquele sobre o qual se diz algo

Interessa aqui não apenas a categorização sintático-semântica dos Processos e dos Participantes, mas também compreender como determinados grupos sociais são representados a partir de uma maior ou menor frequência de atribuição a alguns tipos de Participantes, visto que "nesse sistema o falante constrói um mundo de representações, baseado na escolha de um número tangível de tipos de Processos" (LIMA-LOPES;VENTURA, 2008:1).

Essa questão da escolha é também fundamental para o presente artigo. De acordo com Lima-Lopes e Ventura (2008:2)

ao realizar um significado através de um item lexical ou um fraseado (wording), o falante está realizando uma escolha dentre outros prováveis, fazendo com que o uso da língua tenha um caráter probabilístico [...]. O pesquisador estará sempre comparando as escolhas realizadas pelo falante com outras disponíveis, de forma a determinar quais foram suas motivações.

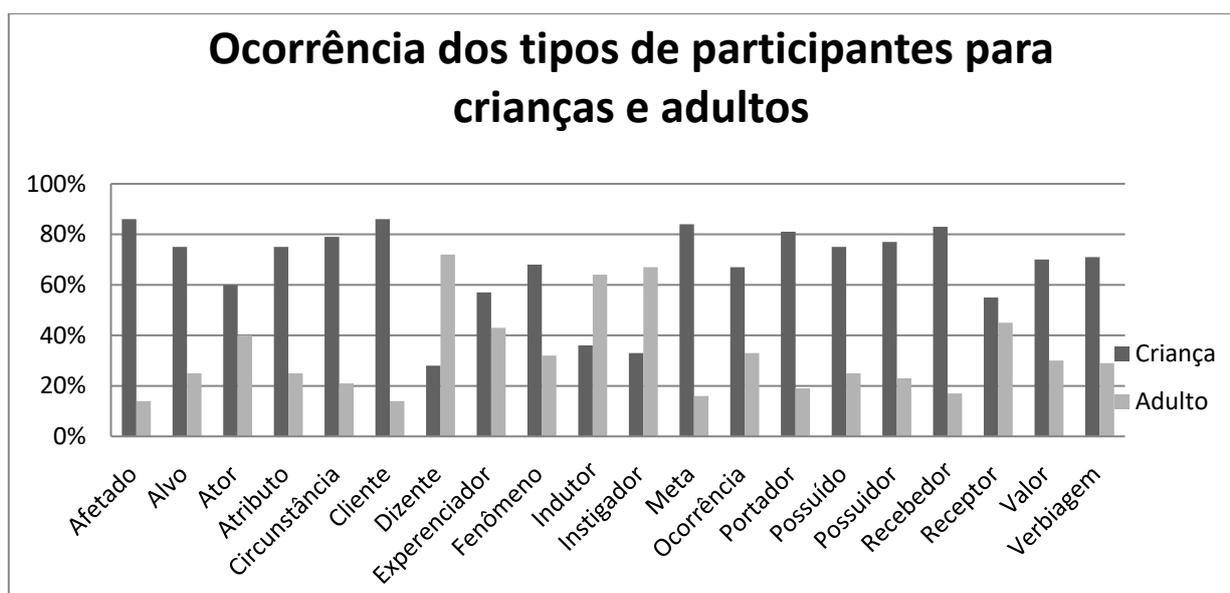
Isso significa que, ao dizer, por exemplo "Surra-se Maria [criança] porque chora atôa" (*Página dos Pais*, ano XIV, nº4), são realizadas determinadas escolhas linguísticas que criam modos de representação também dos Participantes. Observa-se, por exemplo, o ocultamento do Ator do Processo Material "surrar". Ainda que seja possível aferir pelo contexto quem seria esse Ator, ele não é mencionado na oração. Interessa apenas que Maria é a Meta deste Processo. Isso retira a carga de responsabilidade do grupo ao qual o autor pertenceria, neste caso, do adulto que surra. Nota-se ainda, que Maria, além de Meta, é também Ator de um

⁸ Tradução alternativa ao termo inglês *Token*, que é usualmente traduzido como *Característica* no âmbito da Linguística Sistêmico-Funcional.

outro Processo Material: "chorar". Porém, este verbo imprime um caráter de fragilidade ou de "birra" a esse Ator.

Com base nas categorias apresentadas no quadro 1, foram analisados dez textos da *Página dos Pais* - os únicos disponíveis no acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo, que datam de 1934 a 1936. Importante ressaltar aqui, que, devido ao foco deste trabalho nas formas de representação da criança, esta análise se voltou para os tipos de Participantes com os quais as crianças e, em oposição a estas, os adultos eram representados. Os resultados obtidos são apresentados no gráfico a seguir:

Gráfico 1 - Ocorrência dos tipos de Participantes para crianças e adultos



Observou-se, na contagem das ocorrências, uma maior frequência da criança como Participante dos Processos. De um total de 2203 ocorrências, 1486, isto é, 67%, se referem à representação da criança. Entretanto, é necessário observar que entre os Participantes classificados como Dizente, Instigador e Indutor - isto é, de Participantes com poder de efetivar mudanças na realidade interna ou externa -, a ocorrência é maior para adultos, com uma frequência de 72%, 67% e 64% respectivamente. Isso indica que, nos parâmetros do(s) autor(es) dos textos da *Página dos Pais*, na relação entre criança e adulto, o segundo é aquele que tem voz, induz transformações e instiga sentimentos, desejos e ideias no universo infantil. A exemplo disso, podem-se destacar os seguintes termos na seguinte sentença, na qual a figura do Sr. Teixeira - um homem adulto - instiga a mudança de comportamento do cachorro ao dizer "não":

Quando o **Snr. Teixeira** dizia "Não", o cachorro parava imediatamente de fazer o que estava fazendo. (Ano XII, nº 11) [Grifo nosso: exemplo de adulto representado por Dizente].

Por outro lado, as escolhas de Participantes mais recorrentes para representação da criança, em oposição ao adulto, foram: Afetado (86%), Cliente (86%) e Meta (84%), indicando que os pequenos leitores da revista são representados como indivíduos mais passivos, uma vez que são afetados pelas transformações induzidas pelo adulto, além de serem descritos como Destino ou Alvo de ações com frequência muito maior

do que o são os adultos, como se observa destacado no exemplo a seguir, em que o hábito da criança é utilizado como Meta:

[...]. É preciso uniformidade, firmeza e racionalidade para construir **esses hábitos** na criança. (Ano XII, nº11) [Grifo nosso: uma característica da criança como Meta]⁹

Observa-se também que, embora as crianças sejam mais representadas que os adultos como Ator (60%) e Experienciador (57%) - papéis geralmente ligados a indivíduos mais ativos - tais Participantes são, em sua maioria, relacionados a, no primeiro caso, Processos Materiais ligados ao universo infantil, como brincar, fazer um brinquedo; ou no caso de Processos Mentais, relacionados à ingenuidade, à curiosidade e à aprendizagem. Além disso, uma pequena parcela desses Processos (5%) em que a criança é Experienciador, o adulto é Indutor desse Processo. Os elementos destacados nos excertos abaixo elucidam essa questão:

A tia ou qualquer amiga irá para sua casa muito mais impressionada com o bebê se ele **estiver brincando** sossegado. (Ano XII, nº 1) [Grifo nosso: exemplo de Processo Material com criança enquanto Ator]

Será que ela [criança] **deseja** aborrecer propositalmente aos pais ou a outros da família? (Ano XII, nº4) [Grifo nosso: exemplo de Processo Mental com criança enquanto Experienciador]

Desse modo, é possível afirmar que a análise pautada no Sistema de Transitividade, focando-se sempre na questão da escolha semântica, possibilita a compreensão de questões voltadas à representação de participantes em determinadas situações sociais. A criança, na *Página dos Pais*, em detrimento aos modos de representação dos adultos, é descrita como um indivíduo mais passivo e, sobretudo, submisso ao adulto.

3. Valores Argumentativos: Questões de Argumentação e de Identidade

A Teoria da Argumentação de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1991 [1958]) surgiu na segunda metade do século XX como um marco nos estudos argumentativos, pois, pela primeira vez, foi proposto estudar tais questões e suas construções de sentido em textos jurídicos. Além disso, desde o século anterior, a Retórica e, por consequência, também a Argumentação, foi submetida a um período de intenso descrédito, por ser associada a mero ornamento.

Estes estudos, que se vinculam fortemente à concepção clássica de Retórica argumentativa - não é em vão que seu subtítulo seja "A nova Retórica" - partem do conceito de auditório para fundamentar seus estudos. De acordo com os autores, tal conceito é compreendido "[...] como o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com a sua argumentação" (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 1996[1958]:22).

⁹ Destaca-se aqui, que, por metonímia, características abstratas atribuídas às crianças, como "bons hábitos", também foram consideradas Participantes na análise.

Sendo assim, todo enunciador concebe previamente uma ideia do público que pretende convencer ou persuadir, o que deve, invariavelmente, influenciar em sua argumentação. Daí a importância de se voltar para tais questões em estudos de Argumentação.

Essa influência exercida no discurso diz respeito às questões culturais e ideológicas inerentes ao grupo ao qual o enunciador se dirige. “Por isso, a cultura própria de cada auditório transparece através dos discursos que são destinados, de tal maneira que é, em larga medida, desses próprios discursos que nos julgamos autorizados a tirar alguma informação a respeito das civilizações passadas” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, (1996 [1958]: 23).

Nesse sentido, buscamos no Tratado da Argumentação a discussão a respeito dos valores difundidos no processo argumentativo, uma vez que estes são definidos pelos autores como questões destinadas a um auditório específico, ou seja, um discurso vinculado a uma sociedade moralista, por exemplo, traz valores também moralistas. Isso ocorre porque "a existência dos valores, como objetos de acordo que possibilitam uma comunhão sobre modos particulados de agir, é vinculada à ideia de multiplicidade dos grupos" (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996 [1958]: 84).

Esses valores, segundo os autores, estão presentes em toda argumentação. São usados para despertar no ouvinte uma maior adesão a determinadas escolhas e, principalmente, para se fazer aprovar por um indivíduo ou um determinado grupo social. Os autores classificam os valores em dois tipos: os abstratos, como a justiça, a veracidade, a moral ocidental e as virtudes; e os concretos, vinculados ao ente vivo, ligado ao valor imposto ao único e à individualização. O primeiro tipo, parte, portanto de uma perspectiva mais estrutural, externa ao indivíduo, enquanto que o segundo se volta às questões mais agências, ou seja, ligadas à subjetividade dos participantes.

Klein, estudioso alemão (1980:49), também se debruça sobre a questão dos valores argumentativos. O autor, apesar de também seguir uma linha retórica de análise, afasta-se, em partes desta mesma perspectiva, a partir do momento em que se propõe a estudar não apenas o que é um argumento racional, sensato ou correto; ele afirma: “para mim não se trata do que é uma argumentação racional, lógica ou correta, mas sim como as pessoas, tolas como são, argumentam de fato”¹⁰.

Com isso, é possível se pautar nos estudos argumentativos para análise de textos que não se constituem como grandes discursos eloquentes, mas que, enquanto atividade comunicativa, criam significados e, a partir disso, impõem formas de adesão a ideologias mais ou menos passíveis de aceitação.

A isso, é possível relacionar o conceito de validades coletivas, ou seja, um conjunto de valores compartilhados por um determinado grupo numa dada época. Ele compreende, com isso, que a argumentação se propõe a justificar os valores difundidos pela sociedade em que se insere, fortalecendo ainda mais a ideia defendida no discurso. Essa concepção apresentada por Klein (1980) se assemelha em

¹⁰ Tradução nossa. No original: "Mir geht es nicht darum, was rationale, vernünftige oder richtige Argumentation ist, sondern darum, wie die Leute, dumm wie sie sind, tatsächlich argumentieren."

muito à noção de valores argumentativos, porém, aqui, há a premissa de que esses valores devem ser compartilhados socialmente em um tempo e espaço em comum, mantendo, assim, ideologias que, como visto anteriormente, criam coesões identitárias.

É no intuito de compreender essas questões de ideologia que se busca estudar, neste trabalho, os valores argumentativos empregados nos textos da *Página dos Pais*. Ressalta-se ainda que não serão analisadas as estratégias argumentativas propriamente ditas, mas sim os sentidos construídos por tais formulações em termos de valores e ideologias sociais.

Como já discutido, os resultados obtidos a partir da análise do Sistema de Transitividade apontam para a representação da criança como um indivíduo passivo e submetido a hierarquias etárias. Os estudos de Argumentação apontam, somando-se a isso, para questões mais detalhadas desta condição à qual a representação da criança era condicionada na *Página dos Pais*.

Partindo, inicialmente, da compreensão de que toda a situação comunicativa é construída para que o público se reconheça no discurso, como salientam Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996 [1958]), aumentando, assim, sua adesão à ideia proposta, é possível presumir que o público alvo da revista corresponda a uma classe social média, como se pode observar pelos depoimentos, tidos como verdadeiros, apresentados ao longo do texto.

Em casa do Snr. Teixeira havia mais três pessoas além dele: sua esposa, sua filhinha Elza, que tinha apenas sete anos de idade, **e sua empregada**.[...]No porão, Elza tinha **um grande e confortável quarto de brinquedos**, onde podia levar o cachorrinho quando quisesse, para brincar livremente com ele. [grifo nosso] (Ano XII, nº 11, p. 258).

O excerto acima, extraído da *Página dos Pais*, constitui-se como uma narrativa apresentada para justificar as teses defendidas nos textos. É como um testemunho de pessoas do mesmo círculo social que o do enunciador e é narrado como algo que faz parte, também, do cotidiano do enunciatário.

Dessa forma, observa-se que, na descrição dos depoimentos, as famílias apresentadas tinham empregadas em casa; a criança possuía um quarto destinado apenas para brinquedos. E isso é apresentado como algo perfeitamente normal. Porém, apenas famílias em situações econômicas mais favorecidas poderiam manter uma empregada doméstica, ou ter em casa um quarto de brinquedos. Isto é, a identidade infantil construída nesses textos não representa as crianças em geral, mas apenas aquelas provenientes de famílias mais abastadas, que tinham acesso a esse tipo de mídia (revista infantil) e que mantinham, em casa, os luxos descritos acima.

Outra questão observada diz respeito à forma pela qual o enunciador se dirige ao público. Em alguns casos, mencionando-se, em terceira pessoa, indivíduos que agem do modo desaconselhado. Essa característica pode ser observada em destaque no seguinte excerto, em que os verbos "esperam", "conseguem", "devassar-lhe", "está", "aplica" aparecem flexionados na terceira pessoa do plural e do singular e se referem a indivíduos que castigam seus filhos de maneira errada:

Os páis frequentemente **esperam** que seus filhos leiam os seus pensamentos. Não **conseguem** fazer-se compreender claramente pela criança e esta é incapaz de **devassar-lhe** os pensamentos. As ordens são dadas apressadamente. Às vezes **a mamãe está** cansada e deixa passar muita coisa "só por essa vez", porém, na segunda ocasião em que o mesmo ocorre, **aplica** algum castigo. [grifo nosso] (Ano XII, nº 4, p.90)

Porém, no momento em que o autor enumera as ações aconselhadas, refere-se à segunda pessoa do plural, aproximando-se de seu público alvo, como se fosse uma pessoa aconselhando seus amigos, convidando-os à adesão de seus argumentos; ou ainda utilizando-se da primeira pessoa do plural, incluindo-se entre os pais que devem seguir tais conselhos. No primeiro trecho a seguir, observamos a seleção dos verbos "quiseres", "esperai", "sugeri", "desejais", "pedi-lhe", "mostrai-lhe" e "dizei", todos flexionados na segunda pessoa do singular e do plural, bem como do pronome possessivo "vosso", também na segunda pessoa do plural. No excerto seguinte, localizamos os verbos "precisamos", "pregamos", "costumamos", "temos", "começamos", acompanhados do pronome possessivo "nossos", todos em primeira pessoa do plural, indicando a inclusão do próprio enunciador como um familiar que deve seguir os preceitos por ele apresentado.

Se **quiseres** que o **vosso** filhinho se exhiba perante as visitas, **esperai** que esmoreça o seu interesse no que êle está fazendo - a duaração do seu interesse não é grande - e então **sugeri** alguma ação que **desejais**. **Pedi-lhe** que agite a mãozinha e **mostrai-lhe** com gestos o que **dizei** em palavras. [Grifo nosso] (Ano XIII, nº 1, p.19).

Precisamos realmente fazer o que **prègamos**, pois **são os nossos atos**, e não as palavras, que mais diretamente influenciam o comportamento de **nossos** filhos. **Costumamos** pensar que só **temos** que explicar à criança o que ela deve fazer, e depois, por uma serie de castigos, se fôr necessario, exigir que ponha isso em pratica. **Começamos** agora a ver que, com exceção de certos habitos rotineiros, não é bastante que a criança repita simplesmente determinado ato. [grifo nosso] (Ano XIV, nº 4, p.82)

Com base nessa escolha de pessoa verbal, o enunciador consegue distanciar seu público daquilo que é desaconselhado e aproximá-lo da conduta considerada ideal, argumentando que este é o melhor modo de agir em relação à educação de seus filhos. A partir dessa estratégia, o enunciador não acusa seu enunciatário de não educar seus filhos da maneira mais adequada, uma vez que os agentes são evocados em terceira pessoa, distanciando-os do momento do enunciado. Interessante notar que conhecer esta estratégia permite identificar quais são as validades coletivas (KLEIN, 1980) aconselhadas, o que possibilita compreender, a partir de tais efeitos de sentido, quais as condutas morais esperadas das mães (a quem os textos instruem), e conseqüentemente, de suas crianças.

No que concerne às atitudes aconselhadas e desaconselhadas, evidencia-se também que o enunciador se mostra a favor dos valores da sociedade em que o texto se insere, os quais dizem respeito a uma disciplina esperada na época, configurando-se, assim, como valores abstratos, conforme indicado por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996 [1958]). Desse modo, é possível observar que, na *Página dos Pais*, os enunciadores utilizam valores argumentativos criados socialmente para induzir o comportamento das crianças e de seus pais àquilo que é desejado nas esferas que circulam.

O Bem-Te-Vi se constitui, portanto, em uma produção que não apenas retrata o que pensava, em que acreditava e como agia a sociedade da época, como também apresenta uma identidade coletiva da criança, sempre pautada em valores sociais em que há a submissão por parte dos mais novos. Esses valores eram transmitidos a partir de um discurso conservador, pautado em valores externos ao indivíduo e construídos - e, também validados - socialmente.

Parece fundamental destacar uma outra característica relacionada a esses valores: a relação familiar patriarcal da década de 30, em que cabia às mães cuidar da casa e educar seus filhos, como já se vinha destacando nas análises e que pode ser referendado nos segmentos destacados a seguir:

Uma mãe dessas, a quem perguntaram porque não fazia as filhas mais velhas lavarem as roupas do bebê, replicou: "Não quero que minhas filhas fiquem cansadas de nenés, antes delas mesmas terem seus filhos"[...] **Sabia que as boas relações numa família precisam ser baseadas no altruísmo, e que a mãe não deve** deixar seus filhos tornarem-se egoístas por falta de oportunidade de ajudarem, nem devem permitir que ela e o nené sejam egoístas nas suas exigências. [grifo nosso] (Ano XII, nº 5, p.106)

A mãe agitada torna seu filho manhoso [grifo nosso] (Ano, XII, nº 1, p. 19).

O que se observa aqui, não é apenas o fato de a criação ser um papel propriamente "altruísta" materno, mas, principalmente, como as mães são responsáveis por ele: a elas se atribuía o mau comportamento de suas crianças - pois é a "mãe agitada" que "torna seu filho manhoso". As mães tinham ainda a responsabilidade de ensinar suas filhas a serem boas mães no futuro, o que demonstra que, desde a infância, as mulheres eram criadas para a função materna. Essa é uma forma de manter a estrutura familiar patriarcal; daí o caráter conservador do discurso da *Página dos Pais*.

Ressalta-se ainda a presença de temas religiosos na revista. Ora, sendo a revista de origem metodista, compreende-se que os valores sociais por ela defendidos também se relacionem à doutrina cristã. Essa questão fica bastante clara nos segmentos destacados abaixo, em que o autor presume temas bíblicos como assuntos de grande interesse - pois "são muito apreciadas" - para crianças:

O que mais distrai uma criança doente são as histórias. Contai-lhe fitas de cinema apropriadas, histórias de insetos, de animais, e do Brasil. **As histórias da Bíblia**, especialmente as do Velho Testamento, **são muito apreciadas** [grifo nosso] (Ano XIII, nº 7, p. 155).

Também é possível observar algumas características da identidade construída da criança prototípica da época, tais como a curiosidade, a vontade de tocar nos objetos, e a espontaneidade. Este último fator fica evidente no trecho que segue, com a noção de "criança normal", "bom lar", "pais sábios" e "indivíduo bem normal":

Toda **criança normal** exprime seus sentimentos fácil e prontamente [grifo nosso] (Ano XIII, nº 8, p. 178).

Essa confusão só serviria para torná-lo manhoso e impertinente. [...] **Se ela tiver um bom lar e pais sábios**, sem dúvida crescerá, sem ser constantemente importunada, **para ser um indivíduo bem normal**.

Como já apontado anteriormente, a criança aparece aqui como um indivíduo cujo caráter será moldado. A representação observada na análise do Sistema de Transistividade já havia apontado para a questão da submissão da criança às relações de hierarquia etária. Observa-se, agora no âmbito argumentativo, que tais relações de autoridade e submissão entre adultos e crianças se fundamentam no intuito de moldar o comportamento infantil a partir dos valores aceitos como válidos pela coletividade.

Essas premissas, além de determinarem os valores referentes à identidade infantil da época, revelam outra questão muito importante: a ideia progressista de infância, segundo a qual todas as atividades consideradas sadias empreendidas pelas crianças apontam para que atinjam a idade adulta como os sujeitos que a sociedade esperava que eles se tornassem. E é justamente por conta disso que a criança é ainda passível de ser moldada.

Dessa forma, no penúltimo excerto apresentado, pretende-se convencer os pais de que, se a criança é muito tímida, isso deve ser trabalhado, para que ela não seja um adulto tímido. Trata-se aqui de uma ideia muito determinante da infância: ela é uma etapa para se atingir a evolução da fase adulta e não um momento da vida do indivíduo. O que a *Página dos Pais* pretendia era criar futuros adultos *bem normais*, não direcionar-se à fase que as crianças estavam vivenciando.

Com base nesses resultados observados, é possível voltar-se a características ligadas à representação da criança e do adulto, compreendendo questões de construção de identidade muito relevantes. Partindo da noção proposta por Moita Lopes (2002) a respeito da inserção dos estudos de identidade num âmbito sociointeracionista, é trazida à luz a forma de representação de si, aqui o adulto, e do outro, a criança.

De acordo com autor, o indivíduo constrói no discurso seu mundo, seu semelhante e a si mesmo. Sendo assim, o enunciador de *Página dos Pais* cria em seus textos um universo de famílias abastadas, regido por hierarquias etárias e de gênero (seu mundo), segundo as quais a criança (o outro), também sempre proveniente de classes sociais mais favorecidas, deve se moldar ao protótipo de comportamento infantil da época, a partir do que o adulto, a figura de poder na família, considera como adequado.

Ressaltou-se também na análise características do que Jungwirth (2007) considera como normalização. O adulto é o detentor de poder sobre as crianças, porém, entre eles, há ainda uma distinção do papel da mãe e do pai, sendo aquela sempre submetida a este. A criança, por sua vez, é representada como o indivíduo passível da normalização segundo as regras vigentes, e sua compreensão de mundo é suposta pelos adultos como totalmente infantilizada. Além disso, sua educação visa moldá-los, sobretudo, enquanto futuro adultos.

Os valores coletivos apresentados na *Página dos Pais* também revelam os sistemas de crenças em que se apoiava a família da classe média da época. Com isso, é possível afirmar que o comportamento esperado das crianças e suas formas de representação indicam, além de questões identitárias, a ideologia de hierarquia em que se pautavam os leitores e autores da revista "O Bem-Te-Vi". A noção de moldar crianças para que atinjam a maturidade com os mesmos valores é, portanto, como proposto por van Dijk (2006), um modo de

se fazer valer do discurso não apenas para difundir e mudar comportamentos mas, sobretudo, para manter a ideologia vigente da época.

Considerações finais

A correlação da Linguística Sistemico-Funcional aos estudos discursivos, aqui voltados à Teoria da Argumentação e à construção de identidade, apresentou-se muito coerente ao trabalho realizado. As características linguísticas da primeira perspectiva, analisadas quantitativamente, não apenas serviram de base para as análises posteriores, como também trouxeram à luz resultados bastante relevantes em termos de representação dos participantes envolvidos no discurso da *Página dos Pais*.

O estudo a partir do Sistema de Transitividade evidenciou a escolha das formas de representação da criança e do adulto, possibilitando a compreensão de questões propriamente ligadas aos valores argumentativos, que, por sua vez, se ligam fortemente à noção de normalização, o que permitiu a compreensão da identidade social infantil construída pelos enunciadores dos textos analisados e, por eles, ideologicamente manipulados. Além disso, a análise realizada acusa a tensão entre o eu e o outro, ou seja, a construção da identidade infantil enquanto alteridade do adulto.

Não se deve deixar de lado, porém, que tal análise abrange apenas a representação da criança a partir de um único ponto de vista, o do enunciatário, que escreve para uma revista religiosa e pertencente à classe média, e talvez até mesmo alta, da sociedade paulistana da década de 1930. Um recorte tão específico como este, acaba por não contemplar as três características identitárias mencionadas por Moita Lopes.

Desse modo, os resultados observados não podem descrever questões relacionadas à fragmentação, visto que na *Página dos Pais* é construída uma identidade coletiva e prototípica da criança e até mesmo do adulto; à contradição, pois foram analisados apenas textos escritos por um único grupo social e em um único contexto de instrução, e à processualidade, uma vez que além das situações já mencionadas, o recorte do corpus abrange um curto período de tempo, não permitindo a contemplação da modificação de tal identidade. Dentre todas as questões identitárias compreendidos no *Patchwork* de Keupp (1999), foi observado, aqui, apenas um dos retalhos de uma imensa colcha remendada da identidade infantil, garantindo que, em termos de identidade no discurso, há muito trabalho pela frente.

Referências Bibliográficas

- HALLIDAY, Michael. Language structure and language function. In: LYONS, John (ed.): **New horizons in linguistics**. Harmondsworth: Penguin Books, 1970, p. 140-164.
- JUNGWIRTH, Ingrid. **Zum Identitätsdiskurs in den Sozialwissenschaften** - eine postkolonial und queer informierte Kritik an George H. Mead, Erik H. Erikson und Erving Goffman. Berlin: Transcript, 2007.
- KEUPP, Heiner et al. **Identitätskonstruktionen**. Das Patchwork der Identitäten der Spätmoderne. Reinbek: Rowohlt, 1999.

KLEIN, Wolfgang. Argumentation und Argument. In: **Zeitschrift für Linguistik und Literaturwissenschaft**. Universidade de Siegen. Ed. 38-39. 1980.

LAVID, Julia; ARÚS, Jorge; ZAMORANO-MANSILLA, Juan Rafael. **Systemic Functional Grammar of Spanish – A contrastive Study with English**. London: Continuum, 2010.

LIMA-LOPES, Rodrigo Esteves & VENTURA, Carolina Siqueira Muniz (2008) **A transitividade em Português**. Direct Papers 55, 2008. <Disponível em: <http://www2.lael.pucsp.br/direct/DirectPapers55.pdf>>. Último acesso 19/06/2015.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado de Argumentação**. A Nova Retórica. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996 [1958].

VAN DJIK, Teun. **Ideology and Discourse: A multidisciplinary Introduction**. Barcelona: Pompeu Fabra University, 2000.

Problematizando a notícia em ato: a postagem da mídia *ninja* no Facebook

Marcos Rogério Martins COSTA¹

Resumo: Este artigo investiga, a partir dos pressupostos da Semiótica Francesa, a notícia em ato, isto é, aquela produzida e veiculada o mais próximo possível do momento da enunciação (*ego-hic-nunc*). Uma postagem em uma rede social não deixa de ser uma notícia, em maior ou menor grau – eis uma das hipóteses desta pesquisa. Para entender melhor essa apropriação das redes sociais como veículo de comunicação e difusão da informação na contemporaneidade, selecionamos, como objeto desse estudo, a construção do ator “manifestante” na atuação do jornalismo alternativo, em especial aquele propagado na rede social da plataforma Facebook pelo grupo Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação, conhecido pela sigla Mídia Ninja. Como corpus, optamos por analisar uma postagem veiculada no dia 6 de junho de 2013, que aborda o primeiro ato de protesto contra o aumento da tarifa de transporte público, realizado em São Paulo-SP.

Palavras-chave: semiótica; mídia ninja; notícia; facebook; enunciação.

Introdução

A estrutura actancial se mostra cada vez mais habilitada a explicar a organização do imaginário humano, projeção tanto de universais coletivos quanto individuais (GREIMAS, 2014, p. 62).

De acordo com Fiorin (2009), que se baseou em Benveniste (2006; 2005), podemos compreender a enunciação pelas marcas enunciativas (eu-aqui- agora) e enuncivas (ele-alhures-então) deixadas no enunciado, uma vez que a enunciação é o processo, e o enunciado, o produto. A construção do enunciado é capaz ainda de revelar muito mais do que a enunciação enunciada, podendo evidenciar o *entorno* do texto-objeto, de acordo com Fontanille (2008a; 2008b; 2005). Assim, acompanhando a pesquisa em andamento sobre o fenômeno discursivo das *Jornadas de Junho* (AUTOR, 2016a; AUTOR, 2016b), este artigo objetiva investigar, a partir do arcabouço teórico da semiótica, a notícia em ato, isto é, aquela produzida e veiculada o mais próximo possível do momento da enunciação (eu-aqui- agora).

Como explica Fontanille (2005), o texto-enunciado, circunscrito à instância da experiência da interpretação, é uma estrutura material, dotada de determinada morfologia, com certas funcionalidades.² Ele compreende, ainda, uma forma exterior identificável, cujo conjunto é destinado a um ou mais usos; ou a

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob orientação da Profa. Dra. Norma Discini de Campos. E-mail: marcosrmcosta15@gmail.com

² Como Fontanille (2008b, p. 31, grifo do autor) explica, “o *sentido* é, afinal a matéria da qual se ocupa a semiótica, que se esforça para organizá-la e torná-la inteligível. Tal ‘matéria’ (*purport*, na obra de L. Hjelmslev em inglês) pode ser de natureza física, psicológica, social ou cultural. Todavia essa matéria não é nem inerte e nem somente submissa às leis do mundo físico, psicológico ou social, já que ela é trespassada por tensões e direções que constituem, do mesmo modo, apelos à significação, pressões ou resistências para um interpretante. A condição mínima para que uma ‘matéria’ qualquer produza um efeito de sentido identificável é, portanto, que ela possua o que nós chamamos, daqui em diante, uma *morfologia intencional*”. É por isso que o semioticista insiste que a estrutura material determina certas funcionalidades.

uma ou mais práticas, as quais podem ser mais ou menos especializadas. No caso da postagem em uma rede social, tem-se um enunciado, sincrético ou não, inserido em uma plataforma colaborativa e interativa, com a função prioritária de informar, seja a um destinatário privado e único, seja a um destinatário público e coletivo, cujo interesse e finalidade podem ser variados e distintos: de entretenimento livre e espontâneo ao comercial personalizado.³

Seguindo esse raciocínio, uma postagem em uma rede social não deixa de ser uma notícia, em maior ou menor grau. Lembremos que, como explica Bakhtin (2010, p. 121), “o gênero sempre é e não é o mesmo, sempre é novo e velho ao mesmo tempo. O gênero renasce e se renova em cada nova etapa do desenvolvimento da literatura e em cada obra individual de um dado gênero”. Além disso, Marcuschi (2008) acrescenta, por sua vez, que a nomeação de um gênero não é casual:

Como é que se chega à denominação dos gêneros? Com certeza, as designações que usamos para os gêneros não são uma invenção pessoal, mas uma denominação histórica e socialmente constituída [...] não é uma boa atitude imaginar que os gêneros têm uma relação biunívoca com formas textuais (MARCUSCHI, 2008, p. 165).

Além disso, como Lima-Neto (2014, p. 215) resgata, “são, de fato, postagens – uma prática atribuída logo com a difusão da Web 2.0, que permitiu que usuários tivessem voz na internet com os blogs, no fim da década de 1990 e início dos anos 2000 – esse nome passou a circular com mais familiaridade entre os usuários”. Por isso, a postagem em uma rede social, conservando a etimologia de “pôr no correio”, “enviar”, “expedir” do termo *postagem* (HOUAISS, 2014), é também noticiar, isto é, “informar”, “notificar”, “dar a notícia” (HOUAISS, 2014)⁴. É, portanto, uma notícia em ato, como propomos neste estudo, pois as suas condições de produção, circulação e recepção estão intimamente associadas ao momento da enunciação (eu-aqui-agora). Logo, a notícia não se restringe ao campo profissional do jornalismo, mas ela está associada, em maior ou menor grau, à vida privada dos usuários da internet, principalmente quando se trata das postagens nas redes sociais, uma vez que “redes de amigos e/ou contatos profissionais são o eixo principal de interação na maioria das plataformas sociais” (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 69).

Quando se vislumbra do *entorno* do texto-objeto, no caso das postagens em rede social, surgem diversas e distintas relações de sentido. Compreendem-se, por exemplo, os percursos potenciais do público-alvo, suas esperas e suas competências modais e passionais. Por isso, estudar a postagem em uma rede social não é apenas passar da instância de pertinência do *texto-enunciado* para a do *objeto-suporte*, utilizando os níveis de pertinência de Fontanille (2008b). Para além disso, é investigar a situação semiótica que permite, por exemplo, uma postagem em uma rede social se situar como um gênero discursivo digital e, portanto, ser

³ Para Lima-Neto (2014, p. 121), a finalidade informacional “é inerente a toda e qualquer postagem no Facebook, já que todas elas têm um determinado conteúdo que foi desenvolvido para atingir um determinado propósito”.

⁴ Alguns critérios utilizados para nomear um gênero, segundo Marcuschi (2008, p.164), seriam: “1. Forma estrutural (gráfico, rodapé, debate, poema); 2. Propósito comunicativo (errata, endereço); 3. Conteúdo (nota de compra; resumo de novela); 4. Meio de transmissão (telefonema, telegrama, e-mail); 5. Papéis dos interlocutores (exame oral; autorização); 6. Contexto situacional (conversa; carta pessoal)”. Segundo o estudioso, utiliza-se, pelo menos, um desses critérios para se nomear um gênero. No gênero postagem em rede social, prepondera o item 4 e o 6.

um enunciado relativamente estável nos diversos modos de interação humana, construído e replicado por diversas práticas semióticas.

Para entender melhor essa apropriação das redes sociais como veículo de comunicação e difusão da informação na contemporaneidade, selecionamos, como objeto desse estudo, a construção do ator *manifestante* na atuação do jornalismo alternativo. Nessa esfera jornalística, escolhemos a cobertura propagada na rede social da plataforma *Facebook* pelo grupo *Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação*, conhecido pela sigla *Mídia Ninja*. Nesse caso, faremos também uso da Filosofia Bakhtiniana, respeitando as fronteiras epistemológicas que a separam da teoria da semiótica. Ressaltamos que esse emparelhamento interdisciplinar embala este estudo: seja entre as diferentes frentes da Semiótica francesa, seja entre estas e as propostas bakhtinianas. Esse mesmo diálogo entre áreas diferentes com epistemologia e metodologia distintas, faremos algumas vezes com os estudos da Comunicação.

Para tanto, entendemos, a partir do eixo central da semiótica francesa, o ator *manifestante* narrativizado tanto como um *actante individual* (por exemplo, como um indivíduo X), quanto como um *actante coletivo* (por exemplo, como um grupo composto pelos indivíduos X, Y e Z). Em ambos os casos, o papel semântico assumido pelo ator *manifestante*, examinado neste estudo, deve ser o mesmo: *participante de uma manifestação popular de rua contrária ao aumento da tarifa de transporte público em São Paulo*. Destacamos que o conceito de *actante* na semiótica francesa “pode ser concebido como aquele que realiza ou que sofre o ato, independentemente de qualquer outra determinação” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 20), isto é, aquele que se relaciona intimamente com o *fazer-ser* (agir) da narratividade dos textos.

Como *corpus*, optamos por analisar uma postagem veiculada no dia 6 de junho de 2013, que aborda o primeiro ato de protesto contra o aumento da tarifa de transporte público, realizado em São Paulo-SP. Mais tarde, esse protesto se alastrou pelo Brasil, repercutindo até em outros países e adquirindo inúmeras pautas. Esse fenômeno ficou conhecido como as *Jornadas de Junho* e entrou na história contemporânea das manifestações de rua como a maior mobilização popular do período de redemocratização brasileiro, como descrevem o historiador Nobre (2013) e a socióloga Gohn (2014).

1. *Mídia Ninja*: o jornalismo do século XXI

A participação da *Mídia Ninja* foi importante durante os desdobramentos das *Jornadas de Junho*, porque essa organização registrou e popularizou imagens, vídeos e áudios de cenas de violência policial durante os atos de protestos. Essas cenas, as mídias tradicionais de comunicação brasileiras (rádio, canais de TV abertos e jornais impressos), dita a *grande imprensa*, não noticiavam, a princípio, ou não as enfatizavam em suas pautas. Logo, como mídia alternativa, a *Mídia Ninja* não só fez repercutir essas cenas nas redes sociais da internet (RSI), principalmente nas redes do Facebook e do Twitter, mas também redefiniu os modos de se fazer notícia nas práticas do jornalismo brasileiro. O estudiosos da área da Comunicação se atentaram

a essa ruptura dos modelos de transmissão e difusão da informação, como podemos apreender nas palavras de Brasil e Frazão (2013, p. 132):

O modelo de transmissão adotado [pela *Mídia Ninja*] é livre, sem edição das imagens. Ou seja, as imagens transmitidas são brutas, sem cortes, feitas direto do acontecimento e transmitidas em tempo real, atraindo milhares de pessoas que participavam das manifestações ou que as acompanhavam pelas redes sociais.

Podemos dizer que a *Mídia Ninja*, durante a cobertura das manifestações de junho de 2013, faz *parecer* ser uma mídia com menor interferência de agentes externos em sua exposição jornalística – por exemplo, interesses de empresas patrocinadoras, fiscalização política, indução ideológica, dentre outros. Em um prisma semiótico, adotamos a proposta teórica de Fontanille (1999) para entender essa estratégia discursiva. Esse estudioso francês desloca o debate do ponto de vista do sujeito para realocá-lo na relação entre uma fonte e um alvo. Nessa proposta, a *fonte* da percepção é o sujeito percebido e o *alvo do ato da percepção*, o objeto percebido. O ponto de vista consiste, sobretudo, na modalização que se instaura sobre essa relação. Essa modalização determina, seguindo essa orientação teórica, as formas de interação estabelecidas entre a fonte e o alvo.

Para este estudo, destacamos que Fontanille (2008b) prevê, dentro dessa hipótese de interpretação da percepção dos fenômenos, os actantes de controle. Desse modo, o conceito de *actante de controle* distingue aquele que gerencia “a relação entre as fontes e os alvos. Eles podem ser definidos a partir da variação dos gradientes de intensidade e de extensão na profundidade: toda modulação ou variação brusca de ambas será atribuída a um actante de controle que enfraquece ou fortalece a presença” (FONTANILLE, 2008b, p. 105). Nesse sentido, a estratégia discursiva da *Mídia Ninja* diminuiu a presença dos actantes de controle, o que aumentou o predomínio do actante alvo sobre o actante fonte, utilizando os termos de Fontanille (2008; 1999).

Em outras palavras, a *Mídia Ninja* quer fazer parecer que o seu discurso é mais isento de moralização do que os demais discursos jornalísticos. Todavia, como asseveram Greimas e Courtés (2008, p. 318), a moralização é “um dos aspectos do fenômeno mais geral da axiologização (que concerne às categorias do bem e do mal e que atribui o termo euforia à dêixis positiva e o termo disforia à dêixis negativa)”; logo um discurso isento de moralização é improvável de existir, havendo, de fato, efeitos de sentido mais ou menos explícitos em seu modo de enunciar o posicionamento axiológico. Por isso, examinar a presença de actantes de controle é um análise relevante para o estudo das estratégias discursivas, em especial para a investigação dos enunciados das *notícias em ato*.

Contrariando as práticas semióticas de seleção, organização e hierarquização dos conteúdos – as quais encontramos arraigadas, principalmente, nas linhas editoriais de jornais de grande circulação como *O Estado de São Paulo* e *Folha de São Paulo* –, a *Mídia Ninja* produziu um enunciado incomum às práticas jornalísticas vigentes. Em geral, a grande imprensa maximiza os actantes de controle em prol do actante fonte; e, como se nota, a *Mídia Ninja* fez o inverso disso. Por consequência, esse modo de construir os textos da *Mídia Ninja*

revela que não é prototípico no sistema de juízos vigente na esfera jornalística a diminuição da presença de actantes de controle. Essa atuação nada ortodoxa gerou, assim, uma desestabilização da doxa, isto é, abalou o sistema de juízos que havia se estabelecido até então para a transmissão e a difusão de informações na esfera jornalística.

Para enfatizar isso, trazemos à luz a observação de outro estudioso da Comunicação. Ele também evidenciou, a partir de seu campo de estudo, essa ruptura. Christofolletti (2014, p. 271) fez as seguintes ponderações:

Antes, era perceptivo que havia uma ética específica para o jornalismo, já que a profissão estava bem delimitada e seus contornos se davam inclusive por um conjunto de valores éticos. Jornalistas agiam conforme um conjunto de recomendações, tinham claras virtudes e contraexemplos de ação, e definiam seu campo de atuação tendo em vista padrões de conduta. Poderiam ser (e eram) cobrados quando contrariavam essas normativas deontológicas. Com a chegada de novos atores e conseqüente porosidade no campo, as questões éticas podem ser estendidas também aos novatos, gerando novos pontos de tensão e discussão.

É essa dúvida que perpassa os campos do ético e do estético que faz com que os enunciados produzidos pelas mídias alternativas, como a *Mídia Ninja*, se tornem um objeto de estudo pertinente para uma teoria de análise dos textos e dos discursos como é a semiótica francesa. Ressaltamos que existem diversos estudos sobre as relações entre a Ética e a Estética na área da semiótica, principalmente nos últimos vinte anos. Indicamos os artigos de Bertrand (2009) e Fontanille (2007) e o livro de Discini (2015) para elucidar mais esse assunto. Sobre esse tema, não nos aprofundaremos, porque esse não é o foco deste estudo, mas sustentamos o seguinte posicionamento teórico frente a ele.

“Toda estética é um ética, e a recíproca é verdadeira, se se pensar na estética como um dos termos da gradação escalar intervalar entre a estesia e a estética, e se não circunscrevermos a estética ao belo” (DISCINI, 2015, p. 32). Com isso, a semioticista sustenta que entre as sensações do fenômeno (estesia) e a concepção estética do objeto percebido (estética) há uma gradação do sensível que acolhe, discute e, por vezes, até incorpora os juízos de valor arraigados historicamente e propagados socioculturalmente (ética). Também se pode propor uma gradação dos fenômenos da moralização, pois eles também constroem e assumem uma determinada estética em suas manifestações textuais. Por exemplo, o regime ditatorial afirma tanto um posicionamento ético sobre os fenômenos do mundo, quanto estabelece, reciprocamente, uma maneira estética de afiançar e motivar essa axiologização. Para confirmar essa relação entre ético e estético basta se atentar às construções de edifícios e estátuas gigantescas construídas pelos ditadores do passado e do presente, além disso, observar que todos eles tinham um controle rígido dos meios de comunicação e de seus respectivos veículos, editando, conforme suas próprias diretrizes, o modo de informar e as características dos acontecimentos relatados.

Compreendido esse panorama teórico, não podemos deixar de ressaltar o grande impacto que essa maneira de se fazer e de se reproduzir conteúdos jornalísticos instaurada pela *Mídia Ninja* e por outros

veículos afins gerou entre os jornalistas e os usuários das redes sociais. Como explicitam as pesquisadoras Becker e Machado (2014), na perspectiva do campo da Comunicação, tanto o pioneirismo na produção sem editorialização quanto a atuação da *Mídia Ninja* nas redes sociais, em especial no *Facebook*, causaram grande entusiasmo e também espanto em especialistas e em leigos:

Pela primeira vez os usuários da internet puderam acompanhar informação em áudio e vídeo das ruas sem cortes de edição e sem a editorialização dos conteúdos e formatos das reportagens televisivas no endereço disponibilizado no Facebook onde o Ninja tem uma página (<http://www.postv.org/>). A produção amadorística, quase *trash*, com imagens desfocadas e tremidas e falta de iluminação adequada, mas com grande força de testemunho, foi acompanhada com entusiasmo pelos estudantes que tinham interesse em compartilhar os protestos em todo o País e também por cidadãos de outras gerações, como as autoras deste trabalho, interessados em observar como foram construídos fora da mídia convencional registros tão impactantes do acontecimento no meio da rebelião. Por isso, a inclusão da subjetividade e da própria afetividade não deve ser desconsiderada nas análises das interações entre as audiências e as mídias, inclusive no campo do Jornalismo. A produção Ninja alcançou picos de audiência de 120 mil espectadores, o que significa uma marca de 1,2% dos ibopes oficiais – e não é pouco, pois muitos programas da TV aberta não o atingem (BECKER; MACHADO, 2014, p. 52-53).

Ressaltamos que o entusiasmo e o espanto são pivôs passionais compatíveis com os sintagmas concessivos, uma vez que se associam à desestabilização fórica do sujeito apaixonado, o que pode aumentar tanto a sensibilização do sujeito que sofre quanto a moralização do observador social (FONTANILLE, 2008b; GREIMAS; FONTANILLE, 1993). Essa configuração passional e concessiva que desestabiliza o sujeito de sua doxa faz com que o modelo de atuação das mídias alternativas seja bastante criticado: seja pelo *excesso de informação*, seja pela presença *imperdoável do anonimato*, segundo Becker e Machado (2014). Isso corrobora e reafirma o posicionamento axiológico das mídias alternativas frente às mídias tradicionais, pois, em termos bakhtinianos, podemos dizer que as mídias alternativas são regidas mais pelas forças centrífugas, enquanto as mídias tradicionais, pelas forças centrípetas, correspondendo a doxa ao centro referencial dessas duas forças. Considera-se, para tanto, o conceito de *doxa* como o sistema ou o conjunto de juízos que uma sociedade elabora em um determinado momento histórico, passando, então, a vigorar entre os membros dessa sociedade como uma *verdade óbvia* ou *evidência natural*.

Nesse cenário, a *Mídia Ninja* se caracteriza como uma *mídia alternativa*, a partir de três sentidos:

- é um canal de informação digital paralelo aos já existentes e consolidados nos meios de comunicação de massa, como, por exemplo, o jornal, o rádio e a TV;
- é bem diferente das outras mídias, principalmente frente à mídia impressa, tanto em relação aos suportes tecnológicos utilizados (*softwares*, *hardwares* e outros equipamentos de informática), quanto no concernente à mídia predominante, que, no caso da *Mídia Ninja*, é a *internet*;
- é contrária às práticas jornalísticas habituais da imprensa tradicional, como, por exemplo, o tratamento e a editorialização das imagens e dos vídeos.

Conclui-se, assim, que o estatuto das imagens e dos enunciados verbais veiculados por essa mídia alternativa, embora circulem prioritariamente nas esferas do jornalismo e da política, eles interseccionam diferentes e diversas esferas de atuação humana, seja porque eles circulam nas redes sociais, os quais são ambientes mais informais e de grande interação; seja porque eles se posicionam ética e esteticamente de maneira diferente da forma legitimada pelas mídias tradicionais de comunicação. No próximo tópico, analisamos essa peculiar construção a partir ator do enunciado *manifestante*.

2. Mídia Ninja no Facebook: a construção do ator manifestante

Reproduzimos, a seguir, uma das primeiras postagens veiculadas na página da *Mídia Ninja*, no Facebook, sobre as *Jornadas de Junho*, iniciadas em São Paulo-SP. Ela é referente, como dissemos, ao 1º Ato de protesto, que ocorrera em 6 de junho de 2013. Ressaltamos que, até aquele momento, a mídia impressa da imprensa tradicional deu pouco espaço às notícias sobre a manifestação de rua promovida pelo Movimento Passe Livre (MPL) em prol da revogação do aumento das tarifas de transporte público. Outro fator de destaque desse enunciado é que a foto foi produzida concomitantemente ao Ato de protesto, ou seja, quando ele estava ocorrendo; mas ele foi veiculado no dia seguinte. Temos, assim, uma notícia de duplo caráter: pela foto, é uma *notícia em ato*; pela veiculação midiática, é uma *notícia acontecida*, semelhante à da mídia impressa do jornal⁵. Todavia, a partir dessa postagem, podemos verificar como a *Mídia Ninja* constrói o ator *manifestante* e, com isso, reforça a sua identidade de mídia alternativa, afastando-se das práticas das mídias tradicionais, como a do jornal impresso:

⁵ Distinguimos *notícia em ato* de *notícia acontecida*, porque a primeira se articula firmemente a partir das categorias de pessoa, tempo e espaço do ato de enunciação, já a segunda se afiança pelo distanciamento que constrói discursivamente do ato de enunciação. Logo, uma é *em ato*, associada ao acontecimento; e a outra, *acontecida*, no participio passado do fenômeno.

Figura 1. Postagem do 1º Ato de protesto, realizado em 7 de junho de 2013



Fonte: *Mídia Ninja* - Facebook de 2013.

No topo da postagem, notamos a imagem do perfil da *Mídia Ninja* que congrega traços divergentes: caracterização de um ninja oriental em contraste com traços físicos de um ocidental, como se pode apreender pelos olhos. Esses elementos visuais reunidos demonstram o caráter heterogêneo da *Mídia Ninja*, ao mesmo tempo, que, no plano do conteúdo da enunciação visual, distingue-a como um ator que não se encaixa nos estereótipos – destacamos que associamos, aqui, os estereótipos aos simulacros construídos por convenção cultural ou social, os quais impregnam o *ser* e o *fazer* construídos nas manifestações textuais em análise (cf. BERTRAND, 2008). Por exemplo, temos o simulacro de que o protótipo de *ninja* deva possuir olhos característicos de orientais, o que não acontece no caso do perfil da *Mídia Ninja*. Confirmamos, dessa forma, que a própria identidade visual da *Mídia Ninja*, manifestada em sua foto de perfil, aponta para um posicionamento contrário à manutenção dos estereótipos e dos simulacros.

Isso fica ainda mais evidente ao lermos o texto verbo-visual dessa postagem. Nele, a *Mídia Ninja* contrasta verbalmente os dados relatados pelo jornal *O Estado de São Paulo* (doravante *Estado*), “700 pessoas”, com a fotografia que se segue, em que aparece uma multidão tomando o centro de São Paulo-SP. Quando se compara a fotografia com o enunciado relatado do *Estado*, tem-se um efeito de sentido de mentira construído pelo enunciador *Mídia Ninja* acerca do ator *Estado*, pois o que o jornal está afirmando não corresponde ao que se vê na fotografia.

Ressaltamos que esse enunciado do jornal *Estado* que a *Mídia Ninja* resgatou, de fato, existiu. Ele foi publicado, em formato digital, no dia 6 de junho de 2013, um dia antes da postagem da mídia alternativa. Podemos verificar a informação que fora reportada no seguinte trecho:

Segundo a Polícia Militar, cerca de 700 pessoas do Movimento Passe Livre partiram às 17h50 da Praça Ramos de Azevedo, no centro de São Paulo, em direção à Av. Nove de Julho. Estudantes disseram ao Estado, por telefone, que colocaram fogo em uma catraca no cruzamento da via com a Av. Vinte e Três de Maio (SANTOS; DEIRO; CUDISCHEVITCH, 2013, grifo nosso).

Ressaltemos como o ator da enunciação *Mídia Ninja* interpretou e traduziu esse trecho em sua postagem. Um dos recursos utilizados foi o de não identificar a autoria dos dados sobre o número de participantes, pois o jornal não realizou a contagem. A Polícia Militar tinha essa incumbência, portanto, essa contagem diminuta dos manifestantes foi de responsabilidade desta. Isso, como vimos na postagem, não foi citado.

Outro recurso foi também o de não informar que o *Estado* vinculou o número de pessoas ao MPL. Destacamos, ainda, que o *Estado* formulou de maneira ambígua sua oração: “*cerca de 700 pessoas do Movimento Passe Livre*” (SANTOS; DEIRO; CUDISCHEVITCH, 2013). Essa oração é ambígua, pois pode definir todos os manifestantes com base nos organizadores do protesto, confirmando a existência de uma metonímia (o todo pela parte) implícita *no* e *pelo* enunciado. E também pode sugerir que o número divulgado seja referente *apenas e somente* aos membros do movimento social MPL e não necessariamente a todos os manifestantes presentes no protesto.

Essa ambiguidade não se sustenta no enunciado da *Mídia Ninja*, pois neste predomina a informação de que o número de participantes divulgado pelo *Estado* se refere a *todos os manifestantes*: “Segundo O Estado de São Paulo o número de participantes era de 700 pessoas”. A *Mídia Ninja* cortou o trecho “*do Movimento Passe Livre*”, presente na oração do *Estado*. Desse modo, o enunciado da *Mídia Ninja* sustenta uma *inferência pragmática*, isto é, “é aquela derivada de regras do uso da linguagem”, como explica Fiorin (2015, p. 32), no caso “essa conclusão decorre de que um princípio conversacional é que o falante deve dar a informação mais forte de que dispõe” (FIORIN, 2015, p. 32). Seguindo esse princípio, se o enunciador afirma que foram 700 pessoas, ele quer dizer que a manifestação teve somente esse número de participantes. Temos, assim, um posicionamento discursivo da *Mídia Ninja*, que, ao tomar o discurso do outro, recorta-o segundo seu ponto de vista e seus valores axiológicos, manipulando seu enunciatário pelo dito (construção frástica) e pelo não dito (inferências e pressupostos).

Com esses dois recursos, a *Mídia Ninja* faz crer – ou seja, convencionada em seu contrato fiduciário – que foi o *Estado* o autor da contagem. É o que se infere a partir do verbal e pela ausência da fonte da contagem. Em segundo lugar, ela faz – isto é, estabelece o contrato manipulatório – com que essa informação divulgada pelo representante legitimado da imprensa tradicional pareça incoerente com os fatos. Isso, o enunciatário-leitor deduz a partir da comparação entre o verbal e o visual da postagem. Como Fiorin (2015)

explica, “[...] o processo de leitura implica a realização de inferências. O texto diz mais do que aquilo que está enunciado: ele apresenta pressuposições, subentendidos, consequências não ditas etc. No processo argumentativo, usam-se inferências”.

Esses recursos utilizados pelo enunciador *Mídia Ninja* reforçam a construção de uma *verdade típica* em oposição a uma *verdade autêntica*, retomando conceitos de Fontanille (2004). O estudioso francês chama a atenção para o impacto veridictório em um processo no qual a segurança de um fato conhecido projeta um “fator de evidência” (FONTANILLE, 2004, p. 235, tradução livre) sobre um fato novo. Nessa lógica, se o fato conhecido já for verdadeiro, o outro também o será. Esse padrão pode ser comparado a um *conversor de crenças* (FONTANILLE, 2004, p. 235, tradução livre).

Em outras palavras, a *Mídia Ninja*, ao se utilizar de pressupostos e inferências lógicas, projeta em seu discurso uma *verdade criada*, mas não pela experiência individual com o fato, o que pode aparentar, à primeira vista, em uma análise superficial do verbal com o visual da postagem. O efeito de verdade é criado a partir de uma oposição entre o que outro diz, no caso o *Estado*, e o que se vê, no caso a multidão na foto. Por isso, se é verdade o que se vê na foto da postagem, é verdade o que se diz no enunciado verbal da postagem. Eis a *verdade típica* em detrimento da *verdade autêntica* preponderando na construção do enunciado da *Mídia Ninja*, em conformidade com a proposta de Fontanille (2004).

Ainda, no segmento verbal, o manifestante é construído pela pluralidade e pela generalidade, como podemos verificar pelas figuras “milhares de jovens”, “participantes”, “pessoas” (MÍDIA NINJA, 2013). Temos, assim, o ator do enunciado entendido como uma coletividade que possui como elemento agregador o “descontentamento com o aumento das passagens do transporte público” e como elementos característicos o fazer-fazer “manifestar” e a localização “centro de São Paulo” (MÍDIA NINJA, 2013).

Outro recurso interessante foi a seleção lexical que o ator da enunciação utilizou para localizar o ator do enunciado *manifestante*: “ocupar” (MÍDIA NINJA, 2013). De acordo com o *Dicionário Houaiss eletrônico de língua portuguesa* (2014), esse termo possui, respectivamente, nas quatro primeiras acepções o sentido de: “1. preencher (um espaço), encontrar-se em; 2. estar na posse de; 3. instalar-se em (lugar invadido); 4. submeter (território), dominar”. Logo, quando o enunciador-manipulador opta por *ocupar*, ao invés de, por exemplo, *estar*, *encontrar*, *situar*, ele induz seu enunciatário a crer que o ator do enunciado *manifestante* possui determinadas características, como quantidade expressiva para preencher um espaço relativamente extenso e as competências volitivas ou deônticas para possuir ou invadir determinado território.

Por isso, destacamos que nenhuma escolha lexical do enunciador é isenta de axiologia, pois, como observamos, a *Mídia Ninja* faz manobras argumentativas incisivas para manipular seu enunciatário a entrar em conjunção com seus valores. No caso em exame, o ator da enunciação enfatiza de diversas maneiras que o ator do enunciado *manifestante* tem poder, dada a sua grande quantidade, seja pela fotografia, seja pela seleção vocabular no enunciado verbal (“milhares de jovens”).

Em relação aos números citados, a *Mídia Ninja* destaca desde o início do enunciado verbal que o ator do enunciado está na casa do milhar, e, com isso, ele se diferencia da opinião de seu antissujeito. Segundo a formulação do ator da enunciação, o *Estado* opta por um ator *manifestante* mais diminuto, que está na casa da centena. Até a disposição gráfica dessas duas posições produz muito sentido, pois o sujeito da enunciação, para enfatizar seu posicionamento frente ao de seu antissujeito, topicaliza a casa do milhar e deixa para o fim do segundo período a descrição do posicionamento contrário ao seu.

Em seguida, temos a fotografia. Esta corrobora o enunciado verbal. A fotografia serve, na enunciação enunciada, como prova documental do dizer do ator da enunciação. Isso ocorre porque, como alerta Barthes (2015, p. 13), a fotografia “aponta com o dedo um certo frente a frente, e não pode sair desta pura linguagem dêitica”. Assim, o enunciatário-leitor dessa postagem é levado a crer que o enunciador *Mídia Ninja* está correto no que afirma, uma vez que a fotografia evidencia com primazia a casa do milhar de manifestantes, muito mais do que a casa da centena, como ressaltado pelo antissujeito do ator da enunciação. Mas nem por isso o referente é externo à linguagem. Ao contrário, ele é uma construção da linguagem, pois, como estamos evidenciando, o enunciador faz diversas manobras discursivas para validar seu posicionamento.

Em outros termos, apesar de “as ‘coisas’ que tomamos por referentes tenham efetivamente a aparência de *coisas*, estruturalmente, elas já são *signos*, isto é, formas semioticamente complexas: não elementos in-analisáveis, mas configurações estruturais a analisar enquanto construções”, como explica Landowski (1992, p. 13-14). Logo, a fotografia remete ao referente, como indica Barthes (2015) – talvez venha daí o efeito de *realismo* tão persuasivo da fotografia –, mas o próprio referente é linguisticamente construído *na e pela* enunciação enunciada. Por isso, consideramos a fotografia como um signo e, como tal, um ato linguageiro, conforme aponta Landowski (1992). De acordo com Beyaert (2008), em uma tentativa de organizar a diversidade de fotografias da imprensa atual, sugere-se que as fotografias

propõem diferentes esquematizações de tempo, distintos sistemas de crenças em que uma /verdade autêntica/ tende a construir em oposição a uma /verdade típica/ (Fontanille). Este curso mostra que, em seu esforço para quebrar estereótipos, renovar a associação e estabelecer um novo sistema de crença, a fotografia espontânea renuncia as disposições fotogênicas e semióticas (distância, enquadramento, perspectiva) que asseguravam o ajuste de luz (BEYAERT, 2008, p. 224, tradução livre).

Ao observarmos, assim, o segmento visual da postagem, as categorias de cor, forma e posição na construção da figura do fundo na fotografia reforçam a ideia de pluralidade do ator *manifestante* a partir dessas características de desconstrução das disposições fotogênicas efetuadas na *foto espontânea*, utilizando a tipologia de Beyaert (2008). O fundo, em segundo plano, é mais monocromático, já que temos a escuridão noturna, e é constituído pelas formas heterogêneas dos edifícios que, em contraste com os postes e com os coqueiros, indicam o predomínio dos paralelismos horizontais e verticais. A figura, em primeiro plano, é mais colorida, pois é iluminada pela luz dos postes; as formas dos manifestantes, contudo, são mais homogêneas,

uma vez que há pouca nitidez e, com isso, os contornos dos corpos são borrados, fazendo predominar a rede de tangentes oblíquas⁶.

A categoria do tempo também pode ser recuperada pela enunciação visual a partir do seu aspecto. Como podemos perceber, temos desenvolvido um aspecto cursivo, uma vez que temos retratado o processo de desenvolvimento de uma ação, no caso, a marcha do protesto no centro de São Paulo-SP. Desse modo, é uma continuidade curta, uma vez que se recupera um determinado movimento contínuo em um de seus momentos de passagem. Isso explica também o motivo de a cena ser dinâmica, pois o aspecto recria o efeito de movimento pela pouca nitidez dos traços que compõem a pluralidade dos corpos dos manifestantes.

Explorando mais a categoria de espaço, compreendemos que estamos diante de um equilíbrio dinâmico, pois as figuras e o fundo, embora disputem o olhar do observador, completam-se no campo fotográfico de maneira mais simétrica do que dissimétrica. Isso se comprova pela delimitação simétrica de três faixas verticais: as massas populares na porção inferior, os edifícios e coqueiros no centro e o céu noturno na parte superior da tela. Além do mais, notamos ser um equilíbrio de caráter dinâmico, pois o aspecto cursivo faz com que as formas e o fundo produzam o efeito de sentido de movimento no espaço-tempo da tela, como já alertamos.

Compreendidos todos esses efeitos, constatamos que a fotografia não passou por um tratamento, pois há pouca nitidez, esmaecimento das cores e um contraste deficiente entre os contornos das figuras, validando as características de uma *foto espontânea*, segundo a terminologia de Beyaert (2008, p. 78). Todavia, a perspectiva do enunciador da fotografia não é inocente. A ausência de tratamento da fotografia jornalística produz, pelo menos, duas consequências tensivas. Em primeiro lugar, pode causar maior impacto e tonicidade no enunciatário por ser uma foto que parece ter sido tirada no *calor do momento*, isto é, o momento de enunciação e o momento de referência são concomitantes, ambos estão no *aqui e agora* dos protestos de rua. Em segundo lugar, pode causar menor inteligibilidade, uma vez que o tempo, o espaço e os atores do enunciado estão borrados, esmaecidos e pouco nítidos. Logo, se a foto sem tratamento aumentou o impacto e a tonicidade, por revés, ela diminuiu sua inteligibilidade. Temos uma curva inversa: quanto mais sensível, menos inteligível.

⁶ A partir das bases teóricas do *Tratado do visual*, do Grupo μ , Beyaert-Geslin (2015, p. 69, grifo da autora) explica que essa proposta de análise do visual “integra a descrição da relação entre figura e fundo à do processo de percepção, que, a partir do ‘ângulo sólido que engloba o que é visível pelo olho’, chamado campo, trará à baila diferenças que materializam um limite, que pode, por uma ‘decisão’, se transformar em um contorno pertencente a uma figura. Na qualidade de segundo grau de uma organização diferenciada do campo após o surgimento do limite, a distinção entre figura e fundo repousa, nesse caso, numa nova ‘decisão’ da percepção fundamentada num *mecanismo cerebral de escrutínio local* e, mais precisamente, na discriminação global das texturas, princípio introduzido desde as primeiras menções à *figura*. Enquanto uma parte do campo recebe o estatuto de figura, a outra se torna um fundo”. Essa proposta do Grupo μ é adotada em nossa análise no concernente aos conceitos de figura e fundo, porque, como explica Dondero (2015, p. 18), “se antes era possível contentar-se com a oposição entre as figuras ausentes e as figuras presentes, agora seria necessário proceder a uma classificação cruzada de propriedades ausentes e presentes, bem como das propriedades disjuntas e conjuntas, considerando ao mesmo tempo as camadas plásticas e icônicas e suas combinações”. Diante desse panorama teórico-metodológico da semiótica do visual, a proposta do Grupo μ de associar a figura e o fundo ao processo de percepção do olhar é pertinente e profícua aos propósitos deste estudo.

Em termos tensivos, pode haver um horizonte avizinado ao *modo numeroso de presença* nesta fotografia da *Mídia Ninja*. Esse modo se contrasta com um *modo uno de presença*, “entendendo, para *numeroso*, os contornos mantidos e, para o *uno*, a diluição dos contornos”, como explica Discini (2010, p. 25). Em outras palavras, existem enunciados que possuem uma presença concentrada, tônica e impactante, portanto, têm traços bem nítidos e bem definidos de presença; esse é o modo uno de presença. Há, também, enunciados que constituem uma presença diluída, átona, tênue e, assim, têm contornos pouco ou nada diferenciados, sendo por isso mais gerais, homogêneos e universais; esse é o modo numeroso de presença. E é o modo numeroso que encontramos predominantemente na postagem analisada.

Por isso, o enunciado verbal é um forte aliado da fotografia e vice-versa. De um lado, no enunciado verbal, a *Mídia Ninja* denunciou explicitamente a incongruência das informações veiculadas pelas mídias legitimadas, principalmente em relação ao jornal *Estado*, e, como prova, utilizou a fotografia. No segmento visual, a fotografia, ao contrariar a prática do fotojornalismo de *esterilizar* as imagens, corrigindo as suas deficiências, perde em legibilidade, necessitando, portanto, de uma legenda. Nesse caso, se não houvesse o enunciado verbal, seria muito difícil concluir que essa foto retrata as manifestações do MPL, pois não conseguimos ler nenhum dos cartazes, nem focalizar os rostos dos manifestantes, e é complicado até deduzir que o local da foto é o centro de São Paulo-SP. Essas informações, por exemplo, são mais facilmente dedutíveis em fotomontagens de reportagens do jornalismo impresso.

Com isso, podemos validar em parte a hipótese de Beyaert (2008) sobre as fotografias da imprensa atual no caso da *Mídia Ninja*, porque as fotos espontâneas dessa mídia alternativa quebram os estereótipos de fotogenia e as técnicas fotográficas, bem como contrariam as práticas de editorialização da imagem jornalística. Todavia, essa postagem continua a promover a *verdade típica* em detrimento da *verdade autêntica* (FONTANILLE, 2004), seja porque a fotografia da postagem não tem autonomia sem o texto verbal, seja porque o texto verbal reforça e dá sentido à fotografia. Logo, não é porque a postagem *reproduz* em sua textualidade o acontecimento (como vimos pela foto), ela é, de fato, uma notícia em ato.

Considerações finais

Compreendidas os efeitos de sentido produzidos *no* e *pelo* texto, podemos apreender que o ator *manifestante* é reconstruído, de forma *difusa e numerosa* na postagem da *Mídia Ninja*. É difuso porque não temos especificidades caracterizando esse ator. Pelo contrário, são usadas figuras semânticas genéricas e gerais e figuras visuais homogeneizadas, uma vez que estas têm seus contornos borrados na constituição de seus traços. É numeroso, pois sua escala espaço-temporal é extensa, seja por ser verbalmente instalado na casa do milhar, seja porque visualmente uma multidão homogeneizada o define e o constitui como ator.

Além disso, o modo de construção do enunciado evidenciou que, embora a *Mídia Ninja* se sustente como uma mídia alternativa em suas práticas e em sua oposição às mídias tradicionais de comunicação, ela

continua produzindo um enunciado mais afiliado aos efeitos de uma *verdade típica* do que a de uma *verdade autêntica*. Ressaltamos que a proposta da fotografia da postagem talvez fosse de afirmar uma verdade autêntica de uma experiência individual sobre as *Jornadas de Junho*, no entanto isso não foi o suficiente para dar um estatuto autônomo à imagem em relação ao texto verbal. E foi exatamente a forte presença do ator da enunciação que impediu que isso acontecesse.

Quando a *Mídia Ninja* ratificou seu posicionamento axiológico, tanto por meio dos componentes verbais e visuais na instância do enunciado, quanto por meio dos pressupostos e das inferências da instância na enunciação, ela deixou o mínimo de presença para o ator do enunciado. Limitou-se, assim, a possibilidade de autonomia dos componentes do texto. O ator do enunciado, como componente do texto, ficou, assim, à mercê da axiologia do ator da enunciação.

Logo, constata-se que até nas notícias que se pretendem ser *em ato*, dizendo-se inovadoras em sua forma de atuar e de interagir com o enunciatário-leitor, predominam-se mecanismos de construção do sentido semelhantes aos já empregados há muito tempo na mídia tradicional. Prova disso é, de um lado, o uso do efeito de generalidade para afiançar uma *verdade típica* (FONTANILLE, 2004), e, de outro, a construção do ator do enunciado como reflexo e refração do posicionamento do ator da enunciação. Enfim, mudam-se os métodos, mas mantêm-se os propósitos das competências do saber e do fazer: informar manipulando (saber-fazer) ou manipular informando (fazer-saber). Por isso, nos próximos estudos, as modalidades veridictórias e epistêmicas serão exploradas para entender melhor esse complexo fenômeno discursivo: a divulgação jornalística das *Jornadas de Junho*.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhailovitch Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Forense Universitária, 2010.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Tradução de Manuela torres. Lisboa: Edições 70, p. 2015.

BEYAERT, Anne. La photo de presse: temps, vérité et photogénie (trois modèles de la photo de presse). **Recherches sémiotiques / Semiotic Inquiry**. Montréal, vol. 28 (1-2), p. 209-231, 2008.

BEYAERT-GESLIN, Anne. A figura, o fundo e o abismo (Em homenagem ao Groupe μ). **Estudos semióticos**. São Paulo, vol.11 (dossiê especial Groupe μ), p. 69-76, dez. 2015.

BECKET, Beatriz; MACHADO, Mônica. Brasil entre as telas e as ruas: produção e consumo das narrativas jornalísticas audiovisuais sobre os protestos nacionais de junho de 2013. **Discursos fotográficos**. Londrina, v.10 (17), p.39-60, jul./dez. 2014.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães et al. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.

- BERTRAND, D. La narrativisation de la conscience morale. **Actes Sémiotiques** [on-line]. 2008, n° 111. . Disponível em: <<http://epublications.unilim.fr/revues/as/2473>>. Acessado em: 12 mai. 2017.
- BRASIL, Antonio; FRAZÃO, Samara Moratti. Drones no ar e ninjas nas ruas: os desafios do jornalismo imersivo nas mídias radicais. **Sessões do Imaginário**. Porto Alegre, v. 18 (30), p. 127-136, 2013.
- CHRISTOFOLETTI, Rogério. Preocupações éticas no jornalismo feito por não-jornalistas. **Comunicação e Sociedade**. São Paulo, vol. 25, p. 267-277, 2014.
- COSTA, Marcos Rogério Martins. Memória e tensividade: as Jornadas de Junho de 2013 na charge e no editorial. **Estudos semióticos**. São Paulo, v. 12, n. 1, p. 43-54, jul. 2016a. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/esse>>. Acessado em: 12 mai. 2017.
- COSTA, Marcos Rogério Martins. O corpo do manifestante das Jornadas de Junho de 2013: a charge e o editorial da Folha de São Paulo. **Galáxia**. São Paulo, n.33, p. 158-170, set.-dez., 2016b. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542016225491>>. Acessado em: 12 mai. 2017.
- DISCINI, Norma. Da presença sensível. **Revista CASA – Cadernos de Semiótica Aplicada**, Araraquara, v. 8 (2), p. 1-28, dez. 2010.
- COSTA, Marcos Rogério Martins. **Corpo e estilo**. São Paulo: Contexto, 2015.
- DONDERO, Maria Giulia. O Groupe μ . Quarenta anos de retórica. Trinta e três anos de semiótica visual. **Estudos semióticos**. São Paulo, vol.11 (dossiê especial Groupe μ), p. 18-21, dez. 2015.
- FIORIN, José Luiz. **Astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, tempo e espaço. 2 ed. São Paulo: Ática, 2010.
- FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.
- FONTANILLE, Jacques. Point de vue : perception et signification. In : FONTANILLE, Jacques. **Sémiotique et littérature** : essais de méthode. Paris : PUF, 1999. p. 41-61.
- FONTANILLE, Jacques. **Soma & séma**. Figures du corps. Paris: Maisonneuve et Larose, 2004.
- FONTANILLE, Jacques. **Significação e visualidade**: exercícios práticos. Tradução de Elizabeth Bastos Duarte e Maria Lília Dias de Castro. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- FONTANILLE, Jacques. Sémiotique et éthique. **Actes Sémiotiques** [on-line]. 2007, n. 110. Disponível em: <<http://epublications.unilim.fr/revues/as/2445>>. Acessado em: 12 mai. 2017.
- FONTANILLE, Jacques. Práticas semióticas: imanência e pertinência, eficiência e otimização. In: DINIZ, M. L. V. P.; PORTELA, J. C. (Orgs.). **Semiótica e mídia**: textos, práticas, estratégias. Bauru: UNESP/FAAC, 2008a, p. 15-74.
- FONTANILLE, Jacques. **Semiótica do discurso**. Tradução de Jean Cristtus Portela. São Paulo: Contexto, 2008b.
- GOHN, M. da G. **Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo**. Petrópolis: Vozes, 2014a.
- GREIMAS, Algirdas Julien. **Sobre o sentido II**: ensaios semióticos. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Nankin; Edusp, 2014.
- HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss eletrônico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Instituto Houaiss; Editora Objetiva, 2014. CD-ROM.
- LANDOWSKI, Éric. O referente perdido e reencontrado. Tradução de Mára Lucia Faury. **Cruzeiro Semiótico**. Porto, vol. 17, p. 9-15, jul.1992.
- LIMA-NETO, Vicente de. **Um estudo da emergência de gêneros no Facebook**. 2014. 313 f. Tese (Doutorado) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. Rio de Janeiro: Parábola Editorial, 2008.

MÍDIA NINJA. Postagem 1. **Fanpage Mídia Ninja**. Facebook. 7 jun. 2013a. Disponível em: <<https://www.facebook.com/midiaNINJA/?fref=ts>>. Acessado em: 12 mai. 2017.

NOBRE, Marcos. **Choque de democracia: razões da revolta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. **Redes sociais: a cognição conectiva do Twitter**. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTOS, Bárbara Ferreira; DEIRO, Bruno; CUDISCHEVITCH, Clarice. Manifestação contra aumento da tarifa de ônibus fecha vias em São Paulo. **O Estado de São Paulo**. 19h 25 min. 6 jun. 2013. Disponível em: <<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,manifestacao-contra-aumento-da-tarifa-de-onibus-fecha-vias-em-sao-paulo,1039657>>. Acessado em: 12 mai. 2017.

Estudo do vocabulário do samba de bumbo: características lexicais e discursivas

Mario Santin FRUGIUELE¹

Resumo: *Este artigo busca sintetizar os resultados encontrados ao longo de nossa pesquisa de mestrado, por meio da qual buscamos investigar, dentro do universo sociocultural da região central do estado de São Paulo, as características lexicais e discursivas que envolvem uma modalidade de samba ali surgida em meados do século XIX e que, em virtude de fatores diversos, vem sofrendo apagamento ao longo de mais de meio século. A modalidade, tipicamente paulista e contrastante com os moldes carioca e baiano, é cunhada de acordo com a época e localidade específica de seu surgimento. No campo acadêmico, seguindo clássico ensaio de Mário de Andrade (1937) e abrangendo características coincidentes, costuma-se denominá-la samba rural paulista. Os poucos grupos tradicionais em atividade, por sua vez, desconsideram o vocábulo andradiano, preferindo, no mais das vezes, samba de bumbo, unidade lexical adotada por nós, em consonância com Giffoni (1964), Britto (1986) e principalmente Manzatti (2005).*

Palavras-chave: *léxico; samba de bumbo; samba rural paulista; cultura caipira.*

Introdução

Considerando a parca documentação linguística das variedades populares do português brasileiro e a inexistência de uma abordagem lexical em relação ao samba de bumbo, nossa pesquisa de mestrado teve por *objetivo central registrar as unidades lexicais de uso popular da referida manifestação cultural, suscitando uma discussão sobre o grau de tendência à manutenção e tendência ao desuso em curso dos elementos que compõem seu vocabulário.*

Posteriormente, objetivamos *investigar discursivamente os resultados relacionados a algumas unidades lexicais e respectivas variantes, evidenciando conexões e causas ocultas para a sua ocorrência, de modo a responder à seguinte questão: quais fatores influenciaram o paulatino apagamento do samba de bumbo?*

Nesse sentido, foram três as hipóteses que levantamos em nosso estudo:

- a) a população das localidades onde o samba de bumbo continua sendo praticado já não mais reconhece e utiliza, frequentemente, o vocabulário relacionado à manifestação.
- b) os grupos de samba de bumbo não apresentam mais as mesmas características, perdendo alguns elementos verificados na primeira metade do século XX.
- c) desde os anos 1930 a manifestação tem se apagado em razão de diversos fatores, como o preconceito religioso e racial, a espetacularização e a hegemonia proveniente de uma indústria cultural ostensiva.

Tendo por referência estudar esta comunidade de prática (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 1992) em seu aspecto linguístico, pretendeu-se constituir uma base documental importante para os estudos em História da Língua Portuguesa e sublinhar a criatividade do falar dos praticantes desse gênero musical paulista.

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, tendo sido orientado pelo Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida. E-mail: mariosfru@gmail.com

O *corpus* objeto do trabalho foi fundamentalmente constituído por entrevistas livres e controladas,² produções lítero-musicais e literatura encontrada sobre o tema. Com base nesse *corpus*, definimos o vocabulário para a elaboração do Questionário semântico-lexical (QSL – v. APÊNDICE A), aplicado com praticantes e não praticantes do samba, e para o desenvolvimento de nosso estudo semântico-lexical. Esse estudo subdividiu-se em duas análises: (i) análise diacrônica das unidades lexicais coletadas junto aos praticantes do samba, comparando suas acepções, dentro do universo da manifestação, às encontradas em dicionários dos séculos XX e XXI; e (ii) análise discursiva pontual de alguns vocábulos/textos. A fim de realizar a pesquisa, apoiamos-nos na sociolinguística e na dialetologia (abrigadas sob a sociogeolinguística), na lexicologia e também na análise do discurso da chamada Escola Francesa (AD).

Os resultados obtidos por meio dessas análises (contrastiva e discursiva) puderam auxiliar na identificação dos processos opacos que têm levado ao provável apagamento da manifestação, para, assim, buscar contribuir para a adoção de práticas de resistência à opressão cultural. No mais, permitiram a constituição de uma base documental significativa que também poderá ser utilizada na elaboração de dicionários gerais e específicos, uma vez que a documentação lexicológica do vocabulário dos praticantes do samba de bumbo – e mesmo da respectiva época, naquelas localidades – é extremamente escassa.

A fim de ilustrar como se deu a pesquisa, faremos breves apontamentos metodológicos para, então, apresentar nossas conclusões finais.

1. Metodologia

De início, para a realização do trabalho, foi necessário estabelecer a delimitação do objeto de estudo, levando-se em conta as peculiaridades da manifestação, sua abrangência geográfica e temporal e as fontes de pesquisa. A prática do samba de bumbo, nos dias atuais, restringe-se a alguns poucos grupos, os quais podemos dividir em *tradicionais* e *não tradicionais*. Focamos-nos unicamente, em nossa pesquisa, nos grupos tradicionais de samba de bumbo, visto que desejávamos apreender a forma há mais tempo presente na expressão, manifestada pelas escolhas lexicais dos tradicionais sambadores e sambadeiras.

Os grupos tradicionais de samba de bumbo podem ser encontrados em cinco municípios paulistas. A saber: Mauá (Samba-lenço), Pirapora do Bom Jesus (Samba de Roda), Quadra (Filhos de Quadra: samba caipira), Santana de Parnaíba (Samba do Cururuquara) e Vinhedo (Samba da Dona Aurora).

Para melhor visualização, inserimos as siglas indicativas dos pontos referidos no trabalho e que compuseram nossa rede de pontos:

² Ou *semidirigidas* (cf. SANTOS, I. P. dos, 2008).

Quadro 1 - Rede de pontos e siglas

PONTO – COMUNIDADE	SIGLAS
Mauá	MAU
Pirapora do Bom Jesus	PBJ
Quadra	QUA
Santana de Parnaíba	STP
Vinhedo	VNH

Estabelecido o objeto de estudo, passamos a frequentar as festas e ocasiões em que os cinco grupos se apresentaram e constatamos que, em dados momentos, a atividade mais parecia uma simples representação, já desprovida de elementos tradicionais. Ao tratar da relação entre sociedade civil e grupos tradicionais, Ikeda (2013, p. 182) procura apontar motivações que possam estar em jogo nas apresentações de grupos tradicionais e que explicariam esse fenômeno:

De qualquer modo, em uma visão dialética e macroestrutural, se admitirmos que esses fatos culturais estão ligados a grupos subalternos e periféricos da sociedade, todas as iniciativas, mesmo as governamentais, e até as artísticas e de inclusão social acabam resultando em processos que de algum modo chegam às apropriações e expropriações culturais, ou na transformação de conteúdos e sentidos sociais e políticos, sobretudo quando servem para preencher programações como espetáculos artísticos em instituições culturais, ou mesmo em apresentações oficiais organizadas por órgãos públicos, como referências da cultura nacional. Afinal, o simples ato da transposição desses fatos culturais de seus locais convencionais de realização (comumente inseridos em festas e rituais tradicionais) para outros transforma a atividade em uma simples representação, uma apresentação apenas.

As atividades em que notamos maior desprendimento dos praticantes, alheios às formalidades típicas de representações solenes, foram efetivamente aquelas vinculadas às festas religiosas realizadas nas localidades a que pertenciam cada um dos grupos. Pudemos constatar que o ato de transposição da expressão refletia mudanças bastante aparentes: a preocupação estética e artística sobrepunha as intenções ritualísticas de que se reveste, tradicionalmente, o samba de bumbo.

Durante essas atividades, procuramos registrar em fotos e conversar informalmente com participantes (entrevistas livres), a fim de resselecionar e confirmar a atualidade das unidades lexicais previamente eleitas em pesquisa documental para figurar em nosso Questionário semântico-lexical. Cardoso S. A. (2010, p. 42), ao citar as respostas que Gilliéron dera aos críticos de seu trabalho, relata a seguinte afirmação do pesquisador francês: “o questionário... para ser sensivelmente melhor, deveria ser feito após a entrevista.” Com efeito, as entrevistas livres foram de suma importância para o estabelecimento da versão final do QSL, com 23 unidades lexicais.

Em uma primeira elaboração e aplicação do questionário, verificamos sua eficácia e a pertinência da formulação das perguntas que o integram. Ao apreciar as respostas dos praticantes vinculados aos grupos *tradicionais*, entendemos necessário testá-las com a população não praticante das cinco localidades específicas a que pertencem, ou seja, em cada comunidade de fala; conhecendo a complexidade imanente a todo grupo, ainda intentamos averiguar possível variação diageracional interna. Assim, nossa relação de sujeitos foi composta por quatro participantes de cada um dos grupos de samba de bumbo, bem como quatro não participantes de cada uma das localidades investigadas (rede de pontos), totalizando 40 sujeitos-entrevistados divididos, sempre que possível,³ em duas faixas etárias e entre homens e mulheres.

O QSL é um instrumento semidirigido, com a finalidade de saber a designação que o sujeito-entrevistado atribui a determinado objeto do mundo/espço sócio-histórico (cf. SANTOS, I. P. dos, 2008). Apresenta, dessa maneira, certas peculiaridades – do ponto de vista discursivo (formações imaginárias) – que foram levadas em conta durante a posterior análise discursiva.

De todo modo, nosso questionário seguiu as convenções do Projeto ALiB (2001), buscando averiguar a hipótese de que a população das localidades onde o samba de bumbo continua sendo praticado já não mais reconhece e utiliza, frequentemente, o vocabulário relacionado à manifestação.

Não cabe à dialetologia, necessariamente, mostrar o percurso da variação que se registra e o caminho que tal ou qual fato linguístico persegue. A pesquisa dialetal busca “fotografar” a realidade nos espaços geográficos investigados, sendo, portanto, uma investigação de cunho horizontal. Nossa dissertação, por outro lado, procurou verticalizar a pesquisa, apreciando também outros fatores estabelecidos pela “teoria da variação linguística”, modelo teórico-metodológico proposto por Labov, na década de 1960, razão pela qual introduzimos critérios adicionais para a classificação, seleção e entrevista dos sujeitos.

Quanto à entrevista, aliás, Labov (1972) recomenda que a superação da distância entre o pesquisador e o sujeito-entrevistado deva acontecer antes mesmo da pesquisa, de modo a “minimizar” eventuais barreiras existentes. Silva (2012, p. 126) comenta que o “entrevistado deve-se tornar conhecido do pesquisador no início da pesquisa. O melhor seria ter um longo contato com ele, mas, na prática, torna-se difícil ter esse longo contato prévio e igual para todos os falantes da amostra.” Elaboramos um questionário social prévio e durante sua aplicação objetivávamos aproximar sujeito-entrevistador e sujeito-entrevistado, além de observar e anotar as características psicológicas reveladas no decurso da entrevista, bem como a espontaneidade da elocução, conforme alertado por Cardoso (2010, p. 95). É certo que a coleta de dados junto aos não participantes do samba praticamente impossibilitava qualquer aproximação precedente e, caso fosse realizada com sujeitos já conhecidos, poderia não constituir o reflexo mais apurado do caso estudado; por tal motivo, em busca de filhos da localidade pesquisada e, sempre que possível, com pais também da área (PROJETO ALiB, s.d.), guiamo-nos de acordo com o que sustenta Tarallo (1994, p. 27):

³ O grupo Filhos de Quadra não conta com mulheres em seus quadros e também não possui diferença geracional significativa.

O critério básico para a seleção de informantes será o da amostragem aleatória. Tal critério deverá ser usado especialmente no caso de a comunidade estudada ser um grande centro urbano. A amostragem aleatória lhe dará a certeza de que você ao menos tenha dado a chance a todos os membros da comunidade de serem entrevistados.

Labov (1972) também aconselha o pesquisador a não se apresentar como integrante de uma instituição universitária em razão de provável influência na entrevista, visto que o pesquisador representaria a instituição formal. Utilizamos, então, estratégia mais branda, somente fornecendo esse tipo de informação quando requeridos.

Importa mencionar que nossa Ficha do Sujeito-entrevistado foi embasada na Ficha do Informante utilizada pelo Projeto ALiB (2001). Serviram-nos de instrumento as orientações contidas no ALiB (ALiB, 2001) somadas àquelas elaboradas por Cardoso na segunda parte da obra *Geolinguística: tradição e modernidade* (2010), em que trata dos percursos metodológicos da disciplina.

O fato de termos contado com o inestimável apoio de João Mário Machado, funcionário da Secretaria de Cultura de Santana de Parnaíba e organizador responsável do Projeto Berço do Samba, certamente amenizou a possível tensão subjacente às entrevistas. Praticamente todas as entrevistas com participantes de grupos tradicionais foram facilitadas por ele (apresentou-nos aos sambadores e sambadeiras) e pudemos notar, em algumas delas, a necessidade imperiosa de se contar com essa ajuda, em atenção à timidez e mesmo indisposição dos sujeitos-entrevistados, que, por vezes, preferiam não nos receber, alegando as mais variadas razões. Solicitamos, nessas visitas, que João Mário não permanecesse no mesmo ambiente da entrevista, visto que não desejávamos a interferência de circunstâncias; em alguns poucos casos isso não foi possível. De toda forma, sua presença não influenciou diretamente nas respostas verificadas.

Primeiramente, assim, utilizamo-nos desta contribuição para contatar os componentes da comunidade de prática,⁴ estratificados de acordo com os seguintes critérios:

- a) Quatro componentes por grupo *tradicional*;
- b) Homens e mulheres;⁵
- c) Distribuídos em duas faixas etárias: de 18 a 40 anos (primeira faixa) e de 50 anos em diante (segunda faixa);
- d) Nascidos na localidade correspondente ao grupo *tradicional* ou que ali tenham vivido, obrigatoriamente, os últimos cinco anos.

Tais critérios procuraram abarcar questões espaciais, mas, essencialmente, variáveis sociais existentes dentro dos grupos tradicionais, com atenção para as variações diassexual e diageracional; nesta última, de modo a averiguar possíveis percursos linguísticos (tendência à manutenção e tendência ao desuso em curso dos elementos que compõem o vocabulário) e, conseqüentemente, de apreensão da realidade por que

⁴ Chamamos *comunidade de prática* ao grupo de praticantes do samba de bumbo, consoante ao conceito apresentado por Eckert e McConnell-Ginet (1992, p. 8): "A *community of practice* is an aggregate of people who come together around mutual engagement in some common endeavor. Ways of doing things, ways of talking, beliefs, values, power relations - in short, practices - emerge in the course of their joint activity around that endeavor. A community of practice is different as a social construct from the traditional notion of community, primarily because it is defined simultaneously by its membership and by the practice in which that membership engages. Indeed, it is the practices of the community and members' differentiated participation in them that structures the community socially."

⁵ Os critérios "b" e "c" não foram observados em Quadra, pelos motivos expostos na nota 2.

passam os quadros dos grupos. Desejávamos, para esse fim, duas faixas etárias que respeitassem as observações feitas no Projeto ALiB (s.d.)⁶ com relação à distância mais apartada entre elas, ocorre, no entanto, que são pouquíssimos os praticantes com até 30 anos de idade, o que inviabilizaria a pesquisa diageracional. Optamos, em vista disso, por duas faixas etárias mais próximas, mas que, ainda assim, atendiam aos objetivos da pesquisa.

Não foi possível atentar para a variação diastrática com relação à escolaridade, pois os participantes mais velhos, na maioria dos casos, haviam cursado até a quarta série do ensino fundamental, enquanto os mais jovens haviam todos concluído o ensino médio e alguns deles possuíam, até mesmo, cursos universitários. Quanto à proveniência, procurávamos, de início, sujeitos que tivessem nascido na localidade e que fossem, preferencialmente, filhos de pais nascidos no mesmo local. No decorrer do trabalho, contudo, esse critério demonstrou-se inviável, razão pela qual estabelecemos um período mínimo (cinco anos)⁷ de vivência na localidade pesquisada.

A seleção dos sujeitos foi feita com base no lugar que ocupam dentro do samba de bumbo. Ao aproximar-nos dos grupos, buscamos contato inicial com as figuras indicadas por João Mário, espécies de representantes oficiais de cada um dos conjuntos. Expusemos a eles as características (sexo e idade) dos sujeitos que interessariam à pesquisa e, por meio de indicações, chegamos à seleção final. Aqueles da segunda faixa etária são mestres e há bastante tempo participantes da manifestação, com ancestralidade normalmente associada aos antigos sambadores: são filhos, netos, sobrinhos de antigos mestres. Os sujeitos da primeira faixa, por sua vez, possuem atributos semelhantes de centralidade, muitas vezes substituindo os mestres e assumindo o papel de vitalização interna dos grupos. O recente interesse pela cultura tradicional no estado de São Paulo fez com que, nos últimos anos, muitos indivíduos ingressassem nos grupos. A triagem realizada foi importante para evitarmos entrevistar aqueles integrantes que não representassem efetivamente o conjunto ou, ainda, não vivessem há pelo menos cinco anos nos pontos investigados.

É verdade que, com tais critérios, as dificuldades para encontrar o número adequado de sambadores aumentaram e, em alguns casos, foram intransponíveis. O grupo Filhos de Quadra, por exemplo, é composto apenas por quatro homens, todos com mais de 50 anos de idade. Não obstante, ao invés de abrir mão dos critérios relacionadas a idade e sexo dos demais conjuntos, optamos por mantê-los e relativizá-los quando confrontados com a ausência de dados.

Após aplicarmos o QSL junto à comunidade de prática, fomos aos cinco pontos a fim de aplicá-lo à população local não envolvida com o samba de bumbo. Da mesma forma, portanto, buscamos grupos de sujeitos que pudessem nos mostrar um reflexo do quanto a manifestação ainda está presente no cotidiano

⁶ “Na impossibilidade de se documentarem três diferentes faixas etárias, o que acarretaria um aumento de custos, optou-se pelo registro de informantes de faixas mais distanciadas. Tal opção procura atender às possibilidades de melhor confronto entre usos por diferentes faixas etárias e, também, propiciar a análise da variação e da mudança linguísticas” (ALiB, s.d.).

⁷ Baseamo-nos em Thun (2009) para estabelecer o período mínimo de cinco anos.

e na lembrança das pessoas, para então observar, por meio de suas respostas, se as unidades lexicais que representam e traduzem o fazer do samba de bumbo apresentavam tendência à manutenção ou ao desuso. Os critérios adotados foram idênticos àqueles estipulados para os praticantes de grupos tradicionais, quais sejam:

- a) Quatro sujeitos por localidade;
- b) Homens e mulheres;
- c) Distribuídos em duas faixas etárias: de 18 a 40 anos (primeira faixa) e de 50 anos em diante (segunda faixa);
- d) Nascidos na localidade ou que ali tenham vivido, obrigatoriamente, os últimos cinco anos.

Como buscávamos respeitar o critério básico da amostragem aleatória, ilustrado por Tarallo (1994, p. 27) e citado anteriormente, procuramos nossos sujeitos, completamente desconhecidos, nos locais centrais e de maior movimentação de cada um dos pontos. Estabelecemos um padrão que repetimos em todas as outras visitas, atendo-nos às praças centrais, próximas às igrejas matrizes e dentro dos “centros históricos” – não fomos, por exemplo, às periferias ou áreas marginais.⁸

Em virtude de não conhecermos os sujeitos, as entrevistas não fluíram da mesma forma que aquelas realizadas com os praticantes do samba de bumbo. Houve casos em que os sujeitos-entrevistados apresentaram postura até mesmo agressiva, mas como correspondiam a todos os critérios pré-estabelecidos, consideramos também estes em nossa análise, visto que descartá-los certamente enviesaria a pesquisa.

Por meio de quadros contrastivos, procuramos mostrar os dados obtidos, averiguando o quanto a população foi afetada pelas marcas de sua história sociocultural, no reconhecimento em maior ou menor grau do vocabulário do samba de bumbo.

Posteriormente, na análise discursiva, partimos dos vestígios encontrados durante a análise contrastiva para investigarmos, a fundo, o que representam estas unidades lexicais dentro do universo do samba de bumbo. Desejávamos compreender como as interpretações funcionam, como um objeto simbólico produz sentidos, e, através da compreensão, explicitar os processos de significação presentes no texto (não se trata de desvelar uma “verdade” oculta atrás do texto) e estudar, do ponto de vista linguístico, as condições de produção desses textos.

Com raízes nos escritos de Bakhtin e Voloshinov (cf. WODAK, 2002), os estudos basilares da AD são atribuídos a Harris, em 1950 com *Discourse Analysis*, e, principalmente, Michel Pêcheux, com a publicação de *Análise Automática do Discurso*, em 1969. Seu surgimento se deve, sobretudo, à tentativa de combater uma tendência “interpretativista/conteudista nas ciências sociais que lida com o texto como se ele fosse uma superfície transparente, onde, naturalmente, os indivíduos mergulham para buscar sentidos” (MELO, 2009, p. 14). De modo geral, consiste numa corrente desenvolvida majoritariamente na França, que trata a língua

⁸ Um sujeito que frequenta as áreas centrais ou até mesmo vive em seus arredores diferencia-se de outro que não tem contato com essa parte da cidade, onde normalmente sediam-se as prefeituras e a maior parte dos eventos culturais locais. Justamente por isso, padronizamos as zonas em que buscávamos entrevistar os sujeitos.

em seu processo histórico, atende a uma perspectiva não-immanentista e não-formal da linguagem e privilegia as condições de produção e recepção textual, bem como os efeitos de sentido (*idem, ibidem*).

A AD inscreve-se em um quadro que articula o linguístico com o social, trabalhando com a língua no mundo e considerando o homem em sua história. Em sua constituição, relaciona a língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer, ou seja, à exterioridade da linguagem;⁹ a AD se ocupa, enfim, do sujeito em interlocução. Considerando o discurso enquanto palavra em movimento, prática da linguagem, o sujeito objeto de seu estudo é o homem *falando* (ORLANDI, 2012a). A Linguística Geral usualmente considera o sujeito em um contexto social imediato, individualizando-o: um sujeito empírico e *falante*. A diferença central reside, portanto, no fato de que a AD atenta para dada conjuntura sócio-histórico-ideológica na qual se inscreve o interlocutor, visto que o discurso tem existência na exterioridade do linguístico, necessitando-se romper com uma visão estritamente linguística para compreender o sujeito discursivo.

Ao falar, o homem revela-se coletivo, pertencente a determinada realidade sociocultural, a determinado espaço e tempo. Um enunciado é também composto por sua historicidade, a memória que o tornou possível para o sujeito-enunciador num determinado momento, e isso revela o registro de dada coletividade.

Uma das manifestações da memória coletiva remete à atualização do léxico na interação linguística. Em nossa pesquisa, investigamos a escolha de determinadas unidades lexicais na atividade discursiva dos sujeitos-entrevistados. Nessa atividade, encontramos escolhas que levam à produção de sentidos diferentes daqueles encontrados em escolhas realizadas por sujeitos diversos, inseridos em outras comunidades. I. P. dos Santos (2009, p. 342) ensina que isso ocorre porque os discursos não são fixos, e transformam-se em função das transformações por que passa a sociedade: “os sentidos variam em função do contexto de produção dos lugares ocupados pelos sujeitos que produzem os discursos”. Deve-se, pois, atentar para os fatores sociais externos ao sistema linguístico a fim de compreender adequadamente os enunciados. A AD coloca questões para a linguística, uma vez que a interpela pela historicidade que ela apaga, e também para as ciências sociais, ao interrogar a transparência da linguagem sobre a qual elas se assentam (ORLANDI, 2012a, p. 16).

O nosso dispositivo analítico fora constituído das entrevistas, livres e controladas, além do aporte bibliográfico, e (constatando-se que a manifestação investigada passa por um processo forçado de desaparecimento) fundamentava-se na seguinte pergunta inicial: *quais os fatores que influenciaram o paulatino apagamento do samba de bumbo?*¹⁰

⁹ Com relação aos dois conceitos nucleares da AD, ideologia e discurso, embasamo-nos em Althusser (1985), Chauí (1980) e Foucault (2005).

¹⁰ Em nossa pesquisa apresenta-se a situação atual em que se encontra o samba de bumbo, a fim de comprovar que a manifestação passa efetivamente por um processo de apagamento. Essa situação, no entanto, não é oposta ao movimento de resistência também

Essa pergunta desencadeou a análise discursiva e será retomada quando formos elencar os resultados alcançados. Para respondê-la, dividimos a seção analítica em três tópicos temáticos, cada qual contendo uma ou mais unidades lexicais encontradas por meio da aplicação do QSL:

- (i) Preconceito: religião e racismo
 - *Ponto, samba, verso*
 - *Demanda*
- (ii) Indústria cultural: espetacularização e o exótico
 - *Treino e apresentação – Brincadeira e festa*
 - *De bumbo: caipira, de roda, lenço, rural paulista, batuque, samba*
- (iii) Samba uno: hegemonia
 - *Sambador, sambeiro, sambista*
 - *Coro, backing vocal*

A extensão do texto é irrelevante para a AD e, com base nisso, entendemos que tais unidades lexicais poderiam fornecer elementos profícuos para a análise, já que correspondem a unidades de significação em relação à situação. A noção fundamental é a de *funcionamento*, somente por isso é possível analisar unidades de qualquer nível ou de qualquer tipo de categoria sob a perspectiva do discurso.

Pode-se trabalhar, na perspectiva da análise de discurso, com unidades de vários níveis – palavras, sentenças, períodos, etc. – sob o enfoque do discurso. Isso não significa que essas unidades não tenham a especificidade de seu nível – isto é, lexical, morfológico, sintático, semântico – mas sim que a perspectiva discursiva também é constitutiva delas, também fornece dados (ORLANDI, 1987, p. 116).

Procedemos analiticamente a partir da totalidade e não das partes segmentadas e, em cada tópico temático, buscamos dessuperficializar os dados coletados e (re)contextualizar historicamente os embates ali desenvolvidos, atentos à perspectiva da totalidade, argumento recorrente ao longo de todo o trabalho. A seguir explanaremos os resultados a que chegamos por meio dessas duas análises complementares.

2. Características lexicais e discursivas

Em nossa análise contrastiva foi possível observar a tendência à manutenção e ao desuso das unidades lexicais selecionadas. Focamo-nos principalmente em 23 unidades constantes do Questionário semântico-lexical (QSL) por nós elaborado e as avaliamos por localidade, oferecendo um exame voltado para cada conjunto. De modo a melhor visualizar a análise contrastiva realizada, isto é, preocupando-nos com a inserção de dada unidade na comunidade de prática, formulamos duas tabelas finais. Estas tabelas foram organizadas de acordo com duas variáveis: (i) porcentagem de escolha da unidade lexical entre os sujeitos praticantes do samba e (ii) quantidade de localidades em que a unidade foi referida. Assim, pudemos observar os vocábulos que, além de possuírem alta frequência de escolha entre os praticantes, também se espalhavam pela comunidade de prática, não se atendo a um ou outro ponto específico.

verificado atualmente. Na realidade, os novos grupos de revitalização surgem justamente como forma de se contrapor ao desaparecimento forçado por que passa a manifestação.

Cada uma das tabelas corresponde a determinada faixa etária e, analisando-as conjuntamente, foi possível compreender melhor os graus de tendência à manutenção e tendência ao desuso do vocabulário do samba de bumbo. As unidades lexicais ordenadas à esquerda e nas primeiras linhas das tabelas correspondem àquelas mais empregadas pela comunidade (frequência mais alta) e em maior número de pontos.

Importa mencionar que, na tabela referente à primeira faixa etária, constam apenas quatro dos cinco pontos estudados, pois, em um deles (QUA), não há sequer um jovem praticante – naturalmente, o ponto foi considerado na discussão posterior de tendências. Enfim, vejamos:

Quadro 2 - Índice entre os praticantes mais jovens

		Número de pontos				
		4	3	2	1	0
F r e q u ê n c i a	PRIMEIRA FAIXA ETÁRIA					
	≥ 50%	caixa	bumbo chocalho reco-reco resposta samba de bumbo sambador tocador			
	50% > e ≥ 30%		cantador	bater reza sobe-e-desce		
	30% > e ≥ 15%			bumbeiro coro couros ponto roda	puxar	
	15% >				chefe desafio mestre	brincadeira dançador

Quadro 3 - Índice entre os praticantes mais velhos

		Número de pontos					
		5	4	3	2	1	0
F r e q u ê n c i a	SEGUNDA FAIXA ETÁRIA						
	≥ 50%	bater resposta	sambador	bumbo			
	50% > e ≥ 30%	tocador	puxar reco-reco	bumbeiro reza	dançador		
	30% > e ≥ 15%			chefe chocalho couros desafio mestre samba de bumbo		caixa	
15% >					ponto	brincadeira cantador coro roda sobe-e-desce	

Julgamos desnecessário elaborar tabelas semelhantes para os não praticantes, tendo em vista a baixa frequência de escolha para a quase totalidade das unidades lexicais. Junto aos não praticantes, dos 23 vocábulos analisados somente cinco ultrapassaram os 15% de preferência e apenas um deles figurou entre os não praticantes mais jovens: justamente *roda*, que se popularizou em meio aos grupos de samba urbano. Na segunda faixa etária desse conjunto, os únicos vocábulos que receberam frequência acima de 15% foram *bumbo*, *samba de bumbo*, *sambador*, *resposta* e também *roda*, ressaltando-se que nenhum deles foi referido em mais de dois pontos. Baseados em tais dados, pudemos confirmar uma de nossas hipóteses, segundo a qual *a população das localidades onde o samba de bumbo continua sendo praticado já não mais reconhece e utiliza, frequentemente, o vocabulário relacionado à manifestação*.

Poder-se-ia argumentar que os não praticantes desconhecem o vocabulário do samba de bumbo simplesmente por não pertencerem à comunidade de prática. Vale notar, contudo, que o samba de bumbo foi, outrora, a manifestação cultural mais relevante dos pontos estudados, havendo relatos suficientes de maciça participação de moradores das cidades nas festas. Se hoje a relação da comunidade local com a comunidade de prática está enfraquecida, consideramos esse dado como mais um elemento que depõe a favor de nossa análise, visto que há uma mudança histórica significativa na referida relação, mudança essa que se revela inclusive por meio do léxico. Ademais, não foram poucas as vezes em que os não praticantes referiram elementos da cultura do samba urbano às nossas perguntas (como atesta a prevalência de *roda*), o que também não pode ser considerado sinal incontestado de que esses que assim responderam pertencem à comunidade de prática carioca.

Retomando as tabelas elencadas acima, pode-se observar que destacamos as unidades lexicais que apresentaram maior frequência (acima ou igual a 30%) e que foram oferecidas em, pelo menos, 75% dos pontos investigados. Os vocábulos compreendidos nesses altos índices são aqueles mais utilizados pela comunidade de prática como um todo. Vê-se, no entanto, que diferem de uma a outra faixa etária. Na primeira faixa etária, identificamos nove unidades lexicais que apresentaram altos índices. Na tabela relativa à segunda faixa etária, por sua vez, são apenas seis vocábulos que compõem esse agrupamento elevado.

As 23 unidades lexicais de nosso QSL foram selecionadas a partir das fontes bibliográficas que recobrem todo o século XX. Foram posteriormente testadas por meio de entrevistas livres e durante aplicações prévias do questionário, em mais de um dos pontos estudados. Somente então estabelecemos a versão final e iniciamos as 40 entrevistas controladas. Se o QSL contempla, à vista disso, os vocábulos da tradição histórica da manifestação, então por qual motivo os praticantes da segunda faixa etária utilizam-nos em menor grau que os praticantes da primeira faixa?

Acreditamos que estes dados revelam o “[...] movimento recente de vitalização das músicas, danças e rituais populares; em cada região do Brasil buscou-se destacar e visibilizar as próprias manifestações locais [...]” (IKEDA, 2013, p. 9). Os praticantes da primeira faixa etária, inseridos nesse recente processo, entram em contato com as mesmas obras e fontes que fundamentaram a elaboração de nosso questionário. São os jovens praticantes de grupos tradicionais que desenvolvem a vitalização interna de seus conjuntos, assim como outros jovens articulam grupos não tradicionais de vitalização (cf. IKEDA, 2013). Reafirmam o lugar de pertencimento e as tradições já esquecidas ou mesmo abandonadas pelos mais velhos – os quais, em alguns casos, passaram até mesmo décadas apartados do samba de bumbo¹¹ –, e, para tanto, valem-se da tradição oral (quando disponível) de antigos sambadores, e também de obras que tematizam o samba. Isto é, realizam percurso similar ao que empreendemos em nossa dissertação para a elaboração do QSL.

Os praticantes da segunda faixa etária, remanescentes de uma época nebulosa para a manifestação, vivenciaram o processo inverso (à vitalização) e por pouco não viram o samba fenecer com o fim dos grupos tradicionais. Suas falas, portanto, reverberam essa conjuntura desfavorável, que tem se modificado somente nos últimos anos, também por meio da atuação enérgica e resiliente de novos sambadores e sambadeiras. Tomemos, como exemplo da postura ativa assumida pelos jovens, a unidade lexical *samba de bumbo*, eleita para representar a manifestação no recente pedido de registro como patrimônio imaterial enviado ao Iphan: entre os praticantes mais idosos foi oferecida em dois de cinco pontos e apresentou índice de frequência relativamente baixo (entre 15% e 30%); já entre os praticantes da primeira faixa etária, foi encontrada em três de quatro pontos e seu índice de frequência demonstrou-se proeminente.

Outra pergunta que então nos surgiu: considerando-se a quantidade de vocábulos com alta frequência e distribuição oferecidos pelos jovens, seria possível afirmar que o vocabulário do samba de bumbo, dentro

¹¹ Destacamos, nesse sentido, os grupos de PBJ e VNH, que retomaram a prática apenas nas últimas décadas.

dos grupos tradicionais, tende mais à manutenção que ao desuso? Podemos afirmar que sim; mas com ressalvas. Estamos experimentando uma fase de (re)consolidação da manifestação, em meio a um pedido de registro como patrimônio imaterial no Iphan e ao recente reconhecimento, pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado, como o primeiro patrimônio imaterial do estado de São Paulo,¹² fatos que certamente influenciarão seus rumos. E mais: se, de um lado, o número de unidades lexicais empregadas pelos jovens praticantes é elevado, há, de outro, uma dose correlata de unidades lexicais com baixa utilização; se, de um lado, uma parte dos sujeitos da primeira faixa etária hoje reafirmam valores tradicionais, de outro, antigos atributos rítmicos e coreográficos em certa medida se perderam (consulta coletiva, espontaneidade etc.) – confirmando a hipótese de que *os grupos de samba de bumbo não apresentam mais as mesmas características, perdendo alguns elementos verificados na primeira metade do século XX*.

Além disso, ainda vimos presente, nas palavras dos próprios praticantes, muitas das razões que quase levaram a manifestação ao desaparecimento. Pensamos que o movimento de reafirmação do samba de bumbo deveria levar em conta e resistir àquilo que originalmente o oprimiu. É por isso que interessa observar, como propusemos na análise discursiva da pesquisa, *quais fatores influenciaram o seu paulatino apagamento* (indagação que fundamentou nosso dispositivo analítico). Por meio da interdisciplinaridade, ao entrarmos em contato com outros campos do saber, pudemos avançar na construção de conhecimento, “procurando mostrar que a ciência não tem fronteiras, ou seja, que as disciplinas e os setores de pesquisa superpõem-se e necessitam umas das outras” (BARBOSA, 1990, p. 153).

Os dados da análise contrastiva apontaram para o baixo índice de escolha de unidades lexicais como *ponto* e *demanda*, relacionadas a religiões afrodescendentes, além de ocorrências particulares para *sambador*, *coro*, *brincadeira* e *samba de bumbo*, o que revelava a necessidade de um posterior estudo interdisciplinar.

Na análise discursiva evidenciamos, num primeiro instante, a perseguição religiosa e racial ecoada nas falas dos sujeitos. A discriminação, maior responsável por “resfriar” a ebulição do samba em Pirapora nos anos 1930, foi determinante para a quase extinção da expressão cultural. Também investigamos a hegemonia mercadológica, por vezes confundida com hegemonia de um gênero musical sobre outro, mas que, na realidade, obedece ao ímpeto da indústria cultural. A espetacularização e o exótico, afinal, reduzem a “brincadeira-festa” a “treino-apresentação”, e, a partir do momento em que a *performance* é reduzida pelo filtro do entretenimento, provocando distância e mascarando a realidade desigual dos praticantes, a manifestação

deixa de ser simplesmente resumida ou condensada para ser morta, por ausência de tempo de vida. É o tempo espesso, aberto e vivo do sagrado que morre. E o que aparece para o

¹² Presidido por Ana Lúcia Duarte Lanna na sua Sessão Ordinária 1820ª, em 14/12/2015, o Condephaat decidiu que o samba de bumbo é o primeiro patrimônio imaterial do estado.

consumidor como canto, dança, poesia e drama tradicional afro-brasileiro é de fato um simulacro natimorto que assombra como um fantasma do mundo maquínico da produção capitalista (CARVALHO, 2004, p. 8).

A semiótica do aniquilamento (BLIKSTEIN, 1996) começa, no caso do samba de bumbo, pela morte do tempo. Para voltar a ser praticado de maneira espontânea é preciso veicular sua história, os embates por que passa e procurar compreender a fundo as transformações que sofre, de modo a tornar visíveis as turvas motivações de tais mudanças – o que procuramos fazer ao longo da dissertação. Pudemos confirmar, ao fim, a última das três hipóteses delineadas na introdução: *desde o começo do século XX a manifestação tem se apagado em razão de diversos fatores, como o preconceito religioso e racial, a espetacularização do samba de bumbo, e a hegemonia de uma indústria cultural ostensiva (incluindo-se a utilização da expressão popular urbana do samba junto ao varguismo).*

Plínio Marcos (s.d.) afirma que “um povo que não conhece sua história, jamais será um povo livre”. Podemos estender esse entendimento para “um povo que não possui atividade crítica, jamais será um povo livre”, e prática de resistência implica conscientização das dimensões ideológicas presentes no discurso. O samba de bumbo pode sofrer mudanças, inclusive provenientes de sua exterioridade, mas não deveriam, por outro lado, serem-lhe impostas transformações que respondam a interesses de mercado, representados pela indústria cultural ou pelo comércio da fé.¹³

A inovação vocabular dos praticantes, verificada ao longo da pesquisa, sugere, nas entrelinhas, novos caminhos para o samba de bumbo: uma manifestação viva é uma manifestação cambiante. Cabe aos jovens praticantes, e novos chefes dos grupos tradicionais, trilhá-los inteligentemente, como fizeram os sambadores e sambadeiras que os antecederam.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Mario de. de. O Samba Rural Paulista. Anotado pelo autor. In: **Revista do Arquivo Municipal**. nº 41. São Paulo: Departamento de Cultura, 1937.

ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL (ALiB). **Comitê Nacional do Projeto ALiB**. Londrina: UEL, 2001.

BARBOSA, Maria Aparecida. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Terminografia, Identidade científica, Objeto, Métodos, Campos de atuação. In: **Anais do Simpósio latino-americano de terminologia e I encontro brasileiro de terminologia técnico-científica**. 2., Brasília, 1990, p. 152-158.

BLIKSTEIN, Izidoro. Primo Levi: a semiótica do aniquilamento em Ausckwitz. In: **Revista Italianística**, ano IV, n. 4, pp. 139-147, 1996.

BRITTO, Iêda Marques. **Samba na cidade de São Paulo (1900-1930): um exercício de resistência cultural**. São Paulo: EDUSP, 1986.

¹³ Uma das formas de se explicar o preconceito religioso que influi diretamente na forma de organização do samba: "Em geral, os que transformam a fé em comércio preferem deter o monopólio de seu profeta, de seus dogmas, de suas cerimônias [...] querem ser os únicos donos do Cristo para vendê-lo melhor" (CALLIGARIS, 2015).

CALLIGARIS, Contardo. O mistério de Viviany. In: **Folha de São Paulo**. 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/contardocalligaris/2015/06/1643675-o-misterio-de-viviany.shtml>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARVALHO, José Jorge de. **Metamorfoses das tradições performáticas afro-brasileiras: de patrimônio cultural a indústria de entretenimento**. Celebrações e Saberes da Cultura Popular, Rio de Janeiro, p. 65-83, 2004.

ECKERT, Penelope; MCCONNELL-GINET, Sally. Communities of practice: where language, gender, and power live. In: BUCHOLTZ, Mary; HALL, Kira; MOONWOMON, Birch (Eds.) **Locating Power**. Proceedings of the 1992 Berkeley Women and Language Conference. Berkeley: Berkeley Women and Language Group, 1992.

GIFFONI, Maria Amália Corrêa. **Danças folclóricas brasileiras e suas aplicações educativas**. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

IKEDA, Alberto Tsuyoshi. **Culturas populares no presente: fomento, salvaguarda e devoração**. Estudos Avançados (USP), v. 27, p. 173-190, 2013.

LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. University of Pennsylvania Press, 1972.

MANZATTI, Marcelo Simon. **Samba Paulista, do centro cafeeiro à periferia do centro: estudo sobre o Samba de Bumbo ou Samba Rural Paulista**. 2005. fls. 377. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – PUC-SP, São Paulo, 2005.

MARCOS, Plínio. **Sítio oficial**. s.d. Disponível em: <<http://www.pliniomarcos.com/jornais-revistas.htm>>. Acesso em: 03 jun. 2014.

ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 2. ed. Campinas: Pontes, 1987.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 10. ed. Campinas: Pontes, 2012a.

PROJETO ALIB. **Metodologia**. s.d. Disponível em: <<http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/MetodologiaGeral>>. Acesso em: 02 mar. 2014.

SANTOS, Irenilde Pereira dos. Geolinguística e práticas discursivas: o léxico paulistano. In: LIMA-HERNANDES, Maria Célia; MARÇALO, Maria João.; MICHELETTI, Guaraciaba; MARTIN, Vima Lia de Rossi (Org.). **A língua portuguesa no mundo**. São Paulo: FFLCH-USP, 2008.

SANTOS, Irenilde Pereira dos. Memória coletiva, geolinguística e relações textuais-discursivas. In: SANTOS, J. B. C. dos (Org.). **Sujeito e subjetividade: discursividades contemporâneas**. Uberlândia: EDUFU, 2009.

SILVA, Giselle Machline de Oliveira e. Coleta de dados. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2012.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1994.

THUN, Harald. A geolinguística pluridimensional, a história social e a história das línguas. In: AGUILERA, Vanderci Andrade (Org.) **Para a história do português brasileiro**. v. 7. tomo 2. Londrina: Eduel, 2009.

WODAK, R. **Aspects of Critical Discourse Analysis**. ZfAL 36, pp. 5-31, 2002.

Anexos

Anexo I – Questionário Semântico-Lexical

QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL: SAMBA DE BUMBO

1. SAMBA DE BUMBO

Como se chama o (tipo de) samba que o pessoal faz aqui na cidade?

2. BRINCADEIRA

Qual o nome que você dá pra quando querem se reunir pra fazer samba? Como dizem? Vamos fazer ...?

3. RODA

Quando o pessoal se junta pra fazer samba, fica posicionado de um jeito certo. Como se chama isso?

4. SOBE-E-DESCE

... esse jeito de dançar, um de frente pro outro?

5. CHEFE

... a pessoa responsável por organizar o samba, tomar conta do grupo?

6. SAMBADOR

... aquele que é/participa do samba?

7. DANÇADOR

... aquele que participa do samba, mas não canta nem toca nada?

8. TOCADOR

E aquele que só toca?

9. MESTRE

... aquele que é um bom batuqueiro? que samba, canta e dança muito bem?

10. BUMBO

... o principal instrumento do _____ (cf. item 1)?

11. BUMBEIRO

... aquele que toca _____ (cf. item 10)?

12. CHOCALHO

... aquele instrumento que levanta no ar e faz assim (mímica)?

13. RECO-RECO

... aquele instrumento que raspa com uma varetinha e faz assim (mímica)?

14. CAIXA

E aquele que se usa com duas varetas, repenicando assim (mímica)?

15. BATER

E quando faz soar esse instrumento, como se diz? Dizer "... o bumbo/caixa".

16. COUROS

Existe algum outro jeito de chamar os instrumentos de batucar?

17. REZA

... aquele canto inicial, antes mesmo de começar o samba?

18. PONTO

... essas músicas cantadas por uma só pessoa e que todo mundo depois repete?

19. DESAFIO

... quando um participante versa provocando o outro?

20. PUXAR

E quando alguém faz o _____ (cf. item 18), como é que se diz?

21. CANTADOR

... essa pessoa que canta pro resto das pessoas repetirem?

22. RESPOSTA

Quando essas pessoas cantam de volta, qual o nome que vocês dão aqui pra isso?

23. CORO

... esse grupo de pessoas que canta os versos de volta?

A produção do discurso encomiástico no cenário cortesão português do século XVII

Monica Messias SILVA¹

Resumo: O livro manuscrito de Felix da Costa Meesen, *Antiguidade da Arte da Pintura* (1696), opera procedimentos da retórica antiga, a compor um discurso encomiástico que enaltecesse a pintura no cenário cortesão português do século XVII. Destarte, tem-se um discurso a operar “topoi” que servirão como argumentos para demonstrar a virtude da pintura, muitos desses “topoi” retirados de Plínio, o Velho, de sua obra enciclopédica *História Natural*. É, pois, da antiguidade greco-romana que serão obtidos exemplos para tecer elogios à pintura, exemplos esses que justificarão, igualmente, a nobreza dessa arte, procurando elevá-la ao patamar das artes liberais. Por isso, nossa leitura do *Antiguidade da Arte da Pintura* é feita à luz da retórica antiga, respaldando-se em autoridades como Aristóteles, Cícero e Plínio, o Velho.

Palavras-chave: arte; pintura; retórica; encômio; antiguidade.

Introdução

O presente artigo propõe uma análise dos elementos retóricos do tratado *Antiguidade da Arte da Pintura*, manuscrito por Felix da Costa Meesen em 1696². Observam-se na operação do discurso do *Antiguidade da Arte da Pintura* topoi recolhidos por Felix da Costa da *História Natural* de Plínio, o Velho, em uma composição de gênero epidítico.

O título *Antiguidade da Arte da Pintura* retoma o primeiro tratado escrito em português sobre pintura, o *Da Pintura Antiga*, de Francisco de Holanda, escrito um século antes, em 1548³. A semelhança entre os nomes de ambos os tratados denota um procedimento de imitação em que Felix da Costa se utiliza de uma tópica já empregada outrora por Holanda. Por conseguinte, o uso dos termos *antiga* e *antiguidade* faz uma analogia ao passado da pintura, que é de onde vêm os *topoi* que servirão como argumentos para demonstrar a virtude da pintura.

Vemos, portanto, no cenário cortesão português do século XVII a produção de um discurso encomiástico que segue discursos predecessores a fim de elevar a arte da pintura ao mesmo patamar das artes liberais, cujo objetivo era conquistar subsídios para a construção de uma Academia de Artes em Portugal. Felix da Costa, dessa maneira, seguiu os mesmos procedimentos discursivos de outros tratadistas à sua época, imitando-os ou até mesmo copiando-os, e esse era o seu *modus operandi* para a escolha de argumentos para retratar e elogiar a arte da pintura.

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação Multidisciplinar em Culturas e Identidades Brasileiras - Brasil: a Realidade da Criação, a Criação da Realidade, do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Armando Bagolin. E-mail: monica.messias@usp.br

² O tratado manuscrito *Antiguidade da Arte da Pintura* tem atualmente apenas uma edição fac-similar com tradução para o inglês, editada em 1967 e organizada por George Kubler, por meio da Yale University Press, da Universidade de Yale – EUA.

³ HOLANDA, Francisco de. *Da pintura antiga*. Introdução e notas de Angel Gonzáles Garcia. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984 [1548].

1. O encômio para justificar a nobreza da pintura

O discurso do tratado manuscrito *Antiguidade da Arte da Pintura* opera seguindo os mesmos *topoi* recolhidos por outros tratadistas predecessores de Felix da Costa, elegendo, por exemplo, personagens abordados pelas narrativas bíblicas:

[Genesis 4] *Sella quoque genuit Tubalcain, qui fuit Maleator, et faber in cuncta opera aeris et ferri.* E então começaram os homens a fabricar os simulacros, e a adorá-los conforme Fílon; [*Philon, liber 4, De Antiquitatibus Bibliae*] foi também inventor de outros metais, como ouro e prata, etecetera, de que em seguinte fizeram os ídolos, como quer o livro pretendido de Enoque, citado por Tertuliano. [*Tertuliano, ex libro Idolatriae, Ninus, ano do mundo 3141*] Ninus Segundo, rei dos assírios, filho de Belo, a quem sucedeu, atribui-se ser o **/f 12v/** o primeiro em quem começou a idolatria, fabricando em Babilônia um templo a seu pai, querendo fosse ali adorado como uma divindade; pelos anos do mundo de 3141, depois do dilúvio universal em 901. Seguindo-se depois Labão, a quem Raquel, sua filha, furtou os ídolos, estando ele nesta ocasião trosquiando as ovelhas divertido e ocupado no campo, como consta da escritura sagrada.

[Genesis 31] *Eo tempore ierat Labam ad tondendas oues et Rachel furata est Idòla patris sui.* E no mesmo capítulo mais adiante, diz de Raquel que com festejo os escondeu debaixo das camas dos camelos, e se assentou em cima. *Illa festinans abscondit idola subter stramenta cameli, et sedit de super.* Bem claro se vê haver neste tempo escultores ou pintura (COSTA, 1696, fos. 12r e 12v).

Esses personagens são, nesse seguimento, ou louvados ou censurados por terem cometido algum erro. Quando tais personagens são objetos de elogio, há o seu reconhecimento devido à sua ascendência de elevado prestígio, ou à grandiosidade de seu engenho. Se esses personagens são repreendidos, um vitupério é realizado a fim de que o vício cometido seja demarcado no discurso proferido. Embora a idolatria a imagens seja censurada, os exemplos de que havia escultura e pintura nas narrativas bíblicas favorecem o elogio à arte da pintura.

Quanto aos *topoi* recolhidos de Plínio, o Velho, identificamos o procedimento de categorizá-lo como autoridade no discurso de encômio à arte da pintura, no início do tratado, em que Felix da Costa pede subsídios para a construção de uma Academia de Artes em Portugal:

Como a tal se chega a Arte da Pintura a amparar do patrocínio de Vossa Senhoria por se ver tão desvalida e aniquilada, que quase se **/f 2v/** perde e se extingue neste Reino, não possuindo nele mais que o nome sem distinção; sendo tão estimada, venerada, e aplaudida em todas as outras nações (como faço presente e o mostram todos os que em seu louvor escreveram) com honras e prêmios a seus Professores; Arte Divina, nobre, e liberal, desejada de ser sabida dos Reis, dos grandes, e dos povos: assim o diz Plínio. [*Plinio, liber 35, caput 1*] *Arte quondam nobili, tunc cum expeteretur à regibus populisque.* E premiada sem número de sua Liberdade. *In nummo aureo mensura accepit non numero.* Mediam o ouro em satisfação da pintura mas não [lis]tavam o número: é do mesmo Plínio falando de Apeles. [*Plinio, liber 35*] Com o favor de Vossa Senhoria poderá Luzir e tornar a renascer como Fênix das cinzas em que está sepultada, para que vendo-a o mundo com alento e melhora, se deva a Vossa Senhoria todo o seu aumento; e fique perpétuo seu nome em lâminas de bronze; e os artífices dela obsequiosos, reconheçam a Vossa Senhoria por seu Mecenaz. Deus guarde a Vossa Senhoria por dilatados anos, para que com sua proteção fique bem **/f 3r/** assombrada esta Arte e seus artífices; dizendo como Psalmista. [*Psalmus 36*] *In umbra alarum tuarum sperabo.*

Humilde criado de Vossa Senhoria

Felix da Costa (COSTA, 1696, fos. 2r, 2v e 3r)

No livro XXXV, Plínio, o Velho, traz a seu texto a importância da arte da pintura quando a ela atribui características consideradas meritórias pela retórica antiga, como tornar pessoas célebres por meio do registro escrito, fazendo com que a história de artistas se perpetuasse para a posteridade. Nesse sentido, a pintura, assim como a elegante oratória, torna as pessoas célebres para a posteridade. O louvor devido à ascendência e ao elevado prestígio, ou o vitupério devido ao vício, categorizam-se pela profusão com que se repetem entre tratadistas que recolheram argumentos da *História Natural* de Plínio, o Velho. Na *História Natural* serão encontradas narrativas sobre a arte da pintura e a vida de alguns pintores, registradas no século I d. C., de onde foram retirados, reiteramos, muitos dos *topoi* que serão vistos nos tratados sobre pintura⁴.

A *História Natural* de Plínio, o Velho, nos livros XXXIV, XXXV e XXXVI, aborda a pintura e nomes de grandes pintores da antiguidade, como Apeles, que ficou, por isso, largamente conhecido. Depois de Plínio, o Velho, por meio de uma imitação discursiva, Apeles continuou a ser retratado copiosamente em tratados por tantos outros autores que discorreram sobre a arte da pintura.

Plínio, o Velho, também desenvolve comparações entre o bom uso da pintura em detrimento de outros usos, como a troca da pintura pelo mármore ou por pedrarias⁵, ações estas colocadas como não dignas de serem admiradas tal como deve ser admirada a pintura. Em seguida, Plínio aborda o que para ele é um problema, que é o fato de a pintura de retratos ter ficado fora de uso e em seu lugar terem se erguido medalhões de bronze e semblantes de prata. Essa troca teria trazido danos à representação, pois deixaram de ser distinguidos os traços individuais das pessoas com clareza, ao passo que com a pintura os traços eram mais fidedignamente mantidos⁶.

A mesma queixa faz Plínio vendo ter em esquecimento a arte da pintura, por respeito do ouro e da pedraria. [*Plinio, historia naturalis, liber 35, caput 1*] Arte antigamente nobre (diz ele) em tempos que era desejada de reis e dos Povos, e que enobrecia àqueles que fazia dignos de que fossem mestres dos vindouros: porém agora a tem esquecido com a pedraria, e com o ouro com que cobrem as paredes (COSTA, 1696, f. 20v).

A respeito da forma como o assunto *pintura* é disposto no discurso produzido por Plínio, o Velho, cabe retomar a *Retórica a Herênio*, atribuída a Cícero, em que é dito que, para se demonstrar algo de que se pretende falar, seja para elogiar ou para vituperar, primeiro se apresenta o assunto. Desse modo, Plínio,

⁴ Michael Baxandall, ao falar a respeito dos discursos sobre a arte da pintura, diz que existe uma diferença entre os que falam da pintura, os próprios pintores, e homens cultos imitadores de Plínio, o Velho. Ele, por exemplo, critica Ghiberti (1378-1455), escultor e fundidor em metal italiano, dizendo que os comentários desse artista eram inadequados devido ao fato de serem escritos por um artista e não por um erudito. Nesse mesmo texto, Baxandall trata de Plínio como autor de uma antiga crítica de arte (BAXANDALL, 1991, p. 32).

⁵ No livro XXXV da *História Natural*, o enaltecimento da arte da pintura em detrimento do uso de mármore e do ouro são os primeiros objetos de comparação elencados por Plínio, o Velho (PLINE, 1985, p. 36).

⁶ Aqui se resumem o primeiro e o início do segundo parágrafos do livro 35 da *História Natural* de Plínio, o Velho, em que ele começa discorrendo sobre a importância da pintura e o desvalor que esta arte vem sofrendo (PLINE, 1985, p. 36-37).

seguindo procedimentos retóricos, apresenta a pintura, que é o assunto sobre o qual irá discorrer. Por conseguinte, expõem-se as virtudes e os vícios dos ânimos e, adiante, os modos como o assunto demonstrado fora tratado por esses ânimos⁷. Em outras palavras, seguindo os procedimentos propostos conforme dita a retórica antiga, Plínio, o Velho, primeiro nos apresenta a pintura em seu discurso e, em seguida, expõe aspectos que a deixem em um patamar que a vanglorie, como o fato de ela ser capaz de representar pessoas célebres e fazer com que essas representações deem fama imorredoura à posteridade daqueles que foram representados pela pintura.

Em contrapartida, Plínio, o Velho, traz à tona os ânimos dos envolvidos com a arte da pintura, ainda que de forma a indeterminar os sujeitos agentes, sujeitos estes vituperados por optarem pela reprodução de rostos em bronze e prata, o que faz com que a pintura seja iniquamente desperdiçada. Vê-se, portanto, o discurso pliniano sobre a arte da pintura seguindo os mesmos procedimentos que norteiam a demonstração de um assunto a ser apresentado no tribunal romano. Plínio coloca em sua linha de argumentos objetos analisados por meio de uma *similitude* a fim de fazer, mais adiante, uma *amplificação*⁸ do valor do uso da pintura em detrimento do uso das pedrarias, e, do mesmo modo, amplia também o valor dos retratos em detrimento dos medalhões de bronze e dos semblantes de prata.

O discurso produzido por Plínio, o Velho, apropria-se de escolhas elocutivas ditadas já por uma regra da retórica antiga. Essa regra retórica, no que concerne ao discurso produzido sob o gênero epidítico, irá trabalhar com pares de significados, procurando com esse procedimento compará-los, a fim de evidenciar as qualidades do que é apresentado no discurso em detrimento do que se vitupera; em nosso caso, visando a evidenciar as qualidades da pintura – portanto, efetuando uma *amplificação* do objeto encomiado.

Fazendo uma alusão a um dos exercícios dos *progymnasmata*⁹, especificamente ao da *comparação*, conforme o livro de Aftônio, encontramos a definição de que tal exercício corresponde a fazer uma composição opositiva, por contraste, colocando o objeto demonstrado em comparação com algo que seja ou de maior importância ou de valor contrário, podendo ser comparadas coisas belas com coisas justas,

⁷ A partir do parágrafo 10 do livro III da *Retórica a Herênio*, é dado início à explanação do gênero demonstrativo, que também é conhecido como gênero epidítico. O parágrafo a que se faz referência aqui no texto é o 13 ([CÍCERO], 2005, p. 165).

⁸ A *amplificação* utilizada para a composição do elogio deverá sempre comparar o objeto elogiado a algo superior ou a algo contrário a fim de torná-lo digno de honra e de virtude (ARISTÓTELES, 2006, p. 79-80).

⁹ Encontramos o exercício de se fazer uma *comparação* também nos *progymnasmata*, que eram exercícios preparatórios de retórica escritos por retores gregos entre os séculos I e IV d. C. Nos *progymnasmata* o discurso a ser elaborado obedece a uma ordem de procedimentos. Trata-se de exercícios que, passo a passo, norteiam a composição de um discurso desde a sua concepção até o seu objetivo final. A ordem dos exercícios é a seguinte: a *fábula*, o *relato*, a *chria*, a *sentença*, a *refutação*, a *confirmação*, o *lugar comum*, o *encômio*, o *vitupério*, a *comparação*, a *etopeya*, a *descrição*, a *tese* e, por fim, a *proposta de lei*. Eram exercícios disseminados nas escolas, de caráter didático, a fim de preparar o jovem para a sua profissão de orador na vida adulta. Trata-se de exercícios em que se permitem fazer encômios, descrições etc., e tais exercícios servem como prova da necessidade da memorização, uma vez que o objetivo final era a aplicação do discurso na prática pelo orador no que concerne às causas judiciais e deliberativas em um tribunal. A primeira menção ao termo *progymnasmata* está presente na *Retórica a Alexandre*, atribuída a Anaximenes de Lâmpsaco. Mais tarde, os exercícios estarão desenvolvidos de forma mais sistemática em Teón de Alexandria, Hermógenes e em Aftônio de Antioquia. Em contrapartida, é constatada a existência de exercícios de retórica em *Ad Herennium*, *De oratore* e *De inventione*, de Cícero (MARTÍNEZ, 1991, p. 7-17).

significantes com insignificantes, justas com malvadas, pequenas com maiores. Por meio do contraste, a comparação se torna um encômio ou um vitupério dobrado, intensificado.

Dado o posto, o que temos na *História Natural* de Plínio, o Velho, e do mesmo modo na *Antiguidade da Arte da Pintura* de Felix da Costa é um discurso encomiástico, que se respalda em pares comparativos para justificar os elogios produzidos à arte da pintura. Ao comparar os retratos reproduzidos por meio da arte da pintura com a representação humana em medalhões de bronze e semblantes de prata, Plínio forma um par de objetos sob a *similitude* engrandecendo a arte da pintura em detrimento do desvalor atribuído às representações em prata e bronze.

O jogo retórico com pares de objetos a serem comparados não se limita ao início do discurso sobre a pintura na *História Natural*, mas se desenvolve com o decorrer das tópicas elencadas que são dispostas ao longo do livro, como, por exemplo, quando Plínio, o Velho, cita Eumaro de Atenas. Plínio diz que este foi o primeiro a pintar gestos humanos, músculos e dobras de roupas, mas, mais adiante, ao citar Polignoto de Tasos, põe novamente em prática o exercício da *similitude*, pois este pinta mulheres com roupas transparentes, o que evidencia um aprimoramento na pintura de dobras de tecidos, e, também, é este segundo pintor melhor, pois os gestos que pinta são mais representativos, chegando a mostrar os dentes de seus personagens¹⁰.

São essas tópicas, evidentemente, que nortearão o *modus operandi* dos discursos sobre pintura do *Quattrocento*, como, por exemplo, o fez Cristoforo Landino (1424-1498), tradutor da *História Natural* para o italiano à sua época, que escreveu sobre obras de Maccacio, Filippo Lippi, Andrea Mantegna del Castagno e Fra Angelico. Observa-se em sua composição discursiva, ainda que incipiente se levarmos em consideração o que virá a ser o discurso sobre a vida dos pintores composto por Giorgio Vasari (1511-1574), o mesmo procedimento de *similitude* já antes adotado por Plínio, o Velho, em que uma dada sequência de pintores é colocada em uma ordem discursiva gradual sempre mostrando o quanto o pintor seguinte é deveras melhor do que o pintor antecedente. Essa comparação é feita por meio dos exemplos dos trabalhos realizados pelos artistas. Cabe ao discurso de Landino a observação dada por Baxandall a um dos textos sobre pintura do tratadista *quattrocentista*, que diz não haver um “relato inocente sobre pintura que não conseguimos encontrar antes” (BAXANDALL, 1991, p. 186). Desse modo, observamos que Landino elencava *topoi* discursivos da antiguidade e procedimentos retóricos já utilizados por Plínio para a constituição de seus discursos sobre a arte da pintura.

Portanto, os pares de significados que compõem as comparações presentes no discurso da *História Natural* irão se repetir entre escritores da Idade Média, e esse procedimento se estenderá pelo

¹⁰ Os pintores Eumaro e Polignoto são citados por Plínio, o Velho, nos parágrafos 34 e 35. Outros pintores serão citados, até que Plínio falará de Zêuxis e, por fim, de Protógenes e Apeles, sempre comparando seus feitos, vícios e qualidades como pintores de forma gradativa (PLINE, 1985, p. 60-62).

Renascimento. Uma intervenção de maior subjetividade na escrita de autores surge somente depois do Iluminismo, mais especificamente, no Romantismo¹¹.

Dessa forma, ainda no século de Felix da Costa, o XVII, o que se vê nos discursos dos tratados é uma repetição de procedimentos retóricos e retomadas de *topoi*. Forma e conteúdo se repetem: quanto à forma, a estrutura do texto mantém a prática da comparação, ou seja, do uso de pares de significados, pares de objetos, para se justificar o encômio de um desses objetos em detrimento do outro; quanto ao conteúdo, os personagens retomados serão sempre os mesmos; no nosso caso, veremos serem retomados pintores registrados na história, como ocorre com Apeles. Essa repetição é utilizada também com as narrativas, sejam elas compositoras de cenas mitológicas da antiguidade ou narrativas bíblicas, constituindo *topoi* representados tanto em tratados quanto em pinturas e esculturas.

2. O discurso busca uma posição deliberativa de seu auditório

Nesse caminho de repetições de procedimentos tomados como prática discursiva pelos tratadistas, continuemos a abordar o discurso pliniano antes de verificar outros pormenores do discurso de Felix da Costa.

O livro XXXV da *História Natural* demonstra em sua exposição o quanto a arte da pintura é importante para a posteridade e também é apreciada por nobres. Esse *topos* reafirma, como já dito, a importância da nobreza, conseqüentemente da ascendência.

Nobreza e ascendência estão associadas à honra, conforme a *Retórica* de Aristóteles, no capítulo 5 do livro I, onde há a exposição de quais elementos devem ser utilizados para a construção de um discurso que esteja em busca de uma posição deliberativa de seu auditório. Dentre as componentes da boa honra estão “as inscrições memoriais em verso e em prosa”, “os privilégios”, e “as estátuas”. Nesse trecho da *Retórica* de Aristóteles, vemos que um discurso que busca pela deliberação do auditório acerca de um objeto posto em análise deve ser embasado, pois, em um objeto de honra, virtuoso, e, para isso, esse objeto deve buscar o estabelecimento de suas provas em exemplos já enunciados em verso ou em prosa, ou ainda representado em estátuas, uma vez que, se tal objeto já fora outrora retratado, é por isso um objeto honrado e virtuoso. Cabe aqui, quanto a essa citação aristotélica, ressaltar que “os privilégios” também atribuem caráter de honra e virtude ao objeto encomiado. Dessa forma, o discurso da *História Natural* mais uma vez se mostra seguidor dos procedimentos retóricos por atribuir valor à importância que têm os retratos, ainda mais

¹¹ Barthes, ao desenvolver a história dos discursos embasados na retórica antiga, nota que, embora haja a partir do XVIII o que hoje reconhecemos como uma escrita subjetiva e não imitativa, até o século XIX, mais especificamente até cerca de 1830, ainda existe um domínio dos Tratados de Retórica (BARTHES, 1987, p. 48).

porque a prática de se retratar alguém é análoga à prática de se registrar a história de um nobre e seus prestígios em versos, em prosa ou em estátuas¹².

A tradição do retrato representado na escrita, de mais a mais, é prática já adotada outrora, como o próprio Plínio, o Velho, o cita no quarto parágrafo do livro XXXV da *História Natural*, ao mencionar os retratos dos escudos utilizados na Guerra de Troia, que eram feitos para representar quem desses escudos tinha se servido (PLINE, 1985, p. 41). Note-se aqui que a menção à Guerra de Troia faz referência à epopeia homérica, datada do século VIII a. C.

É a partir do quinto parágrafo do livro XXXV que Plínio começa a tratar da origem da pintura. No discurso de sua *História Natural* há a observação acerca dessa origem, afirmando que a mesma é obscura, mas que, apesar disso, a sua obra não irá tratar dessa obscuridade. Isto posto, ele trará ao texto o fato de terem os egípcios assegurado serem eles os inventores da pintura seis mil anos antes dos gregos, mas em seguida Plínio vai dizer que tal afirmativa é “vã pretensão, evidentemente” (PLINE, 1985, p. 42). Notamos aqui a preferência que Plínio atribui aos gregos em detrimento dos egípcios e, concomitantemente, o procedimento da comparação entre pares de objetos a fim de fazer um encômio aos artistas gregos, ao mesmo tempo em que coloca num patamar inferior os egípcios, pois serão os pintores gregos que irão compor o quadro de personagens de prestígio e, portanto, virtuosos e honrosos devido aos seus feitos registrados na história. Espera-se, a partir dessa construção discursiva, uma deliberação do auditório que prefira os gregos aos egípcios.

Depois de termos feito uma observação quanto ao que se refere à arte da pintura tal como ela é tratada em Plínio, o Velho, tomando como exemplo o início do livro XXXV de sua *História Natural*, objetivamos elucidar como o que se verifica no tratado *Antiguidade da Arte da Pintura* refaz os mesmos procedimentos discursivos de Plínio, sendo o discurso operado por Felix da Costa um exemplo entre tantos de uma prática comum à sua época. Não podemos, entretanto, afirmar de forma categórica que Felix da Costa leu Plínio e o imitou diretamente. O que podemos, à vista de uma leitura da *História Natural* de Plínio, o Velho, é reconhecer que Felix da Costa seguiu os mesmos procedimentos comuns em outros tratados de sua época.

¹² No parágrafo II da *História Natural*, por exemplo, há a asserção acerca da importância no ato de retratar, na escrita ou na arte, em que Plínio afirma que não há prova de maior sucesso do que ver todo o mundo ávido por saber como alguém foi, e para isso, estátuas devem ser esculpidas em bibliotecas para que se representem as almas que falam nas bibliotecas. Para isso, cita Asínio Polião, que ao fundar a primeira biblioteca de Roma, tornou-se responsável por fazer públicas as representações das almas que ali habitavam, gênios da humanidade, tal como já o fizera Homero ao criar fisionomias em suas epopeias. Em seguida, Plínio constrói um discurso em que mostra como Ático, amigo de Cícero, já tinha um gosto ávido por retratos. Cita também Marcos Varão, que em suas obras inseriu setecentos retratos de personagens célebres, criando a esses personagens, assim, um privilégio invejado até mesmo pelos deuses, conferindo a imortalidade a esses personagens ao inserir seus retratos nos livros que redigiu. Os parágrafos 2 e 3 discorrem sobre retratos e suas relações quanto aos modos, materiais e locais em que são representados. Nesse trecho, falou-se sobre excertos que evidenciassem o fato de os retratos serem tanto admirados por nobres, como também, servirem para a representação de personagens ilustres da história, tendo sua imagem garantida à posteridade por meio desses retratos (PLINE, 1985, p. 39-40).

Dado o posto, o objetivo do tratado composto por Felix da Costa ao promover um elogio à pintura no círculo cortesão português do século XVII buscou a deliberação do rei de Portugal a favor da proteção e do custeio de uma Academia de Artes em Portugal (KUBLER, 1967, p. 23).

3. Ponto em comum entre o discurso do *Antiguidade da Arte da Pintura* e os topoi plinianos

Verifica-se tanto em Plínio quanto em Felix da Costa um discurso cujo plano narrativo visa à exaltação da arte da pintura. O objeto elogiado no discurso construído sob o gênero epidítico, como se vê no início do capítulo 9 do livro I da *Retórica* de Aristóteles, é a virtude ou o vício, o belo ou o vergonhoso; assim, elogia-se ou censura-se, escolhendo-se o belo para ser elogiado, uma vez que o belo se faz preferível por si mesmo, pois é bom e, sendo bom, é agradável. O belo é, dessa maneira, análogo à virtude, e nisso se moldam as características de um povo e tudo desse povo que caracterize elogio:

Pois bem, o belo é o que, sendo preferível por si mesmo, é digno de louvor; ou o que, sendo bom, é agradável porque é bom. E se isto é belo, então a virtude é necessariamente bela; pois, sendo boa é digna de louvor. A virtude é, como parece, o poder de produzir e conservar os bens, a faculdade de prestar muitos e relevantes serviços de toda a sorte e em todos os casos. Os elementos da virtude são a justiça, a coragem, a temperança, a magnificência, a magnanimidade, a liberdade, a mansidão, a prudência e a sabedoria. As maiores virtudes são necessariamente as que são mais úteis aos outros, posto que a virtude é a faculdade de fazer o bem. Por esta razão se honram sobretudo os justos e os corajosos; pois a virtude destes é útil aos demais na guerra, e a daqueles é útil também na paz (ARISTÓTELES, 2006, p. 75).

Por isso, no *Antiguidade da Arte da Pintura*, o pintor é equiparado a uma pessoa imbuída de coragem, por ser imitador de Deus¹³, portanto, virtuoso e digno de louvor. Na mesma linha de raciocínio é a arte da pintura bela, portanto virtuosa, porque registra personagens e atos memoráveis para a posteridade. Ainda que Plínio não tenha comparado o trabalho do pintor a uma ação divina, ele discursou sobre o pintor e a arte da pintura, e depois foi imitado pela posteridade, e, assim, chegou até Felix da Costa. Logo, por ser passado para a posteridade, o discurso da *História Natural* é em sua totalidade um objeto virtuoso, no que concerne ao gênero epidítico, e passa também a ser considerado belo, porque tudo o que é virtuoso é belo. Plínio, dessa maneira, faz da arte da pintura virtuosa, portanto, bela. Por conseguinte, além de belo, e justamente por ser belo, o discurso de Plínio é lembrado pela posteridade, graças ao trabalho do escritor, que registrou em palavras encomiásticas a exaltação do objeto digno de ser lembrado por gerações futuras.

Para corroborar o sucesso do belo como virtude, entretanto, não basta ao tratadista exaltar um objeto, ou seja, exaltar a arte da pintura e o pintor, mas associar o objeto exaltado no discurso a uma imagem que seja de conhecimento de seu leitor. Por isso Felix da Costa e demais tratadistas imitaram Plínio.

¹³ Em *Da pintura antiga*, Francisco de Holanda, já no capítulo I de seu livro, afirma ser “Deus pintor evidentíssimo”, afirmação esta que tem sua origem em fontes bíblicas e clássicas (HOLANDA, 1984 [1548], p. 21).

Plínio, o Velho, já havia construído, outrora, uma imagem virtuosa e bela da arte da pintura creditada pela sociedade.

Considerações finais

A imagem a ser exaltada em um discurso deve fazer parte do que tem o leitor registrado em sua memória, para que assim ele possa estabelecer analogias do lido com o que já lhe é conhecido, e, nesse sentido, chegamos ao que se verifica sobre as memórias *natural* e *artificial* no capítulo 29 do livro III da *Retórica a Herênio*, atribuída a Cícero, em que a memória natural seria aquela situada em nossa mente e a artificial aquela produzida pela arte ([CÍCERO], 2005, p. 183). Ressalte-se aqui que na *Retórica a Herênio* a memória abordada é a do orador, e não a do leitor. Essa memória produzida pela arte serve para que o orador organize o seu discurso, no nosso caso o tratadista, por meio de seu engenho, alocando palavras e expressões que configurem imagens imbuídas de sentido a conotar um senso comum de prestígio a ser interpretado pelo leitor. Esse senso comum é como “uma *memória partilhada* e constituinte da *ekphrasis*” (HANSEN, 2010) – uma imagem fictícia produzida por um pintor, depois descrita em palavras –, composta por *topoi* “conhecidos da memória da audiência” (HANSEN, 2010). Temos, assim, uma previsão interpretativa colhida pelo tratadista de autoridades creditadas no ato da confecção de seu texto que põe à disposição do leitor uma interpretação única: a de que o narratário do discurso proferido aceite o elogio feito ao objeto enaltecido em sua composição discursiva.

Logo, tanto a *História Natural* quanto o *Antiguidade de Arte da Pintura* terão a construção de um discurso a demandar de seus leitores somente a aceitação do elogio ao objeto elogiado. Por isso que Felix da Costa terá de, a partir de seu engenho, ir à busca de lugares já conhecidos de seus leitores, porque é dessa forma que será possível exercer uma *comparação* ou uma *amplificação* do objeto exaltado em relação a outras imagens.

No *Antiguidade da Arte da Pintura* o texto de Felix da Costa traça um plano discursivo que traz à memória de seu narratário imagens já conhecidas como grandiosas em sua virtude e beleza para que feche esse plano discursivo mostrando o quanto o pintor e a arte da pintura são deveras grandiosos.

Tanto *similitude* quanto *amplificação* serão elementos a constituírem procedimentos retóricos já existentes em Plínio, o Velho, na composição da elocução do plano discursivo de seus textos, e, assim, ornamentar o que se tem a dizer. Por meio dessa ornamentação é que se dá o discurso encomiástico, designando, destarte, o gênero epidítico. O que Felix da Costa realiza em seu discurso, reiteramos, é apenas uma prática discursiva de sua época que imita procedimentos da retórica antiga, cujo fim, no caso de nosso tratado, é a nobreza; portanto, também a beleza da arte da pintura. Todo homem, seja ele um orador, um poeta, um ouvinte, ou um leitor, sente a necessidade de que haja beleza nas coisas da vida, seja nas coisas representadas ou na apresentação do próprio homem; logo, é a beleza imprescindível ao discurso

encomiástico (LAUSBERG, 2011, p. 138). Dessa maneira, todo discurso ornado é belo, assim como tudo o que é elevado é considerado virtuoso e concomitantemente belo. Deste modo, torna-se belo e elevado o tratado encomiástico, mesmo que não esteja no patamar de uma epopeia ou de uma tragédia, pois seu discurso é ornamentado porque busca a beleza, e, também, porque exalta um objeto que é belo: a arte da pintura.

Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Prefácio e introdução de Manuel Alexandre Júnior. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2006.

BARTHES, Roland. **A aventura semiológica**. Trad. Maria de St^a. Cruz. Lisboa: Edições 70, 1987.

BAXANDALL, Michael. **O olhar renascente**. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

[CÍCERO]. **Retórica a Herênio**. Tradução e introdução de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.

COSTA, Felix da. **Antiguidade da Arte da Pintura**. 1696. Edição fac-similar. In: KUBLER, George (Ed.). **The antiquity of the art of painting by Felix da Costa**. New Haven: Yale University Press, 1967.

HANSEN, João Adolfo. **Categorias epidíticas da ekphrasis. Sibila: poesia e crítica literária**, 2010. Disponível em: <http://sibila.com.br/mapa-da-lingua/categorias-epiditicas-da-ekphrasis/3971>. Acesso em: 31 jul 2015.

HOLANDA, Francisco de. **Da pintura antiga**. Introdução e notas de Angel Gonzáles Garcia. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984 [1548].

LAUSBERG, Heinrich. **Elementos de retórica literária**. Trad., prefácio e aditamentos de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

KUBLER, George (Ed.). **The antiquity of the art of painting by Felix da Costa**. New Haven: Yale University Press, 1967.

MARTÍNEZ, Maria Dolores Reche. **Introducción General. Ejercicios de retórica**. Introducción, traducción y notas de Maria Dolores Reche Martínez. Madrid: Editorial Gredos, 1991.

PLINE, L'Ancien. **Histoire Naturelle. Livre XXXV**. Texte établi, traduit et commenté par Jean-Michel Croisille. Paris: Les Belles Lettres, 1985.

Multissemiose e ensino de língua portuguesa

Sandoval Nonato GOMES-SANTOS¹

Resumo: Este texto propõe discutir aspectos do estatuto em que é investida a multissemiose na prática escolar e, mais especificamente, na prática de ensino de língua portuguesa, na escola brasileira. Para ancorar essa discussão, o texto apresenta, por um lado, aspectos do percurso histórico de constituição do ensino de língua portuguesa e, por outro, breve descrição do processo de produção e de avaliação do gênero textual exposição oral por alunos do 4º. ano do Ensino Fundamental de uma escola pública localizada na cidade de Belém, Estado do Pará, na Amazônia brasileira, durante o ano letivo de 2007. A hipótese de trabalho é de que a qualificação do estatuto da multissemiose nas práticas de ensino de língua portuguesa pode auxiliar a discussão sobre problemas e desafios com que se confrontam essas práticas na atualidade.

Palavras-chave: ensino de língua portuguesa; ensino fundamental; exposição oral; forma escolar; multissemiose.

Introdução

Proponho, nesta contribuição, indicar e discutir aspectos do estatuto em que é investida a multissemiose na prática escolar e, mais especificamente, na prática de ensino de língua portuguesa, na escola brasileira. Para ancorar essa discussão, proponho, em primeiro lugar, um arrazoado dos elementos sociais, históricos e culturais em que se constitui a escola como forma social particular, com base no conceito de forma escolar, tal como desenvolvido na reflexão do sociólogo da educação francês Bernard Lahire (LAHIRE, 2008).

Em seguida, retomo aspectos gerais do percurso de constituição do ensino de língua portuguesa na escola brasileira em termos dos currículos e programas de ensino e dos materiais didáticos propostos, com base nos panoramas históricos traçados por Razzini (2000), Rojo (2008) e Soares (2002), buscando situar o lugar da multissemiose nesse percurso.

Em terceiro lugar, apresento breve descrição do processo de produção e de avaliação do gênero textual exposição oral por alunos do 4º. ano do Ensino Fundamental de uma escola pública localizada na cidade de Belém, Estado do Pará, na Amazônia brasileira, durante o ano letivo de 2007, com base em trabalho anterior (GOMES-SANTOS, 2012). A hipótese de trabalho é de que a qualificação do estatuto da multissemiose nas práticas de ensino de língua portuguesa pode auxiliar a discussão sobre problemas e desafios com que se confrontam essas práticas na atualidade.

¹ Professor do Departamento de Metodologia de Ensino e Educação Comparada da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP). Membro do Grupo de Trabalho 'Linguística do Texto e Análise da Conversação' da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL) e líder do Grupo de Pesquisa Linguagem na Prática Escolar (LIPRE). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: sandovalnonato@usp.br

1. Forma escolar e multissemiótica

Em sua discussão em torno do conceito de *forma* ou *razão escolar*, Lahire (2008) mostra como a invenção moderna da escola como forma social autônoma (em relação à família e à Igreja) se constrói na base de uma dupla opção e, reciprocamente, de uma denegação dupla: em primeiro lugar, a opção pelo escritural como saber por excelência da prática escolar, de que decorre a denegação de práticas de linguagem orais e multimodais do campo da cultura popular como objetos de saber escolar legítimo (o que é denegado, em outros termos, são o corpo e a voz). Lembra Lahire que a opção pela escrita é historicamente motivada por ela ser suscetível de acumular e fazer transitar o capital simbólico fora do corpo, o que representa vantagem central para a legitimação da função de instrução da escola e, assim, para a garantia das condições de sua reproduzibilidade social.

Complementar a essa primeira, a segunda opção pela qual se constitui a forma escolar é o desenvolvimento de um tipo específico de competência para a apreensão do capital simbólico escritural: trata-se, para Lahire, de uma competência de natureza metalinguagem em relação às coleções de saberes escolares objetivados pela escrita. Pela invenção e implementação de um conjunto de dispositivos de ensino (método), a forma escolar instaura como *modus operandi* central de distribuição do saber a experiência de transmissão desse saber em um tempo e um espaço sociais inéditos – o ensino simultâneo e a serialização da escolaridade, a sala de aula como célula da escola, a geometria dos lugares ocupados por professor e alunos no espaço da sala etc.

Corolário direto desse *modus operandi* é a produção de disposições nos indivíduos para um determinado tipo de ação sobre o saber: ações de análise, de comparação, de decomposição, de classificação, de decodificação, na base das quais se encontra o reforço de uma atitude taxonômica fundada, entre outros aspectos, em concepções racionalistas do raciocínio. Decorre dessa segunda opção pela qual se constitui a forma escolar a denegação das formas de produção e consumo de saberes que encontram na experiência vivida e na presença material desses saberes sua condição de possibilidade. Em outros termos, a denegação de um tipo de experiência que se constrói pela incorporação dos saberes na temporalidade das práticas, em que a apropriação do saber não é regida por uma regra externa às práticas, mas é regulada do interior delas, como ocorre nas formas sociais de educação anteriores à emergência da forma escolar, por exemplo, nas corporações e meios fracamente urbanizados e letrados.

Na leitura política de Lahire, essa dupla opção/denegação supõe a instanciação de exercício de poder, uma vez que o tipo de socialização nela suposto concorre para a produção de disposições para agir (habilidades) e de modos de ser (identidades) adequados e eficazes para a reprodução da própria forma escolar e do que nela se constitui como legítimo: em outras palavras, à habilidade de decodificar um repertório restrito de saberes objetivados pela escrita vinculam-se determinados processos de subjetivação do próprio indivíduo.

Nessa direção, podemos supor que falar de multissemióse (como convergência de semióses ou de sistemas semióticos em que se materializa o capital simbólico) e, mais especificamente, em texto multissemiótico (como configuração material em que a linguagem em suas modalidades escrita e oral imbrica-se com outras semióses – sons, gesto, cor, imagens fixas e animadas) é falar daquilo que se manteve historicamente com certo estatuto periférico na prática escolar. Ao mesmo tempo, é também falar do ponto de tensão em que se localiza a disputa em torno das finalidades da escola nos dias de hoje.

A seguir, enfoco determinados modos com que esse estatuto ganha corpo particularmente no percurso histórico de constituição do ensino de língua portuguesa na escola brasileira.

2. Multissemióse e ensino de língua portuguesa

Estudos sobre a gênese histórica da língua portuguesa como disciplina escolar – por exemplo, aqueles de Soares (2002), de Razzini (2000) e de Rojo (2008) – apontam, entre outros aspectos, o estatuto do capital simbólico codificado e legitimado em gramáticas escolares e em coletâneas de textos (seletas e antologias), bem como das práticas de linguagem pelas quais esses saberes são distribuídos e consumidos. Razzini (2000), em estudo sobre os currículos e programas que deram corpo a então criada disciplina de Língua Portuguesa no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, a partir de meados do século XIX, assinala, por exemplo, a precedência do estudo da gramática e seu estatuto de matriz ideal que pilota e, ao mesmo tempo, se mantém como o ponto para o qual devem convergir tanto as práticas de leitura literária e de recitação dos textos das coletâneas, quanto de redação e de composição de textos, em diferentes gêneros e de tipos diversos.

Inicialmente, as aulas de português no Colégio Pedro II, restritas ao primeiro ano do curso secundário, dedicavam-se apenas ao estudo da gramática. Aos poucos, elas foram absorvendo práticas pedagógicas e conteúdos das aulas de retórica. Primeiro vieram a leitura literária e a recitação (1855), **para auxiliar o ensino da língua** que, no entanto, continuava a não ultrapassar o primeiro ano. Depois da ascensão do português nos exames preparatórios (responsável pela ampliação de carga horária), entraram no currículo de português a redação e a composição (1870) [...] (RAZZINI, 2000, p. 238-9, grifos meus).

Essa função instrumental da semióse oral, ou seja, o saber oral em favor do acesso ao saber escritural (“para auxiliar o ensino da língua”), bem como aquela da semióse visual ou imagem, aparecem previstas, quase cem anos mais tarde, em uma seção peritextual (introdutória) do livro didático Português básico – *para admissão e curso secundário*, do professor Adriano da Gama Kury (KURY, 1960). Nessa seção, o autor transcreve trecho do programa do Exame de Admissão ao Ginásio, conforme Circular No. 3, de 11/11/1959, do então Ministério da Educação e Cultura:

(...) *Português*. – O programa abrangerá o estudo das classes de palavras, bem como o da estrutura geral da oração, além de ser dada a necessária ênfase à parte de redação (in KURY, 1960, p. 14).

Ainda nessa seção, Kury (1960, p. 14) elenca os ingredientes das provas de português nas modalidades escrita e oral sob o título “Orientação para as provas de português de admissão ao ginásio”, a saber:

A) *Orientação sobre a prova escrita:*

1. Ditado de cerca de 15 linhas (autor brasileiro contemporâneo), ao qual, no julgamento, deverão ser atribuídos no máximo 3 pontos;
2. Seis questões objetivas de gramática, referentes ao ditado, e abrangendo o programa da disciplina, às quais, no julgamento, serão atribuídos até 3 pontos;
3. Composição de uma história sobre uma estampa sorteada no momento, à qual, no julgamento, serão atribuídos até 4 pontos.

B) *Orientação sobre a prova oral:*

1. Leitura expressiva de um trecho de 15 a 20 linhas de autor contemporâneo;
2. Questões objetivas de gramática.

As tarefas escolares supostas nas provas – ditado, questionário escrito, composição escrita, leitura expressiva, questionário oral – são um significativo registro dos dispositivos de ensino e de regulação da aprendizagem do saber escolar sobre a língua, ou seja, da língua escolar legítima. Em outros termos, da língua codificada na gramática e no cânon literário (“autor brasileiro contemporâneo”; “autor contemporâneo”) escolares.

Como atuam esses dispositivos de ensino e de regulação sobre o saber escolar? Conforme uma lógica ou razão que reencontra aquilo que marca centralmente a forma escolar em sua gênese e em seu processo de consolidação modernas (LAHIRE, 2008), isto é: a transmissão de um capital cultural objetivado pela escrita, tanto pela invenção de dispositivos (gramáticas escolares, dicionários, manuais didáticos etc.) que permitem sua distribuição e seu consumo, quanto pela instanciação de modos de utilização desses dispositivos (entre os quais, exercícios de análise sintática, de identificação de estruturas e construções (grifar, sublinhar), de preenchimento de lacunas, bem como aqueles voltados à transcrição e oralização ou leitura oral de textos). Segundo uma formulação desenvolvida na reflexão de Schneuwly (2009), tais dispositivos dão corpo ao saber, tornam-no presente na sala de aula e criam o ambiente (simbólico e material) no qual o conjunto dos alunos é convocado a se inserir.

Nesse circuito em que se imbricam saberes escolares e dispositivos de ensino e de regulação da aprendizagem da língua, qual o lugar das semioses visual e oral? No exemplo em questão, a primeira aparece como dispositivo suscetível de desencadear ou inspirar a ação de escrita do aluno (na conhecida atividade escolar de *composição a vista de uma imagem ou gravura*); a segunda como dispositivo de vocalização do texto escrito. Embora, nesse último caso, seja possível supor que a qualificação “expressiva” da atividade de leitura oral remeta à consideração de certo efeito de natureza estilística que a performance oral pode imprimir ao texto escrito, ambas – semioses visual e oral – mantêm um estatuto subsidiário com relação ao ensino da semiose escrita, promovendo tanto a sedimentação de um saber procedural sobre como compor um texto escrito, quanto a preservação da integridade do saber escritural legitimado nos currículos e programas, materializado em coletâneas ou coleções de textos considerados modelares.

Sob uma perspectiva conjuntural mais ampla, esse estatuto instrumental que a oralidade e outras semioses – como a imagem – adquirem no ensino de língua portuguesa remete às lógicas e aos regimes de

seleção, distribuição e consumo de saberes instaurados na prática escolar; no que se refere ao ensino de língua portuguesa, remete ao modelo clássico e à vocação beletrista desse ensino desde sua gênese até meados do século passado.

Na interpretação que formulam do percurso de constituição do ensino de língua portuguesa na escola brasileira, Soares (2002) e Rojo (2008) assinalam que esse modelo clássico e essa vocação beletrista do ensino passam a ser tensionados a partir dos anos 1950 até os anos 1970 com a ampliação do acesso da população à escola e a consequente mudança do perfil do alunado, bem como em função da intensificação do processo de depreciação e precarização do trabalho docente e da instauração entre nós do fracasso escolar (hoje renomeado, de um ponto de vista político, 'desigualdades escolares').

A Promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 5692/71) oficializa um conjunto de novas finalidades colocadas para a escola e para o ensino de língua portuguesa na conjuntura social, política e econômica do Brasil dos anos de chumbo. No modelo ideológico desenvolvimentista do governo militar, a língua é tomada como instrumento para o desenvolvimento do país.

A própria denominação da disciplina foi alterada: não mais português, mas *comunicação e expressão*, nas séries iniciais do então criado 1º. grau, e *comunicação em língua portuguesa*, nas séries finais desse grau; só no 2º. grau o foco em 'comunicação' desaparece da denominação que, nesse grau, passa a ser *Língua portuguesa e literatura brasileira* (SOARES, 2002, p. 169).

Com a mudança das finalidades, alteram-se o corpo de saberes e o conjunto de dispositivos de distribuição e de consumo deles. Magda Soares aponta como tais alterações afetam materialmente os livros didáticos, para os quais é transferida a incumbência de preparar aulas e exercícios, em coerência com o prestígio adquirido pelo tecnicismo pedagógico em voga na época. O caráter comunicativo em que se investe o currículo a partir da década de 1970 consiste em ampliação do *corpus* de saberes e das coletâneas de textos em direção a gêneros de campos sociais concorrentes ao campo literário, como o campo da mídia jornalística e da publicidade.

A partir dos anos 1980, com o início do processo de redemocratização do Brasil, começa a se desenhar outro ponto de inflexão no percurso de constituição do ensino de língua portuguesa. Lugar central no processo de atualização do currículo e da prática de ensino da língua, a partir desse momento, é assumido pelos aportes dos estudos da linguagem, estudos do texto e do discurso e estudos em linguística aplicada, que concorrem na redefinição do corpo de saberes e das coletâneas de textos para o ensino. Nessa redefinição, o texto passa a ser proposto como a unidade englobante do ensino de língua portuguesa, não com o caráter instrumental para o ensino de outros componentes curriculares, mas como objeto de ensino sistemático, como objeto de estudo (a contribuição de João Wanderley Geraldi (GERALDI, 1984) é central nessa proposição). A diversidade textual com base na consideração de diferentes campos sociais de produção e recepção da linguagem é o princípio de seleção dos textos, central para a pertinência didática que adquirem temas como variação linguística, relações entre oralidade e escrita, relações entre texto e gramática. Do

ponto de vista dos dispositivos de distribuição e consumo do saber, propõe-se que a abordagem do texto ocorra no seio de práticas de recepção e produção que reencontrem e ampliem as experiências e os repertórios culturais dos indivíduos que chegam à escola.

Na esteira desse processo de reinvenção do ensino de língua portuguesa a partir dos anos 1980, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental (BRASIL, 1998) elegem os gêneros textuais como objetos de ensino. A seleção da coletânea de textos é delimitada por quatro campos sociais de produção dos textos – campos da divulgação científica, propaganda, publicidade e cultura literária. A definição desses campos prevê a consideração de textos escritos, orais e multissemióticos. Para o Ensino Médio, o currículo integra a disciplina Língua Portuguesa em uma grande área chamada de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Ora, tanto a opção por gêneros textuais orais, escritos e multissemióticos, quanto a noção de multissemiose explicitamente marcada na pluralização da nomeação *Linguagens*, colocam a multiplicidade de textos e de práticas sociais como o desafio para o ensino de língua portuguesa na atualidade. Na formulação de Roxane Rojo (2008, p. 90-1),

Na década de 1990, enfrentamos um desafio de outra ordem. O volume de informações, produzido em decorrência da globalização e das novas tecnologias, é constantemente superado, colocando novos parâmetros para a formação dos cidadãos. Não se trata de acumular conhecimentos. A formação do aluno deve ter como alvo principal a aquisição de conhecimentos básicos, a preparação científica e a capacidade para utilizar as diferentes tecnologias relativas às áreas de atuação.

O desafio atual a que se refere a autora pode ser enunciado, de um ponto de vista didático, em termos dos dois ingredientes que conformam a prática escolar (saber e método de ensino):

- i) do ponto de vista do saber escolar (conteúdos ou objetos de ensino): a opção pela língua em uso como objeto de saber, de um saber de natureza constitutivamente praxeológica (pela proposição de projetos didáticos voltados, por exemplo, para gêneros textuais da cultura popular, como o cordel, ou da cultura de massa, como a canção popular, além de gêneros orais formais e públicos, como o debate e a exposição oral), o que sinaliza, como observa Rojo (ROJO, 2008), o fenômeno de ampliação e diversificação da coletânea de textos com base em relativa diversidade de campos sociais de produção e consumo dos bens culturais;
- ii) do ponto de vista do método de distribuição e consumo do saber (métodos e técnicas de ensino): o esforço para inserir o saber eleito no circuito de práticas “significativas” dos sujeitos. Figura desse esforço é a necessidade que adquire o princípio da contextualização do saber pela proposição de percursos de ensino e de aprendizagem mais ou menos flexíveis, em sequências ou projetos didáticos.

3. Ilustração – a exposição oral nos anos iniciais do Ensino Fundamental

Para ilustrar o lugar da multissemiose na prática de ensino de língua portuguesa, na atualidade, apresento, a seguir, breve descrição de parte do processo de produção do gênero textual exposição oral por alunos do 4º. ano do Ensino Fundamental – na faixa etária entre 8 e 9 anos – de uma escola pública federal localizada na cidade de Belém, Estado do Pará, na Amazônia brasileira, durante o ano letivo de 2007. Na ocasião da descrição e análise desse processo, em estudo anterior (GOMES-SANTOS, 2012), corroborei a

percepção de outros estudos (BENTES, 2011; CÂMARA JR, 1961; DOLZ, PIETRO, SCHNEUWLY, PIETRO, ZAHND, 2004; GOFFMAN, 1987; ROJO, SCHNEUWLY, 2006) segundo a qual a realização da exposição por meio da fala do expositor é imersa em um campo em que se conjugam diferentes semioses e se combinam diferentes recursos semióticos – entre os quais, qualidade da voz, recursos prosódicos (velocidade e ritmo da fala, pausa, entoação etc.) e recursos cinésicos (gestualidade, expressividade facial e corporal) –, assinalando que tais recursos, nas exposições das crianças, adquiriam pelo menos duas funções:

- i. a função de gestão interacional do evento, tanto em termos de progressão sequencial, quanto de papéis e posições dos locutores (expositores) no curso da ação de exposição, e
- ii. a função de progressão do roteiro temático da exposição.

Destaquei que recursos prosódicos como entonação e pausa, por exemplo, tanto indicavam o esgotamento de certo tópico de que se vinha tratando na exposição, quanto podiam sinalizar seu fim, além da expressividade facial, incluído o olhar, que atuava como relevante recurso para subsidiar e ancorar a elocução do expositor. Enfatizei, ainda, que a gestualidade era recurso dos mais centrais na exposição oral dos alunos, ganhando corpo em ligação estreita com os elementos do ambiente da exposição (lugares, iluminação, disposição das cadeiras etc.), com os modos de disposição espacial dos expositores e do auditório (ocupação de lugares, espaço pessoal, distâncias, contato físico etc.) e com os artefatos materiais presentes no meio e utilizados pelo expositor como instrumentos de auxílio à exposição (cartazes, transparências em retroprojetor, slides em projetor de slides etc.).

O processo de produção da exposição considerada esteve integrado a um projeto didático de um bimestre letivo que comportou a realização de atividades de leitura, de escrita, de produção de microexposições orais e de avaliação de exposições realizadas. As atividades de avaliação individual e compartilhada da própria exposição e da exposição de colegas são, particularmente, um interessante espaço para se pensar sobre os modos de produção de uma competência avaliativa ou de uma disposição metalinguagem na prática escolar.

É essa competência ou disposição avaliativa que proponho focalizar, a seguir, pela retomada de um episódio do conjunto de exposições relativo às reações do auditório a uma exposição realizada por um grupo de alunos sobre *o significado das estrelas da bandeira nacional brasileira*. A exposição é realizada por Gerusa, José e Alan que se encontram alinhados um ao lado do outro e sentados em carteiras escolares. A sua frente estão os colegas, seu auditório. A exposição é ancorada na leitura oral pelos expositores de um texto sobre o tema a que tiveram acesso previamente.

Gerusa abre a exposição saudando o público com sorriso no rosto e logo anunciando o tema da exposição. Em seguida, introduz o primeiro tópico – uma informação sobre *a configuração da primeira bandeira nacional*. Hesita inicialmente e, auxiliada imediatamente por José, passa a ler o texto².

Exemplo 1. Trecho de exposição sobre o significado das estrelas da bandeira nacional brasileira

Gerusa: bom dia para todos

Auditório: bom dia

Gerusa: hoje nós estamos apresentando um trabalho sobre a::: o significado da bandeira/ o significa/ o significado das estrelas da bandeira do Brasil... “a primeira bandeira republicana era muito parecida com a dos estados unidos, só que tinha listras verdes e amarelas, e não vermelhas e brancas”

José intervém logo em seguida, dando continuidade à leitura oral e introduzindo um tópico complementar ao de Gerusa – *a razão da distinção da bandeira brasileira com relação à norteamericana*. O expositor hesita em uma primeira leitura, interrompe-a e a reinicia. Logo depois, dando por concluída sua leitura, toca com as duas mãos seu colega Alan, sentado a sua esquerda, sinalizando que passava a vez a ele. Alan então dá continuidade à leitura do texto em tom fraco, quase inaudível.

Exemplo 2. Trecho de exposição sobre o significado das estrelas da bandeira nacional brasileira

José: “como os militares não queriam que o povo ligasse o governo ao/ ao governo americano, ao ao brasileiro, como os militares não queriam que o povo liga/ ligasse é:: o governo americano ao brasileiro”

Alan: “em dezenove de novembro do ano de mil novecentos e oitenta e nove ela foi substituída pela bandeira brasileira atual”

Após a exposição dessas informações de caráter historiográfico, é José quem retorna para finalizar a exposição, apresentando a informação que responde à questão pressuposta no tema anunciado no início por Gerusa – *o significado das estrelas da bandeira*. Ao final de sua leitura e após uma pausa, ele anuncia o final da exposição.

Exemplo 3. Trecho de exposição sobre o significado das estrelas da bandeira nacional brasileira

José: “cada estrela corresponde a um estado bra/ do brasil, com o passar do tempo novos estados foram sendo criados e outros extintos”... acabamos

A leitura oral realizada pelos três expositores constrói a coesão temática da exposição – as informações históricas sobre o processo de criação da bandeira antecipam e introduzem a definição do significado de suas estrelas –, o que indica que houve algum planejamento prévio do grupo quanto à distribuição e à ordenação de suas intervenções, com base na leitura prévia do texto sobre o tema. Concluída a exposição, é o professor quem faz a abertura para a participação do auditório (*ok, alguma questão para o grupo?*).

Quem primeiro solicita a palavra é Dilson, que emite opinião sobre o comportamento de um dos expositores. Sua colega Tânia o retifica em tom de pergunta, já que o momento não seria de avaliação. O professor, então, instiga os alunos a formularem novas questões.

² As convenções de transcrição utilizadas são as seguintes: () = Incompreensão de palavras ou segmentos; (**hipótese**) = Hipótese do que se ouviu; / = Truncamento; **letra maiúscula** = Entoação enfática; :: = Prolongamento de vogal; ? = Interrogação; , = Pausa curta; ... = Pausa longa; [*ligando as linhas* = Superposição, simultaneidade de vozes; “ ” = Citações literais ou leituras de textos. As falas dos alunos são indicadas por pseudônimos. A fala do professor é indicada por **Professor**.

Exemplo 4. Trecho de diálogo com o auditório após a exposição sobre o significado das estrelas da bandeira nacional brasileira

Dilson: tio, o alan falou mais rápido do que os dois
 Tânia: qual a pergunta dilson?
 Professor: alguém mais? alguém mais gostaria de fazer pergunta?

As duas reações que se seguem à solicitação do professor incidem sobre o tema da exposição. É Telma quem solicita inicialmente a palavra para pedir esclarecimento sobre a informação exposta por Alan que ela não havia *entendido*. Nesse momento, José se volta para seu colega Alan e lê o trecho anteriormente lido. Sua leitura é auxiliada por Alan.

Exemplo 5. Trecho de diálogo com o auditório após a exposição sobre o significado das estrelas da bandeira nacional brasileira

Tânia: é::, o que foi que aconteceu depois, depois de mil novecentos e::? aí eu não entendi o resto que o alan falou
 José: que em dezenove de novembro do ano de mil novecentos e oitenta e nove ela foi substituída pela bandeira brasileira atual

Outro colega do auditório, Arlindo, intervém em seguida, tentando complementar a informação sobre as alterações feitas na bandeira brasileira, subtópico de que tratou Gerusa.

Exemplo 6. Trecho de participação do auditório após a exposição sobre o significado das estrelas da bandeira nacional brasileira

Arlindo: () eu vi um/outras bandeiras que já tiveram no brasil, foram mais, tinha outras, antes dessa daí que parecia com os Estados/ com a dos estados unidos tinha uma/ tinha uma outra que parecia com essa, só que o símbolo do meio era outro

Finalizado o comentário de Arlindo, a reação do auditório ganha outro tom a partir da intervenção de Gorete, que levanta a mão pedindo para falar (Gorete: *eu não ouvi nem entendi o que eles falaram*). Aproveitando a ocasião, o professor solicita mais reações do auditório; desta vez, solicita que avalie o grupo expositor (Professor: *alguém gostaria de avaliar a equipe?*).

O que se inicia a partir desse momento é um diálogo acirrado entre o auditório e os expositores em torno da performance do grupo expositor.

Exemplo 7. Trecho de diálogo com o auditório após a exposição sobre o significado das estrelas da bandeira nacional brasileira

Rosa: tio, eles/ eles não explicaram muito assim, o alan/ eles todos explicaram, mas o alan, ele falou muito rápido, ele não explicou
 Gerusa: tio, a gente tá lendo e a gente já tá explicando, esse é um texto que na hora que a gente tava lendo, a gente já tá explicando
 Tânia: ê tio, é:: o grupo/ o grupo deles é: o grupo da gerusa, ele foi BOM, só que eles tinham que explicar mais um pouco, eu sei, como a Gerusa, falou, eles leram e explicaram, mas eles deveriam LER, dá uma parada e explicar o que eles

Rosa: [eles deviam ler menos e explicar mais... tão falando

O ponto central da reflexão coletiva é introduzido por Rosa quando assinala que o grupo não havia *explicado*, especificamente seu colega Alan, que teria falado *rápido*. Gerusa intervém nesse momento defendendo que a explicação já estaria suposta no próprio ato de ler. A discussão se aprofunda com a reação de Tânia estabelecendo a distinção entre *ler* e *explicar* e defendendo que ambos deveriam estar presentes

na exposição do grupo. Rosa retoma a palavra para assinalar a necessidade de equilíbrio de ambos os procedimentos.

Entre vozes e intervenções paralelas da turma, José retoma a palavra para justificar por que o grupo teria lido, e é auxiliado por Gerusa, que retorna ao argumento anteriormente apresentado de que a leitura do texto pelo grupo supunha explicação.

Exemplo 8. Trecho de diálogo com o auditório após a exposição sobre o significado das estrelas da bandeira nacional brasileira

José: () a questão é que não tem uma explicação () uma explicação pronta, né? então nós precisamos LER

Gerusa: (então vocês tão dizendo) que a gente só leu em vez de explicar, mas ao mesmo tempo que nós estávamos lendo nós estávamos explicando, aquele é:: aquela frase que a gente pegou, entendeu?

Tânia intervém novamente para clarificar sua defesa do equilíbrio entre ler e explicar. Gerusa retoma a palavra para se contrapor à opinião de Tânia – *mas entenda!* –, mantendo a ideia de que sendo o texto autoexplicativo, sua leitura pressupunha a explicação das informações nele constantes.

Exemplo 9. Trecho de diálogo com o auditório após a exposição sobre o significado das estrelas da bandeira nacional brasileira

Tânia: mas só que olha, é:: vocês tinham, já que::, como a Gerusa falou, eles tavam lendo e explicando, o texto já tava (explicado), mas só que, a gente de vez em quando não dá pra perceber que vocês tão lendo e explicando, então, vocês tinham que fazer é:: vocês tinham que ler um pouco! e, explicar mais

Gerusa: MAS ENTENDA, porque o texto já fala explicando TU-DO, tudo, tudo, tudo, eu leio o texto, eu leio o texto e ele já tá explicando tudo

Tânia: vocês tem que explicar (como) no caderno de vocês, (...) é, porque, vocês/ se fosse pra ler o texto vocês liam tudinho, aí sim, já tava explicando, vocês tinham que tirar as informações do texto, as explicações ()

Gerusa: então

É Lionel quem, em dado momento, solicita a palavra para defender o grupo, reforçando o mesmo argumento de Gerusa, embora isso não tenha afetado a opinião de Tânia, que agora acresce a seu argumento aquele de que a explicação do texto só estaria configurada se o grupo o tivesse lido na íntegra (*tudinho*).

Exemplo 10. Trecho de diálogo com o auditório após a exposição sobre o significado das estrelas da bandeira nacional brasileira

Lionel: (ao mesmo tempo que eles tão lendo) as informações que eles tiraram do texto eles tão explicando

Tânia: sim, mas só se fosse pra ler o texto tudinho, aí sim eles tariam explicando

A discussão vai-se encerrando com a participação de Gorete, que reformula o argumento de sua colega Tânia identificando a suposta falha do grupo na simultaneidade dos procedimentos de ler e explicar, o que teria *embolado* a exposição, tendo como efeito a não compreensão do auditório.

Exemplo 11. Trecho de diálogo com o auditório após a exposição sobre o significado das estrelas da bandeira nacional brasileira

Gorete: posso falar?, como a tânia disse, é que eles leram, e::: explicaram a mesma/ao mesmo tempo e embolou, e a gente não entendeu nada

Tânia: foi

Como se poder depreender dos extratos transcritos, a reação do público à exposição se voltou a dois de seus aspectos: ao roteiro temático e à performance dos expositores. Em outras palavras, voltou-se:

- i) por um lado, para aquilo que os expositores selecionaram do acervo sobre o tema: Tânia solicitou confirmação de uma informação e Arlindo complementou outra.
- ii) por outro lado, para a maneira como os expositores desenvolveram o roteiro temático: o questionamento é se os expositores leram, explicaram ou fizeram as duas coisas.

Notemos que esse duplo aspecto aparece conjugado na reação do auditório: ao questionar sobre a maneira com que o grupo realizou a exposição, o auditório está de certo modo reagindo à não compreensão das informações sobre o tema. Mas não apenas isso: está sobretudo manifestando uma dada visão sobre o que é expor.

Qual relação poderia ser estabelecida entre esses exercícios de produção e, principalmente, de avaliação coletiva da exposição oral e aqueles (especialmente no tocante à leitura expressiva) previstos nas provas de português de admissão ao ginásio elencados pelo professor Adriano da Gama Kury? Em outros termos, como atuam esses dispositivos de ensino e de regulação da aprendizagem com relação ao saber escolar eleito (a exposição oral)?

Inicialmente, caberia considerar que, no caso da exposição oral, é o estatuto escolar do saber que parece reconfigurado – ela fundamentalmente deixa de ser o instrumento de ensino de outros componentes curriculares (embora essa função possa se manter suposta), mas o próprio objeto de ensino e de estudo, o conteúdo ou o saber escolar central em jogo. Mas há mais que isso: com tal estatuto, a exposição oral e outros gêneros multissemióticos, ao adquirirem pertinência curricular e didática no ensino de língua portuguesa, passam a pressionar a instanciação de outras lógicas e de outros regimes de distribuição e consumo dos objetos de ensino e de estudo, dos conteúdos escolares, que deixam de ser entes invisíveis e impessoais, *prêt-à-porter*, ou seja, objetos desencarnados e apartados das experiências dos sujeitos, passando a ser nelas e por elas reconstituídos como *práxis* (FREIRE 1970/1987).

A suposição do potencial de gêneros multissemióticos como a exposição oral para o incremento do letramento escolar do aluno inscreve-se no desafio que busca restituir à prática escolar aquilo que esteve historicamente invisibilizado tanto na gênese da escola em sua configuração moderna (a voz, o corpo), quanto no ensino de língua portuguesa na escola brasileira – a língua em uso como objeto e como condição de possibilidade do ensino. Além disso, se consideramos que o desenvolvimento de uma atitude ‘meta’ está na gênese da forma escolar, o desafio passa a ser não apenas de quais semioses inserir ou reinserir no campo do ensino de língua, nem apenas dos procedimentos didáticos de inserção, mas também do estatuto dos processos reflexivos que se busca construir; em última análise, dos processos de subjetivação e de constituição de subjetividade que se pretende instaurar.

Quando retornam no percurso mais recente de elaboração curricular e de ensino de língua portuguesa, a semiose oral e a multissemiose, em sua relação complexa com a escrita, passam a entrar na disputa pela legitimação de outra posição para o sujeito-aluno: de consumidor passivo para consumidor ativo e co-

produtor dos repertórios culturais, recursos, suportes em que se materializam as coletâneas de textos multissemióticos presentes no espaço escolar. É, portanto, com relação ao estatuto legítimo dos sujeitos que estamos lidando.

É sobre esse estatuto que me deterei, para finalizar, considerando a hipótese de que gêneros multissemióticos como objetos de ensino/estudo no ensino de língua portuguesa catalisam processos de subjetivação dos sujeitos na prática escolar que entram em disputa com *corpus* de saberes, com *corpora* de textos e com dispositivos de distribuição e consumo desses saberes legitimados historicamente pelo *establishment* escolar.

Considerações finais: #OcupareResistir

Para retomar um fato social de ampla repercussão, é o *establishment* escolar que aparece confrontado e tensionado no evento de ocupação das escolas públicas pelos estudantes em São Paulo, no segundo semestre de 2015, contra o processo de reorganização do sistema escolar, conforme novo regime de oferta de vagas e distribuição de matrículas, pelo governo do Estado. São os regimes e os dispositivos de seleção do saber legítimo e de promoção de sua circulação na sala de aula e no trabalho escolar que aparecem confrontados e tensionados nesse evento e em seus desdobramentos, em 2016, quando a agenda de mobilização incorpora a denúncia de corrupção na gestão da merenda escolar, entre outros temas.

A natureza multissemiótica que adquiriram as ações dos estudantes aparece materializada nos textos escritos nos cartazes, nas cores, nas formas, nos signos, nas imagens, nos ícones utilizados (Ver o documentário *ACABOU A PAZ, Isto aqui vai virar o Chile! Escolas Ocupadas em SP*, de Carlos Pronzato. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LK9Ri2prfNw>). Aparece também em um curioso tipo de vocalização, mais precisamente de elocução coletiva, compartilhada: na ausência de equipamentos de som, o locutor dirigente da assembleia endereça enunciados ao grupo de estudantes que os repetem, em coro. Qual a diferença desse exercício de uso da linguagem oral em relação à elocução do *ba-be-bi-bo-bu* ou dos exercícios de leitura expressiva do texto tais como sedimentados no percurso histórico de constituição do ensino de língua portuguesa? A diferença talvez esteja em pelo menos três elementos esquecidos pelo *establishment* escolar: o protagonismo estudantil, o trabalho coletivo e o vínculo orgânico com outras comunidades de práticas.

O evento multissemiótico de ocupação das escolas públicas pelos estudantes em São Paulo nos permite recolocar a questão do lugar da multissemiose na prática escolar e na prática de ensino de língua portuguesa não exatamente em termos de uma suposta eficácia que estaria inscrita na materialidade semiótica *per se* dos gêneros multissemióticos que se busca ensinar ou mesmo daqueles pelos quais se busca ensinar, mas em termos dos regimes de funcionamento, dos processos de legitimação e de distinção dos produtos culturais na escola. Talvez possamos dizer que a convergência de semioses constitutivas de

determinados produtos culturais e a convergência de suportes e mídias em que esses produtos se inscrevem e circulam tornam mais visível o percurso intersubjetivo de produção do sentido pela linguagem, a natureza constitutivamente encarnada da linguagem. Talvez por sua natureza plural, os produtos multissemióticos nos permitam compreender mais sobre ações que praticamos pela linguagem. Desse ponto de vista, não é pouco que o currículo e a prática de ensino de língua portuguesa tenham, em alguma medida, nos últimos vinte anos principalmente, incorporado tanto o discurso sobre a pertinência da multissemiose como objeto de ensino de língua portuguesa, quanto a coletânea de textos multissemióticos proposta em diferentes projetos de ensino, em livros didáticos, em textos acadêmicos.

Mas isso é uma parte do desafio. Outra parte, de natureza eminentemente política, é como formar junto aos estudantes certa postura sobre os regimes de funcionamento, os processos de legitimação e de distinção dos produtos culturais na escola, incluídos os produtos multissemióticos. Em outros termos, como formar junto a eles a consciência sobre os processos de reprodução da lógica taxonômica do *establishment* escolar que reifica o saber para reificar sua distribuição e seu consumo, para finalmente reificar as posições dos sujeitos na escola. E como desestabilizar esses processos e produzir outros fundamentados em outros “princípios geradores de práticas” (LAHIRE, 2008).

Para concluir, retomo uma entrevista do fotógrafo Sebastião Salgado ao Programa Roda Viva, produzido pela TV Cultura de São Paulo, exibida em 16/09/2013 (disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=IL3Ou7Khl3A>). Ao falar do que está na base da prática de fotografar, menciona o fato de que, fotografando, estamos sempre construindo uma versão da realidade. A versão de realidade condensada em uma fração de segundo de uma fotografia é o fio da meada de múltiplas outras versões de realidade, de outras histórias, de gentes, de animais e de coisas.

[...] Eu conto a história de oito anos condensado em um segundo, realizado em fotografia. Mas, naquelas fotografias, eu conto uma história do planeta, pelo menos tenho a pretensão de contar essa história do planeta. E ali vendo aquelas fotografias, eu acho que as pessoas tem um sentimento da dinâmica do planeta, da grandeza do planeta, da dignidade dos outros animais que eu fotografei e que eu nunca tinha fotografado, das populações humanas que eu fotografei. E olhando aquelas fotografias você conhece a minha história. Você conhece de onde veio a minha luz, a relação que tive, que eu tenho com a natureza. Se olhar um pouquinho mais, você vai ver meu pai, minha mãe, minha escola primária. Você vê minha vida todinha ali [...]. Uma fotografia é muito mais que aquela fração de segundo, uma história completa ali dentro, para frente e para trás [...].

Esse princípio de que fala Sebastião Salgado como motor da técnica de fotografar pode-nos inspirar para ações de construção de relações democráticas de acesso a, distribuição e consumo dos bens culturais na escola, e, nessa direção, para a construção de versões da realidade que se aproximem daquilo que tomamos como direito de todos a esses mesmos bens. Em uma palavra, trata-se de um princípio talvez indispensável para pensarmos coletivamente e radicalmente sobre os rumos da educação e da sociedade brasileira destes nossos tempos contemporâneos.

Referências bibliográficas

BENTES, Anna Christina. **Linguagem oral**: gêneros e variedades. Disciplina elaborada para o Curso de Especialização à Distância (REDEFOR) ofertado pela Universidade Estadual de Campinas em convênio com a Secretaria de Estado de Educação de São Paulo. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2011.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Ensino Fundamental, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970/1987.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**: leitura e produção. São Paulo: Ática, 1984.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. A exposição oral. In: **Manual de expressão oral e escrita**. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1961, p. 53-66.

DOLZ, Joaquin; SCHNEUWLY, Bernard; PIETRO, Jean-François de; ZAHND, Gabrielle. A exposição oral. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquin. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, p. 215-246.

GOMES-SANTOS, Sandoval Nonato. **A exposição oral** – nos anos iniciais do Ensino Fundamental. São Paulo: Cortez Editora, 2012.

GOFFMAN, Erving. **Façons de parler**. Tradução do inglês por Alain Kihm. Paris: Les Éditions de Minuit, 1987.

KURY, Adriano da Gama. **Português básico** – para admissão e curso secundário. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1960.

LAHIRE, Bernard. **La raison scolaire** – école e pratiques d'écriture, entre savoir et pouvoir. Rennes, FR: Presses Universitaires de Rennes, 2008.

RAZZINI, Márcia de Paula Gregorio. **O Espelho da Nação**: a Antologia Nacional e o ensino de Português e de Literatura (1838-1971). Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Gêneros de discurso/texto como objeto de ensino de línguas: um retorno ao *trivium*? In: SIGNORINI, Ines (org.). **Rediscutir texto, gênero e discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p. 73-108.

ROJO, Roxane; SCHNEUWLY, Bernard. As relações oral/escrita nos gêneros orais formais e públicos: o caso da conferência acadêmica. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 6, n. 3, p. 463-493, set./dez. 2006.

SCHNEUWLY, Bernard. Le travail enseignant. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (orgs). **Des objets enseignés en classe de français** – Le travail de l'enseignant sur la rédaction de texts argumentatifs et sur la subordonnée relative. Rennes, FR: Presses Universitaires de Rennes, 2009, p. 29-43.

SOARES, Magda. Português na escola – história de uma disciplina curricular. In: BAGNO, M. (org.). **Linguística da Norma**. São Paulo: Edições Loyola, 2002, 155-177.

Sítios eletrônicos consultados

ACABOU A PAZ, *Isto aqui vai virar o Chile! Escolas Ocupadas em SP*. Documentário de Carlos Pronzato. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LK9Ri2prfNw>. Acesso em 20/01/2017.

PROGRAMA RODA VIVA. TV Cultura de São Paulo. Entrevista com Sebastião Salgado, exibida em 16/09/2013. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=clQKBpilxR4>. Acesso em 28/02/2017.

As cadeias de gênero do Meme “Bela, Recatada e do Lar”

Sergio Mikio KOBAYASHI¹

Resumo: *Sob a perspectiva da Análise Crítica do Discurso, este artigo discute a conformação das cadeias de gênero que possuem o Meme como nó central e realiza uma análise ilustrativa a partir desta noção. Para isso, percorremos um caminho teórico das noções básicas da ACD e do gênero Meme, bem como das cadeias de gênero proposta por Fairclough, e, em seguida, realizamos uma análise experimental da cadeia que engloba o Meme “Bela, Recatada e do lar” e as repostas dadas à participação de homens na campanha gerada a partir da publicação de mesmo título da revista Veja na rede social Twitter. Desta forma, pudemos depreender estratégias de engajamento intertextual e a articulação de empoderamento nestas cadeias.*

Palavras-chave: *análise crítica do discurso; cadeias de gênero; empoderamento; meme; redes sociais.*

Introdução

Este artigo² tem por objetivo discutir a constituição das cadeias de gênero em textos oriundos das redes sociais, sobretudo do *Twitter*, que possuem o Meme “Bela, Recatada e do Lar” como nó central. Para isso, realizamos, além de uma discussão teórica sobre esse gênero, uma análise ilustrativa e experimental de uma dessas cadeias, composta pela campanha gerada em resposta ao texto publicado pela revista *Veja*³, em abril de 2016, “Marcela Temer: Bela, Recatada e do lar” e as declarações públicas feitas sobre a participação de homens nesta campanha.

A escolha desse objeto se deu por conta da importância do entendimento da construção social dos fatos políticos e socioculturais que marcam os dias atuais, sobretudo em meios digitais. Atualmente, no Brasil, as redes sociais da *internet* são um dos maiores canais de comunicação e expressão de ideias, permitindo, assim, uma maior dinâmica nas relações de comunicação e poder. Isso faz com que as declarações públicas sobre os diversos discursos que nelas circulam aconteçam de modo mais “espontâneo” e rápido.

Também vale ressaltar a maior disseminação e penetração de ideologias, políticas e polêmicas do cotidiano, além de trocas e confrontos dos assuntos mais diversos, viabilizados pelo advento da *internet*, se comparados à imprensa tradicional; em outras palavras, a *internet* permite uma ação responsiva mais imediata e marcada nos diversos gêneros que a compõem. Por conta desta troca de ação entre interlocutores, a responsividade dos enunciados apresenta desdobramentos ideológicos cada vez mais complexos, uma vez que foi catalisada a constituição de cadeias discursivas que se interligam, transformando-se em redes discursivas. Diante disso e da recente tomada da *internet* como meio social

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. Paulo Roberto Gonçalves Segundo. E-mail: kobayashi.sergio@gmail.com

² Este artigo parte de uma dissertação de mestrado em andamento; assim, o *corpus* aqui utilizado consiste em uma amostragem da pesquisa em questão.

³ Ver anexo 1.

alternativo, o estudo linguístico, textual e discursivo deste campo da atividade humana possui um campo amplamente inexplorado, justificando, assim, a realização deste trabalho.

O estudo destas relações que se fazem presentes nas cadeias responsivas do Meme nos permitirá avançar no estudo da constituição desse gênero e compreender melhor as relações de poder presentes em nosso objeto. Para isso, nos guiaremos por duas questões: “Quais são as características do gênero Meme e como se relacionam com os enunciados em uma cadeia de gêneros?” e “quais são os padrões linguísticos e discursivos que caracterizam a participação de homens na campanha “Bela, Recatada e do Lar”?”

Para dar conta de obtermos o objetivo proposto, dividimos em três partes esse artigo: em um primeiro momento, abordamos os pressupostos teóricos que aqui nos guiam, tratando da Análise Crítica do Discurso, à qual se ancora esta pesquisa, bem como os pressupostos teóricos que discutem a concepção do gênero Meme e das cadeias discursivas. Em um segundo momento, contextualizamos nosso objeto, desde sua descrição até as problemáticas em que está inserido. Em seguida, realizamos uma análise ilustrativa a partir da caracterização realizada nos passos anteriores, de modo a apresentar uma perspectiva de análise dessas cadeias. Por fim, discutiremos as dificuldades e avanços proporcionados por esta pesquisa, no que tange aos estudos discursivos e sociais da atualidade em meio virtual.

1. Aparato Teórico

1.1. Análise Crítica do Discurso

Para dar conta de desvelar o objetivo deste artigo, nos ancoraremos à perspectiva da Análise Crítica do Discurso (doravante ACD). O surgimento da ACD acontece pela compreensão do discurso como prática social e das questões linguísticas e discursivas engendradas em estruturas sociopolíticas mais complexas, como as relações de poder e dominação. Deste modo, “a ACD almeja investigar criticamente como a desigualdade social é expressa, sinalizada, constituída, legitimada, e assim por diante, através do uso da linguagem (ou no discurso)” (WODAK, 2004, p. 225).

Uma das abordagens que nos guiam neste artigo trata da língua como parte integrante do processo social material (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999), a qual pode ser manifestada em diferentes semioses, como imagem, texto ou gestos corporais. Estas semioses estão incutidas em uma rede de práticas sociais (políticas, econômicas, culturais...) e é a partir delas que temos uma das formas de agir na sociedade; em outras palavras, é dentro dessas práticas sociais que travamos uma batalha de sentido dentro do discurso, de modo a interferir na realidade, ou seja, como a mudança social emerge a partir da mudança discursiva e vice e versa.

Bakhtin (2003 [1963], p. 262) aponta para os gêneros do discurso como “*tipos relativamente estáveis de enunciados*” [grifos do autor], de modo que surgem e se complexificam de acordo com cada atividade

humana. Segundo o autor, cada um desses campos é propenso a desenvolver determinados tipos de enunciados, fazendo com que os gêneros discursivos sejam determinados e orientados de acordo com o uso em determinada situação real da vida.

Já a ACD, além de apresentar a perspectiva de acordo com a proposição de Bakhtin sobre os gêneros, também discute as questões referentes às práticas sociais e o modo com que influenciam as estruturas sociais, seja combatendo, corroborando, restringindo ou amplificando. Do ponto de vista da ACD, portanto, os gêneros são formas de interação entre aspectos sociais e agentes sociais; seu estudo permite, assim, compreender as mudanças sociais a partir de mudanças discursivas.

Outro aspecto também importante da ACD é o modo com ela que se coloca frente ao objeto de estudo, de modo a recusar a neutralidade na análise; em outras palavras, a ACD “não é apenas uma análise do discurso. Ela é parte de alguma forma de análise sistemática transdisciplinar das relações entre o discurso e outros elementos do processo social. (...) Ela se volta a problemas sociais em seus aspectos discursivos e a possíveis formas de mitigá-los ou corrigi-los” (FAIRCLOUGH, 2010, p. 10-11, tradução nossa).

1.2. Gênero Meme e Cadeias de Gênero:

Com o advento da *internet*, as informações passaram a circular com uma velocidade até então inimaginável, podendo fazer com que em poucos minutos uma informação viralize⁴ em todo o mundo. Por conta disso, a linguagem passou a se materializar em novos gêneros discursivos, além de transformar os já existentes adequando-os às condições do mundo virtual. Essas práticas discursivas, a partir destas características do novo suporte, passaram a ter um caráter ainda mais dinâmico e dialógico; ora, se antes os enunciados anteriores de determinada cadeia já eram altamente responsivos, com o surgimento de uma linguagem tecnológica que permite, dentre outras coisas, responder diretamente, curtir, compartilhar, copiar e colar, as formas de comunicação se tornaram ainda mais complexas. Podemos dizer, inclusive, que isso também faz com que a plataforma do *Twitter* consiga estabelecer sentido dialógico em textos formatados com o limite 140 caracteres, uma vez que os enunciados aos quais se dialogam estão todos ali, numa complexa rede de práticas discursivas e sociais.

Também é possível notar mudanças no comportamento linguístico por conta destes novos gêneros discursivos, do aspecto lexical ao semântico, em que as estratégias de remissão a enunciados anteriores são transformadas, uma vez que, frequentemente, os textos estão todos nesta rede digital. A própria criação de *hiperlinks* e opções como “assuntos relacionados” são fatores fundamentais para a constituição destas mudanças linguísticas nos textos virtuais. É dentro deste conceito que surge o gênero “Meme”, tipicamente

⁴ Tornar viral; espalhar-se como um vírus [rapidamente] (Houaiss online)

concebido, pelo senso comum, como um texto escrito sobreposto a uma imagem que faz referência a um determinado conceito ou contexto anterior.

Devido à escassa literatura sobre esse gênero, uma vez que ele começou a ser utilizado de modo massivo apenas a partir desta década, uma autora que propõe uma discussão séria sobre sua problemática é Limor Shifman, em “Memes in a digital culture” (2013a). Segundo a autora, o termo “Meme” foi cunhado pelo biólogo Richard Dawkins, em 1976, para descrever pequenas unidades culturais, análogas aos genes, que são transmitidos por pessoas por cópia ou imitação. No entanto, na década de 70, a *internet* estava longe de ser um bem de consumo das massas; logo, o termo foi lançado para designar ocorrências em outras esferas da vida, como, em “melodias, frases de efeito e modas de vestuário” (SHIFMAN, 2013a, p. 10) [tradução nossa].

Já a conformação do gênero, tal qual o concebemos, só surgiu a partir da década de 2010, com o *boom* das redes sociais e da *internet* banda larga (alta velocidade). Nesse sentido, o termo “Meme” foi importado da perspectiva de Dawkins para designar, em um primeiro momento, as *Lenny Faces*, um conjunto de expressões caricaturais que representavam determinadas reações humanas seguidas de uma frase que resumisse e exemplificasse a imagem, como, por exemplo, os clássicos “Forever Alone” e “Shrug Face”⁵. Com o passar dos anos, o gênero tomou outras formas e atualmente é retratado como uma imagem com texto sobreposto ou como um determinado discurso que viralizou. Para delimitar o termo “Meme” e encaminhar esta discussão, este trabalho ancora-se na perspectiva apresentada por Shifman. Segundo a autora,

Como genes, memes são definidos como replicadores que sofrem variação, concorrência, seleção e retenção. Em qualquer dado momento, muitos memes estão competindo pela atenção dos internautas; no entanto, apenas memes adaptados ao seu ambiente sociocultural se espalham com sucesso, enquanto outros se tornam extintos (SHIFMAN, 2013a, p. 10, tradução nossa).

Diferentemente, portanto, de um viral (conteúdo que se espalha na internet), o Meme, necessariamente, deve possuir (ou a ter a capacidade de) variação, concorrência, seleção e retenção. Em outras palavras, um conteúdo amplamente difundido não pode ser considerado um Meme se, por exemplo, não houver um deslocamento de sentido para outro contexto ou situação, tanto através da transposição e/ou diálogo de textos, imagens ou ideologias, quanto por assimilação do conteúdo em outro contexto.

Como variação, entende-se a noção de que para se constituir um Meme, ele precisa se materializar de modo com que haja a possibilidade de alteração de seu conteúdo ou contexto, isto é, um Meme só poderá ser assim chamado se seu enunciado ou contexto remeter e dialogar com sua matriz de modo a fazer sentido para determinado grupo. Por seleção e retenção, entendem-se as diferentes formas de contexto e compreensão que faz com que um Meme seja utilizado; ora, uma determinada sequência memética só poderá ser estabelecida se as suas variações permitirem um processo de filtragem entre os diversos

⁵ Ver anexo 2.

submemes que podem ser criados, selecionando e retendo as diversas características que fazem com que cada um dos subtipos possa ser apreciado de maneira oportuna em um ou outro contexto. A concorrência é um aspecto intrinsecamente relacionado aos dois anteriores e é através dela que é possível compreender a própria noção de variação de um Meme, pois se a materialização do gênero não der conta de produzir enunciados que concorram entre si, isto é, que apresentem diversas acepções para determinado Meme, a conformação do gênero será prejudicada por não haver características que delimitam a Matriz virtual conformada, a qual discutiremos a seguir.

Como nosso objeto não é o Meme em si, mas a cadeia de gênero na qual ele se configura como nó central, são necessários dois apontamentos para dar conta da análise proposta: o primeiro é a noção de cadeias de gênero e, para isso, apoiamo-nos no trabalho de Fairclough (2003) sobre o assunto; e o segundo é uma hipótese nossa acerca da relação do Meme com seus subtipos.

Fairclough (2003, p. 166) define a cadeia de gêneros⁶ como "séries de tipos de texto que são transformacionalmente relacionadas umas às outras, no sentido de que cada membro das séries é transformado em um outro ou mais, de forma regular e previsível". O autor ainda argumenta que, dada a variedade de gêneros e "tipos de textos", pode-se presumir que haveria um interminável número de cadeias, mas que as cadeias reais possuem número limitado, pois sua conformação é baseada em regularidade, previsibilidade e sistematicidade. Assim, uma publicação de revista, por exemplo, alimenta regular e sistematicamente outros gêneros do discurso, tais como o *post* das redes sociais e o Meme, assim como a cadeia que analisamos adiante.

A constituição destas cadeias corrobora com a noção de dialogismo apresentada pelo círculo de Bakhtin; sua existência só é possível uma vez que se estabelece a responsividade entre os enunciados que, indireta ou diretamente, os constitui. De acordo com o autor, "ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, [o ouvinte] ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo" (BAKHTIN, 2003 [1963], p. 271).

Se temos os Memes como replicadores de determinado conteúdo, através da interação responsiva e dialógica, só será possível concebê-los, além das características apontadas por Shifman, quando inserido dentro de uma cadeia de gêneros. O Meme em si não é capaz de produzir conteúdo, mas é através dele que se transformam os diversos enunciados anteriores em replicadores que complexificam a cadeia na qual está inserido. Em outras palavras, o Meme possui um valor altamente responsivo e dialógico para com o texto fonte a quem se relaciona; tal propriedade do gênero pode ser assim considerada uma vez que, ao remeter

⁶ Na obra de Fairclough (2001), o autor denomina as cadeias de gênero como "cadeias intertextuais"; só a partir de 2003, ele assume a terminologia "cadeias de gênero" sem fazer, no entanto, qualquer diferenciação entre os dois termos. Aqui assumimos a terminologia mais recente para evitar imbrólios terminológicos.

a um discurso anterior, ele marca linguisticamente uma referência que possa indicá-lo; sem esta característica, a constituição do Meme enquanto tal fica prejudicada, se não anulada.

O outro apontamento que devemos fazer é uma hipótese sobre a relação do Meme com os discursos que compõem a cadeia de gêneros. Retomando a perspectiva de Shifman (2013), todo Meme surge a partir da variação de determinado discurso, assim, um texto-fonte (F) pode conter determinado segmento textual ou discursivo que encontre as condições necessárias para se constituir enquanto tal. Ao se replicar em suas diversas variações ($M_1, M_2, M_3...$), podemos identificar uma determinada Matriz (M_0) virtual que tem em si as características principais que lhe dão coesão. Em outras palavras, essa matriz virtual memética consiste em uma abstração dos enunciados mínimos de determinado Meme, para fins de análise.

A constituições das variações deste Meme podem ser das mais virais às mais localizadas. Embora o termo tenha sido utilizado na *internet* de modo a demonstrar um determinado conhecimento partilhado, as já demonstradas *Lenny Faces*, um Meme também pode atender a um universo particular de conhecimento. Uma turma da faculdade, por exemplo, pode produzir um Meme de algo que ocorreu em uma aula, se atender às questões supracitadas, de modo que o entendimento daquele enunciado será partilhado somente entre aqueles que possuem a chave de interpretação: o contexto e a referência ao enunciado anterior (F).

2. A Cadeia de Gêneros do Meme “Bela, Recatada e do Lar”

Uma vez estabelecida a noção do gênero “Meme”, passemos a discutir o Meme “Bela, Recatada e do lar”, centro da cadeia que analisaremos. Em abril de 2016, a revista *Veja* publicou um artigo intitulado “Marcela Temer: Bela, Recatada e do lar” (F), em que, entre outras coisas, enaltecia as qualidades da esposa do então vice-presidente da República, Marcela Temer. A revista, declarada abertamente oposição ao então Governo Federal, publicou a matéria às vésperas da votação que impediria a então Presidenta da República, Dilma Rousseff, permanecer no cargo. De maneira imediata, muitas críticas ao conteúdo da publicação surgiram, sobretudo na *Internet*, sugerindo que havia, naquela proposta, uma ideologia conservadora com relação às questões de gênero na política. Em outras palavras, as críticas apontavam que a reportagem, em comparação imediata com a Presidenta, apresentava uma noção de mulher apolítica, que é contida sexualmente, que não ocupa cargos públicos ou de chefia e tem como único trunfo a possibilidade de ser bonita.

O tipo de resposta a esse discurso viralizou e, por consequência, teve mais força virtual, foi a constituição do Meme “Bela, Recatada e do lar” (M_0). A Matriz do Meme, que remetia à publicação da revista, possibilitou que muitos textos e imagens fossem criados; a maioria deles eram representados por mulheres comuns em atividades tipicamente relacionadas ao universo masculino (M_1) contrapondo imediatamente a ideologia apresentada pela reportagem, como um modo de empoderamento. Tão logo, derivado deste Meme, alguns homens também se dispuseram a construir publicações, utilizando-se das

mesmas formas para participar da campanha. Como o direcionamento da publicação atingia a perspectiva de luta feminina pela igualdade de direitos, o surgimento de homens participando da campanha fez com que muitas mulheres se sentissem incomodadas por conta de um roubo de protagonismo. A partir das declarações feitas nesse sentido, compreendemos a formação de um submeme derivado de M_1 , o qual passaremos a chamar de $M_1^!$.

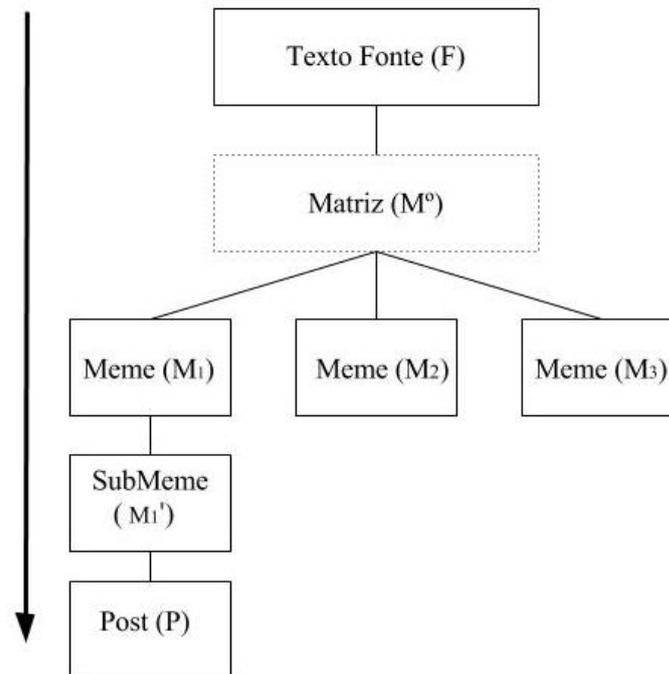
É possível depreender que a luta histórica do feminismo construiu uma relação de empoderamento voltado ao fortalecimento da agência e da emancipação feminina, que ganhou penetração social e tornou-se um discurso de resistência contra ideologias hegemônicas, tipicamente machistas. Nesse sentido, ainda que não hegemônico, o discurso feminista traz consigo um espectro de valoração para aqueles que o utilizam, o que pode explicar a participação dos homens nessa campanha. Ora, se um dos principais aspectos do movimento feminista é denunciar a desigualdade entre os gêneros e a sociedade patriarcal, em que homens garantem sua manutenção, então mostrar-se enquanto homem que não compactua com essa ideologia eleva a construção de sua imagem frente a tais movimentos progressistas.

Devemos pontuar que a Matriz Memética possibilita a criação de outras possibilidades de uso do Meme como, por exemplo, as variantes “Bela, Recatada e Dólar” e “Belo, Recatado e do Lar”⁷. No entanto, como nos interessa, neste artigo, discutir as declarações feitas à participação de homens na campanha “Bela, Recatada e do Lar”, não vamos levar em consideração estas outras manifestações do Meme. Arriscamos dizer, inclusive, que suas outras materializações desenvolveriam outras cadeias complexas de gênero, que demandariam um estudo aprofundado de cada uma delas, tornando nossa análise inviável. Portanto, destacamos como recorte deste artigo apenas o Meme que chamamos de M_1 anteriormente.

Para esquematizar esta proposta de cadeia discursiva em conjunto com a perspectiva sobre os desdobramentos do gênero Meme, propomos a seguinte imagem como representação:

⁷ Ver anexos 3 e 4.

Figura 1. Esquema da Cadeia de Gêneros do Meme



Doravante trataremos cada um dos gêneros desta cadeia da seguinte forma: F para a matéria da Revista Veja, “Bela, Recatada e do Lar”; M_0 para designar a Matriz Memética que possibilita a criação dos Memes deste tipo; M_1 para o Meme feito por mulheres para contrapor a ideologia de F, conforme já discutido; M_1^1 para a mesma representação feita por homens e, por fim P para as respostas feitas através de postagens nas redes sociais.

3. Análise

Antes de analisarmos nosso objeto, algumas considerações são necessárias a fim de dar esclarecimento, tanto sobre a metodologia de escolha do *corpus* analisado, quanto da metodologia de análise em si. Em primeiro lugar, o *corpus* aqui delimitado é uma amostra de uma coleção mais ampla de postagens a respeito de M_1^1 , fruto da pesquisa em andamento; a amostra leva em consideração apenas os posicionamentos contrários à participação de homens em M_1^1 . Desconsideramos outros posicionamentos de P por duas razões: a primeira delas é que a ampla ocorrência de P, na coleta realizada, determina um julgamento favorável de M_1^1 ; a segunda é que, caso utilizássemos os demais tipos de declaração sobre M_1^1 , teríamos de considerar outros setores desta cadeia de gêneros, bem como outras noções teóricas, fazendo com que a realização deste trabalho fosse inviabilizada.

Também é importante considerar que as declarações feitas sobre M_1^1 foram coletadas da rede social *Twitter*, postadas por perfis públicos. Não foram consideradas, portanto, postagens feitas por perfis de organizações (que possuem alcance maior), de celebridades ou mesmo textos de *blogs* e páginas da *internet*.

A escolha foi assim direcionada para (ao menos tentar) garantir que fossem feitas por não outros motivos que a vontade pessoal do autor.

A constituição do corpus foi feita pela coleta de respostas à participação de homens na campanha “Bela, Recatada e do lar”, criada em contraposição à publicação da Revista Veja, de mesmo título, em abril de 2016. A referência amostral utilizada neste trabalho consiste em 8 tweets, também feitos em abril de 2016.

Para fins de orientação, transcreveremos as postagens abaixo e as numeraremos de 1 a 8, seguindo a sigla P. As imagens com o conteúdo original se encontram no fim deste artigo (a reprodução grafemática será tal qual encontrada):

P1. *“homens, a campanha bela, recatada e do lar não é sobre vcs. nem tudo gira em torno de vcs. apenas parem com essas fotos obg de nada”,* postado às 16:42 de 20/04/2016, por Natália

P2. *“Vivendo e aprendendo. Realmente, homem não devia postar foto com a hashtag #bela recatada e do lar”. Deletei a minha.”,* postado às 07:41 de 22/04/2016, por Oui Liam.

P3. *“sério que os viado vão usar o meme da bela, recatada e do lar, pra ficar se exibindo. homens fazendo homices (até os que não eram pra fazer?)”,* postado às 15:23 de 20/04/2016 por vini.

P4. *“amigos homens, a não ser que você faça uma drag, não tem a menor graça & força postar foto sua no meme ‘bela, recatada e do lar’.”,* postado às 09:33 de 20/04/2016 por VICTOR.

P5. *“vamos lá, homens parem de usar “bela, recatada e do lar” não é sobre vocês E sobre mulheres”,* postado às 11:31 de 25/04/2016 por thaina.

P6. *“stop homens postando foto de vestido com a legenda “bela, recatada e do lar”.”,* postado às 15:31 de 23/04/2016 por helozínea.

P7. *“omi só faz Imice meixmo ne. ja tao ai querendo roubar nosso protagonismo do bela, recatada e do lar. STOP OMICES”,* postado às 13:16 de 20/04 de 2016 por rainha do glitter.

P8. *“eu vejo uns homi publicando ‘bela, recatada e do lar’ e penso que o camarada realmente não entendeu nadinha.”,* postado às 10:39 de 21/04/2016 por Lucax.

Seguindo a proposição de Chouliaraki e Fairclough (1999), tratemos nesse primeiro momento de identificar um problema social e seus aspectos semióticos. Levando em conta a publicação da revista, a campanha gerada pela constituição de M_1 e as declarações feitas sobre ele, é possível afirmar algumas questões sociais que ali aparecem. Em primeiro lugar, quando M_1 se estabelece enquanto campanha, visa a combater uma ideologia patriarcal, que restringe a mulher dos espaços públicos, bem como a orienta de modo à subserviência ao marido; a boa mulher, de acordo com a publicação, só pode ser constituída enquanto tal, baseada nos termos que a revista elenca, se for apoiada por uma leitura conservadora a respeito da figura feminina, representando um retrocesso aos anos de combate ao machismo travado pelo movimento de mulheres.

A forma com que M_1 se projeta para combater tal ideologia está baseada no empoderamento daqueles que por ela são atingidos, no exemplo, as mulheres. Assim, a campanha que surge do Meme acontece de maneira espontânea, fazendo com que milhares de mulheres se utilizem de suas próprias fotos, em tarefas

ou atividades tipicamente do universo masculino, contrastando com “Bela, Recatada e do Lar” presente na publicação da revista, que pode ser expresso por legenda, *hashtag*, ou mesmo incorporado à imagem.

Com o sucesso da campanha, que atingiu diversas camadas sociais, alguns homens também decidiram aderir à campanha para combater a ideia que a matéria da revista sugeria. Ora, como podemos ver nesta pequena amostra, a recepção dessas mulheres (e de alguns homens) para com os que também se incorporaram à campanha foi negativa, apontando para uma noção de pertencimento àquele grupo atingido pela publicação da revista. Portanto, para esse recorte, um homem não deveria se pronunciar em uma campanha destinada ao empoderamento das mulheres, por falta de um pertencimento a tal grupo.

Quando confrontados outros exemplos da materialização de M_0 que não integraram esta campanha feminista, não parece haver distinção entre grupos retratados quaisquer, fazendo com que as declarações desse tipo feitas a respeito da participação de homens só sejam possíveis a partir de M_1^1 . Como já dito, isso não significa que outras declarações não possam ser feitas sobre outros pontos da cadeia, no entanto, M_1 parece ser mais propenso a desenvolver declarações em que se critique a participação de homens. Nesse sentido, nos permitimos dizer que a forma com que esta cadeia se desenvolve está intrinsecamente ligada ao empoderamento constituído por M_1 .

Wodak (2004) chama a atenção para a importância de se verificar os diversos usos linguísticos que são utilizados em expressões e manipulações de poder. Ora, se o próprio título da publicação da *Veja* já dá o tom de uma relação de poder que se pretende a ser hegemônica (ou voltar a ser), tão logo a constituição do Meme como variação desse sintagma em contextos opostos ao sugerido pela revista, parece ser uma forma de contestação deste sentido. Apoiamo-nos em Bakhtin (2008 [1987]), que retoma a cultura popular na Idade Média e no Renascimento, trazendo uma distinção entre a cultura oficial e a cultura cômica. Segundo o autor, a cultura não oficial (cômica) tinha como objetivo, no Carnaval, subverter a lógica da cultura oficial. Com o passar do tempo, não só no Carnaval a cultura do riso desvirtuava o oficial e o sério, mas também nas situações do cotidiano como forma de contestação social. Assim, a campanha que coloca mulheres exercendo atividades tipicamente masculinas, em contraposição ao que a revista *Veja* sugeriu, foi uma das formas de subverter e deslegitimar a ideologia patriarcal que ali se pretendia.

Segundo Fairclough (2001), o discurso é uma prática política e ideológica, uma vez que estabelece, mantém e transforma as relações de poder, no aspecto político, e constitui, mantém, naturaliza e também transforma os significados de mundo nas diversas posições de relação de poder, como prática ideológica. Diante desta afirmação, parece-nos possível afirmar que, através de M_1 , as relações de poder são transformadas, construindo, em torno de si, um discurso empoderado, de resistência, tanto que, ao se ver ameaçado por outra variação M_1^1 , produzida por aqueles que pertencem ao grupo que possui o discurso hegemônico combatido (os homens), P se constitui de modo a defender o empoderamento conquistado por M_1 .

Observando o texto, podemos verificar certos padrões que indicam esse caminho de disputa entre os discursos. Como bem observado por Wodak, “Conseqüentemente, os textos costumam ser espaços de luta, uma vez que guardam traços de diferentes discursos e ideologias em disputa pelo controle” (WODAK, 2004: 237). Tomando o exemplo de como os homens são retratados nesses *tweets*, temos a variação em tiopês⁸ “homi” e “omi”, por exemplo, que sinalizam uma atitude negativa contra o objeto-de-discurso, ao mesmo tempo que parecem apontar para um determinado tipo de homem, aquele que quer roubar o protagonismo e, por consequência, o empoderamento das mulheres. Também o termo adjacente encontrado nas postagens “homices” (ou “omices”), indica outros aspectos negativos, talvez por seu sufixo (-ice) remeter a desvios e características ruins, como em “criancice” e “burrice”.

Nos casos de “burrice” e “criancice”, os termos são utilizados para representar um determinado comportamento tipicamente “infantil” ou “de pouca inteligência” realizado por um ator social que, tipicamente, não faz parte do grupo implicado no substantivo e cuja atitude não era esperada, por conta de suas características e pelo contexto em que ocorrem. “Homice”, portanto, parece apontar para um comportamento típico de homens realizado por quem não se espera em um contexto em que tal atitude não seria válida nem desejável.

Outro termo adjacente nas postagens sobre os “homens” está estritamente ligado a essa noção de protagonismo. Em P7, por exemplo, esta ideia está diretamente marcada, de modo a afirmar que os homens “já tao ai querendo roubar nosso protagonismo”. Por meio do advérbio “já”, a voz autoral ressalta a velocidade da ação negativa dos homens que, por um lado, ocorre em velocidade superior ao que se espera e que, por outro lado, sinaliza a tendência deste grupo em suprimir reiteradamente a voz e o corpo das mulheres em suas ações de resistência e empoderamento. Também esse mesmo apontamento pode ser depreendido de P1 (“não é sobre vcs. nem tudo gira em torno de vcs”), P5 (“não é sobre vocês E sobre mulheres”), e P6 (“stop homens postando foto de vestido”). Já P2 parece compreender essa problemática (“Realmente, homem não devia postar foto com a hashtag”) e a condicional de P4 (“a não ser que você faça uma drag”) também aponta para a perspectiva de que homens, ao utilizarem M₁¹ estão ocupando um espaço que não os pertence. Ainda em P7, em “omi só faz Imice meixmo ne”, a usuária aponta para um comportamento essencialmente masculino, trazendo um outro discurso marcado para seu texto “omi só faz Imice”, criando uma consonância de discursos, ao concordar utilizando o advérbio “mexmo”.

Em P1, ao utilizar as negativas “não” e “nem”, a usuária aponta para um discurso que, de modo geral, estipula que os homens pensam que tudo é sobre eles e tudo gira em torno deles; com essa referência a este discurso, as negativas demonstram uma resistência a esta ideologia que submete e oprime mulheres de modo a apagar sua participação na campanha. Já em P2, por outro lado, trata-se de um homem se utilizando de um discurso assimilado do feminismo, corroborando para a construção de um ethos progressista, tal qual

⁸ Tiopês, grosso modo, é a forma de “escrever errado” propositalmente, tipicamente utilizado na internet.

apontamos anteriormente. Assim é possível depreender que a assimilação ocorre por conta de uma construção em face ao mundo, uma vez que a partir disso se demonstra que, apesar de ser homem, não corrobora com o discurso hegemônico, machista, afastando-se do homem prototípico.

O usuário de P4 coloca uma condicional ao fato de homens participarem da campanha: “a não ser que você faça uma drag” representa a constituição do feminino como algo cabível dentro desta campanha; é legítimo participar apenas se a caracterização enquanto mulher for feita de modo espontâneo no cotidiano, ao invés de se vestir na tentativa de construir uma imagem pública que tenha por intenção contrapor o discurso hegemônico da revista; em outras palavras, nesse caso P4 demonstra que “fazer uma drag” seria uma expressão de M_1 , uma vez que já se estabeleceu a desconstrução do gênero prototípico em quem “faz uma drag”, obtendo, portanto, um *status* de mulher apontado por esta ressalva. Por fim, em P6 há um comando direto que visa a bloquear explicitamente a produção de M_1 ¹, utilizando uma variação lexical por meio de “stop” comum nas redes sociais; este termo é utilizado não só para designar uma ação bloqueadora qualquer, mas tipicamente concebido em textos que criticam alguma forma de opressão ou de atitudes típicas de quem não se esperava, “homice”, por assim dizer, por exemplo.

Todas as ocorrências que recortamos visam à tentativa de bloqueio da variação de M_1 , seja pela crítica direta aos homens que se dispuseram a participar da campanha, seja reconhecendo a problemática de sua participação como sujeito que desconstrói a ideologia de F por meio de si e daquilo que dele se espera.

Considerações Finais

Este artigo apresentou uma análise experimental das cadeias discursivas que possuem o gênero Meme como ponto principal. Apesar de ser parte de uma dissertação de mestrado em andamento, algumas importantes contribuições já podem ser elencadas a partir de sua análise. A primeira delas diz respeito à forma com que os grupos identitários da *internet* articulam e mobilizam seus discursos de modo a garantir o empoderamento de suas causas. Nesse sentido, vale ressaltar as noções de pertencimento que vez ou outra geram ruídos às campanhas que, como no caso de “Bela, Recatada e do Lar”, visam à contraposição de determinado ponto de vista ideológico.

Embora se trate de uma análise amostral, com número reduzido de exemplos, pudemos avançar em algumas questões que serão importantes para os estudos discursivos nos meios digitais. Ao tratarmos de questões polêmicas que envolvem noções ideológicas muito marcantes, pudemos observar algumas estratégias de engajamento intertextual na rede de práticas, assim como alguns padrões linguísticos que se situam nessa rede.

Os dados apresentados também nos permitiram preparar um terreno para abordar outras questões sobre esta temática, tais como a linguagem tiopês na constituição deste gênero discursivo e os desdobramentos do “discurso politicamente correto da linguagem”. Além disso, também poderemos pensar

em nosso objeto numa rede de práticas mais ampla, por exemplo, as declarações feitas em apoio à participação de homens na campanha, de modo diretamente responsivo a P e como essas diversas declarações são constituídas nesta cadeia de gêneros.

Os dispositivos responsivos e dialógicos encontrados na análise ilustrativa que propomos neste artigo permitiu que compreendêssemos melhor as estratégias linguísticas utilizadas para referenciar-se aos enunciados anteriores, compondo, portanto, as especificidades desta cadeia de gêneros. Embora o recorte metodológico permita a compreensão de apenas um segmento da cadeia discursiva, sua consideração também será importante para observar outros nós desta cadeia.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. Gêneros do Discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1963]. p. 261-306.
- BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O Contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008 [1987].
- CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in Late Modernity: Rethinking Critical Discourse Analysis**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Critical Discourse Analysis: The Critical Study of Language**. 2ª ed. Harlow: Longman, 2010 [1995].
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.
- SHIFMAN, Limor. **Memes in a Digital Culture**. Cambridge, MA: The MITpress, 2013a.
- SHIFMAN, Limor. Memes in a digital world: Reconciling with a Conceptual Troublemaker. **Journal of Computer – Mediated Communication**, 2013b. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/>>. Acesso em 8/09/2016
- WODAK, Ruth. Do que trata a ACD – Um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos”. **Linguagem em (Dis)curso**. Trad. Débora de Carvalho Figueiredo. LemD. Tubarão v. 4, 2004, p. 223-243.

Anexos

Anexos 1: Publicação da Revista Veja

Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”

A quase primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice



Marcela, mulher do vice, Michel Temer: jantares românticos e apelidos carinhosos (Bruno Poletti/Folhapress)

Marcela Temer é uma mulher de sorte. Michel Temer, seu marido há treze anos, continua a lhe dar provas de que a paixão não arrefeceu com o tempo nem com a convulsão política que vive o país – e em cujo epicentro ele mesmo se encontra. Há cerca de oito meses, por exemplo, o vice-presidente, de 75 anos, levou Marcela, de 32, para jantar na sala especial do sofisticado, caro e badalado restaurante Antiquarius, em São Paulo. Blindada nas paredes, no teto e no chão para ser à prova de som e garantir os segredos dos muitos políticos que costumam reunir-se no local, a sala tem capacidade para acomodar trinta pessoas, mas foi esvaziada para receber apenas “Mar” e “Mi”, como são chamados em família. Lá, protegido por quatro seguranças (um na cozinha, um no toalete, um na entrada da sala e outro no salão principal do restaurante), o casal desfrutou algumas horas de jantar romântico sob um céu estrelado, graças ao teto retrátil do ambiente. Marcela se casou com Temer quando tinha 20 anos. O vice, então com 62, estava no quinto mandato como deputado federal e foi seu primeiro namorado.

Michelzinho, de 7 anos, cabelo tigelinha e uma bela janelinha no lugar que abrigará seus incisivos centrais, é o único filho do casal (Temer tem outros quatro de relacionamentos anteriores). No fim do ano passado, Marcela pensou que esperava o segundo filho, mas foi um alarme falso. “No final, eles acharam que não teria sido mesmo um bom momento para ela engravidar, dada a confusão no país”, conta tia Nina, irmã da mãe de Marcela. Ela se refez do sobressalto, mas não se resignou – ainda quer ter uma menininha. No Carnaval, Marcela planejou uns dias de sol e praia só com o marido e o filho e foi para a Riviera de São Lourenço, no Litoral Norte de São Paulo. Temer iria depois, mas, nos dias seguintes, o plano foi a pique: o vice ligou, dizendo que estava receoso de expor a família, devido aos ânimos acirrados no país. Pegou Marcela, Michelzinho, e todo mundo voltou para casa.

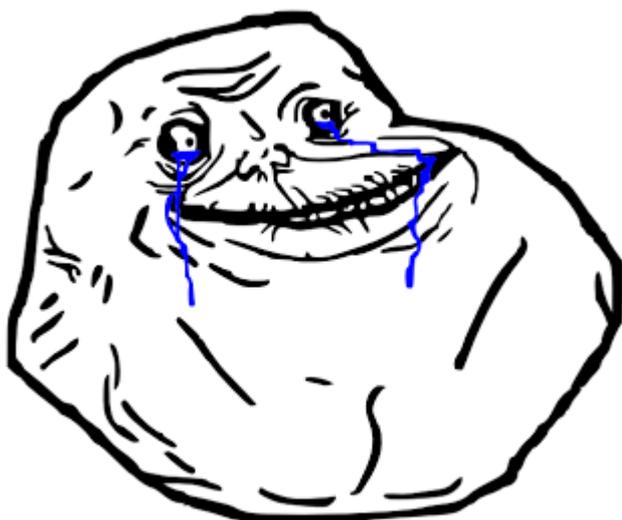
Bacharel em direito sem nunca ter exercido a profissão, Marcela comporta em seu *curriculum vitae* um curto período de trabalho como recepcionista e dois concursos de miss no interior de São Paulo (representando Campinas e Paulínia, esta sua cidade natal). Em ambos, ficou em segundo lugar. Marcela é uma vice-primeira-dama do lar. Seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa, em São Paulo, e um pouco dela mesma também (nas últimas três semanas, foi duas vezes à dermatologista tratar da pele).

Por algum tempo, frequentou o salão de beleza do cabeleireiro Marco Antonio de Biaggi, famoso pela clientela estrelada. Pedia luzes bem fininhas e era “educadíssima”, lembra o cabeleireiro. “Assim como faz a Athina Onassis quando vem ao meu salão, ela deixava os seguranças do lado de fora”, informa Biaggi. Na opinião do cabeleireiro, Marcela “tem tudo para se tornar a nossa Grace Kelly”. Para isso, falta só “deixar o cabelo preso”. Em todos esses anos de atuação política do marido, ela apareceu em público pouquíssimas vezes. “Marcela sempre chamou atenção pela beleza, mas sempre foi recatada”, diz sua irmã mais nova, Fernanda Tedeschi. “Ela gosta de vestidos até os joelhos e cores claras”, conta a estilista Martha Medeiros.

Marcela é o braço digital do vice. Está constantemente de olho nas redes sociais e mantém o marido informado sobre a temperatura ambiente. Um fica longe do outro a maior parte da semana, uma vez que Temer mora de segunda a quinta-feira no Palácio do Jaburu, em Brasília, e Marcela permanece em São Paulo, quase sempre na companhia da mãe. Sacudida, loiríssima e de olhos azuis, Norma Tedeschi acompanhou a filha adolescente em seu primeiro encontro com Temer. Amigos do vice contam que, ao fim de um dia extenuante de trabalho, é comum vê-lo tomar um vinho, fumar um charuto e “mergulhar num outro mundo” – o que ocorre, por exemplo, quando telefona para Marcela ou assiste a vídeos de Michelzinho, que ela manda pelo celular. Três anos atrás, Temer lançou o livro de poemas intitulado *Anônima Intimidade*. Um deles, na página 135, diz: “De vermelho / Flamejante / Labaredas de fogo / Olhos brilhantes / Que sorriem / Com lábios rubros / Incêndios / Tomam conta de mim / Minha mente / Minha alma / Tudo meu / Em brasas / Meu corpo / Incendiado / Consumido / Dissolvido / Finalmente / Restam cinzas / Que espalho na cama / Para dormir”.

Michel Temer é um homem de sorte.

Anexo 2: “Forever Alone”, uma das primeiras Lenny Faces



FOREVER ALONE

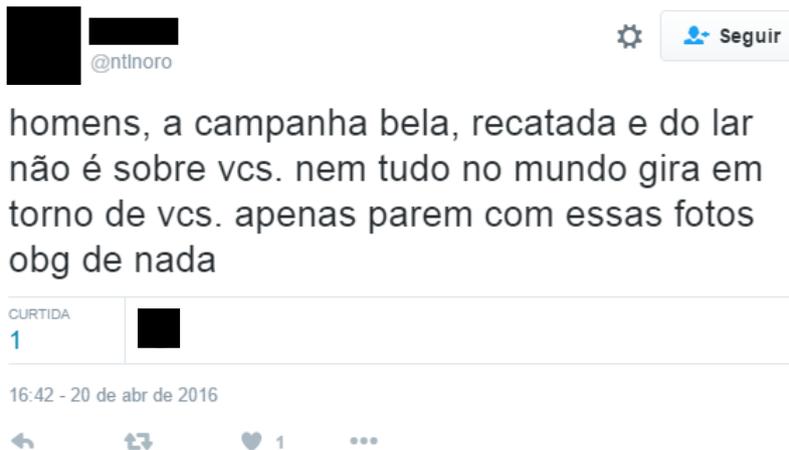
Anexo 3: “Bela, Recatada e Dólar”



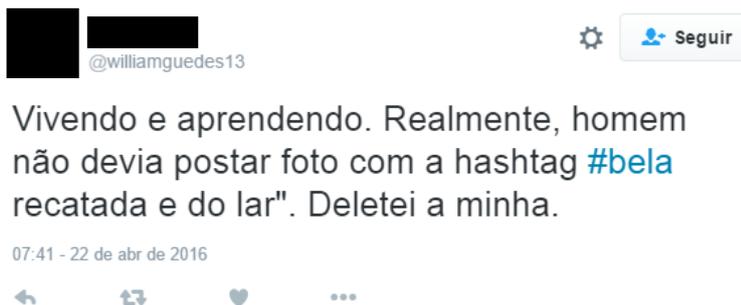
Anexo 4: “Belo, Recatado e do Lar”



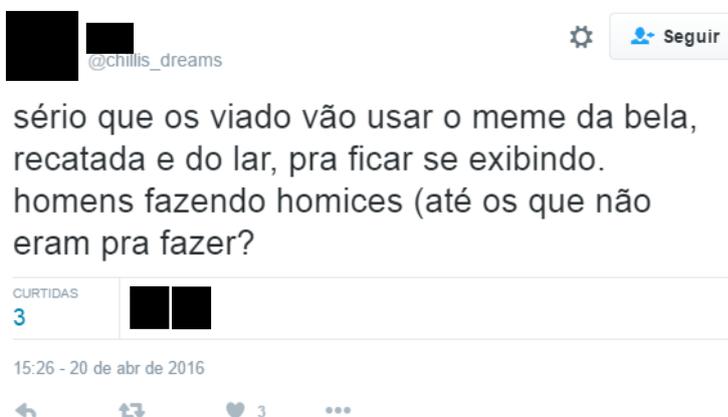
Anexo 5: Postagem do Twitter (P1)



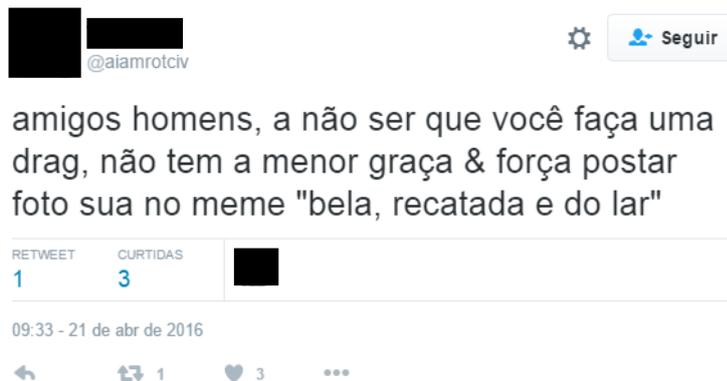
Anexo 6: Postagem no Twitter (P2)



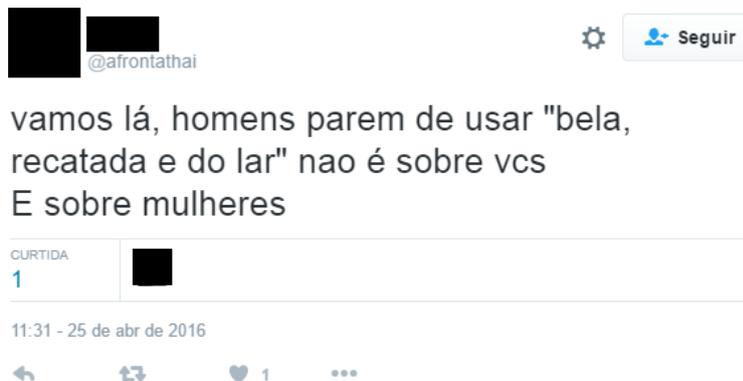
Anexo 7: Postagem no Twitter (P3)



Anexo 8: Postagem no Twitter (P4)



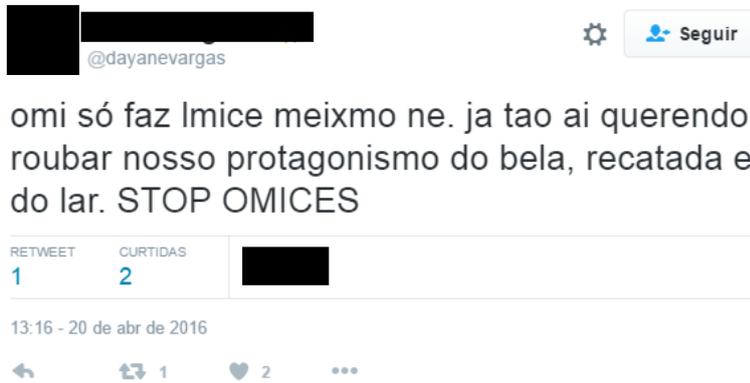
Anexo 9: Postagem no Twitter (P5)



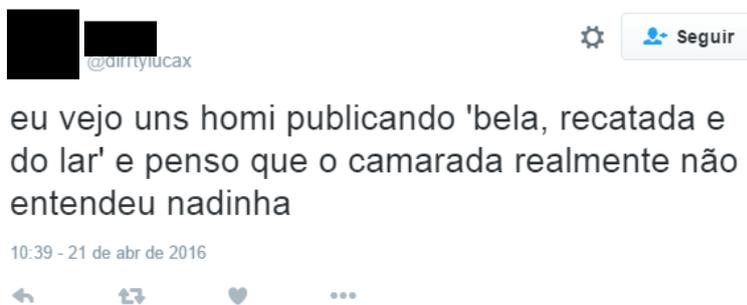
Anexo 10: Postagem no Twitter (P6)



Anexo 11: Postagem no Twitter (P7)



Anexo 12: Postagem no Twitter (P8)



As vozes verbais nos livros escolares: uma análise contrastiva entre as pesquisas de Ensino Superior e a realidade do Ensino Básico

Thabata Dias HAYNAL¹

Resumo: Neste artigo, analisaremos as chamadas “vozes verbais” em materiais didáticos voltados para o uso no Ensino Fundamental II e Médio. Baseando-nos nas considerações teóricas da linguística cognitivo-funcional, como Cunha; Oliveira e Martellota (2015) e Lemmens (1995, 1998, 1999, 2012), que concebem as vozes como fenômenos ligados à Ergatividade e à Transitividade, pretendemos diagnosticar pontos críticos responsáveis pela distância entre as habilidades trabalhadas na Educação Básica e o Ensino Superior. Ao longo do artigo, buscaremos, em primeiro lugar, evidenciar as dificuldades que a abordagem da Gramática Tradicional traz para o ensino das vozes, e de que maneira ela reflete no modo como o conteúdo é exposto e cobrado no ambiente escolar; em segundo lugar, ressaltar os esforços de alguns materiais para incorporarem a análise semântico-pragmática, imprescindível para a linguística contemporânea; e, em terceiro lugar, apresentar uma discussão inicial acerca de possíveis reformulações para que o conteúdo seja relevante para o real desenvolvimento do aluno em termos de produção e interpretação textual, o que perpassa o processo de conscientização sobre os efeitos dos usos gramaticais.

Palavras-chave: vozes verbais; ensino; materiais didáticos; transposição didática.

Introdução

Ao ingressar no curso de Letras da Universidade de São Paulo, percebi que havia um abismo entre as habilidades desenvolvidas na escola e as que eu realmente necessitava para poder realizar o curso. Linguística era um desafio não só para mim, mas também para os meus colegas, e, apesar das dificuldades, esse novo universo trazia consigo um fascínio difícil de compreender. Lembro de me perguntar diversas vezes: “por que gramática nunca foi ensinada assim?”. Ao começar a ministrar aulas, essa questão voltou à tona, mas, desta vez, orientada a uma postura mais ativa: buscar a mudança dessa realidade.

Além da distância teórica, perceber outro agravante foi essencial: o fato de que os professores pouco conseguem mudar a realidade escolar, não pela falta de interesse, mas por estarem dentro de um modelo de trabalho que não valoriza a docência e praticamente não oferece o apoio ou o tempo necessários para esse tipo de realização. Isso pode ser atestado, como veremos neste trabalho, pela dificuldade de encontrar um material de apoio que não esteja ligado aos preceitos da Gramática Normativa (GN), ou Gramática Tradicional (GT), que é praticamente onipresente no Ensino Básico.

Tal “onipresença” influencia não apenas o modo como o conteúdo é abordado, com um foco claramente morfossintático, mas também implica a comum desconsideração dos níveis semântico-pragmáticos de análise, cujo estudo prepararia, de fato, o aluno para as exigidas capacidades de gerar inferências e implicaturas, depreender efeitos de sentido e usar, de forma consciente, os recursos

¹ Graduanda em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, tendo desenvolvido pesquisa de Iniciação Científica sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Roberto Gonçalves Segundo. E-mail: thabata.haynal@gmail.com

gramaticais visando a efeitos retórico-persuasivos distintos. Os níveis semântico-pragmáticos de análise são imprescindíveis ao pensamento linguístico contemporâneo, especialmente se tomarmos como base o paradigma cognitivo-funcional, que busca articular forma e função em contextos reais de uso da língua.

Em vista disso, o conteúdo das chamadas “vozes verbais” ressalta como a atual abordagem não é eficiente para depreender os diversos sentidos possíveis e também evidencia o abismo teórico entre a realidade da Educação Básica e o desenvolvimento linguístico contemporâneo presente no Ensino Superior. Se considerarmos que a Educação Básica deveria, em tese, ser uma preparação para os próximos níveis de aprendizado e/ou para o mercado de trabalho, podemos ver que, entre essas duas realidades, não existe uma ponte que ligue o que os alunos aprendem no modelo normativo e o que eles precisam em termos de conhecimento gramatical e analítico para um bom desempenho produtivo e interpretativo.

Muitos conteúdos gramaticais estão desaparecendo dos livros escolares, e a própria gramática em si quase foi anulada como matéria escolar, recentemente – reflexos da ineficácia do atual modelo. Com relação às vozes verbais, a situação não é diferente. Neste trabalho, veremos como esse conteúdo é abordado pelos materiais escolares e, para tanto, selecionamos um conjunto de livros didáticos, gramáticas e apostilas de cursos pré-vestibulares², buscando compreender suas limitações, suas potencialidades, e apontar novos caminhos. Não é nosso objetivo, neste texto, apresentar uma nova proposta de ensino de vozes verbais que possa servir como fonte para a elaboração de materiais didáticos com os fins anteriormente mencionados – isso será realizado em etapa posterior desta pesquisa.

A respeito dos materiais, é importante ressaltar que as críticas e ressalvas que apontaremos se dirigem mais a coerções de um modelo de ensinar gramática do que à competência dos autores em si, em termos de conhecimento linguísticos, e orientam-se ao exame da forma pela qual os conteúdos são organizados, dispostos e fixados por meio de atividades.

O artigo está organizado da seguinte forma: na primeira seção, apresentaremos, sinteticamente, os pressupostos teóricos de uma abordagem cognitivo-funcional das vozes verbais, que busca articular a ênfase pragmática e textual funcionalista (ARÚS; LAVID; ZAMORANO-MANSILLA, 2010) ao potencial explicativo da Linguística Cognitiva (LANGACKER, 2008), no que tange à elaboração de hipóteses ligadas ao processo de conceptualização e de interpretação (CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2015); na segunda seção, esclareceremos os procedimentos metodológicos de pesquisa; na terceira parte, analisaremos criticamente os materiais didáticos considerando a localização do conteúdo, o modo como é explicado, sua tipologia e os modelos de exercício propostos, a partir do arcabouço cognitivo-funcional, em especial, dos processos de Ergatividade e Transitividade (LEMMENS, 1995, 1998, 1999, 2012), que estão intrinsecamente ligados às chamadas “vozes verbais”; por fim, a última seção do artigo trará as considerações finais sobre o que aqui será exposto.

² Os materiais de cursos pré-vestibulares foram incluídos neste levantamento de dados, pois eles são comumente utilizados em escolas particulares como material didático no Ensino Médio.

1. A perspectiva cognitivo-funcional

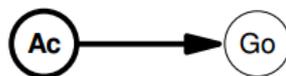
Para esta pesquisa, assumimos uma visão cognitivo-funcional da linguagem, que considera, portanto, as coerções de ordem tanto cognitiva e perceptual quanto sociocultural, interacional e textual para a compreensão da linguagem (CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTA, 2015). Nesse sentido, as considerações presentes nesta seção se alinham à visão dos fenômenos de Transitividade e Ergatividade apresentada em Lemmens (1995, 1998, 1999, 2012), Arús; Lavid e Zamorano-Mansilla (2010), Taylor e Yoshimura (2006) e Langacker (2008). Além disso, tomamos os trabalhos de Camacho (2003) e de Almeida (2003) para questões específicas do Português.

1.1 Transitividade, Ergatividade e Voz Média

A T(t)ransitividade é encarada na Linguística de duas maneiras: como um fenômeno de A para B, em que uma causa externa (A) afetaria uma entidade (B), em uma relação de afetador e afetado; ou como um fenômeno “sintático” que indica a necessidade ou não de um verbo ter seu sentido completado por um objeto. Em outros termos, vemos que o fenômeno pode ser analisado tanto em termos semântico-conceptuais, associando-se à causalidade, quanto em termos morfossintáticos ou valenciais. Neste trabalho, quando nos reportarmos à Transitividade com letra maiúscula, estaremos nos referindo a construções baseadas em causalidade externa, opondo-nos ao fenômeno da Ergatividade, associado à construção da causalidade interna. Quando transitividade vier redigida com letra minúscula, estaremos tratando da questão valencial, e, nesses casos, o termo se opõe a intransitividade.

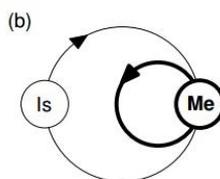
Lemmens (1999) adota esquemas visuais, de base cognitivista, para o tratamento dos paradigmas Transitivo e Ergativo, a partir de categorias oriundas majoritariamente da abordagem sistêmico-funcional (HALLIDAY, 2004), conforme observamos nas figuras 1 e 2.

Figura 1. Paradigma Transitivo por Lemmens (1999, p. 4)



No paradigma Transitivo, o foco está em torno do Agente da ação verbal que será direcionada a um Afetado “inerte”. Nas palavras de Lemmens (1999), essa ação está imbuída de uma volitividade prototípica, ou seja, de uma vontade consciente de realizá-la. Dessa maneira, o esquema é direcionado para a direita, estendendo-se de um Ator (Ac; *Actor*, em inglês) para uma Meta (Go; *Goal*, em inglês) por meio do processo estabelecido pelo verbo. O paradigma Transitivo abrange os fenômenos das vozes atualmente adotados no Ensino Escolar: a voz ativa, a passiva, e mesmo a reflexiva são consideradas processos Transitivos, pois são geradas causativamente por um processo externo ao Afetado.

Figura 2. Paradigma Ergativo por Lemmens (1999, p. 4)



Já no paradigma Ergativo, o foco da oração está no Afetado. Lemmens (1999) argumenta que esse processo é marcado por uma independência conceitual, na qual a construção pode ser originada a partir de um único participante, que é afetado. No entanto, ao contrário do processo Transitivo no qual há volitividade e controle, neste caso é pressuposta uma espontaneidade prototípica que diminui a responsabilidade da ação; trata-se de uma mudança interna à entidade focalizada. O processo é gerado internamente no Afetado, não havendo necessariamente uma intenção. No esquema da Figura 2, a construção Ergativa depende do constituinte Mediador (Me; *Medium*, em inglês), que representa “a entidade que é afetada e também participante do evento” (LEMMENS, 1999, p. 4). Há também um outro participante possível, o Instigador (Is; *Instigator*, em inglês), que não é o Agente, mas que pode dar início à ação, sendo um possível estímulo a ela, como na oração “João se assustou com a galinha”, na qual “a galinha” é o Instigador.

A Ergatividade é um fenômeno composto, tipicamente, pela medialidade e pela inacusatividade em línguas como o Português, que apresentam construções ligadas a ambos os paradigmas. Suas diferenças são sutis e constituem objeto de pesquisa importante para a Linguística, conforme observamos em Taylor e Yoshimura (2006). Em termos de proposta para o Ensino Básico, cremos ser mais relevante ressaltar a obscurecida relação de causalidade interna; nesse sentido, consideramos mais eficiente ofuscar tais particularidades, propondo uma única voz para abordar esse complexo: a voz média.

Para exemplificar esses paradigmas, tendo como base os estudos de Camacho (2003), que defende a existência da voz média em contraposição à reflexiva, propomos as seguintes orações:

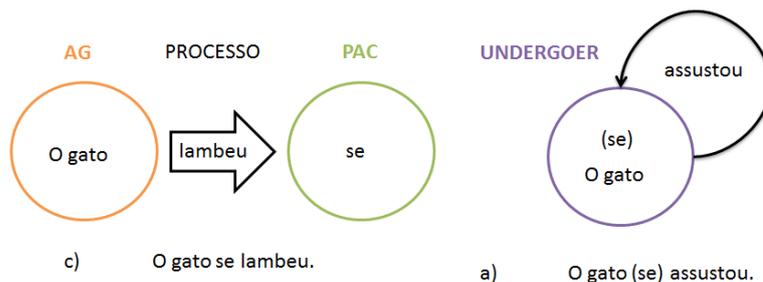
- a) O gato (se) assustou.
- b) O gato assustou.
- c) O gato se lambeu.
- d) O gato lambeu.

As orações acima instanciam fenômenos que se parecem em estrutura, mas diferem consideravelmente nos níveis semânticos e conceituais. Tanto *a* quanto *c* são classificadas pela Gramática Tradicional como reflexivas. Porém, dentro do escopo da nossa linha de pesquisa, *a* seria classificada como um caso de voz média. A ação, tanto em *a* quanto em *c*, recai sobre o referente expresso pelo sujeito; porém, *a* permite a omissão do pronome “se” sem alteração de sentido, como representado no exemplo *b*, ao passo que *c* não permite tal exclusão com manutenção de sentido, como podemos observar no exemplo *d*.

A ação em *a* é considerada Ergativa, uma vez que o sujeito “O gato” é conceptualizado como uma entidade capaz de passar por uma mudança interna de estado psíquico, sobre a qual tem algum grau de

responsabilidade, mas baixo grau de intenção, sofrendo, assim, uma mudança interna. Tal especificidade é o que permite a omissão do pronome “se”, fator que é considerado índice para o processo de medialização da construção. Já *c* é classificada como Transitiva, pois representa uma situação de causalidade externa, que requisita um sujeito agentivo volitivo que age sobre um Afetado, ainda que este afetado seja ele mesmo. A omissão do “se”, no caso, impede a leitura correferencial entre sujeito e objeto e, por conseguinte, a leitura de reflexividade – parecendo faltar o Afetado. Essas relações estão representadas na figura 3.

Figura 3. Paradigma Transitivo e Ergativo com exemplificações



Dessa maneira, por *a* e *b* apresentarem o mesmo significado, elas têm o clítico medializador “se” entre parênteses, uma vez que sua presença não muda a relação Ergativa, pois é uma estrutura que caminha para a facultatividade. Assim, *a* e *b* podem ser trabalhados no ambiente escolar como voz média, e o clítico seria chamado de “pronome medial”, correspondendo à categoria de voz à qual pertence, visando a precisar a classificação.

A oração expressa em *c*, por sua vez, retrata um processo Transitivo e é classificada como exemplar de voz reflexiva, categoria já tratada no ambiente escolar. A ação acontece de A para B e o pronome “se” representa o objeto sobre o qual recai a ação de “lamber”, podendo ser substituído por outros pronomes sem alterar a relação de Transitividade. Como já dissemos, ao observarmos o exemplo *d*, vemos que a relação entre *c* e *d* não é a mesma estabelecida entre *a* e *b*, uma vez que a ausência do pronome reflexivo em *d* produz um significado diverso do presente em *c*; além disso, a oração *d* apresenta outra classificação quanto à necessidade de complemento: é transitiva direta, pois pressupõe um objeto direto – no caso, provavelmente elíptico, citado em momento anterior do fluxo discursivo.

Outra observação a respeito dessa exemplificação refere-se às perguntas que podemos fazer para cada termo da oração. As orações Transitivas (dentre elas, as reflexivas) permitem a pergunta “O que X fez com Y?” (lembrando que Y pode ser o próprio X), enquanto as orações Ergativas (voz média, no nosso caso) só permitem questionar “O que aconteceu com X?”. Essas perguntas auxiliam a compreensão da diferença entre as relações Ergativas e Transitivas, de acordo com os conceitos anteriormente elaborados.

A inserção de estruturas Ergativas e Médias nas línguas tipicamente transitivas parece estar associada à depreensão cognitiva que fazemos da evolução tecnológica, conforme defende Lemmens (1995). A possibilidade de portas abrirem sozinhas, televisões desligarem sozinhas, arquivos deletarem sozinhas etc.

abriu o leque de interpretação e produção discursiva, com orações desse tipo ganhando cada vez mais espaço. As figuras 4 e 5 trazem exemplos de como essas relações de espontaneidade ultrapassaram mesmo a ligação entre produtos tecnológicos e se expandiram para outras relações.

Figuras 4 e 5. Exemplos da utilização da voz média



Nesses casos, a utilização da voz média atua para eximir a culpa dos realizadores da ação, já que árvores não desmaiam e almofadas não costumam explodir espontaneamente, criando, com isso, um efeito cômico quando aliada ao contexto. Há, na escolha por essas produções, um caráter estratégico, em que a voz é selecionada visando a um fim discursivo. Em uma abordagem semântico-pragmática, essas imagens poderiam ser utilizadas em um exercício que aliasse a identificação da voz escolhida com o contexto no qual ela está inserida e analisasse as implicações de sentido e os objetivos pretendidos com tais construções. É importante ressaltar que essas orações só fariam sentido dentro desse contexto específico, o que traz o conceito de ancoragem textual e a necessidade da contextualização para a compreensão e correta interpretação do fenômeno.

Isso posto, passamos à exposição dos procedimentos metodológicos deste trabalho e à avaliação crítica dos materiais didáticos.

2. Procedimentos metodológicos

Nesta etapa da pesquisa, realizamos a análise de materiais didáticos desenvolvidos para os Ensinos Fundamental II e Médio, com destaque às coleções de Abaurre, Abaurre e Pontara (2012) e Cereja e Magalhães (2008) – referências no ensino de língua portuguesa –, às gramáticas escolares de Paschoalin e Spadoto (2008) e Sarmiento (2005), e às apostilas de cursos pré-vestibulares desenvolvidas para uso didático no Ensino Médio, das coleções Anglo - livro texto 1 e 2 (2005), além dos cadernos de exercícios Kapa (2016), Objetivo (s. ref.) e Poliedro (s. ref.). O levantamento de livros utilizados foi feito apenas em escolas particulares; todavia, há livros que estão dentro das diretrizes do guia do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que podem ser utilizados em ambos os ambientes – escolas particulares e escolas públicas.

A avaliação crítica da abordagem das vozes verbais considerará a localização do conteúdo, o modo como é explicado, sua tipologia e os modelos de exercício propostos, tendo como base a discussão realizada na seção anterior. Objetivaremos verificar a natureza da discrepância existente entre o que se investiga na Linguística em relação ao funcionamento do Português Brasileiro e o que é efetivamente ensinado na escola. Consideramos que o ensino de gramática deve adotar uma ancoragem textual, que alie a análise sintática à análise semântico-pragmática, orientada para a conscientização sobre o uso de recursos gramaticais visando a uma interpretação e produção de textos mais crítica.

3. Os materiais didáticos

Durante o levantamento dos materiais didáticos, algumas questões foram consideradas primordiais. Ao longo desta seção, buscaremos apontá-las e analisá-las brevemente, e indicar quais são seus pontos mais delicados e que, portanto, necessitariam de uma revisão dentro do ensino de língua portuguesa.

3.1 Onde se encontram as vozes verbais nos materiais escolares

Independentemente do material analisado, o primeiro ponto digno de nota é que as vozes verbais, apesar de caracterizarem um fenômeno sintático-semântico, de base conceptual, estão inseridas no conjunto de temas associados à morfologia, ligadas aos verbos e, muitas vezes, sob o título de “Flexões Verbais” ou “Flexões de Voz”, como podemos observar nas figuras 6 e 7. Essa disposição terá repercussão no ensino do conteúdo de vozes verbais e caracteriza uma das principais divergências entre as correntes linguísticas apresentadas e o que é observado nos materiais³.

Figuras 6 e 7. Sumários: Abaurre, Abaurre e Pontara (2012, p. 170) e Paschoalin e Spadoto (2008, p. 8)

Capítulo 17	
Verbo I 272	
Definição e estrutura	272
Funções sintáticas	273
A estrutura interna das formas verbais	273
Flexões verbais	275
As formas nominais	286
Os paradigmas das conjugações verbais	290
Classificação dos verbos	291
Formação dos tempos simples	292
As três conjugações regulares: tempos simples	296
▶ Usos dos tempos verbais	302

Formas nominais do verbo	110
Tempos compostos	111
Flexões de voz	113
Ativa	113
Passiva	113
Reflexiva	113
Locução verbal	113
Formas rizotônicas e arrizotônicas	114
Exercícios	114
Tempos primitivos e tempos derivados	115
Exercícios	117
Classificação dos verbos	119
Verbos regulares	121
	121

Essa disposição não corresponde ao fenômeno das vozes verbais de acordo com a Linguística Cognitivo-Funcional, nem com as próprias considerações teóricas presentes tanto no livro quanto na

³ Na apostila “Caderno 1 – Teoria” da coleção Objetivo, que deveria conter explicações teóricas sobre os conteúdos de português, não havia sequer paginação para os conteúdos gramaticais, fato que nos chamou a atenção.

gramática da qual os sumários foram extraídos. Sendo assim, não existe um motivo específico para que as vozes estejam junto a fenômenos morfológicos senão por uma tradição dentro desses materiais.

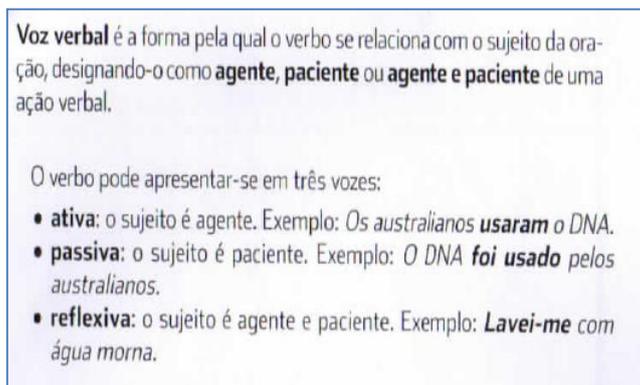
Talvez esse processo tenha se iniciado pela dificuldade de classificar as diferenças de produção oracional sem o apoio de uma teoria que as ligasse a um fenômeno exclusivamente morfossintático, e, como a análise de orações ativas, passivas e reflexivas não é realizada de acordo com a análise sintática tradicional – ou seja, com a identificação exclusiva de sujeito, verbo, objeto e “termos auxiliares” –, o foco no verbo é até compreensível: há uma alteração muito mais fácil de ser explicada e focalizada através da morfologia, com a presença, ausência ou inversão de ordem de estruturas e a manipulação da forma verbal com acréscimo de auxiliar e participio.

No entanto, considerando ainda o paradigma normativo, faria muito mais sentido se o conteúdo estivesse inserido na seção de sintaxe, uma vez que traz relações específicas entre os termos da oração. Na nossa perspectiva, contudo, tal conteúdo requisitaria um espaço especial: o da articulação entre o morfossintático e o semântico-pragmático, conforme expusemos anteriormente.

3.2 O que são as vozes verbais?

Nos materiais coletados, as explicações acerca das vozes estão diretamente relacionadas às formas verbais que as constituem, por isso são classificadas como “vozes verbais” ou “vozes do verbo”; a escolha por esse enfoque se refletirá tanto nas considerações teóricas quanto nas exemplificações e nos exercícios propostos.

Figura 8. Definição de voz verbal por Sarmento (2005, p. 256)



Na figura 8, temos a definição de voz verbal proposta por Sarmento (2005). Apesar de o conteúdo estar ligado ao processo de composição verbal e dentro de uma seção de morfologia, a explicação acima, muito similar à verificada nos demais materiais analisados, prevê uma associação entre o sujeito da oração (fenômeno sintático) e os papéis temáticos (agente, paciente) assumidos por ele quanto à ação verbal. Podemos perceber, assim, que, de fato, há uma incongruência quanto ao lugar que esse conteúdo deve ocupar dentro dos livros e das gramáticas escolares.

Abaixo estão selecionadas outras descrições que aparecem nos materiais selecionados:

Algumas ações verbais permitem estruturas com diferentes atuações do sujeito. São os casos em que o verbo sofre *flexão verbal*. **Voz verbal** é, então, a indicação de como o *sujeito* atua em alguns tipos de ações expressas pelo verbo (PASCHOALIN; SPADOTO, 2008, p. 113).

A voz do verbo indica o tipo de relação que o sujeito mantém com o verbo. São três as vozes verbais: [...] (CEREJA, 2008, p. 167).

Além das variações de tempo, modo, pessoa e número, existem variações nas formas verbais que podem expressar outras duas noções importantes, a de voz verbal e a de aspecto verbal. Conheceremos melhor essas variações a seguir. [...] A **voz verbal** indica a relação que se estabelece entre o verbo e o seu sujeito sintático. Existem três vozes verbais: [...] (ABAURRE, ABAURRE; PONTARA, 2012, p. 284).

Dessa maneira, podemos observar que é recorrente dentro dos materiais uma definição que, apesar de estar diretamente ligada ao verbo no conceito morfológico, mistura-se com conceitos sintáticos e semânticos, uma vez que a voz é caracterizada a partir da relação do sujeito (sintático) com o verbo (morfosintático) e o papel daquele frente a este (semântico). Também é discutível se a variação na voz verbal possa ser inserida em um paradigma flexional, como o de tempo, modo, pessoa e número, havendo materiais que tanto assumem quanto omitem tal categorização. Essas definições confusas apresentam um desafio para quem quiser desvendar o que precisa apreender de tais explicações, e talvez essa dificuldade esteja se refletindo na maneira como o conteúdo aparece nos livros: em geral, focado em questões de transposição de uma voz para outra, como veremos adiante.

3.3 Quais são as vozes verbais abordadas?

Em geral, os materiais que compõem o *corpus* deste estudo costumam apresentar apenas três tipos de “vozes verbais”: a ativa, a passiva e a reflexiva. Alguns deles, contudo, abordam os tipos de voz passiva dividindo-as em analítica e sintética, como o fazem Abaurre, Abaurre e Pontara (2012), Cereja e Magalhães (2008) e a Coleção Objetivo (s. ref.). Outros, como Paschoalin e Spadoto (2008), apresentam a voz reflexiva recíproca como um subtipo de reflexiva. Sarmento (2005), por sua vez, traz todos os tipos e subtipos mencionados e parece o material mais completo; entretanto, dedica uma extensa explicação aos tipos de conjugação verbal que “formarão” as vozes, o que sinaliza sua vinculação à proposta de base morfológica. Sendo assim, quanto à tipologia, não há consenso: alguns materiais trazem todo o rol Transitivo – nunca o Ergativo; em outros, aparecem apenas algumas vozes, com variadas distribuições. Além disso, é também bem variado o espaço dedicado à explicação e à fixação do tema, sem haver explicações sobre a motivação dessas escolhas; em alguns casos, a importância de tal objeto de estudo se torna bastante questionável devido à brevidade da exposição.

Selecionamos os materiais que destinaram mais espaço às vozes verbais para a análise do conteúdo abordado, uma vez que pouco diferem dos demais senão com relação à extensão da explicação desse fenômeno.

Figura 9. Definição de voz ativa por Abaurre, Abaurre e Pontara (2012, p. 284)

Voz ativa

Diz-se que o verbo está na voz ativa quando o processo verbal é visto como ação, atividade ou estado que, no enunciado, origina-se no **sujeito sintático**. Observe os seguintes exemplos:

Os nômades atravessam o deserto montados em seus camelos.

O sol brilha no céu.

O rio serpenteia pela floresta.

As crianças dormem cedo.

Os livros ensinam muitas lições.

Na definição de voz ativa observada na figura 9, depreendemos, novamente, a mistura entre morfologia e sintaxe durante a exposição do conteúdo. É interessante observar que, de acordo com essa explicação, não é a oração que está ativa ou passiva, mas o verbo em si. Na exemplificação, temos apenas orações soltas, provavelmente criadas apenas para este fim, sem uma análise dos sentidos implicados em cada escolha e nas quais apenas o sujeito aparece destacado em verde (de acordo com o enunciado da explicação) e os verbos aparecem sublinhados; ou seja, estão em destaque apenas os termos explicados como participantes do processo. Quanto aos outros termos da oração, como não há ligação ou consideração com o conteúdo, parecem apenas acessórios para criar uma unidade de sentido que poderia ser qualquer outra. Cabe destacar ainda que, apesar de a explicação mencionar *estado*, não há um exemplo sequer que trate desse tipo verbal, que é, de fato, desafiador para a análise de vozes verbais⁴.

No modelo de análise sintática proposto pela Gramática Tradicional, o sujeito costuma ficar isolado do predicado e, portanto, intocado durante a análise, podendo apenas ser classificado; nesse âmbito de análise, o predicado, composto pelos verbos, seus “complementos” e acessórios adverbiais, recebe praticamente toda a atenção. É curioso notar que, nesse caso, ocorre o oposto.

Esse tipo de exemplificação difere do que a abordagem cognitivo-funcional pondera sobre a importância da ancoragem textual, além de não trabalhar as demais características sintático-semântico-pragmáticas que auxiliariam no desenvolvimento de habilidades para exercícios de interpretação textual.

Figura 10. Definição de voz passiva analítica por Abaurre, Abaurre e Pontara (2012, p. 284)

Voz passiva analítica

A voz passiva analítica é expressa através de uma locução verbal formada pelo verbo *ser* + *Participio passado* do verbo principal. Observe.

DAVIS, Jim. *Garfield: toneladas de diversão*. Porto Alegre: L&PM, 2006. p. 102.

⁴ Por questão de espaço e de foco, não entraremos nessa discussão neste artigo.

Na explicação da voz passiva analítica ilustrada pela figura 10, o livro traz uma tirinha do Garfield na qual o personagem principal produz a oração na voz passiva, analisada da seguinte maneira:

No primeiro quadrinho, a conclusão de Garfield vem expressa por meio de uma voz passiva: “...os gatos sempre acabam sendo salvos.”. Observe que uma outra maneira de dizer a mesma coisa seria utilizar a voz ativa: “... alguém sempre acaba salvando os gatos”.

A opção pela voz passiva faz com que o sujeito sintático (os gatos) ganhe destaque na construção e, nesse caso, torna desnecessária a explicitação do agente da ação verbal, pois o que Garfield pretende dizer é que os gatos, por serem especiais, sempre são salvos (ABAURRE, ABAURRE; PONTARA, 2012, p. 285).

A explicação sobre a tirinha apresenta a noção de que o fenômeno de “voz” está relacionado à atenção: quem está em foco da ação verbal. Segundo Langacker (2008), o sujeito sintático é uma posição de forte destaque; além disso, a posição inicial, usualmente o sujeito, é temática, ou seja, está intrinsecamente ligada à atenção. Esse acréscimo interpretativo é um passo rumo a considerações pragmáticas dentro dos materiais escolares e mostra que existem tentativas de aproximar as habilidades desenvolvidas nos conteúdos escolares aos estudos linguísticos.

Notamos também que, para explicar a voz passiva, é utilizada a comparação com a voz ativa, tomando como base a possibilidade de transformação de uma para outra sob a condição – de difícil constatação – de manutenção de sentido: “outra maneira de dizer a mesma coisa”. Nesse ponto, parece haver um equívoco, uma vez que o exemplo “alguém sempre acaba salvando os gatos” não equivale nem semântica nem pragmaticamente à oração da tirinha. Em termos do fio textual, a explicação também não procede, pois o tema da tirinha são os gatos e não os possíveis salvadores dos gatos. O referente em foco são os felinos.

Ainda a esse respeito, vemos que não há, de fato, uma reflexão sobre o tema e as implicações de sentido que a opção pela voz passiva cria na tirinha. Esses pontos nos levam à percepção de que o quadrinho está sendo usado apenas como pretexto, apesar de muito interessante e de ser um recurso atual que despertaria a atenção dos alunos, podendo ser uma excelente ferramenta de discussão.

Figura 11. Definição: voz passiva pronominal ou sintética por Abaurre, Abaurre e Pontara (2012, p. 285)

Voz passiva pronominal ou sintética

A voz passiva pronominal, também denominada voz passiva sintética, é formada pelo acréscimo do pronome pessoal *se*, na função de partícula apassivadora, a uma forma verbal de 3ª pessoa. Veja a tira abaixo.

A LEGIÃO

Bill Rechin & Don Wilder

©2003 by North America Syndicate, Inc. World rights reserved.

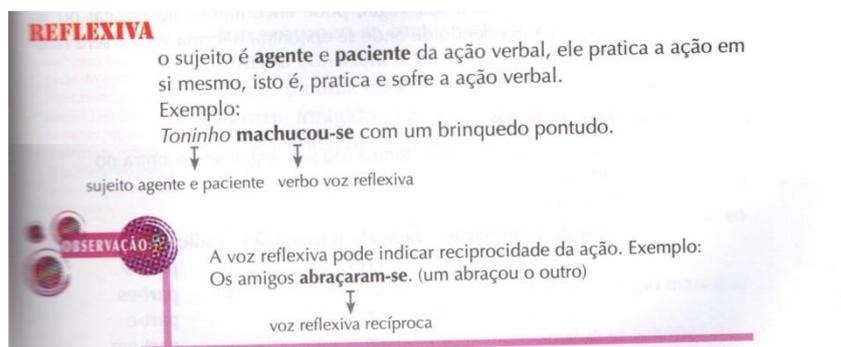
RECHIN, Bill & WILDER, Don. A Legião. *Jornal da Tarde*. São Paulo, 21 dez. 2003.

Quanto à voz passiva que o próprio livro chama de “pronominal”, há outra dificuldade ligada à explicação: ela não é formada por um pronome, mas por uma “partícula apassivadora” acompanhada de um verbo conjugado na 3ª pessoa. Além disso, observamos que há pouca reflexão sobre as diferenças existentes entre as passivas, e sua explicação está reduzida a uma simples questão de como são formadas. É possível acrescentar também que, na explicação oferecida sobre a tirinha, exposta na sequência, não há uma reflexão crítico-social relevante acerca da questão dos gêneros sociais, que poderia também se pautar no estudo das vozes, pensando no papel que os recursos gramaticais – sejam quais forem – exercem sobre a manutenção e/ou contestação ideológica. Vejamos que a explicação coloca o papel da voz passiva sintética em segundo plano, não discutindo seus efeitos de sentido nem as diferenças que poderiam advir do uso de suas alternativas paradigmáticas:

Após a “ameaça” feita por uma mulher pouco atraente (“Eis o que terão quando se casarem, rapazes”), um dos soldados da legião faz uso da voz passiva pronominal para informar: “Senhor,... onde se realizam (= são realizados) os casamentos!”. O humor da tira é criado pela sugestão de que, amedrontados pela fala da mulher, os soldados resolveram eliminar a possibilidade de casamentos futuros, incendiando o cartório (ABAURRE, ABAURRE; PONTARA, 2012, p. 285).

Por fim, vejamos a explicação referente aos casos de reflexividade:

Figura 12. Definição de voz reflexiva e reflexiva recíproca por Paschoalin e Spadoto (2008, p. 113)



Com relação à exemplificação, e retomando a discussão feita na seção 1 deste artigo, o verbo “machucar-se” traz um fenômeno Ergativo; machucar-se é uma ação sem controle do sujeito e, portanto, se encaixaria melhor na classificação de voz média. Quanto ao foco da exemplificação, ele está apenas na identificação das vozes, não havendo um trabalho de conscientização crítica sobre seus usos.

Além disso, vemos, neste material, que a voz reflexiva é explicada por meio de papéis temáticos (semânticos) de Agente e Paciente em concomitância com os conceitos sintáticos e morfológicos, o que é, em si, positivo, pois apresenta uma tentativa de trabalhar os conceitos semânticos essenciais para a busca de propostas mais condizentes com as formulações da Linguística contemporânea⁵.

⁵ Na explicação em questão, embora sejam um aspecto secundário, as noções de função sintática e de referente parecem estar fundidas, o que representa um problema em termos semânticos e enunciativos. Não é o sujeito que cumpre os papéis de Agente e Paciente da ação, mas o “referente” Toninho, a quem o sujeito substantivo e o pronome medializador se referem. A propósito, é importante destacar que, no caso do verbo *machucar*, não parece possível omitir o clítico, o que talvez aponte para um estágio anterior de ergativização desse verbo.

Já a voz reflexiva recíproca aparece em um campo à parte, como uma “observação”, ou seja, algo que existe, é digno de nota, mas que não merece muita atenção. Todavia, o exemplo se mostra demasiado parecido com o dado em relação à voz passiva sintética da figura 11: a utilização da partícula “se” junto com um verbo conjugado em 3ª pessoa. Apesar de pertencerem a materiais diferentes, essa observação indica que ambas as explicações carecem de aprofundamento, embora seja claro que apenas uma delas evidencie reciprocidade de ação.

3.4 Qual o objetivo do aprendizado das vozes?

Dentre os materiais analisados, as apostilas de cursinho foram as mais claras com relação ao objetivo do aprendizado desse conteúdo.

Figura 13. Voz passiva analítica pela apostila da Coleção Objetivo (s/ref., p. 20)

FICHA 11 PORTUGUÊS Gramática Voz Passiva Analítica

A voz passiva pode apresentar-se construída de duas maneiras: analítica e sintética.

VOZ PASSIVA ANALÍTICA
É construída com um verbo auxiliar (*ser, estar, ficar*) seguido de **particípio** do verbo em construção. Pode também ser chamada de passiva participial, ou simplesmente passiva com verbo auxiliar.

Exemplos
O soro antiofídico foi descoberto por Vital Brasil.
O “inferninho” foi fechado pela polícia.
Os ladrões ficaram cercados pelos policiais.
O preso ia escutado pelos soldados.
O convite tinha sido enviado ao ministro pelo secretário.
Os troféus tinham sido entregues aos vencedores pelos organizadores da competição.

AGENTE DA PASSIVA
É o termo que, na voz passiva, pratica a ação verbal. Ocorre sempre regido de preposição *por, de*.

Exemplos
O cofre foi arrombado por peritos.
As plumas foram levadas pelo vento.
Toda esta terra é habitada de índios.
Sou amado de meus pais.
Por quem foi ele agredido?

• Só há voz passiva com **verbos transitivos diretos e transitivos indiretos**.

Na voz ativa, a atividade verbal parte do sujeito e se dirige para o objeto: *O Papa visitou a África*. Na voz passiva, a atividade verbal é recebida pelo sujeito e parte do **agente da passiva**: *África foi visitada pelo Papa*.

CONVERSÃO DA VOZ ATIVA EM VOZ PASSIVA ANALÍTICA
Na transformação da voz ativa em passiva analítica, deve-se observar o seguinte:

- o sujeito da ativa passa a funcionar como agente da passiva;
- o objeto direto da ativa passa a funcionar como Sujeito da passiva;
- o predicativo do objeto direto da ativa passa a funcionar como predicativo do sujeito da passiva;

Exemplos

- os verbos auxiliares da passiva (*ser, estar, ficar*) ficam no mesmo modo e tempo do verbo da ativa;
- o verbo da ativa passa para o particípio na passiva.

Exemplos

- *A empregada doméstica atendeu o pedido da patroa.* (Ativa)
 (Sujeito) → (O.D.)
 (Ag. da Passiva) → (Sujeito)
 – *O pedido da patroa foi atendido pela empregada doméstica.* (Passiva)
- *O professor inteligente explicou aos alunos a solução do problema.*
 – *A solução do problema foi explicada aos alunos pelo professor inteligente.*
- *A dona-de-casa tinha comprado muitas frutas.*
 – *Muitas frutas tinham sido compradas pela dona-de-casa.*

A imagem acima é de uma “ficha-resumo” presente em um livro complementar da Coleção Objetivo⁶. Nas explicações apresentadas, é relevante notar tanto a proporção que a seção de “conversão da voz ativa em voz passiva analítica” ocupa quanto a presença da explicação da classificação sintática conhecida na Gramática Tradicional como “agente da passiva”. No que concerne à explicação da voz em si, novamente a forma de composição verbal é o destaque, e não considerações acerca dos efeitos semântico-pragmáticos possíveis.

⁶ Esse é o material que não tinha paginação para conteúdo gramatical em seu livro principal de uso em classe.

Nesse sentido, o objetivo desse material é evidenciar o uso do verbo para a conversão de vozes ou para a análise sintática na qual seja necessária a classificação de “agente da passiva”, que também é um conceito questionável, pois o próprio nome destaca a necessidade de compreender o papel temático de agente dentro do âmbito sintático, sem nenhum aviso ou explicação prévia.

Figura 14. Transformação de voz ativa em passiva pela apostila da Coleção Anglo (2005, p. 145)

Transformação da voz ativa em passiva

Para transformar um verbo da voz ativa em verbo da voz passiva, procede-se assim:

- coloca-se o verbo da voz ativa no particípio;
- conjuga-se antes dele o verbo auxiliar (**ser**) no mesmo tempo e modo em que estava o verbo ativo;
- faz-se a concordância adequada com o sujeito da frase transformada.

EXEMPLOS:

Voz ativa:	Os sociólogos	recusa ram	os projetos.
Voz passiva:	Os projetos	for am recusa dos	pelos sociólogos.
Voz ativa:	Os sociólogos	recusa rão	os projetos.
Voz passiva:	Os projetos	se rão recusa dos	pelos sociólogos.

Quando o verbo ativo vem precedido de um verbo auxiliar, este não sofre transformação na passagem para a voz passiva (exceto a exigida pela concordância).

EXEMPLO:

Voz ativa:	Os técnicos	estão procurando	uma solução.
Voz passiva:	Uma solução	está sendo procurada	pelos técnicos.

Novamente, encontramos a conversão como uma das prioridades dentro de apostilas de cursinho; no entanto, é digno de nota que este foi o único material analisado que apresentou as vozes verbais como parte do conteúdo sintático.

3.5 Exercícios sobre as vozes

Entramos agora na questão concernente à maneira pela qual este conteúdo é cobrado e trabalhado por meio dos exercícios propostos. Alguns materiais não apresentaram exercícios sobre as “vozes verbais”; dos que apresentaram, selecionamos três exemplos:

Figura 15. Exercício sobre vozes verbais por Paschoalin e Spadoto (2008, p. 117)

5. Em que voz se encontram as formas verbais destacadas? Justifique.

a) No verão, muitas casas **são destruídas** pelas fortes chuvas.
Voz passiva: o sujeito é paciente, sofre a ação.

b) Também, no verão, o fogo **destrói** grande parte de nossas reservas florestais. Voz ativa: o sujeito é agente, pratica a ação.

c) A biblioteca da escola não **era utilizada** pelos alunos havia um bom tempo. Voz passiva: o sujeito é paciente, sofre a ação.

d) A criança **machucou-se** com a tesoura.
Voz reflexiva: o sujeito é agente e paciente, pratica e sofre a ação.

Nesse exercício, é pedida a análise das orações para que os alunos descubram se o sujeito da ação é agente e/ou paciente, para, assim, classificarem a voz verbal. A integração entre análise morfológica, sintática e semântica, apresentada pela gramática na explicação, se mantém no exercício acima, como vimos na figura 12, que exemplifica a voz reflexiva. Também é mantida apenas a identificação das vozes, sem trabalhar a conscientização crítica sobre o uso dos recursos gramaticais.

Figura 16. Exercício sobre vozes verbais por Abaurre, Abaurre e Pontara (2012, p. 288)

Leia a tira a seguir para responder às questões 4 e 5.

NIQUEL NÁUSEA
Fernando Gonsales

GONSALES, Fernando. Niquel Náusea. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/niquel/>>. Acesso em: 2 out. 2010.

4. Na tira, há uma oração na voz passiva. Transcreva-a.

- O agente da ação expressa por essa construção na voz passiva pode ser identificado. Qual é ele?
- Explique o efeito de sentido criado pelo uso dessa construção.

5. Na fala do leão, “Essa criança está estragada!”, o termo *estragada* admite duas interpretações, considerado o contexto da tira. Quais são elas?

- Como se explica cada um desses sentidos no contexto da tira?
- Que elementos sugerem que Jaiminho apresenta um comportamento inadequado, ou seja, é uma criança “estragada”?
- Como a possibilidade de dupla interpretação da fala do leão contribuiu para a construção do efeito de humor da tira?

Notemos que esse exercício traz uma tirinha como objeto a ser interpretado por meio dos exercícios 4 e 5. Ao observá-los, é perceptível que apenas um trata das vozes: o 4. Neste, a questão *a* solicita a identificação do agente da passiva, enquanto a *b* pede que o aluno explique o efeito de sentido proposto pela construção. Novamente, é preciso lembrar que o conteúdo se insere na parte de morfologia desta gramática-livro didático e, portanto, a questão *a* encontra-se deslocada. Com relação à questão *b*, é a única que propõe uma reflexão, ainda que muito leve e sem problematizações anteriores, sobre o fenômeno estudado e suas implicações de sentido.

Figura 17. Exercício sobre vozes verbais por Caderno de Exercícios KAPA - Anglo (2016, p. 55, 56)

Série 18

Termos associados ao verbo: vozes verbais e agente da voz passiva

1) Analise os termos destacados de acordo com o código que segue:

AA – Adjunto adverbial
AP – Agente da voz passiva

- () **Pela boca** morre o peixe.
- () O atleta rio-grandense era conhecido **pela sua agressividade**.
- () O diplomata canadense foi recebido no Palácio do Planalto **pelo presidente da República**.
- () O prêmio mais cobiçado foi ganho **por um autor de São Paulo**.

2) Leia abaixo manchete publicada na *Folha de S.Paulo*:
US\$ 600 milhões foram desviados em esquema de corrupção.
De qual recurso sintático o órgão de imprensa se valeu para NÃO identificar os responsáveis pela corrupção?

- Voz passiva com apagamento do sujeito.
- Voz ativa com sujeito inexistente.
- Voz ativa com sujeito indeterminado.
- Voz passiva com apagamento do agente.
- Voz ativa com sujeito oculto.

3) (Fuvest-SP) Se passarmos para a voz ativa a frase “O francês da Williams foi derrotado pela chuva”, mantendo tempo e modo verbais, o verbo da frase resultante deverá assumir a forma:

- havia derrotado
- derrotara
- derrotou
- derrotaria
- derrotava

4) Suponha o texto a seguir, a ser distribuído à imprensa por um prefeito, anunciando medidas impopulares, mas necessárias para saldar dívidas exorbitantes deixadas pela administração anterior.

Comunicado ao povo

O prefeito anterior nos deixou uma dívida incalculável. Para a solução dessa herança traiçoeira eu **adotarei** medidas implacáveis: **aumentarei** os impostos, **demitirei** 30% dos funcionários, criarei taxas de estacionamento em locais públicos e **cobrarei** juros altos pelo atraso de pagamento.

Considerando que bom texto é aquele que atinge o resultado programado, um assessor de imprensa sugeriria ao prefeito transportar os verbos destacados para a voz passiva e apagar o agente. Faça essa alteração.

Os exercícios das apostilas de cursinho têm seu foco voltado para os exames vestibulares de ingresso à universidade; portanto, é onde parece mais coerente que sejam cobradas outras habilidades, como na primeira pergunta, que aborda a questão sintática do Agente da Passiva. Entretanto, como são comumente utilizados como material didático em escolas particulares, nossas considerações anteriores continuam aplicáveis a esse tipo de material.

O segundo exercício pede a análise de qual voz está sendo empregada no exemplo citado, que trata de corrupção. A questão coloca em pauta que há recursos na língua orientados para que não identifiquemos os responsáveis pela ação. Isso é de extrema importância em termos semântico-pragmáticos e está associado aos efeitos de sentido do uso de diversos recursos da língua; ao destacar a “impessoalização”, permitida pela voz passiva, este é um dos exercícios mais elaborados e também um dos que apresentariam maior desafio ao estudante, uma vez que essas habilidades pouco foram trabalhadas até então, como pudemos observar anteriormente. O terceiro exercício, por sua vez, é de simples “transformação” de uma voz para outra.

A quarta questão, que poderia ser a mais interessante e é dissertativa, imitando algo a ser aplicado na segunda fase do exame vestibular, propõe novamente um texto sobre política, mas solicita apenas que os alunos alterem os verbos para que “atinjam o resultado programado”, pedindo uma simples transposição, como a do exercício 3, de uma voz para outra. Talvez fosse mais proveitoso um exercício que propusesse uma reflexão sobre as implicações de sentido que essas mudanças provocariam, ligando-as ao contexto no qual se inserem; ao impessoalizar as formas verbais, o falante tira de si o foco das ações, cuja responsabilidade acabaria mistificada, podendo distanciar-se de tais decisões e ações. Em termos de medidas governamentais impopulares, trata-se de estratégia relevante para poupar a imagem do político; se fossem medidas populares, a voz ativa provavelmente seria preferível. Trata-se de reflexão importante a ser realizada. Contudo, sendo um exercício de mera transposição, apesar de o texto proposto ser excelente, ele é utilizado apenas como pretexto, o que acaba limitando o estudante a manipular a mensagem sem observar suas implicações no contexto.

Considerações finais

O objetivo deste artigo foi apresentar uma avaliação crítica diagnóstica de materiais didáticos voltados ao ensino de Língua Portuguesa nos Ensinos Fundamental II e Médio no que diz respeito ao fenômeno das vozes verbais, considerando o funcionamento real da língua portuguesa, conforme se estuda no Ensino Superior, na área de Linguística, e o que é efetivamente ensinado na escola, por meio de noções oriundas da gramática tradicional.

Como pôde ser verificado, os materiais coletados diferem consideravelmente dos pressupostos teóricos cognitivo-funcionais que embasam a pesquisa, embora haja pontos de convergência. Destacamos, nesse sentido, o fato de considerações semântico-pragmáticas serem praticamente omitidas dos livros,

gramáticas e apostilas sobre o assunto, o que impacta severamente no papel que o domínio de recursos gramaticais deveria proporcionar ao aluno em termos de interpretação e produção conscientes de sentido. Em consequência disso, torna-se necessária uma readequação desses conteúdos quanto à sua localização, às definições fornecidas para os fenômenos e aos exercícios de reflexão sobre os temas.

O uso do texto como pretexto, a subjugação do conteúdo à mera identificação ou transposição, assim como as incongruências apresentadas quanto à explicação e às habilidades a serem trabalhadas, são problemáticos, pois tornam o conteúdo confuso e obscurecem os propósitos práticos de seu domínio.

O ensino das vozes verbais merece uma reformulação para que possa cumprir seu papel de refinamento das habilidades de compreensão e interpretação textual.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Maria Jussara Abraçado. Transitividade, ergatividade e a ordem verbo-sujeito no processo de aquisição do português. **Veredas – revista de estudos linguísticos**, v.3, nº. 2, jul/dez, 2003, p.21-30.

ARÚS, Julia; LAVID, Jorge; ZAMORANO-MANSILLA, Juan. **Systemic Functional Grammar of Spanish: A Contrastive Study With English**. London/ New York: Continuum, 2010.

CAMACHO, Roberto Gomes. Em defesa da categoria de voz média no português. **D.E.L.T.A. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v.19, nº1, São Paulo, 2003, p. 91-122.

CUNHA, Maria A. F. da; OLIVEIRA, Mariângela R.; MARTELOTTA, Mário E. **Linguística Funcional: Teoria e Prática**. São Paulo. Parábola Editorial, 2015.

HALLIDAY, Michael. **An introduction to functional grammar**. Revised by Christian Matthiessen. London: Edward Arnold, 2004.

LANGACKER, Ronald W. **Cognitive Grammar: A basic introduction**. New York: Oxford, 2008

LEMMENS, Maarten. Diachronic perspectives on lexical and constructional interdependency in English. **6th I.C.L.C. International Cognitive Linguistics Conference**. Amsterdam. Stockholm, 1999, p. 01-28. Disponível em: <http://perso.univ-lille3.fr/~mlemmens/docspdf/diachronic.PDF>

LEMMENS, Maarten. Lexical constraints on constructional flexibility: English 'Middable' Verbs. **5th I.C.L.C. International Cognitive Linguistics Conference**. Amsterdam, 1998, s. p. Disponível em: <http://perso.univ-lille3.fr/~mlemmens/docspdf/middable.PDF>

LEMMENS, Maarten. More on objectless transitives and ergativization patterns in English patterns in English. **Constructions**, Special, v. 1, 2012, p. 284-291.

LEMMENS, Maarten. The Transitive-Ergative Interplay and the conception of the world: A case study. **Lexical and Syntactical Constructions and the Construction of Meaning: Proceedings of the bi-annual ICLA meeting in Albuquerque**. Albuquerque: July, 1995, s.p. Disponível em: <http://perso.univ-lille3.fr/~mlemmens/docspdf/abort.PDF>

TAYLOR, John; YOSHIMURA, Kimihiro. The middle construction as a prototype category. **6th Annual Meeting of the Japanese Cognitive Linguistics Association**. Tokyo, 2006, p. 362-370. Disponível em: https://www.academia.edu/7001481/Taylor_and_Yoshimura_2006_The_middle_construction_as_a_prototype_category

Fontes

ABAURRE, Maria Luiza M.; ABAURRE, Maria Bernadete M; PONTARA, Marcela – **Gramática: Texto: análise e construção de sentido**. Parte II. Vol. Único. 2ª Ed. São Paulo: Moderna, 2012.

Apostila Poliedro. Sem referências bibliográficas.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: linguagens**: volume 2. 6ª ed. reform. São Paulo: Atual, 2008.

Coleção Objetivo. Sem referências bibliográficas.

Uma apostila com Teoria + Exercícios (Edição mais antiga do que o material atual. Sem datação).

Uma apostila com fichas-resumo (sem datação).

Caderno 1. EH : Apostila para ser usada em sala de aula, 2016.

Caderno 1. Tarefa : Com os exercícios para serem feitos em casa, 2016.

Caderno 1. Teoria : Livro “extra” com uma explicação mais aprofundada dos exercícios, 2016.

PASCHOALIN, Maria Aparecida; SPADOTO, Neusa Terezinha. **Gramática: teoria e exercícios**. Ed. renovada – São Paulo: FTD, 2008.

SARMENTO, Leila Luar. **Gramática em Textos**. 2ª ed. rev. São Paulo: Moderna, 2005.

Vários Autores. **Anglo**. Ensino Médio: livro-texto 1. São Paulo: Anglo, 2005.

Vários Autores. **Anglo**. Ensino Médio: livro-texto 2. São Paulo: Anglo, 2005.

Vários Autores. **Pré-vestibular Kapa**: caderno de exercícios: língua portuguesa. 1a ed. São Paulo: SOMOS Sistema de Ensino, 2016.

Figura 4 – br.pinterest.com. Acesso em: 15 jan. 2016.

Figura 5 – www.mensagens10.com.br. Acesso em: 15 jan. 2016.

Proximização e discurso de ódio: homofobia em *Casos de Família*

Winola WEISS¹

Resumo: O presente artigo é fruto de uma pesquisa de Iniciação Científica sobre representações e autorrepresentações no programa de televisão aberta *Casos de Família*. Essas investigações se pautaram pelo recorte temático *Família e Sexualidade* para analisar as dinâmicas interacionais concernentes às (auto)representações de relações familiares e de sexualidade. Buscamos, neste artigo, discutir como as instâncias de proximização (CAP, 2013; HART, 2014) presentes na metáfora *HOMOSSEXUALIDADE É DOENÇA CONTAGIOSA*, constroem a representação negativa de homens homossexuais no discurso homofóbico veiculado por participantes do episódio “Ninguém merece uma família tão preconceituosa”. Para tanto, valemo-nos da *Análise Crítica do Discurso* (ACD) e da *Linguística Cognitiva* (LC) – mais especificamente, da *Teoria da Proximização*.

Palavras-chave: homofobia; metáfora; proximização; análise crítica de discurso; linguística cognitiva.

Introdução

A partir da abordagem corporeada no estudo da cognição, tornou-se impossível ignorar o impacto que a experiência do indivíduo com o ambiente tem sobre o fenômeno da linguagem. Encontramos ressonâncias desta perspectiva nos estudos críticos de discurso, que tomam a linguagem não apenas como uma forma de refração da realidade, mas também como um caminho de ação sobre o mundo. Unindo as perspectivas da Linguística Cognitiva e da Análise Crítica do Discurso, surgem diversos conceitos e modelos de análise linguística que buscam aliar os aspectos social e cognitivo em suas análises. Um exemplo disso é a Teoria da Proximização (CAP, 2013; HART, 2014), que analisa os mecanismos linguísticos e discursivos de representação espacial (“literal” ou metafórica) de entidades e de eventos e suas consequências semântico-pragmáticas para os discursos que as veiculam.

Quando nos propusemos a analisar um programa como o *Casos de Família*, que goza de ampla popularidade no cenário nacional da televisão brasileira devido ao tratamento de temas da vida privada de forma espetacularizada, sabíamos que o olhar crítico seria essencial para compreender a dinâmica representacional existente entre os diversos discursos presentes no programa em relação ao discurso hegemônico. Nas análises de “Ninguém merece uma família tão preconceituosa”, transmitido pela emissora SBT (Sistema Brasileiro de Televisão) em 01/02/2014, pretendemos desvelar o caráter intervencionista do discurso homofóbico. O episódio apresenta três grupos que discutem suas experiências relativas a sexualidade e homofobia. Todos seguem o modelo do programa, incluindo, pelo menos, um protagonista, ao redor do qual o caso gira, seu apoiador e um antagonista.

¹ Graduanda em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, tendo desenvolvido pesquisa de Iniciação Científica sob orientação do Prof. Dr. Paulo Roberto Gonçalves-Segundo. Bolsa RUSP. E-mail: winola.cunha@usp.br

1. Considerações teórico-metodológicas

1.1. A Linguística Cognitiva

A imagem do *iceberg* cognitivo de Fauconnier (1999, p.26), de acordo com a qual a expressão linguística corresponderia apenas ao que, no *iceberg*, é visível sobre a água, é bastante elucidativa sobre a visão da Linguística Cognitiva acerca do fenômeno da linguagem. Ainda segundo Fauconnier, a parte “invisível” do *iceberg* corresponderia aos mecanismos cognitivos disponíveis, responsáveis por “realizar múltiplas conexões, coordenar grandes quantidades de informação e participar de projeções, transferências e elaborações criativas”. Assim, a chamada *backstage cognition* é “refletida” pela linguagem de algumas maneiras e, por sua vez, embasa as dinâmicas do uso linguístico, da mudança linguística e da organização linguística.

Um dos temas clássicos da Linguística Cognitiva – e ótimo exemplo da relação entre a *backstage cognition* e os fenômenos linguísticos – é a noção de metáfora proposta por Lakoff e Johnson (1980). Essa teoria, revolucionária dentro dos estudos de linguagem, deve sua popularidade à reconceptualização radical do conceito de metáfora. Anteriormente visto apenas como figura de estilo, a partir de *Metaphors we live by*, o fenômeno metafórico passou a ser considerado um processo cognitivo básico. A proposta consiste num sistema de projeção de elementos e características relativos a um domínio-fonte para um domínio-alvo, que passa a ser conceptualizado em termos do primeiro. Essa concepção vai ainda mais longe com o conceito de metáfora conceptual, segundo o qual haveria certo tipo de metáforas, como TEMPO É ESPAÇO, que, estando de tal maneira arraigadas cognitivamente (situação que, por vezes, é refletida na língua por meio de expressões convencionais), que seria virtualmente impossível conceber o domínio-alvo sem utilizar-se de termos do domínio-fonte.

A partir da Teoria da Metáfora Contemporânea, pesquisadores da área desenvolveram outras categorias de metáfora, como a metáfora situada (VEREZA, 2010; 2013) e a metáfora distribuída (GONÇALVES-SEGUNDO & ZELIC, 2016). O primeiro tipo se configura como um sistema de projeção que se mantém apenas dentro da lógica de um determinado texto, servindo a propósitos retóricos locais. A metáfora distribuída, por sua vez, baseia-se na associação de domínios compartilhados por grupos, assumindo, portanto, função ideológica, de forma a dar coesão às representações de dadas comunidades epistêmicas, legitimando estados de mundo e mobilizando determinadas atitudes.

1.2. A Análise Crítica de Discurso

A Análise Crítica do Discurso é uma abordagem dos estudos discursivos que busca analisar os problemas sociais a partir do diálogo entre a Ciência Social Crítica e a Linguística – sobretudo a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF). Essa relação é um exemplo do dialogismo interno à teoria, que, devido a sua

herança crítica, busca abordar a interação entre o discurso e as outras práticas da vida social (OTTONI, 2014). A noção de discurso é essencialmente interacional e dialética, visto que se constitui sempre em relação a uma representação do mundo, isto é, uma ideologia. Ideologias seriam, nessa proposta, representações de aspectos do mundo que ajudam a manter, construir ou modificar relações sociais de exploração, dominação e poder. A Análise Crítica se constitui, portanto, como uma disciplina de caráter emancipatório, que busca desvelar as ideologias presentes em discursos “mistificantes”. Conforme apontam Acosta e Resende (2014, p. 148-149),

O discurso é entendido como palco de lutas pelo poder, pois no momento discursivo das práticas os embates sociais se materializam. É por meio dos atos de linguagem, ou seja, dos textos, que emergem os discursos como formas particulares de representação da sociedade. Assim, os discursos se localizam no espaço das oposições, seguindo uma cadeia dialógica que põe em jogo atitudes responsivas entre atores sociais.

De acordo com a Teoria Social do Discurso, proposta de Fairclough (2003) para a ACD, textos (basicamente, qualquer instância de uso linguístico oral ou escrito, e, ainda, de linguagem visual e sonora) são elementos de eventos sociais que, como tais, têm efeitos causais. Tomando o uso da linguagem como forma de prática social, o discurso passa a ser visto como forma de ação historicamente situada sobre o mundo e sobre outros indivíduos. Em outras palavras, textos podem causar mudanças sociais no mundo material por meio do processo de construção de sentido, devido ao seu potencial para alterar ou confirmar identidades e estruturas de conhecimento, de crenças e de valores. Esse impacto não se limita ao plano mental, podendo reverberar nas práticas sociais dos indivíduos. Da mesma maneira, o indivíduo é também um agente social, na medida em que, embora não seja totalmente livre, também não é sobredeterminado socialmente. Assim, pode causar mudanças no meio social por meio de suas interações com o mundo.

Apesar da estreita relação entre a ACD e a LSF, devido ao importante papel que esta teve na construção da Teoria Social do Discurso (FAIRCLOUGH, 2003), atualmente, tem surgido esforços para aproximar a Análise Crítica e a Linguística Cognitiva (CHILTON, 2004; FALCONE, 2011; HART, 2014; GONÇALVES-SEGUNDO, 2014; GONÇALVES-SEGUNDO & ZELIC, 2016). Essa conciliação é motivada sobretudo pelo potencial explicativo que a LC oferece acerca do impacto de certos recursos linguísticos na consolidação de raciocínios de base ideológica na cognição humana, propondo categorias que permitem hipotetizar como a conceptualização humana ocorre. Desta relação, é possível o surgimento de teorias que se propõem a analisar as duas facetas do fenômeno da linguagem. É este o caso da Proximização (CAP, 2013; HART, 2014), que parte deste casamento para criar uma categoria de análise que é essencialmente cognitiva e crítica.

1.3. A Proximização

Em Cap (2013), o autor pondera diversos trabalhos, como Hart (2010) e Chilton (2004), considerando-os relevantes para a elaboração de uma Teoria da Proximização. Neste artigo, procuramos seguir os

apontamentos de Cap, recrutando algumas noções discutidas também por Hart (2014). Para Cap (2013), a proximização é uma estratégia retórico-pragmática na qual o falante, procurando legitimar uma “ação contrária” imediata, apresenta um ator, situação ou evento (“fora do centro dêitico”, ou FCD²), construído como uma ameaça ao *Self* e às entidades “dentro do centro dêitico” (“dentro do centro dêitico”, DCD), enquanto entra, através das dimensões espaciais, temporais e axiológicas, no *ground* do conceptualizador, gerando, portanto, consequências pessoais. É concebida primariamente como uma característica do discurso intervencionista.

A proposta de Hart (2014) parte da ideia de que preconceitos sociopolíticos e discursos de exclusão teriam surgido de “mecanismos mentais primitivos que evoluíram como adaptações desenhadas para proteger populações humanas de ameaças postas por ‘grupos de coalizão alternativos’” (CAP, 2013, p. 32, tradução nossa). Apesar de essas ameaças não mais existirem, o mecanismo é ativado sempre que uma ameaça (nos termos do conceptualizador) é percebida. Essa teoria propõe uma ligação entre estratégias predicativas e *topoi* sociais, que constroem raciocínios de senso comum baseados em premissas primárias – muitas vezes metafóricas – que permitem a inferência de conclusões supostamente óbvias, legitimando práticas de exclusão sócio-políticas. É o objetivo do presente artigo analisar uma ligação desta natureza: como o discurso homofóbico constrói o raciocínio da “cura gay” baseando-se em domínios-fonte de forte senso comum, como é o caso de GUERRA e de CURA.

Enquanto a proposta de Hart (2014) conta com três eixos (sócio-espacial, temporal e avaliativo — que se subdivide entre epistêmico e axiológico), de acordo com Cap (2013), o centro dêitico é construído a partir de três dimensões: a espacial, a temporal e a axiológica. Apesar de ser uma teoria corporeada, os eixos do espaço discursivo não correspondem aos eixos corporais. O aspecto corporeado está na proposta de que o corpo proveria uma estrutura conceptual abstrata na qual os valores semânticos importantes para a construção do significado no nível do discurso podem ser conceptualizados metaforicamente em termos de distância. A noção de *ground* nessa descrição extradêitica da conceptualização pode, então, corresponder a um nível maior de abstração do espaço peripessoal³ na cognição situada. Linguisticamente, a noção de corporeamento está presente na teoria devido às metáforas que apontam conceptualizações espaciais de relações sociais, temporais e epistêmicas, como em “amigos próximos”, “futuro próximo\passado distante”, “estar perto\longe da verdade”. A conceptualização espacializada e dêitica de avaliação axiológica é mais complexa, mas pode ser encontrada em expressões como “fora da lei”.

A projeção de elementos dentro do espaço discursivo é sujeito ao *construal* e, portanto, não reflete a realidade diretamente. Antes, é este mapeamento que constrói a realidade do falante. Presume-se que o espaço discursivo “povoado” constitui uma visão de mundo que é compartilhada pelos ouvintes ou que eles

² No original, “outside-the-deictic-center”, ODC, e “inside-the-deictic-center”, IDC, respectivamente (CAP, 2013, p.30).

³ O espaço peripessoal na cognição situada corresponderia à representação cognitiva *online* do espaço físico que circunda o indivíduo.

serão convidados a aceitar na medida em que atualizam suas bases de conhecimento enciclopédico por meio da retroprojeção aos *frames* que estruturam o espaço discursivo. Para Hart (2014), estratégias referenciais (reprodução de representações discursivas dicotômicas de um endogrupo x um exogrupo, ou de entidades deitivamente centrais x entidades deitivamente periféricas) e predicativas (reprodução de associações cognitivas entre o exogrupo e "pistas"/sugestões negativas ou de conotação ameaçadora) bem-sucedidas atingem esses objetivos não apenas porque são capazes de criar novas representações, mas também porque reforçam representações já existentes. É essa capacidade de reformulação que permite a coerção por meio do discurso.

Cap, dissertando sobre a proposta de Hart, aponta que

Metáforas são capacitadas para realizar estratégias predicativas, como elementos do domínio alvo são predicados como possuindo qualidades, quantidades e relações particulares do domínio-fonte. Além disso, metáforas podem ser coercitivas na medida que causam efeitos cognitivos, emotivos e perlocucionários. Crucialmente, as metáforas estão intimamente ligadas ao afeto. Charteris-Black (2004, p.11) argumenta que a efetividade da metáfora na realização de objetivos persuasivos tem a ver com seu potencial para “nos tocar”, “ativando associações emocionais inconscientes”, “ativando programas de evitação de ameaças” (cf. de Landtsheer & de Vrij, 2004), efeitos que, a longo prazo, criam uma realidade social em que uma metáfora é vista como guia para a ação, uma prática/política social que segue as conclusões reforçadas pelo topos no qual a predicação metafórica opera (CAP, 2013, p. 34, *tradução nossa*).

Mostra-se, portanto, importante identificarmos as metáforas presentes em discursos intervencionistas, de modo a destrinchar o raciocínio desses grupos e a expor suas sequências “quase lógicas”, as quais, voltadas para o âmbito do *pathos*, são capazes de gerar mobilizações agressivas de maneira mais efetiva.

2. Análises

Como foi exposto anteriormente, as características negativas dos domínios-fonte (mesmo aquelas que não estão explicitadas no texto e que podem apenas ser inferidas, conscientemente ou não) passam a ser aplicadas também ao domínio-alvo como fruto de estratégias predicativas. É importante ressaltar, sobretudo para a exemplificação que virá a seguir, que as metáforas patológicas por vezes se conjugam com as metáforas bélicas na criação de um complexo metafórico⁴. Por isso, utilizam-se termos bélicos para tratar de doenças e, do mesmo modo, são usados em larga escala em instâncias do discurso referido (KÖVECSÉS, 2010). Assim, como efeito do sistema de projeção [GUERRA ↔ MEDICINA] → HOMOSSEXUALIDADE, os aspectos negativos em geral aliados a exércitos inimigos ou a entidades patológicas passam a ser retomados também quando se trata de homossexualidade.

⁴ Sontag (1978, p.74) exemplifica um caso de superposição de metáforas bélicas e patológicas com o discurso higienista nos Estados Unidos nos anos 1950: “‘Blight’ (um sinônimo virtual para “slum”) é visto como um câncer que se espalha insidiosamente, e o uso do termo “invasão” para descrever a mudança de [pessoas] pobres e não-brancas para vizinhanças de classe média é uma metáfora emprestada tanto do [domínio do] câncer quanto do [domínio] militar: os dois discursos se sobrepõem.”

Para representarmos essa correlação, valemo-nos da noção de *script* (SCHANK & ABELSON, 1975), para elencarmos as fases que mais tarde serão retomadas para esquematizarmos o *script* de “cura gay”. Para as discussões concernentes ao conceito de “cura gay”, valemo-nos dos estudos de Natividade (2006) acerca da noção de *cura* da homossexualidade veiculada por diversos líderes evangélicos no Brasil e no mundo. A seguir, elencamos os *scripts* de guerra e de cura:

Quadro 1 – Scripts de guerra e de cura⁵

<i>Script</i> de guerra		<i>Script</i> de cura	
(Medidas de prevenção)		(Medidas de prevenção)	
Surgimento de uma ameaça		Contágio	
Percepção do “grupo de coalizão alternativo” que representa ameaça ao endogrupo		Percepção da patologia (sintomas)	
Combate		Medicação	
Assimilação do endo/exogrupo	Aniquilação do endo/exogrupo	Cura da patologia	Morte
(Retorno à normalidade)		(Retorno à normalidade)	

Considerando a religião como uma instituição capaz de gerenciar as diversas práticas sociais de seus seguidores por meio da construção de sentidos, Natividade (2006, p.118) deriva desse discurso diversas conceptualizações da homossexualidade: “1) [...] um *comportamento aprendido*; 2) [...] um *problema espiritual*; 3) [...] uma *antinatureza*”. Quando encarada como forma de doença, a homossexualidade é fruto de experiências familiares negativas e como um conjunto de “hábitos profundamente arraigados” (SANTOLIN, 2001, p.28 *apud* NATIVIDADE, 2006, p.119). Crucialmente, é vista como um estado causado por influências externas, e não como uma característica inata do indivíduo: fala-se em estar homossexualizado.

A respeito do contato entre pessoas saudáveis e pacientes de câncer, Sontag discorre “Qualquer doença que é tratada como um mistério e que é temida de modo suficiente intenso será vista considerada como moralmente, se não literalmente, contagiosa. [...] O contato com alguém afligido por uma doença vista como uma malevolência misteriosa inevitavelmente parece uma transgressão; ou pior, como a violação de um tabu.” (1978, p.6, tradução nossa). Podemos aproximar essas considerações sobre o comportamento evasivo — e até mesmo excludente — em relação aos pacientes de câncer às nossas análises acerca das representações e dos comportamentos dos parentes de homossexuais no que diz respeito à construção de barreiras simbólicas (discurso homofóbico) e reais (exclusão do núcleo familiar). Apesar da extensa literatura religiosa acerca da homossexualidade como um fenômeno médico, esse discurso não deixa de considerar suas raízes espirituais, o que resguarda suas causas misteriosas e mantém sua condição de tabu. A

⁵ As fases entre parênteses são facultativas; a subdivisão das células indica alternativas.

aproximação entre fiéis e homossexuais não deve, portanto, ser encorajada — a menos que se realize dentro do espaço da congregação, com o objetivo claro do “cuidado pastoral” (NATIVIDADE, 2006, p. 116).

Abaixo, elencamos excertos⁶ do episódio que, contextualizados, permitem a melhor compreensão das análises.

- (1) C: ô Iris ô Iris uma pergunta você tem preconceito com qualquer pessoa que seja perai ou você só não aceita que o seu filho seja?
I: eu tenho preconceito com tudo com tudo porque qualquer um pode **chegar e influenciar** meu filho porque pra mim **isso é influência**
- (2) C: assim você nunca::: ou você percebia mas você não queria:: ver... assim... você não você não notava
I: **não não é que eu não queria ver é que eu nunca me enganei** porque eu Acho que o que ele tá fazendo **agora** são as más-influências que vai lá em casa
- (3) I: **ai começou a ter umas amizades umas amizades erRAda lá sabe lá perto de casa... aí... pegou e::: se... e se bande/ SAbE? se ban/**
M: **errada é voCÊ querida**
C: **ôô sabe por que às vezes a família esconde também não é isso?**
I: **eu nunca escondi nada... pra mim o certo é o certo... eu acho isso erra-DÍssimo**
C: não... não não não a família que eu digo... não a família que eu digo... não às vezes a família esconde da MÃE pra não chatear será que a família então ninguém ninguém você acha que ninguém ia te esconder... pra não te chatear... alguma coisa... não?
I: **não não não não porque a minha família... não não não... também teve um BAque um CHOque** quando ele chegou eu comecei quase tive... **quase três MEses de depressão** não lógico não acho que não... e outra **se ele fosse mesmo acho que seria a priMEIra... entendeu... a perceber... você sabe mãe coração de mãe não se engana... não é verdade?... entendeu**
C: **entendi...**
I: **não eu também acho eu acho eu acho que toda mãe de falar assim eu nunca percebi por isso que eu te perguntei ou é a ge/ ou é você que não queria ver né... porque/porque mãe porque mãe eu acho que nota você tá falando que**
I: **não não eu no/ eu notei sim ele é homem e se ho/ e se hoje ele tá falando que é gay PRA MIM é pura safadeza**
- (4) C: então quando você descobriu que ele era que ele era homossexual então ele chegou e te contou mãe eu sou gay... como é que foi como é que foi a história? ele chegou...
I: ah eu tava numa noite lá em casa aí ele chegou da baladinha dele meio aí olhou pra mim mãe quero te falar uma coisa...eu falei o quê meu filho? aí ele... é... eu sou gay... AH mas **aquilo pra mim foi uma facada...**
C: quando ele te contou...
I: NOssa sabe **aquele desGOSTo aquele coração aperTAdo?... foi isso que eu senti...**

⁶ Na transcrição, “C” corresponde à apresentadora, Christina Rocha; “I”, a Iris, mãe de Henrique; M, ao namorado de Henrique, Marcos; e H, a Henrique. “F” é Felipe, participante de outro grupo.

- (5) C: aí você vai perder o contato com o seu filho
 I: **aí ele que vai decidir ele que vai decidir**
 [
 H: só por causa de uma opção sexual?
 C: sim mas aí você não vai conviver com seu filho porque ele é homossexual? aí bom aí você aí você não vai conviver com o seu filho porque ele é homossexual
 I: não **mas ele na minha na minha frente não na minha frente eu não aceito de jeito nenhum na minha CASA não aceito se vier de mãozinha dada NÃO A-CEI-TO eu meto o pau mesmo... meto meto o cacete pra cima**
- (6) I: você cala a sua boca eu tô falando é com ela entendeu... não senhor **mas tá dentro da minha CASA dentro da minha CASA** da não senhor senão marido eu não quero uma marido por enquanto eu não quero um marido entendeu sabe que que é se ele tá na minha casa e outra **eu tenho que lutar pelos interesses do meu filho** não é de você não tá você é um despacho de macumba
- (7) I: não tenho que aguentar isso não ninguém ninguém qual é a mãe que merece isso aqui? que/QUAL é a mãe? me diz pra mim qual é a mãe que merece ver isso aqui? que quer ter um filho desse jeito e: eu não eu não vou aceitar NUNca Henrique que **você faça isso comigo...** tá bom
 [
 H: eu acho que você independente das escolhas você tem que levar porque eu sou seu filho
 I: **você não tem que achar NAda... tá... você não tem que achar nada...** tá
 [
 I: **você não tem que achar nada...** tá
- (8) F: qual que é o exemplo pra sobrinha que ele vai dar? que exemplo que ele vai dar? ah titio namora com outro titio e aí é normal?

Iris, mãe de Henrique, representa a sexualidade de seu filho como fruto de um processo de contaminação (“eu tenho preconceito com tudo com tudo porque qualquer um pode chegar e influenciar meu filho porque pra mim isso é influência”). Certa de que seu filho é “HOMem”, Iris culpa as amigas do filho pela “palhaçada”, “safadeza”, afirmando que ele fora “influenciado” por “outros” (“eu nunca me enganei porque eu acho que o que ele tá fazendo agora são as más-influências que vai lá em casa”). Neste caso, temos entidades “fora do centro dêitico” (FDC) que adentram o *ground* do conceptualizador e “aliciam” um dos membros do endogrupo, o qual passa a pertencer também ao exogrupo. Devido à importância reservada à unidade moral do endogrupo, a conceptualizadora enxerga esse processo como um ataque real (“um BAque um CHOque”, “aquilo pra mim foi uma facada...”), que requer um contra-ataque (“eu tenho que lutar pelos interesses do meu filho”, “não mas ele na minha na minha frente não na minha frente eu não aceito de jeito nenhum na minha casa não aceito se vier de mãozinha dada não aceito eu meto o pau mesmo... meto “.

Nesses últimos excertos, há a referência ao seu espaço peripessoal (“na minha frente”, “na minha casa”), o que delimita o *ground* do endogrupo. Ela representa o momento em que ele “saiu do armário” como causador de uma dor física (“AH mas aquilo pra mim foi uma facada...”), personificando a orientação sexual do filho como uma entidade agressora, novamente construindo a ameaça por meio da caracterização da entidade FDC. Ademais, recrutando esse momento na sua narrativa, Iris contrai a distância entre o

momento da fala e passado, realizando um deslocamento do passado para o presente (CAP, 2013, p.85). A dor da revelação se expande no tempo e compõe a sua conceptualização sobre a sexualidade do filho como um fenômeno negativo que deve ser combatido. Esse tipo de representação se repete no uso de sintagmas nominais que encarnam valores negativos (“safadeza”, “palhaçada”), configurando-se na estratégia de “*construal* de ameaça por meio da caracterização de entidades do FDC”, um tipo de proximização espacial⁷ (CAP, 2013, p.77).

É importante ressaltar que essa conceptualização só é possível devido a sua representação de homossexualidade como “fase”. Utilizando marcadores temporais como “hoje” e “agora”, aliados à conjunção condicional “se”, constrói-se uma quebra temporal, que ata a sexualidade a um período restrito no eixo temporal — o presente imediato —, configurando uma “fase”, após a qual ele deverá retornar à “normalidade”, isto é, a heterossexualidade.

Para apoiar seu posicionamento como figura de autoridade — e, conseqüentemente, o discurso que veicula — Iris recruta algumas noções e conceptualizações sobre sua condição como mãe e de seu relacionamento com Henrique. Uma dessas concepções é a noção de instinto materno, segundo a qual as mulheres mães dispõem de uma percepção ultrasensível sobre a natureza de seus filhos. Assim, toda mãe saberia dizer qual a real orientação sexual de seu filho, mesmo que sua performance não seja correspondente. Portanto, se ela mesma não “notara os sinais”, seu filho seria, na verdade, heterossexual. Utilizando a estratégia de generalização, ela ignora a variedade de vivências de homens homossexuais — bem como invisibiliza os homens bissexuais —, sujeitos à pressão para que performem gênero e sexualidade de acordo com o padrão heteronormativo, e postula que “ele que é gay ele não fica com mulher ele já nasce gay”. Como Henrique já beijara meninas, ele não seria gay “de verdade”.

Ela também reduz a agentividade de Henrique no discurso, o que lhe permitiria tomar para si os “reais interesses” do filho (“outra eu tenho que lutar pelos interesses do meu filho”), rejeitando a sua conceptualização independente (“você não tem que achar nada”) e colocando-se como barreira física contra o exogrupo por meio de agressão física (“meto o pau mesmo... meto meto o cacete pra cima”).

Quando questionada por Christina Rocha se perderia o contato com o filho devido à sexualidade dele, ela o recobre de agência (“ele que vai decidir”) — dado que seria preciso cooperação do “doente” para o sucesso do tratamento. A posição de Iris é ambivalente: ora ela rejeita completamente as conceptualizações de Henrique, deslegitimando-as, ora ratifica sua resolução e capacidade de decidir por si mesmo. Essa estratégia, entretanto, não é arbitrária: quando ela diz “ele que vai decidir”, elabora um tempo privilegiado (CAP, 2013, p.90) em que essa decisão está atrelada aos seus próprios padrões de sexualidade, uma vez que acredita que Henrique está apenas passando por uma “fase”.

⁷ No original, “threat construal through the ODC characterization”.

A partir das discussões sobre as representações presentes no programa, podemos montar um quadro que corresponderia ao script de “cura gay”:

Quadro 2 – Script da “cura gay”⁸

Aproximação de “más influências”		Iris: “eu nunca me enganei porque eu acho que o que ele tá fazendo agora são as más-influências que vai lá em casa”
Fase	“Contágio”	Iris: “aí... pegou e::: se... e se bande/ sabe? se ban/” Felipe: “qual que é o exemplo pra sobrinha que ele vai dar? que exemplo que ele vai dar? ah titio namora com outro titio e aí é normal?”
	Recepção por parte dos outros membros do endogrupo	Iris: “mãe quero te falar uma coisa...eu falei o quê meu filho? aí ele... é... eu sou gay... AH mas aquilo pra mim foi uma facada... sabe aquele desGOSTo aquele coração apertado?... foi isso que eu senti...”
	“Tratamento”	Iris: “não mas ele na minha na minha frente não na minha frente eu não aceito de jeito nenhum na minha casa não aceito se vier de mãozinha dada não aceito eu meto o pau mesmo... meto meto o cacete pra cima” Henrique: “eu comecei a ir pra igreja passei três meses indo pra igreja abandonei amizades parei de ir pra balada cortei tudo mesmo falei já que é pra mudar vamo mudar do início”
Retorno à normalidade		Iris: “não aceito de jeito nenhum eu tenho certeza que isso aqui vai acabar... tenho... vai acabar vai.. é só uma fase... já falei que é uma fase eu já falei que é uma fase”

Na etapa da aproximação de “más-influências”, entidades de fora do centro dêitico aproximam-se do *ground* espacial de um dos membros do núcleo familiar, o que acarretará a mudança/deslocamento de seu *ground* axiológico⁹ (“contágio”). O protagonista agora pertence tanto ao núcleo familiar quanto ao novo grupo, e poderá causar o mesmo processo no *ground* de outros. Para restaurar a harmonia dentro do núcleo (“retorno à normalidade”), os outros membros acreditam que terá de ocorrer mais um processo no *ground* axiológico do membro “contaminado” engatilhado pelo estágio de tratamento, que consiste na criação de barreiras simbólicas que pretendem separar o membro do exogrupo. Se bem-sucedido, ao fim desse segundo processo os valores de todos os participantes do endogrupo estarão em acordo. De outro modo, ocorre a

⁸ No entanto, embora não conste no quadro 2, que apresenta apenas o *script* prototípico da “cura gay” (a cura se opera efetivamente), existe uma alternativa ao “retorno à normalidade”: a exclusão do membro contaminado da convivência com o núcleo familiar.

⁹ No original (HART, 2014), “shifting ground”.

exclusão do membro em questão do endogrupo, como forma de preservar a integridade dos outros elementos.

Considerações finais

Com este trabalho, buscamos discutir representações de “pessoas comuns” acerca das suas noções de homossexualidade, homofobia e aceitação em situação de espetacularização. Concluímos, a partir de nossas análises, que existem certos padrões discursivos que guiam essas representações. Os familiares que apresentam discursos de exclusão revelam esquemas argumentativos semelhantes aos da “cura gay” proposta por radicais religiosos, embora nem sempre usem termos pejorativos. Esse tipo de discurso homofóbico estaria pautado pela metáfora HOMOSSEXUALIDADE É DOENÇA CONTAGIOSA, que pode causar efeitos perlocucionários intervencionistas, motivando agressões físicas e psicológicas, como o afastamento e a exclusão do núcleo familiar. Assim, comprovamos a influência e presença desses discursos no imaginário e na realidade de diversos grupos sociais.

De acordo com a referida metáfora, o evento negativo (homossexualidade) poderia ser evitado com medidas de prevenção: imposição de estereótipos de gênero e de sexualidade, castigos (físicos e psicológicos) para os que não se encaixam no padrão cis/heteronormativo e marginalização dos elementos “doentes”. Ao entrar em contato com elementos do exogrupo, o indivíduo pode ser “contaminado” (influenciado). Ele passa a apresentar “sintomas” (transgressões dos padrões cis/heteronormativos, como fazer atividades/comportar-se/usar roupas e brinquedos que não correspondem aos do gênero atribuído a eles, frequentar locais de convivência do exogrupo, demonstrar interesse por indivíduos do mesmo gênero). Conceptualizando a homossexualidade dessa maneira, legitima-se uma intervenção como forma de proteção da integridade do endogrupo: se os “sintomas” não são combatidos com castigos, isolamento, tentativas de convencimento, ameaças, introspecção religiosa (estratégias da “cura gay”), acredita-se que o membro “doente” possa “contaminar” outros do endogrupo, sobretudo os mais jovens.

Os indivíduos homossexuais são representados como frágeis, de parco sistema de imunidade/valores, e que, por isso, tomam parte nessas práticas. Seus parentes, por sua vez, constroem uma autoimagem de paladinos da moral e dos bons costumes, imunes à “doença” devido ao seu forte senso moral, que tem como dever combater essa “patologia” e “defender a família”. Essa noção de “saúde” se refere à integridade da noção de família hierarquizada fortemente baseada em valores pré-estabelecidos, conforme discutido acima. Uma vez que os dirigentes do núcleo familiar decidem que o doente não apresenta mais possibilidade de cura, a única opção é expurgá-lo: ele será excluído do endogrupo para não colocar em risco a “saúde” dos outros participantes e do núcleo familiar como um todo. Repete-se a ideia de que a homossexualidade não é natural ou “não existe”. Não tendo o mesmo estatuto que a heterossexualidade, é representada como uma opção ou uma prática, e não como uma característica inata do indivíduo. Ademais, Essa metáfora é baseada

em/gera certos “lugares-comuns” do discurso homofóbico, como a noção de que homossexualidade é “só uma fase”, fruto de “más influências”, ou mesmo que é realmente uma doença.

Ao longo das análises, atestamos que o discurso homofóbico se encaixa nos modelos de Hart (2014) e de Cap (2013) devido ao uso da metáfora patológica, dado que sua premissa primária, o combate à doença, é de senso comum, lida com nosso fundo emocional e pode legitimar não apenas um discurso de intervenção, mas a própria intervenção na forma de violência física e psicológica.

Seguindo as discussões em Cap (2013), identificamos nos excertos discutidos instâncias de proximização espacial (por meio da caracterização e do impacto das entidades FDC), temporal (deslocamento do passado para o presente) e, de acordo com o modelo de Hart (2014), temos também proximização axiológica (deslocamento do *ground* axiológico). Dentro do quadro teórico, atestamos a aplicabilidade da teoria de Proximização, confirmando a sugestão de Cap (2013, p.2) sobre o caráter intervencionista do discurso homofóbico, bem como reforçamos a importância da análise das metáforas para a compreensão das estratégias predicativas desses discursos como forma de gerar associações cognitivas (in)conscientes que podem aumentar a efetividade dos efeitos perlocucionários dessas representações.

Referências bibliográficas

ACOSTA, María del Pilar Tobar & RESENDE, Viviane de Melo. “Não deu no rádio, no jornal ou na televisão” – Análise discursiva crítica em textos do jornal *O Trecheiro* In: OTTONI, Maria Aparecida Resende; LIMA, Maria Cecília de (Orgs.). **Discursos, identidades e letramentos**: abordagens da Análise de Discurso Crítica. São Paulo: Cortez Editora, 2014, p. 142-172.

CAP, Piotr. **Proximization**. The pragmatics of symbolic distance crossing. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing/John Benjamins North America, 2013.

CHILTON, Paul. **Analyzing Political Discourse**: Theory and Practice. London: Routledge, 2004.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analyzing Discourse**: Textual Analysis for Social Research. London: Routledge, 2003.

FALCONE, Karina. A legitimação e o processo de categorização social. **Veredas**, v. 15, n. 1, p. 16-31, 2011.

FAUCONNIER, Gilles. Methods and Generalizations. In: JANSSEN, Theo; REDEKER, Gisela (Orgs.). **Cognitive Linguistics**: Foundations, scope and methodology. Berlim/Nova York: Mouton de Gruyter, 1999. pp.94-127.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto; ZELIC, Helena Capriglione. Relacionar-se é investir: ideologia, cognição e metáfora no discurso sobre relacionamento em revistas femininas para o público adolescente. In: MEDEIROS, Breno Wilson L.; NASCIMENTO, Lucas (Orgs.). **Análise do Discurso e Análise Crítica do Discurso**: heranças, métodos objetos. 1ed. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2016, v. 1, p. 64-91.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Convergências entre a Análise Crítica do Discurso e a Linguística Cognitiva: Integração Conceptual, Metáfora e Dinâmica de Forças. **Veredas**, v. 18, n. 2, p. 32-50, 2014. Disponível em <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2015/04/3-SEGUNDO1.pdf>. Acesso em 05/02/2017. Acesso em 06/02/2017.

HART, Christopher. **Critical Discourse Analysis and Cognitive Science**: New Perspectives on Immigration Discourse. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2010.

HART, Christopher. **Discourse, Grammar and Ideology**: Functional and Cognitive Perspectives. London: Bloomsbury, 2014.

KÖVECSES, Zoltan. **Metaphor**. A Practical Introduction. 2ª ed. New York: Oxford University Press, 2010.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

NATIVIDADE, Marcelo. Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. **Revista brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 21, n. 61, p.115-132, jun.2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092006000200006&lng=en&nrm=iso. Acesso em 06/02/2017.

OTTONI, Maria Aparecida Resende. As representações identitárias de gênero no humor sexista. In: OTTONI, Maria Aparecida Resende; LIMA, Maria Cecília de (Orgs.). **Discursos, identidades e letramentos: abordagens da Análise de Discurso Crítica**. São Paulo: Cortez, 2014, p.25-62.

SCHANK, Roger C.; ABELSON, Robert P. Scripts, plans, and knowledge. In: JOHNSON-LAIRD, Philip; WASON, Peter Cathcart (Eds.). **Thinking: Readings in Cognitive Science**. 1975, p. 151-157. Tbilisi, USSR. Fourth International Joint Conference on Artificial Intelligence, 1975.

SONTAG, Susan. **Illness as Metaphor**. New York: Farrar, Straus & Giroux, 1978.

VEREZA, Solange. O lócus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 41, p. 199-212, 2010. Disponível em: <http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/41/artigo10.pdf>. Acesso em 06/02/2017.

VEREZA, Solange. “Metáfora é que nem...”: Cognição e discurso na metáfora situada. **Signo**, v.38, n. 65, p. 02-21, 2013.